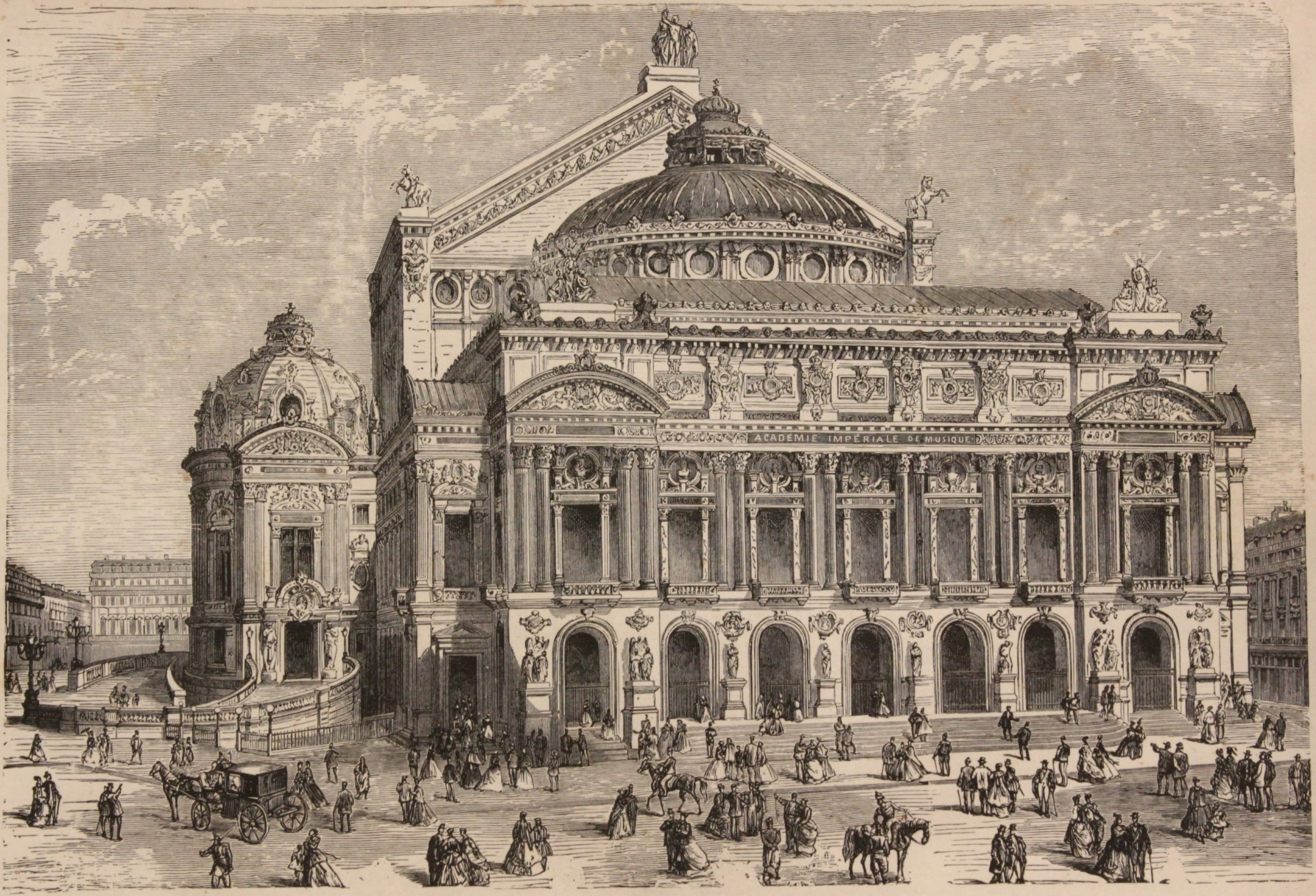
ARTES E LETRAS

TERCEIRA SERIE



EDITORES ROLLAND & SEMIOND LISBOA



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARIS

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



NUMERO 1—LISBOA—3.ª SERIE

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARÍS



RANDIOSA se levanta a futura sala da Opera, que ficará sendo a duodecima, a partir da fundação do theatro, em 1671.

Antes de amiudarmos pormenores, julgâmos ser de interesse apresentar algumas noticias referentes ás diversas salas em que, no lapso de dois seculos, se têem dado as representações da academia de musica. Quanto á origem da opera fallaremos de relance, por isso que o nosso fim principal é dar a historia das salas, ainda que em esboço.

Tinha o cardeal Mazarino feito já executar na côrte varias operas incumbidas a artistas vindos de Italia, quando em 1659 Pedro Perrin, mestre-sala de Gastão, duque de Orleans, mandou cantar em Issy, na casa do M.r de la Haye, a pastoral de Cambert, intitulada *Pomona*.

N'esta composição não havia coros, nem bailados, nem artificios; era unicamente a primeira obra dramatica onde a musica se alliava ao idioma francez.

Do exito nasceram idéas de fundar um theatro consagrado a trabalhos d'este genero. Perrin associou-se então com o marquez de Sourdeac, homem de apurado gosto em artes mechanicas, e que tanto no seu castello de Neubourg, como em Paris, no palacio da rua Garancière, punha em scena diversas obras,—sendo de seu invento o mechanismo theatral.

A morte do cardeal Mazarino trouxe estorvo ao projecto, sendo só a 28 de junho de 1669 que Perrin obteve carta regia, pela qual lhe era concedido *fazer representar e cantar em publico as operas com versos francezes.*

Paris, a esse tempo, contava tres theatros: O do *Hotel de Bourgogne,* na rua Mauconseil, destinado ás representações da companhia real, o dos *Comédiens du Marais,* no cimo da antiga rua do Templo, e no Palais Royal a companhia de Molière *(troupe de Monsieur),* que funccionava n'essa sala mandada construir pelo cardeal Richelieu, com o fim de se representar a *Mirame*.

A *Salle des machines,* edificada nas Tulherias em 1660, era do uso privado da côrte.

Os theatros eram estes.

Os comediantes italianos e hespanhoes mostravam-se quer no Palais Royal, quer no *Hotel de Bourgogne.*

Urgia altear outra fabrica para o novo espectaculo. Perrin tinha a sua pastoral musiqueada por Cambert, desde 1659, o privilegio datava-lhe de 1669, o marquez de Sourdeac enriquecera-lhe o poema com transformações, visualidades, phantasmagorias, etc., etc.; não obstante, ainda alguma cousa faltava: o dinheiro. Entrou um novo associado na empreza. Chamava-se Lourenço de Bersac, senhor de Champeron, homem de haveres; passando-se a arrendar em 8 de outubro de 1670, por 2:400 libras, o recinto em que devia erguer-se o primeiro salão de espectaculo.

Este recinto, que servia para o jogo da pella, era propriedade de Maximiliano de Laffemas, e estava situado na rua dos Fossos de Nesle, depois chamada rua Mazarina, em frente da rua Guénégaud. A construcção foi dirigida por Guichard, intendente das obras do duque de Orleans, superintendendo em tudo o marquez de Sourdeac. A inauguração foi a 19 de março de 1671.

Na *Pomona,*—que foi a primeira obra representada,—havia mudanças de scena, transformações, garrafas que fugiam quando se lhes ia a pegar, trasgos que baixavam das nuvens, e alguns dos quaes raptavam os personagens. O successo foi rumoroso, e *Pomona* figurou por oito mezes consecutivos. Os lucros da empreza tornaram-se avultados; mas, apesar d'isso ou por causa d'isso, a sizania começou a lavrar entre os emprezarios.

Lully, que desde muito compunha a musica dos bailados palacianos, não podia vêr com bons olhos os accrescentamentos de Cambert, e a boa fortuna dos associados. Tomando mão nas dissensões para negociar com Perrin, fez com que o primeiro privilegio se annullasse, terminando as representações em virtude de uma ordem do rei, de 30 de março de 1672. Esta opera, a primeira, durára pouco mais de um anno na sala da rua Mazarina.

O favor concedido a Lully destruira o de Perrin, sem comtudo implicar com o do Sourdeac e Champeron, que permaneciam locatarios. Para evitar discussões, Lully mandou edificar um novo theatro no sitio de Bel-Air, rua de Vaugirard, proximo ao Luxembourg, do qual foi architecto Vigarani. A 15 de novembro de 1672 fazia elle a sua estreia com as *Festas do Amor e de Baccho*.

A musica era uma rapsodia das composições de Lully. Os versos tinham saido da collaboração de Molière, Quinault e Benserade. É a partir de fevereiro de 1673, que começam pelo *Cadmo e Hermione* os fecundos trabalhos de Lully e Quinault.

Parece que o theatro do Bel-Air, erecto de afogadilho, dava seus rebates de quéda. Pela morte de Molière, Lully pediu ao rei a sala do Palais Royal, — sendo-lhe concedida.

Devia ella a sua existencia a Lemercier, que a construíra em 1657, no angulo direito do palacio do cardeal, na rua Santo-Honorato. Em 1763 um violento incendio consumiu o theatro e grande parte do edificio.

A sala das Tulherias, devida ao architecto Levau, durante a minoridade de Luiz XIV, serviu para a representação da *Psyche* em 1671, e ao diante para n'ella se executarem bailados. Em 1738 Servandoni deu ao publico as suas pantomimas vistosas. A sala ficou-se chamando *Sala das machinas*. Pelo incendio da Opera foi ahi estabelecido um theatro provisorio, sendo os trabalhos encaminhados por Soufflot, espaçando-se as suas representações até inicios de 1770. Depois da Opera estabeleceu-se o Odeon. Foi nas Tulherias que se coroou o busto de Voltaire na decima representação da *Irene,* em 1778.

Os comediantes italianos succederam-se aos francezes; e a estes, em 1792, os membros da convenção nacional. Os derradeiros vestigios do monumento apagaram-se com o incendio de maio de 1871.

A segunda sala do Palais-Royal, destinada especialmente para a Opera, e incumbida a Moreau, custou perto de 2.400:000 francos. Os desenhos, tanto do seu complexo como das ornamentações e machinismo, encontram-se gravados na *Encyclopedia.* Ahi se deram as composições de Gluck, de Piccini, de Sacchini, até que onze annos depois da abertura, a 8 de junho de 1781, as chammas o devastaram, como ao seu predecessor.

N'esse tempo, a unica sala que podia offerecer guarida á Opera era a dos *Menus plaisirs du roi,* rua Bergère, no local onde depois se estabeleceu o salão dos concertos do conservatorio. Ahi foi cantado *Le devin du village,* de J. J. Rousseau.

Em 27 de outubro de 1781 inaugurou-se no *boulevard* Saint-Martin um theatro provisorio construido por Lenoir em oitenta e seis dias. Abonava-lhe elle a duração em trinta annos, e a noventa chegou, — podendo ainda ser mais longa, se acaso a não tivesse açoutado, como a tantos monumentos de París, o facho assolador da communa.

Em 1793 a cidadã Brunet Montansier mandou edificar na rua da Lei (depois rua Richelieu) um amplo theatro denominado *Theatro nacional.* Como este estivesse na frente da bibliotheca, a cidadã foi enclausurada, com o pretexto de que similhante construcção em tal sitio envolvia o *designio despatriotico de queimar o repositorio dos conhecimentos humanos.*

N'uma d'essas salas morreu o duque de Berry, a 13 de fevereiro de 1820, assassinado por Louvel. Os ultimos sacramentos foram-lhe ministrados pelo arcebispo de París, sob condição que o edificio fosse demolido, o que se pôz em obra e foi levado a remate.

A opera accommodou-se então na sala Favart, onde permaneceu desde 19 de abril de 1820 até 11 de maio de 1821; passando em seguida para a Louvois, e depois para a da rua Lepeletier.

Um decreto de 9 de agosto de 1820 abrira concurso para o projecto de um theatro de opera, prescrevendo a construcção immediata de uma sala provisoria no palacio Choiseul. Escolheu-se o jardim, olhando o edificio para a rua Lepeletier, o que deu margem á causticidade dos periodicos da época. Ahi, pela primeira vez, se empregou o gaz na illuminação.

O decreto de 9 de agosto de 1820 permanecia, comtudo, em esquecimento profundo. A 29 de setembro de 1860 declarou-se que um novo theatro de opera era de reconhecida utilidade publica. Em 29 de dezembro seguinte marcavam-se, n'estes termos, as condições do concurso:

O ministro d'estado

Visto o decreto de 29 de setembro de 1860, que declara de utilidade publica a edificação de um novo theatro destinado a opera, com todos os seus accessorios, no local situado entre o *boulevard* das Capuchas, a rua da Chaussée-d'Antin, a rua nova dos Mathurinos e a passagem Sandrié;

Considerando que o plano do novo theatro excita, com justo motivo, a attenção publica, e que é dever do governo convidar todos os architectos e rodear-se de todas as intelligencias;

Resolve:

Artigo 1.º Está aberto concurso publico para a organisação de um plano de theatro destinado a opera, o qual tem de ser edificado em París.

O concurso effectuar-se-ha, não pelos projectos definitivos, mas simplesmente pelas indicações ou esboços que dêem a conhecer o pensamento de seus auctores, segundo a economia geral do edificio e o seu aspecto monumental.

O concurso terminará a 31 de janeiro de 1861.

Os documentos a apresentar consistirão n'um plano geral, n'um alçado geometrico da fachada principal, n'um córte longitudinal da sala, e no orçamento descriptivo e estimativo. Os artistas poderão addicionar a estes documentos os que julgarem tendentes ao esclarecimento de seus trabalhos.

As escalas dos desenhos deverão ser as seguintes:

Plano geral, 4 millimetros.

Plano das fachadas e dos córtes, 8 millimetros.

Haverá em cada projecto uma epigraphe correspondente a outra que deverá estar sob sêllo. A esta ultima juntar-se-ha o nome e o domicilio do concorrente, sendo o involucro aberto depois da votação do jury.

Art. 2.º O jury, presidido pelo ministro d'estado e composto de membros da academia das bellas artes (secção de architectura) e de membros do conselho geral de obras publicas, examinará os projectos, e classifical-os-ha conforme o merito.

O auctor do projecto que fôr considerado não só como o melhor do concurso senão como respondendo dignamente á expectativa do governo, sob o ponto de vista architectonico, será encarregado de organisar o projecto definitivo e de dirigir os trabalhos.

O auctor do projecto classificado em segundo logar terá jus a um premio de 6:000 francos. O auctor do projecto n.º 3 receberá 4:000 francos.

Se nenhum dos projectos fôr digno de execução, não haverá primeiro premio a conferir e o governo conservará plena liberdade de acção quanto ao projecto definitivo. Os dois melhores projectos terão, comtudo, direito aos premios estabelecidos.

Os planos-esboços serão entregues ao ministro d'estado, na repartição de obras publicas.

París, 29 de dezembro de 1869. = (Assignado) *A. Walesıwsky.*

O primeiro exame do jury deu em resultado a admissão de 43 projectos, entre os 171 que se apresentaram,

sendo em novas deliberações reduzido a 16 e por ultimo a 7. Os numeros dos projectos, suas divisas e os nomes dos candidatos vão em seguida:

N.º 6—*Denique sit quod vis simplex duntaxat et unum* (Ginain).
N.º 17—*L'art elève l'âme* (Garnaud).
N.º 29—*Forum ædibus, non autem ædes foro* (Duc).
N.º 31—*L'architécture est l'histoire vivant des nations* (Henard).
N.º 34—*Nourri dans le sérail, j'en connais les détours* (Botrel e Crépinet).
N.º 38—*Bramo assai, poco spero* (Garnier).
N.º 40—*Rudis, indigestaque moles* (Tetaz).

O voto definitivo não concedeu premio grande, mas adjudicou a Mr. Ginain o de 6:000 francos, a Botrel e Crépinet o de 4:000 francos, a Garnaud o de 2:000 francos, e por ultimo a Duc e Garnier, individualmente, o de 1:500 francos.

O jury deliberou que houvesse novo concurso entre os cinco candidatos preferidos, cuja recompensa seria a execução do edificio.

O projecto de Garnier foi proclamado por unanimidade.

O programma redigido por Felix Martin, secretario geral da Opera, constituiu um *in-folio* de 60 paginas.

A analyse d'este documento é a mais cabal apreciação, tanto da importancia da fabrica que se ía erigir, como da multiplicidade de exigencias a que o architecto havia de attender, e á grande somma de tantas outras e tão variadas dependencias.

A primeira parte do programma dizia respeito ás construcções destinadas ao publico.

(Continua.)

O VEADO PERSEGUIDO

Como prosegue veloz na carreira o pobre veado rudemente perseguido por um dos cães da matilha, que lhe ficou atraz, pisando as ondulações das pastagens, por onde ambos vão cortando!

Que vida não respira em seus menores accidentes o quadro de Ansdell, de cuja tela se nos affigura que vão desapparecer os dois, tão rapidos correm!

Ao passo que o veado, voltando a cabeça para o lado de onde lhe salta o perigo, forceja menos por incutir mêdo, meneando a floresta de sua armadura, do que por espreitar a curta distancia que mal o separa do lebréo, este—com as orelhas hirtas, os dentes anavalhados e o pello erguido—redobra de ardor na perseguição implacavel.

Esforços de ligeireza, compita de energias, vigor de musculaturas, elasticidade de articulações, tudo concentrou admiravelmente o insigne pintor inglez n'este singelo episodio de caça, ou antes n'esta porfia teimosa de dois animaes, ajudada sómente das forças physicas, e dirigida pelo mero instincto.

Debaixo do pincel do artista, o que é apenas um lance trivial, assume o interesse palpitante de um drama, a cujos protogonistas, o veado e o cão, Ansdell soube transmittir a mobilidade extrema dos seres vivos.

E para que tudo quadre, esta scena venatoria, em que logo se adivinha a Inglaterra, é allumiada por um céo melancolico, baço, onde pairam duas gaivotas, percursoras do mau tempo, companheiro habitual dos prazeres e exercicios animados do *sport*.

Quantas vezes, na minha segunda visita a Londres, percorrendo de novo as salas de Burlington-house—o amplo edificio da academia real de que Ansdell é socio—, me convenci da influencia poderosa da vida rural, com suas lidas e diversões sobre os artistas inglezes contemporaneos!

Impera na pintura o mesmo culto apaixonado da natureza, o mesmo amor da vida rustica, que de ha muito seduzem e namoram os romancistas e poetas inglezes.

Ou nas descripções ideaes de Milton, ou nas obras de Dryden, quer em Shaskspeare, quer em Thompson, para não citar outros, a musa britannica extasia-se sempre perante os encantos e as scenas da natureza agreste e da existencia campesina.

Se recuarmos para além do poeta sublime do «Paraiso Perdido» hão de deparar-se-nos em Spencer, o Ariosto inglez, imagens e quadros deleitosos do idyllio permanente da natureza.

Obedecendo a tendencia igual, os pintores mais afamados folgam de reproduzir na tela os innumeros accidentes da paizagem que os cerca, fonte perenne das suas inspirações.

Nas dez galerias, por onde divagámos, a cada passo viamos os nomes distinctos da escola ingleza contemporanea, Cooper, Landseer, Horsley, Redgrave, Lewis, Webster firmando quadros cujos singelos titulos eram, *Uma aurora nas montanhas, Uma tarde serena, Um luar de inverno no parque, O fim do anno, etc.*

Desde a arvore que sussurra com o vento até a gota de orvalho a scintillar nas petalas de uma flôr; desde os pincaros escalvados da serra, ora toucados de nevoas, ora mirando-se na agua espelhante dos lagos sobre que se debruçam, até ás hervinhas verdes dos prados prateadas pela neve matutina que o sol ainda não derreteu; arreboes festivos, crepusculos saudosos, furacões, tempestades, tudo abrange na sua escala infinita de gradações e de tonsa palheta dos pintores inglezes. E por que? Porque a natureza inteira com suas galas e seus crepes, ou pompeando as côres vivas do idyllio ou velando-se das tristezas da elegia, é, e ha de ser sempre, o enlevo predilecto, a paixão dominante da Inglaterra, e por isso, dos seus litteratos, dos seus poetas e pintores.

Enfeites vivos dos campos e das tapadas de caça, os animaes são tambem attentamente estudados nas suas multiplas expressões, quer sejam destinados ás rudes tarefas da lavoura, quer os appliquem aos exercicios das corridas ou ás diversões venatorias.

A cada momento nos prendem a attenção, nos museus, quadros excellentes, cujos assumptos são, ora um rebanho de carneiros Dishleys ou South Downs, ora uma manada de vaccas de Alderney ou de Durham.

Os cães mais celebrados nas caçadas; os cavallos mais corredores e laureados no hippodromo de Epsom; a matilha inteira dos mais abastados solarengos; as raposas rudemente victimadas nas caçadas famosas de Melton-Mowbray; os gamos e veados; os gallos domesticos e de combate; muitos outros animaes, em que se desvelam as attenções e até a protecção philantropica dos inglezes, figuram em todas as galerias de pintura. Á imitação da escola dos lagos, pleiade de pintores que reproduzem as paizagens mais sylvestres, a dos animalistas compraz-se em estudar a plastica dos animaes, buscando surprehendel-os em toda a verdade das suas fórmas e habitos, quer no remanso das estabulações, quer na li-



O VEADO



GUIDO

berdade caprichosa e vagabunda que disfructam no meio das campinas e na espessura dos parques.

Voltando ao artista e ao seu quadro, é justo accrescentar, que Ansdell, se não póde medir-se com o inspirado Landseer, é todavia um animalista de subido merito. É sempre acertada a disposição geral dos seus quadros; os grupos fundem-se harmoniosamente; a sua pintura tem extraordinaria correcção e uma adoravel frescura de colorido, que nunca é arbitrario nem convencional; os typos de animaes, que pinta, resaltam da tela, tão intensa e verdadeira é a vida que os anima.

Emquanto ao assumpto do quadro, se não fosse, como dissemos, um episodio frequente das caçadas inglezas, assaltava-nos a velleidade de filiar a inspiração creadora do artista na reminiscencia d'aquelle sabido capitulo do «Vigario de Wakefield», em que o veado, perseguido pelos cães, vem caír na herdade de Primrose, a dois passos da mesa improvisada e alegre do vigario,—um mólho de fêno coberto com uma toalha de linho onde loureja o *roast-beef* succulento, especie da vacca e riso do sobrio frei Bartholomeu dos Martyres.

No quadro de Ansdell ha todavia duas circumstancias que affastam a menor analogia com a scena tão adoravelmente pintada por Goldsmith. Não só o veado não parece disposto a caír, mas não se avista, como no famoso romance, nem sequer a sombra do fidalgo do solar proximo, imponente e magestoso sobre o seu cavallo, que relincha, fumegante, com a victoria do seu cavalleiro.

V. DE BENALCANFÓR.

La Rabbiata

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

O sol ainda não tinha nascido. Sobre o Vesuvio estendia-se uma espessa camada de nevoa pardacenta que descia até Napoles, occultando as povoações de toda a linha da costa. O mar estava sereno. N'uma praia situada na pequena enseada que dominavam as altas penedias de Sorrento, já os pescadores e as mulheres lidavam, puxando para terra com cabos grossos, os barcos e as redes com que de noite se havia pescado no mar alto. Outros preparavam os barcos, erguiam as vélas e tiravam silenciosamente os remos e as vergas das grutas naturaes cavadas na rocha e fechadas por grades, onde de noite guardavam os apparelhos. Ninguem descansava: os velhos que já não saíam ao mar juntavam-se aos que em grandes filas puxavam as redes;—aqui e ali, nos terraços, as mulheres fiavam, ou tratavam das creanças emquanto os filhos mais velhos ajudavam os maridos.

—Olha, Rachel, vês? É o nosso padre cura, dizia uma velha a uma creança de dez annos, que fiava ao pé d'ella n'uma roca pequena;—vae no barco com o Antonino para Capri. Ih! Maria Santissima! o reverendo parece que ainda não acordou de todo.—E apontava-lhe para um homem baixo, de physionomia bondosa, que se havia sentado no barco depois de ter erguido cuidadosamente a sua batina preta e de a haver arranjado sobre o banco.

Os pescadores na praia tinham suspendido os seus trabalhos para verem partir o padre que os saudava amigavelmente.

—Porque vae elle a Capri, ó avó? perguntou a creança. A gente do além não tem padres, para vir pedir-nos os nossos?

—Cala-te lá tonta, disse a velha. Têem muitos padres, e muito bonitas igrejas; e até um ermitão como nós não temos. Mas vive lá uma senhora nobre que d'antes morava em Sorrento, tão doente, tão doente, que por mais de uma vez o padre teve de lhe levar o Santissimo Sacramento, por se julgar que não viveria nem mais uma noite. Mas a Santissima Virgem soccorreu-a e agora está fresca e de saude, e toma um banho de mar todos os dias. Quando ella foi d'aqui para Capri deu muitissimos ducados á igreja e aos pobres, e não quiz partir sem que o padre lhe promettesse ir vel-a para ella se lhe confessar. É muito amiga d'elle, e tambem é uma benção um padre assim! Recebe esmolas e presentes que nem um arcebispo, e a gente rica dá-se muito com elle. A Madonna o acompanhe!—e a velha voltou-se para o barco que ía largar.

—Teremos bom tempo, meu filho? perguntou o padre olhando na direcção de Napoles.

—Ainda não nasceu o sol, respondeu o rapaz; deixe-o vir e verá o que elle faz a essas nuvemsitas.

—Vamos então depressa para chegarmos antes da calma.

Antonino pegava já n'um remo comprido para impellir o barco para o largo, quando de repente, olhando para o alto do carreiro abrupto que conduz de Sorrento á praia, parou.

Via-se ahi uma rapariga esbelta, que descia a correr os degraus pedregosos do caminho e que acenava com um lenço. Trazia uma pequena trouxa debaixo do braço, e vestia com pobreza. Tinha porém um modo singular, bem que um pouco selvagem, de atirar com a cabeça para traz, e n'ella, as tranças negras que trazia enroladas, formavam-lhe como que um diadema.

—Porque esperâmos? perguntou o padre.

—Caminhá para o barco alguem que talvez queira acompanhar-nos a Capri, com sua licença, sr. cura. Não iremos mais devagar por causa da carga—é um passageiro que não tem mais de dezoito annos.

N'este momento a rapariga saíu de traz do muro que fechava o atalho.

—Laurella! disse o padre. Que tem ella que fazer em Capri?

Antonino encolheu os hombros. A rapariga vinha depressa e olhando em frente.

—Bons dias, La Rabiatta, gritaram alguns rapazes de entre os marinheiros. E teriam de certo accrescentado mais alguma cousa, se a presença do cura os não detivesse; porque a expressão altiva e muda com que a rapariga acolheu estas palavras, pareceu irrital-os.

—Bons dias, Laurella—disse então o padre, como estás? Queres vir comnosco a Capri?

—Se me dá licença, sr. cura.

—Pergunta-o a Antonino, que é o patrão do barco. Elle é senhor da sua casa, como Deus o é de todos nós.

—Aqui está meio carlin, disse Laurella sem olhar para o marinheiro, se posso ir por este preço.

—Tu precisas mais d'isso do que eu, resmungou o rapaz, arrumando uns cestos de laranja para lhe dar logar. Costumava elle ir vendel-os a Capri, por essa ilha cheia de rochedos não dar laranjas bastantes para os seus numerosos visitantes.

—Não quero ir de graça—respondeu a rapariga, a quem os olhos negros scintillavam.

—Vem, vem, minha filha, disse o padre. É um bom rapaz, que não quer enriquecer-se com a tua pobreza. Vamos, sobe—e estendia-lhe a mão,—senta-te ao pé de mim. Vês tu? como elle pôz aqui a jaqueta para que estejas mais bem sentada? Não teve estes cuidados comigo, não. A gente moça é assim! Para ella uma rapariga ha de sempre valer mais que dez padres. Não tens de que te desculpar por isso: foi Deus que ordenou que cada um procurasse os seus iguaes.

Laurella havia embarcado durante este tempo, e sentára-se depois de, sem dizer palavra, ter arredado a jaqueta. O marinheiro deixou a ficar no chão, murmurou o que quer que fosse entre dentes, depois inclinou-se com força contra a margem e o barco fluctuou no golpho.

—Que levas n'essa trouxa? perguntou o padre emquanto se mettiam pelo mar afogueado pelos primeiros raios do sol.

—Seda, fio e um pão, sr. cura. Vou vender a seda a uma mulher de Capri que faz fitas, e o fio a outra.

—Foste tu que o fiaste?

—Fui eu, sr. cura.

—Mas, se bem me lembro, tu tambem aprendeste a fazer fitas.

—Tambem, mas minha mãe tem peiorado, eu não posso saír, e não podemos comprar uma machina.

—Tem peiorado... Coitada! Quando pela paschoa a fui vêr, estava ella ainda sentada na sua cadeira.

—O peior tempo para ella é sempre a primavera. Depois d'aquellas tempestades e do tremor de terra, as dôres obrigam-n'a a estar sempre deitada.

—Não deixes de resar, minha filha, para que a Santa Virgem interceda por ella. Sê sempre boa e trabalhadora, para que as tuas orações sejam escutadas.

Depois de uma pausa, o padre continuou:

—Quando tu chegaste á praia gritaram-te—bons dias, la Rabbiata. Porque é que te chamam assim? Não é um bom nome de christã; todos devem ser affaveis e humildes.

A pelle morena da rapariga cobriu-se de vermelho e os olhos scintillaram-lhe.

—Escarnecem-me por eu não querer nem dansar, nem cantar, nem conversar com elles como as outras. Não sei por que me não hão de deixar; eu não lhes faço nada.

—Mas, podias ser mais meiga para com todos. Cantar e dansar é com effeito bom para quem leva vida mais folgada que tu. Mas dar uma boa palavra, convém ao que não é feliz.

Entretanto a rapariga olhava para os pés, e serrava as sobrancelhas como se quizesse cobrir os seus grandes olhos negros. Estiveram um momento calados. O sol brilhava então por cima das montanhas; o cume do Vesuvio saíu d'entre o nevoeiro que ainda lhe occultava a base, e as casas da campina de Sorrento destacavam-se brancas do fundo verde dos laranjaes.

—Nunca mais soubeste d'aquelle pintor napolitano que queria casar comtigo, Laurella? perguntou o padre.

A rapariga abanou a cabeça.

—Elle queria tirar-te o retrato. Porque não quizeste tu?

—Para que? Ha tantas mais bonitas do que eu! E... depois... quem sabe o que elle queria fazer do meu retrato? Talvez deitar-me alguma sorte, fazer mal á minha alma, ou talvez mesmo matar-me, como diz minha mãe.

—Não creias n'isso, disse o padre com ar severo. Não estás tu sempre nas mãos de Deus? Sem a sua vontade nem um cabello só póde caír da tua cabeça. Como é que um homem com um retrato ha de poder mais que Deus? Bem viste que te queria bem. Não te pediu elle em casamento?

A rapariga calou-se.

—Porque o rejeitaste? Era um bellissimo rapaz. Tervos-hia amparado, a ti e a tua mãe, melhor do que tu o pódes fazer a fiar e a dobar seda.

—Somos pobres, respondeu ella com vivacidade. Minha mãe está doente ha tanto tempo! eramos uma pensão para elle. Eu não sou propria para um *signore*. Havia de envergonhar-se de mim se os seus amigos o visitassem.

—Ora ahi está como tu fallas! E eu digo-te que é um bellissimo rapaz, que até queria estabelecer-se em Sorrento. Não achas tão cedo outro assim. Aquelle caía do céo de proposito para vos amparar.

—Não quero casar-me nunca! disse Laurella, com um ar resoluto e quasi desvairado.

—Fizeste algum voto ou queres metter-te freira?

A rapariga abanou a cabeça.

—Essa gente tem rasão de se queixar da extravagancia das tuas maneiras, apesar de que aquelle nome não é bom, nem deve dar-se. Esqueces-te de que não estás só no mundo e que é a tua teima que peiora a vida e a doença de tua mãe? Que grandes motivos pódes tu ter para recusar aquella mão, que se offereceu lealmente para vos sustentar? Dize lá, Laurella.

—Tenho um motivo muito grande, tenho, respondeu baixo e trémula, mas não posso dizel-o.

—Não pódes dizel-o! Nem mesmo a mim? Nem mesmo ao teu confessor!? Não dirás de certo que elle te não amava, não é verdade?

A rapariga fez um signal negativo.

—Vamos, desabafa, minha filha; e se tiveres rasão, serei eu o primeiro a approvar-te. Mas tu és muito nova, conheces pouco o mundo e póde ser que um dia, mais tarde, te arrependas de haver rejeitado a tua felicidade.

Laurella lançou um olhar timido sobre o barqueiro, que remava vigorosamente na prôa do barco, e que havia enterrado até os olhos o seu barrete de lã. Tinha elle a cara voltada para o mar e parecia esquecido nos seus proprios pensamentos. O padre viu este olhar e approximou-se para escutar.

—Não conheceu meu pae? disse a rapariga; e os seus olhos tomaram uma expressão sombria.

—Teu pae? Ah! sim, morreu terias tu talvez dez annos. O que tem teu pae, que Deus haja, que vêr com a tua teima?

—Não o conheceu, sr. cura? Não sabe que é elle a causa da doença de minha mãe?

—Então de que maneira?

—Porque a maltratou,— batia-lhe e calcava-a aos pés.—Lembro-me muito bem: quando elle de noite entrava em casa muito zangado: minha mãe nunca lhe dizia nada, e fazia tudo quanto elle queria; mas elle batia-lhe de modo que me despedaçava o coração vêl-o. Mettia então a minha cabeça debaixo da roupa e fingia que estava a dormir, mas passava a noite a chorar. Só quando elle a via quasi desmaiada, no chão, é que mudava de repente; erguia-a então e abraçava-a tanto, tanto, que quasi a suffocava. Minha mãe prohibiu-me de contar isto. Coitadinha! e tanto soffreu assim de máus tratos, que desde que meu pae morreu nunca mais recuperou a saude.

De modo que se ella morrer, do que o céo me defenda, sei muito bem que meu pae é a causa da sua morte.

O padre meneou a cabeça e pareceu irresoluto: até que ponto deveria dar rasão á sua confessada?

Disse por fim:

—Perdôa-lhe tu, Laurella, como tua mãe lhe perdoou; e não penses mais n'esse triste espectaculo. Hão de vir para ti tempos melhores que te farão esquecer tudo o mais.

—Nunca, nunca hei de esquecer isto, disse ella como sentindo um calefrio. Sabe, senhor cura, porque me eu quero conservar solteira? para não estar sujeita a alguem que me ame, mas que me maltrate. Se agora me quizessem bater, ou me quizessem beijar, eu bem saberia defender-me. Minha mãe é que o não sabia fazer: não podia repellir, nem as pancadas nem os beijos, porque o amava. Não quero amar nenhum homem a ponto de me tornar doente e miseravel!

—És uma creança, e fallas como uma creança que não sabe o que vae pelo mundo. Pensas que todos os homens são como teu pobre pae? e que todos se abandonam assim ás suas coleras e paixões? que todos maltratam as suas mulheres? Não conheces entre os teus visinhos tão boa gente, e tantas mulheres que vivem em paz com os seus maridos?

—Ninguem sabe como meu pae era para a minha mãe, porque ella antes morreria mil vezes do que queixar-se, fosse a quem fosse. Tudo isto ainda porque o amava! Ora se o amor nos fecha a bôca justamente quando devemos gritar por soccorro, se nos abandona sem defeza a males peiores que os que nos podia fazer o nosso peor inimigo, nunca hei de dar o meu coração a um homem.

—Repito-te que és uma creança e que não sabes o que dizes. Has de obedecer ao teu coração se tiveres de amar, quando chegar a occasião, e tudo quanto agora conservas na cabeça será inutil.

E, depois de um instante de silencio, acrescentou:

—Julgas então que aquelle rapaz pintor te viria a maltratar?

—Tinha nos olhos uma expressão como a dos de meu pae quando pedia perdão a minha mãe, e quando a queria abraçar para lhe dizer boas palavras. Conheço aquelle olhar. Todos os que têem alma de bater n'uma mulher que nunca lhes fez mal, sabem fazer aquelles olhos. Sinto-me arripiar como se os estivesse vendo.

Depois conservou-se obstinadamente calada.

O padre tambem ficára silencioso: pensava nas boas cousas que poderia dizer a Laurella; mas a presença do barqueiro a quem as ultimas palavras da confissão pareciam haver agitado, fêl-o calar.

Quando depois de duas horas de viagem chegaram ao pequeno porto de Capri, Antonino pegou no padre ao collo para o fazer passar as ultimas espraiadas da agua, e collocou-o respeitosamente em terra. Mas Laurella não quiz esperar que elle a levasse tambem: ergueu a saia, pegou nos tamancos com a mão direita, na trouxa com a esquerda, e metteu-se á agua para chegar depressa á margem.

—Demoro-me provavelmente muito tempo em Capri, disse o cura ao barqueiro. Escusas de esperar-me. Talvez só volte a casa ámanhã. Adeus, Laurella, comprimenta da minha parte tua mãe quando voltares. Hei de vos ir vêr antes do fim da semana. Voltas antes da noite, não é verdade?

—Se pudér, disse a rapariga, e pôz-se a arranjar o fato.

—Bem sabes que tambem tenho que voltar, disse Antonino com um tom de voz que elle julgou ser de bastante indifferença. Espero-te até ás Ave-marias. Se não vieres, melhor.

—Deves voltar, Laurella, disse o padre, não deves deixar tua mãe só toda uma noite. Vaes longe?

—A uma vinha em Anacapri.

—Eu vou a Capri. Deus te guarde, minha filha, e a ti tambem rapaz.

Laurella beijou-lhe a mão, e murmurou um adeus indistincto, que poderia ao mesmo tempo dirigir-se ao padre e a Antonino.

Mas este não acceitou nada para si; tirou o barrete para comprimentar o cura e nem olhou para Laurella. Quando porém se afastaram, os olhos do pescador seguiram durante um momento o padre, que caminhava com difficuldade por cima dos calhaos rollados da praia, mas logo depois voltou-os para a direita, por onde a rapariga subia com a mão sobre os olhos por causa do brilho do sol já alto.

Antes que o caminho que seguia desapparecesse de todo entre os muros, Laurella parou um momento como para tomar o folego, e olhou em volta de si. Em baixo, aos seus pés ficava a praia, e em volta as penedias a pique sobre o mar, que tinha então uma esplendida côr azul. Valia de certo a pena que se visse este quadro. O seu olhar dirigindo-se por acaso sobre o barco de Antonino, encontrou-o a olhal-a. Ambos se voltaram como quem se desculpa de uma acção involuntaria, e a rapariga continuou o seu caminho com uma expressão mais sombria ainda.

Era uma hora da tarde e já Antonino estava sentado havia duas, sobre um banco diante da taberna dos pescadores. Alguma cousa o preoccupava, porque de cinco em cinco minutos, levantava-se, punha-se ao sol e olhava com ar inquieto para os dois caminhos que, de um lado e de outro, levam ás duas povoações da ilha.

D'uma das vezes disse á dona da *osteria,* que o tempo lhe dava cuidado, apesar de estar sereno, porque o céo e o mar tinham uma côr que lhe era muito conhecida, por ser exactamente a mesma que se lhes vira antes da ultima tempestade em que tanto lhe custára a levar até terra aquella familia ingleza, de que ella devia lembrar-se.

—Não me lembro, disse a mulher.

—Pois pense em mim, se o tempo mudar antes da noite.

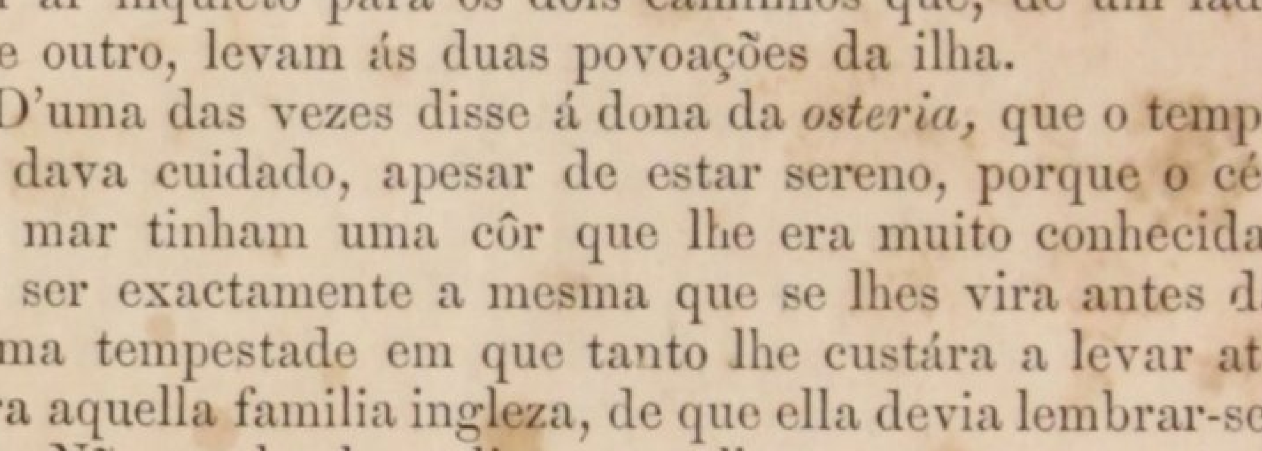
—Ha por lá já muita gente? perguntou a taberneira depois de um intervallo.

—Vem chegando agora. Até aqui tem havido mau tempo. Os que hão de vir para banhos tardam este anno. A primavera tambem se demorou.

Ganharam por cá, em Capri, mais que nós? se eu tivesse só o meu barco, nem teria com que pudesse comer *i maccaroni* duas vezes por semana. Levei de vez em quando uma carta a Napoles, trouxe por aqui alguem que queria pescar á linha, e mais nada.

Valeu-me meu tio, sabe? o dono d'aquelles laranjaes grandes. Elle tem de seu, tem. Tonico, diz-me elle sempre, emquanto eu viver não has de ter necessidades; e em eu morrendo, pensarei em ti. Aqui tem como eu passei o inverno, com a ajuda de Deus.

(Continua). J. BATALHA REIS.





POUSSIN pinxt W. FRENCH sc

A ADORAÇÃO DOS PASTORES.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

A ADORAÇÃO DOS PASTORES

PASSAVA-SE ha dezenove seculos nos escurentados ambitos de um presepio, essa admiravel scena que inspirou o pincel de Poussin —*o philosopho da pintura*.

Pelas cercanias de Bethlehem velavam sobre seus rebanhos uns pobres pastores. Ía a noite em meio, e os pastores foram surprehendidos por umas harmonias tão suaves como nunca homens ouviram e por uns clarões tão vividos como nunca o sol fez brilhar a olhos humanos.

Era a gloria do Senhor que refulgia nos espaços: era um côro de anjos que cantavam em harpas divinaes um hymno celeste.

A letra dizia assim:

Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade!

A musica... era de anjos, não a pódem reproduzir os homens!

Qual o motivo de tão extraordinario facto?

—A Bethlehem dizem os anjos aos pastores. E os pastores tomaram os seus cajados e partiram.

Vamos com elles.

Abre-se ali uma gruta nas asperezas de uma rocha: entremos.

Que surprehendente grupo?

Uma mulher, um esposo e uma creança recemnascida!

A innocencia nas suas tres mais sympathicas manifestações: a innocencia da virgindade, da castidade e da infancia!

Tres flôres igualmente bellas, colhidas no jardim das virtudes: uma açucena, um lyrio e uma rosa!

Tres mysterios de amor igualmente sublimes: um varão castissimo que se fez pae putativo, uma mulher virgem que se fez mãe, e um Deus Omnipotente que se fez homem!

Sobre uns feixes de feno se assenta a mulher. É bella como a virgem da alvorada que se levanta graciosa, coroada de perolas a espargir flôres por sobre as cristas das montanhas e os plainos dos convalles em manhã de primavera.

É formosa como o astro de prata que meigamente sorri poesia no silencio das noites.

Sua fronte é espaçosa e elevada como o Carmello da tribu d'Issachar sobre que pousam as nuvens.

Seus olhos são ternos como os da pomba que só exprimem innocencia e candura.

Seus labios são purpurinos como a petala da rosa que viça nos canteiros.

Seu collo é altaneiro como a torre de David da qual pendem mil escudos.

Cobrem-lhe seus cabellos, negros como as comas da noite quando no céo não se accendem as lampadas que a illuminam, uns pedaços de um véo, alvo como a pureza de sua alma; uns pedaços... porque aquella mãe rasgou o seu véo em mantilhas para enfaixar o filho que sustenta no regaço!

Pobres mantilhas são aquellas para acalentar o recemnascido!

Pouco importa: perto, muito perto d'aquella creança ateia-se uma chamma que escalda: é a chamma de amor que estúa no coração da mãe.

E a mãe, feliz por ter ali a urna de seus affectos, depõe ferventes beijos na assetinada face de seu tenro filhinho.

E em cada ponto onde imprime um osculo desabrocha uma rosa: é a rosa do amor: mas as rosas de amor eriçam-se de tantos espinhos!...

A gruta de Bethlehem está tão perto do Golgotha!...

Junto da Virgem levanta-se um homem.

Tendes visto o roble que no mais alto da serra se ostenta vigoroso, e desdobra as suas comas por sobre delicada flôr que lhe viceja ao pé, e a protege assim do rigor das estações?

Pois aquelle homem é o roble; aquella virgem é a flôr.

E a creança?

Aquella creança é a expectação das gentes; é o vaticinado de todos os videntes; o desejado das nações; o filho da Virgem de Nazareth; o enviado de Deus e o seu Unigenito; e, finalmente, a aurora de um grande dia que surge meiga depois de uma grande noite.

Os vagidos que ella geme nas estreitezas d'aquella gruta, hão de tornar-se um dia verbo potente que ha de ecoar pelo mundo além e pelos seculos a dentro.

E ao ouvil-o, o paganismo decrepito e tremulo já de velhice, ha de oscillar e caír de seu pedestal levantado sobre a sepultura de tantas gerações.

E a velha philosophia ha de córar de pejo ante a singela sublimidade da palavra d'aquella creança feita homem, porque ella ha de abater a soberba que se levanta e levantar a humildade que se abate, e estabelecer assim a igualdade no mundo.

Aquella creança ha de um dia lembrar á humanidade a sua origem commum; ha de chamar o senhor e o escravo, e dizer-lhes:—Sois todos filhos de Deus; todos sois irmãos, sois todos livres, abraçae-vos n'um amplexo de amor!

Ha de um dia derramar o sangue das suas veias e infiltral-o nas arterias da humanidade e com elle a luz, a vida, o progresso! E bem carecia d'isto o mundo de ha dezenove seculos.

O mundo era, por assim dizer, esse colosso gigante, chamado Roma, que, estendendo seu corpo ingente de um polo ao outro polo, abarcava o globo pelo equador.

E as entranhas de Roma eram corroidas pelo veneno da degradação moral.

A soberba sentava-se orgulhosa em seu throno marchetado de marfim e engastado de pedraria.

A avareza, ao passo que com a esquerda abarcava montões de ouro, estendia a dextra rapace a defraudar o proximo.

A luxuria reclinava-se indolente em coxins fôfos de estofos flacidos.

A ira, com os olhos coruscantes de fogo, e os labios roxeados de laivos de sangue, esmagava aos pés a malfadada paciencia.

A gula engolfava-se sofrega em opiparos banquetes de mil iguarias.

A inveja cravava seus olhos avidos na abundancia que a Providencia derramava no regaço do proximo.

A preguiça ora se reclinava maltrapida nos recantos do forum, ora arrastava roçagantes sedas com que cobria as suas irmãs.

E assim bem se pudéra dizer que as sete collinas, sobre que se espraiava a capital do mundo, eram as sete filhas de Satan!

Pois a creança d'aquelle grupo, feita homem, ha de

metter uma alavanca á raiz d'aquellas collinas e removel-as do mundo. A alavanca... ha de ser a cruz.

Tudo isto fez aquelle moço de Nazareth que se chamou Jesus.

E é Jesus o infante recemnascido que vêdes no regaço d'essa Virgem.

Rasão têem os pastores de ajoelhar reverentes ali aos pés d'aquelle infante.

Foram os primeiros chamados porque eram os ultimos.

Tinham as suas almas candidas como os vellos dos rebanhos que apascentavam.

Depois dos pastores é que hão de vir os reis, porque estes vêem de mais longe.

Do berço da humildade dista muito mais o throno do monarcha do que a cabana do pastor.

Acurva-se a velhice aos pés da infancia: o velho mundo ha de caír prostrado em face do mundo novo.

Os mais puros de coração hão de ser os primeiros a comprehender a doutrina sublime de Jesus.

Assim o quer dizer—*A adoração dos pastores.*

M. F.

THEATROS

Cumpre-me tratar, n'esta secção, dos espectaculos dados ultimamente nos theatros de Lisboa. Fallarei d'elles seguindo aproximadamente a ordem chronologica em que subiram á scena, e abstendo-me de mencionar as peças traduzidas, salvo quando ellas forem de não vulgar importancia litteraria. Por este motivo, não será para estranhar que eu guarde silencio sobre a antiga comedia de Scribe—*La camaraderie,* posta em bom portuguez pelo sr. Ricardo Cordeiro com o titulo de—*Elogio mutuo,* e primorosamente desempenhada pela companhia dramatica do theatro de D. Maria II; que me abstenha de analysar—*O paralytico,* drama muito bem traduzido pelo sr. Ferreira de Mesquita, e que foi para o actor Antonio Pedro um dos maiores triumphos—se não o maior dos ultimos tempos—que se tem visto no theatro portuguez; que me esqueça finalmente de fallar de outras composições de secundario merecimento, extrahidas dos reportorios estrangeiros, as quaes se obtiveram os applausos do publico, não foi porque se tornassem notaveis pelo enredo ou pelo primor do dialogo, nem tão pouco pelo optimo desempenho dos artistas que as interpretaram, mas sim porque a natural benevolencia dos espectadores os torna mais propensos a approvarem do que a reprovarem os espectaculos a que assistem.

Logar ás peças originaes.

No theatro do Gymnasio subiu pela primeira vez á scena, em beneficio da talentosa actriz Maria das Dores, a comedia em tres actos—*A orphã de Aldoar,* original do sr. Sousa e Vasconcellos.

Sabe-se pelos cartazes dos espectaculos estrangeiros, que certos artistas não se estreiam uma só vez nos circos ou nos theatros—estreiam-se muitas. Assim, não é raro vêr um dia annunciado o primeiro *debute* do sr. Fulano, no outro dia o segundo *debute* do mesmo sr., depois o terceiro, o quarto, etc. Quem pretendesse, pois, applicar este uso aos auctores dramaticos, diria com relação ao sr. Sousa e Vasconcellos, que a *Orphã de Aldoar* foi o segundo *debute* d'este escriptor no theatro.

A Orphã de Aldoar não é de certo um trabalho de mestre, isento de defeitos e modelo primoroso para se estudar e imitar; representa, porém, estudo e adiantamento no auctor, propensão para a litteratura dramatica e largos conhecimentos da boa linguagem portugueza.

Basta ao sr. Vasconcellos ser auctor novel para não se poder nem dever exigir nas suas obras um conjuncto de perfeições, que a maior parte das vezes não se encontra nos mais festejados dramas e comedias dos principaes auctores nacionaes ou estrangeiros.

Todos clamam contra a falta de peças originaes no theatro portuguez, inçado ha muito de traducções nocivas ao bom gosto e á moral; quando por conseguinte apparece uma composição original, quando se vê o fructo do trabalho de alguns mezes, para o qual o escriptor contribuiu com idéa, fórma, episodios e dialogo, é dever impreterivel acatar esse trabalho, ser indulgente para com elle, e, sem deixar de lhe apontar as imperfeições, encarecer-lhe as bellezas, a fim de que o auctor se anime a produzir novas e melhores obras.

É por tudo isto que eu sinceramente applaudo o novo trabalho dramatico do sr. Sousa e Vasconcellos, ao qual faltam, sem duvida, os accessorios brilhantes que adornam as composições francezas—accessorios por vezes tão brilhantes que não deixam vêr n'algumas a falsidade da idéa, nem a inverosimilhança da acção—mas onde abundam muitas qualidades boas, como são o desenvolvimento logico do enredo, o desenho de alguns caracteres e principalmente a correcção do dialogo, que, se pecca, de vez em quando, é pelo sabor classico de algumas phrases e palavras, sabor que não se encontra hoje na conversação commum. Não me parece, porém, que este delicto seja dos que mereçam maior pena dos juizes mais amigos das cousas portuguezas.

Prosiga, pois, o sr. Sousa e Vasconcellos na difficil e espinhosa carreira que abraçou, procure alegrar as suas composições, revista-as de peripecias mais theatraes, estude os caracteres do natural e verá que o trabalho e a perseverança hão de facilmente conduzil-o ao logar de honra que o seu talento merece.

Se o auctor pateado contrahe com o publico impreterivel obrigação de lhe apresentar novos e melhores trabalhos, ao auctor applaudido maior e mais indeclinavel obrigação cabe n'este ponto. Ora o publico tem applaudido sempre as composições do sr. Sousa e Vasconcellos, chamando-o ao proscenio e incitando-o a produzir outras obras; cumpre, portanto, ao sr. Vasconcellos corresponder dignamente a este convite, a este incitamento, dotando o theatro portuguez com outras composições que revelem estudo e progresso incontestaveis.

Confio nos seus brios de auctor.

Com—*A orphã de Aldoar* subiu á scena a comedia original em um acto—*Ao calçar das luvas,* da qual me não é permittido fallar por ser auctor d'ella. O mesmo succede com relação á peça original em um acto—*Coimbra e tarimba,* representada tambem no theatro do Gymnasio.

Na Trindade representou-se uma comedia em um acto, original do sr. Christovam de Sá (pseudonymo conhecido do sr. Cunha Belem), intitulada—*Marido, mulher... e primo.*

É uma composição ligeira e engraçada; não discute principios, nem tenta converter os prevertidos ou tornar melhores os que não são de todo máus. Faz rir, sem offender a moral, que tanto se póde exigir de uma breve composição em um acto.

Esta peça e a que posteriormente se deu, do mesmo auctor, tambem na Trindade, intitulada—*A operação da catarata,* outrosim impõem ao sr. Cunha Belem o dever de compôr novas obras originaes de maior alcance. Se quem possue talento para produzir trabalhos seus se limitar apenas a traduzir os alheios, o theatro portuguez não sairá nunca da atonia em que actualmente se acha, e da qual é mister salval-o.

Nos theatros da Rua dos Condes e do Principe Real, colheram applausos e deram boas receitas ás emprezas, duas revistas do anno. A do primeiro—*Coisas e loisas,* foi escripta pelos srs. Sousa Bastos e Baptista Machado; a do segundo—*O diabo a quatro,* era do sr. Joaquim Augusto de Oliveira. Ambas registavam com bastante graça os factos succedidos durante o anno, sendo a primeira mais rigorosa e severa na critica de alguns.

O Gymnasio, que tem sido o theatro mais propenso a levar á scena peças originaes, annunciou para o beneficio do intelligente e naturalissimo actor Pinto de Campos a comedia em tres actos, original do sr. Baptista Machado—*Longe da vista...*

Se a comedia do moço escriptor, muito festejado pelas platéas dos theatros de segunda ordem, não prima pelas bellezas de linguagem, nem pela verosimilhança das situações, nem tão pouco pela idéa, que se não baseia sobre qualquer thema social, recommenda-se todavia pela habilidade com que o auctor grupou em todos os actos alguns effeitos theatraes, conseguindo assim que a sua obra fosse ouvida com attenção, contentamento e applauso.

Aos effeitos dramaticos e bons finaes de actos accrescem na comedia *Longe da vista...* outras mais apreciaveis qualidades, e vem a ser o desenho correcto do typo de um contramestre de bordo e os esboços feitos por mão amestrada, de uma creada antiga—d'estas que teem em casa mais proponderancia do que as amas—e de um creado gaiatão com quem ella anda sempre ás bulhas.

Pelo que fica dito, vê-se que a comedia do sr. Baptista Machado não sendo das mais perfeitas composições que sobem á scena nos theatros de primeira ordem, revela comtudo a disposição do seu auctor para architectar enredos de que possam resultar lances dramaticos de effeito seguro, e bem assim para traçar alguns typos, sobretudo populares, com bastante facilidade e correcção.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

A PRIMEIRA SAUDADE

(De Lamartine)

Nas praias de Sorrento onde a agua vem gemente
os troncos oscular dos laranjaes floridos,
á beira do caminho, entre herva recendente
s'esconde lousa curta, estreita, indifferente
do caminheiro aos passos distrahidos.

Ahi, denso goival occulta nome pobre,
um nome que jámais os eccos repetiram!
Sómente alguma vez os que, passando, o viram,
lendo a idade afastando a relva que o recobre,
exclamam ao sentir as lagrimas correr:
«dezeseis annos só!... Foi bem cedo morrer!»

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
Voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

«Dezeseis annos só!» Jámais tão doce idade
pudera vicejar em fronte mais radiante!
Nunca essa riba viu mais fresca mocidade,
nunca se reflectiu em vista mais amante!
N'alma a contemplo eu só tão viva como quando
de seu olhar a luz no meu olhar fitando,
e unindo o casto arrulho á voz das aguas mansas,
desprendidas ao vento as bastas, negras tranças,
vinha a sombra da véla, ou nuvem que passasse
como visão do céo acariciar-lhe a face;
e ao ouvir a canção do pescador distante,
e aspirando o frescor da brisa inebriante,
mostrava-me do céo no azul em que fluctua,
como nocturna flôr, o frio alvor da lua.
E dizia-me, vendo as vagas que uma a uma
se desfazem na areia em prateada espuma:
«Porque fulgura tudo, e em mim o brilho é tanto?
Nunca os astros do céo tiveram tal encanto!
Nunca as areias d'ouro onde estas aguas gemem,
nem os montes d'além que no horisonte tremem,
nem do bosque o rumor cingindo em torno as plagas,
nem da costa os clarões, o canto sobre as vagas,
me commoveram tanto! O amor nunca assim veio
n'uma volupia vaga erguer-me tanto o seio!
Porque não senti sempre os gosos d'esta tarde?
É luz que tenho n'alma? É sol que dentro me arde?
Tu, filho da manhã, dize-me, são tão bellas
no teu paiz, sem mim, as noites, as estrellas?»
Depois olhando a mãe sentada ao pé, sorria,
e em seu collo encostada em paz adormecia.

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Que pureza no olhar, nos labios que candura!
Que de luz innundava em jorros aquell'alma!
No lago de Nemi a lympha é menos pura,
mais carregado o azul, mais agitada a calma!
N'alma ingenua nenhum occulto pensamento,
sob os cilios jámais, nem mesmo um só momento,
tão cheio de innocencia o olhar era velado;
o rosto sem ter sombra ou ruga de cuidado;
tudo era alegre ahi; e o rir da mocidade
que mais tarde emmurchece e expira com a idade,
dos labios lhe pairava á flôr, inquieto, vago,
qual iris que se arqueia e espelha sobre o lago.
Nem sombra de soffrer n'aquella face franca,
nem uma nuvem só velava a luz tão branca!
O passo descuidoso, incerto, leve, iguala
a vaga que se agita, e á luz do dia embala.
Corria por correr; e sua voz de prata,
ecco limpido e puro em que a alma se retrata,
e nuncia d'ess'alma onde só canto havia,
até ás auras dava oceanos d'harmonia!

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Sua impressão primeira a minha imagem fôra,
como é primeira a vêr-se a roxa luz d'aurora;
não quiz mais nada vêr mal começou a amar,
mundo, esperança, vida, em mim foi concentrar;
sua existencia era eu, sua alma, e ser, e tudo,
o mais estava triste e sem encantos, mudo.
No quadro cambiante onde brilha a miragem
do mundo d'illusões, estava a minha imagem.
Não lhe lembrava o tempo, era a distancia nada,
inteira no presente a vida concentrada,
do passado viver não tinha uma lembrança;
de bello dia a noite: eis toda a sua esp'rança!
Entregava-se toda á dôce natureza
que inteira nos sorria, ao conforto da resa
que depunha no altar com flôres, seus encantos,
contente o coração, sem suspirar, nem prantos.
Por sua mão me guiava até levar-me ao templo,
e eu, pobre creancinha, eu seguia-lhe o exemplo,
e baixinho dizia: «assim bem junto, aqui,
resa, que até nem mesmo entendo o céo sem ti!»

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Vêde o jorro que entorna a limpida cascata
como n'um lago azul sereno se desata,
o vento não o agita, e o sol que passa ardente
e pudera seccal-o, o deixa estar dormente.
Um cysne que nos lembra a neve em branco rollo
á flôr d'agua deslisa e envolve n'agua o collo,
conserva-lhe a pureza, e sem ousar turval-a
dos astros ao clarão descuidoso s'embala.
Mas se desfere o vôo e busca outra paragem
delida a limpidez pela humida plumagem,
o céo se apaga então, as ondas escurecem,
e bastas pennas n'agua em flocos apparecem;
bem como se o falcão que de ralé se nutre
lhe dera morte ali, ou o lacerára o abutre;
e os encantos do lago ha pouco todo azul
são ondas negras já, quaes se as cavára o sul.

Assim, quando parti a pobre alma tremia:
foi-se extinguindo o raio, e a chamma que morria
subiu até o céo para não mais voltar.
Um segundo porvir não quiz inda esperar;
não deixou pela esp'rança a duvida,—o tormento,
tão pouco disputou a vida ao soffrimento,
sorveu d'um trago só da dôr a taça inteira,
e o coração matou na lagrima primeira!
E qual ave do céo, menos pura no entanto,
que á noite por dormir se faz das azas manto,
a triste s'envolveu no desesp'rar do bem,
e antes da noite vir se foi dormir tambem!

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Quinze annos dormiu ella em seu leito d'argila,
ninguem veio chorar na leiva em que se asyla,
e o olvido apressado—outra mortalha—um dia
veio a senda apagar que a estas praias trazia.
Já ninguem mais visita o gasto monumento,
nem scisma ou resa ali... salvo meu pensamento,
quando retrocedendo ao tempo decorrido
pergunto ao coração por quanto é já volvido,
e pondo fito o olhar em mil imagens bellas
pranteio do meu céo as extinctas estrellas!
A mais pura foi ella, e seu doce clarão
de carinhosa luz me alumbra o coração.

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Singelo arbusto agreste, e verde, e mudo, e triste,
o monumento é só que em seu sepulchro existe;
qual saudade que n'alma enraizada teima,
exposto á ventania e ao sol que eterno o queima
na rocha erguido está, mas nem sequer a cobre,
e o branco pó da estrada as folhas lhe recobre;

alastra pela terra onde os ramos pendentes
se vão por fim morrer de cabra vil nos dentes.
Na primavera, flôr que, qual floco de neve,
um dia ou dois sorri, deixa ao vento que a leve
e que a desfolhe ainda antes d'aroma dar,
como a vida se vae sem noss'alma encantar.
Uma ave de ternura e de melancolia
modula a flebil voz na basta ramaria!
Oh! dize, flôr que a vida assim deixou sem côr,
não deve um mundo haver onde renasça a flôr?

Voltae, oh! sim, voltae aos passados momentos!
Vossa triste lembrança ajuda o suspirar!
Ide-vos com minh'alma! Oh, ide, pensamentos!
Transborda o coração, quero chorar!

G. M.

CINTRA

REAL PAÇO DA PENA

I

CINTRA, encantadora Cintra! Com justa rasão te appellidou *eden glorioso* o immortal cantor de Childe-Harold. Cobrindo-te a serra de matisados tapetes de perenne verdura; vestindo-te os penedos gigantescos de musgos variegados e sempre viçosos; assombrando-te os prados e as encostas de arvoredos frondosos, que verdejam em todas as estações do anno; fazendo sussurrar os ribeiros pelas quebradas da serra, rebentar as fontes d'entre as fendas das rochas, e deslisarem-se os arroios, com dôce murmurio, pelo meio da relva; coroando-te de nuvens diaphanas e vaporosas, que entornam constantemente fecundos orvalhos sobre os teus verdores; multiplicando em tuas florestas os cantores plumosos, que bemdizem o creador, e alegram a terra com os seus hymnos matinaes de melodiosos gorgeios; em fim, embalsamando-te os ares dos suaves aromas de eternal primavera; a natureza fez de ti, ó Cintra, o paraiso da Europa.

Tornaram-te os homens paraiso glorioso, erguendo em teu seio padrões de altos feitos. O teu castello construido pelos arabes, tomado aos infieis por D. Affonso Henriques, arrancado das mãos dos que tinham voz por Castella pelo nobre esforço do mestre d'Aviz, recorda duas épocas gloriosissimas da historia de Portugal: a da fundação da monarchia e a da heroica defensa da sua independencia contra as pretensões de Castella.

O teu antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena, edificado em elevadissimo throno de rochas, commemora as glorias do reinado do fundador, as felicidades d'el-rei D. Manuel o *afortunado:* recorda o descobrimento da India e do Brasil, e toda essa pleiada de heroes, que illustraram e engrandeceram o nome portuguez, e toda essa serie de victorias, que pozeram aos pés do rei de Portugal tantas e tão poderosas corôas da Africa e da Asia, e que sujeitaram ao seu sceptro vastas regiões na America e o vastissimo imperio dos mares!

Mas se estas são as recordações mais gloriosas, que resaltam desses teus quadros naturaes, resplandentes de luz e formosura; sobre as penhas phantasticas, que coroam os teus altissimos pincaros, ou por entre as fragas musgosas, penduradas do dorso da serra, ou nos valles, sob a ramagem umbrosa dos carvalhos seculares, enlaçam-se com as penhas, com as fragas, e com as arvores annosas muitas outras memorias do passado, lendas piedosas, tradições patrioticas, e tambem tristes lembranças de grandes infortunios.

E até, em homenagem á tua gentileza, os antigos padrões da nossa historia, pela maior parte desprezados, injuriados e caíndo em ruinas por todo o reino, rejuvenescem em teu seio, restaurados e alindados. Assim foram remoçados e transformados em deliciosas estancias o velho castello dos moiros e o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena.

II

Começado em 1503, e erguido uns 570 metros acima do nivel do Oceano, o mosteiro manuelino campeou durante tres seculos sobre os ridentes valles da serra de Cintra, habitado pelos filhos de S. Jeronymo.

Quando as tempestades politicas, fulminando a instituição, que o povoára, o deixaram deserto em 1834, principiaram a exercer no monumento a sua acção destruidora a mão implacavel do tempo e a barbaridade não menos vandalica dos homens.

Foi n'esse momento solemne de perigo imminente para a existencia do monumento, a tantos respeitos venerando, que um principe illustrado, verdadeiro amigo e protector das artes, estendeu sobre elle a sua benefica e efficaz protecção.

Em 1838 comprou el-rei o sr. D. Fernando ao estado o edificio e cêrca do extincto mosteiro; e pouco depois tiveram principio as obras para a sua restauração e accrescentamento. O antigo cenobio, despovoado, perdeu a poesia das crenças religiosas, que inspirava ao viajante pensamentos tão do céo; mas o augusto restaurador, trocando-lhe as divisas monasticas pelos emblemas da realeza, salvou da ultima ruina o monumento nacional, livrando assim de uma grande vergonha o nosso nome de povo civilisado, conservou-o para lustre das artes, e tambem para honra da religião, porque o sanctuario fundado por el-rei D. Manuel, enriquecido pela piedade de el-rei D. João III, e tão procurado pelos devotos em festivas romarias, lá está ornamentado, reverenciado e servido com esplendor.

Em 1844 começou a construir-se, a par da obra antiga, o novo e sumptuoso palacio ha pouco tempo concluido. N'este esplendido edificio, tão graciosa e profusamente ornamentado, admiram-se os mais bellos e primorosos especimens da architectura gothica, da do renascimento, e do estylo arabe.

O architecto [1], para o tornar mais formoso e original, foi inspirar-se nas phantasiosas invenções, que crearam os conventos da Batalha, de Thomar e de Belem, e a Alhambra de Granada; ou, para fallarmos mais exactamente, foi o augusto fundador que designou, com o admiravel bom gosto de que é dotado, as partes que deviam ser copiadas d'aquelles monumentos artisticos para adorno do seu novo paço. Ao architecto coube a tarefa ardua, mas honrosa, de delinear por tal modo a traça do edificio, que essas decorações escolhidas, typos de differentes estylos architectonicos, se combinassem para constituir um todo, cheio de graça e formosura.

Não é possivel dar idéa em breve espaço, de uma obra, que demandaria muitas e longas paginas para ser des-

[1] O fallecido barão d'Eschwege.

cripta com a miudeza, que merecem tantos primores de arte e excellencias de trabalho, que n'ella, por todos os lados, captivam os olhos, e enleiam a alma do viajante, que os contempla absorto, qualquer que seja o seu paiz natal, e quaesquer as terras por onde tenha andado.

Das galas e primores que ostenta, offerece a gravura junta uma brilhante amostra. O portal e o pavilhão, que ahi se vê, occupam o centro de um corpo de edificio flanqueado por duas torres octogonas mais elevadas, tendo por corôas umas cupulas baixas, com a mesma fórma octogona, e cercadas de ameias.

Em cada uma das torres ha quatro pavimentos, a que dão luz bonitas janellas floreadas. O portal compõe-se de seis arcos de ponto subido, sendo o primeiro, ou exterior formado de madreporas, entresachadas de diversidade de molluscos. É obra de um trabalho esculptural delicadissimo, e do mais bello effeito. Sobre o arco das madreporas resaltam da parede tres grandes valvas de conchas, das denominadas *chammas*. A do centro, que é maior, serve de base á figura que, curvada e apoiando-se em uns troncos de vide, finge sustentar o esbelto pavilhão semi-circular, em que se abrem tres janellas. É todo coberto de esculpturas vazadas, como a renda mais delicada, representando, na parte inferior, plantas aquaticas, saindo da concha, e nas partes superiores videiras, com a folhagem e cachos dispostos com a maior naturalidade. Um cordão formado de flôres separa as videiras das plantas aquaticas, e vae depois correndo, no mesmo alinhamento, por toda a fachada do edificio, junto ao andar nobre.

A descripção, ainda que feita a traços largos, ahi está a par da gravura que representa essa obra de arte com a maior fidelidade, porque á sua perfeição artistica reune-se a circumstancia de ser copia exacta de uma excellente photographia, devida ao talento e provado amor da arte do distincto artista amador, o sr. Carlos Relvas. Pois nem assim poderão os nossos leitores, que nunca visitaram o paço da Pena, fazer uma idéa exacta da formosura e delicadeza de trabalho d'este magnifico portal e do seu gentil pavilhão.



Dá serventia ao palacio este portal, e conduz ao pateo da capella. A fachada do mesmo corpo do edificio, que deita para este pateo, é tambem de singular belleza. Sobre o arco do portal vê-se um oculo ou espelho de admiravel artificio, e logo por cima abre-se uma grande e formosissima janella, copia exacta da celebrada janella da casa do capitulo do convento da ordem de Christo em Thomar.

III

Ha, pois, na existencia d'este edificio duas phases muito distinctas, separadas por um periodo, felizmente curto, de abandono e opprobrio. Na primeira phase figura o mosteiro, symbolo das crenças vivas d'essas eras em que a fé dava coragem aos timidos, valor aos fracos e esforço sobrehumano aos mais intrepidos. Na segunda phase avulta o paço real como padrão dos nossos progressos artisticos, e como documento irrecusavel do esforço patriotico e perseverante com que um soberano esclarecido se tem constantemente empenhado em promover a florescencia das artes em Portugal.

E ambos os monumentos, unidos, em sua significação moral, pelos laços da religião, do patriotismo e do amor da arte, levantam-se nobremente como dois marcos da civilisação portugueza: o mosteiro, recordando que foram os portuguezes, que, affrontando todo o genero de perigos e privações, atravez de mares ignotos, de terras inhospitas, e de gentes selvagens e inimigas, levaram a luz civilisadora do evangelho aos sertões da Africa, da Asia e da America; o novo palacio commemorando, pelo desenvolvimento artistico, que revela, os melhoramentos que a nação tem tido modernamente em todas as condições sociaes, em que se pódem manifestar os progressos da civilisação.—I. DE VILHENA BARBOSA.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VIII

(Continuação)

DUAS novas alvorotaram um dia a grande cidade: a partida para Diu de D. Fernando de Castro e a proxima chegada do noivo de Mogarem.

A classe nobre, européa e christã, preparava-se para assistir ao embarque da luzida frota que se destinava a soccorrer o grande reducto do norte. A população gentilica sonhava com as festas brilhantes do proximo noivado.

Muita esperança, muita saudade e sobretudo muito reboliço e azafama na terra e no mar.

Os paes de Mogarem encommendavam de Belgão as mais ricas sedas e damascos ás caravanas dos Gattes; perolas e pedras finas aos ourives e commerciantes de Baçaim e de Ceilão; fructos, cristaes e coxins, aos da Persia. As bailadeiras e tocadores dos arredores recebiam aviso para se prepararem, planeava-se e descreviam-se os fogos e as illuminações para oito noites de festa. Riam todos e folgavam na embriaguez da esperança.

Mogarem, de longe em longe, e no meio de uma abstração ininterrompida e serena, sorria mas não fallava! Timida alegria de virgem, ou impotente resignação de victima?

No mar íam e vinham, do caes do arsenal aos navios, e dos navios ao caes, escaleres e fragatas que transportavam munições, armamentos e soldados.

N'um dos navios estava D. Fernando; no arsenal D. João de Castro; este enviando, aquelle recebendo os provimentos e os seus companheiros de gloria.

Entre os soldados que andavam arrumando as munições travam-se dialogos caracteristicos, de que só algumas palavras soltas se podem colher.

Ouçâmos o que fôr possivel:

—Que tal será esta, zanaga? anda-te o cabello arrepiado!

—É falta de pente, ou de tosquia.

—Lá em Diu te farão a marrafa.

—Veremos! já somos conhecidos antigos e á falta de santos oleos tenho-lhes posto o sal na molleira.

—E elles, não te fizeram zanaga?

—Fizeram e não tiveram grande juizo. Apartaram-me os olhos, fiquei a vêr para todos os lados.

—Então a cidade tem muralhas?

—As muralhas é que têem lá uma cidade. Tu em lá estando não tens medo, só se fôr dos mosquitos, que trepam á escalada como os marinheiros ás vergas.

—O capitão d'esta vez é que é novo.

—Sim, mas é filho d'aquelle pae que lá anda a manobrar no caes.

—Bom tronco.

—E bonito ramo; parece um palmito.

—Se o moiro lhe bota o dente vae de duas mastigadellas; é tenro...

—Talvez, mas como é fructo verde ha de lhe amargar a bôca.

—E demais elle já fez uma africa que eu não sei se seria capaz de fazer; aquella do tigre foi boa.

—Creança que mata um tigre e gosta das femeas, tem as inquirições tiradas. Fica-te n'isto, mordango: menino que venha do reino e apanhe este raio de sol, é cousa de tres dias—está homem.

—E elle já gosta?...

—Pateta! Já o viste dar alguma palavra aqui? Para onde olha elle?

—É verdade!

—Acerta a pontaria por a d'elle e vê se descobres o alvo.

—O zanaga!...

—Psiu! Se aquellas mangueiras dessem todo o anno mangas assim e á descripção...

—A gente arrebentava com indigestões.

—Em Diu não ha de haver d'aquillo!

—Ha de haver de tudo, e em a gente os cravando nas muralhas vae-se pelo mar Vermelho acima a consolar as viuvas... Então! trabalhas ou ficas-te de costa direita a scismar nas mangueiras?

—Para te dizer a verdade, eu já me estava a vêr no mar Vermelho.

—E os moiros?

—Ficavas tu a matal-os quando me fiz ao largo.

Até o zanaga se riu e ficou muito mais feio.

No caes do arsenal, D. João de Castro depois de escolher e fazer embarcar as melhores armas e munições, falla a um grupo de velhos soldados de rostos queimados e cicatrizes avermelhadas.

Um frade pensativo e pallido está no grupo; é Francisco Xavier.

—Uma só recommendação vos faço, dizia D. João de Castro aos soldados, se Diu caír em poder dos moiros, que nenhum de vós me traga a má nova. Eu irei reconquistal-a e mandarei erigir um tumulo onde serão gravados todos os vossos nomes.

—Nós já os conhecemos e os moiros bem sabem como as colubrinas dão os bons dias. A festa ha de ser luzida. D. João de Mascarenhas é um grande fidalgo.

—Quem elles ainda não conhecem é aquelle capitão que lá está de bordo a olhar para os arvoredos da alfandega.

—Havemos de arranjar-lhe um casamento de estrondo. Talvez seja o unico solteiro que vae na ronda.

—Que dizeis, loucos?

—Dizemos que vae casar. Qual é o soldado de Diu que se conserva solteiro?

—E casa com uma femea já avelhantada e viuva de mais de vinte maridos, que lá solteiras e virgens é que não ha, nem estas que de cá vão.

—As nossas lá estão á espera, caladas e debruçadas sobre aquelles muros, a estender a vista pelo mar adeante... Cá vamos senhoras, cá vamos, e aqui vae polvora e chumbo até se acabar o mundo.

—A fome ha de dar em indigestão.

—Sem offensa de nenhum de nós, como elle é o mais bonito ha de casar com a *tigre*[1].

—Pudera! se ella é a maioral e a que melhor canta.

—Vejo-vos triste, frei Francisco.

—Tenho saudades, senhor. Que faria eu em Diu se fosse na expedição?

—Convertei gentios, santo padre, os moiros levam-se

[1] Ha em Diu uma peça de artilheria que tem esta inscripção: —Eu sou o tigre exforçado, por onde me mandam passo.—

por outras praticas. Eu conheço-os muito. E depois... não acreditaes que eu tenha saudades tambem?

Dizia o viso-rei ao ouvido de Francisco Xavier.

Alta noite no bambual da estrada de Cumbarjua despediam-se entre soluços os dois amantes.

—Esperas por mim, Mogarem? dizia D. Fernando estrelejando-lhe de lagrimas os perfumados cabellos.

—Espero, e se morres, morro.

Foram as derradeiras palavras, se não foram as unicas que irromperam dos seus corações tão saturados de amargura.

Momentos depois D. Fernando caminhava em direcção a Goa; sentiu passos, parou e achou-se em presença de frei Francisco Xavier.

—Padre, exclamou elle, ajoelhando de improviso e beijando-lhe a orla do escapulario, ahi fica a minha alma! perdoae-me e lançae-me a vossa benção. Eu amo-a, padre, ella é gentia, mas o nosso Deus é grande. Se quereis que eu seja fórte e que meu pae não tenha que envergonhar-se de mim, jurae-me que velareis por ella!

—Erguei-vos e ide em paz, meu filho; confiae no servo do Senhor.

N'essa mesma noite e no salão do docel dizia D. João de Castro a um grupo de cavalleiros que se despediam e que com D. Fernando íam marchar para bordo:—«Quem me dera trocar as prisões de meu cargo pela vossa liberdade de soldados!» E para D. Fernando:—«Eu vos mando filho com este soccorro a Diu; encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes; fazei pormerecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho [1].»

E D. Fernando depois de beijar a mão a seu pae partiu para não mais voltar.

(Continua.)

UM RETRATO

(Fragmento)

É fragil como flôr que um sopro offende;
é vaporosa como a leve ondina,
que ao saudoso clarão da lua cheia,
pendida sobre a fonte se penteia,
ao liso espelho d'agua cristalina.

Sobre a azul morbidez dos olhos bellos,
grandes, profundos, são divino enfeite,
os doirados anneis de seus cabellos,
a cingirem-lhe um rosto côr de leite.

A bôca é rosea flôr que se entreabria,
ao lascivo beijar da madrugada;
que tem sêde, que o orvalho não sacia,
e que palpita, sofrega e córada!

As mãos d'uma rainha; a fronte altiva;
languido o riso; desmaiada tez.
Ás vezes seria, absorta, pensativa,
a reflectir-lhe o olhar o extranho pasmo,
de quem sonha com o céo, e o viu... talvez!
outras vezes a rir-lhe despiedoso,
nos frescos labios o cruel sarcasmo!

[1] Jacinto Freire de Andrade.

Logo depois ao impulso mysterioso,
da inconstancia que a rege e que a domina,
resuscitando á sua voz divina
nos mortos corações, a morta fé;
e ao tocar c'o a varinha feiticeira
nos rochedos sem gallas nem verdores,
por entre as pedras desabrocham flôres,
que ella indiff'rente esmagará com o pé!

Enygma eterno! feminil Proteu,
que fascina, endoidece, e desespera!
Mulher, demonio, fada, anjo do céo,
creança ás vezes, e outras vezes... féra!
Quando Deus a creára tão formosa
depôz-lhe um sceptro na pequena mão,
e ella risonha, esquiva, caprichosa,
dominadora sempre, nem sabia
que da mulher o celestial condão,
não é ter por vassallo o mundo inteiro,
não é ser bella, e moça, e altiva, e rica,
é deixar-se immolar, manso cordeiro,
e bemdizer o algôz que a sacrifica!...

Pinteus. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

LIVROS E FOLHETOS

Vou gostosamente registar as obras que ultimamente me foram enviadas por seus auctores ou editores, agradecendo a uns e a outros a honra que fizeram a esta publicação, lembrando-se d'ella.

O ANNEL MYSTERIOSO—Á PORTA DO PARAISO. Assigna estes dois romances o sr. Alberto Pimentel, moço escriptor dotado de talento e que tem sido incansavel trabalhador no genero de litteratura a que pertencem os livros mencionados.

No primeiro acha-se entretecida com descripções dos principaes episodios da guerra peninsular, nos quaes estão pintados com brilhantes tintas os horrores que o Porto presenceou por occasião da invasão franceza, a fabula do romance em que figura como protogonista, um typo popular que foi por alguns annos o alvo das assuadas do rapazio d'aquella cidade. Acompanha este personagem durante uma parte do romance, a poetica figura de Rosina Regnau, que o auctor cérca de attractivos e encantos que mais tarde se reproduzem em Augusta, creança não menos gentil e sympathica do que a anterior.

A attenção do leitor prende-se facilmente ao desenvolvimento da acção, que é sempre ornada pelas galas de um estylo claro e agradavel onde avultam pensamentos mimosos como o que se encontra nas seguintes linhas, a proposito de Augusta ajoelhar, sem resar, defronte da sepultura da mãe, que morrêra ao dal-a ao mundo:

Não resava porque ninguem a tinha ensinado a resar. A falta das mães é tamanha que até Deus a sente.

No segundo livro, um enredo simples serve de pretexto á narração melancolica e sentida, exclusivamente consagrada á memoria do chorado rei D. Pedro V. Exaltam-se n'aquelle formoso escripto as excelsas qualidades do malogrado soberano, que tão cedo desappareceu da terra, registando-se outrosim muitas particularidades da vida publica e privada do finado monarcha.

Este livro tem sido procurado com muito interesse, valendo ao auctor merecidos elogios da critica mais severa e conspicua do paiz. Bem fizeram, pois, os srs. Lucas & filho em o incluir na *Bibliotheca universal* de que são editores.

EDUCAÇÃO POPULAR.—Os referidos editores emprehenderam uma nova publicação, sob este titulo, dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brazil. Esta publicação formará uma encyclopedia instructiva e amena, collaborada pelos principaes homens de letras e dirigida pelo sr. Pinheiro Chagas.

O primeiro livro trata da *Guerra peninsular*, e é escripto pelo sr. Pinheiro Chagas em estylo facil, mas brilhante. Em 132 paginas, que tantas são as de que se compõe a obra, não é possivel historiar mais largamente os duros sacrificios por que passou o paiz n'essa época nefasta, de permeio com as glorias que alcan-

çou nas lutas famosas sustentadas contra as hostes aguerridas e vencedoras, que depois de assoberbarem quasi toda a Europa, tamanhos revezes soffreram na peninsula.

É digno de lêr-se o livro do sr. Pinheiro Chagas; as pessoas mais doutas encontram n'elle os attractivos que ornam todas as obras do talentoso escriptor, as menos instruidas aprendem, consultando-o, uma parte da historia gloriosa do seu paiz, concernente a uma época relativamente moderna, e da qual ainda hoje existem alguns individuos.

Mais quatro volumes estão já publicados pertencentes á mesma encyclopedia. São todos escriptos pelo talentoso director d'ella, e intitulam-se: — *As cruzadas* — *Dramas do mar* — *O ultimo rei cavalleiro* e — *Vulcões e tremores de terra*. Estes livrinhos satisfazem cabalmente, como o primeiro, ao fim a que se propõe a util publicação emprendida pelos editores Lucas & filho. Da leitura das *Cruzadas* resulta o adquirir-se instrucção sobre um ponto de historia, que não é permittido ignorar nem mesmo ás pessoas de medianos conhecimentos. Nos *Dramas do mar* encontra-se uma serie de interessantissimas descripções de scenas terriveis occorridas por occasião de alguns naufragios celebres de navios portuguezes, francezes, inglezes e hollandezes. O desenho dos sinistros quadros d'essas catastrophes medonhas é feito com a correcção e vigor indispensaveis em assumptos d'esta natureza. *O Ultimo rei cavalleiro* é a descripção minuciosa dos factos succedidos na época celebre da historia portugueza, em que os ardores bellicos de um rei tão moço quão enthusiasta pela gloria colhida nos campos da batalha, pozeram fim a uma dynastia a que estão ligadas tradições gloriosissimas que ainda hoje são honra e luz para o nosso paiz. Por ultimo, o volume intitulado — *Vulcões e tremores de terra*, trata do assumpto que o seu titulo denuncia, narrando circumstanciadamente a catastrophe succedida em Lisboa no dia 1 de novembro de 1755.

A publicação dos srs. Lucas & filho é por todas as rasões merecedora da protecção do publico.

Noites de insomnia. — Com este titulo começou a publicar o illustre romancista o sr. Camillo Castello Branco uma collecção de pequenos volumes, formando uma *Bibliotheca de algibeira*, da qual é editor o sr. Ernesto Chardron, livreiro do Porto e um dos industriaes mais emprehendedores estabelecidos no paiz.

Sae em cada mez um volume de 100 paginas, de formato elegante e impresso em bom papel. Os cinco volumes até hoje publicados, contêem narrativas engraçadas, esboços de romances e esclarecimentos sobre factos historicos antigos, aos quaes o sr. Camillo Castello Branco faz commentarios judiciosos e interessantes. Entre as narrativas avulta a denominada *Egas Moniz*, na qual se denuncia a triste verdade de que existe na cidade do Porto um descendente do aio de Affonso Henriques, sem um pedaço de pão para matar a fome de seus filhos!

Em o numero quatro, correspondente ao mez de abril, vem um excellente artigo, que muito deverá interessar aos nossos leitores tanto de Portugal como do Brazil. Transcrevo-o com a devida venia.

Litteratura brazileira

« Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portuguezes em se fornecerem de livros brazileiros. Nomeavam-se de outiva os escriptores distinctos do imperio, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliothecas publicas era escusado procural-os. Em compensação, sobravam n'ellas as edições raras de obras seculares que ninguem consulta.

« O mercado dos livros brazileiros abriu-se, ha poucos mezes, em Portugal. Devemol-o á actividade intelligente do sr. Ernesto Chardron. Foi elle quem primeiro divulgou um catalogo de variada litteratura, em que realçam os nomes de mais voga n'aquelle florentissimo paiz. Ahi se nos deparam, entre os poetas, Gonçalves de Magalhães, o correcto e sublime auctor da *Confederação dos tamoyos*; o lyrico e arrojado Alvares de Azevedo; o primaz dos escriptores brazileiros, e chorado Gonçalves Dias; o esperançoso devaneiador, fallecido no viço da idade, Casimiro de Abreu; Junqueira Freire que primou nos segredos da melodia e já não é d'este mundo; e o severo e cadencioso poeta de *Colombo*, tão estimado dos nossos. Entre os romancistas o fecundissimo Joaquim Manuel de Macedo, que disputa a supremacia a J. de Alencar, que tanta nomeada grangeou com o seu *Guarany*. Não lustram menos as novellas mimosissimas de Luiz Guimarães, e as arrobadas mesclas de prosa e verso de Machado de Assis. Em litteratura didascalica sobresaem os valiosos escriptos do professor, o sr. conego Fernandes Pinheiro, nomeadamente o *Resumo de historia litteraria*, que muito se avantaja a uns esbocetos que em Portugal circulam nas escolas, e — o que é mais deploravel — nos estudos secundarios. São notabilissimos todos os livros do sr. J. M. Pereira da Silva, já na sciencia historica, já na politica, e ainda no romance, tão prosperamente estreiado na *Aspazia*. Sobre tudo, porém, os *Varões illustres do Brazil* e a *Historia da fundação do imperio brazileiro* são obras que denotam profundo estudo e muito engenho na boa disposição dos elementos e critica dos personagens historicos. Em varia sciencia, em livros elementares, em lexicologia, e ainda sobre motivos de religião, é copioso o catalogo da livraria Chardron. Esta variedade argue a fertilidade de intelligencias que ajuntam á riqueza congenial d'aquelle solo os thesouros do espirito. E muito importa e cumpre observar que os brazileiros modernamente nos não cedem no zelo de imitar a linguagem pura dos grandes escriptores portuguezes dos seculos de ouro.

« Não esqueçamos, todavia, que o impulsor d'este brilhante movimento litterario no Rio de Janeiro, e por isso em todo o imperio, é o livreiro editor Garnier, espirito emprehendedor que tanto faz luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados. Quem calcular o despendio grande de emprezas similhantes n'aquelle paiz, deprehenda o quanto cumpre que seja robusto e afouto o pulso que removeu as immensas difficuldades com que ha trinta annos lutavam os escriptores do Novo-mundo para se fazerem conhecidos. Coube esta gloria e este triumpho ao sr. Garnier.

« Falta dizer que os preços dos livros offerecidos no catalogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são modicos, reduzidos, e inferiores ao preço corrente das obras portuguezas de igual tomo.

« E, pois que estou agradavelmente recommendando livros de brazileiros, seria injustiça não graduar de passagem ao menos o merito de uma obra que recentemente saiu dos prélos portuenses. É o *Estudo sobre a colonisação e emigração para o Brazil*. É seu auctor o sr. Augusto de Carvalho, que tão grave e prestadiamente abre carreira de escriptor, em annos ainda muito na flôr, e com o espirito já a fructear as mais sensatas considerações sobre as questões controversas inculcadas no titulo da sua obra. Á substancia do livro allia-se o primor da fórma, a propriedade do termo, a chaneza eloquente, e, a espaços, a elevação do estylo que não innubla a clareza da idéa. É o sr. Augusto de Carvalho um brazileiro que nobilita as letras da sua patria, e está grangeando um logar entre os melhores escriptores, e, desde já, o tem distincto entre os bons pensadores e cultores de idéas proficuas. Congratulo-me com os seus conterraneos. »

Scenas de lisboa. — Assim se denomina o primeiro romance de uma *Bibliotheca sem nome*, cuja publicação emprehendeu um jornalista da capital. É auctor do volume o sr. D. Thomaz de Mello, moço muito conhecido em Lisboa, e a quem as letras deviam já alguns trabalhos apreciaveis. O titulo da obra e o nome do auctor despertaram curiosidade nos consumidores de livros portuguezes, com o que auctor e editor muito folgaram. O romance tem interesse, e, se algumas vezes encerra exagerações nos quadros horrorosos que nos apresenta, e pelos quaes se podem aferir os costumes de um povo, que, em boa verdade, não é tão depravado como poderá parecer a quem não o conhecer bem e lêr o livro, n'outras revela observação e tem verosimilhança nas descripções e nos episodios. Isto denota faculdades muito valiosas no sr. D. Thomaz de Mello, a quem eu rogaria, se me fosse permittido dirigir-lhe um pedido, que continuasse a dedicar a sua attenção ás lidas litterarias, das quaes póde tirar grande proveito para o seu nome de escriptor. Algumas gravuras, cujo desenho se deve ao lapis espirituoso do sr. Bordallo Pinheiro, acompanham o livro.

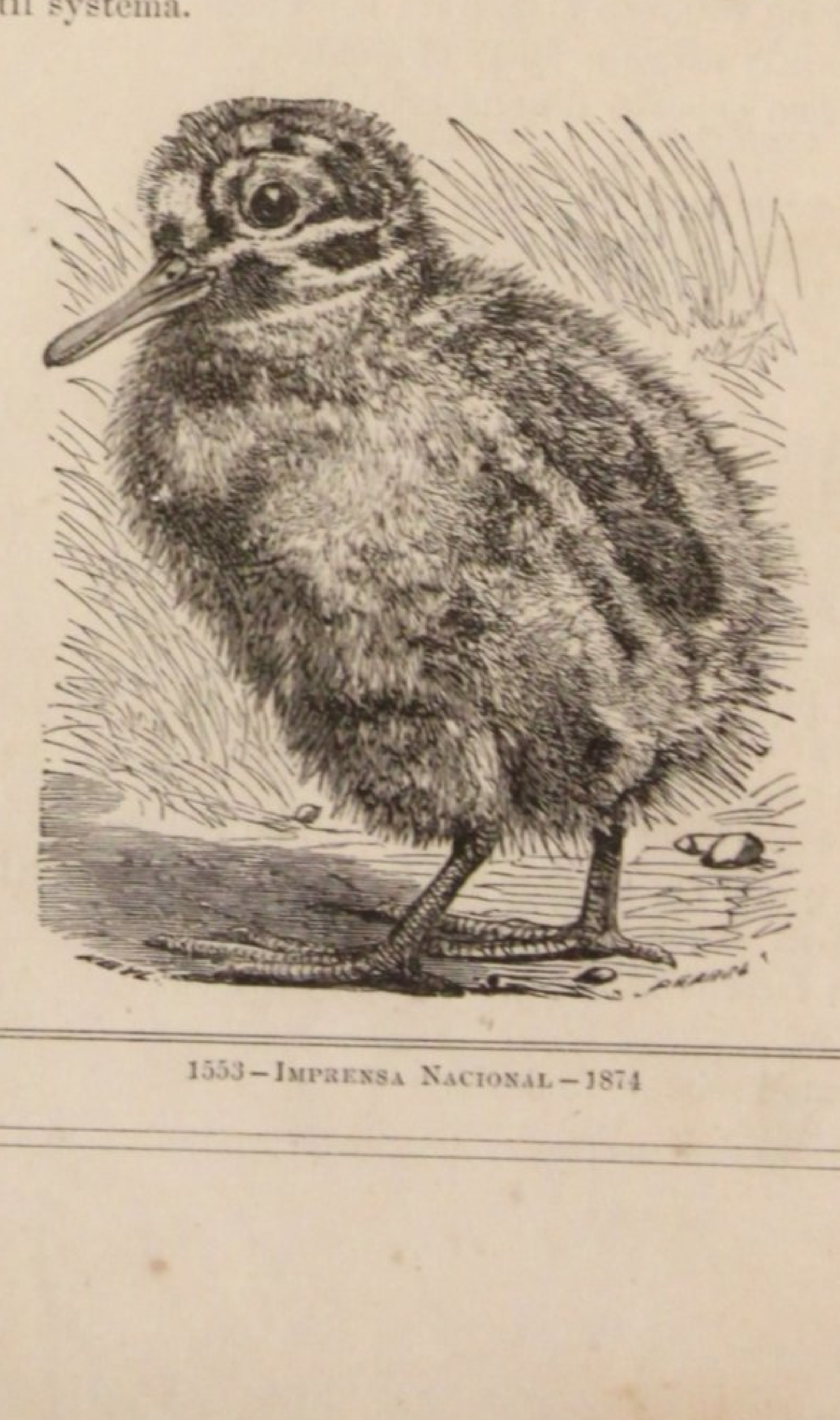
A mulher de cesar. — Em folheto de 21 paginas publicou o sr. Sousa Viterbo a sua excellente poesia assim intitulada. Se a idéa da obra não é das mais sympathicas, a belleza, o arrojo e a originalidade de alguns versos, e outras qualidades litterarias que se encontram no ultimo trabalho poetico do sr. Sousa Viterbo, resgatam de sobra aquelle senão. A poesia é dedicada ao sr. dr. Thomaz de Carvalho.

(Continua). RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Por occasião do naufragio do *Ville du Havre* perdeu-se o quadro de Meissonier *Os tres amigos*, que fôra seguro em réis 10:800$000.

O sr. Duranty tem publicado varios artigos tendentes a estabelecer em França um novo systema de ensino, denominado *par les yeux*, o qual consiste em povoar todas as superficies nuas das escolas, como paredes, tectos, etc., de pinturas que representem desde a abobada celeste e a serie dos pesos e medidas até os factos mais notaveis da historia universal, tornando assim as escolas em logares attrahentes, especies de museus onde as creanças desejem ir e estar. Parece que na Belgica, na incansavel e emprehendedora Belgica, se estão fazendo experiencias para a adopção d'este util systema.



1553 — Imprensa Nacional — 1874



Typ de Christovão A. Rodrigues.

MARIA STUART RECEBENDO A SENTENÇA DE MORTE

Quadro de Wehle

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



NUMERO 2—LISBOA—3.ª SERIE

MARIA STUART RECEBENDO A SENTENÇA DE MORTE

Se ha personagem da historia, ácerca do qual a critica tenha esgotado todos os seus requintes de analyse, sem conseguir a verdade, é de certo Maria Stuart, a gentil, a formosa, a sensivel mulher, a cujos encantos fataes e feiticeiros a ninguem era dado resistir, como diz a celebre lady Douglas no magnifico romance de Walter Scott, *The Abbot*.

O collecionador, que amontoasse tudo o que se ha escripto sobre essa mulher extraordinaria, que foi rainha de França e da Escossia e morreu no cadafalso, teria uma explendida bibliotheca, onde fulgiriam os primeiros nomes da litteratura, desde Hume e Robertson até lord Macaulay e Schiller. Poetas, historiadores, monographos, artistas e sabios, quantos e quantos têem pretendido cinzelar esse busto, retratar esse rosto, descrever essa mulher, cuja vida tormentosa, trabalhada, episodica, é um verdadeiro poema, é uma das mais completas personificações femininas, que se destacam da tela da humanidade.

Mixto heteroclito de altivez e sensibilidade, de frieza e arrebatamento, de leviandade e contumacia, de odio e amor, de energia e timidez, de dignidade e baixeza, de fanaticas severidades e desenfreadas paixões; tal é Maria Stuart como caracter moral.

Contar-lhe a vida accidentada, posto que em mui resumido trêcho, não cabe nos limites d'este artigo descriptivo.

Maria Stuart é mais do que um personagem, é uma lenda, um principio, uma personificação e sobretudo e mais do que tudo, é a mulher de formosura explendida, irresistivel, com todas as seducções e prestigios de realeza, da graça, da poesia, da erudição e da intelligencia cultissima.

Girava-lhe nas arterias o sangue calido dos Guises, desses principes lorenos, que governaram a França durante um seculo, que representaram o principio catholico, que firmaram a realeza, julgando que a destruiam para succeder á casa de Valois. Lorena, pela mãe, Margarida de Guise; escosseza e Stuart, pêlo pae, o representante de Roberto Bruce; educada na côrte *raffinée* de Henrique II de França, em que Diana de Poitiers deixára no escuro a terrivel e vingativa filha dos Medicis; mal saída da adolescencia desposára Francisco II, cuja existencia breve acabou.

Foi então que o parlamento escossez exigiu o seu regresso á patria, sobre a qual havia de reinar.

Quem não conhece a magnifica pagina de Brantôme, em que o chronista descreve a grande e negra melancolia da formosa e delicada mulher, que deixava a côrte mais luxuosa do mundo para ir governar um povo semi-barbaro, revolto, sanguinario, onde aos odios do feudalismo se juntavam os odios de religião, fomentados por essa panthera de elevada intelligencia, a famosa Izabel de Inglaterra? Quando no horisonte esfumado desapparecia a terra, exclamava Maria Stuart: *Adieu, France, plus ne te reverrai!*

A Escossia, commovida pela palavra ardente e severa de Knox, discipulo de Calvino, um d'esses fanaticos austeros, que fundaram a religião reformada; a Escossia não podia supportar a governação de uma mulher fraca, amoravel, lasciva e caprichosa, que symbolisava o principio catholico em toda a sua plenitude. Por outro lado, Izabel de Inglaterra, que, segundo os catholicos, era bastarda de Henrique VIII e usurpadôra, via em Maria não só uma belleza muito superior, mas uma pretensôra ao throno.

Rivalidades de mando, rivalidades de belleza, rivalidades de religião, tal era o abysmo que dividia as duas mulheres, taes os motivos d'essa lucta sangrenta, cujo derradeiro episodio é o que representa a nossa gravura, copia de um quadro afamado.

Ambas estas mulheres tiveram os seus Plutarchos apaixonados e os seus biographos parcialissimos, assim como em vida tiveram os seus adoradores, ou antes, amadores, porque a castidade de qualquer d'ellas é uma negação absoluta.

Os escriptores catholicos endeusam Maria Stuart e amaldiçôam Izabel; os protestantes levantam esta á apotheose e votam aquella ás gemonias. E por tal arte as duas rainhas representavam os dois principios politico-religiosos, implacavelmente adversos e exclusivos, que ainda hoje os auctores inglezes não se desprendem dos laços tradicionaes. O *whig* campeia por Izabel; o *tory* terça por Maria. Esta, porém, foi victima e aquella algoz.

Maria era formosa, sem senão; possuia todos os encantos da mulher; sabia perdoar muitas vezes; tinha todas as fragilidades suaves e todos os requintes arteiros. Que muito é pois que a poesia romanesca, o estudo superficial, a natural sympathia pela victima lhe circundem a fronte d'essa auréola dos martyres impollutos, que morrem sacrificados em holocausto á ambição e á politica sem entranhas?

E todavia a historia severa e imparcial chega á triste conclusão de que, a gentil e doce Maria, essa, que mandou matar o esposo, o desvairado e imbecil Darnley, para caír nos braços ensanguentados do criminoso Bothwell, o devasso, tambem sabia ser panthera, e que, se os papeis se trocassem e se Izabel caísse na cilada tecida pelos roseos dedos da filha dos Guises, a cabeça havia de rolar-lhe no cêpo.

Foi Isabel a vencedora. Não soube perdoar. Por largos annos a encerrou e a final matou-a.

A filha de Henrique VIII, e de Anna de Boleyn, impudica, lasciva e sanguinaria, não era capaz de abrir a gaiola, onde jazia o passaro gentil. Mas désse liberdade ao rouxinol dos bardos escossezes, e a historia diria como a philomela se transformára em aguia, cujas garras se cravariam impiedosas na rival.

Repetimos. Entre aquellas mulheres, que se digladiavam, havia a lucta de dois principios oppostos e irreconciliaveis. A mais fraca havia de morrer. Não santificamos o assassinio. O crime é sempre crime. Mas nada mais barbaro e cruel do que a logica.

Maria Stuart foi, como disse um grande pensador inglez, a rainha mais mulher que tem havido, a creatura mais incompativel com as exigencias d'aquelle seculo de luctas sombrias, implacaveis e sem mercê. Os ultimos momentos da mulher são admiraveis. Ha o drama shakespeariano, fremente, brutal n'aquella sentença de morte, apoz um longo captiveiro, em que as blandicias hypocritas e felinas de Izabel mostram aos olhos espavoridos da historia os lobregos e insondaveis abysmos da pravidade humana em toda a sua nudez hedionda.

Izabel assigna a sentença fatal e derrama lagrimas de crocodilo. Depois, quando recebe a nova, quando sabe que o cutello do algoz completou a obra sinistra, exclama que lhe extorquiram o consentimento. E n'esse remorder da consciencia senil morreria certamente de pezar se o bom povo de Londres não illuminasse a cidade, cheio de regosijo e jubilo. Eterna hypocrisia do crime, que ainda nas suas mais nefandas ferocidades, cobre o rosto com a mascara da virtude.

Maria Stuart, cuja morte heroica estava presagiando o triste fim da sua raça, soube conquistar um logar excepcional no extenso martyrologio da rasão do estado.

A gravura representa-a quando o conde de Kent lhe intíma a sentença. No rosto sereno, cujas linhas harmonicas e estatuarias a ferrea mão da desgraça não poude obliterar, divisa-se a coragem e a resignação.

D'alli a pouco, abraçada a um crucifixo, pousava a cabeça no cêpo, exclamando: *rainha nasci, rainha morro.*

N'estas palavras resume-se o drama e são ellas que ainda lhe estão propiciando os manes e o renome perante a posteridade.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARÍS

(Continuação)



Os trabalhos da edificação principiaram sem delonga. Em junho tinha o jury deliberado; em julho procederam os geometras ao traçado das ruas e determinaram o perimetro do edificio; em agosto andava-se em excavações á finca.

As exigencias que em tempo haviam sido feitas ao architecto eram de uma diversidade e magnitude incalculaveis. Demandavam-lhe entradas faceis, um grande espaço abrigado, onde, em um quarto de hora, se pudesse dar vasão a tresentas carroagens, uma casa de guarda para vinte cinco homens de infanteria, outra para dez de cavallaria. Tres escadas principaes, salões de espera, vestiarias, gabinete do commissario de policia, emfim, para não descermos a minucias, tudo quanto a previdencia póde requerer, tudo se havia alliado com a sumptuosidade.

Foram difficeis de começo os trabalhos da construcção. Tornava-se indispensavel um amplo subterraneo para guardar os machinismos e adereços. Para isso convinha aprofundar 15 metros. Ora baixando-se ahi entrava-se desde logo no dominio das aguas, que são certas n'aquella zona de Paris. Não bastava, porém, minar, esgotar, construir o solo e as paredes; era mister que as aguas circumstantes não estivessem em immediato contacto com os muros.

Foi isto labutação de um anno, na qual se empregavam 8 bombas, movidas por 8 machinas a vapor da força total de 48 cavallos.

Para se fazer idéa da quantidade de agua absorvida pelas bombas, imagine-se que ella deveria cobrir o pateo do Louvre dando-lhe em altura vez e meia as torres de Notre Dâme. D'aqui resurtiram novos embaraços. N'um raio de mais de um kilometro seccaram todos os poços. Eram constantes as reclamações dos proprietarios esbulhados d'aquelle elemento, e inquietos por não saberem se elle tornaria. Com o tempo voltou de novo. A 21 de julho de 1862 lançava-se a primeira pedra do novo theatro. No fim do anno os trabalhos da edificação podiam dar-se por concluidos.

Deixando agora as profundezas para observar o aspecto geral do monumento, bastará dizer, calculando o volume de todas as construcções, que o cubo por ellas representado é proximamente de 430:000 metros, quando o volume total do Pantheon é de 190:000 e o da Bolsa apenas de 106:000 metros.

A fachada é uma das mais conhecidas obras architectonicas. No dia em que os olhares do publico a devassaram o sentimento da admiração foi entranhado. O desenho póde indicar a harmonia do conjuncto, a elegancia dos contornos, a abundancia da ornamentação, mas não pode traduzir o magestoso effeito d'este lavor de Garnier. O architecto recorreu aos marmores e aos metaes mais diversos e variados para formar como que uma vasta palheta, onde se encontrassem todos os matizes do colorido. Monolithos de Ravière contrapõem-se ás pedras vermelhas do Jura; os marmores de l'Echaillon encimam os balaustres de marmore verde da Suecia. No brocatel violeta firmam-se os grupos em bronze dourado que dominam os angulos da fachada. Corôa-se esta com o *Apollo* de Millet, solevantando a lyra de oiro. As fachadas lateraes são mais sobrias. O emprego dos marmores é mais raro. Os pavilhões, que, a um e outro lado quebram a uniformidade das linhas, têem tido gabos unanimes. Cada um d'elles mostra o seu aspecto distincto. No intervallo das janellas estão bustos de musicos, a saber: á direita, Monteverde, Durante, Jomelli, Monsigny, Grétry, Sacchini (esculptor, Walter); Lesueur, Berton, Boieldieu, Herold, Donizetti, Verdi (esculptor, Bruyer); á esquerda, Cambert, Campra, Rousseau, Philidor, Piccine, Paisiello (esculptor, Itasse); Cherubine, Mehul, Nicolo, Weber, Bellini e Adam (esculptor, Denéchaux).

Da extremidade da rua Gluck vêem-se em perfeita summa todas as fachadas lateraes do theatro.

Um edificio tem que indicar pelo exterior o destino de cada um dos seus corpos. É o que este revela tão claramente quanto é possivel. Ao primeiro, que comprehende os vestibulos e escadarias, succede a sala, cuja cupula se levanta, denunciando a fórma interna do recinto pelo seu molde circular. Em seguida, apoz a scena, vem as construcções mais modestas para gabinetes de administração e camarins dos artistas.

Revertendo á parte ornamental da opera, e fallando

dos grupos que personificam as varias manifestações das bellas artes, convem especialisar a *Dansa* de Carpeaux, grupo exageradamente *realista*, que provocou tantos applausos de uns como censuras de outros. Mulheres de carnadura flacida, olhar sensual, corpo em requebro de bacchante, e enlaçando-se n'um movimento de voluptuosa ebriedade, tal foi o que saiu do cinzel do artista. Um dia,—como que para vingar a moral,—arremeçaram a uma das figuras um frasco de tinta,—ficando uma grande mancha no quadril da dansarina. Tão continuas se tornaram as exprobrações,—não diremos por conta da arte, mas por conta da virtude,—que em 1869 uma ordem do ministerio mandou que o grupo fosse transferido para o interior do theatro.

Se o quizessemos acompanhar devassando as magnificencias do salão, por longas horas as estariamos descrevendo.

Escadas amplissimas, galerias vistosas, os marmores brancos de Serravezza guarnecidos pelas balaustradas de onyx, columnas innumeras, mosaicos deslumbrantes,—o maravilhoso da luz reflectindo-se no granito roseo dos Vorsges, no jaspe do monte Branco; e em noites de festa, o ondear da multidão elegante, o brilho das sedas, das bordaduras, dos diamantes, dos olhos que se cruzam, ás vezes muito mais fulgidos ainda,—e tudo isto confundindo-se, mesclando-se, augmentando o explendor de entorno,—eis o completo d'esta sala dado n'um traço,—do qual não saberá fazer quadro a imaginação mais exuberante.

No que respeita á scena, propriamente dita, continua a observar-se a mesma grandeza. Uma commissão presidida por mr. Regnault, membro do instituto, e director da manufactura de Sèvres, foi encarregada de propôr os necessarios melhoramentos quanto á parte do machinismo theatral. As principaes innovações consistiram na adopção dos pannos de fundo circular devendo produzir o effeito de panorama, e n'um systema para baixar ou erguer mechanicamente o tablado, ou apenas uma parte d'elle.

Não esqueça mencionar-se a bibliotheca e os archivos.

A primeira, entregue aos cuidados de Ernesto Reyer, possue numerosos fragmentos authenticos dos mais celebres compositores, muitos actos de Gluck, tres obras de Rousseau, um trecho de Haydn, e muitos outros,—na maior parte ineditos,—devidos a Grétry, Spontini, Cherubini, Mehul, Rossini, Meyerbeer, etc.

Os archivos encerram os documentos da administração, contas e correspondencias a datar de 1730. A administração da opera desde a sua origem, tem estado nas mãos de sessenta e tantos directores. Lully teve uma boa estrella que nem sempre acompanhou os seus successores.

Póde-se computar em um milhão cento e sessenta mil o numero de jornaes a operarios de todas as especies. Entre os materiaes empregados contam-se mais de 800:000 metros cubicos de pedras, 20:000 metros de gesso, 5:000:000 tijolos, 10.000:000 kilogrammas de ferro e 340:000 kilogrammas de chumbo. As despezas de construcção sobem a 28.000:000 francos.

O novo theatro da opera acha-se concluido exteriormente.

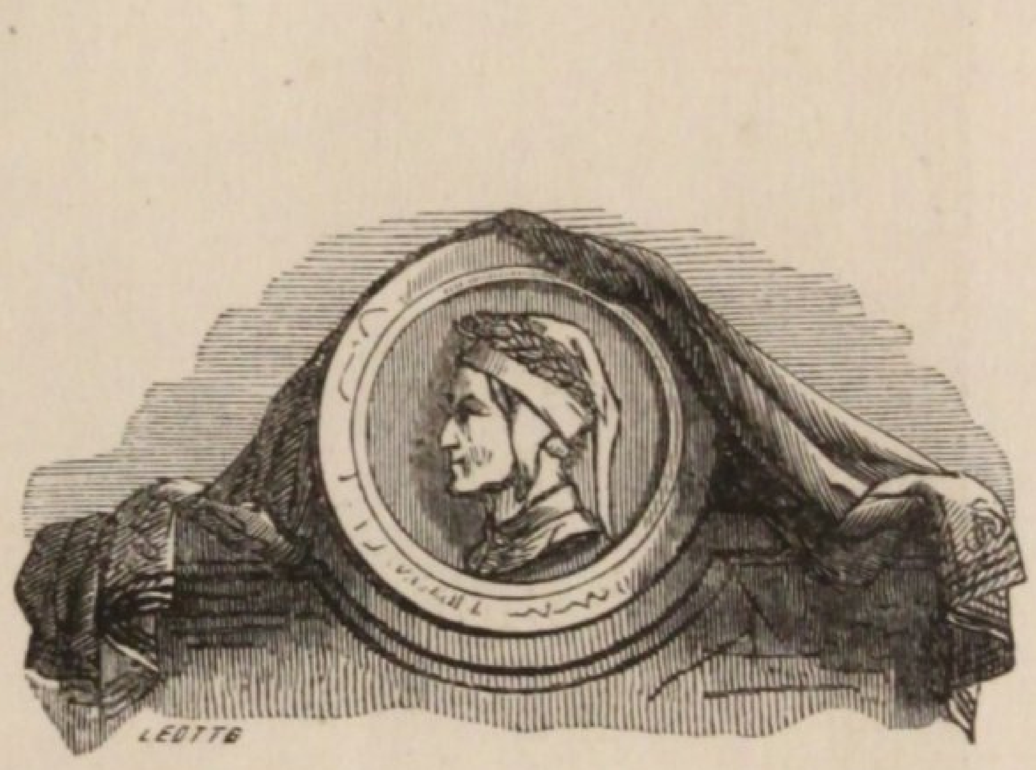
Quanto á parte interna ainda tem que sujeitar-se a diversas modificações e aperfeiçoamentos. A sala actual contém logares para 1:780 pessoas, mas fica-los-ha tendo para 2:194.

A questão do melhor modo de ventilar o edificio sem prejuizo dos espectadores foi entregue a uma commissão, presidida pelo general Morin, recommendando-se entre os projectos apresentados o de mr. Hamelincourt. Para obviar a qualquer fatalidade de incendio, as proprias aguas, que tanto embaraçaram os trabalhos iniciaes, são as que hoje se prestariam como salvadoras. Alem dos reservatorios alimentados pelos conductos ordinarios da cidade de Paris, ha dois poços inteiramente independentes do curso do Sena. Na proximidade da entrada das carroagens ha um elevador para os que, não podendo subir as longas escadarias, quizerem ter o seu logar sem fadiga.

São estes, ao correr da penna,—os pontos salientes d'esta obra,—uma das mais notaveis que modernamente se tem levado a cabo na Europa. Ainda que o estylo se opulentasse das maiores galas, ficaria descorado e frouxo tentando pintar o assombro d'esta composição eternisada na pedra, e reverberando á luz de tantos genios consociados. Só no grande *foyer*, illuminado por dois lustres e que se alonga n'uma extensão de 54 metros, de cercado de vinte columnas, hão de figurar outras tantas estatuas allegoricas symbolisando as differentes virtudes ou attributos necessarios ao artista.

Entre ellas,—como serias tu esquecida?—tem de figurar a da *Belleza*.

O architecto póde hoje ser julgado cabalmente. Os que quizerem conhecer intimamente as suas idéas pessoaes, as suas theorias particulares de artista, esses têem o livro que elle escreveu com tal mira, *O Theatro*, livro que é um perfeito commentario da sua obra monumental.



MORTA

(Ao meu amigo Gonçalves Crespo)

Deus sabe se te amei
Archanjo seductor...
Morri por ti d'amor
Apenas te avistei.

O tempo, que passei
Ralado pela dôr
Sem mais vêr o fulgôr
De teus olhos... nem sei.

Sei só que tudo é findo!...
E d'esse sonho lindo,
Que me fugiu p'ra Deus,

Só ha no cemiterio
Pobre leito funéreo
Por entre os mausoléus...

Porto.

JOAQUIM D'ARAUJO.

A CARTA — A PRIMEIRA WALSA

Vê-se que é uma rapariga pobre. Tem a vassoura ao lado — talvez seja moça de cozinha, uma d'estas creaturas a quem a necessidade arranca ao seio da familia.



A carta

A escrivaninha é o joelho. Ó adoravel escrivaninha que vales mais de certo que uma secretaria de prata rendilhada pelo buril de Cellini!

Tudo em roda d'ella significa indigencia. É de crêr que apenas a sua alma seja rica de bondade.

Tem a physionomia correcta, varonil e ao mesmo tempo doce. É uma d'estas admiraveis filhas do campo, que têem as mãos callosas mas o coração florido.

Vê-se que procura concentrar toda a attenção na carta. Que mysterios estará confiando ao papel? Será uma saudade que envia á familia? será um pensamento de amor, uma d'estas confidencias da mocidade que nos abrazeam a alma?

Não violemos o segredo. Ella escreve para quem escreve.

No meio d'aquella pobreza, ha todavia uma idéa que nos levanta o espirito ás alturas da consolação. Se ella soffre, ou por amor ou por saudade, se tem na sua alma a fatal exigencia de revelar o que sente, se ha um pensamento encarcerado no seu espirito e ao qual necessita dar azas, se o seu coração ancía por expandir-se como um jorro de agua, espalhar-se na atmosphera como um aroma, rasgar as trevas como um raio de luz — que martyrio não seria o d'ella, se por ventura tivesse de abafar as suas magoas, de contar a si propria as suas tristezas, de monologar na soledade as suas desventuras,

de desafogar em lagrimas o desalento que ninguem ampara? que nos deixaram, quando se quer abandonar as tristezas do mundo, para se entrar nas alegrias do céo, ainda



A primeira walsa

Quando se vive prisioneiro do corpo ou do espirito, quando se vive na ausencia da patria ou na ausencia dos que a tinta seja de lagrimas, não ha consolação nenhuma que se iguale á febre da escripta. Que o diga Silvio Pel-

lico, que o diga frei Thomé de Jesus e que o digafin almente a santa *do muero porque no muero!*

A PRIMEIRA WALSA

Eu supponho que o homemsinho da rebeca é o avô d'aquellas duas interessantissimas creanças.

Não sei se passarei de celibatario, mas se lograr a ventura de chegar a avô, afianço desde já que aprenderei a tocar qualquer instrumento só para entreter a pequenada. Se não tiver vocação philarmonica, se as minhas faculdades musicaes se esquivarem á propria gaita de folle, faço-me artista de realejo.

Deve ser indubitavelmente uma cousa para invejar a felicidade dos velhos, quando a alegria da infancia os rodeia. Os cabellos estrigados são as flôres brancas da cabeça; os pequerruchos são as flôres vermelhas da vida.

Quando ás vezes atravessava os campos, os campos risonhos da minha provincia, muitas vezes me quedava atraz de alguma parreira a observar um quadro curioso. Era á porta de algum lavrador remediado. Ao longe ouviam-se os sinos da igreja dando as Ave Marias. Os paes, os donos do casal, voltavam do monte de cortar lenha. A mulher, de fórmas robustas, com a camisa de estopa arremangada e o lenço de côres atado na parte posterior da cabeça e a caír-lhe sobre as costas como um barrete de catraeiro, de aguilhada na mão, puxava á soga dos bois. O marido vinha atraz, de jaqueta ao hombro, atroando as lages do caminho com os seus pesados sócos, deliciando-se com o chiar monotono do carro e trocando de longe em longe o *Guarde-o Deus* com a gente do trabalho.

Á porta estava uma velha sentada n'uma especie de preguiceiro debaixo de um carvalho frondoso. Duas creancitas lhe andavam pulando em roda. Ora se lhe reclinavam no seio, ora se lhe encavalgavam nos hombros. Ella sorria sempre e beijava-os. Como que vivia da vida d'elles. Elles tambem sabiam qual era a saia que os agasalhava. Quando a mãe queria bater em algum, lá vinha a avó a cobril-os com os braços, a protegel-os, a acarical-os.

Ao aproximar-se o carro da lenha, dirigiam-se á frente dos paes, como se fossem duas aves que saíssem do ninho. A avó lá ía tambem atraz d'elles, igualmente menina, igualmente alegre. Era este o bucolismo que eu adorava e que nunca víra descripto nos antigos poetas, tão amantes aliás da natureza.

Quando se é avô, é quando se gosa verdadeiramente o direito sacrosanto de pae; é uma regalia sem responsabilidade, um prazer tranquillo, uma esperança coroada. Não se pensa então no futuro das creanças, ha um cerebro robusto onde se resolve este problema; não se tem cuidado com a educação, não se indaga a maneira de vigorar uma intelligencia incipiente. O avô só quer consolar e ser consolado; é uma creança grande a trasbordar de affectuosidades, é o sentimento rejuvenescido a completar o sentimento que desabrocha nos labios do pae e nos seios uberrimos da mãe. O pae nem sempre disfructou serenamente os idylios do berço; muitas vezes, quando se inclinou sobre o leitosinho infantil, foi para se reanimar, para erguer com mais força a cabeça que lhe pendia desalentada. O avô, quando pensa na morte, póde lastimar a pobreza mas não póde excruciar-se nos martyrios da orphandade sonhada para seus netos.

No quadro de Leinweber quer-me parecer que se procurou representar estas duas alegrias tão iguaes e tão oppostas. A avó suspende o seu serviço culinario para admirar os dois walsistas em miniatura. O avô não sabe se ha de tocar se ha de rir. Só os pequenos é que tomam a serio a sua dança. Pudera, se é a primeira walsa!

A primeira walsa! Quando elles entrarem no mundo quantas vezes se lembrarão do seu ensaio choreographico, e quantas vezes dirão de si para si: — Ah! já não será elle que nos ha de tocar a ultima walsa!

SOUSA VITERBO.

A ORGIA

(Fragmento)

. . . .

Paremos a escutar o que na sala
se ouve entre o som de mil risadas loucas,
que distillam de si fundo amargor.
E' venenoso o riso d'essas bôcas,
a que o vicio murchára a rosea flôr!

«Fernando, que feitiço poderoso
soubeste dar á nossa altiva Aspasia?
Vês o olhar caricioso,
com que ella te namora a furto e a mêdo?!
Acautela-te amigo!
Creio que um dia a mancenilha d'Asia,
ao vêr-lhe ao longe a fascinante imagem,
quiz revelar-lhe esse fatal segredo,
com que mata os que vão buscar-lhe o abrigo,
da perfida folhagem!

«— Ai quem me dera ser a mancenilha!
Tu sabes lá meu louro adolescente
com geitos de D. Juan,
e olhar que ás vezes resplandece e brilha
de jubilo innocente,
que finges uns sorrisos de Satan,
e inda tens compaixão para os que choram,
a delicia infernal, com que eu matára
de louco amor as almas que me adoram!»

«— Mata-me pois mulher! Sabes que aspiro
a todos os prazeres impossiveis
violentos e selvagens!
Quizera amar-te, ó pallido vampiro!
esbrazear-me n'essa ignota chamma
provar d'essa paixão que assim devora!...
Fujo mas é das candidas imagens
que me orvalharam a ridente aurora!
De ti não fujo! o teu olhar derrama
caudal de gosos que esta sêde acalma!
Tens a vaga attracção do sobrehumano
a vertigem fatal do precipicio,
e eu quero dar por tumulo á minh'alma
o teu amor tão vasto como o Oceano,
Deificação esplendida do Vicio!»

Ella ouvia-o sorrindo, e mergulhando
nos olhos d'elle o seu profundo olhar:
e depois murmurou: — «Olha, Fernando,
és bello, és moço, e eu não te quero amar!»

«Descambas na elegia, *poveretta!*»
Um poeta satanico murmura,
remirando através da aurea luneta
da bachante a sinistra formosura.

E a tempestade dos risos
que se acalmára um momento
ergueu-se, como um lamento
se ergue do abysmo infernal.
Toda a sala arqueja e treme
no sinistro uivar da orgia
na satanica alegria
d'esses seis pygmeus do mal!

E ella a esphinge que assombra,
ella a mulher marmorea e tentadora,
larva que vem do ignoto e vem da sombra,
irmã lasciva das ficções pagãs;

ella espalha de roda, scismadora
o olhar que a luz d'aureas palhetas borda,
e scisma haurindo a taça que trasborda
nas caricias enormes dos titãs.

Dos homens que a loucura ali juntára,
e que tem a loucura por seu fito,
um só lhe lê do olhar na fulva chamma
a ambição audaciosa do infinito.

Ninguem lhe entende mais o ignoto drama
d'aquelle coração tão vil, tão grande,
que se arroja do charco á immunda lama,
e que na luz, na immensa luz se expande!

Fernando ergueu-se e foi sentar-se ao perto
da visão que o captiva deslumbrante
como um idolo informe no deserto
captiva e prende o olhar do caminhante.

E pousou-lhe a mão branca e feminina
nos seus cabellos d'ouro,
que distillam fragrancias namoradas,
e onde o olhar descortina uma luz fatua;
manto enredado pela mão das fadas
nos marmoreos contornos d'essa estatua.

Era um sonho de Phidias ou de Homero!
um não sei quê de casto no impudor!
Pousou-lhe o bello o seu diadema austero
consagra-o da belleza o resplendor!

— «Eu amo-te, mulher! És bella, és pura!
Que importa que as orgias te queimassem
os labios de carmim?
É meu culto exclusivo a formosura
amo-te, mesmo assim!
A luz brinca, reflecte-se, estremece
do teu corpo nas linhas serpentinas
que modelou por suas mãos o amor!
A luz beija-te as palpebras divinas,
toda te innunda, e as auras matutinas
baloiçam-te de leve, ó loira flôr!

Longe de mim as pudicas mulheres,
e o casto olhar que mente e que devora!
Ao pé d'ella que és tu candidez nescia?
Quando eu a vejo ri-me ao longe a Grecia
a terra das visões que tinge a aurora!

E parece-me vêr ao longe ao longe...
n'uns horisontes vagos, roseos, bellos...
d'entre a espuma das vagas que fluctua,
erguer-se uma mulher robusta e nua,
mal envolta no véo dos seus cabellos!

Eu sou filho das eras voluptuosas
d'essa terra do olympico prazer!
Enche-me a taça, c'rôa-me de rosas!
Deusa, dá-me esse amor que faz morrer!

Quero afogar nos teus nervosos braços
a imagem divinal que eu trago aqui?
Quero extinguir a vida em taes delirios
que os demonios lhe bramem dos espaços
que eu — monstro que ella fez — em fim morri!
Verte o fel venenoso do teu riso
no meu passado candido e feliz!
O formosa, ó phantastica bohemia
escarnece o meu floreo paraizo!
ensina-me a lançar a vil blasphemia
nas cãs de um velho pae que me maldiz,
de minha irmã nos seios virginaes!
. . . .
Assomára de um velho o vulto austero
da porta do *salão* entre os umbraes.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

La Rabbiata

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

(Continuação)



EU tio tem filhos?

—Não... Não casou nunca, e esteve muito tempo fóra, n'outras terras, longe, onde juntou boas piastras. Agora quer elle montar uma pescaria em grande, para eu tomar conta d'ella.

—Estás um homem feito, Antonino.

O rapaz encolheu os hombros.

—Cada um tem a sua carga, disse elle.

E levantou-se outra vez para vêr o vento, olhando ora para um lado ora para outro, apesar de saber certamente que o vento não sopra de dois lados a um tempo.

—Ahi tens mais uma garrafa. O teu tio póde pagar —disse a taberneira.

—Só um copo; este vinho é forte como o diabo. Já tenho a cabeça quente.

—Mas não vae para o sangue. Bebe quanto quizeres. Ahi vem meu marido. Ainda te vaes demorar um bocado a tagarellar com elle.

Effectivamente, a figura elegante do *padrone* da taberna descia dos altos, com uma rede ás costas e o barrete vermelho inclinado sobre os longos cabellos encaracolados.

Levára á povoação peixe fresco, que a boa senhora encommendára para offerecer ao cura de Sorrento.

Quando viu o barqueiro disse-lhe adeus com a mão, sentou-se no mesmo banco e começou a conversar. A mulher havia n'esse momento trazido uma segunda garrafa de verdadeiro e genuino Capri, quando a areia da praia se sentiu ranger e Laurella chegou pelo caminho de Anacapri.

A rapariga saudou-os com a mão e parou indecisa e calada. Antonino levantou-se immediatamente.

—Vou-me embora, disse elle — é uma rapariga de Sorrento que veio esta manhã com o cura, e quer voltar antes da noite por causa da mãe que está doente.

—Já vae, já vae, a noite ainda vem longe, disse o pescador — temos tempo de beber um copo de vinho. Traze mais um copo, mulher, traze mais um copo.

—Eu não bebo; obrigada, disse Laurella conservando-se afastada do grupo.

—Traze sempre um copo, traze. Ella beberá.

—Deixe-a, disse o barqueiro. É teimosa como o diabo. Quando ella não quer uma cousa, nem um santo a convence.

E despediu-se.

Chegou-se ao barco, desamarrou-o e esperou a rapariga. Esta deu as boas noites ao dono da taberna, e dirigiu-se para o barco, de vagar, olhando para todos os lados como se procurasse mais companheiros de viagem.

A praia estava só. Os pescadores ou dormiam ou estavam no mar com as suas redes. Algumas mulheres e creanças estavam sentadas ás portas a dormir ou a fiar, e os estrangeiros que haviam chegado de manhã esperavam o fresco da noite para partir.

Laurella não teve muito tempo para vêr tudo isto, porque antes que pudesse impedil-o já Antonino lhe havia pegado, e a levava como se fosse uma creança para o barco. Saltou elle depois e com algumas remadas pozeram-se no mar largo.

A rapariga sentára-se adiante, de lado, de modo que elle só a via de perfil. Tinha a physionomia ainda mais seria que de costume. Os cabellos cobriam-lhe a testa, que era estreita, as narinas finas e transparentes estavam dilatadas por uma expressão resoluta, e os beiços cheios e vermelhos conservaram-se contrahidos um contra o outro.

Já tinham navegado um bocado em silencio quando ella, sentindo o calor ardente do sol, tirou pão do lenço, pôz este na cabeça, e começou a jantar o seu pão sêcco porque não tinha comido nada em Capri.

Antonino não pôde vêr isto por muito tempo. Tirou duas laranjas de um cabaz que de manhã trouxera cheio d'ellas e disse:

— Come isto com o teu pão, Laurella.

— Come-as tu. Basta-me o pão.

— São boas para quem andou muito como tu debaixo do sol.

— Deram-me um copo com agua, que me refrescou.

— Como quizeres, disse elle, e deixou caír as laranjas no cabaz.

Novo silencio.

O mar estava liso como um espelho e murmurava apenas de encontro á quilha do barco. Em volta, os passaros do mar que têem os ninhos nos rochedos das costas, voavam quasi sem ruido.

— Podias levar estas duas laranjas a tua mãe — disse Antonino por fim.

— Ainda temos laranjas, e quando se acabarem eu irei comprar mais.

— Leva-lh'as da minha parte.

— Ella não te conhece...

— Mas pódes tu dizer-lhe quem eu sou.

— Eu tambem te não conheço.

Não era a primeira vez que ella o renegava d'esta maneira. Um anno antes, quando o pintor veio a Sorrento, aconteceu que um domingo, Antonino jogava com outros rapazes n'um largo ao pé da rua principal da Boccia. Foi ahi que o pintor encontrou pela primeira vez Laurella, que passava destrahida com uma bilha de agua á cabeça. O napolitano parou admirado ao vêl-a, apesar de n'esse momento se achar justamente no meio do jogo dos pescadores. Uma bola veio bater-lhe nas pernas e advertil-o de que não era aquelle o melhor logar para se entregar á contemplação. O pintor olhou em volta e esperou que o jogador se desculpasse.

O barqueiro que atirára a bola estava calado e resoluto entre os seus companheiros. Julgando prudente evitar uma altercação, o napolitano retirou-se. Fallou-se n'esta occorrencia, principalmente, quando o pintor pediu Laurella em casamento.

— Não o conheço, disse ella machinalmente, perguntando-lho o pintor se o rejeitava por causa d'aquelle pouco delicado namorado.

Aquella scena tinha-lhe chegado aos ouvidos. E, desde então, sempre que ella encontrava Antonino fingia não o conhecer.

(Continua). J. BATALHA REIS.

THEATROS

(Continuação)

É agora o momento de abrir excepção para fallar de uma peça estrangeira. Refiro-me ao excellente drama em tres actos, de Marianno Larra — *A oração da tarde,* traduzido do verso hespanhol para verso portuguez, pelo sr. Pinheiro Chagas.

Esta formosissima composição subiu á scena em D. Maria II, no beneficio da actriz Virginia, uma das comediantes modernas de mais talento que representam em os nossos theatros.

O drama, cuja acção verosimil cabia perfeitamente nos moldes da escola realista, é essencialmente romantico e abundante em scenas de uma poesia encantadora. Foi essa poesia que o sr. Pinheiro Chagas soube conservar na sua primorosa versão, onde se encontram estrophes magnificas de naturalidade e ao mesmo tempo de enlevo tal, que arrebatam os menos propensos ás cousas ideaes.

A peça está publicada. No livro melhor do que na scena, póde o leitor avaliar os primores de linguagem e versificação saídos da penna brilhante do valente escriptor o sr. Pinheiro Chagas, cujo braço robusto não cança embora trabalhe, sem cessar, em todos os generos de litteratura desde o mais conspicuo e exigente, como a historia, até o mais independente e folgasão, como a comedia.

Nos theatros de segunda ordem representaram-se duas peças originaes que chamaram, durante algum tempo, a attenção do publico frequentador d'aquellas casas de espectaculos. Intitulavam-se — *O cura Santa Cruz* e — *O circo do sr. Price.*

O cura Santa Cruz, drama em cinco actos, pelos srs. Baptista Machado e Lino da Assumpção, subiu á scena em o theatro da Rua dos Condes. Architectado e dialogado ao sabor das platéas populares, tem effeitos theatraes que subjugam a attenção dos espectadores, arrancando-lhes successivos applausos. Os auctores não se preoccuparam muito com a verdade dos acontecimentos; mas, se o rigor historico havia de prejudicar os lances scenicos, melhor foi que o drama saísse tal como os auctores o conceberam, achando-se elles, de mais a mais, n'esse ponto, ao abrigo da severidade da critica, porque não seria justo accusal-os de faltas tantas vezes desculpadas a muitos escriptores de primeira plana.

A comedia em dois actos — *O circo do sr. Price* é mais uma producção popular do sr. Luiz de Araujo. Como em quasi todas as composições dramaticas d'este conhecido auctor, encontra-se n'ella uma galeria de typos portuguezes desenhados com bastante naturalidade e graça. O primeiro acto é animado por scenas variadas e dialogo chistoso, o segundo pelos trabalhos gymnasticos exhibidos no circo de curiosos, que o palco representa. Subiu á scena no theatro do Principe Real.

Novamente me cumpre fallar de uma traducção.

O Gymnasio pôz em scena o — *O doente de scisma,* comedia em tres actos, que o sr. visconde de Castilho transplantou da prosa franceza em que é escripto o — *Malade imaginaire,* de Molière, para formosissimos versos portuguezes.

Muito se tem dito ácerca da celebre comedia — *Le malade imaginaire,* mais celebre porque foi á quarta recita d'ella que Molière falleceu, do que pelos extraordinarios merecimentos que encerra; pois, não obstante ser urdida com finissima observação e conter galhofeira critica, não é todavia das melhores do grande poeta comico. Ocioso, portanto, seria fallar da obra original.

A traducção feita em alexandrinos no primeiro acto e em redondilhas nos dois ultimos, é modelo de boa linguagem portugueza e ouve-se com o maior agrado, porque tem versos admiraveis e muita graça de dialogo e de situação.

O sr. visconde de Castilho entendeu que para a comedia se representar em os nossos theatros, carecia de ser reduzida á fórma moderna. Na transformação, porém, que o illustre poeta deu á obra de Molière, foi talvez alem do que conviria para a tornar exequivel na scena portugueza. Nacionalisou-a e conduziu a acção para os nossos dias.

Da mudança de costumes poderia ainda alcançar-se resultado satisfatorio, porque o — *Doente de scisma,* habilmente imitado, seria modelo completo da antiga farça portugueza, cognome que muitos dão hoje ás más composições comicas, originaes ou traduzidas, sem se lembrarem de que é o melhor elogio que lhes pódem fazer. Da aproximação, porém, da época resulta que os principaes typos da comedia ficam sendo menos verdadeiros, começando pela creada,



A. WATTEAU pinx^t W. FRENCH sc.

AS MASCARAS.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

que não tem a minima parecença com as creadas de hoje; seguindo-se o namorado, que toma um disfarce para se apresentar em casa de uma familia, cujo chefe, segundo todas as probabilidades, conhece Almaviva, pelo menos, de S. Carlos; passando aos medicos, que ostentam actualmente — os que pódem ser accusados d'esse peccado — charlatanismo completamente diverso do d'aquelles tempos; e terminando no boticario, que traz o xarope ao enfermo e se prepara para lhe applicar umas fricções, quando hoje o boticario mais parecido com este seria unicamente o da aldeia, que, apesar de retrogrado, já lhe custa a ir deitar umas bixas a casa do doente.

Por que a versão portugueza do sr. visconde de Castilho auctorisa estes, e por ventura, outros reparos, não se deve porém concluir que o traductor commetteu faltas tão graves que destroem o merecimento da obra. São tantas as bellezas da traducção, que, para os menos investigadores, são ellas justamente que offuscam todos os defeitos que a critica lhe póde certamente apontar.

O doente de scisma subiu á scena em beneficio da intelligente actriz Emilia dos Anjos, que desempenhou o papel da creada com muita perfeição. Não foram menos felizes os seus collegas na interpretação dos demais papeis, do que resultou obter a versão do *Malade imaginaire* desempenho condigno.

A empreza do Gymnasio, para commemorar a honra de poder incluir no catalogo dos auctores que têem escripto para aquelle theatro, os nomes de Molière e de Castilho, deu uma recita com o *Doente de scisma*, para a qual convidou todos os escriptores residentes na capital. Escusado será dizer que o sr. visconde de Castilho recebeu n'essa noite uma completa ovação, promovida pelos que admiram no venerando poeta, o seu talento superior e as suas vastissimas letras.

A composição mais notavel que o Gymnasio offereceu ao publico, depois do — *Doente de scisma* foi o drama — *Os campinos*, original em tres actos do sr. Salvador Marques.

Os *Campinos* é uma composição que denota principalmente grandissima propensão em seu auctor para despertar interesse nos espectadores e crear situações theatraes de effeito certo. Não tem as grandes bellezas de um drama essencialmente litterario, porque o thema não offerece novidade; no seu desenvolvimento ha algumas pequenas inverosimilhanças e a linguagem, embora correcta e apropriada á condição dos personagens, não tem o sabor perfumado que se encontra no estylo dos mestres.

Mas se o drama dos *Campinos* não é uma peça litteraria em toda a amplitude d'esta designação, encerra todavia muitas e apreciaveis qualidades, não sendo as menos importantes a fórma correctissima de alguns personagens, o cunho portuguez que sobresae no geral da composição e o estudo cuidadoso do auctor para reproduzir tão fielmente os usos e costumes d'aquella especialissima população, a quem está entregue a lavoura dos ferteis campos do Riba Tejo.

Pena é que o sr. Salvador désse tão acanhadas proporções ao seu drama. Tres actos são sufficientes para as peças intimas ou para as composições ligeiramente graciosas; os assumptos, porém, que se prestam a lances arrebatadores e que dão margem ao escriptor para ornar a urdidura com episodios variados e com algum espectaculo, acham-se contrafeitos dentro da acanhada fórma dos tres actos e estão pedindo mais larga área para se desenvolverem com toda a energia da sua força vital.

A excellente peça do sr. Salvador, de certo uma das melhores do reportorio nacional e estrangeiro dado este anno nos theatros de Lisboa, teve desempenho acertado por parte dos artistas do Gymnasio, sobresaindo a todos o actor Pinto de Campos, que interpretou o primeiro papel com a maior propriedade e correcção.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

AS MASCARAS

Não raro succede dividir-se o mesmo homem como que em duas personalidades differentes, e até inimigas, porque, se uma affirma, a outra nega; se uma chora, a outra ri; se uma succumbe, a outra vence...

Mas se o estylo é o homem, como disse Buffon, será difficil explicar satisfatoriamente o facto muitas vezes provado de se estarem contradizendo homem e estylo, da pessoa exterior desmentir completamente a pessoa interior!

Aqui começo eu a duvidar da critica chamada *natural*, e tão brilhantemente desenvolvida por Emilio Deschanel; de Buffon, da sciencia, de toda a legislação que tente regular o que nasceu caprichoso e vario.

Por outro lado, sou impellido a acreditar, por um rapido processo de observação, que o homem de dentro e o de fóra, deixem-me assim dizer, andam tanto a par e passo, que reconheço nas *Provinciales* a saude de Pascal, e nos *Pensamentos* a depressão cerebral proveniente da enfermidade que o acommettera.

Como hei de então tirar-me d'este labyrintho?

Reflexionando um pouco. Certo é que as idéas tomam o colorido do *meio* em que nascem. O *meio* torna-se o estylo, a individualidade, o caracter litterario. São como os homens, que, segundo o *meio* em que nascem, constituem uma ou outra raça. Já notou um escriptor que as idéas, antes de receberem as tintas do estylo e o cunho do escriptor, pertencem vagamente a todo o mundo, e era por isso que o auctor do *Tristram Shandy* dizia que tinha caçado mais de um pensamento que fluctuava sem destino.

Tudo isto se refere ás producções litterarias e artisticas, bem entendido, porque as obras scientificas têem processos determinados, moldes irrecusaveis, caminho riscado pela mão do methodo.

Certo é pois, como íamos dizendo, que o homem se revela nas suas obras, mas cumpre notar, — e assim ficará resolvida a nossa duvida, — que em todo o cerebro que está produzindo ha aquella exaltação doentia de que falla o dr. Moreau, e que outros já têem appellidado *loucura*. Se o é, sublime loucura, porque a invejam os de sã cabeça!

Alem da sensação produzida pela actividade das faculdades intellectuaes, quando vibradas pela inspiração, importa observar que concorre um conjuncto de circumstancias a modificar temporariamente a pessoa do compositor, sendo entre outras importantissima o regimen hygienico ou o habito toxicologico observados no momento da composição.

É sabido de toda a gente que Michelet se espertava com café para escrever; Torgot só trabalhava depois de abarrotado com o jantar; Pitt não defrontava um negocio grave sem haver tomado um calix do nosso Porto com uma colher de quinino; e Horacio, menos sobrio do que Pitt, aquecia o estomago para versejar, como diz Juvenal:

... Satur est quum dicit Horatius: Evoe!

Portanto, ahi fica explicado com a lição da historia o motivo por que, no respeitante a escriptores e artistas, ás vezes se digladiam no mesmo homem duas entidades oppostas, uma que se revela no livro e no quadro, outra que está na alma ou no corpo.

Assim é que Watteau, o celebre auctor das *Mascaras*, doente e melancolico, organisação á Mozart, chegou a ser o pintor dos assumptos galantes e a ter o quente e doirado colorido dos seus quadros, um pouco por adoração de Rubens, porque as origens do seu talento são flamengas, como já alguem escreveu em França, e outro pouco por adoração da escola veneziana, a das cores brilhantes e calidas.

Este opulento chronista das festas do amor e da elegancia fez-se solitario desde os primeiros annos da sua carreira artistica. Passeava só, copiando a natureza, os singelos idyllios dos campos. Referia-se visivelmente a esta primeira phase, o poeta que disse d'elle:

Parée à la Françoise, un jour dame Nature
Eut le désir coquet de voir sa portraiture.
Que fit la bonne mère? Elle enfanta Watteau.

Foi provavelmente n'essas longas e silenciosas peregrinações da sua mocidade, que Watteau estudou vagarosamente a existencia de Deus, cujo ideal de perfeição e belleza comprehendia tão religiosamente, que ao cura de Nogent, que á hora da morte lhe apresentava um Christo mal esculpturado, perguntou:

—Como póde um artista reproduzir tão incorrectamente os traços de Deus?

A segunda phase da vida artistica de Watteau data da sua entrada em casa de Claudio Gillot, que pintava para o theatro; foi ahi que se occupou dos assumptos tirados das comedias italianas, e que, para satisfazer talvez a exigencias de camarim, desenhou sobre adoraveis leques os graciosos ornatos subscriptos com o seu nome.

Foi certamente ainda no theatro que se entrou de ardente enthusiasmo pela Italia, onde todavia não chegou a ir, porque, desgostoso de ter sido vencido n'um concurso academico por um pintor obscuro, segundo diz um biographo [1], recolheu-se a Valenciennes, seu berço.

Mas, para não precipitarmos os acontecimentos, digamos que foi, frequentando a galeria de Luxemburgo, que travou mais intimo conhecimento com Rubens, o pintor das côres sanguineas, do loiro e do roseo, do gracioso e do tentador.

A diversidade dos elementos com que, para assim dizer, pouco a pouco se foi constituindo a sua alma de artista, fez de Watteau um pintor distincto, e, sobre tudo, original.

Francez pela graça da composição, não o é de modo tão absoluto, que não seja tambem flamengo e veneziano, isto é, que não represente na escola franceza um logar á parte.

Tem ainda outro merito, e não pequeno. Escrupuloso pintor de costumes, deixou nos seus quadros a historia d'aquelles garridos trajos da côrte de Luiz XIV.

Por isso é que o seu biographo escreveu: «exprime o caracter da época».

Se gostassemos de usurpar o seu a seu dono, poderiamos entrar agora em observações emprestadas ácerca da correcção artistica de Watteau, depois de termos aberto deante de nós o tomo IV do *Abrégé de la vie des plus fameux peintres*.

Deixamos essa canceira e essa gloria para os entendidos. Contentemo-nos com saudar, depois de termos fallado de Watteau, a alegre composição que temos presente, episodio romantico das folias carnavalescas, em que talvez se esconde no dominó um segredo de amor, como debaixo da mascara do artista se escondia a melancolia do homem.

ALBERTO PIMENTEL.

NUMEROS DO INTERMEZZO

HENRI HEINE

Rosas e lyrios, pombas, sol radiante,
Tudo isso outr'ora no fugaz passado
Eu adorei constante.
E d'esse amor, que tive, immaculado
Por lyrios e aves e subtis perfumes,
Nem já me lembro, seductora amante,
Fonte pura de amor, que em ti resumes
A rosa, o lyrio, a pomba e o sol radiante.

Coimbra.

G. CRESPO.

[1] *Nouvelle biographie général*, tomo 45.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

IX

(Continuação)

E como caísse o inverno torrencial sobre Goa e os ventos mudando do quadrante fechassem a barra da Aguada, e o mar das Indias se tornasse intratavel, nenhumas novas chegavam do norte.

D. Alvaro de Castro saíra, já no meio do grande esbravejar dos mares, em navios bem apercebidos de gente e munições, mal sabendo que ía destinado a vingar a morte de seu irmão.

E emquanto Diu, mais feliz, mais nobre, mais heroica do que a famosa cidade de Priamo, acompanhava a trovões os versos da sua Iliada, D. Alvaro de Castro completava a mais formosa Odysséa arrostando com os mares da India «em tempo em que se não deixam navegar», lutando contra os temporaes, cego pelos caliginosos nimbos que roubam todo o horisonte, «forçando o remo e navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão e os mares andavam tão cruzados e soberbos que comiam os navios.»

O inverno da India dá mostras do diluvio e assusta como a aproximação de um cataclismo.

Mais negro que o céo andaria de certo, e não se mostrava, o coração de D. João de Castro.

Quando os aguaceiros se adelgaçavam, e quando o governador tencionava soccorrer pessoalmente a inconquistavel fortaleza, chegou á capital do estado a vaga noticia da sua perda. Ouviu-a, rindo, D. João de Castro, que nunca a ninguem mostrava elle as suas penas.

Mas com os clarões da bonança chegaram tambem esperanças e alentos. Na barra surgira uma nau do reino commandada por D. Manuel de Lima e após ella mais cinco. —Se Diu ainda resistisse!..., pensava o governador; e n'isto chegava á barra de Goa a capitania em que fôra D. Alvaro, e vinha embandeirada e dando salvas de alegria, para annunciar de longe as boas novas que trazia.

É facil calcular como o povo correu, e cobriu as duas margens do Mandovy a vêr passar o mensageiro, que mostrava nas salvas e nas flamulas saudações de alegria e noticias de muita gloria.

«Quando o capitão entrou no palacio estava o governador, refere J. Freire, com o bispo D. João de Albuquerque e frei Antonio do Casal, custodio dos franciscanos. A primeira cousa que o governador perguntou foi se estava ainda a fortaleza por el-rei seu senhor. Ao que o capitão respondeu que estava e estaria. A cuja nova ajoelhando-se o governador, com os olhos no céo, deu a Deus as graças, não sem derramar lagrimas significadoras de piedade com Deus, de zêlo com seu principe. E logo recebendo as cartas soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeu com tanta constancia que os de fóra lhe não conheceram mudança no rosto ou nas palavras, como se fôra fraqueza parecer pae, ou indignidade ter affectos de homem.

Fez mercê ao capitão e o mandou que fosse alegrar a cidade com as novas que trazia e logo recolhendo-se, cho-

rou em secreto o filho esperando tempo á dôr sem injuria do logar e do animo..........................

No seguinte dia se fez uma solemne procissão de graças a que assistiu o governador vestido de escarlata, consolando com seu proprio exemplo o povo na morte de seu filho.»

X

Um grupo de moças indús acoitadas sob as mangueiras da alfandega tinham visto chegar o navio embandeirado, o pregoeiro das boas novas; n'esse grupo estava, mais morta que viva a formosa Mogarem. Bem olhava ella o convez e bem quizera ella partilhar da alegria geral! debalde! aquelle navio parecia-lhe um tumulo.

Viu-o colher as vélas, amainar, lançar ferro; viu-o cercado de escaleres, tonas e galeotas, viu descer, subir, vozear, formigar a immensa multidão de marinheiros e curiosos, a faina e a alegria, e sentia o coração despedaçar-se-lhe.

Quando os escaleres desatracaram de bordo e se dirigiram ao caes, quando chegava o momento de saber o que mais desejava, fugiu.

Um *botto* vigiava todos os movimentos de Mogarem, correu para ella e tomou-lhe o passo no mais cerrado da floresta.

—Mogarem, lhe disse elle, e ella parou e olhou-o, pallida, por que vinha pallida, mas serena e fera d'esta fereza que o desespero ás vezes dispensa á mais fraca das creaturas; Mogarem, sabes que te amo?

—Não o sabia.

—Sei eu tudo de ti, porque os meus olhos e o meu coração te acompanham dia e noite. Lembras-te do vulto que atravessava o teu jardim nas noites em que te encontravas com D. Fernando de Castro?

—Recordo-me.

—Era eu, que tive mil vezes vontade de assassinar esse imberbe passeiante nocturno esquecido de que estava n'um paiz de feras.

—Elle matava-as.

—E recebia os teus parabens e talvez os teus protestos de amor.

—Talvez?! ó fraco! pois não saíste da tona? o tigre já estava morto.

—Mogarem: eu amo-te, para que me offendes? O teu noivo e o teu pae ignoram o que eu sei e lhes posso dizer, promette que serás minha e não perturbarei as festas do teu noivado.

—Chacal! redarguiu ella com os olhos chammejantes!

—Nada esperes de Diu, que D. Fernando é morto.

Não é facil avaliar o que se passou na alma d'aquella mulher. A expressão dos seus olhos e do seu rosto foi tal que o *botto* recebeu em cheio a descarga formidavel de uma pilha electrica; pareceu que girava vertiginosamente sobre si mesmo, que o sol se escondia e que uma vertigem o fulminava.

Quando voltou a si achou-se só e duvidou se teria sonhado.

Certo porém do que se passára, correu para a casa dos bambuaes na esperança, talvez, ou de evitar uma grande desgraça obtendo o silencio de Mogarem, ou de se salvar perdendo-a.

Avistou-a já perto do jardim e bradou por ella. Mogarem, allucinada como ia, desejosa de se vingar e de morrer, teve uma lembrança cruel. Deu um grito, chamando por soccorro e momentos depois era amparada nos braços de seu pae e do seu noivo.

—Que tens, Mogarem, que assim vens tremula e desfeita? bradaram os dois assustados.

—Esse miseravel, dizia ella apontando o *botto* que chegava, persegue-me desde o Mandovy!

—Mentes, Mogarem, lhe disse o *botto* sentindo já sobre o peito a ponta de um punhal, pedi-te que não deixasses beijar ao teu noivo essas faces tão polluidas pelos beijos de D. Fernando de Castro.

Emquanto os rostos dos dois brahmines se contrahiam medonhamente, o de Mogarem illuminava-se, e erguia os olhos ao céo. Dir-se-hia que atravez do espaço descobrira a sombra do seu amante, e que na voz da sua alma lhe estava dizendo:—Vê como eu te amo e como sei cumprir o meu juramento.

—Calumniaste-a! rugiu em fim o noivo de Mogarem mettendo o miseravel debaixo dos joelhos.

—Não, não! amei-o; fui d'elle em vida, sou d'elle na morte e para sempre. Volta para mim o teu punhal e bemdito sejas tu.

Ergueu de novo os olhos ao céo e caíu por terra; que já não houve braços que a amparassem.

No dia seguinte duas unicas pessoas appareceram trajando d'escarlata: o governador e Mogarem.

(Continua.)

A OURIVESARIA

SUA ANTIGUIDADE E PROGRESSOS NO ESTRANGEIRO E EM PORTUGAL

I

CONSTITUE a ourivesaria um ramo da arte, tão bello para enlevo dos olhos, quão interessante para o estudo.

Se a considerarmos em relação á belleza e infinita variedade de fórmas que ostenta em seus productos, e ao vasto campo que offerece aos artistas para poeticos vôos da phantasia, e para as mais admiraveis delicadezas do trabalho humano, forçoso é confessar que rivalisa com os outros ramos da arte na creação dos seus maiores primores. Se a apreciarmos relativamente á sua significação moral no desenvolvimento dos progressos humanitarios, reconhecer-se-ha, que n'ella se manifesta bem patentemente, e se retrata ao vivo, como na architectura e na esculptura em pedra, o viver da sociedade, as suas idéas, crenças, aspirações, usos e costumes, desde mui remota antiguidade.

A origem da ourivesaria esconde-se em a noite dos tempos, pois a arte de dar fórmas esbeltas e formosas ao oiro e á prata, nasceu dos primeiros impulsos de admiração e estima, que os homens sentiram por aquelles metaes. Os livros sagrados, os poetas e os historiadores offerecem-nos exhuberantes testemunhos d'esta verdade. Por elles sabemos que muitos seculos antes do nascimento de Christo existia grande copia de riquissimos productos de ourivesaria, distribuidos pela Asia, pela Judea, Egypto, Grecia e Roma. Muitos seculos antes da fundação da famosa cidade do Tibre, enriquecia Salomão o celebrado templo de Jerusalem, segundo refere a Biblia, com preciosos vasos e mil variados ornamentos, de oiro e prata.

Fallam-nos aquelles poetas e historiadores dos vasos de prata guarnecidos de ornamentos de oiro, que Menelau e Helena receberam no Egypto; da espada de Agamemnon com os punhos de oiro; do escudo de Achilles com uma vide de oiro esculpida n'elle. Exalta Homero a taça de Peleo, declarando que é a mais bella obra que existe na terra. Expressam-se com enthusiasmo todos os

escriptores contemporaneos, tratando da afamada estatua de Jupiter Olympico, admiravelmente cinzelada em oiro. E de muitas outras obras de esculptura em metaes, e de ourivesaria de diversos povos, e em differentes eras da antiguidade, ha noticias circumstanciadas, e cheias de louvor e encarecimento.

Quando o desenvolvimento da civilisação, em todas as suas brilhantes manifestações, fez da Grecia uma nação grande, prospera, e eminentemente culta; quando a poesia das suas crenças, o amor da gloria e a paixão do bello, e as honras concedidas aos vencedores nos jogos olympicos, e ainda outros estimulos poderosos, que exaltam a imaginação e elevam a alma, ergueram as artes a essa altura assombrosa de esplendor e florescencia, que não attingiram antes, nem depois, a esculptura em metal competiu, em belleza e perfeição, com os outros ramos da arte. As imagens das divindades pagãs, os premios de honra aos vencedores na liça, e os adornos de oiro com que se enfeitavam as damas, offereciam á ourivesaria vastissima área para os gloriosos certames do trabalho.



Calix de S. Giraldo, 68.º arcebispo de Braga

Emquanto a republica romana, já potente e avassallando muitos povos do orbe antigo, negava ás artes a consideração que dava aos negocios da guerra, e recusava aos artistas o favor que concedia aos que se illustravam na carreira das armas, a arte romana apresentava em todas as suas feições a mesma dureza dos costumes publicos. As damas romanas, recebendo das gregas a moda dos adereços de oiro, pediam estes adornos aos ourives da Grecia.

Porém, assim que os generaes romanos começaram a conduzir ao Capitolio, na sua entrada triumphal em Roma, os primores de arte produzidos pela pintura e pela esculptura em Syracusa, Corynthо e Achaïa, na Macedonia e na Asia, o povo rei, que, na altivez da sua grandeza, sómente sentia pulsar-lhe de jubilo o coração ao annunciarem-lhe victorias, que estendessem o seu dominio, achou attractivo e prazer na contemplação de todas aquellas maravilhas, que os triumphadores expunham aos seus olhos absortos. Raiou então para a orgulhosa Roma a aurora das bellas artes.

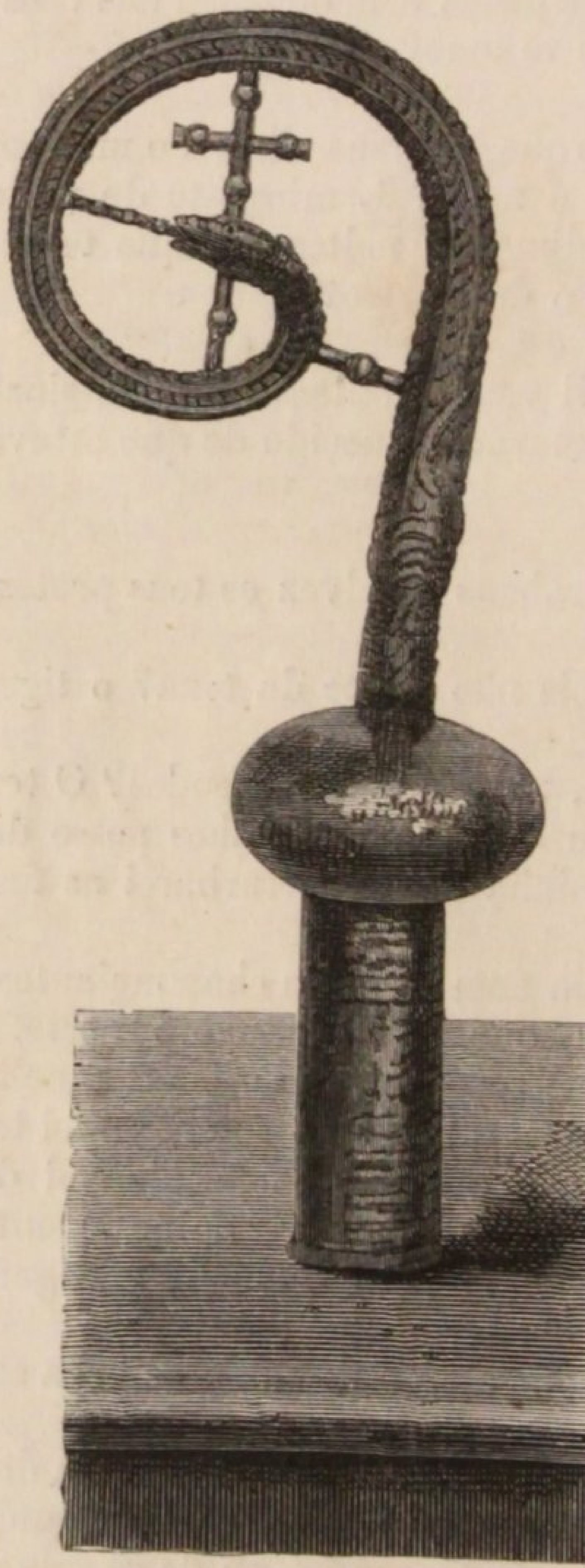


Cofre de marfim de S. Giraldo, 68.º arcebispo de Braga (seculo XII)

Os imperadores saciando de conquistas o povo romano, ora fazendo-o adormecer ao som dos hymnos triumphaes, ora desvairando-lhe a imaginação e entorpecendo-lhe os brios com o arruido e fulgor das festas publicas, usurparam-lhe o poder, e despojaram-n'o da liberdade. Mas doiraram-lhe as cadeias, e cercaram-n'o de todas as manifestações do luxo, e de todo o genero de prazeres que d'ellas pódem derivar-se. Esse luxo desmedido, dando fórte impulso ás artes, fez com que florescessem rapidamente, embora não chegassem ao grau de perfeição, que attingiram na Grecia, porque aos artistas romanos faltavam alguns incentivos moraes, muito poderosos, que impelliam os artistas gregos para o templo da immortalidade. A grande copia de objectos de arte romana, primorosamente cinzelados em oiro e prata, que se guardam no museu Campana, hoje no Louvre, e em muitas outras collecções de antiguidades na Italia, Allemanha e Inglaterra, attestam o desenvolvimento que teve a ourivesaria sob o sceptro dos Cesares.

A corrupção moral, que abateu o imperio romano até o entregar aviltado e indefeso nas mãos de seus implacaveis inimigos, prostrou tambem as artes e embaciou-lhes o lustre. No meio das trévas, que succederam á quéda do imperio romano e que deram começo á idade média, perderam-se as letras e as artes, que tinham brilhado em Roma, irradiando-se d'aquelle grande fóco de civilisação, como raios de luz, para toda a parte.

Sob o influxo do feudalismo, implantado no meio dia e occidente da Europa pelas nações septentrionaes, destruidoras do imperio dos Cesares, conservaram-se as artes por largos annos em completo estado de barbaria. Porém assim que o ardor da fé e o espirito aventuroso da sociedade impelliram os povos christãos á conquista da Terra Santa, começou a resurgir na escuridão do futuro a luz, que havia de illuminar, ao deante, a renascença das artes e a nova phase da civilisação. A passagem dos cruzados, na sua viagem para Jerusalem, pela cidade de Constantinopola, onde florescia ainda a arte romana; o seu contacto depois com as nações asiaticas, onde as bellas artes, sobre tudo a ourivesaria, tinham cultores habeis e intelligentes; em fim, os productos artisticos que trouxeram, no regresso, para os seus paizes, foram as primeiras causas efficientes da restauração das artes na Europa semi-barbara.

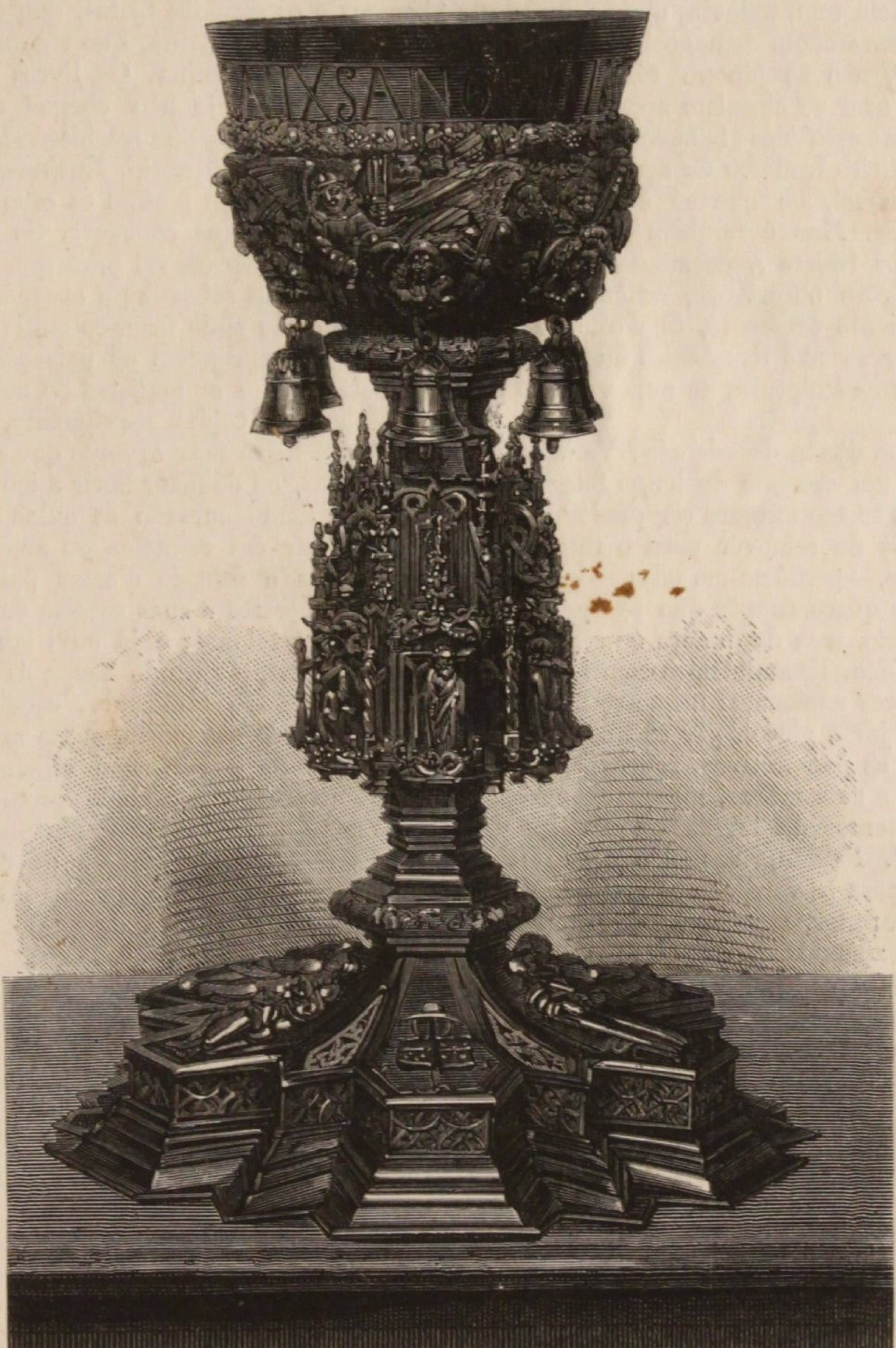


Baculo de Santo Ovidio, 3.º arcebispo de Braga (seculo I)

Foi a esculptura em metal, e particularmente a ourivesaria, o ramo da arte, que primeiro reverdeceu e flôriu, graças ao espirito religioso d'aquella era, que o pôz ao serviço da igreja, proporcionando aos artistas trabalho constante, e offerecendo-lhes remuneração condigna.

Obedecendo ás mesmas idéas e prescripções, que determinavam a mudança dos estylos architectonicos; acompanhando, por conseguinte, e como que consubstanciando-se com a architectura nas diversas phases por que ía passando, a ourivesaria religiosa assumiu todas as feições do estylo gothico, ou ogival, que então reinava com imperio absoluto. Sob esta fórma attingiu a ourivesaria até o seculo XVI subido grau de perfeição e belleza, como o demonstram tantos relicarios, custodias, calices, cofres, thuribulos, e muitos outros vasos sagrados, feitos segundo aquelle estylo até á referida data, que se guardam nas sés e em outras igrejas d'este reino e dos paizes estrangeiros.

N'esta quadra de florescencia geral para as bellas artes, pela protecção desvelada que lhes concederam os soberanos, fidalgos e prelados, avultam alguns ourives, que adquiriram grande e merecida reputação. É muito extensa a lista de seus nomes, pois que se adornam com elles os fastos artisticos de quasi todas as nações da Europa. Portugal possuiu então alguns de incontestavel merecimento. Nomearemos, porém, sómente um, porque sobresaiu a todos os seus patricios, e occupa logar de honra entre os mais eximios ourives estrangeiros. Os nossos leitores já sabem que lhes falâmos de Gil Vicente, o famoso ourives de Lisboa, que fez por ordem d'el-rei D. Manuel a celebrada e formosissima custodia de oiro, deixada em legado por este monarcha ao mosteiro de Belem [1].



Calix de prata dourada (1506) de D. Diogo de Sousa, 99.º arcebispo de Braga

II

Antes de traçarmos, em resumido quadro, como o exigem os limites de que podemos dispôr, os progressos da ourivesaria sob a influencia da renascença, devemos dizer, que ao mesmo tempo brilhava este ramo da arte, com singular adiantamento, estranho a todos aquelles impulsos e influxos, em um paiz longinquo, desconhecido e segregado de todas as communicações com o mundo antigo. Referimo-nos ao Mexico e Perú.

Quando Fernando Cortez entrou na cidade do Mexico em 1518, ficou assombrado á vista da quantidade, variedade e belleza artistica dos productos da ourivesaria mexicana, que encontrou nos templos e no paço do infeliz Montezuma.

Em uma carta, que o conquistador escreveu ao imperador Carlos V, participando-lhe a sua entrada n'aquella opulenta capital, lê-se o seguinte periodo: «Tudo quanto a terra e o Oceano produzem, e de que tem conhecimento el-rei Montezuma, é aqui imitado, por ordem do soberano, em oiro e prata, em pedras preciosas e em pennas de aves, e com tão grande perfeição, que parece que se estão vendo os proprios objectos naturaes.»

A conquista do Mexico e do Perú pelos hespanhoes, e as inauditas barbaridades exercidas pelos conquistadores nos pacificos povos d'estes dois desgraçados paizes, puzeram termo áquelle grande desenvolvimento da ourivesaria americana.

(Continúa).

I. DE V. BARBOSA.

[1] Vidè a gravura d'esta custodia e o correspondente artigo a pag. 4, 5 e 18 do vol. 2.º

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

A sociedade promotora das bellas artes já assistiu a dez exposições, distribuidas por um periodo de mais de dez annos, e não póde em verdade congratular-se pelos progressos artisticos do paiz. Reprehenderemos por isso a instituição destinada a *promover* esses progressos? declara-la-hemos inutil e nociva? Não. Muito tem ella feito,

attenta a escassez de recursos. Incitar o publico indifferente a prestar á arte a homenagem da curiosidade, embora superficial, e do obolo, embora regateado, é serviço relevante e espinhosa tarefa: a edade de oiro em que os devotos affluiam espontaneos aos seus templos vae passada e distante. Hoje só entram a empurrões, estão os altares tão pobres de offerendas que é forçoso que os andadores mendiguem para a cera, e a sociedade houve de resignar-se a este mistér, que lhe não rende para ser um Medicis, um Leão X ou um Luiz da Baviera. Batendo ás portas com incansavel diligencia tem, todavia, obtido que n'esta terra, onde o luxo raramente tem gosto e a riqueza só procura commodos, não se pintem sómente taboletas de quinquilheiros nem se cinzelem apenas as quatro estações para os balaustres dos telhados. Sem ella é de querer que o pardieiro fradesco da academia já estivesse mudado em quartel, ou que só os pardaes lhe frequentassem as aulas. Mas é tambem certo que aos seus esforços generosos resiste a decadencia, e que na serie das suas exposições observa-se, senão um retrocesso, um empobrecimento crescente, que este anno diriamos estar no auge, se não tivessemos que descontar os opulentos fructos, em esculptura, de uma vocação phenomenal.

Quaes são as causas d'esta decadencia? Valia a pena menciona-las todas n'um escripto de longo folego: aqui só apontarei uma, que se me affigura ser predominante e que é das mais faceis de remover para o futuro. É a ignorancia dos artistas,—perdôem-me elles,—ignorancia não dos *processos*, que quero suppôr que se aprendem e ensinam primorosamonte, mas de quanto é indispensavel para a concepção da *idéa*. Examinem-se com boa critica os trabalhos dos pintores nacionaes: o que se nota? Que sabem em regra manejar o pincel, pôr as tintas, harmonisar as côres, traçar as perspectivas, reproduzir as fórmas, distribuir a luz e as sombras, mas não conseguem exprimir com os elementos da linguagem plastica uma concepção intellectual. Fallam, mas não dizem nada. Estão de certo modo para os verdadeiros artistas como o calligrapho para o escriptor, porque o calligrapho póde tambem copiar os pensamentos alheios, como elles copiam mechanicamente os aspectos naturaes. E esta sua impotencia, esta ausencia do ideal, este rastejar pelo officio, o que é senão a tristissima condição do espirito, que se retrahe da producção artistica, não ousa imprimir-lhe o seu cunho, não tendo para offerecer-lhe uma inspiração robusta e original?

O abandono da pintura historica, apesar de ser a pintura por excellencia, ahi está a documentar essa ignorancia que deploro, e se alguns dos nossos artistas se experimentam n'este genero eminente, os documentos que fornecem não são menos comprovativos, porque os seus assumptos, raras vezes bem comprehendidos, são sempre assumptos já estafados por pinceis illustres, moedas corriqueiras das que formam o thesouro scientifico dos illetrados, e que podiam catalogar-se como as *phrases feitas* de certos estylistas, figurando na primeira linha do catalogo o banalissimo Eneas, carregando com o pae Anchises. Como se foge da historia, arcano imperscrutavel para a arte portugueza, foge-se egualmente de toda a *composição* em que é forçosa a interferencia de um elemento ideal, e procuram-se com exclusivismo os generos infimos, para que sejam só os sentidos a guiar, á vista do manequim ou do panorama, a mão exercitada. Por isso predominam o *bodegone* e a paizagem, tendendo a paizagem a descambar na photographia colorida; e todos estes phenomenos significam inanidade intellectual, e resultam do tão espalhado preconceito de que a vocação só por si faz o artista, de que as faculdades estheticas não carecem do auxilio das outras faculdades, e de que se póde egualar Kaulback ou Landseer sem saber lêr, como se póde ser rico sem estudar grammatica.

A academia tem dado caracter official a este preconceito, dispensando os seus alumnos dos mais modestos conhecimentos. Lêem por cima a lingua materna? soletram francez? Tanto lhes basta para, com o pincel, o escopro ou o buril, interpretarem a natureza physica, o mundo moral, a vida das sociedades antigas, os grandes homens e os grandes factos, que é missão da arte eternisar. Esta é a doutrina, que vigora com a força que entre nós adquire a rotina. Os livros são para os litteratos, diz-se, e até hoje não chegou a comprehender-se que para o estudo da pintura historica é rasoavel preparatorio o estudo da historia. Ensina-se sómente, por curiosidade, como é que pintam os seus episodios os que gosam a beatitude de os conhecer. Se já se vae confessando quanto é indispensavel para quem desenha ou esculpe a figura humana saber-lhe a anatomia, este ramo de sciencia ainda não pôde fazer-se cultivar por obrigação de escola. O que aprendem os paizagistas de mineralogia ou de botanica? os animalistas de zoologia? Nada, e se não vão alem de copiar servilmente, é talvez por mêdo de plantar á beira mar arvores que só frondejam nas cristas das serras, ou de fazer florir a amendoeira em agosto. Ha tal, que tendo cursado as aulas da academia, se acerta ouvir fallar em esthetica ou archeologia, vae perguntar ao Moraes o sentido d'estas palavras esdruxulas; dos grandes mestres e suas escolas conhecem os estudantes... a galeria nacional; e já ouvi um pasmar ingenuamente de que David, tocando harpa ás maravilhas e poetando ao divino, fosse tambem... esculptor! Que culpa tinha este ignaro de ser officialmente artista?

Emquanto a educação official dos artistas estiver n'este atrazo, a sociedade promotora das bellas-artes, por mais que amiude as exposições e avolume as recompensas do merecimento, ha de continuar a vêr os seus esforços tristemente despremiados. Por isso quizera que ella saisse da esphera de acção traçada pelos seus estatutos, e estudasse, propozesse e promovesse uma reforma radical da academia. Os poderes publicos, é sabido, não descem o olhar olympico para *futilidades*, e por isso cabe á iniciativa particular supprir-lhes a desattenção soberba. É imposivel educar intellectualmente os cultores do bello, por não lhes sobejar tempo para cursar sciencias? Não, de certo. Não se lhes pede que professem a historia como Gervinus, ou emparelhem com Linneu em saber botanica; se não podem mais, aprendam como se estudam os ramos dos conhecimentos humanos connexos com o seu lavor, habilitem-se para lhes pedir subsidios e obte-los com mais detida applicação quando d'elles careçam, e terão realisado um progresso immenso. E se nem tanto podem, se nem d'este exiguo sacrificio receberiam indemnisação futura, devemos desistir de procrear artistas, de ter arte nacional, e no chão da academia arrasada plantaremos hortaliças!

A ultima exposição da sociedade deve tê-la convencido, melhor do que nenhuma outra, da urgencia da reforma que me permitti alvitrar. Guarneciam a sala da pintura algumas telas em que a vista se prendia com agrado, mas raro se destacava d'ellas uma idéa que penetrasse no cerebro do visitante. Havia quadros que eram como janellas abertas para o campo, mas por essas janellas não se avistava o espirito do artista. Via-se o *objecto*, mas não o *sujeito*. Não figurava lá quem pudesse dizer como Rembrandt: quando deixo de pensar deixo de pintar. A arte rastejava pelo processo, e este apoucamento sentia-o bem

quem passava da exposição dos pintores para a sala da esculptura, e contemplava *D. Sebastião pensando na conquista de Africa*. Este primor, este diamante que ali estava engastado em metal vulgar, parecia a revelação de uma outra arte, e sobrepujava, pelo menos, quanto rodeiava, por ser a concepção de uma intelligencia fecunda, robustecida pela instrucção sadia e adequada ao seu mistér.

O sr. Simões de Almeida podia ser uma vocação portentosa, phenomenal; se fosse um ignorante ou conhecesse apenas os processos da sua arte, nunca acertaria com o seu *D. Sebastião,* e quando muito chegaria á perfeição technica do *busto da sr.ª viscondessa de Condeixa*, que conversa com quem o admira. Esta perfeição relativa imagino eu que não está fóra do alcance do sr. Nunes, que modelou com muita verdade anatomica o *Filho prodigo,* e lançou lindamente as roupas da figura pouco symbolica da *Eucharistia;* isto é, imagino que não está fóra do alcance da educação deficiente da academia, que o esculptor que acabei de citar deve completar e aperfeiçoar, se quizer ser creador. Com essa educação, o sr. Simões de Almeida cinzelaria, por exemplo, com muito gosto *um adolescente scismando no que leu n'um livro;* mas para converter esse adolescente no rei D. Sebastião meditando na conquista de Africa empregou recursos intellectuaes e um cabedal scientifico, que nas escolas se não ministra aos nossos artistas, porque exprimiu com o cinzel a comprehensão acertadissima de um caracter e quasi de uma época inteira da historia patria, o que não é empreza para ignaros deshabituados de pensar.

Faz gosto observar-se como a mão do sr. Almeida andou sempre guiada meticulosamente pela sua idealisação do moço rei, formada com os elementos historicos que lhe forneceram as chronicas. Repare-se n'aquelle corpo, sabiamente disposto n'uma attitude desartificiosa, que exprime a indolencia physica da meditação, e que é lindo de qualquer lado que se veja: é flexivel como o de uma creança, mas é tambem secco e rijo como o de quem se deu desde tenros annos aos exercicios de agilidade e força. Mais algum arredondado de fórmas, mais algum tecido adiposo a revestir os musculos, e ahi perdia o personagem o cunho physico da sua educação. Fitemos-lhe agora o rosto: o frescôr jovial dos poucos annos foi apagado pelo ascetismo dos Camaras, a bôca diz palavras de mando, os olhos nadam em visões de guerra. Lavater leria n'aquellas feições duras a altivez obstinada, que havia de resistir a D. Jeronymo Osorio, que queria dissuadi-lo da jornada de Africa. O episodio que a estatua representa é tambem escolhido com finissima critica, para exprimir o caracter e denotar o fim tragico de D. Sebastião: ao rei que na edade dos folgares lê enamoradamente as relações gloriosas dos feitos de armas e tem uma vontade imperiosa, vaticina-se a morte precoce n'uma empreza temeraria, como a de Alcacerquibir. E d'este modo, o sr. Simões de Almeida soube compendiar um caracter n'uma attitude e uma época n'uma figura: n'uma figura de adolescente, em cujas veias gira o sangue cavalleiroso do mestre de Aviz, em cuja physionomia transluz o orgulho cesariano de D. Manuel, que tem a fronte entreovada pelo fanatismo de D. João III, e que é um perfeito symbolo da realeza guerreira do seculo XVI, que como adolescente se deixava tutelar pelos jesuitas.

Eis-aqui como eu entendo a arte, eis como a arte plastica póde ser uma linguagem e a mais conceituosa de todas. A estatua de D. Sebastião decompõe-se, cada linha é uma idéa, e o conjuncto é uma historia ou um poema. O sr. Simões de Almeida permittiu á minha esthetica exemplificar-se e mostrar aos artistas como a sua aspiração não é um impossivel: beijo-lhe as mãos pela mercê! Oxalá que o exemplo seja fecundo, oxalá que o imitem, bebendo a inspiração na fonte purissima do ideal, os esculptores modestos mas promettedores, que fazem cortejo honroso ao mestre: o sr. Nunes, que já citei com o merecido gabo; o sr. Pereira, que nos seus ensaios, no retrato do sr. Barbosa nomeadamente, denota gosto e disposição natural para um lavor de que não faz profissão; e o sr. Rosado, que foi tão feliz no medalhão do sr. Calmels. Não sei porque, sempre a esculptura se avantajou entre nós á pintura, e a tradição dos Machados de Castro, que o sr. Victor Bastos amparou com brio, que um discipulo eminente de Pradier veio revigorar com lição excellente, promette hoje animar-se e engrandecer. Tem sido uma arte privilegiada, e tão privilegiada é ainda, que se branqueiam com o pó do marmore as mãos sedosas de uma nobre senhora, a duqueza de Palmella, que aprendeu ao toucador a amar o bello para o retratar n'um *medalhão* e interpretar n'um *busto* de sabor classico, duas joias de talento, cujos fulgores reverberam sobre as lapidadas gemmas da corôa ducal!

(Continúa.) A. ENNES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

HISTORIA BREVE DE COIMBRA.— A compra de um exemplar d'esta obra do antigo juiz dos orphãos de Coimbra, Bernardo de Brito Botelho, annotado marginalmente e com a dedicatoria emendada, fez suppôr a quem o adquiriu, que o auctor havia preparado a obra para uma segunda edição, que não lográra fazer.

Dois antigos typographos da imprensa da Universidade, associados com o sr. Antonio Francisco Barata, escriptor versado em estudos de antiguidades, emprehenderam e realisaram a nova edição da obra, annotando-a o sr. Barata nos logares em que ella é deficiente e n'aquelles em que o auctor é menos exacto.

D'aqui se vê o interesse que despertará esta publicação, na qual se encontra larga copia de noticias sobre a fundação de Coimbra, suas armas, collegios, conventos e universidade.

A edição moderna é dedicada ao reverendo prior de S. Christovam de Coimbra (Sé velha) o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, distincto antiquario e auctor de apreciaveis publicações scientificas, historicas e litterarias.

A POMBA DO MOSTEIRO.— Com este titulo publicou o sr. Santos Silva um pequenino romance em versos octosyllabos, que se lêem de um folego e com muito aprazimento. No prologo que antecede a obra, declara o auctor que tem outros lavores d'este genero, conjunctamente com os quaes deveria ser publicado este, que sahiu agora em separado por um motivo particular. O apparecimento da *Pomba do mosteiro,* não privará, de certo, o publico de apreciar a seu tempo os demais, que ainda não lograram a fortuna de vêr a luz da publicidade.

GUIA OFFICIAL DOS CAMINHOS DE FERRO DE PORTUGAL.— Os melhoramentos materiaes do paiz trazem necessidades a que é mister attender. Em toda a parte onde ha caminhos de ferro, ha as respectivas guias que servem de auxilio a quem precisa utilisar-se d'aquelle rapido meio de communicação. Só em Portugal se notava esta falta. Ha dois annos, porém, que o sr. Julio Maximo Pereira, cavalheiro muito intelligente, suppriu a falta dirigindo uma publicação em que se encontram todos os esclarecimentos inherentes ao assumpto, publicação cujos proprietarios e editores são os srs. Pessoa & C.ª

Mais de cincoenta paginas de annuncios completam o interesse da *Guia official dos caminhos de ferro de Portugal para 1874.*

CARTAS DO PROFESSOR PEREIRA CALDAS, DO LYCEU NACIONAL BRACARENSE, AO ANTIGO DISCIPULO MATHEMATICO CANDIDO DE FIGUEIREDO, ALUMNO DISTINCTO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.— Contém este folheto uma longa apreciação da versão poetica ha pouco feita e publicada pelo esclarecido escriptor o sr. Candido de Figueiredo, do episodio *A morte de Yadjnadatta,* avaliada á luz da analyse philologica do texto original. Nada mais será preciso acrescentar para se comprehender o interesse do escripto.

Oração escolar na abertura solemne do lyceu nacional bracarense no anno lectivo de 1872-1873 pelo sr. Pereira Caldas — Programma das conferencias familiares do professor Pereira Caldas na sociedade democratica de Braga sobre monumentos archeologicos em geral e a architectura christã das nossas provincias boreaes em particular. — Merecem tambem a attenção dos leitores estes dois folhetos, já de certo bastante conhecidos, pois que a sua publicação data de ha dois annos.

Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias. — Cinco pequenos romances de escriptores conhecidos formam o volume destinado ao fim que o titulo indica. Denominam-se — *Singularidades de uma rapariga loura,* pelo sr. Eça de Queiroz — *O primeiro amor,* pelo sr. Marianno Froes — *Firme fé,* pelo sr. Oliveira Pires — *A peste negra,* pelo sr. Gomes Leal e — *A condessa do Carregal,* pelo sr. Eduardo Coelho. Em alguns dos contos ha narrativas graciosas, n'outros excerptos historicos ou descripções phantasticas e imaginosas, e em todos leitura amena e recreativa. É pois valioso o brinde com que o periodico popular foi, no principio d'este anno, dar as boas festas aos seus assignantes.

Os medicos. — Esta comedia em tres actos, imitada pelo talentoso auctor dramatico o sr. Aristides Abranches, da comedia em cinco actos de Eduardo Brisebarre e Eugenio Nus — *Les médecins,* foi publicada no fim do anno passado pela casa editora Mattos Moreira & C.ª, que está prestando valiosos serviços á litteratura portugueza, tornando conhecidas muitas obras dos nossos melhores escriptores.

A comedia — *Os medicos* está ha muito julgada como uma das mais attrahentes que se tem representado em dois dos principaes theatros de Lisboa, e como a que maior gloria foi para o actor Taborda. Dizer, pois, que ella está impressa, deve ser o sufficiente para que os leitores curiosos de obras dramaticas a vão comprar, a fim de, no seu gabinete, se recordarem dos chistes que tanto os alegraram, ha annos, na scena do Gymnasio e da Trindade.

O mestre Jeronymo. — A mesma casa editora Mattos Moreira & C.ª deu á estampa a comedia em dois actos assim intitulada, que tantas representações teve no theatro do Gymnasio de Lisboa e nos principaes theatros do Rio de Janeiro.

Algumas reflexões sobre a questão do trabalho nas possessões portuguezas de Africa. — Assim se intitula um folheto de 78 paginas, no qual o sr. Oliveira Pires colligiu diversos artigos por elle escriptos nas columnas do *Jornal de Lisboa,* de que é illustrado redactor.

Infere-se do titulo o assumpto sobre que versa a publicação. O auctor trata com muito criterio da questão do trabalho rural na Africa, advogando ao mesmo tempo, com louvavel energia, o nobre principio da emancipação dos escravos. Como se vê, o folheto do sr. Oliveira Pires é obra de alcance e valia, com a qual devem travar conhecimento, pelo menos, os que se têem entregado ao estudo dos grandes problemas a que se acham ligadas a prosperidade e a civilisação das nossas possessões ultramarinas.

A oração da tarde. — N'outra secção das *Artes e Letras* fallo d'esta excellente comedia em tres actos, traduzida do verso hespanhol para verso portuguez, pelo fecundo escriptor o sr. Pinheiro Chagas.

A edição é feita pelo sr. Paulo Plantier e dedicada á actriz Virginia, um dos mais preciosos talentos do nosso theatro.

O leitor tem agora occasião de apreciar tranquillamente no seu gabinete, as innumeras bellezas de linguagem e versificação com que o esmerado traductor dotou a explendida concepção de Marianno Larra, escriptor dramatico muito notavel do reino visinho.

Mathilde. — Com este nome sympathico de mulher baptisou a ex.ma sr.ª D. Anna Ribeiro de Sá um formosissimo romance que deve ser lido com interesse, não só pelos que procuram nos livros de phantasia apenas o entretenimento de algumas horas, mas pelos que desejam encontrar n'elles os dotes litterarios que lhes são indispensaveis.

O romance *Mathilde* está bem enredado e prima pela naturalidade com que a acção se desenvolve e pela simplicidade com que está escripto. É o livro de uma senhora que não pretendeu embrenhar-se nas difficuldades enormes das altas questões sociaes, em que tantos modernos escriptores entram afoutamente para muitas vezes saírem d'ellas de modo que faz pena não haverem reservado a audacia para outros commettimentos. A ex.ma sr.ª D. Anna Ribeiro de Sá limita-se a referir, com inspiração, um conto agradavel em que figuram typos delicadamente desenhados. O livro, portanto, honrando o talento de quem o escreveu, não honra menos o nome que foi transmittido á auctora *envolto em loiros litterarios* — para me servir da expressão do sr. Pinheiro Chagas no prologo que antecede o romance.

É publicado pelos srs. Lucas & Filho e faz parte da *Bibliotheca universal* pertencente a estes editores.

Estudo sobre a colonisação e emigração para o Brasil. — Assim se intitula um grosso volume escripto pelo sr. Augusto de Carvalho, subdito brazileiro, mas conhecedor bastante do nosso paiz, onde residiu cinco annos para concluir os seus estudos.

A obra está desenvolvida com a maxima clareza e encerra doutrinas que hão de ser approvadas por uns e talvez controvertidas por outros, que assim succede a todos os escriptos, e principalmente áquelles que versam sobre assumptos de sua natureza talhados para crear opiniões divergentes, como é o da emigração para as terras de Santa Cruz. Revela, porém, a obra grande merecimento em seu auctor, porque além da boa argumentação e muita luz derramada sobre a grave questão de que o livro trata, ha certa amenidade que convida o leitor, em vez de o afugentar, a percorrer aquellas bem escriptas paginas, embora elle, por ser estranho ao assumpto, lhe não ligue vivo interesse.

A obra é offerecida ao sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior.

Leituras populares, instructivas e moraes, 3.ª edição approvada pelo governo. — O facto d'esta obra ir em 3.ª edição falla mais alto do que todos os elogios que se possam endereçar ao merecimento d'ella.

O livrinho é devido á penna esclarecida do sr. Brito Aranha, e por este escriptor dedicado a Sua Magestade o Imperador do Brazil. Enriquecido com muitas gravuras, á maneira das obras estrangeiras destinadas á primeira instrucção das creanças, tem o feliz condão de convidar os pequeninos leitores a percorrerem aquellas interessantes paginas, a fim de conhecerem a explicação dos desenhos que lhes attrahem a vista. Por este modo agradavel se instruem as creanças, adquirindo luzes de historia, de sciencia, de artes e de tudo que diz respeito aos conhecimentos humanos, na proporção relativa á pouco desenvolvida intelligencia dos primeiros annos.

As *Leituras populares* são editadas pela casa Rolland & Semiond e custam modico preço.

Tabella postal. — Este trabalho foi compilado pelo sr. Jeronymo Francisco Alves, pessoa entendida no assumpto, e é de grande utilidade para os escriptorios de commercio, porque trata de tudo quanto diz respeito ao serviço do correio. Põe-se á venda todos os annos e custa barato. Aos que precisarem da tabella postal bastará saber que ella está publicada para a adquirirem. O sr. Alves não deseja outra cousa e eu acho razoabilissimo o seu desejo.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

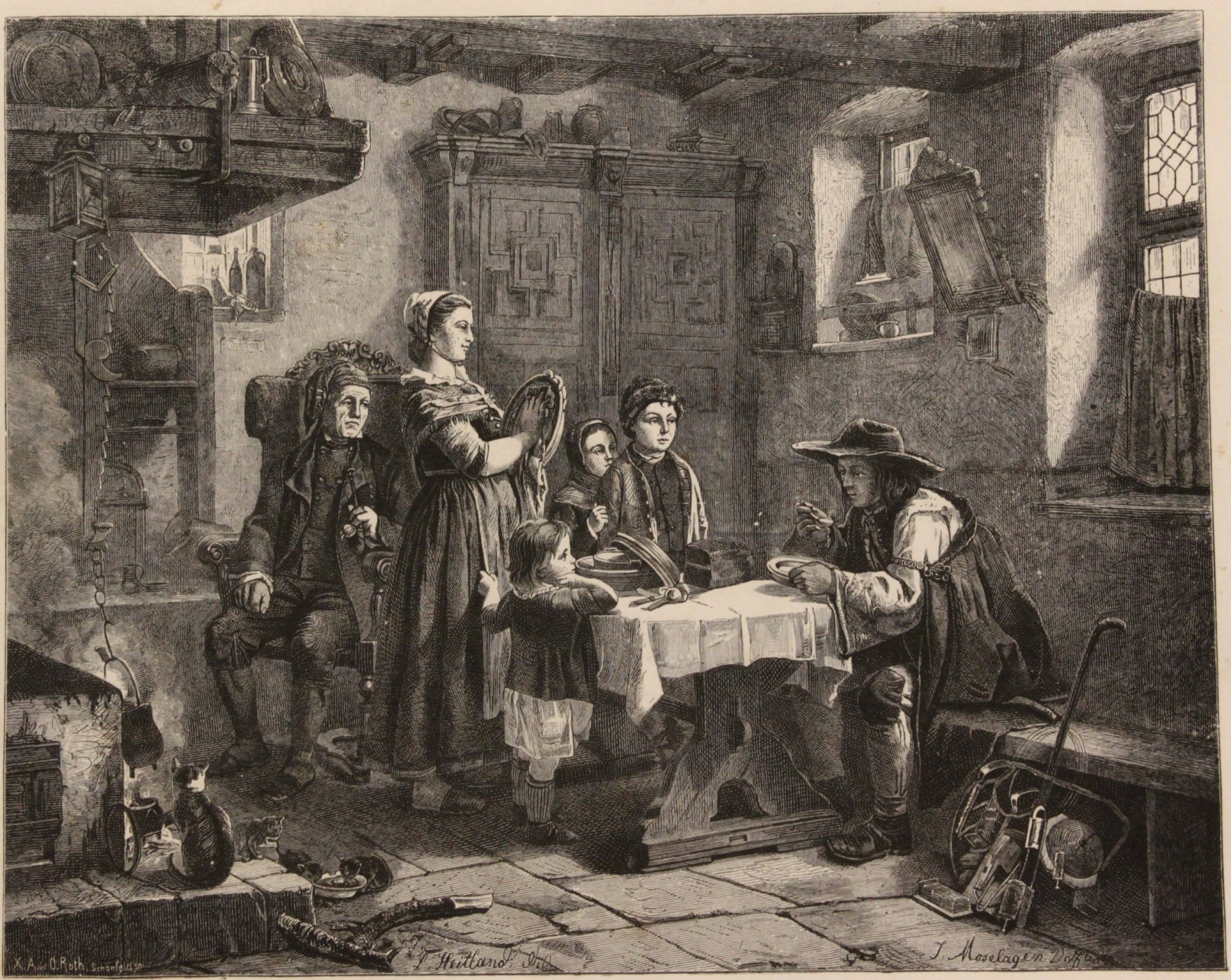
═══ A academia real das bellas artes tem a agradecer mais uma fineza ao sr. conde de Carvalhido. S. ex.ª acaba de novamente a presentear com sete quadros estrangeiros, que se denominam: — *S. Carlos Borromeu distribuindo esmolas,* attribuido a Ribera; *Paizagem com figuras,* de Janson; *Mulher deitando cartas,* de Mallé; *A tentação,* de Lawrence; *Natureza morta,* de Heem; *Uma caravana,* attribuido a Domenico Zampière (Domeniquino) e *O paraizo,* de auctor desconhecido.

═══ Foram definitivamente acceitos nos Estados Unidos os planos para o palacio da exposição universal, que deverá realisar-se em 1876, na cidade de Philadelphia.

A exposição occupará uma superficie de 30 geiras e meia, e o edificio será construido pelo modelo do da grande exposição de Paris em 1867, sendo porém a fórma elliptica substituida pela do parallelogrammo. Os mais importantes materiaes serão madeira e ferro galvanisado. Deverá conter vinte e um pavilhões separados. Ao todo terá 1:667 pés de comprido, 705 de largo e 137 de alto.



1553 — Imprensa Nacional — 1874



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

O PEREGRINO

QUADRO DE J. MOZELAGEN

ARTES E LETRAS



NUMERO 3—LISBOA—3.ª SERIE

O PEREGRINO—S. MIGUEL ARCHANJO

NINGUEM, como portuguezes, para comprehender este quadro do *Peregrino*.

A idéa da hospitalidade anda no nosso sangue nacional e na nossa poesia popular.

Ide para o Minho ou para a Beira, anoiteça-vos no caminho, seja a noite fria e chuvosa, veja-se apenas uma claridade longinqua, de um palacio ou de uma choça, é indifferente, guiae-vos por ella, demandae o pharol, batei, abrir-vos-hão, como se diz na Escriptura, *pulsate, et aperietur vobis.*

Em Lisboa, em qualquer capital, não se faz talvez justa idéa do que seja o cansaço, o frio e muitas vezes a fome do peregrino, e a espontaneidade, o carinho e a franqueza da hospedagem. Lá, no deserto das serras, é que isso se comprehende e admira e estima.

A poesia popular, que se inspira de todos os factos intimos da vida do paiz, glosou a velha hospitalidade portugueza em dezenas de trovas, e sob aspectos differentes.

Umas vezes o peregrino é o Amor, como no *Bernal francez:*

«Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?»
—«Sou Bernal francez, senhora,
Vossa porta a *amor* abri.

Outras vezes o peregrino é Jesus, e então a hospitalidade como que apparece inquadrada n'uma aureola divina:

Lá por essa meia noite
O pobresinho gemia;
Levantou-se o lavrador,
Foi vêr o que o pobre tinha;
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.

Toda a dedicação do hospedeiro pelo hospede está comprehendida n'um unico verso:

Levantou-se o lavrador.

A poesia popular tem d'estas concisões sublimes. Concentra muitas vezes n'uma palavra um grande pensamento, como aqui; o lavrador, extenuado do trabalho do campo, ergue-se do catre para soccorrer o peregrino que geme. Este zêlo caridoso é-lhe galardoado: o peregrino é Jesus. A caridade, n'esta poesia essencialmente religiosa, não podia ficar sem premio.

No nosso quadro o hospedeiro é talvez um lavrador abastado, um bom *bourgeois,* cuja familia se estende desde a mulher ao gato. N'aquella casa ha boa pinga e bom fogo,—o calor de fóra e de dentro. Ninguem lá quer ostentar de rico, mas a arca não está vasia. Uma ninhada de gatos não se engeita; um hospede tambem não.

E todavia os da casa já tinham ceiado, mas bateu o peregrino, porventura um vendedor ambulante, e abriu-se a porta. Veio toda a pequenada vêr, e o filho mais novo, que não gosta de gente desconhecida, está com os olhos no peregrino e a mão na mãe. As creanças, como se não regulam, são como os navios, quando não navegam: precisam sempre de amarra. O vestido das mães é que paga as custas. O pae, com a disfarçada curiosidade dos homens, vae olhando de esguelha atravéz do fumo do cachimbo.

Depois de ceia, póde ser que o peregrino siga jornada, mas não sairá sem *dar graças a Deus,* porque, como Victor Hugo disse, quem dá aos pobres empresta a Deus. Descobrir-se-ha e resará devotamente deante de qualquer retabulo, que será, talvez, um *S. Miguel Archanjo,* não tão perfeito, nem tão bello, como o de Luca, mas que, aos que conhecem a historia da arte, faria lembrar o soberbo quadro do pintor napolitano.

O peregrino saíu, e não obstante outro se nos mostra já. Anda correndo a Italia, é artista, e trabalhando sempre. Carlos II chama-o á Hespanha; o seu pincel enriquece o Escurial. Uma voz, a do pae, diz-lhe constantemente ao ouvido: *Luca, fa presto.* Presto! O artista peregrina sempre,—trabalha sempre.

E quem é elle?

É Luca Giordano, o auctor do quadro *S. Miguel Archanjo,* que podemos hoje admirar em copia.

Bemvindo seja o peregrino!

Que magestosa doçura a do seu archanjo! É sabido. A arte christã preoccupa-se com a significação, como a arte antiga se preoccupava com o conjuncto harmonioso das fórmas. Giordano quiz pintar a superioridade meiga dos anjos; conseguiu-o. Todavia observou á risca as tradições seguidas desde a idade media, que, como diz o abbade Pascal nas *Instituições da arte christã,* só nos ensinou duas maneiras de copiar os anjos: corpo inteiro ou cabeça alada.

No primeiro caso, vestidos de guerreiro ou cingidos de uma alva tunica fluctuante; brandindo o flammejante gladio ou dedilhando a harpa dos mysticos concertos; empunhando o sceptro da realesa celeste ou baloiçando o thuribulo da adoração.

No segundo caso, como observa René Ménard, «as azas designam a rapidez d'estes mensageiros que zombam do peso da materia, porque são puros espiritos.»

S. Miguel archanjo teve sempre uma grande popularidade no occidente. Segundo a tradição byzantina, os archanjos Miguel, Gabriel e Raphael representavam a triplice potencia militar, civil e religiosa, mas talvez pelo importante papel que ao primeiro dos tres cabe no juizo final, e pela idéa da justiça eterna, que representa, por isso que tem na mão a balança das almas, e pelas suas repetidas victorias sobre Satan, como nol-o descrevem Raphael e Giordano, não havia fortificação da meia idade que o não anichasse no granito das suas torres ou que o não levantasse, em colossaes dimensões, sobre a flecha dos seus templos.

Depois do archanjo Miguel, apparece nos monumentos dos seculos XII e XIV S. Gabriel. Umas vezes é a reli-

gião christã, figurada em rainha, que recebe n'um calix o sangue derramado pelas chagas de Christo; outras vezes são os dois archanjos, que sustentam o calix.

Os diabos que saíram do pincel de Giordano são homens de fealdade horrivel.

Era assim, ou sob a fórma de animaes monstruosos, que elles começaram a apparecer nos capiteis do seculo XI.

A cauda, ainda em conformidade com a arte da idade media, remata por uma cabeça de serpente, e, como nas miniaturas religiosas, um dos diabos espezinhados pelo archanjo tem na mão o ferreo sceptro da realeza condemnada ás trevas.

Ha quem accuse Giordano por se entregar frequentes vezes a uma composição complicada. Se tal defeito ha n'este quadro, quer-nos parecer uma belleza, porque contribue para o vago de terror, para o sombrio mysterio que envolve os anjos caídos, e o mesmo poderiamos dizer do nymbo resplendente que circumda o archanjo.

ALBERTO PIMENTEL.

THEATROS

(Conclusão)

O publico desviou a sua attenção d'esta peça de auctor que começa, por a empregar n'uma composição de escriptor muito pratico em assumptos de theatro.

Em D. Maria deu-se mais um drama original do sr. Cesar de Lacerda. Intitulava-se — *Homens e feras* e tinha tres actos e um prologo.

Esta peça, depois de decotada das exhuberancias do dialogo que a tornavam extensissima, foi ouvida com muito prazer pelas platéas do nosso primeiro theatro, e sempre applaudida.

O titulo chamou a attenção do publico; e se para a justificação d'elle ha na urdidura uma scena que me parece menos verosimil, qual é aquella em que uma senhora de boa sociedade alcunha de urso, de macaco e de panthera algumas das suas visitas, o publico, em compensação, riu francamente com as situações creadas pela theoria phrenologica de que todas as pessoas têem mais ou menos a indole de um irracional qualquer.

No desenvolvimento do drama ha lances de excellente effeito, embora alguns d'elles estabelecidos sobre bases menos seguras. Sirva de exemplo a situação do final do segundo acto, que tem o poder de conservar presa a attenção dos espectadores, não obstante a sua origem pouco verosimil, pois não é de crer que alguem faça passar uma creança por outra fallecida, quando sobre o cadaver d'esta se ergue um tumulo onde estão gravados nome e filiação da defunta, visto que mais tarde ou mais cedo virá forçosamente a succeder uma catastrophe como a que se dá no drama do sr. Cesar de Lacerda.

O prologo da peça, exceptuando o final que julgo menos bom, não se presta tanto a estes reparos. Quanto a mim, aquelle acto é o trabalho mais firmemente delineado e melhor escripto que figura no vasto reportorio do sr. Cesar de Lacerda. O typo do morgado é formosissimo de verdade, e a scena entre este e os dois creados, a fim de os resolver a darem os tiros no doutor delegado, é feita com tanta felicidade e mestria, que, se não estou em erro, o melhor auctor dramatico não poria duvida em perfilhal-a.

No desempenho andaram bem todos os interpretes; nem podia deixar de ser assim, tendo sido a peça confiada, com pequenas excepções, aos primeiros artistas do theatro, incluindo Santos. O drama subiu pela primeira vez á scena em beneficio da actriz Carolina Falco, a quem cabem os maiores louvores pela maneira notavel como interpretou o primeiro papel da peça, o qual tem difficuldades de execução que só pódem vencer os primeiros artistas.

Depois da comedia original em um acto — *Abençoado progresso!* da qual não posso dizer cousa alguma pelas mesmas rasões que me abstiveram de fallar das comedias — *Ao calçar das luvas* e — *Coimbra e tarimba*, ainda o theatro de D. Maria II deu uma peça original. Foi a comedia em um acto — *Os grutescos*, do sr. Gervasio Lobato.

Os grutescos é uma exposição de typos entre os quaes se ostentam alguns que me pareceram menos verdadeiros, como são, por exemplo, o homem de letras que passa a noite n'um baile a vêr provas nas salas; o padre que revela, para entretenimento das pessoas que o rodeiam, os segredos da confissão; e a mulher casada que em voz alta, com perigo de ser ouvida por qualquer pessoa, declara que é amante de um homem tambem casado.

Podem existir, e de certo existem, pessoas assim, mas formam a excepção da regra, e as excepções no theatro são quasi sempre perigosas, sobretudo quando se desviam de algumas convenções inherentes á antiga escóla. Ora a peça do sr. Lobato é filiada na escóla moderna, na escóla do naturalismo, a melhor das escólas quando se não abusa dos excellentes principios d'ella, porque n'este caso succede que o escriptor ou o artista, á força de querer ser verdadeiro, parece falso.

É do abuso de taes principios, quanto a mim, que se resente a composição dramatica do sr. Gervasio Lobato, e por isso, e não por ella ser demasiadamente immoral, o publico a reprovou. Tem sido recebidas no theatro portuguez, sem demonstrações de desagrado, immoralidades de maior vulto do que as que se patenteiam nos *Grutescos*. E a rasão porque as iras do publico se não desencadeiaram sobre ellas, não seria porque a luz da verdade que as illuminava era tão intensa, que ninguem ousava, dando provas de desagrado, negar a existencia d'essas ulceras fataes, que lavram no corpo da sociedade em que vivemos? Eu creio que sim.

Á parte as scenas em que o auctor, segundo a minha opinião, foi menos feliz, a peça tem qualidades boas que não passaram despercebidas, sendo as principaes a vivacidade de uma grande parte do dialogo e a descripção ficticia da origem da camelia vermelha, trecho espirituoso que dispõe perfeitamente o publico logo no começo da peça.

Não tendo que fallar de outras composições dramaticas originaes terminarei registando os merecidos e enthusiasticos applausos dispensados a dois artistas de primeira ordem, em as noites de seus beneficios. Foram esses artistas Santos e Emilia Adelaide. Tanto um como outro não grangearam essas ovações explendidas, sómente pelos relevantes serviços prestados á arte na sua longa carreira de grandes artistas; conquistaram-as na propria noite á custa do trabalho admiravel que executaram na interpretação dos magnificos papeis das peças novas que levaram á scena.

Santos representou o papel do duque de Aleria na famosa comedia de Jorge Sand — *O marquez de Villemer* (versão espirituosa do sr. Ramalho Ortigão) com a maior naturalidade e com o mais completo acabamento. Este papel ficou sendo um dos mais notaveis do largo reportorio do excellente artista, se por ventura não é o melhor, o mais completo, o mais altamente artistico dos que elle tem ultimamente exhibido em scena.

Emilia Adelaide fez muito bem o papel da protagonista na comedia de E. Augier — *A aventureira*, elegantemente traduzida do verso francez pelo sr. Julio Cesar Machado. Nas scenas de dissimulação, e bem assim nas de sentimento, mostrou que é actriz de grande merito, a quem não são estranhos os mais reconditos segredos da arte que tão cabalmente professa.

Depois da comedia recitou mui correctamente a poesia formosissima do sr. Pinheiro Chagas — *A liberdade*, em que se encontram versos primorosos e de grande vigor. Por fim desempenhou delicadamente o papel de Sophia Arnoult na bonita comedia de Lambert Thiboust — *Janto com minha mãe.*

Foram pois as noites de beneficio d'estes dois primeiros artistas, noites festivaes em que as ovações não eram só de estima — como se usa dizer em França — mas sim de direito, pelo trabalho explendido que ambos os artistas executaram, perfeitamente coadjuvados pelos seus collegas.

Com a opera-comica a — *Dama de espadas*, traduzida pelo sr. Antonio de Castilho e representada no theatro da Trindade em beneficio do actor Augusto, terminou a serie das peças novas dadas durante esta época nos theatros de Lisboa. Estes, vendo que as portas do Passeio do Rocio se abriram ao publico, fecharam as suas para não passarem pelo desaire de se verem ermos de espectadores. Começaram pois as ferias theatraes. Os artistas que não foram representar pelas provincias, vão descançar á sombra de alguma arvore bem copada, para recobrarem forças a fim de continuarem a sua pesada tarefa de setembro em deante.

RANGEL DE LIMA.



MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

XI

(Continuação)

NÃO foi na cidade que a viram assim vestida de gala, como se caminhasse para o noivado. De noite, voltando a si, entrou na casa que achou deserta; levou do seu quarto as joias que primeiro encontrou, desceu ao rio, desprendeu um escaler pequeno e doirado em que costumava brincar pelos canaes, olhou ainda na direcção da sua casa infamada e chorou de saudade, e quem sabe se de remorsos, pelo mal que havia feito a todos os que a adoravam! Recobrou-se; tomou um remo e com elle, aproveitando a maré, guiou e conduziu o barquinho[1] ao valle onde, mezes antes, vira o tragico fim dos dois amantes. Prendeu o escaler ás raizes de um arbusto marinho e foi curvar-se e chorar sobre o tumulo humilde, e já quasi escondido pelas trepadeiras, em que D. Fernando reuníra e guardára os ossos dispersos, contra a voracidade das feras.

Depois de orar e chorar bateu na pedra como para ser ouvida e disse em tom de confidencia e com lagrimas na voz:

—Brahmine, minha irmã! venho contar-te as minhas penas e o valor do meu coração, digno do teu. Como a ti, mataram-me as feras o meu amante; como tu calquei aos pés uma serpente e deixei-me dilacerar por ella. Só não posso, ai de mim! morrer abraçada a elle e devoral-o com beijos na hora das ultimas agonias!

A minha morte ha de ser mais lenta e mais cruel; hão de vir fazer-me companhia a fome e a sede; que importa? é tudo por elle!

Todas as mulheres são escravas, sonhámos nós com ser livres.

Só tu podias entender-me e perdoar-me. Vim contar-te a minha desventura e abraçar-me comtigo.

Antes que o sol me veja vou esconder-me nas selvas. Adeus minha amiga, minha companheira, minha irmã.

E entre soluços e prantos beijou e abraçou a pedra tumular.

Pouco depois o barquinho doirado singrava para o norte sobre as aguas do canal, deixava a ré as nogueiras e palmares de Cumbarjua, costeava a ilha de Chorão e aproava ás aguas da *tirte*, junto do logar sagrado onde se queimam os cadaveres dos gentios.

Mogarem saltou em terra e arrojou com o remo o escaler ao largo. A maré que descia levou-o para oeste, no rumo do Mandovy. A lua caía no horisonte, as estrellas desmaiavam, o barquinho sumia-se alem, na extrema da sua esteira, e ella olhava-o parada, até perdel-o de todo na bruma prateada que pulverisava as aguas.

[1] É frequente vêr nos portos do levante barcos guiados por um só tripulante com uma pá que lhe serve de remo e de leme.

Adivinham-se as saudades que a prendiam áquelle barquinho, sobre cujas almofadas de seda tantas vezes adormecêra, d'aquelle somno irrequieto e risonho das creanças, embalada pelas vagas preguiçosas e acalentada pelas brizas e pelas canções longinquas das aves e dos marinheiros. Dos sonhos e dos prazeres da infancia ficam sempre uns ecos e uns perfumes que nos acompanham na vida e nos fazem rir e chorar. Encontram-se nas abstracções dos poetas, nos extasis dos amantes, nos passeios solitarios dos velhos, nas inconsequencias e impaciencias das mulheres; e descobrem-se principalmente no fundo luminoso dos céos, no remanço extenso dos rios, no seio mysterioso dos arvoredos. Traduzem-se n'uma palavra só: «melancolia.»

Pobre creatura! sosinha! perdida nas trevas e no ermo! fraca, inerme, sem ninguem e sem esperança! deshonrada perante os homens, perdida para com Deus, privada de bater á porta do mais humilde *garath*, de estender a mão ao obolo do passageiro, de pedir soccorro!... Saber que ás suas lagrimas, á sua voz, ao seu contacto, as mães — as creaturas amoraveis — hão de fugir, levando comsigo os seus filhos! Saber que o mundo lhe será ermo, porém ermo intencional, ermo só para ella, ermo em que ha olhos que a não querem vêr, ouvidos que a não querem ouvir, mãos que a não querem amparar!... Saber que, quando entrar no povoado os risos hão de extinguir-se, os cantares hão de immudecer, os velhos hão de esconder o rosto, os moços desviar-se, as moças fugir, e as creanças chorar de medo!... A sua voz não ter um eco, a luz de suas lagrimas não ter um reflexo, a sua agonia não ter uma consolação, o seu cadaver não ter uma fogueira nem um sepultura! Terem todos a descaridade de a deixar morrer e ninguem a caridade de a matar!

Comprehende-se o horror do vacuo n'este martyrio sem sevicias, n'este naufragio sem ondas, n'este aniquilamento sem lucta. O infinito abre-se, o todo faz-se nada, a vida torna-se vertigem.

Por que será que o immenso se não revela em nós pela ventura e se revela pelo infortunio?!

. . . .

O barquinho perdera-se entre a bruma. A lua, olho sanguinio, ardente e somnolento, fechava-se no horisonte. A aurora espreguiçava-se já entre as ramarias do levante. Mogarem banhou-se nas aguas santas da *tirte*, enxugou-se e compôz os cabellos, adornou-se com as suas joias, e quando o sol se entre-mostrava nas avenidas dos Gattes viu-se o seu *panno* vermelho sumir-se pelas florestas insondaveis.

(Continúa.)

COMPAIXÃO DE IRMÃ—UMA ESTALAGEM NO TYROL

ABRANGE o nosso artigo, como pallido commentario, as duas estampas reproduzidas pelas *Artes e Letras*.

N'uma dellas respira a infancia com a frescura dos idyllios innocentes. São-lhe theatro as arvores, as flôres, as alamedas, e cercam-n'a como espectadores, inanimados os utensilios da jardinagem. A tua esquerda, amigo leitor, jaz meio reclinado um regador, que o jardineiro para alli deixou, e em breve voltará, ao caír da tarde, a refrescar os arbustos e as plantas queimadas pelos ardores do sol. Quasi aos pés do protogonista da rapida scena infantil — scena como tantas

que as creanças representam entre folguedos e chóros,—vê-se o chapéo campestre da *ingenua* sua irmã; entre esta e aquelle, a bola dos brinquedos interrompidos pela tragedia felizmente incruenta, que se seguiu ao idyllio,—



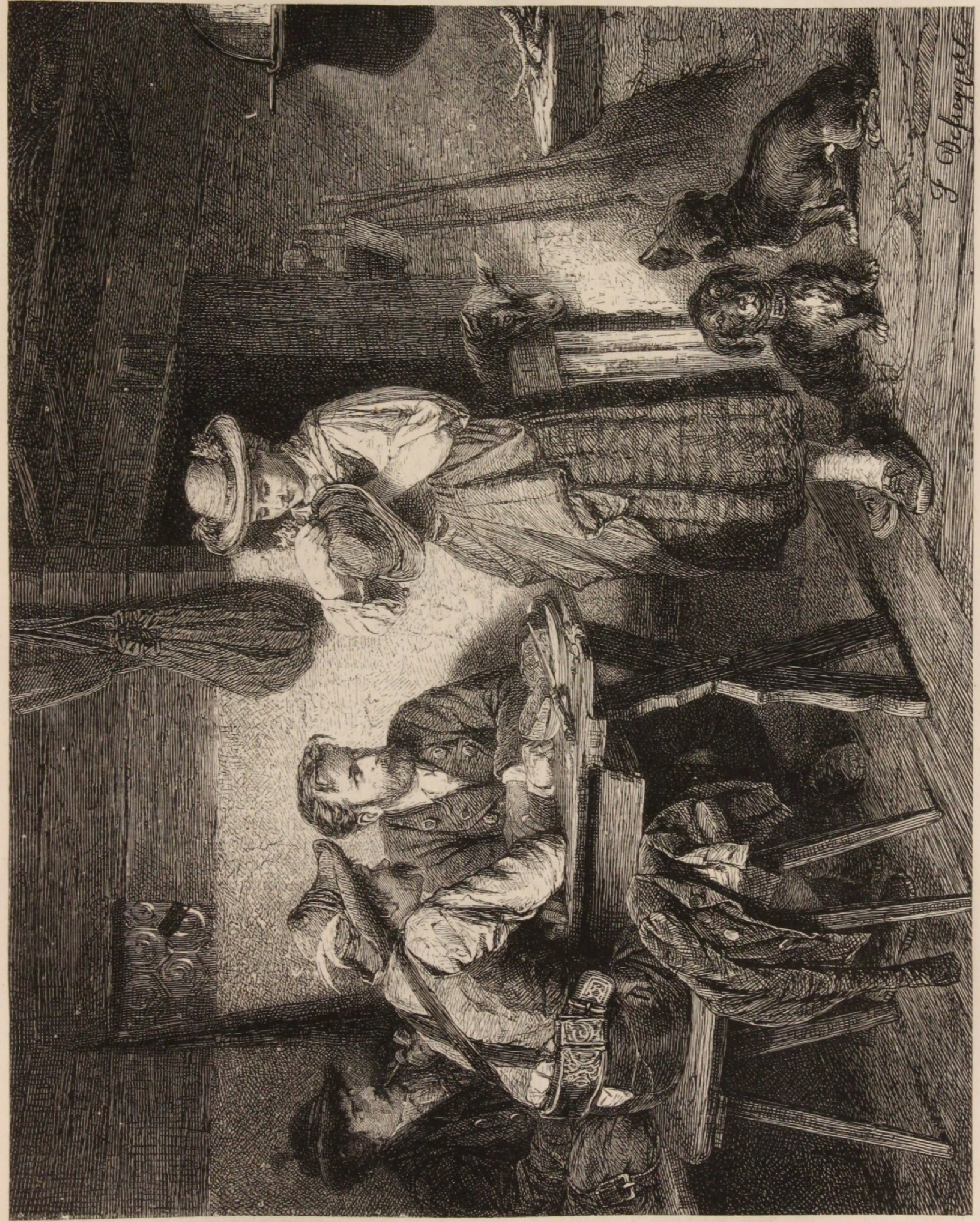
mas ainda assim orvalhada de lagrimas, que o primeiro beijo da mãe ou da irmã querida não tardará a enxugar.

Qual de nós não padeceu sustos iguaes aos que vieram perturbar as alegrias descuidosas do rapazinho traquinas, que se aventurára aos delirios da sua inquieta gymnastica,—gymnastica endemoninhada, que se compraz umas vezes em engatinhar pelo chão, outras em pular ás arvores mais altas, pendurando-se-lhes dos esgalhos, marinhando-lhes pelos troncos como por outros tantos mastros de cocanha, por cujo premio cubiçado, posto nos topos (quasi sempre um ninho de pardal), affrontavamos denodadamente os perigos de uma quéda formidavel?

Qual de nós, n'essa carreira de aventuras arriscadas, não perdeu vezes sem conto o equilibrio? não escorregou desamparado de pés e mãos? não veio parar de costas ao chão? não ficou bem estatelado no meio da arena dos seus triumphos de ha pouco, empoeirado, sujo, roto como volatim de feira, e sem poder ao menos conservar na queda a graça correcta das attitudes com que caia no circo, o gladiador vencido?

É um dos tantos desastres aliás frequentes na quadra d'esses annos tão bellos, que a onda do tempo já afastou para bem longe de nós, o que ahi se contempla nos olhos—não sabemos se maliciosa, se sinceramente chorosos—

d'aquelle menino, que ou está curtindo antecipadamente os terrores da severidade dos paes, ou pretende mover á



piedade o coração da sua gentil irmã, para que esta, com o auxilio da agulha e do retroz, encubra aos olhos paternos o rasgão enorme das calças, — vestigio delator da recente travessura.

Este lance angustioso, que magôa o coração atormentado do rapazinho e lhe converte em lagrimas os folguedos, é alternadamente entrecortado de piedade e de terror, e debaixo d'este aspecto (perdoem-nos a profanação os manes venerandos de Aristoteles), assume as proporções da verdadeira tragedia antiga. Ha alli um crime e um

criminoso, salteado pelas visões do remorso, cujo aspecto dolorido gera em nós os sentimentos da compaixão. Demais a mais, entra na tragedia uma confidente, personagem sem a qual o proprio Euripedes nunca poderia haver escripto nem a *Iphigenia* nem a *Medéa*.

Vêde como a irmã se compadece enternecidamente do infortunio do irmão, e, como verdadeira consoladora dos afflictos ajoelha para lhe prodigalisar o soccorro das suas artes valedoras. N'aquelle momento de dôr suprema, aquella agulha e aquelle fio de seda valem exercitos e imperios. Graças a taes instrumentos de lavôr feminino, embora manejados por mãos de adolescente, hão de apparecer unidos os labios d'aquelle golpe rasgado no panno, como poderia cerzil-os a agulha feiticeira de Casademund, desfazer-se em novos brinquedos e em novas alegrias os receios e terrores que estão pesando no coração do pobre rapaz, e transformar-se em risos as lagrimas que lhe bailam nos olhos.

O assumpto da outra gravura — representa o interior de uma estalagem. Os olhos dos tres caçadores denunciam o bom agrado que lhes merece a gentileza da estalajadeira, a qual enfeita o chapéo de um d'elles com flôres iguaes ás que lhe adornam o seu. Pelos typos e pelos vestuarios advinha-se que a scena se passa nos montes do Tyrol.

O que se experimenta, percorrendo pela primeira vez aquelles sitios encantadores, ou pelo menos o que senti, vendo-os e atravessando-os, poderá o leitor imaginal-o na pallida descripção que em outro logar publiquei, extrahida de uns apontamentos rapidos de viagem:

Estavamos ainda enfeitiçados, escrevia eu, com os topes nevosos do Tyrol, que o sol da manhã — e manhã formosa de primavera — prateava, espelhando-se n'elles, ao passo que o céo se ía retingindo por igual n'um azul transparente, em cujo fundo sobresaíam bem accentuados no horisonte os contornos, ora caprichosos ora severos da extensa cordilheira com seus cabeços a branquejarem.

Campeiam ainda deante de nós os castellos e os conventos das cercanias de Salzburgo dependurados sobre serras ingremes, por entre cujas ladeiras e quebradas irrompem, ás golphadas de verdura, os soutos e os carvalhaes.

Estâmos a vêl-os aos arroios cavados pela natureza nas entranhas d'aquellas penedias a derivarem palreiros até chegarem á planicie, onde engrossando suas aguas com as de outros ribeiros se vão transformando em torrente, que umas vezes róla precipitada ao nosso lado, outras se esconde para nos surprehender de novo, como que emboscada por detraz das moitas e dos sinceiraes que lhe orlam as margens, sombreando-as de retiros espessos e de grutas de verdura.

Como se me estampam na memoria os typos dos campinos tyrolezes com os seus fatos de vêr a Deus, os seus chapéos de feltro, as suas camisas de peitilhos bordados, as polainas de briche, os pescoços nús e tostados pelo sol das montanhas, a conversarem ao pé das estações do caminho de ferro, com as suas namoradas!

Estas, com seus brincos grandes, seus lenços de côres garridas encruzados sobre o peito, atados atraz pelas pontas, que lhes caem soltas sobre as saias encarnadas e com os seus chapéos desabados de borlas de veludo, trouxeram-nos á lembrança as feições e o trajar tão pittoresco das nossas formosas conterraneas de Avintes ou de Villar de Paraiso, nas immediações do Porto.

Agora um castello; logo uma abbadia; mais alem um presbyterio rural assente no pendor de uma serra; por aqui e por alli grupos de casaes rusticos e de aldeolas espalhadas pelos campos verdes; tal é o conjuncto do panorama que, de algumas horas para cá, nos traz enleados os olhos.

Quem nos diz, que o artista, reproduzindo na tela os tres typos de montanhezes rudes, embora meigamente alluniados por um olhar affectuoso para a gentil companheira, para quem sorriem, não teria presentes na lembrança alguns dos destemidos atiradores das montanhas, que o patriotismo de Hofer tornou famosas para sempre, na lucta desesperada e heroicamente travada com os bavaros, oppressores da sua terra natal, e que o fim lugubre do caudilho suppliciado mais tarde pelos francezes n'uma hecatombe de suspeitas e de vinganças enlutou com os crepes das maximas tragedias da historia?

V. DE BENALCANFÔR.

A OURIVESARIA

SUA ANTIGUIDADE E PROGRESSOS NO ESTRANGEIRO E EM PORTUGAL

III

(Conclusão)

PRIMEIRAMENTE as cruzadas, que pozeram em contacto a civilisação dos povos occidentaes com a dos orientaes; depois a tomada de Constantinopla por Mahomet II, que obrigou os sabios e os artistas do desmoronado imperio romano do Oriente a expatriarem-se, indo derramar em diversos paizes da Europa, sobre tudo na Italia, novas sementes de civilisação, produziram essa revolução nas idéas e nos costumes, que acabou com o feudalismo, e que cerceou o poder theocratico. D'esta revolução social foi consequencia necessaria a revolução nas artes, denominada *renascença*.

Enfraquecido o poder dos papas, a architectura gothica, que se póde considerar como creação sua, e que, acompanhando-o no seu engrandecimento, era um verdadeiro symbolo da theocracia, não podia subsistir na presença d'essa grande reacção moral, inspirada por um certo sentimento de veneração pelas instituições gregas e romanas. Portanto, ao mesmo tempo que os philosophos e os poetas concentravam o seu espirito, buscando inspirações na legislação e nas lendas d'estes dois povos da antiguidade, os artistas estudavam com enlevo os seus derrocados monumentos, e creavam o estylo da renascença, que tendo por base as regras fundamentaes da architectura grega e romana, trocou, todavia, a nobre simplicidade d'estas pela profusão dos ornamentos com que se ataviou; modificação devida, sem duvida, á influencia das relações com os povos do Oriente.

Esta revolução não se limitou, nem se podia limitar á architectura. As mesmas causas que a determinaram, fizeram com que se estendesse a todos os ramos da arte. Como a architectura, a esculptura em pedra e madeira, e a propria pintura, a ourivesaria deu de mão a todas as feições do estylo gothico. Adoptando a fórma classica dos vasos gregos e romanos, teve um grande desenvolvimento, e subiu ainda alguns degraus na escala dos aperfeiçoamentos. Os habitos do luxo, originados, e em crescente augmento, depois da descoberta da carreira da India, introduzindo nos banquetes dos reis e dos fidalgos, e na decoração dos seus aposentos, as baixellas de oiro

e prata, alargaram o campo já vasto aberto aos progressos da ourivesaria pelas praticas do culto catholico.

Do brilhante desenvolvimento, que apresentou a ourivesaria n'esta nova phase dos seus progressos, foram principaes promotores Francisco I, rei da França, Lourenço de Médicis, grão-duque de Toscana, e outros soberanos, pelo impulso que deram a este ramo da arte, proporcionando aos artifices trabalho assiduo e remuneração condigna; e o celebrado Benevenuto Cellini, pelo seu talento e gosto artistico, e pela delicadeza do seu cinzel, qualidades que lhe grangearam o epitheto do mais eximio ourives do seculo XVI.

Os vasos e outras obras d'este grande artista, tão esbeltas na fórma, quão formosas pela sua opulenta e variada ornamentação, servindo de modelo e de incentivo aos mais distinctos ourives de quasi todos os estados europeus, introduziram n'esses paizes a nova escola de ourivesaria, creada na Italia por Cellini.

Companheira inseparavel da architectura na prosperidade e na decadencia, e fiel imitadora das suas transformações, a ourivesaria continuou, como até ali, a acompanhal-a nos seus progressos, e a imital-a em todas as modificações dos seus estylos. Essa variedade de estylos, que a architectura apresenta na actualidade, fazendo reviver muitas vezes em obras modernas, as feições caracteristicas da arte egypcia ou grega, romana ou gothica, essa variedade ou antes confusão de estylos, que revela certa anarchia que lavra nas idéas, e que é o distinctivo das épocas de transição no viver da sociedade, manifesta-se do mesmo modo na ourivesaria.

A protecção e o impulso dados a este ramo da arte no seculo XVI, principalmente por alguns soberanos e prelados, são agora concedidos, nos paizes mais cultos, por centenares de individuos opulentos, movidos uns pela piedade religiosa, e outros pelo amor do luxo. E tambem lhe tem servido de incentivo em todo o curso do seculo actual os premios offerecidos aos vencedores nas corridas de cavallos em Inglaterra e França. Por conseguinte, não tem faltado estimulos á ourivesaria em nossos dias, e d'elles tem resultado nome illustre para alguns artistas e reconhecidos progressos na arte.

IV

Tudo era rude em Portugal no começo da monarchia. Os portuguezes d'esse tempo sómente primavam no ardor da fé, no esforço do braço, no amor da patria, e na lealdade ao rei. As artes achavam-se na sua infancia. A ourivesaria principiava a querer imitar, posto que grosseiramente, os relicarios trazidos da Palestina por alguns peregrinos, como o conde D. Henrique de Borgonha, no seu regresso ao reino[1]. Os vasos sagrados e outras alfaias do culto divino, esculpidos em prata no reinado de D. Sancho I, que se guardam no gabinete de antiguidades e numismatica do paço da Ajuda, no museu archeologico da academia das bellas artes, e em algumas igrejas do reino, mostram grande atrazo, quer na perfeição do trabalho, quer no gosto artistico.

Quando o commercio maritimo, excitado e protegido por varias leis de el-rei D. Fernando, sabiamente meditadas, começou a trazer a Lisboa diversidade de productos de industria estrangeira, alguns vieram que exerceram benefica influencia em o nosso desenvolvimento industrial e artistico. Os que produziram este resultado mais evidentemente foram os vasos sagrados e os paramentos de brocados e damascos bordados a oiro ou a seda para o serviço dos templos.

A ourivesaria portugueza, que assim começou a aperfeiçoar-se, mais se desenvolveu no seguinte reinado de D. João I, n'essa quadra de grande energia e vigor da nação, e em que principiaram a florescer as artes e as letras. D'esta época existem no paiz relicarios e vasos sagrados, cinzelados em prata por ourives nacionaes, conforme o estylo gothico puro, então reinante, que dão testemunho de mui consideravel adiantamento. A igreja da Batalha, que foi uma grande escola pratica de architectura e esculptura em pedra, contribuiu tambem para se aperfeiçoar a ourivesaria, por effeito das relações, que tem entre si estes tres ramos da arte, e por causa das muitas e differentes peças de prata, que o fundador mandou fazer no reino para serviço do templo, a maior parte das quaes pesando 811 marcos, os frades mandaram desfazer, em tempos muito posteriores, para com o seu producto se construir varias officinas necessarias ao convento.

A gloria e engrandecimento que resultaram para Portugal das descobertas e conquistas de seus filhos no velho e novo mundo, elevaram as letras e as artes a subido grau de florescencia. Do lustre da ourivesaria, da perfeição que attingiu, e do bom gosto que ostentou n'essa quadra de grande prosperidade, que abrangeu todo o reinado de D. Manuel o *Afortunado,* são documentos irrecusaveis a custodia do mosteiro de Belem, a que já nos referimos, a cruz de prata executada pelo mesmo ourives, e tambem doada áquelle mosteiro pelo dito monarcha, muitas peças formosissimas da baixella dos nossos reis, que ainda servem nas funcções da côrte, e muitos vasos sagrados e outros objectos do culto divino, que se guardam em differentes sés e outras igrejas do reino, e em maior copia no thesouro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.

Floresceram n'este periodo eximios ourives, sendo os mais celebrados Gil Vicente, em Lisboa, ao qual já nos referimos; e Pedro Alvares, em Guimarães.

A decadencia da monarchia, a catastrophe de Alcacerquibir, a perda da independencia e sessenta annos de sujeição a Castella, e depois os vinte e sete annos da guerra da restauração, lançaram as artes em grande definhamento. Quasi todos os monumentos d'essa época, senão todos, comparados com os da época anterior, attestam o nosso retrocesso na architectura e na esculptura em pedra. Resentiu-se a ourivesaria d'aquellas sinistras influencias, e, se não retrogradou tanto como a esculptura em pedra, perdendo, como esta, a delicadeza e perfeição de trabalho, que outr'ora a fizeram sobresair, perdeu, pelo menos, a belleza e graça das fórmas.

O descobrimento das minas de oiro do Brazil, a fundação do palacio de Mafra, e o amor do luxo e da ostentação de el-rei D. João V, abriram a porta a uma nova época de florescencia para as artes. Os ourives encontraram poderoso estimulo na magnificencia e generosidade do monarcha, e proveitosa lição nos vasos sagrados e outras alfaias de prata, primorosamente cinzeladas, que o mesmo soberano mandou vir de fóra do reino para serviço de diversos templos. Assim tornou a ourivesaria portugueza a desenvolver-se e prosperar, de modo que, ainda sob o reinado de el-rei D. João V, produziu obras que podiam competir, em elegancia de fórmas, e em belleza e primor de trabalho, com os mais excellentes productos da ourivesaria estrangeira. Entre a infinita copia de peças de prata e ouro da igreja patriarchal de Lisboa, que o terremoto e o incendio subsequente destruiu, havia muitas de grande formosura pela opulencia da orna-

[1] A peregrinação do conde D. Henrique á Terra Santa é posta em duvida por muitos auctores.

mentação, delicadeza e excellencia do trabalho, executadas por ourives nacionaes.

As diversas banquetas e outras peças de prata, mandadas fazer em Lisboa nos fins do seculo passado, e principios d'este, para ornato das capellas e oratorios dos paços reaes, e cujos modelos se guardam na *fundição de cima;* e a magnifica e formosissima custodia da igreja do asylo dos invalidos militares, em Runa, feita por ordem e segundo o desenho da fundadora, a princeza viuva D. Maria Benedicta, attestam o estado florescente da ourivesaria sob os sceptros da rainha D. Maria I e de seu filho el-rei D. João VI. E se não fossem sufficientes para o attestarem, bastaria para esse effeito a copiosa e riquissima baixella de prata, mandada fazer em 1814 pelo principe regente, D. João, depois rei, para offerecer ao duque de Wellington, em galardão dos serviços, que acabava de prestar á nação portugueza, auxiliando-a no vencimento das aguias francezas. Esta baixella, tão rica pelo seu valor intrinseco, como pelos primores do trabalho, foi feita em Lisboa segundo os desenhos e sob a direcção do distincto pintor Domingos Antonio de Sequeira. Posta em exposição publica, primeiramente em Lisboa, e depois em Londres, obteve em ambas estas cidades os maiores elogios para os artistas que a executaram.

As estatuas de S. Pedro de Alcantara e de S. Miguel, cinzeladas em prata por João Teixeira Pinto, um dos mais insignes ourives de Lisboa dos fins do seculo passado e principios do actual, feitas por ordem do principe regente para servirem na solemnidade dos baptismos de seus filhos, do mesmo nome d'aquelles santos, são duas obras tambem primorosas.

Emfim, o estado actual da ourivesaria portugueza é muito satisfatorio para a nação, e muito lisongeiro para os artistas, que se empregam n'ella. Os nossos actuaes ourives rivalisam sem duvida com os melhores estrangeiros. Falta-lhes, é certo, o estimulo e o largo campo que nos outros reinos, e principalmente em Inglaterra e França, se franqueiam a similhantes lidas. Porém, do que são capazes de fazer em honra sua e da arte dizem-n'o as obras enviadas ás exposições estrangeiras e á do Porto, e ultimamente a famosa *faca de matto,* cinzelada em prata pelo sr. Zacharias Raphael da Costa, distinctissimo ourives de Lisboa, obra de subido apreço pela belleza e correcção do desenho, e pela inexcedivel graça, delicadeza e perfeição da esculptura. Pede por ella o seu auctor 24:000$000 réis.

V

Thesouro da sé de Braga

Poucas igrejas no reino competiram com a cathedral bracharense na quantidade e riqueza dos objectos preciosos que se guardavam em seu thesouro. Quasi todos os seus prelados, na diuturnidade de seculos, ali depositaram por offerenda algum vaso sagrado, relicario, ou outra qualquer alfaia de prata de mais ou menos valor. Infelizmente, a maior parte d'estas riquezas foi roubada pelos francezes, na invasão do marechal Soult em 1809.

As quatro peças d'aquelle thesouro, que se vêem representadas em gravura a pag. 28 e 29, e que são copias exactas de excellentes photographias do sr. Carlos Relvas, recommendam-se pelo merecimento artistico e archeologico.

O *baculo,* embora singelo e de metal não precioso, é de muito apreço pela sua muita antiguidade, e como reliquia de um santo varão.

Procedendo-se, em 1708, por ordem do arcebispo primaz D. Rodrigo de Moura Telles, á trasladação dos ossos de Santo Ovidio, 3.º arcebispo de Braga, eleito sob o pontificado do papa S. Clemente, que foi assumpto á cadeira de S. Pedro no anno 67 da era de Christo, encontrou-se na sua sepultura a parte superior do referido baculo, que se achava em bom estado de conservação. A simplicidade do feitio e dos lavores d'esta peça, e a qualidade do metal de que é fabricada, quadram perfeitamente com a singeleza dos costumes e com a pobreza dos prelados nos primeiros tempos do christianismo. Estas circumstancias, pois, juntas á do logar onde se achou, dão todo o fundamento para se crêr, que o referido baculo pertencera ao arcebispo Santo Ovidio.

O *calix pequeno* é de prata branca, apenas ornado com simples lavores ligeiramente cavados. Tem de altura $0^m,10$, e $0^m,7$ de diametro na boca e na base. Na orla da base, em toda a circumferencia exterior, tem gravado o seguinte letreiro: IN NME DNI MENENDVS GVNDISALVIS. Em nome do Senhor, Mendo Gonsalves.

Este calix, segundo refere a tradição, era usado por S. Geraldo, 68.º arcebispo de Braga, o illustre prelado que baptisou o nosso primeiro rei. Era bastante esta consideração para tornar muito apreciavel esta peça. Mas ainda accresce outra circumstancia que lhe augmenta a valia archeologica, e consiste na quasi certeza de ser producção de arte nacional, em uma época, é certo, em que a ourivesaria portugueza se achava na infancia, mas da qual nos restam mui raros specimens.

O *cofre de marfim* tambem pertencia a S. Giraldo, e servia, segundo a mesma tradição, para este prelado conduzir dentro d'elle o calix de que acima fallamos, quando andava na visita da sua diocese.

É todo ornamentado este cofre de diversidade de lavores em alto relevo. Tem uma inscripção em arabe, que conforme a interpretação do distincto archeologo de Braga, o sr. Pereira Caldas, quer dizer: «Deus é grande e Mahomet é o seu propheta!!

Tem quebrado um pedaço da tampa, o que mostra ter sido feito por pessoa que, ignorando o modo de o abrir, o arrombou, julgando, provavelmente, que encerrava algumas joias de grande valor. Attribue-se este acto de barbaridade ao tempo da invasão franceza. Pela inscripção arabe, e pelo primor do trabalho em marfim, é producto de arte asiatica, sem duvida, pois que n'aquellas eras só na Asia estava tão adiantada a esculptura em marfim e metaes. É de suppôr que viria da Terra Santa para as mãos de S. Giraldo.

O *calix de prata dourada* com campainhas é obra magnifica pela belleza do desenho, pela delicadeza e perfeição dos altos relevos que o adornam, e pelos formosos esmaltes que fazem sobresair ainda mais aquelles graciosos e variadissimos lavores. Dizem que trouxe este calix de Roma D. Diogo de Sousa, 99.º arcebispo de Braga. É indubitavel que foi mandado fazer por este prelado, porque tem gravado o seu brazão de armas, e por baixo o anno de 1506, em que governava a diocese bracharense. Mas ainda que não tivesse similhante indicação, eram sufficientes signaes o estylo e as campainhas para lhe designarem a data.

As campainhas, denominadas *tintinabula,* foram introduzidas primeiramente nos paramentos. Passados muitos annos, nos fins do seculo XV, começaram a figurar como adorno nos calices e em outros vasos sagrados. Não obstante dizer-se que viera de Roma, inclinamo-nos mais a acreditar que seja feito em Portugal. Não nos permitte a extensão d'este artigo expender todas as razões em que assenta esta nossa opinião. Apontaremos as principaes: achar-se então a ourivesaria nacional no seu maior ex-



LUCA GIORDANO pinx.t W FRENCH sc.

S. MIGUEL ARCHANJO.

Editores Rolland & Semiond. Lisboa.

plendor; haver em Guimarães e Lisboa eximios ourives; exercer-se em ambas estas localidades a arte de esmaltar com muita proficiencia, como provam a mencionada custodia de Belem e outras obras d'esse tempo; e vêr-se representada, entre os relevos do mesmo calix, a fachada da sé de Braga.

O calix tem gravada em volta da boca a primeira parte da formula da consagração: *Hic est enim calix sanguinis mei.*

Agradecemos ao sr. Antonio Lopes de Figueiredo as informações que nos enviou sobre estas peças do thesouro da sé primacial.

I. VILHENA BARBOSA.

A POESIA REVOLUCIONARIA

E A

«MORTE DE D. JOÃO»

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)

Em 1865 saíram á luz em Coimbra as *Odes modernas*, do sr. Anthero de Quental.

Esse livro, além do seu valor intrinseco, possue para o caso de que nos occupâmos o valor especial de ter sido o iniciador do genero de poesia de que o volume do sr. Junqueiro nos dá hoje um exemplar explendido.

Na nota que o sr. Quental juntou aos seus poemas lê-se: «A poesia moderna é a voz da Revolução, porque a Revolução é o nome que o sacerdote da historia, o tempo, deixou caír sobre a fronte fatidica do nosso seculo. Como do seu Deus dizia o apostolo antigo, *in eo vivimus et sumus*, podemos nós com rasão ainda maior affirmar do grande espirito de revolta da nossa idade. N'elle e por elle é que somos, por elle e n'elle é que vivemos.—O ar que a nossa sociedade respira, a atmosphera turva e agitada, mas vivificante, em que vae penetrando dia a dia, não é já composta, não, de boas e pacificas crenças velhas, de resignação, de obediencia, de fé sublime... e cêga. Outro é o ar! abrem-se os olhos para lêr as contradicções dos santos, dos venerandos, dos excellentes livros antigos. Estendem-se as mãos para palpar, sob os vestidos de brocado dos bons idolos d'outr'ora, o pau de que eram feitos... e o ferro tambem muitas vezes.»

Desde que a Europa ouviu pela primeira vez nas modernas idades proclamar o principio da Justiça como fonte do direito e da moral, desde o apparecimento do grande livro de Grotius *De jure pacis ac belli*, nunca mais a Revolução deixou de presidir aos destinos das nações europeas. N'ella viveram e foram. N'ella vivem e são. As transformações religiosas, a evolução philosophica, as revoluções sociaes e politicas, o progresso das sciencias, são as lages da grande via, estrada amplissima que ha tres seculos os povos europeus seguem pisando em procissão épica.

Os artistas vão na frente enchendo o ar com suas musicas; e é segundo o rythmo afinado pelo diapasão do grande todo que marcha, é a compasso medido pelo andar do exercito divino, é recebendo dos que os seguem a inspiração de que vivem, troando e gemendo, os risos de envolta com as lagrimas, pedindo á alma humana o seu segredo, e aos homens a sua idéa; é assim que os artistas,—percursores inconscientes que sentem o que não lhes é dado definir,—incitam, preparam, decidem, o caminhar ondulado da massa de homens que progride na larga via da historia.

A *Morte de D. João* é o livro de um artista na rigorosa e mais bella accepção da palavra. É-o tambem de um poeta. Poeta é aquelle que adivinha; a poesia é uma religião, ou antes uma metaphysica concebida religiosa, imaginativa, não racionalmente. Artista é o que possue o dom de sentir o lado bello das cousas e de as referir com as palavras, notas, côres ou fórmas, mais adequadas para nos transmittir a energia das suas impressões. O auctor da *Morte de D. João* é mais artista do que poeta.

No decurso d'este trabalho travaremos conhecimento com o artista; é porém do poeta que especialmente nos hemos de occupar.

«Qual é o principio que domina o Universo? pergunta o poeta: A Justiça.»

Tal resposta, dá á obra os fóros de objecto vivo, são e fórte, auctorisa a critica a estudal-a, e manda a todos os que amamos este mundo em que vivemos, a todos os que crêmos em suas obras, a todos os que esperâmos para os homens um porvir de grandeza e de virtude igual ao passado enorme de sombras e de angustias, manda que nos demoremos aqui, á sombra perfumada de uma bellissima efflorescencia artistica, a medir este novo marco da estrada da Revolução.

A semente lançada á terra da poesia nacional, vae em dez annos, produziu agora o seu mais bello fructo.

I

Já passou o tempo em que a vertigem do heroismo inchava os homens como na fabula da rã e do boi. Os gigantes-pygmeus do principio d'este seculo viram-se ainda em vida reduzidos ás proporções mesquinhas dos mortaes. Um pseudo-Prometheu carpia em Santa-Helena; Chateaubriand, o Juliano-apostata do catholicismo, despia o manto nas *Memorias;* os Rolandos do imperio humilhavam-se perante o obeso Luiz, 18 de nome; o grande *eu* heroico de Fichte e de Schiller apparecia em Waterloo com Blücher e depois em París a dar uma amostra dos prussianos de 1870. E, como verdade fria d'essa época de grandes illusões, restam-nos duas figuras, dois unicos homens que dominaram a situação, Metternich, um imbecil, e Talleyrand, um maroto.

Quem forjava os heroes da tragi-comedia era uma litteratura doente e uma philosophia insensata. O espirito humano, commovido pelo drama colossal de 1793, abandonára momentaneamente as suas gloriosas tradições: fulminava o seculo XVIII e o seu espirito scientifico, esquecera Montesquieu e Gibbon, não sabia da existencia de Vico, e tinha horror a Locke e a Diderot. Nem Lamarck, successor de Buffon e verdadeiro percursor do transformismo, nem Goethe e a escóla naturalista da Allemanha, podiam achar graça perante os visionarios.

Napoleão, commandando batalhas com o Ossian-Macpherson no bolso, dá uma idéa exacta d'esta face do tempo de nossos paes.—Byron, o author do *D. João*, o escandaloso demonio que feriu na face o pudor das femeas inglezas, alistando-se entre os libertadores da Grecia, morrendo mesmo em Missolonghi, dá outro aspecto da época: o homem, apaixonado e indomito, conforme o entrevíra Rousseau e Fichte o prégava.

O *D. João* de Byron é o monumento litterario mais caracteristico da época, e a *Morte de D. João* está para elle como a obra prima de Cervantes está para os Amadis.

A *Morte de D. João* é these de um tal alcance que o poema do sr. Junqueiro a não abrangeu toda. D. João não é sómente o devasso nos seus differentes exemplos; D. João é o *eu* indomito de Fichte; D. João é aquelle homem, composto de ardencia e paixões, de nobres loucuras, e de atrozes crimes, e de nojentas miserias, e de grandes amores, mixto confuso e anarchico de todos os factores constitucionaes do temperamento, elevados á maxima potencia. D. João é esse homem, e era com um homem assim que sonhavam os romanticos. Matar D. João é affirmar que a consciencia humana voltou a sentir-se, e o homem a venerar alguma cousa que é superior aos seus instinctos e ás suas paixões, a respeitar uma auctoridade que o envolve, e um criterio que o domina.

D. João e a sua morte são a philosophia do subjectivo e a do objectivo: a moralidade do facto está no momento solemne da historia do espirito, não no castigo do devasso. A devassidão e os crimes de D. João são metade só do homem, e metade necessaria á outra do heroismo e do louco amor. Não é o facto de D. João ser malvado que importa a sua condemnação; o que o condemna é a rasão porque elle é malvado, rasão necessaria de malvadez. O heroe é por força um facinora.

Ora o toque para obras da natureza do *D. Quijote* ou da *Morte de D. João*, antitheses litterarias que vão de frente a um typo que consagra o ideal de uma época, é o consagrarem ellas em si, pela comprehensão do ideal que se lhe substitue, a completa e verdadeira morte do heroe caído. O humanismo que respira o *Quijote* é a atmosphera embalsamada em que vive a Renascença. Na *Morte de D. João* respiramos sim o seculo XIX (com as reservas que irei expondo), mas a antithese é incompleta porque não foi profunda a comprehensão do heroe. O auctor viu D. João com olhos de artista, e logo notou como com a guitarra elle conquistava todas as moças, como as perdia todas, como era um poço de immundicies; e foi a esse heroe da litteratura que deitou por terra. Mas atraz d'elle, dominando-o e produzindo-o, se tivesse aberto os olhos de poeta, de *vate*, teria visto o heroe da philosophia, o *eu* monstruoso de Fichte.

O heroe litterario, o D. João romanesco, é porém só uma das faces litterarias do romantismo; a outra deita raizes pelo seculo XVIII. Tem por um dos avós ao abbade de Saint-Pierre, é boa metade de Rousseau, e dá o tom a Robespierre e á sua religião extravagante; Rousseau e Robespierre tinham ambos nascido para abbades, mas uma ironia da sorte fez de um philosopho, do outro dictador. Mais um abbade—abbades não são homens—cerra o côro dos fundadores d'esse genero piegas: o abbade Delille, o melifluo auctor dos *Jardins*, o que enchia os salões dos Martes e das

Minervas de cartão do imperio francez. Retemperado pelo *Genio do christianismo*, o genero resuscita em Lamartine, e Byron em George-Sand. Melibeu apparece de Jocelyn, e D. João de mulher: mudaram-se as scenas, os actores são os mesmos.

O lado propriamente litterario da revolução moral do nosso tempo, eis o que o artista da *Morte de D. João* sentiu e disse em versos memoraveis.

A musa dos lakistas apparece-lhe e manda-lhe cantar cousas que vão já com effeito, cantadas, choradas, grunhidas, e ditas a final em todas as vozes, de todos os animaes bipedes que tem enchido as livrarias modernas, com os productos do seu estro apaixonado ou sensivel. Vae o poeta observando á musa os obstaculos que o seu coração de homem de bem, e a sua consciencia de homem sensato, oppõem a esse modo de pensar, e a musa respondendo, até que a final, perdida a esperança, foge.

A musa dos lamartinianos, entretanto, nunca em seus dias ousou empregar em serviço proprio a ironia, essa alegre companheira, e consoladora intima de todos os bons espiritos. A ironia não se compadece, é verdade, com as regras litterarias da contemplação do vasio, das lamentações ao luar, e dos canticos de erotismo amoroso:

—Se ha estrellas no céo e rosas pelo monte,
Se sabes lêr Petrarcha e lêr Anacreonte,
Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo,
Deixa espingardear o coração do povo,
Deixa morrer Catão, deixa insultar a luz,
Deixa queimar Voltaire, deixa matar Jesus...
Não cessam de cantar por isso as cotovias.
Que o Pontifice lamba os pés das monarchias,
Que Tartufo conspire e D. João seduza,
Que a treva inunde a escola e a honra empenhe a bluza,
. . . .
Que nos importa a nós? Que importa o bem e o mal,
As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?
Os rouxinoes não têem opinião politica,
As flôres não vão lêr as obras de Proudhon...

Ora a musa dos poetas-lyricos nunca disse estas cousas, não as sabe, nem quer saber, e duvido que fallasse em tão bons versos.

Seja como fôr

.... a branca apparição, ligeira como o vento,
Perdeu-se pelo azul do claro firmamento.

A musa não pôde responder, foi batida. A brisa, as aguas, os ribeiros, e todas as flôres do prado, desde a cecem até á bonina, e todos os labios de todas as virgens, a geographia e a botanica e a zoologia dos lamartinianos não conquistaram o moço, o forte, o vivo poeta moderno, das modernas paixões, dos valentes e profundos pensamentos, cuja musa é outra

.... a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

É ella que lhe apparece, e que o poeta ouve, como á sybilla, em religioso silencio, quem lhe manda que defina a lei suprema,

Que rege o movimento e as fórmas da materia;
. . . .
Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,
As correntes do mar e a lucta das paixões,
O verme e a tempestade, os homens e os vulcões.
. . . .
Definir essa lei, eis o immortal problema.
Trabalha para isso a natureza inteira:
A consciencia, o ferro, a bussola, a caldeira,
O magnetismo, a luz, as prensas, o martello,
A voz da intuição e a lingua do escalpello,
A critica e a fé, os dogmas e os metaes.
E é d'este turbilhão de sciencias colossaes,
Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,
D'esta aproximação immensa para Deus
Que hão de surgir em breve, athleticas, radiantes,
Musas para inspirar theorbas de gigantes.

Eis ahi a confissão do poeta, eis o alicerce de granito d'este livro que ha de viver, como vivem as cousas verdadeiras e santas.

Conceber o movimento da vida real e positiva como *aproximação para Deus*, é comprehender toda a profundidade verdadeira do pensamento moderno, para o qual deixou ha muito de existir o velho Deus exterior e inimigo, perante quem nós homens eramos tyteres movidos pelo cordel, cheio de nós, da sua divina graça, e cuja adoração consistia no sacrificio de tudo quanto ha santo na alma, a começar pela dignidade humana, pisada a pés pelo dogma do peccado;—do pensamento moderno, para quem a contemplação do Universo moral, matou de vez as provectas doutrinas do empyrismo sensualista, e o dualismo primitivo da materia e do espirito, do bem e do mal, de Deus e do Diabo.

Mas não é sómente a corda épica, a que a musa lhe manda ferir. Pelo contrario. *A Morte de D. João,* animada de principio a fim por um pensamento épico, é um poema humouristico, vasado, e vasado de mais, nos moldes de Espronceda, de Heine, de Baudelaire e de Swinburne. O baudelarianismo na poesia é um vicio de gosto que ataca hoje em dia os melhores. O requinte de sensibilidade dolente a que a elevação da vida psychologica moderna conduz os espiritos delicados; e o requinte de sybaritismo a que as contradicções moraes e economicas da nossa época tem levado os sentidos; dão as mãos para produzirem a tendencia, geral de mais para ser artificial, de uma das faces da poesia contemporanea. Combinae esta tendencia com a influencia dos modelos classicos de um genero, combinae-a com as necessidades estheticas do artista, e com o jugo da arte-poetica de uma escóla, e tereis a explicação do baudelarianismo, que nem por isso deixa de ser uma preversão de gosto.

Succede n'este momento o que sempre succedeu. Os bordeis, as pustulas, a miseria ascorosa e as bacchanaes impudicas, são apenas figuras de rhetorica, chavões de escóla, como o foram para os romanticos os crimes a serio, o luar, a meia noite, o espectro, o plebeu nobilitado, a cortezã democrata, e a eterna e parvoissima figura da meretriz santa, de Magdalena.

Quanto a mim a technologia baudelariana é o defeito artistico da *Morte de D. João.* Azorragar os vicios, ou blasphemando ou rindo, é sempre bom, mas é necessario que se trate dos vicios, que se vejam os costumes, e não em vez d'elles uma sociedade convencional de meretrizes e de paes que põem as filhas em leilão á janella; convencional e rhetorica, porque a final o nosso mundo, a nossa sociedade, não são assim.

Diz-nos o poeta que

A arte é hoje uma infiel Ninon:
Magra, elegante, anemica, fransina,
Triste belleza delicada e fina,
Doidamente vestida á *Benoiton.*

Mas qual arte? Não é essa a da musa épica dos monumentaes alexandrinos do prologo. Não é; é a arte que vem de París em volumes da casa Levy, e que a final em Paris mesmo é apenas a pimenta venenosa que aguça o paladar embotado de D. João *crevé* e das Imperias.

Será isto condemnar o humourismo em nome da *moral em acção,* a cousa mais immoral, por ser a mais imbecil, que existe? Por fórma alguma. O humourismo é a fórma necessaria e adequada do lyrismo contemporaneo; distingâmos porém entre o genero e a rhetorica de um dos exemplares d'esse genero, que é o mais conhecido em Portugal. *Humour* e do melhor quilate, traços de Heine ou de Swinburne peninsular, se encontram a cada pagina na *Morte de D. João:* rasão de mais para que o artista ponha de parte os logares communs de um supposto realismo; deixe isso a quem não dispõe d'outros materiaes.

É por uma noite escura:

...... ao longe dir-se-hia
Que os choros divinaes depois de alguma orgia
Partiram, cambaleando, a abobada do espaço,
Caíndo sobre a terra em fulgido estilhaço.

Eis um exemplo de verdadeiro *humourismo,* e uma idéa poetica de incontestavel valor. Outra:

O poeta
Satanaz, meu amigo!
. . . .
Mas 'inda agora vejo, andas de luto...

O diabo
Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O *humour* que dava além uma idéa poetica, traduz aqui um pensamento philosophico; não é uma blasphemia, é uma rigorosa verdade. O Diabo e o Padre Eterno são a these e a anthitese de uma proposição theologica resolvida pela philosophia, que é a do poema. O Bem contrapõe-se ao Mal, um é a condição necessaria do outro; não pódem existir isolados; a morte de qualquer d'elles implica a do companheiro. Se o Bem e o Mal se confundem na idéa do Absoluto, se o Diabo e o Padre Eterno se resolvem na idéa de Deus que é um aspecto do Absoluto, a expressão do poeta é uma verdade theologica affirmada humouristicamente.

Não acabaria se pretendesse esgotar os exemplos. Aqui é uma orchestra desvairada, brutal, *americana;* além um olhar cansado, *metaphysico;* n'outra parte dá-se com uma velha rua miseravel, triste, caliginosa, impenetravel, *como um dogma christão.*

Mas a par d'isso como são carregados, pintados á força com uma brocha molhada em pús, os *Saltimbancos* e os *Ultimos momentos!* O exagero das notas repugnantes e lugubres empasta o quadro. É com effeito *ultra-charogne,* mas de que vale isso para o poema? Essa accumulação de pustulas nas pernas de D. João, esse desvario de cousas nojentas, que provam, mais do que o abuso do genero, de si já falso?

Ai, que frio! que horror!
Se eu ainda tivesse consciencia,
Ai que frio!... comprava um cobertor.

Eis o que vale mais do que todos os termos tomados de emprestimo á pathologia.

Ó Deus forte, ó Deus justo, ó Deus clemente,
Para que eu seja um verdadeiro crente,
. . . .
Digna-te, ó Deus, lançar n'estes meus hombros,
Um capote hespanhol!
É um milagre tão facil, tão vulgar,
Que qualquer alfaiate o arranjaria
Co'a simples condição de lh'o pagar.

D. João a final morre. — «Que tens? pergunta-lhe Imperia. — Não é remorso... é fome».

A feição humouristica é porventura a dominante no poema e nós vamos vêr agora como é que o poeta encara os vicios sociaes, e depois como concebe a resurreição moral do mundo que «perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica».

A minha lyra, aquillo
Que eu tenho de mais puro e candido e tranquillo,
Tu que és a minha amante, a minha esposa calma,
Que és o sacrario azul onde eu guardo a alma,
Que palpitas de amor e de paixão trasbordas,
O' minha pobre lyra! hei de arrancar-te as cordas
E, unindo-as n'esta mão, vibral-as e torcel-as
Para fazer, ó musa! um latego de estrellas.

Entremos pois no Templo, guiados pelo Christo da poesia.

(Continua.) OLIVEIRA MARTINS.

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

(Continuação)

ACREDITO, pois, no futuro da esculptura, que figurou na exposição com fidalguia e progresso, mas infelizmente o contentamento que deixam os marmores e os gessos esmorece diante das télas. Estamos na sala de pintura, e antes dos artistas nacionaes antolha-se-nos um estrangeiro illustre, que só tem logar aqui n'um parenthesis, mas que é apresentado á critica pela cortezia hospitaleira: abrâmos, portanto, o parenthesis para o receber. O estrangeiro é o sr. Layraud, e os seus quadros distingue-os, mesmo de longe, d'onde se não lêem as assignaturas, quem relanceia a vista pela galeria: são aquelles retratos de corpo inteiro, de tons frios e tinta barrenta, que parecem ter recebido, coada por um nevoeiro, a luz, que nas terras meridionaes aviva e esmalta as côres. Note-se porém que os não caracteriso assim para reprehender o colorido da moderna escola franceza, que para ella é realista, embora fosse para nós absurdamente convencional. O sr. Layraud mergulhou o pincel na atmosphera da sua patria: imaginar que todos os climas tem a mesma illuminação, que a sensação da côr é identica n'um esquimau e n'um cafre, n'um inglez ou n'um suisso, equivale a estranhar que a *téla do firmamento,* que é annilada ao meio dia, desmaie no crepusculo. O que se poderia censurar no pintor estrangeiro, seria sómente o não ter mudado de palheta, ao mudar-se das margens do Sena para as do Tejo, mas de certo que não ousaria formular a censura nenhum artista intelligente.

N'um dos seus quadros, no que representa os filhos do sr. conde Armand, ha, porém, um defeito grave, que talvez se explique pela influencia, estranha para elle, do nosso meio luminoso: é que os tons *quentes* do ultimo plano adiantam-n'o e consequentemente recuam o primeiro, a tal ponto que até o banco, em que está sentada a menina, parece fugir-lhe debaixo do corpo. Não resultará este desequilibrio de ter o sr. Layraud pintado as figuras e os accessorios proximos com as suas tintas habituaes, relativas a condições de luz diversas d'aquellas em que viu e copiou o fundo, que é uma nesga do nosso céo, do Tejo e das collinas que o orlam? de ter, para assim me exprimir, pintado as figuras em París, convencionalmente, e o fundo em Lisboa, isto é, realisticamente? Creio que só assim se desculpa um erro flagrante, improprio de um mestre, porque o sr. Layraud é um mestre, apesar da dureza das cabeças, apesar do desleixo ostentoso com que tratou o arvoredo, que parece de scenographo, apesar da sua encarnação não ter transparencia nem frescôr e ser sempre *suja;* desprimores estes mal compensados, no quadro a que tenho alludido, pela perfeição do desenho, pelo toque magistral das roupas, leves, vaporosas da menina, e pelas posturas graciosas e firmes de ambas as figuras.

É no retrato do sr. conde Armand, a meu vêr incomparavelmente superior ao de seus filhos, que o pintor francez se revela distincto. Não é sómente um retrato material, deixem-me dizer assim: o artista soube interpretrar a feição moral caracteristica do seu personagem e dar-lhe relevo, o que se me afigura regra essencial da *portraiture.* Não pintou sómente um *corpo,* estampou na téla um typo de gentil-homem, n'uma attitude nobre, e com a fronte estudadamente illuminada pela intelligencia, para sobresaír e dominar. Alguns defeitos do outro quadro estão emendados n'este. Se a carne ainda é *suja,* os accessorios já são esmerados, notando-se o xadrez de ladrilho, que é de uma illusão perfeita e pintado com uma largueza e uma facilidade, que são dons exclusivos dos pinceis expertos. O desenho é correcto, mais do que correcto, sabio, excepto nas mãos quasi disformes. A perna esquerda do modêlo tem vida, avoluma, palpita debaixo do estofo da calça. E em toda a obra transluz o *savoir-faire* do artista eminente, julgado tal por tribunaes emeritos, e que embora não cultive o retrato com predilecção não desmente n'elle a grangeada fama.

Regressando á patria e aos patricios, a coordenação alphabetica dos expositores, concordando amavelmente com a classificação dos merecimentos artisticos para dar a um mestre a primazia no catalogo, depara-me o nome do sr. Annunciação. O seu unico quadro, *Um rebanho passando um riacho,* não suggere reflexões novas nem obriga a critica a modificar um só dos juizos seguros, que tem formado do consciencioso *animalista,* fidelissimo ao seu talento, constante na sua *maneira,* e sempre interprete severo da *fórma* e observador perspicaz da *vida* animal. A sua téla não annuncia um progresso, nem accusa uma decadencia. O primeiro plano, a agua encharcada que as ovelhas patinham e os arbustos que a esverdeiam, é pin-

tado a primor; a cabeça mais adiantada do rebanho, que como vigilante esculca fareja os ares e prescruta o mysterio de um rumôr, foi colhida pelo artista em acto flagrante de intelligencia; o arvoredo é, porém, empastado e nota-se no fundo um abuso do *gris,* devido talvez a um prurido de reacção exagerada contra os esmaltistas, e equivalente a uma reverencia á escola franceza.

Estas ligeiras observações harmonisam-se de certo com as muitas vezes feitas aos quadros do sr. Annunciação, que tem o credito consolidado, mas está sendo tempo de se lhe dizer tambem, sem quebra do respeito pelo seu trabalho, que circumscreveu de mais as suas faculdades artisticas dando-lhes por exclusivo objecto, não já a animalidade, que é um vasto mundo, mas uma ou duas das suas especies, que embora sejam das mais interessantes, não têm direito de monopolisar a arte. O sr. Annunciação está descaindo de animalista em *ovinista* e *bovinista,* deixem-me engendrar estas palavras, e não me parece licito levar a especialisação a tanta meudeza. Chegou a ser consummado, inexcedivel na pintura de ovelhas e bois; familiarisou-se com os seus costumes, as suas indoles, as suas expressões; exercitou-se em photographal-os com tanto acabamento e tão grande finura, que destaca, particularisa, avoluma cada floco de lã e cada filamento da pellagem: mas tendo alcançado a posse d'esta perfeição, que louvavelmente cubiçou, enamorou-se d'ella e jurou-lhe uma fidelidade esterilisadora, ainda mais esterilisadora por se consagrar tão só aos dois symbolos da mansidão e candura da alma animal, que ficou tendo para o artista um unico aspecto, um unico *genio,* que se revela em pouco variadas expressões, das quaes elle estudou com predilecção e reproduz com superabundancia o *alerta* da timidez!

Isto é um defeito e um apoucamento que me dava para muitas reflexões, se não cuidasse bastante despertar o sr. Annunciação do seu perdoavel enlêvo: outro progresso desejaria eu, porém, que elle realisasse, porque não comprehendo que ninguem estacione nem mesmo no optimo, e esse progresso consiste na escolha, para assumpto da pintura, dos episodios da vida da *besta,* que melhor caracterisam e põem em relevo os seus costumes, os seus instinctos, e o que á falta de mais rigoroso termo se chama a sua intellectualidade. Deixem-me explicar por comparação. Confronte-se o bem conhecido quadro de um artista famoso *Cavallos de cossacos abrigando-se da neve,* ou o de Landseer que representa um *veado* na agonia, com o do sr. Annunciação: n'este pouco mais ha do que a *fórma* com o seu *mise-en-scène* impreterivel e a *vida* vegetativa com a sua expressão indispensavel; aquelles representam estados da alma animal, em que se revelam sensações que a enobrecem e avisinham da alma humana, e a *fórma* é a linguagem material d'essas sensações e não já o fim principal da arte. De um póde dizer-se que é *biologico;* os outros são *psychologicos.* E se a comparação não parecesse grotesca, diria ainda que guardam entre si a mesma relação esthetica, que póde haver entre duas télas que representem, uma: *um grupo de mulheres atravessando o Chiado em dia de chuva,* e a outra: *o amor de mãe!*

Ou o objecto da arte, seja o homem ou seja o animal, é necessario retratar-lhe a alma que dormita e se occulta nos actos mechanicos da vida, indignos por isso da contemplação do artista, quando pretende crear e não meramente estudar: esta é a doutrina que eu quizera vêr praticada pelo sr. Annunciação, a exemplo dos grandes mestres, que elle alcançou nos processos. Não se creia, porém, que o tenho em menos conta por lhe offerecer, sem vaidade de pedagogo, estas reflexões quiçá desacertadas, pois que o préso como ao primeiro dos nossos pintores, sem conceder que o reconhecimento da sua primasia, ganha com prodigios de trabalho consciencioso, deva causar despeitos ou desgostar rivaes.

Tambem não tem rivaes, no genero que cultiva e na exposição d'este anno, o sr. Alfredo Keil, ainda hontem estudante modesto. A rapidez dos seus progressos assombrou: o melhor elogio dos seus quadros é ter havido quem quizesse pôr em duvida a sua authenticidade. Um passeio rapido pela Allemanha ensinou ao seu talento o que é provavel que nunca houvesse aprendido cá, em que pese a probabilidade á nossa academia. Formou gosto, alcançou uma maneira de pôr a tinta, que se não é sua tambem não é dos mestres nacionaes, e acabou a sua educação, creio eu, na escola da natureza, grande escola da verdade, que abre as portas de par em par a quem a procura com amor, e que se póde frequentar sem subsidio do governo. Ha seis annos, a critica de Luciano Cordeiro, tão carinhosa sempre para os noviços da arte, concedia *uma saudação* e *uma esperança* aos quadros expostos pelo sr. Keil, *que promettia bastante;* e a previsão confirmou-se, pois que o novel pintor já bastante deu. Deu talvez mais do que em consciencia esperava o critico, e se venturosas circumstancias lhe ajudaram o aperfeiçoamento, ao trabalho o deveu antes de tudo, ao trabalho, que é o genio (no dizer de um compatriota illustre), que é o inimigo muitas vezes vencedor do impossivel, que não é condão nem privilegio senão da boa vontade, e que póde egualar ao sr. Keil os seus condiscipulos excedidos, se os mover a emulação generosa.

O talentoso artista expôz paisagens, das quaes só uma, a *Tarde,* tem o cunho dos processos e das lições da academia de Lisboa, e um quadro de genero, a *Leitura de uma carta.* Prefiro aquellas obras a esta, em que só é verdadeiramente excellente o vestido de uma das senhoras, cuja carnação avermelhada é grosseira e a quem falta de todo a expressão, o que não denota, todavia, que o pincel do sr. Keil seja inhabil para a plastica da figura humana, pois que o seu *Nobre* é um estudo bem succedido no desenho, na modelação e na côr. As paisagens são pois o seu diploma de honra. É singular entre nós e é proficientissima a maneira como elle trata os arvoredos, ameudando-lhes os elementos, sem repintar e sem perder a franquesa e a facilidade do toque, e reproduzindo com verdade e harmonia o effeito geral das massas: esta qualidade sobresae principalmente no *Estudo do natural* e na *Hora da sesta,* aformoseando tambem este quadro uma luz suave e sabiamente distribuida, que communica á rustica alameda, que representa, o socego e frescôr de uma alcova, resguardada por discreta gelosia do sol do estio. Na *Margem do Tejo* avulta, entre outros merecimentos, o da transparencia dos ares, profundos, insondaveis, e é pena que saisse curvo o plano anterior das aguas do rio, notando-se mais que essas aguas, como as do Mondego, são coloridas por uma illuminação agradavel, porém menos propria de um occaso que dos fogos rubros da pyrotechnia. O *Jazigo de S. Vicente,* é um exemplar de prespectiva. E d'este modo, as telas expostas pelo sr. Keil corrigem os desprimores uma das outras e completam-se, completando tambem um artista de raros dotes, que a extrema juventude absolve dos lapsos e das hesitações, que são a contraprova do seu extraordinario progresso e os *faux pas* inevitaveis do caminhar veloz, que o levará muito longe, se não se abaixar a colher as palmas e os pomos de oiro, que já lhe vão caindo na estrada.

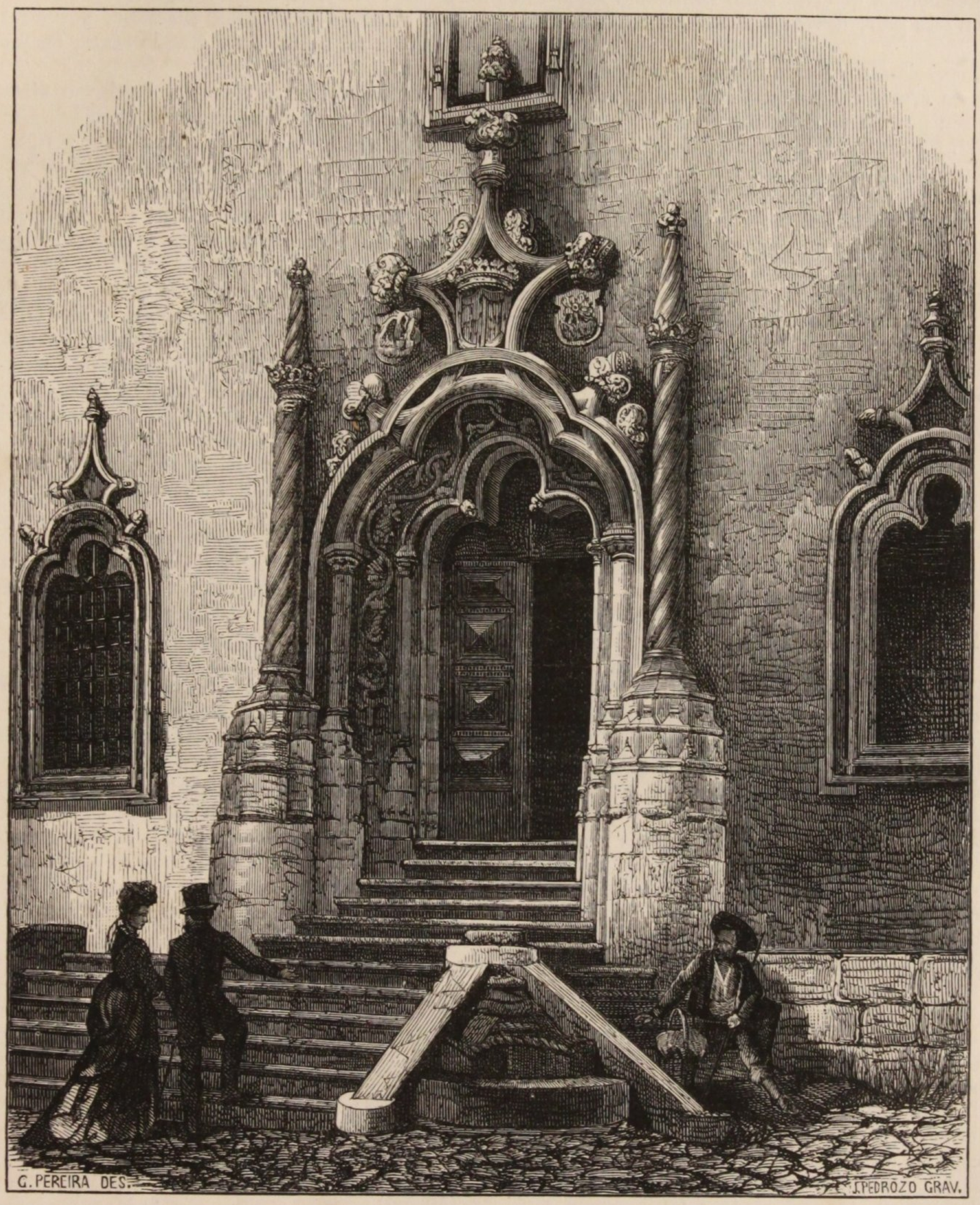
(Continua.)

A. ENNES.

O MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

I

Se Portugal teve alguma rainha, que merecesse a qualificação de *santa*, foi, por certo, a rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II. Vive a memoria d'esta nobilissima senhora em monumentos, que attestam não só o seu religioso espirito, senão a sua acrisolada caridade. Não ligaram os chronistas alguma lenda milagreira ao seu nome, mas referem as suas heroicas acções. D. Leonor não foi dotada do dom de fazer milagres, que lhe poderia grangear mais seguro logar na celestial morada, no conceito dos homens; possuiu, porém, o verdadeiro sentimento religioso e um espirito inclinado a emprezas uteis á humanidade. Assim é que, para os mais devotos, é grande a rainha D. Leonor, pela fundação dos mosteiros da Madre de Deus e da Annunciada; para os philantropos será sempre reputado o nome da illustre princeza pelas fundações da misericordia de Lisboa, do hospital das Caldas, das mercearias de Torres Vedras, Obidos, e de algumas gafarias; para os que amam os progressos litterarios, tambem será sempre merecedora da maior sympathia a memoria da preclara rainha, porque, por sua ordem, foi impressa a *Vita Christi,* em 1495; os *Autos dos Apostolos,* em 1505; *Boosco deleytoso* em 1515, e o *Espelho dè Christino* em 1518; e para os que prezam as letras patrias, será o nome da rainha D. Leonor mui querido, pela protecção que deu a Gil Vicente, o famoso iniciador do theatro portuguez, e cujas primeiras producções brotaram á sombra do esclarecido amparo da rainha.



Porta da igreja da Madre de Deus

A rainha D. Leonor, pois, vinculou a sua memoria ás primeiras tentativas para a formação do theatro nacional; protegeu a imprensa, quando ella ainda em Portugal apenas dava os primeiros passos; amparou as bellas artes, patrocinando o famoso Gil Vicente que fabricou a custodia de Belem, que ha razões para crer ter sido o mesmo auctor das comedias, que ella tanto favoreceu. As artes e as letras, n'este paiz, devem á santa rainha extremada gratidão.

Tantos merecimentos foram acompanhados de profundas dores, de crueis desgostos. Viu a sua familia perseguida por seu proprio marido; seu cunhado, o duque de Bragança D. Fernando II, morre no cadafalso, em Evora, no anno de 1483, justiçado por traidor, á ordem de el-rei; seu irmão, o duque de Vizeu, D. Diogo, é apunhalado, nos paços de Setubal, no anno de 1484, pelo proprio monarcha; os filhos do duque de Bragança são proscriptos e despojados de toda a fazenda da casa de seu pae; e como remate de tanta desventura, a excelsa senhora vê morrer na flôr dos annos, pois apenas contava dezeseis, o seu unico filho o principe D. Affonso, caindo desastradamente de um cavallo, na Ribeira de Santarem, no dia 13 de julho do anno de 1491, logo apoz as maravilhosas festas do seu consorcio celebradas em Evora; creança de cujos dotes de corpo e de espirito a historia falla com tantos encarecimentos. Assim a rainha D. Leonor recebeu duros golpes, que tornaram o seu viver bem amargurado. A corôa e a purpura deveram ser para ella uma causa de tristezas e de desenganos, particularmente n'um seculo, em que as idéas supersticiosas tanto dominavam os espiritos.

Mas a rainha desaffrontou-se bem do infortunio; no seu viver humilde, nos monumentos que elevou, na sua resignação, legou á posteridade eternos padrões de gloria.

As lagrimas que chorou, arrancadas pela politica implacavel e cruel de seu marido, e pela fatalidade, converteu-as o seu generoso espirito em beneficios, que ainda hoje subsistem, e em bençãos de tantos a quem elles tem aproveitado.

Á porta da casa do capitulo, no claustro do extincto mosteiro da Madre de Deus, lá estão os seus restos mortaes, cobertos apenas com uma singela lapida, na qual se lê esta modestissima inscripção: =*Aqui está a rainha D. Leonor*=; a seu lado, repousa a primeira abbadessa do mosteiro, soror Colleta; e aos pés, dorme seu ultimo somno a princeza D. Isabel, a infeliz mulher do duque de Bragança D. Fernando II, o justiçado. É um grupo que infunde respeito a quem visita hoje o arruinado mosteiro. Aquellas tres campas recordam casos bem tristes, memoram uma época importante da nossa historia, e são documentos da sincera piedade das pessoas, que, na morte, estão tão unidas, como estiveram na vida.

A lembrança da rainha D. Leonor, é como um balsamo suave, uma consolação, no meio dos enredos e das crueldades da politica tortuosa da côrte de el-rei D. João II.

A figura serena e angelica da rainha esparge como uma aureola por esse reinado tenebroso.

Em 1508 intentou a rainha D. Leonor fundar um mosteiro de religiosas, e escolheu para isso umas casas que possuia entre Santo Eloy e a freguezia de S. Bartholomeu, na costa do castello. Mais tarde, porém, talvez porque o sitio não lhe pareceu accommodado, fez eleição de umas casas que, no sitio de Xabregas, edificara um Alvaro da Cunha, e onde vivia recolhida sua viuva D. Ignez. Comprou a rainha as sobreditas casas, com as hortas adjacentes, a que chamavam da *Concha*.

Como não podia deixar de acontecer, a chronica registou o modo milagroso por que a rainha escolheu o sitio de Xabregas, para o mosteiro que pretendia fundar. Uma devota mulher víra elevar-se d'aquelle sitio uma escada milagrosa, pela qual subiam ao céo um sem numero de almas perfeitas; e, accrescenta a lenda, que Deus lhe revelara ser sua vontade, que a rainha ali fundasse o mosteiro, revelando-lhe mais, que no mesmo mosteiro seria freira uma sua filha ainda então de menor idade, o que assim succedeu, porque a filha da dita devota foi freira, e foi grande santa, chamada soror Dorothea.

Ainda houve outro milagre, conforme dizem doutos chronistas; os tectos das casas de Alvaro da Cunha eram guarnecidos de cordões de S. Francisco, porque o mesmo Alvaro da Cunha, quando as construiu, logo teve presentimento de que viriam a pertencer a S. Francisco. Os cordões ainda se vêem na antiga casa do capitulo e na torre, e são proprios do estylo architectonico e decorativo do seculo XV.

Depois da rainha comprar as casas, lh'as pediu el-rei D. Manuel, porque sua mulher, a rainha D. Maria, as desejava; ao que D. Leonor respondeu, que já as tinha cedido a outra maior rainha, a Rainha do Céo.

Cuidou a fundadora de obter as licenças indispensaveis de Roma, para a fundação do seu mosteiro, e tão apressada andou na construcção, que a 23 de junho de 1509 entraram as primeiras religiosas, e a 18 de julho seguinte o arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, benzeu a igreja.

Era o mosteiro destinado para vinte religiosas, que deviam seguir a primeira regra de Santa Clara, a mais apertada. Em 8 de outubro de 1510, pôz a rainha fundadora o mosteiro na obediencia da ordem de S. Francisco. Existe o auto original da obediencia em poder do sr. Nepumeceno, architecto do asylo de Maria Pia.

Era pobre a casa das filhas de Santa Clara: era um edificio modesto em harmonia com o viver das que deviam habita-lo, e com o espirito da sua fundadora.

El-rei D. João III, talvez trinta ou quarenta annos depois da fundação, augmentou o mosteiro, fez nova igreja e novo claustro com muitas capellas. É tradição que a nova igreja se construiu, porque as aguas do Tejo, nas grandes marés, chegavam até as paredes do templo, ou as salpicavam, com grande incommodo dos fieis, e por isso se lhe fez uma elevada escadaria para lhe dar accesso da rua.

A igreja antiga transformou-se em casa do capitulo; a porta que dava para a rua foi entaipada, e assim esteve talvez mais de tres seculos, até que ha cinco ou seis annos, depois de extincto o mosteiro, tratando-se de fazer ali umas obras, para aproveitar as casas contiguas á igreja, e abrir nova porta de entrada para o edificio, visto que só tinha uma, como era de uso nos mosteiros franciscanos de mais apertada clausura, se descobriu o portal da primitiva igreja, no melhor estado de conservação, apenas com o fuste de uma das pilastras que sustentam o arco, mutilado, e mais alguns pequenos estragos.

Como se tratava de restaurar a igreja, assim como as casas contiguas, o architecto o sr. Nepumeceno, resolveu aproveitar o primitivo portal, a fim de o substituir ao portal, que existia, e cremos ser do tempo de el-rei D. João III, ou porventura mais moderno, posto que não haja repugnancia em o attribuir á segunda metade do seculo XVI, visto o seu estylo.

Cuidadosamente foi arrancado o portal, e posto no logar onde agora está, fazendo-se-lhe a necessaria restauração. Como se vê pela excellente gravura do sr. Pedroso, é de um estylo singelo, accommodado á humildade do edi-

ficio para que foi fabricado. Lá estão as divisas de el-rei D. João II, e de sua esposa, a rainha fundadora, isto é, o pelicano alimentando os filhos com o seu proprio sangue, e a rede de pescador devisa da rainha, em memoria da catastrophe acontecida a seu filho, de que veio a morrer na casa de um pescador, na Ribeira de Santarem.

(Continua.) J. RIBEIRO GUIMARÃES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

METHODO PARA APRENDER A LER, FALLAR E ESCREVER A LINGUA FRANCEZA EM SEIS MEZES, PELO DR. H. G. ORLENDORFF, ARRANJADO PARA USO DOS PORTUGUEZES, POR F. ADOLPHO COELHO. — TOMOS I E II. — É esta uma das primeiras obras publicadas pela moderna livraria do Porto, da qual são proprietarios os srs. Magalhães & Moniz. Dos livros de instrucção devem principalmente fallar os que exercem o magisterio e estão habituados a estudar as obras que lhe são destinadas. Assim, direi apenas do *Methodo de Orlendorff*, applicado ao uso dos portuguezes pelo sr. Adolpho Coelho, que o nome d'este escriptor, muito conhecido por diversos trabalhos que tem publicado, é penhor sufficiente de que a obra se torna digna de ser compulsada pelas pessoas estudiosas, que se dedicam a este ramo dos conhecimentos humanos.

HISTORIA POLITICA E MILITAR DE PORTUGAL DESDE OS FINS DO XVIII SECULO ATÉ 1814. — TOMO I. — Abrange o primeiro volume d'esta prestadia obra, devida á illustrada e competentissima penna do sr. J. M. Latino Coelho, a historia circumstanciada do paiz desde o inicio do reinado de D. Maria I, precedida de breve noticia ácerca dos ultimos dias do governo de D. João V e da administração do marquez de Pombal, até a morte d'este celebre ministro. O volume publicado e o que se lhe ha de seguir, serão, por assim dizer, o prologo da historia da guerra peninsular, esse poema famoso de desgraças, de lutas e de glorias para o povo portuguez, a quem os soldados de Napoleão I vexaram e opprimiram, mas não venceram. Escusado se torna, creio, encarecer a utilidade e o merecimento d'esta obra; o titulo é abono de uma, o nome do auctor garantia do outro.

HYGIENE DA ALMA. — 2.ª EDIÇÃO. — Esta obra é do barão de Feuchtersleben, professor na faculdade de medicina de Vienna e antigo ministro da instrucção publica. A versão portugueza foi feita pelo sr. Ramalho Ortigão, que, no começo da obra, se dirige ao leitor nos seguintes termos:

Traduzo este livro porque o considero, entre quantos tenho lido, como o mais efficaz para dar ao homem a força e a felicidade.

Effectivamente a obra é curiosissima, e se a vontade de cada um fosse tão poderosa como o auctor crê, os preceitos estabelecidos por elle seriam de grande efficacia para o bem-estar e prosperidade do homem. Como specimen da doutrina do livro, transcrevo o seguinte periodo, rogando aos artistas portuguezes que meditem um pouco sobre cada phrase que elle encerra:

Todas as artes têem por principio, como a arte musical, o sentimento da harmonia. Logo todas as artes se tornam as guardas da saude desde que, sob a direcção da vontade, ellas tendem a derramar na alma o socego e a paz. As artes são o encanto da vida. E até no seio da morte, como disse o mystico Jacques Boehme, as almas transportadas nas espheras eternas são envolvidas de harmonia e de luz. Seria talvez este o logar de nos occuparmos da esthetica e de inquirirmos se o estado actual da arte corresponde aos seus fins; se as obras dos pintores contemporaneos são, como o Apollo do Vaticano, salutares e beneficas á saude dos que as contemplam; se finalmente os nossos poetas sabem por uma branda influencia levar a alegria aos espiritos, eleval-os, animal-os, dar-lhes a saude. Todas estas questões entram, mais do que á primeira vista se imagina, nos dominios da hygiene moral.

Este excellente livro foi publicado pelo acreditado livreiro editor o sr. A. M. Pereira.

ESTUDOS HISTORICOS E ARCHEOLOGICOS. — TOMO I. — Contém este precioso volume de grande interesse e verdadeiro auxilio para as pessoas estudiosas, varios artigos publicados, ha tempos, pelo sr. I. Vilhena Barbosa no *Panorama* e no *Commercio do Porto*. Estes artigos, ora revistos e em alguns pontos accrescentados, representam assiduos trabalhos de investigação, porque versam quasi todos sobre assumptos que só se podem estudar nas antigas chronicas ou em documentos archivados nas diversas bibliothecas do paiz. Muitos d'esses assumptos são de sua natureza áridos, sobretudo os archeologicos; o auctor, porém, soube distribuil-os com tanto criterio no seu livro, entremeiando-os de artigos mais agradaveis e interessantes, que a amenidade de uns suavisa perfeitamente a aridez dos outros, resultando d'ahi poder-se adquirir, sem custo algum, antes com muito prazer, o proveitoso ensinamento que o livro encerra.

DO AMAZONAS AO SENA, NILO, BOSPHORO E DANUBIO. — APONTAMENTOS DE VIAGEM. — TOMO I. — Ha muito a exigir nas obras de um escriptor de viagens. Grande copia de conhecimentos; fina observação; critica judiciosa; espirito; linguagem clara, persuasiva, colorida e desaffectada são qualidades estas indispensaveis aos livros que nos fazem transportar em espirito, ou ás opulentas capitaes do mundo civilisado, ou ás florestas selvaticas do novo mundo, quer ao alto mar quando a procella ruge com mais frémito, quer ao pequeno barco do pescador que leva rio acima o viajante para o deixar na modesta aldeia onde parece morarem a paz e o socego. Ora a todas estas qualidades satisfaz o livro de viagens do sr. Gama e Abreu, esclarecido brazileiro que depois de ter viajado muito pelo novo e velho mundo, estabeleceu a sua residencia em Lisboa, onde vive ha annos. Recommenda-se pois a obra do sr. Gama e Abreu pela variedade dos assumptos, pela côr appropriada das descripções, pelo acerto dos commentarios, pelo chiste das anecdotas e finalmente pelo estylo conciso, despretencioso e elegante em que todo o livro é escripto.

Permitta-me o auctor que eu termine a rapida menção que faço da sua obra, transcrevendo parte do capitulo em que falla dos quadros ridiculos que estão em Versailles, capitulo que demonstra á evidencia quanto é recto e justiceiro o espirito de quem o escreveu. Seguem as palavras do sr. Gama e Abreu.

Por ultimo, fallarei de outro quadro que, sem nada ter augmentado ás glorias da França, celebrado na téla, se torna ridiculo; refiro-me ao que representa a entrada da esquadra franceza no Tejo, para tomar o navio *Charles George*. Não só o facto em si foi a violação de todas as praticas seguidas em taes casos, assimilhando o procedimento de uma nação alliada a Portugal ao que teriam os flibusteiros da ilha da Tartaruga ha duzentos e cincoenta annos; mas houve n'elle uma prepotencia de força, aggravada pela surpreza, que torna o procedimento da França, além de injusto, cobarde. O facto de celebrar em grandioso quadro o rapto de um navio em um porto desarmado, quando não foi trocado nem um unico tiro, e collocar este quadro a par dos grandes feitos praticados pelos Duquesne, d'Estrées, Trouville, Jean-Bart, Forbin e Duguay-Trouni, é ridiculo, é mesquinho e despresivel, como sempre o é ser forte contra os fracos.

RELATORIO DA SOCIEDADE BENEFICENTE PORTUGUEZA « DOIS DE FEVEREIRO » APRESENTADO Á ASSEMBLÉA GERAL DE SOCIOS EM 2 DE FEVEREIRO DE 1874. — Vê-se por este relatorio a extraordinaria prosperidade em que se acha a sociedade de beneficencia fundada, ha dois annos, pela colonia portugueza do Ceará. Das vantagens d'esta utilissima instituição, dos esforços empregados pelos instituidores d'ella para a fazerem medrar, do patriotismo e sentimentos humanitarios dos portuguezes residentes n'aquella provincia do Brazil, fallam bem alto as paginas eloquentes do referido documento, que é trophéo de gloria para os que generosamente concorrem com os seus haveres afim de soccorrerem os seus irmãos indigentes, que foram, em vão, procurar bens de fortuna á mesma terra onde elles tiveram a dita de os encontrar.

CONTOS. — Assim se intitula um formoso volume, escripto e editado no Porto pelo sr. Pedro Ivo (pseudonymo). Contém os seguintes pequenos romances: — *O milagre* — *A sentença da tia Angelica* — *A boneca* — *A doida de Tagilde* — *Meigo* — *A quina de espadas* — *A figa de azeviche* — *O embarcadiço* — *O cruzeiro da viasacra* e — *O berço*.

Cada um d'estes titulos corresponde a uma historiasinha por vezes engraçada, por outras sentimental, e sempre moralissima e escripta com tanta singeleza quanta amenidade. Sirvam de exemplo — *O milagre*, cuja idéa é magnifica; *A boneca*, narrativa conceituosa e interessante; o *Embarcadiço*, que revela grande observação; e o *Meigo;* e todos os outros contos que primam pela naturalidade da narração desde a primeira até a ultima pagina.

Quasi todos estes deliciosos escriptos eram já conhecidos por terem sido publicados em folhetins no *Commercio do Porto*, onde foram lidos com muito interesse, grangeando ao seu auctor o honroso nome litterario, que o seu livro, hoje disseminado por todas as terras onde se falla portuguez, veio firmar para sempre.

Desejaria eu, porém, que o sr. Pedro Ivo se applicasse, desde já, se ainda não encetou esse trabalho, á composição de um romance de largo folego, porque quem possue tão apurado e engenho não deve limitar-se a escrever pequenos contos mais proprios para folhetim do que para livro; tem antes obrigação de enriquecer a litteratura do seu paiz com obras de mais largo tomo. Dez pequenos brilhantes, embora sejam de boas aguas, valem de certo menos do que um só que tenha o tamanho d'elles.

O PALCO. — Assim se intitula uma nova folha periodica publicada no Porto, da qual são redactores os srs. Silva Pinto e Bettencourt Rodrigues, conhecidos jornalistas. Propõe-se o *Palco* a apreciar com desassombro e imparcialidade os espectaculos realisados nos theatros portuenses, bem como os factos que a elles se prendem.

Que a Providencia avivente a nova publicação, cujos resultados devem ser uteis tanto aos escriptores dramaticos como aos artistas que seguem a vida do theatro.

Noites de insomnia.—Estão publicados mais dois volumes d'esta interessantissima *Bibliotheca de algibeira*, como a denomina o seu director litterario, o illustre escriptor o sr. Camillo Castello Branco. Os ultimos numeros relativos aos mezes de junho e julho, não desdizem dos primeiros; são escriptos em linguagem correctissima, encerram artigos curiosos sobre variados assumptos e têem por vezes boa graça portugueza. Em ambos figuram capitulos bem escriptos de um livro inedito do sr. visconde de Ouguella, intitulado—*Os salões*.

Corre portanto prospera esta publicação iniciada por um dos nossos mais notaveis talentos litterarios, e editada pelo sr. Ernesto Chardron, por ventura o mais arrojado emprehendedor em negocio de livros, que ha no paiz.

Educação popular.—Saiu á luz o n.º 6 da encyclopedia instructiva e amena assim denominada, que o sr. Chagas dirige e os srs. Lucas & Filho publicam. Intitula-se o volume que tenho á vista—*Vida de Jesus*.

Para cumprir religiosamente—sem *calembourg*—o programma d'esta publicação, competia ao sr. Pinheiro Chagas tratar tão importante assumpto, a fim de esclarecer os menos lidos sobre os principaes factos da vida do Redemptor, factos de que elles certamente teriam apenas ligeira noticia pelos deficientes folhetos em que aprenderam os preceitos essenciaes da nossa crença. Realisou o illustre escriptor o seu intento, baseando-se para isso nas tradições biblicas e narrando as passagens d'aquella vida sublime de abnegações e agonias, com os explendores do estylo proprios da sua penna seductora.

Como todas as obras dadas á estampa pelos srs. Lucas & Filho, merece esta ser lida com attenção.

Os fidalgos do coração de oiro.—Faz parte da *Bibliotheca universal* pertencente aos referidos editores Lucas & Filho, a segunda edição revista e annotada, do romance historico em dois volumes, que tem o titulo da epigraphe acima e é devido á penna illustrada do sr. Pereira Lobato.

A obra é offerecida ao sr. conde de Bertiandos, fallecido pouco tempo depois da publicação d'ella.

O romance passa-se no seculo xvi, n'essa época notavel da historia portugueza em que os nossos cavalleiros obraram prodigios nas inhospitas plagas da Africa, contra o mouro aguerrido. Figuram de principaes heroes cinco cavalleiros dos mais valentes que combateram no territorio africano, os quaes vendo-se por intrigas da côrte, expoliados das boas graças do moço rei que tão deploravel fim teve, se recolheram á estalagem do *Coração de oiro*, donde saíam de noite para commetterem as maiores loucuras e violencias nas ruas de Lisboa.

Com estes elementos architectou o sr. Lobato o enredo do seu livro, sabendo conservar-lhe interesse constante; amenisando a parte historica, que se me afigurou perfeitamente investigada e descripta; dando o necessario vigor e colorido ás scenas em que os esforçados campeões que figuram na primeira plana do entrecho, praticam as suas decantadas proezas; dotando em fim a obra com muitas das seducções que os auctores francezes, e principalmente Alexandre Dumas, espargem profusamente pelos seus romances historicos.

D'aqui envio o meu parabem ao sr. Pereira Lobato pelas excellencias do seu livro, que deve forçosamente dar bons lucros aos emprendedores industriaes que o editaram.

Da parte da rainha.—Fallando de romances historicos, é dever citar o ultimo livro d'este genero, composto pelo sr. A. M. da Cunha e Sá, livro que tem o titulo acima, e é o brinde offerecido pela empreza *Horas romanticas* aos seus correspondentes e assignantes.

Esta obra está em intima relação com a que o sr. Cunha e Sá publicou ha tempos, e da qual eu tive o prazer de fallar, nas *Artes e letras*, intitulada—*Da parte d'el-rei*. Não é porém continuação d'ella, como se poderá suppôr; é sim a primeira parte do conto que se termina em o romance anteriormente publicado.

A moderna publicação do illustrado escriptor não desdiz da precedentemente dada á estampa, nem em merecimento litterario, nem no interesse que captiva o leitor exclusivamente affeiçoado aos livros que prendem a attenção pela urdidura do entrecho e pelas peripecias que o abrilhantam.

Não deve, pois, o sr. Cunha e Sá levantar mão d'este genero de litteratura, em que certamente grangeará os gabos de todos os que prezam o trabalho serio e proveitoso. Continue a desentranhar d'essa mina tão pouco explorada, a que se chama Historia de Portugal, os valiosissimos thesouros n'ella encerrados, que não se ha de arrepender do seu honroso trabalho, antes bemdirá a hora em que se lembrou de o emprehender.

No minho.—Assim intitulou o sr. D. Antonio da Costa, escriptor muito apreciado, o ultimo livro que deu á estampa. Ninguem ignora que o sr. D. Antonio é um dos homens de letras a quem o paiz mais serviços deve. Os seus livros não são apenas livros de recreio, são principalmente obras de estudo e utilidade. O leitor que os compulsa attentamente, aproveita d'elles valiosos subsidios, conservando recordações agradaveis da amenidade com que lhe é ministrada a instrucção que elles contêem.

Este de que ora fallo, resumo das impressões experimentadas pelo auctor quando jornadeou pela prospera e alegre provincia do Minho, não se compõe exclusivamente de elegantes descripções feitas com o colorido brilhante do artista que possue uma palheta veneziana, nem de anedoctas engraçadas indispensaveis nos livros de viagem para desenfado do leitor ao cabo de alguma narrativa mais longa; quem esmiuçar aquellas paginas cheias de attractivos para os mais exigentes, encontrará de certo larga copia de esclarecimentos e de reflectidos commentarios, que logo denunciam não só a illustrada penna de um escriptor erudito, se não a lida constante do obreiro infatigavel para fazer chegar os beneficios da instrucção a todas as classes da sociedade.

Não é, pois, menos valiosa do que as demais, a nova obra do sr. D. Antonio da Costa, a qual deve ser lida por todos, porque todos podem colher n'ella os fructos saborosos e nutritivos que a enriquecem.

A obra é dedicada á provincia do Minho, e encerra vinte e cinco formosos capitulos, que, alem de outros serviços, hão de prestar o não menos util de despertar a curiosidade de muitas pessoas, que, sonhando unicamente com as bellezas dos paizes estrangeiros, não cuidam em ir visitar aquelle solo abençoado em que a fertilidade auxiliada pela energia dos habitantes, produz a frondosa vegetação que faz de cada aldeia, de cada outeiro, de cada lanço de estrada um quadro de paizagem que o pintor mais imaginoso difficilmente poderia inventar.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Consta-nos o fallecimento dos seguintes artistas: Victor Baltard, architecto francez; G. J. Hoffmann, pintor de marinhas, allemão; Filippe Kristfeld, afamado pintor de porcelanas, allemão; Paulo Riccardi, aguarellista italiano; Guilherme Volker, paizagista suisso; Carlos Winkler, desenhador allemão; Carlos Sprosse, aguarellista allemão; João Pye, celebre gravador inglez; João Passini, celebre gravador austriaco; Jorge C. Schetky, pintor de marinhas, escocez, companheiro de Lord Brougham e de Walter Scott no collegio; Howard Goodall, pintor inglez; Hermann Loschin, pintor de historia, allemão; H. Blanchard, pintor francez e antigo desenhador da *Illustração;* Beaugrand, pintor francez, morto no naufragio do *Ville du Havre* e Pedro Francisco Beauvalet, antigo pintor, discipulo de Paulo Delaroche, e mais tarde, graças ás boas diligencias de Casimiro Delavigne, actor distincto. Estreou-se no Odeon, passou depois para o Ambigu e entrou para o Theatro francez em 1830, onde se conservou até fallecer, contando 72 annos de idade; Guilherme Kaulbach, celebre pintor, director da academia de Munich; Lapito, paizagista francez; Van der Poorter paizagista e animalista belga, conhecido tambem pelas suas aguas fortes; Gleyre, celebre pintor suisso; Elias Robert, esculptor francez, discipulo de David d'Angers e de Pradier, e auctor em collaboração com M. Davioud, do monumento a D. Pedro IV que se vê no Rocio; barão Henrique de Trigneti, pintor e esculptor francez; Hamon, pintor francez, discipulo de Paulo Delaroche e depois de Gleyre.

Deve figurar proximamente no Louvre uma estatua grega de marmore, encontrada em Falerone (Italia), que é uma variante notavel da Venus de Milo, differençando-se um pouco em as roupas. A estatua tem ambos os pés, descançando o esquerdo—o que falta á Venus de Milo—sobre um capacete.



1553—Imprensa Nacional—1874



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

Á SOMBRA DAS ARVORES

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



NUMERO 4 — LISBOA — 3.ª SERIE

Á SOMBRA DAS ARVORES — A CABRA CEGA

GOSTO que tenha o labio austriaco, não lhe corre comtudo nas veias o venerando sangue dos Ordonhos.

Ella não é illustre pelo sangue mas sim pela formosura, essa fidalguia ainda mais poderosa.

E senão vejam-me esta mulher.

Como a sobrancelha é violenta e avulta em vivo relevo, como aquelles olhos se rasgam luminosos, como aquelle collo é firme, e como as linhas d'aquelle corpo são captivantes e cheias de graça irresistivel e cariciosa como um beijo de amor.

As que nós a cada passo por ahi topamos são franzinas, delicadas como estatuetas de *biscuit:* o menor vento as quebraria, o raio menos tepido de sol as cresta.

Pobres flôres de estufa!

Não podereis nunca n'um doido rapto de admiração pela arte deixar caír os véos e as roupas como fez aquella sereia da Diana de Poitiers deante do estatuario Jean Goujon e como mais tarde ousou fazer na Italia a duqueza de Ferrara no *atelier* do Ticiano.

Quanto a esta guapa creatura que a estampa nos mostra...

Vive no campo: em uma casinha branca humilde e deliciosa.

Como o vento começasse a refrescar e o sol se fosse amortecendo, ella abriu de par em par as janellas do seu quarto e compondo ao espelho o véo, pregando os punhos de renda, sacudindo com um gesto travesso e lindo os rebeldes caracoes da cabelladura, disse:

— Que bonita tarde! Irei...

E os labios franziram-se-lhe n'umas reticencias sybillinas, e os olhos afogaram-se-lhe em morbidos desmaios...

Partiu, e o seu grande cão felpudo seguiu-a.

Por mais que a gentil senhora o chamasse, o animal lá se escoava por entre as sebes do caminho, ora atraz de um lascivo pardal inquieto, ora na caça de uma borboleta iriada que subia e descia em rapidas espiraes, como que zombando do seu esbelto perseguidor.

Depois quando menos o esperava a dona, o cão descia um comoro arrelvado, saltava de um muro em ruina e no meio de latidos de alegria vinha beijar a ponta dos dedos, ou os folhos da cauda da scismadora passeante.

A matta fica perto. A estrada é formosa. De um lado ha um monte por onde o vinhedo se alastra: do outro ha campos e varzeas d'onde saem as cantigas dos que moirejam na lavoura.

O sol ía esmorecendo no occaso.

— Se eu tardasse! se eu não chegasse a tempo! murmura a formosa ao penetrar na matta.

O cão que ía adiante parou, levantou a cabeça intelligente e os seus olhos redondos da côr do topazio fitaram-se no ponto, em que as arvores eram mais folhudas e a sombra era mais espessa...

A dona, essa sentira uns rebates no coração, encostára-se risonha, pallida mas feliz, a um pedaço de muro que o destino ali puzera muito de proposito para encosto d'aquelles primorosos braços.

Rangeram no silencio da matta umas folhas seccas, e os melros assobiaram umas cantigas maliciosas...

Creio bem que não foi pelo amor da paisagem, nem pelos cambiantes do occaso, nem pela doce frescura das sombras, que te puzeste a caminho, minha scismadora gentil, explica-m'o o languor da tua posição, revela-m'o o quebrado dos teus olhos e a pallidez do teu formoso rosto.

Ai! tu não és nem pensas como aquella deliciosa actriz Maria Garcia, que morreu de amor, e que tão melancolicamente se expressava: — Prefiro as arvores aos homens; estes matam-nos, aquellas dão-nos vida.

A CABRA CEGA

Estamos provavelmente na Allemanha, no paiz das scismas côr de luar, das metaphysicas nebulosas, e das puerilidades infantis.

O dia foi de festa, um d'estes bons dias alegres, palreiros, tumultuosos, que deixam no coração um rasto de luz e um doce aroma de saudade.

Ergueram-se todos da mesa n'aquelle beatifico contentamento, que tem o seu quê de bestial, mas ao qual ninguem logra eximir-se, e que influe nas sadias organisações das lendarias virgens do Rheno, como em qualquer outro mortal menos dado a idealidades e poesias.

Os velhos contaram episodios da mocidade, esfiaram entre os dedos tremulos o rosario das recordações emmurchecidas, resuscitaram por instantes esses mortos, que de anno para anno se nos vão sepultando nos occultos escaninhos do coração.

Os moços devanearam futuros, debuxaram na phantasia uns serenos idyllios muito azues, apertaram a furto as mãos trocando olhares limpidos, innocentes, sem malicia, olhares, que a gente da Peninsula aquecida a este bom sol de Deus scintillante e inspirador, não percebe lá muito bem o que signifiquem.

No jardim, as arvores são frondosas, a relva exhala um delicioso cheiro, o despedir da tarde está convidando.

Aquelles corpos robustos não conhecem a morbidez d'esta preguiça, que a nós tanta vez nos avassalla e nos prostra.

Toca pois a brincar!

Escolha-se um jogo! — A cabra cega! — gritou d'ali um Hermann mais malicioso ou uma Dorothea mais garrida.

Forma-se um circulo e o jogo começou.

—Quem ha de ser que faça de cabra cega?

—Eu, disse o menos timido e o mais folião do rancho.

Ataram-lhe o lenço aos olhos, voltaram-o de um para o outro lado.

—Elle vê? Elle não vê? até que o deixaram á mercê... dos braços, que n'estes jogos são os que vêem.

Emquanto isto se passava no grupo dos homens, vendavam-se os olhos tambem, no grupo das meninas a uma loura e suave rapariguinha; mas isto, já se vê, com toda a cautela, por fórma que o lenço não desmanchasse os primores do penteado e não fosse desformisar aquelle palminho de cara onde se perdia tanto olhar cubiçoso.

A moça tocou a campainha, o rapaz abre os braços, estende-os, quer ir para o sitio d'onde o chama o tilintar argentino...

Se a moça fallasse, melhor seria, porque aquella voz é um iman energico, e tem feitiços capazes de endoidecer os anjos do céo, quanto mais aquelle pobre estonteado!

Mas fallar é prohibido. Tlin, tlin, tlin!

O velhote, que está entre duas matronas, não póde com o riso.

—No meu tempo!... no meu tempo!... diz elle, e quando a senhorita lhe passa ao pé, inclina-se um pouco e sopra-lhe baixinho:

—Por que tirou as azas?

Em redor cruzam-se os ditos, os dedos apertam-se, aquella inclina-se mais á vontade nos joelhos do amado, e o luar cada vez mais saudoso, e as arvores a tomarem umas fórmas estranhas...

Aquelles que faltaram á festa, e que vem ao longe pela rua areada e espaçosa, apressam o passo, e dizem-se mutuamente:—Não ouves?

A campainha tilintava, e o violão murmurava na sombra não sei que choradas maguas...

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

II

(Continuação)

A restauração do portal não a fez ao acaso o sr. Nepomuceno, architecto que dirige as obras da igreja e de todo o edificio; na sacristia existe um quadro, no qual está representada a procissão da vinda do corpo de Santa Auta, a 12 de setembro de 1512, no acto de chegar á igreja; ahi se vê a frontaria do templo, como antes era, porque o quadro é contemporaneo. Para lastimar é, que não tenha sido possivel fazer-se a restauração conforme em tudo ao que se vê no alludido quadro. O sr. Nepomuceno ainda se aproximou, quanto pôde, nas janellas baixas, que são de ponto subido, mas nas altas teve de seguir outro risco, por falta de meios, e por isso são á moderna. Na frontaria havia um ornato de porcelana, no estylo das chamadas louças de Robbio, porque se vê no quadro, a que nos temos referido. Essa porcelana, ou outra identica, existe, e o sr. Nepomuceno vae colloca-la na fachada do templo, á similhança do que se observa no quadro, cousa esta que se nota em muitos edificios antigos, posto que em Portugal não seja commum.

Costumavam as freiras do mosteiro da Madre de Deus, nas festas do Natal, reunir-se em redor de uma fogueira, e ahi praticarem sobre cousas do convento. Na bibliotheca nacional existe um livro manuscripto cujo titulo é: *Noticia da fundação do convento da Madre de Deus, anno de 1639*. Depois, em outra pagina, lê-se o seguinte: «Praticas que houve no anno de 1638, nas fogueiras do Natal, n'esta casa da Madre de Deus de Lisboa, entre as religiosas seguintes; que não foram todas por estarem muitas doentes na enfermaria.»

«Estas praticas se fazem em uma casa que está junto do ante-côro, onde é logar do presepio.»

Ha tres volumes das *Praticas das fogueiras*, mas a bibliotheca nacional só possue um. Contém algumas noticias do mosteiro; a maior parte, porém, consta de noticias biographicas de religiosas, já se vê, mais ou menos milagreiras, ou de um exagerado ascetismo.

Em uma d'essas *Praticas* lemos isto:

«Eufrasia:—... cuidava eu que todo este convento o fizera a rainha D. Leonor.

«Mauricia:—Antes quasi todo o fez el-rei D. João, porque o que a rainha tinha feito era mui pequeno; a igreja era o que agora é capitulo, e quasi todo está mudado.»

Por isto se conhece que, da primitiva fabrica, ordenada pela rainha fundadora, pouco existia já em 1638; e ainda depois d'isto se fizeram restaurações, que mais contribuiram para alterar o antigo edificio.

Em 1638 havia no mosteiro trinta e duas religiosas.

Foi por solicitação da rainha D. Catharina, mulher de D. João III, que o numero claustral das religiosas foi elevado de vinte a trinta e tres.

A rainha fundadora concluiu tambem o paço de Enxabregas, onde residia, e diz-se que, por vezes, habitou durante largos periodos no proprio convento, em convivencia com as religiosas.

Nas *Praticas das fogueiras* lemos ter sido tradição constante no mosteiro, de umas a outras religiosas, que Deus lhes promettêra a conservação da sua casa até a vinda do Ante-Christo, e que todas as que vivessem n'esse tempo morreriam martyres. Esta tradição subsistiu até aos nossos dias. Piedosas crenças com que se embalavam os ingenuos espiritos que fugiam do mundo, em busca de uma perfeição que devia assegurar-lhes a vida eterna. Acabou o mosteiro, e não veio o Ante-Christo.

Os monarchas portuguezes encheram de graças e privilegios o mosteiro da Madre de Deus. El-rei D. Manuel mandou, por alvará passado em Evora a 4 de junho de 1509, que se não construissem casas desde o mosteiro até o convento dos frades no mesmo sitio, nem em terreno proprio, nem concedido pela camara, e que os donos das hortas circumvisinhas não pudessem vende-las a pessoas de maior qualidade, sem licença sua.

El-rei D. João III isentou dos cargos do concelho o tintureiro que tingia os véos das religiosas. Era mercê bem singular.

Foi popularissima a devoção dos sabbados e dos domingos, desde a septuagesima até a Paschoa, á Madre de Deus. N'aquelles dias havia verdadeiras romarias ao devoto mosteiro; nos sabbados havia sermão. Não podemos apurar a origem ou causa d'esta devoção. A verdade é que as hortas d'aquelles arredores facilitavam o con-

curso do povo, que por ali espairecia, conciliando a devoção com o seu passatempo.

Na quinta e sexta feira da semana santa, tambem costumava haver grande concurso de povo ao mosteiro. Na quinta feira, no sermão do Mandato, mostrava-se aos fieis o Sudario, que para muitos era uma copia authentica do original, fabricado por modo milagroso. Conta a lenda que fôra o imperador Maximiliano, quem o mandára á rainha D. Leonor, sua prima, e que expressamente o fizera copiar do que se guarda na cidade de Turim, e é reputado o verdadeiro. Como era natural, houve milagre no caso. O imperador incumbiu a copia a dois pintores insignes. Os artistas estavam perplexos e receosos da obra, e por isso prepararam-se com jejuns e exercicios piedosos durante tres dias, para bem disporem o seu espirito; mas, ao cabo dos tres dias acharam estampada a imagem de Christo na tela, e tão perfeita como no original.

O Sudario mostrava-se, como dissemos, no sermão do Mandato em quinta feira santa, e tamanha era a concorrencia de fieis e curiosos, que se fez um pulpito pela parte de fóra da igreja, para que todos podessem admirar e venerar a representação, que se reputava authentica, do corpo de Christo. Tão extraordinaria era a concorrencia que se via o mar coalhado de embarcações, porque na terra, em frente do mosteiro, não cabia tanta gente.

Tambem se mostrava o Sudario na sexta feira santa, no sermão, quando os frades de Xabregas ali iam com a procissão do Enterro; n'este dia não era tanto o concurso de fieis.

O Sudario existe ainda guardado no côro, no mesmo local, onde as religiosos o tinham; é bordado a seda preta sobre seda branca; illude como se fôra estampado com a maxima perfeição: é obra de grande merecimento. Nas *Praticas das fogueiras* se diz d'esta, n'outro tempo tão preciosa tela: — «... ninguem dirá ser pintura, o que parece execução da arte, senão uma como sombra, ou reflexo, do que se encontra no seu proprio original.» É assim: com effeito o bordado similha uma sombra, um reflexo, e em um tempo tão supersticioso devia produzir maravilhoso effeito no espirito da multidão. Como obra da arte de bordar é mui valiosa. É d'aquella época florescentissima para as artes, o primeiro quartel do seculo XVI.

O edificio da Madre de Deus é hoje pertença do asylo de D. Maria Pia, que com propriedade se poderia denominar asylo da rainha D. Leonor, porque está no palacio que a santa senhora construiu, e agora tambem no mosteiro que fundou, e que foi o objecto de todas as suas complacencias. Pretende o benemerito provedor aproveitar as casas do mosteiro, contiguas ao antecôro, côro, e o claustro, com todos os objectos de arte que encerram, para formarem um museu, que se mostrará ao publico, mediante uma certa quantia, por cada pessoa que entrar, revertendo o producto a favor do asylo. Ao mesmo tempo se venderá uma descripção historica do mosteiro, e de todas as preciosidades artisticas que ainda ali existem, tambem a beneficio do asylo. O sr. Nepomuceno, architecto do asylo e das obras do mosteiro, que o tem estudado minuciosamente, possue valiosos documentos a seu respeito, e pôde examinar os que existiam no seu cartorio; trabalha já na descripção a que nos referimos.

O nosso amigo, redactor principal d'este jornal, o sr. Rangel de Lima, intentou apresentar aos leitores das *Artes e Letras* algumas gravuras representando varios objectos preciosos, existentes no mosteiro, para o que solicitou a devida auctorisação do benemerito provedor, o sr. conselheiro Torres Pereira; foi-lhe porém denegada, porque poderia prejudicar, no futuro, os interesses do asylo, tornando conhecidos os objectos, que tambem hão de ser gravados para a descripção que projecta o sr. Nepomuceno.

Parece-nos haver n'isto exagerado zêlo, porquanto não é facil imaginar qual poderia ser esse prejuizo, com a publicação das gravuras n'um jornal, onde ficam em pouco tempo esquecidas de envolta com tantas outras, e entre tão variados assumptos. Estranhâmos a recusa da licença, por lhe não acharmos qualquer fundamento, e porque, emfim, n'este tempo de grande publicidade, e em que, por toda a parte, se procura dar noticia dos restos preciosos da arte antiga, não se põem embaraços ao jornalismo que se occupa d'esses assumptos.

Para que os leitores das *Artes e Letras*, todavia, possam ter algum conhecimento do que ainda resta dos objectos de arte, que possuiam as religiosas da Madre de Deus, procuraremos dar-lhes uma resumida noticia do que nós alcançámos vêr e examinar. Se podessemos acompanhar os nossos artigos com algumas gravuras, seria melhor e mais curioso; visto porém não ser isso possivel, por uma prohibição injustificada, contentâmo-nos com relatar summariamente o que vimos.

(Continua.) J. RIBEIRO GUIMARÃES.

ONDAS

Ó ondas que passaes, ondas do mar dourado,
ondas de fogo e luz, ondas de tentação,
não me deixeis perdido, absorto, abandonado,
levae-me corpo e alma em vosso turbilhão!

Já não me conheceis, já não, ondas d'outrora,
ó ondas que rugis no canto do prazer!
Levae na vossa espuma o brilho d'uma aurora,
e venham-me na sombra as viboras morder!

Trazeis do mar profundo as perolas brilhantes,
de perolas vestis as hastes dos coraes,
e emquanto que beijaes o seio dos amantes,
eu fico repetindo um misero jámais!

Jámais, jámais, jámais! Maldito pensamento!
palavra que fulmina o que fitar os céos!
Negaes-me sem piedade a luz, o movimento,
e eu fico a rocha negra á flôr dos escarcéos!

SOUSA VITERBO.



APANHANDO MOSCAS

N'UM dos livros de Victor Hugo ha certa occasião em que o poeta nos falla das *moscas ephémeras,* — das que vivem só um dia.

Esta pouco mais viverá, coitada!

Achava-se tomando uma restea do sol de que tanto gostam as flôres e os insectos, e descuidosa contemplava o que quer que fosse, ao longe, um ponto branco e lusente.

As moscas gostam da alvura. Vão-lhes lá dizer que são tolas. Gostam, e fazem muito bem na sua; por isso pousam nas rendas dos decotes, e começam a zumbir, a zumbir, e salto para a direita, salto para a esquerda, ora deslizando ora subindo, — travessas, a devassarem mysterios ...

Aquella estava ali posta, scismando. Era uma philosopha humilde, uma especie de critico diptero, um animalsinho voador, — o que não são todos os criticos. Ora as moscas tambem pódem fazer a sua metaphysica, — e onde está a duvida? — Nada ha defeso aos bichos. De Platão se diz que tinha colloquios com as abelhas, quando ellas lhe depunham nos labios os seus biscatos de mel. Por isso elle ostentava aquella facundia tão dôce e tão clara, — apesar de vir dos cortiços. Deixassem que a nossa, a que alem se amesendara innocente, cogitasse no *eu* ou no *tu,* fazendo com os pronomes pessoaes um novo systema scientifico.

Antes isso do que andar a morder na gente.

Mas não, — a historia de quantos se applicam ao bem humano, foi sempre e em todos os logares um tenebroso e vasto martyrologio. Não se póde inventar, fazer, exhibir um producto qualquer das amadurecidas concepções; não se deve ser genio, propheta, vidente, primo co-irmão das entidades sublimes; não é permittido a ninguem colher a terra em movimento flagrante, vender o seu peixe, ensinar a extraír os callos sem dôr, — emfim, descalçar a bota da vulgaridade para metter o pé no cothurno; não senhores, — vem o primeiro insciente, o primeiro semsaborão, e zás! — como aquillo não é assumpto de couves lombardas, e ascende vagamente ao ideal, — fulmine-se o louco, e aproveitem-se-lhe os residuos para adubo de sementeiras!



Até quando, ó deuses immortaes, fareis callar a musica das espheras para que reine a das panderetas?...

Como estão vendo, o insecto adormecera, talvez ao cabo de muito parafusar no *objectivo* e no *subjectivo*. Chegara-lhe o somno do estafamento insipido. Se havia de estar a remirar-se no crystal da vidraça, ou a sugar o balsamo dos lyrios, abarrotou-se de calculos, de theorias, de palavriado mosqueiro, — e ficou assim entorpecida, tonta, quasi parva, cheirando a sabia, não prestando para nada, esterilecida de todo.

O rapaz estava de olho aberto e pé leve. É uma cousa a que ninguem se furtou em pequeno, — a apanhar moscas. Eu lembro-me d'isso, — e bato hoje no peito, como á recordação de um grande delicto. Que mal me faziam ellas?... Que tinha a minha pessoa, — despotasinho de meio covado, — com a existencia de uma creatura para cujo infortunio bastam apenas as teias da cruel Arachne?...

Só se eu já me azedava por desconfiar que eram philosophas!...

Presagios do coração — que nunca mente, — como assevera o nosso grande epico, — embora seja tão enganado sempre...

O rapaz tem a mão engatilhada e o beiço diffuso. É a posição de quem apanha, — a descer do tigre até o homem...

Descer?... Talvez subir, — que o decidam os naturalistas.

— «Cahirás, não cahirás» — vae elle resmungando comsigo. O caso está na rapidez do golpe, na promptidão do ataque. É exactamente como nas batalhas. Se a mão esbarra temos a artilheria que se prende. Pode caír em Waterloo o que chegaria a ser Austerlitz.

O rapaz abriu-se á vaga intuição d'estes principios.

É um Napoleão caseiro, adestrado nos exercicios de dedo. Aquillo é desabar sobre a imprevidente emquanto o démo esfrega um ôlho. As moscas são como as formigas: desconfiadas e cautelosas. Depois, tem de melhor que estas o possuirem azas, e possuirem-nas leves, rapidas, diafanas, — pouco para enfeite e muito para serventia. E comtudo não lhe hão de valer de nada, creiam.

Azas!...

Pois se os mesmos anjos, que as sentiam, orgulhosos, correr ao longo da espalda, se elles se precipitaram do céo, e nem ao menos tão rica plumagem lhes serviu para que se librassem na queda; onde ha ahi peito que creia no valor d'ellas, — das azas!

— «Cahiste!» — grita o caçador, e era uma vez da misera.

Attentem-me na physionomia que elle apresenta, reparem-me n'aquellas faces de paschoa, — desanuviadas de sobresaltos antigos. Tem-a na palma, é sua, deu fim á agarração, conquistou o que desejava, é feliz, muito feliz, — que a felicidade está em qualquer cousa, no apanhar de uma mosca, — para elle, que é pequeno, — e para tantos maiores, que de vezes em menos ainda!

Agora far-lhe-ha uma caixa, uma clausura, um *in pace* inquisitorial, roubando-lhe a liberdade dos campos, do ar immenso por onde ella volitava contente.

Por isso eu me inclino ás vezes a que o homem nasce mau, embora me custe a acceitar que um berço seja o melhor engaste da protervia.

Aquelles, — ou antes aquelle, — podia estar deletreando n'algum livro curioso, correndo ao longo das varzeas, apanhando os lampos da figueira, ou escutando, sentadinho n'um tanho, — uma novella de heroes que andavam n'outro tempo a brigar com os gigantes, — historias em que entra sempre um anão que toca a buzina, e uma mulher formosa, sentimental, victima de brutaes desejos, — uma Floripes de gergelim, — doce, que é mesmo de se lamberem os beiços.



A mocidade agora quer lucta.

Isso era bom para a época das avós e das poltronas, quando até aos doze annos se acreditava em boas fadas, — e os pequenotes, em roda de uma velhinha, pallida como a cêra e meiga como o sol posto, ouviam de pollegar na barba as aventuras d'aquella rapariga a quem a madrasta fazia apascentar uma vaquinha branca e de estrella na testa, a qual occultava dentro em si uma bolla de oiro que seria condão para o futuro.

O serio, serio, é que mesmo n'esses dias de aurea simplicidade não consta que o rapasio tivesse aberto mão do apanho. Lá vinha uma em zig-zag, debicando na testa, fazendo cocegas n'uma orelha, saltitando aqui e alem até volver com a sua proverbial impertinencia, — *importunus ut musca;* e n'essa volta não era milagre que se sentisse presa por dois dedinhos valentes, rijos, tenases, — dois dedinhos acostumados a folhear o *Carlos Magno,* e por assim dizer ungidos nos balsamos de Ferrabraz. É a tua sina, pobresinha, e sêl-a-ha de tantos mais que por ahi andam, — uns, como tu, a beijar as flores, e outros a segredar com os musgos.

Que se lhe ha de fazer?

Resigna-te e escuta-me:

Esse garoto colheu-te, escravisou-te, partiu os sonhos

da tua fantasia, esmigalhou-te com a ponta da unha o universosinho das tuas commoções,—que tu tambem has de sentir, e amar, e crêr n'alguma companheira que vou comtigo, n'um sol posto de verão, por entre os ulmeiros viçosos; pois bem, serás lanceada a bico de alfinete, torturada, constrangida a saciar os desejos d'esse rapasete, os caprichos d'esse franchinote que se benze em nome de Deus; soffrerás para que elle se ria, morrerás para que elle se divirta... ouve-me, mas guarda-me segredo:—tambem cá succede o mesmo com os homens!

E. A. VIDAL.

A POESIA REVOLUCIONARIA

E A

«MORTE DE D. JOÃO»

(Poema pelo sr. Guerra Junqueiro)

II

(Conclusão)

CORRESPONDERÁ acaso á verdade social moral o quadro de costumes, ou antes de vicios, de que a *Morte de D. João* nos desenrola o longo inventario? Não me parece, e já disse a rasão, que reputo verdadeira, d'essa inundação de cousas feias com que o poeta julgou que se desenha o retrato das classes ainda as mais immoraes e corrompidas da nossa sociedade. É uma questão de litteratura: o realismo *faz-se* assim.

Mas será sómente isto? O pensamento, que foi ligando essa cadeia de funebres e asquerosos esboços, não vae alem de um mero systema de escola?

Não o creio tão pouco.

Ha infelizmente um modo de olhar as cousas da sociedade, que é o maior obstaculo á rapida conciliação dos interesses e das tradições. Ao encarar os ennovelados rolos da sombra densa por entre a qual entrevemos o agitar apparentemente confuso das idéas, das classes e das pessoas, o primeiro movimento, o movimento espontaneo do espirito, é abraçar-se a uma idéa, a uma classe,—e quantos, mal de nós! a um nome,—endeusal-o, e fulminar tudo quanto de perto ou de longe, mais ou menos completamente, parece oppôr-se-lhe.

Esse antigo espirito de critica subjectiva, fonte primordial de todas as intolerancias, não está por nosso mal apagado, apesar de Kant, apesar de Hegel, apesar dos exemplos de todos os dias, de todas as cousas, que nos vão mostrando a rasão necessaria de tudo quanto existe, e a insensatez das nossas decisões, quando queremos condemnar com ellas uma linha só do que está escripto no livro dos destinos.

Não ha no mundo escolhidos nem réprobos, ha homens. E a verdadeira e exclusiva missão do homem é comprehender-se a si mesmo e ao mundo onde existe; porque é da comprehensão das cousas que saem as grandes linhas do edificio do Ideal, nosso criterio supremo e exclusivo.

As leis do Universo são fataes e inaccessiveis á liberdade: o ponto mais elevado da acção do homem é o mover-se dentro da fatalidade, de accôrdo com ella, consciente de quem e como é, e como que obrigando-a assim a patentear as suas feições mysteriosas.

A fatalidade universal tem para nós uma historia que se divide em dois grandes cyclos: o inconsciente e o consciente. O primeiro caracterisa-se pela lucta, o segundo pela concordia; no primeiro, os homens, ás cegas, encontram em tudo materia para ardentes decisões, violentos combates, reptos insensatos do que julgam as ordens do seu espirito livre; no segundo *riffletono con mente pura*, como diz Vico, e percebem a necessidade das cousas, e o logar adequado de cada uma d'ellas, na serie ininterrompida da historia.

Definir essa necessidade como sómente historica, conceber a sua relação com o tempo, classifical-a chronologicamente, eis o que manda a verdadeira comprehensão das leis da Natureza que são as do Espirito, e o mais fundo alicerce do Ideal. Deixae aos que não podem ou não sabem amal-o, a adoração estupida de uma fatalidade inconsciente, a concepção do mal como necessidade logica, e da Humanidade e da Historia como rolos de areia que o mar revolto lança, conforme o vento impelle as ondas, á tôa, para qualquer dos pontos do quadrante...

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos, ha homens; actores a quem a sorte distribuiu os differentes papeis da tragedia. Que façam uns de tyrannos, e outros de victimas, uns de demonios e outros de anjos, merecem acaso por isso pena ou premio?

Elles são todos conforme os fizeram as cousas: são méros productos, não são causas.

Que o véo das miserias humanas nos chame a tristeza ao pensamento, nada mais natural para quem espere n'um futuro de maior juizo: mas que vamos nós lançar gritos e gestos na grande caldeira onde fervem os gestos e os gritos de todos os que nem sabem para que tem mãos ou bôca!... Para bem vêr as cousas é mistér conservar-se fóra d'ellas: para poder saber-se alguma cousa da sociedade, é mistér viver no isolamento.

No dia em que os homens puderem vêr o seu similhante com olhos de critico, esquecendo-se de que são homens, objectivamente, como diz a philosophia allemã, n'esse dia morreram todas as antigas dissensões, apagaram-se todos os velhos odios, comprehendeu-se a fatalidade natural das cousas, que é a concordia, o espirito de harmonia e de amor ineffaveis.

O predominio sempre crescente do material scientifico e do espirito critico, *objectivo*, eis a solida garantia, a garantia unica do progresso.

Não ha no mundo escolhidos, nem réprobos: tem uns os papeis de tyrannos e outros os de victimas, e para quem póde encarar as cousas com criterio, tanto valem, sob este ponto de vista, os que prégam aos tyrannos que tyrannisem, como aquelles que prégam ás victimas que se rebellem. Sob um ponto de vista moral, póde e deve, comtudo, o espirito investigar qual das duas doutrinas contém em si maior somma de elementos immoraes e retrogrados, qual deve mais á comprehensão racional do progresso e aos impetos de uma consciencia que espontaneamente sente o bom e o bello.

Seria licito exigir a um poeta moço, que agora acorda para o pensamento, o conceber o Universo de um modo que só d'aqui a muito passará da região acanhada dos que especulam, para o grande todo que sente? Não me parece.

Saudemol-o pois pelo encontrarmos enthusiasta do que é santo, e irritado contra a maldade; possam as nossas palavras leval-o a meditar sobre a natureza do bom e do mau nas acções humanas, e oxalá que nos dê, sentida, e lavrada em versos esplendidos, uma das ideas mais nobres, mais reaes e mais bellas das ultimas que a Humanidade tem enthesourado...

Irrita-o a immoralidade do tempo, e não é mister dizer-lh'o, porque nol-o diz elle, d'onde provém este caracter de indecisão e fraqueza que effectivamente ennovôa a nossa era: «a sociedade perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica».

Vamos agora vêr os personagens da comedia-humana. São apenas dois; dois *velhos*, o Padre Eterno e D. João.—Não se sente já aqui uma especie de contradicção? symbolisar em *velhos* os fortes propulsores de uma devassidão que nos mina? A velhice é impotente: como será ella a causa de nossos males? Pois não é verdade que

O dogma feito carne e o Deus feito soldado

perdeu já ha muito a corôa de terrores com que reinava na crença dos homens temerosos,

.... o incendio, a peste, a fome, os exterminios,
Os impetos do mar e os roncos dos trovões...?

Aguas passadas não moem moinhos: não póde ser essa a causa dos males actuaes. Com effeito o poeta ao descrever-nos as feias acções do *despota sagrado* falla-nos sempre no preterito.

E D. João? Mas o poema é a prova da incapacidade malefica do typo. Tremei de D. João quando Byron se namora d'elle; mas para que ha receial-o, quando a poesia o põe, saltimbanco esfarrapado, a morrer de fome a uma esquina? Faziam mal acaso os paladinos quando Cervantes escreveu o *Quijote?* Pobres paladinos já roidos de seculos! Pobre D. João pisado a pés por cincoenta annos de estudo e pensamento! Este livro é o teu *Requiem!*

Desappareceriam acaso porém já da terra o direito divino e a devassidão? Por fórma alguma; porque as tradições e os costumes não desapparecem de salto: são já historicos e ainda pelos desvios de alguma serra se vêem florir como nos bellos tempos da sua mais ampla existencia. Não desappareceram pois, mas deixaram de predominar, já não são vicio constitucional, factor necessario na equação social. O direito divino bate em retirada nas constituições e nos codigos, e a devassidão cede o passo a uma victoria decisiva do espirito critico, que sob um dos seus aspectos se diz sentimento da Justiça.

Qual será pois o vicio real, organico, a resultante proeminente d'esse estado da sociedade moderna, que perdeu a crença religiosa, sem adquirir a convicção scientifica?

É a adoração do bezerro de oiro; os *Levitas do milhão*, são Jehovah e D. João, porque tem um direito divino e uma individualidade indomita, romantica, como os heroes de Fichte.

Lançar-lhes-hemos, porém, aos hombros os assassinios e os estupros, e os adulterios, e os venenos, e a prostituição e a fome, e a guerra, e todas as lepras que corroem a pelle da sociedade enferma? Não; sem consciencia do acto não póde haver culpa; sem intenção não ha crime.

Ora o culto do Milhão é um phenomeno superior á esphera da liberdade collectiva. Onde não ha fundas crenças, nem vivos enthusiasmos, ha este deixar correr estupido da vida, occupando-a em ganhar e gastando-a em disperdiçar. Esse exercicio, exactamente por ser o que só demanda appetites e instinctos animaes, é tambem o que mais facilmente e com mais energia se enraiza no temperamento. Cuidado com o mastim quando come! Se lhe interrompeis o devorar ardente, elle apella, grita, não morde porque não tem dentes, mas paga a quem morda por elle:

—Meus bravos generaes catholicos romanos,
Meus burguezes fieis, meus velhos pretorianos,
Vamos! espingardeae, varrei-me esta canalha!
Querem mais luz? prisão. Querem mais pão? metralha.
E fallam em Direito, e fallam em Justiça,
Gente que nunca foi uma só vez á missa,
Gente que mata e rouba os padres e os banqueiros!
Cafila de ladrões! raça de petroleiros!

Mas poderemos nós, homens da critica, levar a mal aos Levitas que nos espingardeiem, quando ousarmos atacar a arca santa do seu novo culto? Não; por fórma alguma. O seu ponto de vista é outro: discutamos a fé, deixemos em paz os levitas. Lancemo-nos a essa massa de livros que defendem e propagam e exaltam o culto do Deus-Milhão e despedacemol-os. Como podemos exigir de homens que sigam este ou aquelle credo, se lhes não prégarmos nenhum? E como podemos esperar que não defendam o seu quando pretendermos impôr-lhes o nosso?

Todas as questões humanas se reduzem a equivocos: não ha propriamente questões. Se os homens pudessem já discutir mais e combater menos, vêr-se-hia como tudo é simples e facil, como diria mr. Prudhomme. Não é aos poetas que cumpre discutir e argumentar; as suas armas são outras, de tempera diversa. Vêem as cousas imaginativamente, por grupos, em harmonia: o resultado será analogo, o processo psychologico é totalmente differente.

Dividida a sociedade em tyrannos e em victimas, as legiões dos primeiros passam entre as orgias, no meio dos córos de mulheres faceis e deslumbrantes:

Corre a turba pagã ao sacrificio ...

E os segundos, o pária, a victima, aquelle que

Curvado para o chão, como alguem que procura,
Na grande paz da terra, a paz da sepultura,

dorme sobre uma enxerga na choça humida do valle; apenas rompe o dia, a alvorada

Com sua luz hostil, mais viva que uma espada,
Entra pelo casebre, e diz ao aldeão:
—Levanta-te, animal! Tens fome e não tens pão;
É ganhal-o, e andar... Descance quem pudet;
Deixa o rico a dormir. Tens filhos, tens mulher,
Vamos! depressa, a pé! Já canta a cotovia...
Para ganhar um pão é necessario um dia.
Tens muito somno, tens?... Os párias, desgraçado,
Quando querem dormir um somno abençoado,
Vão-se deitar ali, debaixo de uma lousa,
Á sombra de um cypreste!...

Assim falla a alvorada; assim falla, com effeito, tão crua e desabridamente a Natureza, quando nós interpretamos mal as suas leis. A alvorada tem essas rudezas e essas ironias, porque é defeituosa e deficiente a nossa legislação predial.

O proletario ergue-se do leito e caminha, de enxada ás costas para o trabalho, *mudo como um assombro*.

Bravo! poeta. Quem te segredou ao ouvido esta expressão sublime? Mudo como um assombro! eis ahi como o aldeão ouve as ordens da fatalidade e as cumpre. Mudo trabalha, mudo crê, mudo treme! O mundo inteiro é para elle um assombro! Que viu, que sabe, que ouviu? Os sulcos da terra, quando a cava, ou como é que ha de enfeixar o trigo na ceifa, ou o ladrar dos cães alta noite, e o mugir do boi á tardinha? Santas musicas, com effeito! são o seu unico deleite, a só nota de alegria nas horas monotonas dos longos dias! Como elle entende o boi, como sabe interpretar-lhe o olhar largo, interrogativo e meigo! quantas cousas diz, que longas conversas com o cão! Assombros!

Antes a mudez do assombro, antes, e as dôres da miseria e do trabalho, do que o tagarelar dos imbecis e a digestão ociosa dos inuteis!...

Não é da alçada da poesia formular-nos as soluções ou mesmo enunciar-nos os dados do problema social; *A morte de D. João* não briga fóros de tratado de economia; o poeta sente, o livro é um quadro, e o leitor interpreta.

Mas o problema social é apenas um dos aspectos do problema universal, da revolução das idéas metaphysicas, revolução que as differentes doutrinas apropriam com maior ou menor criterio.—E um poeta, não o será na elevada accepção da palavra, se não possuir um systema de idéas, poeticamente concebido, uma theoria do Universo, sem a qual os grupos e as figuras animadas que a imaginação lhe evocar ficarão grudadas no fundo como nos quadros bysantinos, sem perspectiva, que é condição necessaria da realidade e da vida.

A Morte de D. João diz-nos que:

... o mundo precisa um vendaval de luz
E que precisa um Deus a consciencia humana.

Vamos travar pois conhecimento com esse Deus.

III

Eu chamo-me a Justiça, a grande musa austera
Que habita junto a Deus na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

Invocar a Justiça e dar-lhe o papel de musa da poesia, é o traço que mais revela n'este livro o sentimento profundo da Revolução. A Revolução é, com effeito, o reinado da Justiça.

Mas que é a Justiça? Será acaso a divindade mysteriosa e céga do naturalismo antigo? Será o attributo com que o transcendentalismo christão dotou o seu Deus, attributo subordinado ao principio supremo da *graça* que é a essencia divina? Não; porque a Graça obedece ao arbitrio divino que não póde submetter-se a regras, e a Justiça desconhece auctoridade que não seja ella mesma, que resida fóra d'ella. Em que consiste, pois, e como se caracterisa?

Esbocemos em poucas linhas aquillo que exigia volumes para ser dito cabalmente.

A Justiça, conforme a definiu Montesquieu, é a relação natural que existe entre duas cousas: essa relação é constante, seja qual fôr o ser a que se applique; Deus, os anjos, e os homens tem de obedecer-lhe sem distincção. Se Deus existe, continúa Montesquieu, necessariamente ha de ser justo, pois que se o não fosse, seria o mais preverso e o mais imperfeito de todos os seres.

A concepção da Justiça, como idéa que domina a propria idéa de Deus, é uma das muitas e enormes conquistas da Renascença. Subordinar Deus á norma das leis de relação encontradas no espirito humano; separar sequer Deus, isto é a vontade inintelligivel, a fatalidade cega dos orientaes, o *despota supremo* que governa os homens e as cousas segundo o capricho do seu temperamento,—separal-o da idéa do Direito, é lançar a primeira e mais solida pedra no alicerce do edificio do humanismo.

Antes de Montesquieu, já Grocio dissera que, residindo, como reside, a origem do direito na natureza, é indifferente para o caso o haver ou não haver Deus. Indifferente, por que? porque as leis naturaes são immutaveis, constantes, eternas, e não podem ser alteradas por nenhuma especie de vontade.

Vico, dando como origem ao direito, não a revelação, mas a consciencia: *il mondo é fatto dagli uomini;* e definindo os deuses como creações subjectivas nas quaes o espirito humano foi vasando as concepções proprias, determinou o ultimo dos traços fundamentaes da definição de Justiça.

Tal foi o ponto de partida, tal o programma dentro do qual o seculo XIX, passado o pesadello romantico, tem incessante e valorosamente trabalhado.

As sciencias naturaes provando todos os dias a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do Universo physico, isto é a idéa de Justiça no mundo da materia, demonstram, affirmando, aquillo que as sciencias moraes demonstram a seu turno: a não realidade das intervenções legendarias dos seres divinos na historia. D'esta negação resulta a affirmação correlativa no mundo do espirito: a inalterabilidade, o systema, a harmonia das leis do universo moral, isto é a Justiça, expressão da relação necessaria entre os individuos, como principio da sua existencia real.

Montesquieu, considerando a Justiça como uma idéa de relação, uma noção metaphysica, uma abstracção, não chegou, porém, a determinar a realidade positiva e psychologica d'onde procede o seu caracter organico. As observações de Proudhon a este respeito são um dos mais bellos lados do edificio dos seus pensamentos. A Justiça, diz elle, é tambem um facto da consciencia, uma faculdade organica e tão positiva como o amor, a ambição, a amisade, o gosto do bello, etc.: é o respeito da dignidade humana, considerada em si e em cada uma das suas manifestações; este respeito é innato em nós, de todos os nossos sentimentos é o que mais se afasta da animalidade, de todos os nossos affectos é o mais vivo; referido a mim chama-se o meu direito, referido ao meu similhante

chama-se o meu dever. Se na consciencia humana não existisse esta faculdade, as sociedades seriam impossiveis, e impossivel a historia.

Conhecemos, pois, bastante, creio eu, os caracteres da Justiça; determinámos-lhe as feições, permitta-se-me a expressão, staticas e dynamicas. Vimos que, em si, é uma faculdade do espirito, e que fóra de si se manifesta como relação necessaria entre os individuos, expressão, portanto, da cohesão social, lei constitucional do universo moral, como a attracção o é para o universo physico. A Justiça é a attracção na consciencia, e a attracção é a Justiça na natureza.

Foi esta musa a que inspirou o poeta? Comprehendeu elle, ou antes e melhor, sentiu elle acaso toda a vastidão amplissima d'esta idéa? Ou a Justiça que lhe appareceu, n'essas horas em que as idéas artisticas lhe ferviam na mente, é porventura ainda o velho symbolo mysterioso, que a intuição de vate lhe fazia entrevêr como já desvendado e definido pela critica do seculo XIX?

A justiça

... habita *junto a Deus* na eterna primavera
Dos astros e dos sóes.

Mas que Deus é este? É o nosso Deus immanente, aquelle que habita em nós, e com quem diariamente commungamos pensando, trabalhando, vivendo, amando? É o nosso Deus-consciencia, ou o *despota sagrado* das creações mythicas?

É evidentemente o primeiro, não o segundo; mas se o poeta *viu*, o artista peccou ao determinar o logar onde. A eterna primavera dos astros e dos sóes é o espaço ethereo onde a mythologia localisava Deus; a philosophia trouxe-nol-o para o seio de uma eterna primavera, bem mais florida e épica: para a consciencia dos homens. Deus é essa primavera, a consciencia é Deus.

Este desvio na concepção real da Justiça, ou se quizerem, na sua representação figurada, conduz o poeta a mais consideraveis incorrecções. Começou por esculpir uma figura á antiga, e a corrente natural leva-o a manter o typo que adoptou, typo que não corresponde á idéa que mais ou menos definidamente andava na sua imaginação.

Assim, a Justiça que habita, como nos antigos tempos, junto a Deus, no empyreo, apresenta-se-nos como uma cousa tão supra e extra-humana, qual o proprio Deus de quem é emanação e que nós iremos analysar em seguida:

Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,
Envolvem-se a tremer nas armaduras de aço
Os despotas antigos ...
E hei de despedaçar as ferreas gargalheiras
E todas as prisões e todas as barreiras
Forjadas pelo mal,
Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz, e seja um Vaticano
D'amor universal.

A musa que assim falla é um Juiz, não é a Justiça. Ardendo no santo amor do Ideal, como nunca ardeu o outro, o novissimo Juiz não deixa por isso de ser uma creação artificial, phantastica, que vem substituir-se ás antigas phantasias. A extrema belleza da poesia não basta para encobrir o caminho errado que a imaginação do poeta segue; pelo contrario, a perfeição artistica, por accentuar os traços do desenho, torna-nos ainda mais evidente a imperfeição da idéa. A Justiça não é *alguem* que está fóra e sobre nós para nos julgar, somos nós mesmos que a nós mesmos nos julgamos. Fazer da Justiça uma abstracção, ou uma creação transcendente, é ir vasal-a nos velhos moldes partidos da mythologia, tirando-lhe o que faz a sua grandeza, isto é a realidade psycologica e social.

Darei acaso eu importancia demasiada a este ponto da minha critica? Teria sido verdadeiro o pensamento do poeta e culpado apenas o artista que não poude traduzil-o em versos, conforme lh'o dictava a mente? Não o creio.

A musa que, principiando por uma profissão de fé religiosa, acaba por uma lição de moral stoica, a quem invoca? a *ultima ratio* da sua doutrina qual é?

Quando uma lousa cae sobre um cadaver mudo,
Dizem: «tudo acabou...» E principia tudo.
De nada vale o bronze e a lapide marmorea;
Alguem a vae partir; o *alguem* chama-se a Historia.

Substituir, com effeito, ao juizo final apocalyptico, este juizo final da Historia é affirmar a humanisação da suprema auctoridade que julga. Mas esse juiz, nos céos ou na terra, Deus ou a Historia, é sempre uma abstracção, não é a realidade, não é a Justiça. O nosso juiz está em nós mesmos; é a nossa consciencia; é o nosso Deus; é a dignidade humana, faculdade tão constante em qualidade e quantidade no espirito de todos os homens, como são o amor ou a amisade. A Historia não julga, a Historia conta, como e em que grau existiu no tempo a idéa da Justiça.

Essa idéa é a rasão sufficiente da nossa existencia; é ao mesmo tempo a sua força motriz e a sua causa final; porque é a propria substancia da alma humana que o tempo nos vae gradualmente revelando, pela expansão natural da potencia propria. Esta revelação é a razão da nossa existencia, que não póde ser completa, emquanto não fôr cabal em nós a consciencia do nosso ser. Adquirir essa consciencia, eis a finalidade do Universo. Se acaso é licito dizel-o assim, direi, que o mundo é o proemio da vida humana, porque o homem só realmente começará a viver quando tiver adquirido consciencia real da vida, pois que uma cousa não começa propriamente a existir emquanto não póde definir-se e affirmar-se como tal. Eis ahi como a Justiça é a definição do homem e a razão sufficiente e causa final da sua existencia.

Assim, pois, como é que o poeta põe estas palavras nos labios da Justiça:

Existe um iman — Deus — occulto no infinito?

Que Deus é esse? que infinito? É o Deus de Descartes ou o Deus de Spinosa? O primeiro não é, porque

No leito sensual do azul indefinido
Ha muito que exhalou seu ultimo gemido
O Deus omnipotente — essa ideal chimera.

É com effeito o Deus de Spinosa, conforme nol-o dizem estas duas explendidas estrophes:

Estudae, contemplae os intimos segredos
Dos astros immortaes, das crystalinas fontes;
E ouvi a grande voz dos tristes arvoredos
Prégando ás solidões do pulpito dos montes.

Nas arvores, no mar, na rocha, em tudo habita
Uma essencia de amor, um Deus que sonha e dorme ...
E é nos antros da terra, onde esse amor palpita,
Como um fóco de luz n'uma cabeça enorme.

É porventura adequada esta noção de Deus á idéa de Justiça? Não; e seria ocioso dizer por quê. O Deus da Justiça é o Deus de Hegel, que a poesia portugueza concebia já no seculo XVI na mente do maior dos seus prophetas, na mente de Camões. A paizagem viva da ilha dos amores, essa natureza luxuriosa e animada, abriga em si um Deus, mas esse Deus não é a substancia de Spinosa: a paizagem transfigura-se, a ilha é o *caminho da virtude alto e fragoso*, a natureza chama-se Virtude, e a vida Justiça.

Das *Odes modernas*, que eu citei ao começar este trabalho e vou citar agora ao concluil-o, extraio este soneto:

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes
Serão leito de amor — tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

As bodas do desejo embriagado
De ventura, afinal! visões ferventes
De quem nos braços vae de idéas ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá por onde se perde a phantasia
No sonho das bellezas — lá aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia,

Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus á humana voz responde,
É que te havemos de abraçar, Verdade!

Peccava a poesia pelo defeito que vim notando na *Morte de D. João*, e ao auctor das *Odes* devo esta apostilla inedita:

Lá! mas onde é *la?* Aonde? — Espera
Coração indomado! O céo, que anceia
A alma fiel, o céo, o céo da Idêa,
Em vão o buscas n'essa immensa esphera!

O espaço é mudo, — a immensidade austera
De balde noite e dia se incendeia ...
Em nenhum astro em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da *eterna primavera!*

O Paraizo e o templo da Verdade,
O mundos, astros, sóes, constellações!
Nenhum de vós o tem na immensidade!

A Idéa, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,
Só se revela aos homens e ás nações
No céo incorruptivel da Consciencia!

Eis ahi a theologia da Revolução.

Eis o termo da minha viagem. Bastarão estas notas rapidas e mal cozidas para dar uma idéa cabal do poema do sr. Junqueiro? Não o creio.

Não o creio, nem no que diz respeito aos pensamentos que se accumulam n'essas trezentas paginas, nem com sobrada rasão no que se refere ao modo por que essas idéas estão representadas. Occupei-me quasi exclusivamente do poeta, deixei mais na sombra o artista. Quando não tivesse outras rasões para o fazer, bastava-me esta da minha pequena sufficiencia para julgar em tal assumpto.

Mas se não conheço os segredos da arte, possúo de certo com toda a gente a faculdade de sentir o que é bello, e a *Morte de D. João* deixou em mim a impressão que me dão as obras primas dos pintores italianos da Renascença, riqueza, graça e vigor.

OLIVEIRA MARTINS.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

XII

(Conclusão)

Na festa que n'esse dia se celebrou em acção de graças na igreja de Bom Jesus, e a que assistiu o governador, faltava frei Francisco Xavier, o apostolo das Indias. Quando D. João de Castro perguntara por elle a um dos frades ninguem lhe soube dizer o seu destino. Affirmava o porteiro que entrara na igreja á hora de vesperas, que orara por alguns instantes prostrado ante o altar do Santissimo, que procurara particulas e uma caixa da extrema-uncção e saíra. Os outros frades nem sequer o tinham visto.

A festa fôra concorridissima, porém a cidade estava triste. D'entre tantos, só o governador parecia alegre.

XIII

Os invernos da India deixam apoz de si trovoadas temerosas. As manifestações da natureza, grandes em toda a parte, são enormes no Oriente. Não ha trovões, nem relampagos, nem temporaes, nem inundações, nem estiagens como aqui.

Uma noite começaram a vêr-se correr do sul nuvens negras condensadas, e os pobres habitantes de Nanús, que tinham, segundo o seu costume, sem medo ao orvalho nem ás feras, adormecido ás portas das cabanas, exhaustos pelo trabalho e pelo calor do dia, acordaram alta noite sobresaltados pelo stertor de um trovão que fazia tremer a terra. Um prolongado e vasto clarão, pelo meio do qual caía a chuva em grossos fios de oiro, deslumbrava-os. De repente o clarão apagou-se e pelo meio das trevas, as mais densas e envolventes, serpeavam centenares de faiscas azuladas e sanguineas em todas as direcções. O vento mettia os hombros ás serras e ás florestas e de momento a momento sentiam-se estalar os troncos mais robustos como se a mão de um gigante andasse partindo e colhendo lenha no montado. Aos mugidos do vento, ao bramar dos trovões e ás queixas do arvoredo juntaram-se em côro as vozes dos animaes selvaticos, que espreitavam do fojo e applaudiam a sublimidade augusta do cataclismo.

Junto a Nanús passa um pequeno rio, grosso e tumultuoso nos mezes do inverno, claro e murmuroso no estio, correndo entre ribas, selvaticas, sim, mas de uma formosura especial. Aquella agua que deslisa sobre um leito de mosaico, feito de pedras transparentes e de côres as mais brilhantes, roça-se por tapetes aveludados de musgo florido, que cobre ambas as margens, e deixa-se beijar pelos bastos e finissimos fetos, que sobre elle se debruçam. O sol passa difficilmente por algumas frestas do arvoredo, e, como rara chuva de luz, esmalta as flores e os mosaicos do rio.

Na margem direita d'este arroio havia um pagode da deusa Parvaty, dentro do qual, n'aquella noite tempestuosa, se acendiam luzes, e para onde corriam os habitantes espavoridos, que a trovoada surprehendêra.

De todos os lados se viam correr as sombras escuras dos indús, porque a religião foi sempre a suprema força, a suprema protecção, a derradeira esperança em todo o mundo. A trovoada parecia ter escolhido aquelle ponto para fixar-se; até ali corrêra; chegada ali atraía, como as trombas marinhas, as nuvens todas do céo e redemoinhava. Dir-se-hia que aquella abobada esfumada e insondavel se tornava absorvente. Sentia-se ramalhar violentamente a folhagem, como se mão invisivel enroscando-se n'ella tentasse desarreigar a floresta, sentia-se mugir o vento lá por cima, como a respiração violenta de luctadores titanicos; mas em baixo asfixiava-se.

Quando os chuveiros caíam a flux, o homem que corria era frequentemente lançado por terra, e morreria, a não ser soccorrido, sob aquelle jacto violento.

Com a furia crescente da trovoada cresciam o medo e os clamores; sobre tudo quando o tufão apagava as luzes do pagode, ouvia-se um grito estridente e prolongado, grito em côro, de centenares de pessoas, que julgavam sentir-se abraçar das azas negras da morte.

No momento em que o mundo parecia desabar, quando mais bastas se cruzavam e ferviam as fitas de lume no espaço, quando mais forte a rajada fazia vacilar a montanha, quando acabava apenas a repercussão do mais violento dos trovões, ouviu-se uma voz de mulher gritar: — Soccorro! — na direcção do templo gentilico. Momentos depois Mogarem, desfeita, ensanguentada, fibricitante, tentava da porta estender os braços para a multidão apinhada, e pôde ainda uma vez murmurar: — Soccorro! —

N'isto ouviu-se dentro do templo pronunciar como um grito de horror o seu nome, e as luzes apagaram-se e a porta fechou-se violentamente sobre ella e... Não longe d'ali, na outra margem do rio, ouviu-se tocar um sino umas badaladas vibrantes e compassadas a convidar christãos á oração.

— Tantos deuses, murmurou ella, e nenhum tem piedade de mim!

— Tem! ouviu ella ainda ao caír desmaiada nos braços de um velho, que chegava açodado, e a tempo de a salvar das aguas do rio, que trasbordava.

Dentro do templo gentilico soava um côro de maldições. O velho ajoelhou, encostou sobre o peito a cabeça desfallecida de Mogarem, e, pondo as mãos, agradeceu a Deus, juntando á prece o nome de D. Fernando de Castro.

Era a terceira noite que a melindrosa menina passava nos bosques á espera da morte.

O céo desanuvea-se.

XIV

A menos de oitocentos passos do pagode de Parvaty havia frei Francisco Xavier construido uma capellinha toda branca, devota, no meio de umas penedias abruptas. Era no seu campanario que o sino tangia chamando á oração o seu minguado rebanho de christãos, obra e amores do apostolo venerando.

—Ouves? pobre mulher desamparada? lhe dizia elle enxugando-lhe as faces ardentes e conchegando-a ao peito, ouves? é a voz da caridade christã que te chama; é um porto franco e seguro ao pé do mar tempestuoso d'esta sociedade inclemente, é o meu Deus que te espera, o Deus de todos os naufragos.

E tomou-a nos braços e ergueu-se, o velho, o enfermo, o debil padre de Christo, orgulhoso da sua fé, pago dos seus sacrificios, agradecido á Providencia que lhe proporcionava ainda uma obra de misericordia, dando-lhe mais uma irmã para os seus filhos, mais uma alma atribulada para o seu Deus; e de cabeça erguida, e ligeiro, e forte, atravessou uma tosca ponte de madeira que a corrente ameaçava, costeou os rochedos da outra riba na direcção do sino que continuava a tanger, chegou ao atrio da capellinha que estava por dentro toda festiva e allumiada, e ajoelhando exclamou no tom vibrante e sonoro de seu verbo inspirado:

—*Orate!*

Um tremor jubiloso e mistico percorreu o grupo dos fieis que respondeu em erro:

—*Benedictus qui venit in nomine Domini.*

Um pequeno orgão acompanhava os canticos e Mogarem foi acordando e estremecendo na idéa talvez de que apoz a morte lhe era dado entrever o logar dos bemaventurados.

A pouco e pouco lhe foi voltando a consciencia e quando olhou attenta para o homem que a tinha nos braços reconheceu o apostolo. Ficou-se quieta e comprimida sem despregar os olhos d'elle.

—Senhor, onde estou eu? segredou ella emfim.

—Na casa de Jesus.

—Sou gentia!

—És desgraçada, minha filha.

—Sou maldita!

—Nunca o serás no templo do Deus do amor, da esperança e da misericordia. Mogarem chorava e o côro ia cantando:

—*Bemaventurados os que padecem porque elles serão consolados.*

XV

Dois dias depois entrava frei Francisco Xavier no palacio dos viso-reis. Era em 1548.

—Bem vindo, padre, tinha saudades vossas. Tenho chorado hoje. O meu pobre Fernando deve ter encontrado a sombra de D. Lourenço d'Almeida e no céo hão de gostar de os vêr, áquelles dois cherubins. Ouvís, padre? disseram-me que uma gentia o amava.

—Confessou-m'o elle, senhor, e confiou-a á minha protecção.

—Ah! padre! protector d'amantes! d'amantes temerarios, que se abraçavam por cima de tantos abysmos! Dizia o viso-rei, sorrindo.

—Ora ainda bem que entrou n'esta casa um raio de alegria. Deixemos lá os caminhos do Senhor, que só elle sabe, e, quando os quer ensinar, ou accende a sarça no Horeb ou solta a estrella dos Magos.

—Bem fallado, lingua de oiro; e voltando aos caminhos dos... amantes, que feito é da vossa protegida?

—Prepara-se para se encontrar com o seu noivo, já nivelados todos os abysmos no paiz onde só ha Deus e não religiões.

—Como, Francisco Xavier? algum prodigio novo?

—Ousaria eu esperar de hoje a um mez uma visita do nobre viso-rei no meu humilde eremiterio de Nanús?

—Esperae! e levarei a minha cruz de Christo. Honrar-vos-hei como devo, cofre de todas as consolações.

Abraçaram-se chorando e rindo.

Um mez depois na capellinha de Nanús D. João de Castro era padrinho da formosissima noiva do seu Fernando, e punha-lhe o nome de Maria das Dores que ella mesma escolhera; a madrinha era Nossa Senhora.

Quando, finda a ceremonia em que nenhuns olhos ficaram enxutos, a nova christã beijou a mão de seu padrinho, olhou para elle com os olhos muito abertos e muito cheios de tristeza e chamou-lhe: — Seu pae.

D. João de Castro abraçou-a commovido e disse-lhe, que todos ouviram: — Sim, minha filha querida, has de ser d'elle no céo.

E o povo e os padres e os nobres cantavam: — *Te-Deum laudamus.*

Um anno apoz os paes de Mogarem tinham abraçado o christianismo e fugiam ao anathema que sem culpa sua os fulminara. Nas ruinas do pagode de Nanús começava a construir-se uma igreja. Mogarem tinha morrido um mez depois de baptisada.

As suas ultimas palavras ouviu-as frei Francisco Xavier. — Já estou vestida de branco e tenho saudades do meu noivo. Ah! padre, bemdito sejas tu.

La Rabbiata

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

(Continuação)

ESTAVAM pois sentados no barco, como se fossem dois inimigos. O coração palpitava com força a ambos. A cara antes bondosa e serena de Antonino estava n'esse momento muito corada. Batia na agua com tanta força, que estava coberta de espuma, e os beiços tremiam-lhe como se praguejasse. Laurella fingia não vêr nada d'isto. Simulou uma expressão tranquilla, inclinou-se na borda do barco e pôz-se a deixar correr a agua entre os seus dedos. Depois atou o lenço sobre o peito, e arranjou os cabellos como se estivesse só no barco. Sómente os olhos pretos brilhavam-lhe muito, e punha as mãos molhadas sobre a cara para refrescar as faces ardentes.

Estavam então no meio do mar, e nem uma véla se descobria no horisonte; as ilhas tinham ficado para traz, e a costa estava sempre envolta no vapor do sol. Nem sequer uma gaivota preturbava esta profunda solidão.

Antonino olhava para tudo em volta. Parecia que uma idéa lhe subíra violentamente á cabeça. De repente im-

pallideceu e deixou caír os remos. Laurella olhou para elle involuntariamente, inquieta, mas sem mostrar o menor susto.

—É preciso acabar com isto—disse o barqueiro com impeto. Ha tanto tempo que eu soffro, que até me admira como não morri ainda. Dizes que me não conheces! Não me tens visto então passar por ti como um doido, e querer fallar-te...? Zangavas-te sempre e voltavas-me as costas.

—Que tinha eu que te dizer? e que tinha eu que ouvir de ti? respondeu ella.—Bem sei que querias ligar-te comigo:—eu é que não queria por cousa alguma d'este mundo que fallassem de mim, porque não quero casar nem comtigo nem com outra pessoa.

—Nem com outra pessoa? não has de fallar sempre assim. Rejeitaste o pintor!—Ora, eras ainda uma creança. Um dia virá, quando te achares só, que mesmo assim como és has de acceitar o primeiro que te apparecer.

—Ninguem conhece a sua sorte. Talvez a minha vontade mude. Mas que tens tu com isso?

—Que tenho eu com isso? e o rapaz saltou do seu logar com tanta violencia que o barco tremeu todo. Que tenho eu com isso? e pódes-me tu perguntar isto quando vez como estou? Que morra mil vezes aquelle que tu tratares melhor que eu!

—Eu já me prometti a ti? Que culpa tenho que endoidecesses? Que direito tens tu sobre mim?

—Oh! de certo, disse elle, não está escripto, nenhum advogado o pôz em latim, nem sellou. Mas eu sei que tenho tanto direito sobre ti como sobre o meu logar no céo, se fôr bom. Talvez julgues que eu teria a paciencia de te vêr ir á igreja com outro, e de ouvir as raparigas, quando me vissem, zombarem comigo por tua causa?

—Faze o que quizeres. Tanto mais recusarei quanto mais me ameaçares. Tambem eu quero fazer a minha vontade.

—Não has de fallar sempre assim, repetiu elle a tremer, como n'uma convulsão, sou homem bastante para não querer que uma cabeça como a tua me apoquente por mais tempo. Vês que estás em meu poder e que has de fazer o que eu quizer?

A rapariga retrahiu-se um pouco e olhou para elle de frente.

—Mato-me, se te atreves a isso—disse lentamente.

—Não sei deixar nada em meio, disse elle com uma voz cada vez mais oppressa e surda. Ha logar para ambos no mar. Não poderei salvar-te creança,— e fallava quasi com um accento de dó vago, como se sonhasse. É preciso, sim, que vamos ao fundo, juntos, unidos, já! disse elle violentamente, e tomou-a nos braços.

Mas, logo, retirou uma das mãos escorrendo sangue. Laurella havia-lh'a mordido profundamente.

—Hei de fazer o que tu quizeres? gritou-lhe ella afastando-se rapidamente, vaes vêr se eu estou em teu poder—e saltando por cima da borda do barco desappareceu de repente no mar.

Logo porém reappareceu á superficie. Tinha o vestido collado ao corpo, os cabellos desmanchados pelas ondas caíam-lhe pesados sobre o pescoço; bracejava porém com tranquillidade e nadava com força para a costa sem dar um grito sequer.

Um immenso terror parecia ter paralysado Antonino. Inclinado no barco, olhava fitamente para a rapariga como se estivesse presenceando um milagre. De repente estremeceu, pegou nos remos e seguiu-a com todas as suas forças.

O fundo do barco estava vermelho do sangue que lhe corria ainda da mão.

Por mais depressa que Laurella nadasse, o barco alcançou-a em breve.

—Pela Virgem Santa, disse-lhe o barqueiro, volta para o barco. Fui doido. Deus sabe o que me endoideceu. Parece que um raio me tinha ferido, parece que ardia, não sabia o que dizia nem o que fazia. Não me perdoes, Laurella, mas salva a tua vida, volta para aqui.

A rapariga continuava a nadar como se nada ouvisse.

—Não pódes alcançar assim a terra. Está ainda a duas milhas. Pensa em tua mãe, que morreria se te acontecesse alguma cousa.

A nadadora mediu com os olhos a distancia que a separava da costa; depois sem dar resposta, nadou para o barco e agarrou-se á borda.

Quando Antonino se levantou para a ajudar, o barco deu a borda sob o peso da rapariga, e a jaqueta que estava sobre o banco caíu ao mar.

Laurella saltou com agilidade para dentro, e voltou para o seu logar.

Quando Antonino a viu sentada, pegou nos remos.

A rapariga torcia o fato encharcado e espremia a agua dos cabellos.

Então, lançando os olhos para o fundo do barco, viu-o, cheio de sangue. Mas olhando logo para a mão do barqueiro viu-a mover o remo como se não estivesse ferida.

—Toma, disse ella, e estendeu-lhe de longe o lenço do pescoço.

Elle acenou com a cabeça e continuou a remar.

Então Laurella levantou-se e foi ligar-lhe a ferida. Depois, apesar d'elle a desviar, tirou-lhe um dos remos e sentou-se ao pé d'elle sem o olhar, sem desviar os olhos do remo que estava todo coberto de sangue, e começou a impellir o barco com força.

(Continua.) J. BATALHA REIS.

CASTELLO DE THOMAR

I



SSA ordem, meio religiosa, meio guerreira, que nasceu humilde e pobre em Jerusalem, junto ao Templo do Senhor; que ao deante encheu o mundo com a fama dos seus feitos de armas, e que, enriquecida e poderosa, foi o terror dos infieis, ao mesmo tempo que fazia sombra aos soberanos da christandade; essa ordem celebre na historia de todas as nações catholicas com o nome de *cavallaria do Templo,* e que do alto do seu poder e grandeza foi de improviso precipitada nos abysmos da desgraça e do opprobrio, sendo os seus cavalleiros accusados de crimes nefandos, processados, condemnados e confiscados; essa ordem, em fim, que foi perseguida com tamanha crueza, e extincta com tanta ignominia, principalmente, para satisfazer a vingança e a cubiça d'el-rei de França Filippe IV, cognominado o *formoso,* e do papa Clemente V, foi admittida em Portugal sob o governo da rainha D. Thereza, sendo viuva do conde D. Henrique de Borgonha.

Não se sabe ao certo o anno em que foi introduzida

em o nosso paiz: mas consta de documento authentico, que já n'elle existia no anno de Chirto de 1126. Entre as escripturas de doações, feitas á ordem dos templarios, que se guardavam no cartorio do convento de Thomar, achava-se a do *castello e terra de Soure,* assignada pela rainha D. Thereza, e com data de 1166, que é o anno do nascimento de Christo de 1128. É a doação mais antiga de que ha noticia. E foi o castello de Soure a primeira fortaleza, que a ordem possuiu em Portugal. Ficava então este castello na fronteira de territorio de mouros. Não fôra, portanto, uma doação gratuita, mas sim onerosissima, porque, levando o encargo da defensa d'aquella fronteira, obrigava os cavalleiros a uma guerra sem repouso.

A maior parte dos nossos escriptores dizem que fôra D. Gualdim Paes o primeiro mestre, que a ordem da cavallaria do Templo teve em Portugal. É certo, porém, que se enganaram. No *Elucidario* do padre Viterbo, no longo artigo sobre *templarios,* vem citados muitos documentos, que pertenciam ao referido cartorio e a outros archivos do reino, dos quaes se collige, que foi D. Gualdim Paes o sexto mestre do templo em o nosso paiz. O primeiro, D. Guilherme Ricardo, figura nas escripturas anteriores ao anno de 1126. Ao segundo, D. Raymundo Bernardo, fez a rainha D. Thereza a doação do castello de Soure. Era terceiro mestre em 1140 D. Pedro Froilaz; e quarto em 1143 D. Hugo de Martonio. Foi o quinto D. Pedro Arnaldo, a quem succedeu em 1157 D. Gualdim Paes, sexto mestre. Só os dois ultimos eram portuguezes.

Não temos espaço, nem este jornal é logar apropriado para extensos quadros historicos. É muito longa, e cheia de acontecimentos importantes e variadissimos a historia geral da ordem do Templo. Só a parte que diz respeito a Portugal, se estivera toda escripta e reunida em corpo, formaria, pelo menos, um grande e grosso tomo.

São gloriosos os fastos dos templarios portuguezes. Para se fazer idéa dos feitos de armas que os ennobrecem, e dos heroicos exemplos de amor da fé, de patriotismo, e de abnegação que lhes doiram as paginas, bastará lembrar, que estão perfeitamente enlaçados com os annaes gloriosissimos da fundação da monarchia e da libertação d'esta terra do poder dos sarracenos. A *Balsa* dos templarios [1] tremulou triumphante ao lado do pavilhão das *Quinas* na memoravel jornada d'Ourique, na tomada de Leiria, na expugnação da torreada Santarem, que os moiros consideravam como a sua mais forte praça de guerra, na conquista de Lisboa, que dominava como rainha no magnifico porto em que se espelha, e em tantas outras povoações e fortalezas, com que se foram alargando as fronteiras do reino, até á expulsão do derradeiro soldado sarraceno.

II

Foi D. Gualdim Paes um dos mais notaveis mestres do Templo, que houve no reino, senão o mais distincto pelo valor do braço, pelo esforço do peito, e pela sua energia e actividade inexcediveis. E assim foi um dos mais zelosos e ardentes propugnadores da lei de Christo, e um dos mais extremados cavalleiros da côrte d'el-rei D. Affonso Henriques.

Nascido na aldeia de Marecos, hoje denominada de Amares, proxima de Braga, em 1118, no proprio anno em que a ordem do Templo foi instituida na cidade de Jerusalem; armado cavalleiro por el-rei D. Affonso Henriques no campo de Ourique, ao som dos brados da victoria, e das acclamações ao primeiro rei de Portugal; partido depois para a Palestina, e alistado na milicia do Templo; enramado de louros virentes nas guerras porfiosas, que a ordem sustentou com os sultões da Syria e do Egypto; regressado á patria, e feito commendador da casa dos templarios em Braga, onde se achava em 1148; e finalmente, passados mais nove annos, nomeado mestre da ordem n'este reino; tal é o epilogo da sua brilhante carreira até ser elevado a tão alta dignidade. Foi, portanto, sob o seu governo, que a ordem dos templarios teve em o nosso paiz extraordinario desenvolvimento.

Entre as muitas doações de castellos e terras que el-rei D. Affonso Henriques fez á ordem do templo, para remunerar os grandes serviços prestados pelos cavalleiros na lucta com os moiros, contavam-se os castellos, então arruinados, de *Almourol,* no meio do Tejo, e o de *Ceras* com extensos territorios em derredor.

Cuidando com incançavel actividade da defensa das terras doadas á ordem, em que se incluia a do reino, por serem fronteiras de territorio de mouros, mandou construir o castello de *Pombal* no senhorio do castello de *Soure:* e nas terras do de Ceras, por este se achar desmantellado, e mal situado, edificou uma nova fortaleza, e a pouca distancia a igreja que havia de servir para cabeça da ordem. A escolha do logar para fundação da igreja foi determinada pela existencia dos restos de um antigo e venerando mosteiro benedictino. Quiz D. Gualdim Paes, que a nova igreja se levantasse n'esse sitio já consagrado pela oração, e santificado pela pratica das virtudes christãs no correr de seculos, e pelo martyrio de Santa Iria no seculo VII. Esse templo, que ainda se conserva, com pouca alteração, denomina-se *Santa Maria do Olival,* e foi cabeça da ordem dos cavalleiros do Templo, e depois da extincção d'esta da dos cavalleiros de Christo.

As condições vantajosas do terreno é que determinaram a escolha do logar para a edificação do castello.

III

Foi construida a fortaleza sobre um monte, que se levanta na margem direita do rio Nabão, com duas encostas ingremes, e formado de rochas alcantiladas e cortadas quasi a prumo para o lado do rio, ficando a cavalleiro de uma extensa planicie, banhada pelo Nabão.

Em uma lapida, que está embebida na parede da igreja, fundada ao mesmo tempo a par da cidadella, e dentro das cercas exteriores de muros, lê-se a seguinte inscripção:

E. M.C.L.X̄.VIII. Regnante: Alphonso
Illustrissimo Rege Portugallis:
Magister Gualdinus: Portugalensium
Militum Templi: cum Fratribus suis:
Primo die Martii: cepit edificare
Hoc Castellum: Nomine Thomar: quod Prefactus
Rex obtulit Deo; et Militibus Templi.

Quer dizer em vulgar: «*No primeiro dia de março do anno de 1198, reinando Affonso, illustrissimo rei de Portugal, Gualdim, mestre dos cavalleiros do templo em Portugal, começou, juntamente com os seus freires, a edificar este castello, cujo nome é Thomar, o qual estando acabado, el-rei o offereceu a Deus e aos cavalleiros do Templo.*»

O X com o travessão por cima vale quarenta e não dez; pelo que se deve lêr 1198 da era de Cesar, por onde então se contava, e que corresponde á era de Christo de 1160.

[1] Chamava-se *Balsa* a bandeira dos templarios. Era quadrada, sendo metade branca e metade preta, com a cruz vermelha no centro e em volta da bandeira a letra: *Non nobis Domine, sed nomini tui dá gloriam.* Não a nós, Senhor, mas ao teu nome dá gloria.

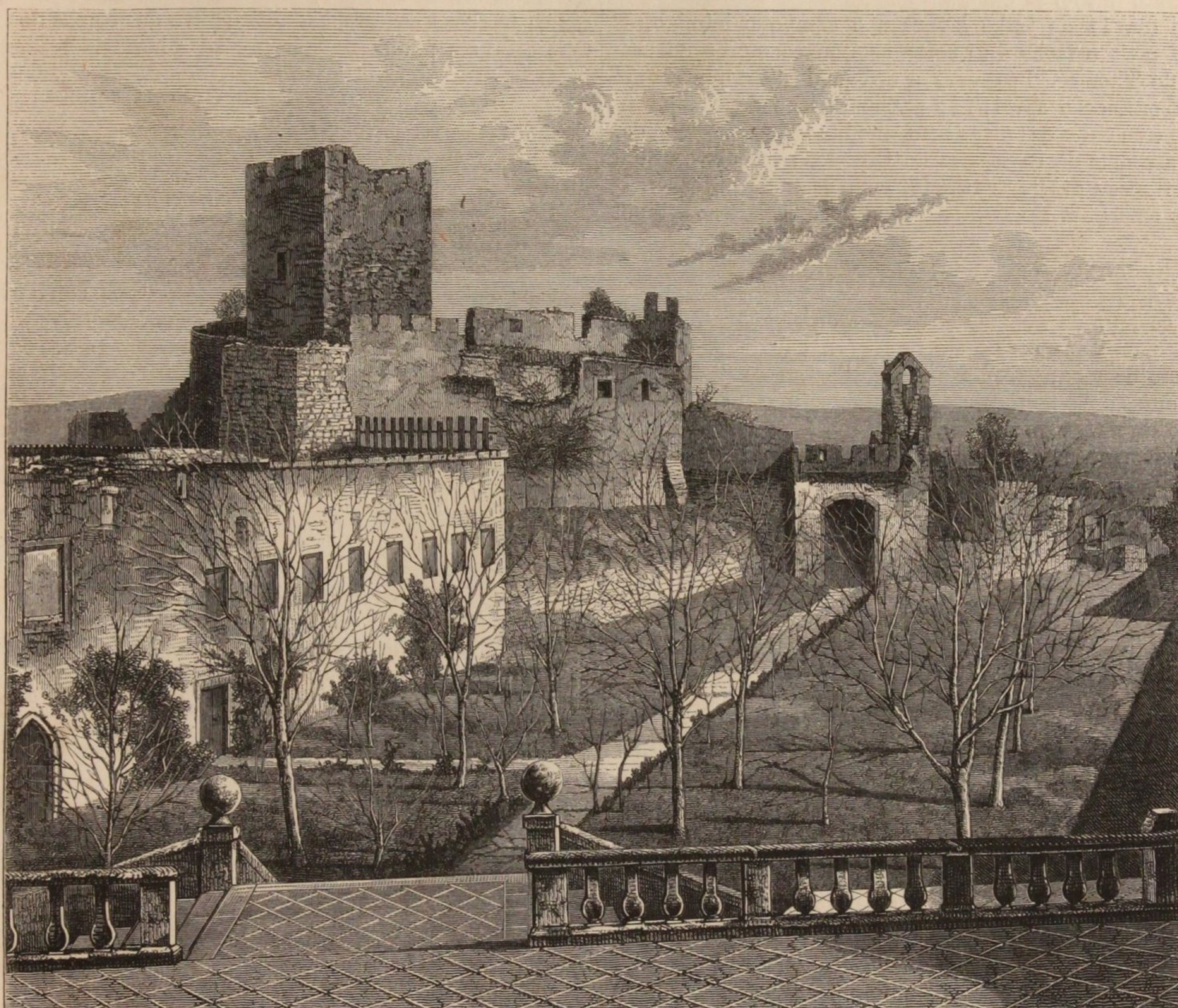
Emquanto progrediam as obras da fortaleza, fundava D. Gualdim Paes, na planicie a que ella está sobranceira, uma povoação, com o mesmo nome do castello, presentemente ennobrecida com o titulo de cidade.

Depois de concluido o castello de Thomar, cresceu muito a ordem do Templo em gloria, riqueza e poder, por meio das emprezas guerreiras dos seus filhos, capitaneados por D. Gualdim Paes, e por effeito da generosidade de D. Affonso Henriques. Porém, no maior auge d'essa prosperidade sobreveio um successo, que ameaçou descarregar-lhe profundo golpe. Um poderoso exercito marroquino, que invadiu o reino, em 1190, deixando assignalada a sua passagem com a destruição das povoações, com o morticinio de seus moradores indefensos, e com o incendio e profanação dos templos, veio pôr cerco ao castello de Thomar.

Durante seis dias succederam-se os assaltos ao castello, uns após outros; e todos foram repellidos heroicamente pela valorosa guarnição, pequena em numero, pequenissima comparada com o formidavel exercito, que a combatia; mas forte e potente pela fé em Deus, pela coragem com que afrontava os maiores perigos, e pela resolução de vencer ou ficar sepultada sob os muros derrocados do castello. E triumphou do inimigo, animada e guiada pelo seu invicto mestre, D. Gualdim Paes, não obstante contar setenta e dois annos de idade.

Por baixo da inscripção, que commemora a fundação do castello, está a seguinte, commemorativa da sua gloriosa defensa:

Era MCCXXVIII : III Nonas Julii
Venit Rex de Marroquis ducens cccc
Milia equitum et quingenta milia peditum : et obsedit castrum istud, per sex dies : et delevit
quantum extra murum invenit castellum : et prefatus magister cum fratibus suis liberavit
Deus de manibus suis : ipsis Rex remeavit in patria sua cum innumerabili detrimento hominum et bestiarum .



Diz em portuguez: «*Na era de 1228* (que é o anno de Christo de 1190), *aos cinco de julho, veio o rei de Marrocos, trazendo quatrocentos mil homens de cavallo e cincoenta mil de pé; pôz cerco a este castello por seis dias, destruindo quanto achou fóra dos muros do castello; e ao sobredito mestre*[1] *com os seus freires livrou Deus de cahir nas suas mãos: e o mesmo rei voltou para a sua patria com extraordinario prejuizo de homens e cavallos*».

Achâmos traduzidos os *cccc milia* de dois modos. Em alguns dos nossos escriptores por quatrocentos mil; e em

[1] O sobredito mestre relativo á inscripção superior é D. Gualdim.

outros por quarenta mil. Ainda que se acceite esta segunda traducção, o calculo é, sem duvida, muito exagerado. Todavia é certo que as forças inimigas eram poderosissimas.

Explicam os auctores por differente maneira a retirada precipitada dos marroquinos; mas a explicação mais plausivel é a que a attribue á mortandade, causada nas tropas sitiadoras pelas febres perniciosas, reinantes durante aquella quadra do anno nas margens do Tejo e do Nabão; e principalmente a ter adoecido do mal o rei de Marrocos ao quinto dia do assedio.

No dia 11 de julho levantou o campo o inimigo. E nunca mais o facho da guerra açoitou os muros do castello de Thomar. Possuiu-o a ordem dos Templarios até a sua extincção em 1314; passando logo depois, juntamente com todos os outros bens que lhe tinham pertencido, para a ordem da cavallaria de Christo, no poder da qual se conservou até ser extincta, com as mais ordens religiosas em 1834. Desde então ficou pertencendo ao estado.

IV

O castello de Thomar compõe-se da alcaçova ou cidadella, e de duas cercas de muros. A cidadella, erguida no cimo do monte, fórma um quadrilongo de altas muralhas ameiadas, flanqueadas de torres, e elevando-se do centro da fortaleza, mais alterosa que suas irmãs, a torre de menagem. Se exceptuarmos as ameias, que foram reformadas pelos cavalleiros de Christo, cujo emblema n'ellas se vê aberto, toda a cidadella é da construcção primitiva de D. Gualdim Paes. As divisões interiores das torres e dos aposentos estão, pela maior parte, destruidas; no exterior apresenta igualmente bastante ruina esta fortaleza, sobretudo nas torres que a flanqueiam. Todavia, em relação a uma existencia de 712 annos, e ao nosso proverbial desleixo em conservar os padrões da antiguidade, póde dizer-se que está em bom estado de conservação: e é de certo um dos nossos monumentos do seculo XII, que mais tem resistido á acção corrosiva dos seculos, e á barbaridade dos homens, não menos assoladora.

Uma ingreme calçada em zig-zags, praticada na escarpa do monte, do lado do norte, conduz da cidade á alcaçova, começando a subir por detraz dos paços do concelho, edificados na raiz do monte, com a frontaria para a principal praça de Thomar.

A porta, onde termina aquella calçada, fica junto da alcaçova, e dá entrada para um espaçoso terreiro, dentro da primeira cêrca de muros, plantado de pomar, e pertencente ao sr. conde de Thomar. Entrando n'este terreiro, vê-se do lado direito os paços arruinados dos mestres da ordem de Christo, fundados ou reedificados pelo infante D. Henrique, duque de Vizeu, e mestre da dita ordem, que por muitas vezes alli residiu. A rainha D. Catharina, sendo viuva d'el-rei D. João III, e regente do reino na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião, tambem alli habitou algum tempo e por esta razão dá-se hoje mais geralmente a este edificio o nome de *paços da rainha D. Catharina.* O pavimento terreo consta de grandes armazens de abobada, sustentada em bellas columnas de pedra; tudo em bom estado. Ao pavimento superior falta-lhe o telhado. Este edificio é propriedade do estado, bem como a igreja, que lhe é contigua, de cujo adro se desce por tres escadas de cantaria para o terreiro acima referido. A gravura junta representa no primeiro plano o adro da igreja, no segundo o terreiro com os paços mencionados, e em seguida a alcaçova e o portal da entrada.

A primeira cêrca compõe-se de altos pannos de muro, guarnecidos a distancias irregulares de torres e bastiões. Ha n'esta cêrca dois logares memoraveis: a *porta do sangue,* assim chamada pelo muito que junto d'ella se derramou, em um dos assaltos dados ao castello pelos moiros em 1190; e a *torre da rainha D. Catharina,* á qual deram este nome por costumar esta soberana, quando vivia nos visinhos paços, ir a miude recrear-se áquella torre, com o formoso panorama que se desfructa da sua esbelta janella, de estylo gothico. Esta torre é ao presente uma espaçosa casa de regalo, que faz parte das propriedades do sr. conde de Thomar, pois que já no tempo dos freires os terrenos comprehendidos dentro das cêrcas do castello estavam plantados de pomares e hortas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

(Continuação)

TEMOS, pois, solemne promessa de um paisagista eximio, e ainda bem que a temos de novo para compensar outra que não foi cumprida. Alludo á do sr. Newton, que depois de annos de estacionamento, parece que sentiu remorsos de prolongar esperanças enganosas e atirou comsigo para traz. Não analysarei os seus quadros. Ha uma cousa que a critica procura sempre, é o progresso; ha outra que ella não póde perdoar nunca, é o retrocesso, que nem tem a desculpa do *como posso,* da modestia de Van Eych. Quando um artista retrográda, só ha que fazer a respeito d'elle a indagação das causas do desastre. O sr. Newton descuraria a arte, por lhe absorver as faculdades um cargo official que alcançou? É possivel, mas ha tambem uma rasão profunda, senão para que este paisagista desaprendesse, ao menos para que não passasse alem das copias da natureza, primorosas como copias, que lhe afamaram o nome. Luciano Cordeiro notava n'elle, em 1868, *falta de illustração, de conhecimentos, por conseguinte apoucamento de força, de exuberancia concepcional;* e se esta falta é realmente, como creio, uma das causas da subita decadencia do sr. Newton, as minhas censuras da educação da academia recebem d'ella um eloquente, embora tristissimo, argumento. A rara habilidade de execução, a *disposição natural,* não impediu que um artista *falto de conhecimentos, de illustração,* consumisse em pouco tempo a força creadora, ou mais exactamente, se cançasse de luctar com a propria fraqueza, descambando do alto de grandes esperanças n'uma baixa vulgaridade. Ponham os olhos n'este exemplo mestres e discipulos, poderes publicos e quantos se interessam pela arte nacional, e convençam-se de que o seu sacerdocio não póde ser mistér da ignorancia, de que o bello não póde ser concepção de cretinos!

Se esmoreceram tristemente as faculdades do sr. Newton, a sr.ª Silva Reis apurou as suas com o esmeril do trabalho perseverante. É uma artista sympathica pela sua modestia e respeitavel pelo desejo ardente de progredir. Não a privilegiou a natureza nem a dotou a educação, mas quer com energia, e o querer tem sido o seu talisman. Este acto de vontade é tambem um acto de

amor de familia, e a inspiração de uma virtude feminina: honra á mulher, que precisando amparo se abraçou com os joelhos da deusa da arte! Movida por um santo estimulo, adianta-se vagarosamente, com esforço, como quem não emprehende larga jornada nem avista dilatado horisonte, mas a passos firmes, sem canceira nem renuncia. Não se apresenta ao publico sem lhe trazer por homenagem um defeito corrigido, um acerto aprimorado, um bom exemplo aproveitado. Não tem rasgo, é acanhada de concepção, não póde crear, não possue mesmo a capacidade de apropriação intellectual, que funde o subjeito e o objecto da arte, mas faz o que póde e vae-se acercando do que se me afigura ser o limite do seu possivel: a interpretação correcta e fidelissima dos panoramas naturaes.

Interpretação, disse eu; melhor diria, talvez, traducção. A sr.ª Silva Reis traduz á letra, assim como o sr. Christino paraphraseia tão liberrimamente, que não raro torna a obra desconhecida do seu auctor. É curioso aproximar estes dois artistas, que são dois verdadeiros antipodas. Elle vê o mundo no seu cerebro, e anda em pleito com o seu Architecto, como um inquilino com o senhorio por causa da pintura do predio: ella nada vê em si, e mais humilde do que elle nem se atreve a decotar uma arvore do jardim ou a rebocar a brecha de um muro. Elle é todo imaginação: ella é só sensação. Os quadros da sr.ª Silva Reis são retratos do campo, e prega-los n'uma parede é um meio economico de lhe abrir uma janella, de onde se avistem limpidamente episodios pittorescos do Tejo ou da serra de Cintra: as télas do sr. Christino, ao contrario, são amostras de como podia ser a natureza, destinadas a fazer pirraça a Deus. Este é artista de mais, e tanto quer crear, que até refunde as creações naturaes: aquella é artista de menos, e descamba em copista. Copia porém com esmero, embora acanhadamente, é habil e cuidadosa na execução, ao passo que o sr. Christino, sempre fogoso, exagera a largueza do toque até o desalinho, a liberdade do pincel até a licença, e contentando-se a miude com produzir um *effeito* de colorido, que é o seu enlêvo, deixa o demais por acabar, como se observa com tanto desagrado nas suas *Recordações de Cintra!*

Nos trabalhos de ambos estes pintores, que se podessem sommar-se produziriam uma maravilha, ha todavia merecimentos reaes. Na *paizagem tomada de Albarraque,* como em todas as outras seis da sr.ª Silva Reis, admira-se o primor com que pinta os *longes,* louva-se a suavidade e harmonia de tons, só poucas vezes e como por lapso monotonos e frios, e se os primeiros planos são de ordinario mal tocados, tenho fé que o estudo perseverante ainda ha de corrigir este defeito, á vista dos exemplares do sr. Keil. Uma parte do quadro do sr. Christino *Pescadores do Tejo*: o barco envolto na noite, os seus tripulantes, o seu fundo de agua e céo, tambem é uma verdadeira belleza, com que se realça o dote excellente do seu auctor, a imaginação de poeta, ora scismadora e terna, ora febrilmente enthusiasta, e d'esta vez contida nas fronteiras da realidade e do gosto. E se a fogueira do plano direito com a sua massa de luz falsa, mal distribuida e mal graduada, e o grupo circumstante com a incorrecção do seu desenho, não depreciassem a téla, reputal-a-hia a melhor da exposição, como creio que o pincel do sr. Christino, se podesse curar-se das aberrações e dos desleixos chronicos, seria o mais estimado entre os nacionaes, porque o dirige uma alma de artista, como não sei de outra mais enamorada do bello nem mais luxuriante. Infelizmente, porém, é desregrada, talvez por falta de convicção firme de uma theoria esthetica, e não raro confunde o bello com o extravagante e o sublime com o phantastico.

Eu não me propuz, n'esta revista succinta e só feita de recordação, mencionar e analysar um a um todos os quadros expostos: a brevidade não me levará, porém, a despedir-me dos paizagistas sem me congratular com os adiantamentos do sr. Gonçalves Pereira, e sem lhe incluir o nome na lista das menções honrosas relativas. Estuda e aperfeiçoa-se: tanto me basta. Se fosse missão unica dos criticos procurar artistas famosos, talentos desmarcados, que satisfizessem um remontado ideal, a minha critica apagaria a lanterna. Mas não é. Eu puz a mira antes em estimular do que em julgar, abaixei o annel da craveira da linha da perfeição á do simples progresso, e a esta linha chegam á farta o sr. Pereira, com as suas bem estudadas paizagens, o sr. Figueiredo, com o seu *guerreiro*, e o sr. Alves Costa, auctor de um quadro de *flôres* e *fructos* e de outro que representa dois meigos *pombos*. São todos artistas modestos, que começaram hontem, mas que já têem os grandes merecimentos do seu trabalho e da sua aptidão natural. São boas sementes ou rebentos viçosos e seivosos: oxalá não lhes falte a cultura desvelada e achem o torrão propicio, porque se precisa muito da sua boa sombra e dos seus fructos sazonados! Os que até agora deram, já despertam o appetite de os possuir em pleno desenvolvimento e perfeita maturação: ao trabalho, pois, e que seja em boa hora para elles e para o paiz!

(Continúa.) A. ENNES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

O MISANTHROPO. — A Academia das sciencias mandou imprimir, e pôz á venda, a liberrima versão da comedia de Molière—*Le misanthrope,* feita pelo sr. visconde de Castilho em primorosos versos alexandrinos, e pelo venerando poeta dedicada a Sua Magestade o imperador do Brazil.

E' esta, segundo a expressão do vernaculo escriptor, a quinta tentativa por elle feita com o util proposito de transportar para o idioma patrio, o celebre theatro do grande poeta-comico francez.

Seguiu o sr. visconde de Castilho, n'este seu ultimo trabalho, systema identico ao que adoptara nas versões do — *Medecin malgré lui*, *Malade imaginaire* e outras composições famosas de Molière; isto é, passou a acção para Portugal e para os nossos dias. D'esta nacionalisação e transformação de época, não resultaram, porém, felizmente, d'esta vez, inverosimilhanças tão salientes como as que me atrevi a notar, em outro numero das *Artes e Letras*, quando fallei do — *Doente de scisma*.

Provém esta vantagem dos caracteres dos personagens da comedia de que ora trato, se amoldarem mais facilmente aos nossos actuaes costumes, o que não succedia aos da comedia de que anteriormente fallei. Entretanto não é raro topar no — *Misanthropo* com algumas scenas e dialogos menos naturaes; na scena I do acto III, por exemplo, profere o conde da Abrunheira os seguintes versos, que, não obstante a cortezia de el-rei, melhor figurariam em uma peça, cuja acção não fosse dos nossos dias.

Até por uma d'ellas
já tive um desafio; e se não fosse el-rei
pedir-me por favor que não violasse a lei
e lhe não destruisse a vida de um vassallo,
já tinha, onde me vês, fama de heroe.

Afóra estes pequenos senões, que podem ser apontados pelos que lerem com a devida attenção a excellente obra do sr. visconde de Castilho, é o — *Misanthropo* portuguez thesouro preciosissimo de linguagem vernacula e de estrophes admiraveis, onde os que prezam estas bellezas tão raras de encontrar nas modernas publicações, descobrirão, sem muito esmerilhar, todas as galas e opulencias que um perfeito conhecedor da lingua e um metrificador completo, como o sr. visconde de Castilho, póde produzir de me-

lhor. É por isto, de certo, que o auctor do livro que em seguida menciono, pergunta no capitulo denominado — *Livros novos:*

« Depois do visconde de Castilho quem se atreverá a traduzir Molière? »

PHANTASIAS E ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS. — Editou o sr. Ernesto Chardron, livreiro estabelecido na cidade do Porto, a obra que sob a denominação acima, é assignada pelo sr. visconde de Benalcanfôr.

Facilmente se infere do titulo, que o novo livro de tão primoroso escriptor não é historia ou novella em que a acção esteja de tal modo entretecida, que prenda o leitor a ponto de o obrigar a percorrer, sem interrupção, as duzentas e tantas paginas de que o volume se compõe.

Phantasias — chama o sr. visconde de Benalcanfôr áquelles sympathicos capitulos que se lêem de um folego, sem fastio, e nos quaes se aprecia além da linguagem amena e florida, caracteristica do auctor, critica acertada sobre livros, theatros, bellas artes e costumes nacionaes, figurando na critica dos livros os nomes de muitos escriptores notaveis e conhecidos, como os srs. visconde de Castilho, Camillo Castello Branco, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Julio Diniz, Bulhão Pato e D. Thomaz de Mello.

Não admira, pois, que o livro se divulgue facilmente; o contrario seria uma excepção inexplicavel que viria introduzir-se nas obras do sr. visconde de Benalcanfôr.

PLANO GERAL DAS OBRAS QUE CONVÉM LEVAR A EFFEITO NAS MARGENS DO TEJO, ENTRE O BEATO E A TORRE DE BELEM, PARA O MELHORAMENTO DO PORTO DE LISBOA E ENGRANDECIMENTO DA CIDADE. — Contém esta memoria assignada pela commissão nomeada em portaria de 9 de setembro de 1871 para tratar de tão importantissimo assumpto, descripções succintas e curiosas do porto de Lisboa, projectos anteriormente elaborados e outros que a commissão propõe para engrandecimento, defensa e saneamento da capital, e uma carta chorographica dos terrenos em volta de Lisboa, comprehendendo a principal parte do Tejo adjacente á sua foz.

É digno de compulsar-se este valiosissimo trabalho, que faz honra á commissão que o apresentou, a qual se compunha dos srs. capitão de mar e guerra, engenheiro hydrographo, Caetano Maria Batalha; major de artilheria, Gilberto Antonio Rolla; capitães de engenheria, Caetano Pereira Sanches de Castro, Ladislau Miceno Machado Alvares da Silva e Bento Fortunato de Moura Coutinho de Almeida d'Eça; vice-presidente da camara municipal de Lisboa, Antonio Rodrigues Loureiro; engenheiro da mesma camara, Domingos Parente da Silva; e primeiro tenente da armada, José Joaquim de Almeida.

EXTRACTO DA ACTA DA SESSÃO DA SOCIEDADE FRANCEZA DE PHOTOGRAPHIA, CONSTITUIDA EM ASSEMBLÉA GERAL NO DIA 5 DE JUNHO PROXIMO PASSADO, PUBLICADA NO BOLETIM DA MESMA SOCIEDADE. — É o folheto assim intitulado, prova innegavel da justiça feita pela sociedade franceza de photographia, aos serviços prestados pelo sr. José Julio Rodrigues na especialidade a que se tem entregado com tanta dedicação quanta boa fortuna.

No mesmo folheto se encontra uma pequena noticia escripta pelo sr. José Julio Rodrigues, para a qual chamo a attenção das pessoas interessadas. A noticia intitula-se — *Novo modo de evitar as matrizes negativas usuaes em muitos processos de photolithographia e de heliogravura, substituindo-as por outras em geral mais perfeitas, e de facil execução.*

HISTORIA RESUMIDA DE HESPANHA DESDE A OCCUPAÇÃO DOS CARTHAGINEZES ATÉ A ACTUALIDADE. — O titulo indica mui claramente a indole da obra, escripta pelo sr. Carlos Lisboa e publicada pela livraria editora de Mattos Moreira & C.ª

Têem estes editores prestado relevantes serviços á litteratura portugueza com a publicação de livros importantes, muitos dos quaes se recommendam não tanto pelo deleite que podem prestar ás pessoas que lêem sómente para se entreterem, se não principalmente pela utilidade do assumpto de que se compõem.

Este de que ora trato, é, como todos os livros de historia, mais proprio para ser compulsado pelos leitores estudiosos, do que por aquelles que andam unicamente em busca das commoções alegres ou tristes produzidas pelos entrechos mais ou menos engenhosos e dramaticos dos romances.

O auctor passa em revista os factos succedidos no paiz visinho, desde remota época, até nossos dias.

Á Hespanha de hoje dedica o sr. Carlos Lisboa alguns capitulos, procurando esquivar-se a apreciações politicas, mas fallando mui benevolamente da causa de D. Carlos, sem deixar comtudo de fazer justiça a muitos dos homens que têem figurado, e estão figurando, nos primeiros logares da Hespanha republicana.

O livro é offerecido ao sr. Henrique de Araujo Tavares.

OS SABICHÕES — AO CALÇAR DAS LUVAS. — Estão publicadas estas duas peças, que, reunidas ás comedias — *O afilhado de Pompignac* e — *Um homem politico*, formarão o primeiro volume da *Bibliotheca theatral* de que são directores os srs. Castilho e Mello e Aristides Abranches.

Das comedias publicadas, ambas originaes, uma do sr. Ernesto Biester e outra de quem assigna estas linhas, nada tenho a dizer, porque já fallei da primeira nas — *Artes e Letras*, e não posso nem devo senão fazer menção da segunda. Acerca da edição, cumpre-me declarar que é das melhores em que se tem impresso comedias e dramas portuguezes, acrescendo a isto a barateza dos fasciculos.

Presta, pois, bom serviço á litteratura dramatica e ao publico, a empreza dirigida pelos srs. Castilho e Mello e Aristides Abranches.

A GUERRA DO PARAGUAY. — Assim se intitula o n.º 7 da publicação dos srs. Lucas & Filho — *Educação popular*, dirigida pelo sr. Pinheiro Chagas.

Este volume, como os demais até agora publicados, é cheio de interesse, não só pela natureza do assumpto, mas pela maneira como estão contados os factos ainda ha pouco succedidos n'essa deploravel guerra, que tamanhos cuidados deu ao Brazil e na qual tantos valentes se distinguiram.

NOITES DE INSOMNIA. — Sahiu o n.º 8 d'esta publicação dirigida pelo notavel escriptor o sr. Camillo Castello Branco e editada pelo sr. E. Chardron.

Entre os artigos mais interessantes d'este volumesinho, figura um em que se encontra minuciosa descripção do paço real da Ribeira, feita um anno antes do terremoto. O numero abre com o capitulo VI do romance do sr. visconde de Ouguella — *Os salões.*

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

═══ Houve um importante leilão de quadros no palacio da sr.ª condessa da Anadia, onde se arremataram, por avultado preço, algumas télas de valor. Entre as que estavam para ser vendidas e as que figuravam sómente em exposição, notavam-se as formosas composições de Vieira Portuense — *D. Filippa de Vilhena armando os filhos cavalleiros* e *Jupiter e Léda;* as de Sequeira — *Martim de Freitas entregando as chaves de Coimbra a D. Affonso III* e uma — *Saloia;* um quadro de Casa Nova, representando — *Um cavalleiro;* outro, em cobre, de escola allemã, figurando a — *Prisão de Christo* e muitos mais cujos titulos nos não recordam.

═══ Teem sido muito apreciados em París os trabalhos expostos pelo cinzelador hespanhol D. Placido Zuloaga, nas galerias Goupil, na praça da Nova Opera. Os trabalhos são dois vasos de ferro, de um metro de altura, ornamentados com relevos de oiro e prata. Pertencem actualmente a um rico amador de bellas artes inglez, mr. Alfredo Morrisson. O artista inspirou-se para a execução d'estes preciosos objectos, no estylo persa, e gastou tres annos em fazel-os. D. Placido Zuloaga é filho do director do museu de armas de Madrid.

═══ Um rico negociante de Madrid, condoido da sorte precaria da maior parte dos artistas hespanhoes, estabeleceu, á sua custa, uma exposição permanente de obras de arte, franqueada ao publico mediante uma insignificante quantia. Figuram n'aquella philantropica exposição quatro admiraveis quadros de C. de Haës, um dos mais notaveis paizagistas dos modernos tempos; algumas aguarellas e tres quadros de Fortuny; um pequeno quadro magnifico de Domingo, intitulado — *Os saltimbancos*, e outras obras de arte muito notaveis. Entre os artistas novos, figuram com distincção A. Lhardy, discipulo de C. de Haës; Sala e Garrido, uma creança, que expõe um — *Rapto das Sabinas*, cujo desenho e composição passam por excellentes.



1553 — IMPRENSA NACIONAL — 1874



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

A RECRUTA

Quadro de C. Boker

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



NUMERO 5 — LISBOA — 3.ª SERIE

A RECRUTA

TODOS assim fomos.

Todos cingimos uma vez, ao menos, uma espada de folha de Flandres, ou manobrámos, em guisa de espingarda, o pau de uma vassoura.

Por isso, quem haverá ahi que, ao pôr os olhos no bonito quadro de Boker, que a gravura, a que se refere a epigraphe d'este artigo, representa, se não recorde d'essas scenas da infancia com verdadeiras saudades?

Eu, por mim, sinto-as devéras ao lembrar-me d'esse tempo, como da idade em que tudo nos sorri, porque o sol da vida, embora mal desponte ainda, brilha no azul puro e limpido de um céo sem nuvens. Tudo são risos, sonhos e folguedos, pueris, como os annos, é verdade, mas que nos enchem a alma de encanto e de alegria, porque o passado não existe ainda, e no futuro só pensa quem padece, ou quem d'elle se arreceia.

E porque então não lembra é que tão breve chega. Basta um dia. É aquelle em que a creança pensa que ha de ser homem ámanhã. N'esse dia mudam-se-lhe em lagrimas os risos, em cuidados os sonhos, os folguedos em canceiras.

Para os rapazinhos da nossa gravura, porém, não raiou elle ainda.

Por isso, ali os tendes, esquecidos do dia de hontem, e descuidosos do de ámanhã.

São dois, e são irmãos.

Um tem, talvez, dez annos; o outro mal contará sete. O mais velho, com o direito que lhe confere a prioridade, é o instructor, ou antes o commandante. O outro é o recruta. O maior manda; o mais pequeno obedece. É lei do mundo que não tem excepção.

Ha ainda no grupo outra figura importante. É o cão, guarda fiel do lar, e companheiro inseparavel dos dois irmãos. Eil-o ali perfilado tambem, e attento á voz do instructor, como que buscando comprehendel-a para lhe obedecer na manobra.

Dos irmãos, o mais pequeno é o que parece tomar verdadeiramente a serio o papel que representa. Vêde com que firmeza, com que garbo até, elle ali está direito, aprumado, como se devéras fôra, não um recruta lorpa e boçal, mas soldado feito e experimentado no fragor das batalhas, e nas lides da guerra! Nem sequer ousa voltar a cabeça para vêr se o seu *camarada* lhe segue o exemplo na marcial compostura do aspecto! Mal se atreve a lançar-lhe um olhar, e esse mesmo de soslaio. É que elle tem visto os soldados na formatura, tem-n'os observado attentamente, tem-lhes estudado o porte, a firmeza e o garbo, e considera-se já tão militar e aguerrido como elles.

Aquelle carapuço de papel que obrigou a mãe a interromper, por alguns momentos, o mourejar domestico para lh'o engenhar, tem-n'o elle por verdadeiro capacete; a trombetasinha que o pae lhe comprou no domingo, á saída da missa, é o clarim que ha de entoar o hymno da victoria; o lenço da avó arvorado no extremo d'aquelle pau, a bandeira que se ha de desfraldar ao som festivo do clarim.

Serão os primeiros symptomas de uma vocação precoce para a vida das armas? Talvez. Quem sabe se n'aquelle corpinho, tão pequeno ainda, se occulta o germen de um Napoleão? Não irá abraçar-se no pae, pedindo-lhe que o conduza á guerra, como Annibal em Carthago, quando mal contava nove annos, mas correrá enthusiasticamente, logo que a idade lh'o permitta, e sem que espere o chamamento da lei, a alistar-se como voluntario n'um regimento qualquer.

E, se um dia a guerra — a arte de destruir homens, segundo d'Alembert; a arte de defender uma nação, no dizer de Frederico o Grande — invadir com todos os seus horrores o solo da patria, terás aberto talvez o caminho da gloria, se não se te abrir antes a sepultura, porque a morte não respeita o valor, nem recua perante o heroismo.

Poderá cingir-te a fronte a corôa da gloria, illuminar-te a aureola dos heroes; mas, se caíres, trespassado pelas balas dos teus inimigos, se a morte te cerrar para sempre os olhos quando mais renhida andar a peleja; então, as mãos que ha pouco talharam esse carapuço, buscarão inutilmente enxugar as lagrimas da mais acerba dôr que ao coração de mãe é dado experimentar, lagrimas que nem poderão regar-te a sepultura, porque será ignorada e perdida no ermo de algum descampado, como sôem ser as dos que cáem combatendo pela patria, embora heroes e martyres a um tempo!

E nada d'isto te occorre!? e em nada d'isto pensas!?... Oh! felizes annos da infancia, com que saudades me lembraes!...

O outro, o mais velho, esse percebe-se-lhe no riso, no desconcertado sobraçar da espada, e na posição pouco marcial do corpo, que o não fadou Deus para a milicia. Prefere o arado á espada, o trabalho á lucta, o lourejar das searas ao brilho deslumbrante das fardas douradas. Se a patria reclamar um dia o seu braço, poderá ser Cincinnato, mas nunca Alexandre.

Irmãos pelo sangue, creados sob o mesmo tecto, com as caricias e com os beijos da mesma mãe, com as palavras e com os exemplos do mesmo pae; um propende já para a vida buliçosa e aventureira do soldado; o outro parece inclinar-se para a lucta incruenta do trabalho, para a suave tranquillidade do lar, e para os santos affectos da familia.

São assim os homens.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

DECIMA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE PROMOTORA DAS BELLAS ARTES EM PORTUGAL

(Conclusão)

DEIXARAM-ME agradavel impressão, disse eu, as flôres do sr. Alves Costa: e todavia tiveram que soffrer, e uso o vocabulo muito intencionalmente, com a comparação das *Nobres e plebeas* do sr. Chaves, que subtrahiu á natureza, ás resteas de sol, aos banhos de orvalho, o segredo de colorir a rosa e de esmaltar a tulipa. *Nobres e plebeas* é a execução esmerada de um pensamento singelamente gracioso: *plebeas* são um punhado de papoulas rubras como os labios da aldeã, de rasteiros malmequeres, de rusticas boninas; *nobres,* um ramilhete de flôres *civilisadas,* que a estufa offerece ao baile e o rodopiar da walsa desfolha: e como se fôra intencional, o pincel do sr. Chaves deu ás plebeas um frescôr de tinta, que lhe não mereceu a altivez das *nobres*. As borboletas, porém, não desdenhariam nenhumas, e as *rolas,* que arrulham ternuras n'outra téla do mesmo pintor, afofariam com o setim das suas petalas o *abrigo* dos amores.

O auctor d'estes quadros mimosos é um artista de gosto, muito sabedor dos processos e esquadrinhador dos segredos da arte, de pincel firme e affoito, de palheta vigorosa e temperante, e a sua vocação para o retrato não se desmentiu este anno, porque o *conde de Rio Maior* tem bom desenho, excellente *pasta* limpa e transparente, roupagens e adornos bem acabados, e só o desaprimoram algumas durezas e um certo tom *blême* na carnação, que faz lembrar a de um cadaver, mas de que eu sei que não tem culpa o retratista. O talento de composição do sr. Chaves não corresponde, porém, á sua proficiencia technica nem a aproveita como devera; e é esta mesma deficiencia, mas n'outras proporções, mas absoluta como raro se vê, que annulla fatalmente o sr. Manoel de la Cuadra, apesar de ter uma destreza manual, que parecia dever preparar-lhe melhor destino, e de possuir uma tinta feliz para encarnar as cabeças. As suas *uvas* e os seus *pecegos,* todavia, só fazem appetite de comprar a realidade na praça da Figueira!

Não me deterei a fallar de uns artistas, que se fixaram na imperfeição, nem de outros que querem valer por um *talent d'agrement,* que póde luzir nas *étagéres* dos salões e nas vidraças dos quincalheiros, mas nunca nos museus de artes e nos concursos academicos; e saíria já da exposição, se não me detivesse á porta uma familia de pintores, em que se dá singularmente o atavismo do gosto. Refiro-me á familia Bordallo Pinheiro. O pae expôz este anno quatro quadrinhos formosos, d'aquelle seu estylo Meissonier enxertado na escola flamenga, cujo elogio está feito pelos amadores que os disputaram, melhor do que o poderia fazer a minha penna de critico, suspeita da parcialidade do amigo. A sua melhor obra, porém, e certamente a de que mais se ufana, é seu filho mais novo, Columbano Bordallo Pinheiro, aquella creança extraordinaria, que convenceria de erro quem obstinadamente descresse das vocações, artista precoce que já de babadouro pintava os seus bonecos, e que ao cabo de um anno de estudo na academia parece querer despensar o restante curso!

Não é exagerado o muito que se tem contado já do talento d'este mocinho e do seu gosto pela pintura. Póde dizer-se que começou a pintar por instincto, adivinhando o que lhe não ensinavam, descobrindo com o sentimento do colorido os segredos das combinações e da harmonia das tintas. Até hoje, o que elle aprendeu com o mestre que lhe falla lá de dentro, é mais do que aprendeu nas escolas. Mettido, porém, em methodo por seu pae e pela academia, regrou-se-lhe a espontaneidade e para logo pôde dar confirmação publica das fundadas esperanças, que incutira, nos quadrinhos da exposição d'este anno. São quadros de um inexperiente, de certo, e estimam-se mais pelo que promettem do que pelo que valem, mas attestam, a par da habilidade de execução, talento de compôr e um espirito de observação, que maravilha em tenros annos. *José das dornas* e o *marinheiro* são typos escolhidos na galeria humana pelas suas expressões caracteristicas, magistralmente traduzidas e accentuadas pelo pequeno artista, que se não enganou na escolha só por elle feita. A expressão comica é por emquanto a que mais o captiva, e é natural que assim seja: a mesma faculdade, porém, que já lhe permitte descobri-la e interpreta-la, ha de incita-lo, se não se atrophiar e quando se lhe desenvolvam a intelligencia e o coração, a debuxar na carne os movimentos e os estados da alma, que por ora desconhece, e esta é, de quantas esperanças elle me incute, aquella a que mais quero, porque não sei resignar-me a vêr a arte devolver desdenhosamente a Deus o sopro com que animou o barro, e que a ella lhe devêra communicar a inspiração!

Columbano Bordallo promette, pois, ser um artista na significação mais elevada do termo, tão banalmente rebaixado á de official de officio; todavia a promessa ainda póde ser illudida. Os desenvolvimentos prematuros não são de ordinario os mais solidos: custam ao espirito tenro um esforço que póde arruina-lo, faze-lo parar de cançasso. Os triumphos rapidos e faceis tambem não raro produzem um contentamento, se não uma vaidade, que convida á indolencia. É preciso, pois, que o novel pintor tenha uma direcção tão cautelosa e illustrada, quanto são excepcionaes os seus dotes e a situação que esses dotes lhe crearam. Não tenho pretensões a pedagogo: creio, porém, que será perigoso estimular n'elle o desejo de produzir, porque se lhe podem inveterar defeitos que devam ser emendados pelo estudo, e corre risco de contrahir o pernicioso vicio da *fancaria*. E ninguem poderá sensatamente assegurar que cheguem a uma esplendida maturação os fructos verdes do seu talento artistico, se lh'o não adubarem com uma instrucção sadia, se o não dotarem com um cabedal de conhecimentos em que a imaginação encontre os seus materiaes, porque em chão bravio ou extenuado definham as mais vivazes plantas, e não ha luz que fulgure se faltar o oleo á lampada. Instruam-no e será um artista: se o deixarem ignorante soffreremos todos uma decepção cruel.

Raphael Bordallo Pinheiro, a quem a voga de caricaturista nunca persuadiu, felizmente, a abandonar o pincel, inscreveu-se no catalogo com sete aguarellas, dando testemunho do seu gosto por trabalhos mais serios do que os epigrammas do lapis.

Com o pincel, porém, como com o lapis, Raphael Bordallo é um folhetinista da arte. Espirituoso antes de tudo, as concepções profundas e laboriosas repugnam á sua intelligencia antes brilhante do que solida, mais critica do que creadora, e a estas qualidades se deve, creio eu, a predilecção que conserva pela aguarella, genero ou pro-

cesso tão merecidamente decadente. É o mais azado a fixar as suas impressões fugazes e os seus conceitos agudos, e o que melhor lhe satisfaz a precisão moral de produzir com rapidez. Se a tinta de agua tem jus a ser usada, é effectivamente nos assumptos ligeiros que são a sua especialidade: na paisagem é inadmissivel. Corresponde, para assim dizer, n'outra arte, ao verso de pequena medida, em que se não escreve uma epopeia, como se não escreve um madrigal ou uma satyra no tardo endecassyllabo.

Eu diria, pois, a Raphael Bordallo que renunciasse a aguarella pelo pintura a oleo, se tambem fosse licito dizer a Julio Machado que redigisse um tratado de philosophia; mas assim como não quizera ficar sem folhetinista nem philosopho, temo que se perca a espontaneidade do aguarellista na empreza infeliz de contrafazer a indole. Acceito-o, portanto, qual é, e acceito-o sem depreciação. Não foi desastradamente que o approximei de Julio Machado: têem logares analogos nas officinas de que são operarios. São ambos observadores perspicazes e narradores chistosos, a ambos captiva o pittoresco dos typos e dos costumes populares, e creio que as notas da carteira de um podem ser transcriptas pelo outro no seu album. Os *fadistas* do Bordallo parecem illustrações dos folhetins de Machado, tão intelligentes e conscienciosos que até hajam reproduzido, com o pensamento, a elegancia, a correcção e a naturalidade do estylo do texto. Do *aragonez*, a melhor das aguarellas expostas, podia crêr-se que fosse uma impressão commum de viagem a Hespanha, e as margens brancas do quadro estão a pedir o cursivo do escriptor, como commentario á imagem animada do pintor. Estão em afinação tão perfeita que deviam collaborar, e quando algum d'elles queira saber com verdade o conceito que merece da critica, só tem que fazer-se critico e julgar do outro!

Já que me encontrei com Raphael Bordallo, com elle sairei da exposição, para que os seus chistes apaguem as impressões tristes da decadencia da arte. É elle, porém, que me faz parar diante das gravuras do sr. Severini, que em boa parte lhe devemos, e admirar o primor, o acabamento, a finura das *janellas de um portico em Valladolid*. Os gravadores celebres de Allemanha e de Inglaterra não se lhe avantajam: oxalá que faça escola entre nós, onde não escasseiam aptidões para o genero, mas onde se ignora o melhor dos seus preceitos e processos. A gravura está hoje recebendo em Portugal um incitamento que por muitos annos lhe foi negado, e já não póde desculpar-se de não progredir com a falta de exercitar-se: se um artista estrangeiro encontrou aqui trabalho tão de sobra que cançaria duas mãos, os nacionaes só poderiam estar ociosos, que o não estão, por impericia, que o gosto publico já distingue e castiga.

Oxalá tivesse egual incitamento a pintura, para que eu podesse ser mais severo do que fui, para com os pintores. Não o tem, todavia, está sendo um mister ingrato, e é por isso que apesar de lhe lastimar a ruina, louvei não poucos dos seus cultores. Não me contradisse: louvei em cada um os merecimentos relativos, relativos aos defeitos de outros, á falta de gosto publico, aos vicios da educação academica, ás más condições do tempo para a producção artistica. Usei de duas bitolas ou de dois criterios, um para a arte que não quiz rebaixar, outro para os artistas, que não devia despremiar dos esforços sinceros e do trabalho consciencioso. Cumpri para com elles o dever da critica, como o define About: *de les harceler à toute heure et de leur pousser l'épée dans les reins, jusqu'a ce qu'ils ayent sauté le fossé que les sépare de la perfection,* mas se não quiz diminuir a seus olhos a extensão do salto, tambem não desejei persuadi-los de que não têem nem podem cobrar forças para saltar. Adquiram-nas com a gymnastica do trabalho, desenvolva-as a academia nos seus discipulos, illustrando lhes o espirito, e talvez haja de se desmentir o conceito, que para muitos é dogma de desesperança, de que a arte é planta exotica n'este solo, onde nem as transplantações de Van-Eych e de David poderam aclimar-se, que não definhassem na primeira geração!

A. ENNES.

TODOS ARTISTAS!

EXCELLENTE familia.

Allemã e *dilletante.*

Dizem então que elles só se applicam a cousas graves e subjectivas; — um mero palavriado da critica! Parafusam no desconhecido com uma sinceridade que vem de entranhas a dentro; mas tambem gostam de uma copada de cerveja em cima de um prato de *chou-crôute.*

É modo de fallar, descrevel-os sempre na investigação microscopica, sondando o intestino sabio do inintelligivel, desbravando as charnecas da insciencia latina, e plantando os nabos pyramidaes e symbolicos de que se ha de repastar o universo. Não senhores. Não me vão cuidar que do Rheno para alem estão todos, *velhos e moços, donas e donzellas,* estilando verdades superlativas pelo alambique do cerebro. Isso é uma peta dos que citam Ewald Christian von Kleist, sem nunca lhe terem lido os versos, nem mesmo em traducções pascasias, e que apregoam Blücher como um semi-deus, só porque do lodo de duas traições lhe saiu a perola de um exito.

Desenganem-se, os allemães são simplesmente homens. E as allemãs... umas senhoras da côr dos lyrios, fazendo lembrar as ondinas, com umas tranças que valem o oiro, e a pupilla fresca, scismadora, limpida, mais para o extase do amor do que para a caturrice das philosophias.

Estes lembraram-se de improvisar um pequenino concerto.

Basta o piano e o *flageolet.*

Estão repimpados e satisfeitos, attentos á execução, e com um regalo d'alma que chega a espraiar-se em sorrisos. O que se encosta junto á tocadora tem o typo de *maestro,* de um Gluck em pequeno formato. Se me não engano ensinou os primeiros elementos da solfa áquella gentil creaturinha de braços torneados e olhar vivo que tanto procura esmerar-se, para lhe não provocar censuras. Elle tem o queixo entre os dedos — o que denota concentração de idéas, — e scisma... que quando ella era pequena ainda lhe não caiam nos hombros aquelles anneis castanhos.

Artista!...

Agora tocam uma pagina suave, melodiosa, em *tom menor* que é o mais terno, e sem cuidarem nos nadinhas da terra.

O do *flageolet,* curvo, pendente, embebido, até chegou a cerrar os olhos n'um certo extremo de voluptuosidade com quatro *bemoes* attenuantes.

Quem domina, porém, a scena, quem está ali todo, todo e multiplicado, — é o que de pernas cruzadas e mãos no abdomen inclina um tanto a cabeça ao peso da admiração, como as flôres se inclinam ao peso do orvalho.



TODOS ESTA



…s!

De vez em quando ha um murmurio como o das vespas na alfazema, e distingue-se um *bravo,* o qual se afunda logo n'um *psiu* respeitoso.

Sejamos imparciaes: é uma cousa onde palpita evidentemente o caracter allemão, — na musica. Estão ali sinceros, desaffectados, nem nenhumas posturas de vermelhão metaphysico.

São melancolicos e devaneadores, repassados de uma tristeza branda que traz memorias do pôr do sol no outono, affogueando de relance o cimo das carvalheiras. O que n'elles abunda, principalmente, é um vago sentimento da natureza, — o que quer que seja de um pantheismo ineffavel.

A Italia, com certeza, é a patria do bello em todas as suas expressões; mas o bello que nasceu e emplumou ao sôpro das auras napolitanas, é esplendido, deslumbrante, alado, caricioso, como o cysne de Leda, mas tambem sensual como elle. Senão, vejam-me o que ha de profundamente distincto entre a inspiração de Weber e a de Rossini, por exemplo. E quando cito estes nomes faço o mesmo que tocar em dois pontos culminantes.

Aquelle é romanesco e fantasioso, — alma propensa a uma nostalgia indefinida, coração nas ancias de um ideal inaccessivel; este é um tanto pagão, — mas do bom paganismo das selvas gregas, todo elle povoado de rumores e de lascivas confidencias.

Longe de mim o querer a arte com o *delgado cendal* que o nosso velho épico teceu com tão garridos matizes; mas, chanmente, — e aqui offereço os rins aos cilicios, — se as musas devem de ter um recesso, eu antes quero os de Chypre que os da Thebaida. E não me castigue Deus por isso! —

Quando a musica termina com uma harmonia poderosa e inesperada, as acclamações resoam, o *maestro* passa mandado de soltura á maxila, e estende a mão, até ahi contrahida, para estreitar a da sua alumna esbeltissima.

— Um admiravel pensamento de Méhul, — diz elle lambendo os beiços, como quem acaba de tragar um favo.

— E executado por dedos de prata, — accrescenta o homem gordo, — que pelas banhas se está vendo que é frascario de sua pessoa, e incapaz de largar ensejo á damice.

O do *flageolet* mette o instrumento no sacco, — e os creados, — que já se lobrigam por entre portas, — de cara sollicita e bandejão em punho, — entram para servir o auditorio.

As cadeiras dispõem-se em conveniente semi-circulo, as senhoras do fundo vão abraçar a pianista, o dono da casa, — que parece ser o que está conversando com ellas, — faz com que os creados se tornem aguçosos no serviço, e o homem do queixo na dextra, murmura como quem preza mais a arte do que as fatias torradas:

— Depois d'isso mais um bocadinho do meu Haydn, de Mendelssohn, de qualquer dos meus antigos immortaes. —

— Cujos louros reverdecem ao contacto d'estas mãos preciosas... — addiciona o cavalheiro gordo, e sorri-se.

Ella, a comprimentada, — cora ao de leve e agradece.

Todos artistas!

E. A. VIDAL.

O MOSTEIRO DA MADRE DE DEUS

III

(Continuação)

No claustro admiram-se seis larangeiras muito corpolentas: são bellissimas arvores, e das mais desenvolvidas que temos visto: devem ser antiquissimas.

Ao centro do claustro está um tanque com o seu repucho, que é de muita antiguidade. A taça sobre o tanque é inteiriça, e de boa proporção; assenta em quatro columnas, uma ao centro e tres dos lados. A do centro é singular. O seu capitel compõe-se de seis figuras de pouco mais de quatro centimetros de altura, na acção de sustentar a taça, e com umas fitas e n'estas umas legendas. Só podémos lêr tres das legendas, que são em letra gothica: uma diz — *Muito tem pesado;* — outra — *Não posso mais;* — e a terceira — *Ajuda-me senão rebento.*

As demais tres columnas têem capiteis de folha de acantho. O estylo nos parece anterior ao chamado manuelino. Seria o tanque, porventura, do jardim da casa de Alvaro da Cunha?

Parece-nos que é obra caracteristica, e de certo unica, no seu genero, em Lisboa, digna de maior apreço e de cuidadosa conservação.

Ha no claustro bastantes capellas. Em uma dellas, nota-se um azulejo antigo, em que é para admirar o brilho do vidrado. Teve o seu quadro, que lhe foi tirado não ha muitos annos!

Em outra capella, cremos que do Senhor Morto, o retabulo do altar é de magnifica talha, e em perfeito estado de conservação. Aqui está, na parede fronteira ao altar, um magnifico quadro, que representa *S. Francisco recebendo as chagas de Christo,* obra de Bento Coelho, celebre pintor do seculo XVII. A pintura é energica e expressiva, e acha-se mui bem conservada. É para lastimar que este quadro não vá para a galeria nacional; tambem corria o risco de lá se perder, como acontece aos que ali se acham. A capella é escura; o sr. Nepomuceno tencionava mandar o quadro para a igreja, e já ouvimos que assim se fez, estando collocado por modo, que póde ser visto com soffrivel luz.

Tambem nas paredes do claustro se vêem umas preciosas porcelanas, das chamadas, de Robio. Ao pé da sepultura da rainha, ha uma mui graciosa; é uma linda grinalda com cabeças de seraphins, bem modelados, em redor.

Outra porcelana, é uma cruz com dois anjos, porém já mutilados, talvez pelo exagerado escrupulo de alguma abbadessa, ou de algum director espiritual das freiras.

A capella da Senhora das Angustias, no claustro, é pouco funda. Tem um quadro, que representa a invocação da capella; consta que foi dadiva do imperador Maximiliano a sua prima, a rainha fundadora. Como hoje se vê, é obra sem merito. A talha do altar é ordinaria. Parece que andaram ali vandalicas restaurações.

Junto da porta da casa do capitulo moderna, no claus-

tro, havia uma pia para a agua benta, obra da primeira construcção. Estava mettida na parede; foi arrancada, mas ainda se conserva. Tem quatro faces: em uma, o brazão portuguez duplicado, em outra uma inscripção que se não leu, e nas duas restantes, a divisa de el-rei D. João II, o Pelicano, e a divisa da rainha sua mulher, a Rede do pescador.

A casa do capitulo moderna, era a primitiva igreja. É de tres naves. Tem quatro altares, com quadros antigos deteriorados, mas alguns de merito; n'esta casa, estava o portal primitivo, hoje restituido ao fim para que fôra fabricado.

Na antiga casa do capitulo existe o tecto, e mui bem conservado, de alguma sala da casa de Alvaro da Cunha. É um curioso specimen da pintura decorativa do seculo XV. Lá se vê em redor a cercadura, em fórma de cordão, vulgar na architectura da época, mas que ha de ser, conforme a devota tradição, o cordão de S. Francisco.

O côro antigo é tambem mui curioso. A pintura do tecto é contemporanea da fabrica do mosteiro, é em pequenos quadros de arabescos, com as divisas do rei e da rainha fundadora, sua mulher. O chão é de ladrilho, com medalhões de azulejo, em admiravel estado de conservação: é da fabrica primitiva, e como se observa em edificios dos fins do seculo XV e principios do XVI. O côro estava coberto de soalho, por isso se acha tão bem conservado. A casa é bastante escura. Tem duas columnas de pedra ao centro; e hoje está escorada, por causa de uma parede superior. Oxalá se conserve, porque somos muito pobres de monumentos d'esta ordem.

O refeitorio era uma casa sem qualquer caracter distinctivo: apenas sobre a porta da entrada ha uma porcelana de Robio, que figura um portico, com anjos arregaçando uma cortina. Está deteriorada, porque modernamente a quizeram arrancar; segundo parece, foi um especulador, que conseguiu differentes objectos valiosos, existentes no mosteiro, a troco de certa quantia que dera ás pobres freiras.

Quando visitámos o arruinado edificio, no refeitorio estavam differentes vasilhas de cobre e de barro, muito antigas, do serviço da cozinha do mosteiro; havia louça azul, preta e branca que era bastante velha; um grande candieiro de latão, de tres lumes, antiquissimo; louça das Caldas, hoje rarissima, assim como dos arredores de Lisboa, notavel, por ter o barro mui pouca espessura. Emfim, havia ali curiosas amostras de antigos moveis de cozinha.

O ante-côro tem as paredes revestidas de optimos azulejos representando eremitas e passos das vidas d'elles. Nas paredes ha quatro quadros grandes, e dois sobre as portas. Alguns d'elles têem merecimento. Parece que são obra de André Gonçalves, que floresceu nos primeiros annos do seculo passado. O tecto é apainellado de quadros, com molduras de talha. Os quadros do tecto são onze, e representam passos da vida de Santo Antonio, e de eremitas.

No ante-côro admirava-se o preciosissimo presepio, hoje desfeito, achando-se as figuras arrecadadas n'uma casa do claustro. Estava o presepio n'um armario, que tem 2m,10 de fundo. Este presepio era, e é, uma obra de arte singular, pela belleza da esculptura das figuras, pela excellente disposição dos grupos, e mostra ser composição, que só um artista de subido merito poderia realisar. Estamos certos de que o sr. Nepomuceno o restaurará, conservando-lhe toda a sua primitiva formosura. É homem intelligente e possue bom gosto artistico.

O presepio tem tres planos, no primeiro está o berço, no segundo, mais elevado, os seraphins, no terceiro, o mais alto, os differentes grupos, e remata com uma gloria de seraphins.

O Menino, no seu berço, formado de troncos, é modelado com a maior perfeição.

É mimosissimo o grupo de seraphins, no segundo plano, n'uma gruta; um toca cythara, outro está como em extase. Não póde imaginar-se cousa mais formosa: é verdadeiramente angelica a expressão, e perfeitissimo o modelado.

No fundo vêem-se muitos grupos acavallo, e os reis, a fonte da Samaritana, e muitas outras figuras, dispostas com infinita arte.

É um enlevo contemplar esta primorosa obra de arte.

As figuras são de um barro mui duro e pesado.

Querem que este presepio seja obra do seculo XVIII, e feita em Portugal, pelo esculptor José d'Almeida, ou outro, nos principios do dito seculo. Não póde ser. Não existem d'esses esculptores obras algumas, que possam confirmar essa opinião, antes a contradizem formalmente.

O presepio deve ser obra do seculo XVI, d'essa época em que as artes tanto floresceram.

Tem o presepio na frente uma columnata, e no intercolumnio vê-se um busto, o que logo denota, que não póde ser obra do seculo XVIII, porque destoa da architectura d'esse tempo, mas aliás propria da do seculo XVI. Alem de que, as figuras vestem á moda italiana.

Nas *Praticas das fogueiras*, de 1638, já citadas, diz-se que as fogueiras se faziam n'uma casa junto ao ante-côro, onde é *o logar do presepio*. Portanto se vê que o presepio já estava no ante-côro, n'aquelle anno; não prova isto, é certo, que fosse o mesmo que hoje se admira, mas tudo indica que a esse tempo já existia no mosteiro aquella obra prima de um engenho superior.

Ao lado do presepio ha dois armarios, onde se arrecadam as jarras de serviço dos altares: ha ali magnificos exemplares de primitivo Japão, China, Sevres, e da antiga fabrica lisbonense do Rato.

Em face do presepio, está um altar da Senhora da Graça, com magnifica talha dourada.

O côro encanta quem ali entra.

É uma casa riquissima de obra de talha e pinturas. Tem nas paredes dezenove quadros: na parede fronteira á entrada, de um e outro lado, entre os retratos d'el-rei D. João III e sua mulher a rainha D. Catharina, o grande panorama de Jerusalem, com os passos da Paixão, dadiva do imperador Maximiliano, á rainha fundadora, e mais outras pinturas antigas de grande valor artistico. No panorama de Jerusalem, vê-se uma religiosa ajoelhada, é o retrato da piedosa D. Leonor, que ella mesma ali mandou pintar. É o unico retrato que se conhece da excelsa senhora, e não ha duvida que é authentico.

O tecto é tambem apainelado de quadros, com suas molduras de bella talha: são quinze os quadros.

Tem duas ordens de cadeiras no côro, em numero de sessenta e duas, e ao centro uma rica estante.

As paredes por baixo dos quadros são de talha, graciosamente recortada com vidraças formando uns armarios, onde se arrecadam numerosas reliquias. Ali está o sudario, a que já nos referimos, uma estatueta de S. Lourenço, esculptura muito antiga e tosca, mas que tem as roupas admiravelmente pintadas: um Christo amarrado á columna, e dois carrascos com os açoites, em metal, sobre ebano, e com duas medalhas, obra perfeita; e muitos outros objectos curiosos.

Sobre a grade do côro ha uma machineta, onde era exposto o Sacramento; é do mais elegante desenho e da mais primorosa execução. É uma peça de muito merecimento.

O côro tem sufficiente luz, mas como é muito alto, a luz está como velada, e redobra o effeito geral da decoração da casa. Comprehendem-se ali os extasis do acrisolado ascetismo das filhas de Santa Clara. No silencio, no centro d'aquelle devoto esplendor era facil aos espiritos fascinados pela superstição, ou feridos pelas adversidades da vida, reconcentrarem-se no pensamento de Deus, que lhes appareceria ou como um ente terrivel, ou como o Senhor de toda a consolação.

Existem ainda no mosteiro differentes objectos valiosos, como o relicario com o Espinho da Corôa de Christo, que pertenceu a el-rei D. Duarte, avô da rainha, o qual, diz a lenda, o perdera: passados muitos annos um venerando velho o veio entregar á rainha, dizendo que o punha nas suas reaes mãos, por ser da corôa d'estes reinos. É um preciosissimo objecto de oiro: é como um portico, e no centro está o Espinho; o peso do oiro orça por 1:000$000 réis; o lavor é do melhor estylo. Escapou aos vandalos. Alem d'isto é uma memoria da excellente rainha D. Leonor, que por seu testamento, com muitos outros objectos, o legou ao mosteiro, circumstancia que lhe augmenta o valor.

É tambem obra primorosa um Christo esculpido em marfim. Possue ainda o mosteiro riquissimos paramentos, e que merecerão a admiração de todos os que os virem.

Deviamos concluir com a descripção da igreja e sachristia, mas ficará isto para mais tarde, quando se achem mais adiantadas as obras da restauração do templo. Tudo o que ali está se deve ás diligencias do padre sacristão mór, frei Antonio de Santa Engracia, e depois ao padre José Pacheco, que morreu em 1756, o qual, com esmolas, conseguiu realisar na igreja, sacristia, côro e ante côro, obras importantissimas e realmente dirigidas com o mais apurado gosto, conforme a arte d'aquelles tempos.

Por esta brevissima exposição, conhecerão os leitores quanto ha que admirar no antigo mosteiro da Madre de Deus, no monumento da esclarecida piedade da rainha D. Leonor. Quando esteja concluida a restauração do edificio, e estabelecido o museu, como projecta o provedor do asylo de D. Maria Pia, o sr. Torres Pereira, será um dos pontos obrigados de todos que quizerem observar o que ha notavel em Lisboa, e advirta-se que já não existem muitas cousas preciosas, que vem referidas na *Chronica seraphica,* de frei Jeronymo de Belem.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

MAGDALENA

I

Ha mais alegrias nos céos, ha mais jubilos na siderea mansão, quando ascende aos braços de Deus um peccador contricto do que quando se salva um justo.

São estas as palavras da escriptura, supremo alento da fragil humanidade, amparo e consolação dos miserrimos mortaes que na senda da vida estão a cada passo tropeçando nas tentações do vicio.

Não tem conta as variações thematicas, que se hão feito sobre este texto da escriptura.

Moralistas, prégadores e philosophos, desde o infimo e rude exorcista de aldeia, que no pulpito do presbyterio sertanejo estruje os ares e fere os tympanos das broncas ovelhas, até aos Vieiras e Bossuets que tiveram por difficil encargo mostrar aos reis e potentados da terra, que todos somos formados da mesma argila vil de Adão, e que perante o peccado reina a mais absoluta igualdade; todos os exegetas tem paraphraseado, annotado, amplificado essas palavras, que constituem uma das sentenças mais aphoreticas da moral pratica do christianismo.

Não ha sermonario *ad usum predicatorum,* em cujas folhas não rebrilhe o texto evangelico.

Um momento de contricção, ainda que seja quando as negras e tremendas sombras da morte invadem ameaçadoras e toldam á vista baça e vitrea do moribundo as ridentes perspectivas da vida; uma unica scentelha de amor divino, nos derradeiros instantes, quando o sepulchro está prestes a devorar o que ha de terreno no homem e o juiz supremo apparelha a balança em que ha de pezar as boas e as más acções; isso e só isso basta para arrancar das garras de Satanaz e dos eternos tormentos, a ovelha tresmalhada e montezinha, que se andou conspurcando em feias temporalidades e em diabolicas e mundanas fruições!

Uma lagrima que deslise pelas faces do moribundo é uma gemma de thesouros inexhauriveis de graça efficiente e remissoria; e a alma, já depurada e sem macula, devestido o involucro carnal, surgirá envolta em candidas roupagens, cercada de resplandores, banhada de luz serena, coroada de immarcessiveis flôres, como a *Beatrice,* por entre as choreas angelicas n'essas bemaventuradas campinas por onde perpassam, embaladas pelas ondulações do ether, as sombras dos eleitos.

O dogma e a lenda, a philosophia e a fé, a tradição e a auctoridade, resumem-se n'esta concepção da remissão do peccado, que é balsamo suave para as almas timidas e receosas.

Não quero eu discutir á luz da philosophia natural este principio fundamental do christianismo, que não é senão uma herança aperfeiçoada de todas as religiões, cujos dogmas são virtual e essencialmente identicos.

A religiosidade, quer seja uma faculdade natural, o que ainda se não demonstrou, quer seja uma faculdade adquirida, como pretende, com boas rasões, a escola positivista, exercita-se sobre um certo numero de bases, que são as mesmas para todas as religiões, variando apenas na extensão, segundo o grau de adiantamento das sociedades.

II

Acceitemos sem discussão o dogma da remissão a troco de uma lagrima contricta.

Que de alegrias mais intimas haverá no céo, quando cruzar os umbraes da mystica cidade a alma de uma peccadôra, de uma mulher que foi bella, ardente, lasciva; que teve uns olhos languidos, onde se espelhavam paixões que devoram; uns seios d'onde irrompiam ardores nunca extinctos; uns cabellos, por onde folgavam brisas travêssas, que traziam nas azas emanações innebriantes; uns labios que fremiam e exhalavam um bafejar calido capaz de incender e tisnar em chammas diabolicas ao mais piedoso eremita da Thebaida, que, n'um momento de fatidico delirio, trocaria por um beijo os jejuns e as penitencias do deserto e as promessas de uma eternidade de celestes gosos.

Tal era Maria Magdalena, a sacerdotiza dos prazeres carnaes, a formosa filha de Astarte, que muito foi perdoada pelo muito que amou.

Era uma belleza possante.

Formas estatuarias, harmonia correcta de contornos, flexibilidade e valentia de musculatura; carnação explendida, largos hombros, olhar igneo, pés que cabiam



M.A. FRANCESCHINI pinx.t A.H. PAYNE sc.

MAGDALENA.

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

no calix de um lyrio, mão que desenhava o tecido nervoso, atravez de regrada adiposidade epidermica, cabellos que a envolviam, como uma tunica de Niobe.

E este o typo ideal da mulher que arde em impudicos ardores, sob o sol torrido da Judéa, nas margens adustas do Jordão, á sombra dos cedros resinosos do Libano, reclinada em rosaes fragrantes de Jerichó.

Todas as heroinas biblicas têem laços de commum parentesco; em todas se divisam os mesmos caracteres; são todas a mulher da Galiléa, da raça escolhida, do povo chefe das nações semiticas.

Que differença entre Magdalena, a apostolisa dos alegres prazeres, dos loucos folguedos, das lubricas danças, das saturnaes aristocraticas, em que só tinham acolhida os sacerdotes, os levitas, os pontifices, os doutores da lei e os ricos mercadores, e essas creações rachiticas e enfezadas das sociedades modernas, esses *cocodès* miserandas, doentias, pallidas, emmagrecidas pelo *champagne*, pelas vigilias eroticas, pelas orgias ignobeis, cujo typo é a *dame aux camélias*, exemplar hybrido e mesquinho de uma bastardia incestuosa!

A Magdalena antiga, como todas as suas congeneres, como Sapho e Aspasia, como Semiramis e Cleopatra, como Lesbia e Julia, eram as mulheres do prazer, que acorrentavam á sua carroça triumphal os principes, os senadores, os poetas, e nas horas furtivas da noite saiam dos palacios marmoreos e trilhando ruas escusas, entregavam-se ao escravo no portal de algum templo da Venus Aphrodite.

Magdalena é um mixto de leão e gazella, tem os rugidos potentes e as suaves delicadezas.

As Magdalenas de hoje são vorazes como o abutre engaiolado; repastam-se na carniça podre dos filhos prodigos e escrevem o *billet-doux* com ortographia de cozinheira, em vez de estudar, como Zenobia, o tratado do Sublime com Longino.

Não bebem, como Cleopatra, perolas dissolvidas, ou as cinzas do primeiro amante, como Artemisa.

Não se arrependem aos pés de Christo, nem varrem com os cabellos desgrenhados os lagedos humidos dos templos. Quando chega o momento da decadencia, descem do palacio para o prostibulo, e porfim morrem no hospital e entregam o corpo ao *bisturi* do *carabin*.

Entregamos este ponto aos phisiólogos sociaes.

III

A grande e formosa peccadora já tinha por certo ouvido fallar de um moço nazareno, a quem a turba dos desherdados acclamára como rei; que prégava a igualdade de todos os homens e a remissão de todos os peccados; que se dizia filho de Deus, o Messias annunciado pelos prophetas, o redemptor e o libertador da humanidade escrava.

Que de curiosidades femininas não salteariam a mente da bella peccadora? Como ella arderia em ancias de olhar fito para esse Deus-humanado, que fazia do amor e do sentimento os baptisterios lustraes de todos as maculas? Quem sabe se nos seios turgidos não se aninhou o pensamento de vencer o nazareno, para quem as tentações do proprio satanaz eram imbelles?

Um dia encontraram-se.

Devia de ser uma scena dramatica. A mulher, que se requeimava ao fogo ardente das chammas impuras, caíu, tocada por um raio divino aos pés d'aquelle que, morrendo immaculado, fundava a cidade de Deus e a redempção dos homens.

Prostrou-se a bella arrependida.

Pela primeira vez lhe deslisaram na face lagrimas de puro affecto.

O olhar dôce e suave de Christo rompera a triplice couraça da volupia nunca saciada.

Tocara-a o dedo de Deus; operara-se o milagre pelo amor. E a mulher perdida, a sacerdotisa dos carnaes prazeres, caída no chão, não era já a lubrica e possante prostituta, senão a Magdalena arrependida e transfigurada.

Tão divina cousa, parcella tão sublimada do fogo celeste é o amor que até nos seus transvios impudicos pelos lodaçaes não perde a sua energica e prolifica virtualidade.

E apontando para a peccadora inconsolavel, que em prantos lavava os passados erros, e atirava para longe com as vestes rossagantes, com as pedrarias, com os perfumes da Arabia, com a myrrha e o nardo, com todos os ornamentos de uma belleza perecivel, Christo exclamava—muito lhe será perdoado, porque muito amou.

Seculos depois, uma freira hespanhola, Santa Thereza, invocando a Christo, ao seu esposo espiritual, fazia do amor extatico o manancial da redempção, e no meio das suas ardentissimas preces, exclamava afflicta:

« *Ó Redemptor mio, ó esposo mio, que no puede mi coraçon llegar aqui, sin fatigarse mucho*[1]. »

A carmelita, que nunca tropeçara, professava no claustro a mesma religião de amor ardente, que fôra a redempção de Magdalena.

A peccadora, que se arrependeu, é a personificação de todas as naturezas femininas verdadeiramente superiores para quem o amor é condição essencial de existencia. Amor profano ou religioso, é força que do coração se precipite a caudal reprezada.

Magdalena, a arrependida, a mulher que enxugou as ultimas lagrimas de Christo, é portanto um dos ideaes da arte, que ora a representa no primeiro periodo, na plenitude da belleza e do prazer; ora no periodo da transição, quando, sob o influxo de Christo, sente os primeiros rebates da contricção; ora no ultimo periodo, quando pelas faces pallidas e escaveiradas lhe escorrem prantos amargos e assiste a esse immenso drama do Golgotha, que é o ruir do velho mundo e o ádito da nova era.

Não ha escola que não conte uma obra prima, em que Magdalena é protagonista.

A gravura, que tem por texto esta singela apreciação, é copia de um magnifico quadro da selecta galeria de Dresde.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O TEU NOME

Vê tu que devaneio!
vê tu que enlevo o meu!
em tudo o nome teu,
em toda a parte o leio!

No livro que folheio,
na flôr, no sol, no céo,
quem é que o escreveu
que é sempre o meu enleio?

Até de noite, quando
ás vezes sonho, o vejo
e o estou pronunciando...

E vale-me um harpejo
suave, meigo, brando,
da musica d'um beijo!

ALFREDO CAMPOS.

[1] Madre Thereza de Jesus, Camiño de Perfection, capitulo I.

La Rabbiata

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

(Conclusão)

ESTAVAM ainda pallidos e silenciosos quando se aproximaram da terra, e quando começaram a encontrar os pescadores que íam durante a noite lançar as suas redes.

Ao passar chamaram Antonino e zombaram de Laurella, mas nenhum dos dois respondeu.

O sol ía ainda alto sobre Procida quando chegaram á praia.

Laurella sacudiu o vestido que estava quasi sêcco e saltou em terra.

A velha que os havia visto embarcar de manhã estava outra vez no terraço.

—Que tens tu na mão Tonico? gritou-lhe ella de cima. Jesus Christo nos valha! o barco vem cheio de sangue!

—Não foi nada, comadre, respondeu o barqueiro. Rasguei-me n'um prego que estava mal pregado. Ámanhã já se não vê nada. O sangue é da minha mão. Parece peor do que é.

—Vou pôr-te umas hervas em cima, compadre, espera.

—Não vale a pena, comadre. Ísto já está curado. Ámanhã estará prompto e esquecido. Tenho uma pelle do diabo que cresce debaixo das feridas.

—*Addio,* disse Laurella, e dirigiu-se para o carreiro que ía para cima da costa.

—Boas noites—respondeu o barqueiro sem olhar para ella.

Tirou depois do barco os apparelhos e os cabazes, e subiu com elles os degraus de pedra da sua cabana.

Estava só nos dois quartos da sua cabana e passeava de um lado para o outro. Pela janella aberta, e que apenas podia fechar-se com uma adufa de pau, entrava um ar mais fresco que o que costuma vir do mar sereno. Sentia-se bem n'aquella solidão. Parou durante muito tempo diante de uma imagem pequena da Madonna e olhou para a aureola de estrellas de papel prateado, que estava pegada de roda, sem que pensasse em resar.

Que havia de elle, já sem esperança, pedir ao céo!

Parecia-lhe que aquelle dia não tinha fim, e desejava a noite porque estava cansado, e o sangue perdido tinha-o enfraquecido mais do que elle queria confessar. Como sentiu na mão uma dôr forte, sentou-se n'um banco e tirou a ligadura.

O sangue comprimido até então tornou a correr; a ferida fizera inchar muito a mão. Lavou-a e refrescou-a com agua durante muito tempo. Quando depois tornou a olhal-a, viu distinctamente na sua carne o signal dos dentes de Laurella.

—Ella tinha rasão, tinha, murmurou Antonino—ámanhã hei de mandar-lhe o lenço por Giuseppe. Não quero que me torne a vêr.

Lavou então cuidadosamente o lenço, estendeu-o ao sol, e depois de haver ligado outra vez a mão ferida o melhor que pôde com a mão esquerda e os dentes, deitou-se na cama e fechou os olhos.

O luar e a dôr da mão tiraram-n'o no fim de tempo da modorra em que havia caído. Levantou-se para acalmar com agua o ardor do sangue, quando ouviu que alguem lhe tocava na porta.

—Quem é? perguntou elle, abrindo-a.

Viu Laurella diante de si.

Esta entrou sem dizer cousa alguma. Tirou o lenço que trazia na cabeça, pôz sobre a mesa um cabaz e soltou um profundo suspiro.

—Vens buscar o teu lenço? disse o barqueiro—escusavas de ter esse trabalho, tinha tenção de t'o mandar ámanhã de manhã por Giuseppe.

—Não vim cá por causa do meu lenço, respondeu ella rapidamente. Fui á serra apanhar hervas que são boas para as feridas. Aqui estão—e levantou a tampa do cabaz.

—Tiveste muito incommodo, disse Antonino sem o mais pequeno signal de ironia ou amargura, tiveste na verdade muito incommodo. Isto vae melhor, muito melhor; e que o não fosse, a culpa toda foi minha. Que vieste aqui fazer a esta hora? Se alguem te visse! Não sabes como todos fallam, mesmo sem ter de que?

—Não me importa—respondeu a rapariga. Quero vêr a tua mão e pôr-lhe em cima estas hervas. Tu não pódes fazêl-o só com a esquerda.

—Já te disse que não é preciso.

—Deixa vêr.

E pegou-lhe na mão, que não pôde defender-se mais tempo. Quando ella lhe tirou o panno que a envolvia, e que viu a grande inflammação, estremeceu e disse:

—Jesus! Maria!

—Está menos inchada, disse o pescador—em vinte e quatro horas põe-se boa.

A rapariga abanou a cabeça.

—Com isto não pódes remar senão com a mão esquerda.

—É só até depois de ámanhã provavelmente. A final que diabo me importa!

Laurella havia arranjado uma bacia para tornar a lavar a ferida. Antonino deixou-se tratar como se fosse uma creança. Depois ella pôz-lhe em cima da ferida as folhas das boas hervas que logo lhe tiraram todo o ardor, e ligou a mão com bocados de panno fino, que trouxera.

—Obrigado, disse-lhe elle quando Laurella acabou; muito obrigado, e se queres ainda fazer-me um favor, perdoa-me a minha loucura, e esquece tudo o que hoje te disse e te fiz. Não sei como aquillo me veio. Tu nunca me déste causa para similhantes cousas. Verás que nunca mais has de ouvir da minha bôca cousa alguma que te desgoste.

—Sou eu que tenho que te pedir perdão, disse Laurella, eu devia ser melhor para ti, e não te irritar com as minhas estupidas palavras, quanto mais fazer-te esta horrivel ferida.

—Era tempo e muito tempo que eu voltasse a mim, não me fizeste mal algum. Não me falles de perdão. Fizeste-me bem, deveras, agradeço-t'o. Agora vae para tua casa e leva o teu lenço, aqui o tens.

E entregou-lh'o. Mas a rapariga conservou-se-lhe diante;—parecia estar-se dando n'ella uma lucta interior. Por fim disse-lhe:

—Perdeste tambem por minha causa a tua jaqueta, e o dinheiro das laranjas que eu sei que estava dentro. No caminho é que me lembrei de tudo isto.

Não posso pagar-te tudo já, porque bem sabes que não temos nada, e se alguma cousa tivessemos era de minha mãe. Mas tenho uma cruz de prata que o pintor deixou sobre a mesa a ultima vez que veio a nossa casa. Nunca

mais olhei para ella desde então, e não quero conserval-a. Vende-a — poderá valer um par de piastras, disse-me minha mãe. Terás assim o que perdeste. Se faltar alguma cousa eu o ganharei, fiando de noite quando minha mãe dormir.

— Não quero, disse Antonino, repellindo a pequena cruz branca que Laurella tirára da algibeira.

— Has de acceital-a. Quem sabe por quanto tempo estarás sem poder ganhar com a mão assim? Aqui t'a deixo e não quero tornar a vêl-a.

— Deita-a ao mar então.

— Não é um presente isto, é o que te devo, o que te pertence.

— Bem, bem, eu não tenho direito sobre coisa alguma do que te pertence. Se alguma vez me encontrares fazes-me até favor se nem sequer olhares para mim, para que eu não julgue que ainda te lembras do que te fiz. E agora boa noite. Acabou-se.

Antonino pôz dentro do cabaz o lenço e a cruz, e fechou-o.

Quando levantou a cabeça, viu, pasmado, que grandes lagrimas corriam pelas faces de Laurella, sem que ella as enchugasse.

— Maria Santissima! — disse elle. Estarás tu doente! estás a tremer!

— Não é nada. Vou para casa.

E dirigiu-se a cambalear para a porta; mas as lagrimas cegavam-n'a a ponto que bateu com a cabeça na hombreira soluçando violentamente.

Antes porém que elle tivesse tempo de se chegar a ella para a amparar, Laurella voltou-se de repente e atirou-se-lhe ao pescoço.

— Não posso, não posso mais! gritou ella apertando-se de encontro ao barqueiro como um moribundo que se agarra á vida, não posso ouvir-te dizer-me boas palavras, e deixares-me partir, tomando para ti toda a culpa. Bate-me, pisa-me aos pés, maldiz-me, ou, se é verdade que ainda me amas depois de todo o mal que te fiz, toma-me, acceita-me, faze de mim tudo o que quizeres, mas não me mandes embora assim.

E os soluços interrompiam-n'a.

Antonino conservou-se um instante abraçado sem poder fallar.

— Se ainda te amo! disse elle por fim. Santa Mãe de Deus! Julgas tu que o sangue do meu coração se foi todo pela ferida que fizeste? Não sentes como elle salta no meu peito como se quizesse ir todo d'esta vez para ti! Se me dizes isso para me experimentares ou porque tens medo de mim, vae-te. Eu esquecerei tudo isto. Não penses que me deves nada, porque eu soffro por tua causa.

— Não, respondeu ella com ar selvagem, erguendo para Antonino rapidamente os seus olhos humidos. Amo-te! Muito tempo o temi, isso sim! Muito tempo luctei! mas agora acabou-se, não posso deixar de olhar para ti quando te encontro na rua. Agora quero abraçar-te, beijar-te, para que, se duvidasses ainda, pudesses dizer: Laurella beijou-me e ella não beijaria nunca senão aquelle que escolheu para marido.

Depois beijou-o tres vezes e separou-se d'elle dizendo:

— Boas noites, meu bem amado! Vae agora dormir e cura a tua mão. Não venhas comigo. Agora de todos os homens ha só um de quem eu tenho medo — é de ti.

Passou rapida pela porta e desappareceu por entre a sombra das paredes.

Antonino ficou ainda por muito tempo a olhar pela janella que deitava sobre o mar, onde as estrellas tremulas pareciam então vagar.

Quando o cura veio pouco depois ao confessionario, onde Laurella se conservava havia tempo de joelhos, disse para comsigo a rir:

— Quem teria adivinhado que Deus tocaria tão depressa este extraordinario coração! E eu que me censurava a mim mesmo de não ter combatido com mais energia o demonio que a possuia! Como a nossa vista é curta para vêr os caminhos do céo! Deus seja bemdito! Permitta elle que eu viva o sufficiente para que o primeiro filho de Laurella me conduza ao menos uma vez no barco do pae.

Ai! ai! ai! *La Rabbiata!*

J. BATALHA REIS.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

Onorate l'altissimo poeta.

DANTE. INF. C. IV.

Na historia das artes portuguezas, durante os primeiros trinta annos d'este seculo, vêem-se brilhar como diamantes de bom quilate rodeados de grossa pedraria, os nomes illustres de Vieira Portuense e de Sequeira. Aquelle, colhido pela morte em toda a virilidade dos annos e do talento, não pôde cumprir quanto promettia o seu formoso engenho, quanto se esperava de quem tão cedo déra mostras do muito que valia. Este apóz uma longa vida, cortada de trabalhos e desgostos, teve ao menos a fortuna de rematar a sua carreira de artista com obras immortaes que lhe grangearam gloria, honras, fortuna, e o fizeram acclamar pelos contemporaneos nacionaes e extrangeiros, sobretudo por estes, um dos primeiros pintores da sua época. E comtudo, por um singular destino, este homem, admirado e respeitado pelos seus mais notaveis collegas, centro, em Roma, de uma pleiade de artistas que, recebiam ávidos, as suas lições, galardoado por illustrados soberanos, protegido e admirado pelos mais esclarecidos amadores, este homem, que em sua vida attingiu o fastigio da reputação e das honras, é agora quasi esquecido fóra do seu paiz; nem todas as historias mencionam o seu nome e é só com mão bem mesquinha que alguma vez se lhe tributam, hoje, os encomios e louvores que tão abundantes ceifou outr'ora.

Em Portugal, pelo contrario, a reputação de Sequeira cresceu depois da sua morte; só depois de o havermos perdido para sempre é que lhe rendemos o preito que elle mereceu; só depois é que o proclamámos o primeiro entre os primeiros; é que percebemos quanto realmente valia o homem que tão alto levantára a fama da arte portugueza.

Ambos estes factos, tão estranhos que parecem menos verdadeiros, explica, a meu vêr, a biographia do artista.

Na ultima phase do seu talento, quando Sequeira, conhecendo-se e percebendo a final o que era, *inveniens viam,* se librára nas azas da mais elevada e pura inspiração, déra largas á sua poderosa fantasia e atirára ao mundo com os pasmosos trabalhos que hoje se contemplam na galeria Palmella, havia cerca de trinta annos que vivia n'este canto da peninsula, quasi recluso do resto da Europa, sem convivencia com os grandes homens do seu tempo e com as grandes obras do passado. Levára

esta melhor época da sua vida ou entregue a trabalhos ingratos, penosos e de todo o ponto alheios á sua indole, como a celebre baixela Wellington, ou á execução de faceis e rapidos desenhos com que matava o tempo em companhia de seus opulentos e poderosos protectores. Quando, saindo de Portugal, no fim de 1823, tornou a penetrar na atmosphera artistica que havia tantos annos não respirava e que se foi gradualmente costumando a este ambiente, sentiu renascerem-lhe as forças, afinar-se-lhe a imaginação, revigorar-se-lhe o espirito. O corpo porém, quebrado não tanto dos annos como dos desgostos, não permittiu que fosse tão longo, como pudera sel-o, este ultimo periodo da sua vida de artista. Poucas obras lhe foi dado produzir, e se estas, expostas quando elle as executou, accenderam geral enthusiasmo, não admira que hoje, conservadas em algumas galerias particulares onde de poucos e a custo podem ser vistas, se achem esquecidas de uma geração que só tradicionalmente as conhece.

Além d'isso Sequeira não formou escola nem teve discipulos na verdadeira accepção da palavra. O seu estylo, tão propriamente seu, não foi herdado como tambem o não foram as faculdades sublimes que lhe opulentavam a alma de poeta. Finalmente Sequeira era portuguez, pertencia a uma nação que as outras não costumam encontrar no campo artistico, que não teve no passado influencia alguma no mundo das artes, cujos artistas são desconhecidos, cujos museus, se assim lhe podemos chamar, foram creados hontem e são profundamente ignorados.

Todas estas causas explicam, creio eu, a rapida gloria de Sequeira em París e em Roma, e o não menos rapido esquecimento em que seu nome ali caíu. Explicam tambem o segundo facto a que pouco ha alludi. Só muito depois da morte de Sequeira é que vieram para Portugal as suas ultimas composições. Racksynski, que nas suas *Lettres sur les arts en Portugal,* desdenha de Sequeira, não sympathisa nem com o homem nem com o artista, descrê da authenticidade do celebre desenho da *Deposição* que pertence a el-rei o senhor D. Fernando, Racksynski no seu *Dictionnaire historico-artistique du Portugal,* escripto algum tempo depois da primeira obra e quando já tinha visto os quadros da galeria Palmella, confessa que se enganára e presta a Sequeira a homenagem de enthusiasta admiração e profundo respeito.

Não se julgue porém que Sequeira era tido em pequena conta dos seus contemporaneos portuguezes. Em 1816 encontro já mencionado com applauso o seu nome na *Mnemosine Lusitana;* Cyrillo chama-lhe pintor muito illustre; não poucos compatriotas importantes, respeitavam o artista e protegiam-n'o com uma protecção nem sempre esclarecida, mas que attestava pelo menos os seus bons desejos. O que porém ninguem suspeitava até ao apparecimento dos seus ultimos trabalhos, até áquella explendida revelação da fantasia do artista, era o verdadeiro quilate da sua imaginação, o vigor do seu engenho, a poesia e o ideal que encerrava a sua alma. Portugal percebeu em fim que no renascimento artistico do seculo XIX lhe coubéra tambem um não pequeno quinhão de gloria, e que podia, com orgulho, inscrever a Sequeira nas taboas de ouro em que estão gravados os nomes dos homens eminentes que honraram a patria.

Apezar porém da immensa reputação de que hoje gosa em Portugal a sua memoria, não ha um trabalho completo sobre o grande pintor; ainda ninguem apreciou n'um estudo desenvolvido o talento de Sequeira, ninguem historiou com individuação os factos da sua vida, procurando descortinar o que elle deveu a seus mestres, aos artistas seus contemporaneos, ás escolas dominantes durante a sua existencia, o modo como sobre elle actuou a evolução artistica do fim do seculo passado e a revolução romantica a que ainda assistiu, finalmente a fórma por que se foi desenvolvendo aquelle peregrino genio até desabrochar nas obras immorredouras que nos legou. Não pretendo por fórma alguma preencher aqui esta lacuna. Conheço a difficuldade da empreza; ainda que para ella me sobrassem forças, faltar-me-íam agora os elementos indispensaveis para escrever uma biographia desenvolvida de Sequeira e como elle a merece. Esta divida nacional será sem duvida solvida por quem, melhor do que eu, o possa fazer.

No presente trabalho procurei apenas dizer com verdade e consciencia o que sei e o que sinto ácerca do illustre pintor portuguez, aproveitando estudos antigos e algumas informações e noticias ineditas que pude colher[1].

I

Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Belem aos 10 de março de 1768. Segundo uma tradição cuja authenticidade não pude verificar, mas que me foi transmittida como verdadeira por algumas pessoas contempora-

[1] Conheço e consultei os seguintes trabalhos impressos ácerca de Sequeira:

1.º A sua biographia em tres paginas por Cyrillo Wolkmar Machado, nas *Memorias relativas á vida dos pintores... portuguezes.* Lisboa, 1823.

2.º Um artigo biographico pelo sr. Silva Leal, no *Jornal de bellas artes.* Anno de 1843, vol. I, n.º 2, pag. 28—que algumas noticias accrescenta ao trabalho de Cyrillo a quem seguiu no essencial.

3.º Varias observações dispersas nas *Lettres sur les arts en Portugal,* escriptas pelo conde Racksynski, nos annos de 1843 e 1844 e publicadas em París em 1846.

4.º Artigo biographico de Sequeira no *Dictionaire historico-artistique du Portugal,* pelo mesmo auctor. París, 1849 — verbo Sequeira. N'estas paginas, além das observações de Racksynski e dos fundamentos da sua reconsideração sobre o merecimento do artista, reconsideração a que alludi no texto, encontra-se a sua biographia por Cyrillo e varias informações que o esclarecido diplomata prussiano alcançou de differentes pessoas no tocante á vida e obras de Sequeira.

5.º No *Panorama* do 1.º de janeiro de 1849, um artigo anonymo com o principio da biographia do nosso artista, que infelizmente não foi continuada apezar da promessa de o ser, que n'elle se lê.

6.º No *Archivo Pittoresco,* n.º 12, vol. II, pag. 89, um artigo muito resumido, compilado assim como o anterior, dos trabalhos já citados.

7.º Algumas paginas no *Livro de critica* do sr. Luciano Cordeiro, vol. I, pag. 199, em que é rapidamente apreciado o talento de Sequeira, mas pouco se falla da sua vida, porque nem isto era o proposito do auctor.

Além d'estes estudos podem ainda citar-se a *Mnemosine Lusitana* que n'um supplemento ao n.º 24 do anno de 1816, contendo uma summarissima revista da historia da arte portugueza, transcreve uma nota extraída do *Gentleman's magazine* de 1814, louvando muito os quadros da Cartuxa de Laveiras; o mesmo jornal que no n.º 3 do anno de 1817, publica uma extensa descripção da baixela de Lord Wellington; e o sr. visconde de Juromenha que no vol. I das obras de Camões, pag. 424, traduz do *Courrier français* de 1825 um artigo sobre o quadro de Camões.

Finalmente tive á mão algumas, ainda que infelizmente muito poucas, informações que obsequiosamente me puderam dar as pessoas de sua familia que ainda existem e tambem varios amigos que o conheceram. Por ultimo direi que durante a minha permanencia em Roma tive occasião de lêr e de copiar alguns papeis, que muito me auxiliaram n'este trabalho; faltou-me porém ensejo para indagar se em mão dos netos de Sequeira existem ainda documentos que possam esclarecer a sua vida.

Esta mingua de informações anima-me a pedir ao leitor desculpa dos erros involuntarios em que por ventura eu tenha caído, e de alguma apreciação que um estudo mais profundo mostre ser inexacta. Ponho fim a esta nota rogando a todas as pessoas, que me puderem dar noticias ácerca da vida e obras do nosso grande artista ou indicar fontes em que eu as encontre, se dignem transmittir-me o que a este respeito souberem, dirigindo as suas communicações ou á redacção d'este jornal ou a minha casa em Lisboa.

neas do nosso artista e que em sua intimidade viveram, era seu pae de modestissima condição de pessoa e fortuna[1]; exercia o officio de barqueiro, chamava-se Antonio do Espirito Santo e era sua esposa Rosa Maria de Lima. Foi padrinho do futuro pintor um certo Domingos de Sequeira Chaves, que, na pia baptismal da igreja parochial da Ajuda, lhe impôz seu nome e appellido.

riada a primeira instrucção do filho de Antonio do Espirito Santo. Apezar de haver, em sua mocidade e idade madura, procurado supprir com aturado estudo a falta dos primeiros rudimentos que em sua infancia não recebêra, apezar do natural talento de que para elle tão liberal fôra a Providencia, Sequeira não logrou nunca remediar completamente a deficiencia da sua instrucção primaria;



Domingos Antonio de Sequeira

São inteiramente desconhecidos os primeiros annos da existencia de Domingos Antonio e sel-o-hão provavelmente para sempre. É porém de presumir, attentas a condição do pae e a época em que tanto escasseavam, ainda muito mais do que hoje, escolas e estabelecimentos destinados á educação dos filhos do povo, é de presumir digo, que não fosse nem muito profunda nem muito va-

tinha boa letra, mas redigia com difficuldade e seu estylo, para não fallar na orthographia, revelava um tanto este defeito original. Possuo cartas authographas d'elle que provam o que deixo dito, e mais ainda, que elle reconhecendo a sua insufficiencia n'este ponto, não duvidava pedir a algum amigo que lhe revisse os escriptos.

Fosse porém qual fosse a sua primeira educação litteraria e os conhecimentos que ao deante adquiriu, e sobre os quaes fallarei mais de espaço, parece certo que bem cedo manifestou a sua extraordinaria vocação artistica.

[1] Cyrillo. — *Collecção de Memorias*, pag. 148, diz: nasceu de «paes, humildes sim, porém honrados.»

Elle mesmo referiu a pessoa, de quem o ouvi, que seu pae desejava que elle seguisse a carreira medica, contando talvez mais com a energia que dá o amor paterno quando se trata do bem dos filhos, ou com os patronos que depois tanto auxiliaram o joven pintor, do que com os recursos, de certo escassos, que possuia.

As manifestações do talento de Sequeira para as artes do desenho eram porém tão patentes, as suas provas tão repetidas e manifestas, que seu pae desistiu d'aquelle intento e cedeu á vocação que tão energicamente se impunha. Ouvi sobre esta primeira época da vida de Sequeira, algumas anecdotas que elle mesmo referiu a seus amigos, e entre ellas uma que parece inspirada pelo celebre cacho de uvas de Zeuxis.

Era na época em que o pae, firme em seu proposito, determinára que elle encetasse estudos cujo resultado seria privar Portugal de um grande artista dando-lhe talvez em compensação um máo facultativo, Sequeira, buscando todas as occasiões de adestrar o lapis, copiava quanto via, e falto de modelos appropriados lançava mão dos que lhe deparava o acaso. Um dia em cima da mesa da casa de jantar ficára um ramo de cerejas que sua mãe ali deixára; foi obra de pouco tempo copial-o sobre o prato que o continha e esconder, não sei até se comer, o original, mas eram taes a verdade e perfeição da copia que sua mãe só reconheceu a substituição quando tomou o prato e lhe sentiu a leveza. Com esta prova foi facil então persuadir o pae, que não podendo duvidar por mais tempo da vocação de Domingos Antonio, abandonou finalmente o antigo proposito e deu a appetecida licença até então debalde solicitada. Este passo, que só refiro para não omittir a parte legendaria da biographia de Sequeira, foi-me contado em Roma por um antigo amigo do artista que me asseverou ter-lh'o algumas vezes ouvido. É possivel que a imaginação de Sequeira fosse tão forte que lhe atrophiasse a memoria, ou que a sua reminiscencia da historia da pintura grega se confundisse com as recordações da propria vida.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

BRIOS DE ADOLESCENTE

(Episodios da vida de Nuno Alvares Pereira)

I

POR uma linda noite de primavera, em pleno reinado de D. Fernando, n'um aposento de uma casa de Portalegre, um adolescente bem parecido, e em cuja physionomia se liam todos os symptomas do ardor marcial, vestia á pressa a armadura, ajudado com visivel repugnancia pelo seu escudeiro. Parece que se tratava de uma expedição secreta, porque o joven cavalleiro nem consentira que se accendesse luz, e era ao clarão da lua, que entrava pelo aposento e que accendia pallidos reflexos no aço da cota d'armas e do capacete, que elle se preparava para algum combate ou alguma correria nocturna.

—O que dirá vosso irmão em sabendo d'estas loucuras! exclamava o escudeiro. Ides combater sem sua licença. Menosprezaes assim a sua auctoridade de fronteiro estabelecido por el-rei aqui em Portalegre, n'esta boa provincia d'Entre Tejo e Odiana, e menosprezaes tambem a auctoridade paternal, que a elle, como filho primogenito legou vosso chorado pae e meu amo, o sr. D. Alvaro Gonçalves Pereira.

—D. Alvaro Gonçalves, o lidador do Salado, respondeu o nosso cavalleiro, quando estivessem em guerra portuguezes e castelhanos, não viria para a fronteira passear tranquillamente e recusar batalha aos inimigos do seu rei. É uma vergonha, Lançarote!

—Fernão Pelote, com vossa licença, sr. Nuno Alvares.

—Lá tornas, exclamou rindo o adolescente, queres que eu te trate pelo teu nome vulgar, e não acceitas o nome de um heroe de romance de cavallaria!

—Romances de cavallaria! romances de cavallaria! resmungou o escudeiro, que era, segundo se vae vêr, um precursor de Cervantes, má peste os mate a elles e aos seus auctores que vos transtornam o juizo!

—Que dizes? bradou enfurecido Nuno. Onde ha ahi leitura mais propria para inflammar o animo de um fidalgo, que se destina a pelejador? Alli se encontra o ideal de pundonor e de pujança, a que todo o cavalleiro deve procurar attingir!

—Será como dizeis, mas lá se ensina tambem a desobediencia aos paes e aos irmãos mais velhos! Romances assim!... que o inferno os confunda!

—Porque é que o meu senhor irmão me não dá ordens que eu possa cumprir? Ninguem, mais do que eu, desejava obedecer-lhe, mas que! Traz-me para esta campanha, em que me promette que me hei de estreiar, e a final guarda-me aqui preso a estas muralhas, emquanto andam por ahi ás soltas os castelhanos dos mestres de S. Tiago e Alcantara, como se fosse uma velha d'essas que rezam na capella do solar, longe dos combates em que floreiam lanças e conquistam gloria os cavalleiros.

—Mas é que esta guerra é uma guerra impia, redarguiu o escudeiro, é que sua real senhoria emprehendeu-a contra o voto do seu conselho, sem mais rasão nem motivo, quebrantando a fé jurada e os tratados, tudo por conselho da barregan D. Leonor Telles, e do conde gallego, que... emfim, cala-te bôca!

—E fazes bem de te calar! Pois que me importam a mim os motivos da guerra? Em primeiro logar matar castelhanos é sempre obra meritoria, e em segundo logar eu vim para combater, para quebrar lanças. Recusam-me as batalhas, procuro os torneios; mas torneios a serio, e não vãs imagens da guerra. Mandei desafiar o filho do mestre de S. Tiago. É moço brioso, logo acceitou a peleja; marcou-se o dia de ámanhã ao romper d'alva, logar na propria fronteira. Nove cavalleiros me acompanham, nove o hão de acompanhar a elle. Que festa, Lançarote, que festa!

—Mas, senhor... interrompeu o escudeiro, que já quizera cortar a palavra a Nuno, para mais uma vez protestar contra o nome romantico que seu amo teimava em dar-lhe.

—Vamos, vamos! Nada de perder tempo! Vá! só falta a espada. Cinge-m'a depressa.

O escudeiro ía obedecer de má vontade, quando de subito parou descorando. Sentiu-se um rumor de passos na escada, e por entre as fisgas da porta viu-se passar o trémulo reflexo de alguns fachos.

—Virgem santissima! o que será isto? exclamou o escudeiro aterrado.

Ainda não acabára de proferir estas palavras, quando

a porta se abriu, dando entrada a D. Pedro Alvares Pereira, acompanhado por alguns creados com archotes.

—Ah! ah! exclamou elle, vendo os preparos que se estavam fazendo, e vendo tambem Nuno com uma dolorosa expressão de desapontamento no rosto. Por um triz que não cheguei tarde. Temos então sortida que o fronteiro desconhece? Ora bem, meu senhor irmão, partireis como tencionaveis, mas para a côrte aonde el-rei expressamente vos chama.

—A mim, senhor! exclamou Nuno no auge do espanto.

—A vós mesmo, senhor cavalleiro, redarguiu o prior do Crato, a vós mesmo, que, segundo parece, mandaes desafiar por vossa conta e risco o filho do mestre de Santiago sem licença de vosso chefe e irmão, como se estivessemos, não em fronteira de guerra, mas em liça aberta ou estacada, como se se tratasse não de defender terra da patria, mas de sustentar um passo!

—Mas, senhor, que remedio tenho eu senão recorrer a pelejas individuaes, logo que as batalhas me são recusadas? Eu não posso, meu senhor irmão, estar para ahi retirado na minha tenda como Achilles, sem primeiro ter praticado acções que me assimilhem ao brioso grego. E, meu senhor irmão, os paladinos de Carlos Magno não se limitavam a pelejar nas batalhas, mas reptavam a combate singular os cavalleiros inimigos.

—Com previa licença do seu chefe, e nenhum d'elles ousaria desobedecer a Carlos Magno, seu suzerano; imitae-os pois na lealdade de vassallos, como os quereis imitar nas proezas. Chama-vos el-rei á côrte. Obedecei.

—E os cavalleiros hespanhoes que me esperam?

—Que esperem, ou que venham procurar-vos ao acampamento, que encontrarão quem lhes responda.

—Mas estou deshonrado, passo a ser a fabula da cavallaria de todos os reinos christãos! exclamou Nuno com lagrimas de desespero.

—O que! tornou D. Pedro. Julgaes que o mestre de Santiago não tratou de reprimir igualmente os outros doidos que vos acceitaram o desafio insensato? Bem! bem! como vosso chefe vos requeiro, como vosso irmão primogenito vos ordeno que me acompanheis á côrte.

Não havia remedio senão obedecer. D'ahi a meia hora, Nuno e D. Pedro, acompanhados por uns poucos de escudeiros e de homens de armas, seguiam a cavallo na direcção de Extremoz.

Era n'essa villa que estava então D. Fernando com sua mulher, a formosa e fatal Leonor Telles. Fôra n'essa villa que João Fernandes Andeiro, emissario do rei de Inglaterra, tramára com D. Fernando a guerra desleal que fôra depois declarada, a guerra contra o voto unanime dos principaes fidalgos portuguezes. Alli D. Fernando recebeu em segredo o fidalgo gallego, e alli tambem, a abrigo d'esse segredo, principiaram os adulterinos amores do conde Andeiro com D. Leonor Telles. Alli estava tambem agora o formoso, o fraco e melancolico monarcha, e n'uma das salas do castello recebeu D. Pedro o seu intrepido e juvenil irmão. Sentada ao seu lado, D. Leonor ostentava aquella ardente e provocadora formosura, que era tão fatal a todos os que se aproximavam d'ella.

—É este pois, disse D. Fernando, o valente cavalleiro que não póde ter mão nas suas juvenis impaciencias, e que declara a guerra, por sua conta e risco, aos fidalgos hespanhoes? Intrepida creança!

—Não fui eu que declarei a guerra, senhor, respondeu audaciosamente o joven Nuno; procurando combater, desejava apenas cumprir as ordens de sua real senhoria.

—Bem respondido, mancebo, acudiu D. Leonor, e bem se vê que não sois como certos fidalgos, que tão remissos se mostram em fazer a guerra aos castelhanos. Por essa briosa resposta, permitto-vos que me beijeis a mão.

Nuno aproximou-se, mostrando pouco enthusiasmo por esse favor tão invejado. Levou aos labios a branca mão de Leonor Telles, e poisou n'ella um beijo indifferente.

—Recompensa melhor vos outorgará de certo a vossa gentil dama, joven cavalleiro, acudiu Leonor Telles. Pouco sensivel será ella aos brios de um paladino, se, em recompensa da vossa bravura, vos não dér as duas mãos e os labios para colherdes com enthusiasmo o appetecido premio.

—Eu não tenho amores, senhora minha, redarguiu Nuno com altivez.

—Não tendes amores? Oh! qual é o cavalleiro que não quebra lanças pelo seu rei, pelo seu Deus, e pela sua dama? Pois bem! serei eu que de minha mão vos escolherei uma donzella para vossa noiva.

—Quero conservar-me solteiro, senhora minha, tornou Nuno; tenho lido nos livros de cavallaria que a virgindade augmenta os brios e a força dos cavalleiros. As armas são o meu enlevo, é-me facil a castidade.

D. Fernando sorriu-se, D. Leonor Telles, essa desatou a rir perdidamente.

—Vêde como são as cousas, exclamou ella, vosso pae, monge militar, teve dezeseis filhos. Vós que não fizestes voto de castidade, quereis conservar-vos casto. Estranho successo na verdade!

E, rindo a bom rir, Leonor Telles passava a mão branca e fina pelos loiros cabellos do moço cavalleiro. Nuno, pouco lisongeado com a caricia, fez um movimento para fugir com a cabeça.

—Não vos assusteis, tornou ella, rindo ainda mais, são caricias de velha—e com as suas palavras contrastava de um modo notavel a radiosa juventude que no seu formoso rosto resplandecia—fui eu que vos vesti a couraça de cavalleiro, ereis bem pequeno ainda, tanto que não se encontrava couraça que vos servisse, e foi necessario que o moço irmão de el-rei, D. João, mestre de Aviz, vos emprestasse a sua.

—Que faça melhor uso d'ella do que o seu dono, acudiu D. Fernando com modo um pouco sombrio.

—Faz de certo, redarguiu Leonor Telles, sem perder a sua risonha serenidade, mas em voz baixa, e se ouvisseis os meus conselhos, já hoje o mestre de Aviz não podia fazer, nem bom, nem mau uso das suas armas.

D. Fernando calou-se; e depois, voltando-se para Nuno, continuou:

—Applaudo os vossos brios, cavalleiro. Guardae-os porém para melhor occasião. Não tarda por ahi o conde de Cambridge com os seus homens de armas, e em presença dos inglezes podereis então mostrar que nem só na escola do principe Negro se criam briosos paladinos. Ide.

Nuno, curvando-se respeitosamente diante do rei e da rainha, saíu da sala, emquanto seu irmão ficava para dar conta a D. Fernando dos successos da fronteira.

(Continua.)

PINHEIRO CHAGAS.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

PORTUGAL CONTEMPORANEO—DE MADRID Á OPORTO PASANDO POR LISBOA (DIARIO DE UN CAMINANTE).—Em Portugal é medianamente conhecido tudo que diz respeito a Hespanha, não obstante a proximidade das duas nações. Conhecem-se os nomes dos principaes homens que figuram na politica d'aquelle paiz, mas quasi ninguem tem noticia nem dos escriptores, nem dos artistas da patria de Cervantes e de Murillo.

Em Hespanha succede outro tanto com relação a Portugal. Poucos são os hespanhoes que fazem idéa perfeita, ou mesmo approximada, do caracter do nosso povo e do estado de civilisação em que nos encontramos. Dos escriptores e artistas portuguezes, rarissimos são os que logram ser conhecidos das pessoas mais illustradas, e até dos seus collegas do reino visinho.

Ora, para estreitar as relações tanto litterarias como artisticas, entre os dois paizes, têem sido feitas ultimamente varias tentativas não só em Portugal, mas tambem em Hespanha. O livro, cujo titulo acima se lê, publicado pelo sr. D. Modesto Fernandez y Gonzalez, da sociedade dos escriptores e artistas, e official do ministerio da fazenda, é mais uma d'essas diligencias feitas para se conseguir o fim desejado. O sr. D. Modesto propõe-se, na obra que publicou, a tornar conhecido dos seus compatriotas o nosso paiz; o estado da nossa civilisação; os homens que militam no campo da politica, no das letras e no das artes; tudo, emfim, quanto possa esclarecer e servir de guia aos que desejarem travar conhecimento com Portugal e com os portuguezes.

Um livro d'esta indole não póde ser completo e perfeito senão quando o escriptor tem obtido, pela sua prolongada residencia n'um paiz, inteiro conhecimento d'elle e dos homens que o habitam. Escriptor hespanhol que esteja verdadeiramente nos casos de expôr com bastante conhecimento de causa, o bom e o máu que por cá temos, o nosso caracter, a nossa indole, o nosso estado de adiantamento nas sciencias, nas letras, nas artes e na industria, não conheço senão um:—é o sr. Alcalá Galiano, que viveu por muitos annos em Portugal, que falla a nossa lingua tão correctamente como a sua, e que tem espirito e talento sufficientes para discernir acertadamente sobre o que viu e estudou n'esta sua segunda patria.

O sr. D. Modesto passou por aqui de jornada, demorou-se pouco tempo na capital e nas provincias, por conseguinte não poude apresentar no seu livro mais do que uma vista do nosso paiz, tomada, por assim dizer, *à vol d'oiseau*. Forçoso é todavia confessar, que para os breves dias de que o sr. D. Modesto Fernandez y Gonzalez dispôz, a fim de colher as bases e as indicações indispensaveis para o seu trabalho, muito conseguiu o illustre escriptor—de certo mais do que seria permittido exigir-lhe—pois que o seu *diario* encerra muitas descripções exactas e bem feitas, varias apreciações acertadas e chistosas, larga copia de esclarecimentos curiosos, primando a obra sobretudo pela justiça que o auctor nos faz quando falla da nossa indole essencialmente liberal, e do nosso caracter pacifico e emprehendedor.

A par de tantos acertos, algumas cousas ha em que o sr. D. Modesto se afastou involuntariamente da verdade rigorosa; mas d'esses peccados veniaes está o illustre escriptor desculpado pela sua curta permanencia entre nós.

A obra é dedicada ao sr. D. Antonio Romero Ortiz, homem de letras muito notavel em Hespanha, e que ainda ha pouco deu á luz da publicidade um livro importante a respeito de Portugal.

Agradecendo ao sr. D. Modesto Fernandez y Gonzalez os encomios que tece á minha patria, cumpre-me tambem agradecer-lhe, e muito cordealmente, as palavras lisonjeiras que me dirige não só quando, no capitulo em que trata dos jornaes portuguezes, falla das *Artes e Letras*, mas tambem quando se refere aos auctores dramaticos, entre os quaes me colloca, o que é para mim subida honra.

PARIS NA AMERICA.—Á penna illustrada do conhecido escriptor francez E. Laboulaye se deve a obra assim denominada, e que foi uma das que na sua época produziram mais ruido no mundo litterario.

A França fez d'ella innumeras edições, e quasi todos os paizes a traduziram, pondo-a por este modo ao alcance dos que não conhecem a lingua de Voltaire. Em Portugal incumbiu-se da versão o sr. M. E. Lobo de Bulhões, escriptor muito illustrado e bemquisto, que primeiro a fez apparecer em folhetins na *Gazeta de Portugal* e agora a dá em volume publicado pela casa editora Rolland & Semiond.

Paris na America é uma critica espirituosa aos costumes da velha Europa. O auctor, servindo-se de uma ficção mais de uma vez usada no romance e no theatro, suppõe que o chefe de uma familia franceza residente em Paris se vê subitamente transportado á America. Nascem d'aqui milhares de episodios engraçadissimos e conceituosos, que prendem a attenção do leitor e de tal modo o affeiçoam aos usos e costumes do novo mundo, que não será raro haver algum que, depois de lêr o livro, faça a mala e se embarque n'um paquete para ir acabar o resto dos seus dias em Washington ou New York. Se a missão do livro fosse, ao contrario do que é, fazer sobresair a Europa ao lado da America, e se o auctor advogasse esta causa com a vehemencia e convicção que se encontram na obra de Laboulaye, os *yankees* difficilmente resistiriam á tentação, e poderia muito bem succeder que a America do norte se transportasse em pezo para a velha Europa. Os europeus são, porém, menos susceptiveis de taes extravagancias, e os portuguezes ainda menos que nenhum outro povo, por isso recommendo ao leitor a excellente traducção do sr. Bulhões, certo de que, não obstante as boas palavras de Laboulaye, não abandonará a sua patria só porque leu um bom livro.

O AFILHADO DE POMPIGNAC.—Está publicada esta excellente comedia de A. de Jalin, e, segundo creio, de Alexandre Dumas, filho, representada, ha mezes, no theatro do Gymnasio, e ácerca da qual já escrevi algumas palavras n'outro numero d'este periodico.

A comedia faz parte da *Bibliotheca theatral* dirigida pelos srs. Castilho e Mello e Aristides Abranches.

IDYLLIO.—Assim se intitula um folheto de 23 paginas, assignado pelas tres iniciaes P. G. M. e publicado em Macau. Lê-se com agrado a pequena obrasinha, onde se encontram bonitos versos que não hão de ter, de certo, a feia sorte que o sr. P. G. M. lhes vaticina, quando, nas poucas palavras que antecedem o poemeto, diz com dèmasiada modestia ser *provavel que uma justa indifferença castigue o atrevimento do auctor.*

(Continua). RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

═══ Quasi todos os theatros de Lisboa abriram já as suas portas ao publico, mas ainda nenhum apresentou espectaculo digno de especial menção. Uns têem entretido os espectadores com a repetição de dramas ou comedias do antigo reportorio, outros, como o Principe Real e as Variedades, estão dando peças novas, e originaes, mas de um genero que não quer nada com a critica, porque se contenta com divertir o publico, fazendo-o apenas rir.

═══ A exposição das obras de Prud'hon, promovida em Paris a favor da filha do illustre pintor, fechou as suas portas em 5 de julho. O termo medio das entradas foi de 300 pessoas por dia. A receita, comprehendida a da venda dos catalogos, subiu a perto de 19:000 francos, dos quaes se abateram 7:000 francos de despezas, ficando por conseguinte 12:000 francos, ou 2:160$000 réis, para M.me Quoyeser, a filha de Prud'hon.

═══ M. Ricardo Wallace, comprou na ultima exposição franceza denominada *Salon*, quadros na importancia de 280:000 francos, ou 50:400$000 réis! Ponham os olhos n'isto os nossos amadores de bellas artes.

═══ De um documento official inglez, vê-se que a somma total que o museu de South-Kensington tem custado á nação, desde o seu fundamento até o fim do exercicio do anno financeiro de 1873-1874, sobe a 1.601:700 libras, 19 sh., 4 d., ou 7.207:654$350 réis. As compras feitas por conta do Museu figuram n'este total, na importancia de 281:672 libras, ou 1.267:524$000 réis.



1553—IMPRENSA NACIONAL—1874



UMA ENTREVISTA EM VENEZA

QUADRO DE CRAMER

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



Numero 6 — Lisboa — 3.ª Serie

UMA ENTREVISTA EM VENEZA

A noite vae alta, e a brisa, que passa cantando, enruga suavemente a limpida extensão das aguas. É a *aura del'mare,* o vento tepido da primavera, impregnado de effluvios, a brincar ao longo dos canaes rumorosos.

Estamos em Veneza, no tempo da cavallaria e do amor, — a Veneza dos doges e das gondolas, a velha patria dos Dandolos e dos Foscari, o sonho eterno dos poetas e dos amantes, — canto do mundo que se debuxa n'uma hora de dulcissima melancolia, ao subirem do coração os fumos do extase.

N'esse momento é que criam vulto, sobre um fundo cambiante e luminoso, as figuras e os grupos sentimentaes e patheticos. É ahi que vemos Othello e Desdemona, reverberando ao prodigioso clarão do genio; é ahi, na ponte de Rialto, que Shylock, para dar escaimbo ás offensas d'Anthonio, celebra aquelle estupendo contracto em que o dinheiro devido será pago por um pezo igual da carne do devedor, *of your fair flesh.*

Que de memorias tão variadas, umas poeticas outras horriveis, agora esplendidas logo grotescas, mas todas a captivarem-nos o pensamento! Succedem-se as nuvens ás nuvens, os relampagos aos relampagos. O leão de S. Marcos abre as fauces á delação mysteriosa, e o abysmo discreto cancella o nome da victima. Por instantes como que corre pela atmosphera um sopro pestilencial, e os que na vespera se sorriam, definham e succumbem. É que os açoitou a aza occulta da vingança.

Fluctuam os dramas voluptuosos e sanguinolentos. Os Borgias atravessam a scena, — os Borgias de todas as condições e aspectos, — conduzindo em taças de oiro o seu lento e irresistivel veneno.

Subitamente o panorama rarefaz-se, as côres sombrias alegram-se, outros periodos chegam, outras lembranças occorrem, — e assistimos, então, no pleno renascimento, ao grande lavor dos artistas. De uma banda é Aldo Manucio, pondo em laboriosa tarefa os caracteres da imprensa, e de conjuncto com os Estienne e os Froben, espalhando pelo orbe o segredo das maravilhas antigas, tão mal guardadas nos palimpsestos seculares. Da outra são as amplas télas, a desdobrarem-se e a colorirem-se. Vêmos Giorgione e Ticiano, Paulo Veronez e Tintoreto, cada qual porfiando na lucta, esmaltando a palheta com as scintillações mais vividas, — prodigos de imaginação, exuberantes como os mananciaes fecundos.

E depois, — quando se desvanecem as recordações historicas, e a fantasia se nortêa por outros rumos, — como se ouve no ar a cantiga de um gondoleiro que passa, por noite, quando um raio de luar se espreguiça na onda, alastrando-se, como um feixe de espigas que se tivesse desatado!

Estes, os da gravura, transportam-nos aos dias da capa e espada, dos rebuços de velludo, e dos punhaes na cinta, — promptos a embeberem-se no collo. Estâmos na quadra romanesca, aventurosa, castellã, toda ella cheia de sensualidades e de ciladas. Ha a morte n'um beijo e o paraiso n'um rapto. Vive-se na commoção e no enthusiasmo. O natural é o imprevisto, o simples é o arriscado. Ser bella é o que cumpre, ser temerario é quanto basta. Estes dois attributos comprehendem-se e enlaçam-se.

Que tem o mais ou o que importa?... Não faltarão ao diante os tempos da prosa e do calculo. Não faltarão, com certeza. Estes ainda colheram em maio a flôr lasciva dos éstos, — flôr que enebria, — e que tantas vezes mata aos que bem lhe tomam o perfume subtil.

Tinham-se visto e amado, por um modo rapido, ao cruzarem as pupillas, n'uma certa manhã em que elle ía atravessando, com o seu chapéo graciosamente inclinado.

O amor, como as heras, tem corações a que se enrosca de preferencia. Gosta dos que se lhe entregam. Esses, na sua confiança, parece trazerem gravadas aquellas dôces palavras da Francesca di Rimini: — «*Amor ch'al cor gentil ratto s'apprende.*»

Tornaram-se a encontrar, no mesmo sitio, á mesma hora, e a timidez que de principio os envolvia foi-se diluindo pouco a pouco. Demoravam as vistas um no outro, — e surprehendiam-se com o riso nos labios.

Quem seria aquella mulher tão moça e tão formosa? — Vinte annos, — e vinte annos n'um corpo onde se estorciam as viboras da paixão ardente.

Quem seria a mysteriosa?

Affoitou-se a entrar no templo.

Ía ella a tomar agua benta. O cavalleiro adiantou-se, molhou a ponta dos dedos, e offereceu-os em guisa de hyssope. A dama tocou-os ao de leve, — mas não tanto, nem tão depressa, que alem do fresco da agua, não sentisse o calor de um beijo.

Como isto se passava em logar sagrado é de crer que os anjos afugentassem a culpa.

Os anjos!...

Eu sei lá o que elles fariam ou o que elles fizeram!... D'antes, se a tradição não mente, vinham tomar por suas mulheres as que d'entre as filhas dos homens se lhes mostravam mais esbeltas. E tanto assim foi, que os mesmos Santos Padres, — com serem padres e santos, — o que admira, — commentaram e explanaram este dizer, até o extremo de apurar em qual implicancia iria bater o conjugio de tão oppostas naturezas.

Fiquem-se, porém, os anjos, e tornemos aos homens. É cousa provada que um beijo desafoga.

A seductora perdoou a ousadia, e só teve bôca para balbuciar n'um suspiro:

— Deixe-me!

— Deixal-a, agora? — perdel-a quando a possuo?...

— Mas não sabe que é uma loucura...

— Será, mas é adoravel. Não se queira illudir a si, querida. Nós voamos um para outro como duas aves no

espaço. Não sei quem é, não o quero saber, advinho-o. É o brilho, é a graça, é a tentação, é a estrella para que a minha alma se volta, — Lucifer, porque me seduz, Venus, porque me deslumbra.

E com este aquecimento de phrase, o mancebo permitte-se um novo beijo, a que ella não responde com um *deixe-me,* porém que a faz estremecer, como um lyrio na haste.

Quem era, no fim de tudo?

Porventura uma condessa, uma inefavel condessa em cuja trança havia o estylete de oiro, e no seio todas as ardencias caprichosas. Tinham-n'a casado aos quinze annos, — na ante-manhã da existencia, — com um velho nobre e esforçado, que se batera contra Grimaldi ao lado do almirante Pisani.

A planta dos tropicos estiolava-se na aridez da sombra.

Aquelle homem que lhe apparecia, no florir da juventude, galhardo, audaz, com o fogo na palavra e no gesto, realisava-lhe por tal modo as aspirações do intimo, os seus devaneios mal contornados, mas irrequietos e latentes!...

Mesmo ao portal do palacio corriam as aguas. É tão silencioso o fender das gondolas, e o castellão dorme tão descuidoso no seu leito heraldico!...

Amanhã, depois, n'uma noite breve, quando fôr o transmontar da lua, — um passeio no canal, que tem isso?... Demais, as brisas são confidentes.

Assim foi, ó castas estrellas, como diz o mouro da tragedia.

— *Psiu!*... faz ella ao entrar para o batel, temendo o acordar de algum pagem.

É este o momento em que se entrevê a Deus por um rasgão da abobada. Felizes dos que o tem visto cá da terra!

D'aqui a pouco estarão sentados juntos, na pôpa, sob os cortinados franzidos, ouvindo de alguma outra barca, — tambem ninho de amor como aquella, — uma voz que vae cantando mansinho:

—Escan sinceri e liberi
I tuoi sospir dal core:
Quegli occhi i miei ricerchino,
E in lor gli arresti amore. —

Os dois apertam mais as mãos, estremecendo.

A voz continua, languida e amoravel, e elles parece irem-lhe apoz, desprendidos de tudo. Circumda-os a embriaguez celestial; subjuga-os o torpor divino.

A gondola vae correndo, correndo, e com ella os instantes. Ao volverem a si, junto ao portal da morada, repara a dama que se deixou adormecer, ou pouco menos, — sobre o hombro do cavalleiro, — e que elle lhe vae a brincar com os anneis do cabello, que se desennastrou por acaso.

— Quando nos tornarêmos a vêr?...

— *Psiu!* volve ella ao entrar como ao sair, — e recolhe-se sobresaltada.

Eu não sei se a gondola atracou muita vez áquelles degraus marmoreos; mas se as aguas fallassem contar-nos-hiam porque é que tantas noites, e ali perto, as recortava um sulco de espuma...

E. A. VIDAL.

O MENUETE

Ao dr. Thomaz de Carvalho

I

É espaçoso o salão; jarras a cada canto;
Admira-se o lavôr do tecto de páo santo.

II

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias;
Um enorme sophá; largas tapeçarias.

III

O purpureo tapete aos olhos nos revella
Saltando nos juncáes um tigre de Benguella.

IV

Retratos em redor; olhemos o primeiro:
No Tóro as mãos de Affonso o armaram cavalleiro.

V

Era arcebispo aquelle; esta foi açafata:
Que frescura sensual nos labios de escarlata!

VI

Olhos revendo o azul que sobre a Italia assoma:
Em finos caracoes a crespa e loira côma.

VII

Collo robusto e nú: cabeça triumphante;
Dizem que um certo rei... passemos adiante.

VIII

Este, que vês, morreu n'um africano areal
Por vingança cruel do aspero Pombal.

IX

D'esse olhar na expressão infinda e inenarravel
Desabrocha uma dôr profunda e inconsolavel.

X

Defronte uma donzella, o rosto meigo e afflicto,
N'um extasis adora o pallido proscripto.

XI

O teu sonho nupcial, franzina morgadinha,
Tão breve se desfez, ó misera e mesquinha!

XII

No burel escondeste o viço e a formosura,
E desmaiaste, flôr, no chão de uma clausura!

XIII

Repara nos desdens do fôfo conselheiro,
Que sorridente aspira a flôr de um jasmineiro!

XIV

Em canones doutor: no paço foi bemquisto;
Orna-lhe o peito a cruz de um habito de Christo.

XV

Esse outro, combatendo ás portas de Bayona
Como um bravo, alcançou a rútila dragona.

XVI

Vibra flammas do olhar: cabeça erecta e audaz;
Enobrece-lhe o rosto a gloria de um gilvaz.

XVII

Assistimos, ao vêl-o, ás pugnas carniceiras,
E ouvimos o clangôr das musicas guerreiras.

XVIII

No antiquissimo espelho, á sombra das cortinas,
Reflecte-se o primôr de argenteas serpentinas.

XIX

Sob o espelho se aninha um cravo marchetado,
Mimo outrora da casa, e prenda de um noivado.

XX

Á esquerda um cofre encerra em amoravel ninho
Antiga partitura em velho pergaminho.

XXI

Uma noite estendi a musica na estante,
E o cravo suspirou! N'aquelle mesmo instante

XXII

Da ebúrnea pallidez doentia do téclado
Merencorio evolou-se o arôma do passado.

XXIII

E vi descer do quadro a languida açafata,
Que, ao discreto pallôr das lampadas de prata

XXIV

A fimbria alevantando azul do seu vestido,
O rosto acerejado, o gesto commovido,
A sorrir deslisou graciosa no tapete
Dançando airosamente o airoso menuete.

Coimbra. G. CRESPO.

A QUE VENDE FRUCTA—A QUE VENDE PEIXE

NA sociedade, — isto é: entre aquella parte menos numerosa do genero humano que por effeito de certos gastos de mobilia e de *toilette* se chama a si mesma a sociedade, — milhares de influencias especiaes tornam as mulheres differentes.

Em vão alguns philosophos imaginam conhecer a mulher: as noções geraes a que se procura submetter a especie padecem tantas excepções quantos os individuos que constituem a materia observavel.

Ha a educação, a convivencia, o meio, a tradição, o regimen particular de cada uma.

Estão separadas por um abysmo estas duas mulheres: a que tem uma mãe alta, grave, recta, com dois bandós de cabellos brancos e um vestido preto, e a que tem uma mãe pequena e gorda, roliça, com buço, envesgando ligeiramente um olho, transpirando, caminhando com os calcanhares muito separados um do outro, bambaleando-se, como caminham, não só os patos, mas em geral todos os bipedes cujo apparelho locomotor é compromettido pela desproporção entre a exiguidade das pernas e o pezado volume do ventre.

Fazem uma differença infinita a mulher que foi creada n'um salão onde ha uma grande mesa em volta da qual se senta á noite a familia para lêr, para bordar, para desenhar, para acabar uma costura, para organisar um herbario, para classificar uma concha, e a que foi creada em um salão onde não ha mesa e no qual os sedentarios e os lyricos desenferrujam o coração e as pernas rendendo finezas ás meninas e dançando com ellas a polka.

Pertencem a hemispherios moraes inteiramente diversos a que frequenta a *Deusa dos mares* e a que a não frequenta; a que usa no cabello oleo de lucia-lima e a que o não usa; a que toma banhos de agua fria e a que toma banhos de agua morna; a que leu Dickens e Michelet e a que leu Ponson du Terrail e Eugenio Sue; a que traz uma trocha de ovos no estomago e a que traz no estomago uma fatia de roast-beef; a que calça os seus pés dentro de uns sapatos e a que os calça n'um apparelho orthopedico, impudentemente chamado uma botina, com saltos da altura e da configuração das barretinas dos lanceiros; a que tem a fortuna de poder conversar meia hora por dia com um homem instruido e honrado e a que escuta pelo mesmo espaço de tempo um cobarde ou um tolo.

Fóra do que se chama a sociedade, desapparecem todas estas modificações especiaes impostas pelos habitos, pelos costumes, pelos innumeros accidentes do methodo e do acaso, que constituem a educação e prefixam o destino.

Presiste porém, em todas as condições da vida em que se ache a mulher, uma fatalidade suprema que se apodera d'ella, que envolve todo o seu ser, que determina toda a sua existencia.

É a fatalidade da linha.

Aqui estão dois typos de mulher, tomados ao acaso, na mesma região, na mesma condição social, com a mesma idade, com a mesma educação, com os mesmos principios: duas raparigas do povo, na Italia meridional, na margem dos golfos, em Sorrento ou em Almafi. Uma vende fructa, a outra vende peixe. Entre essas duas mulheres, uma unica differença: a linha. Pois bem: essa differença basta para fazer de cada uma d'ellas um destino especial, quasi um destino opposto.

Encontraram-se no mesmo dia, a uma certa hora, n'um certo mercado. Um viajante que passa levando debaixo do braço o seu album e os seus carvões, detem-as por um momento, paga-lhes um franco, e retrata-as como um apontamento, entre um canto de paizagem, uma ruina cesarea, um portico bysantino ou uma janella gothica.

Talvez que nunca mais ellas tornem a encontrar-se juntas no mundo.

As suas physionomias, o sentimento dos seus olhos, a expressão das suas bôcas, o contorno dos seus hombros, a curva do seu peito, a configuração das suas espaduas, a sua maneira de andar revelada pelas attitudes das suas cabeças, tudo isto — meros caprichos da linha que determina a figura humana e enforma a carne da mulher, *a ideal argilla* — tudo isto nos está dizendo que para cada uma d'essas raparigas ha na existencia um norte e um rumo diverso.

Uma tem a tranquillidade risonha das cousas simples e castas. Na outra ha como um fremito invisivel, uma palpitação mysteriosa, o vago prenuncio latente do perigo, a indefinida predisposição da aventura.

Aquella venderá o seu pescado, e recolherá serenamente para a sua cabana á beira do mar, ajudará seu pae a concertar a rede, fará a sopa aos irmãos, e adormecerá tranquilla ao dôce murmurio benefico do seu austero visinho, o mar.

Esta sentirá mais depressa o desalento, a preguiça, a contemplação, a *morbideza,* a vaga saudade, a tristeza indefinida; e os pomares terão para ella aquelles rumores mysteriosos e plangentes que no meio das arvores nos obrigam a parar, a escutar, a olhar para traz, como se alguem na solidão nos chamasse ou nos seguisse.



A que vende fructa

Nenhuma d'ellas mordeu ainda o fructo prohibido; mas uma parece ignorar inteiramente que elle existe; da ou-

tra diriamos que sabe já pela revelação hereditaria o gosto que elle tem.

Para uma a tentação ou terá a fórma bestial que torna instinctiva a defesa, ou terá a fórma simples dos affectos



A que vende peixe

O tentador não hesitaria um momento sobre a qual d'ellas ha de primeiro offerecer o pomo do mal.

verdadeiros em que desapparece o perigo.

Para a outra a tentação terá todas as fórmas. Satanaz,

conversará baixinho com ella debaixo de todos os disfarces. Sob a figura do fio de contas que lhe cinge o pescoço, o inimigo dir-lhe-ha: «O teu seio é bello, transparente, como o de uma madona de alabastro dentro da qual se accendesse uma lampada côr de rosa... Os primeiros cabellos curtos, finos, annelados, que nascem junto do teu pescoço, quando o sol os toca espelham-se na tua pelle, dão-lhe a côr do ambar e as tuas espadoas parecem então encerrar um ninho de luz esfiada, quente, de um perfume penetrante e embriagador...» Os brincos dir-lhe-hão: «Como a polpa da tua orelha pequenina e eburnea é espessa, dura e rosada! São assim, como a tua, as orelhas das duquezas sensuaes que amam as finas ceias, as ostras, os vinhos capitosos e a walsa no hombro de intrepidos mosqueteiros de olhos negros e bigodes rispidos.» Os seus pecegos, as suas maçãs, as suas peras dir-lhe-hão quando ella os morder: «Vê o vestigio que deixa a tua bôca!» E ella sorrirá olhando para as marcas iguaes e miudas gravadas pelos seus dentes, como a fôrma de um pequeno collar, na casca dos fructos. O luar das noites calmas, entrando no quarto d'ella e recortando no chão em grossos contornos duros, negros, phantasticos, as folhas da trapeira que lhe cerca a janella, banhará a sua nudez juvenil nas calidas exhalações balsamicas da flôr dos pecegueiros, e dirá ao seu lindo corpo magnetisado as cousas allucinadas, mysteriosas, profundas, que a lua communica ao temperamento das virgens scismadoras que a contemplam.

Qual d'essas raparigas é a mais feliz?

A menos bella. A modestia da sua candida figura infeliz mas resignada guardal-a-ha pura na sua familia e na sua pobreza. Os maus desejos, as tentações perigosas não a envolverão como a atmosphera electrica em que se cria a tempestade. As insomnias nevralgicas, as devoradoras curiosidades de ignotos paraizos, os pallidos desfallecimentos, as febris esperanças violentas, as corrossivas e dilacerantes desillusões não lhe descorarão os beiços, nem lhe cavarão as faces com as sinistras manchas lividas de que morrem as gentis ephemeras. Ella acabará suavemente o seu destino obscuro e honesto; e quando a levarem para a sepultura, quando a viração que enfunava a pequena véla da sua bateira fizer oscillar o panno funerario do seu esquife por cima das papoulas e dos trigos no caminho do cemiterio da aldeia, os velhos tirarão os seus chapéos e dirão com as lagrimas nos olhos ás suas netas: «Aprendei no exemplo d'aquella a ser trabalhadoras, obedientes e boas.»

A outra, bonita de mais para ficar na estreita aldeia em que nasceu, irá para Veneza com um artista que a tomará successivamente para modelo de uma virgem com o *bambino,* de uma cortezã do baixo imperio, de uma bacante; ou irá para Florença com um tenente de guias, ou para Roma com um monsegnor da curia, joven, de faces feminis, cabellos ánellados, meias de seda encarnadas e batina de setim castellada com uma condecoração de diamantes. E acabará talvez pelo suicidio ou pelo hospital: nas aguas de um lago ou n'um theatro anatomico. O derradeiro segredo da tristeza da sua alma ou da podridão do seu corpo sabel-o-hão os bisturis dos estudantes na escola de medicina ou os genios aquaticos que narram as legendas melancolicas de Ophelia e de Gizella nas grutas habitadas pelas ondinas debaixo dos nenufares.

Pobres raparigas! olhando para vós lembra-me uma oração hebraica, em que se diz: «Abençoado sejas tu, ó meu Deus, porque me não fizeste mulher!» Sim, se não fosse do vosso destino que eternamente depende no coração do homem a sua fortuna ou a sua miseria!

RAMALHO ORTIGÃO.

BRIOS DE ADOLESCENTE

(Episodios da vida de Nuno Alvares Pereira)

II

(Conclusão)



Um mez depois, Nuno Alvares Pereira acompanhava seu irmão mais velho, no meado fronteiro de Lisboa, na defeza da capital do reino contra uma esquadra castelhana que entrára no Tejo. A tarefa sorria pouco ao intrepido adolescente, que não podia senão escaramuçar com os tripulantes que desembarcavam, e entre os quaes nunca vinha um cavalleiro, com quem se pudesse decentemente quebrar uma lança em combate leal. Ora, ao mesmo tempo, no Alemtejo portuguezes e inglezes preparavam-se para a luta aberta, e era natural que ali se tivessem de trocar vigorosas lançadas e rijos botes de montante.

Um dia que Nuno Alvares, encostado tristemente á janella das casas em que seu irmão poisava, contemplava as aguas do Tejo, e via balouçarem-se mollemente as galés castelhanas fóra do alcance dos virotes dos bésteiros da cidade, sentiu de subito um galope de cavallo na rua. Logo depois o cavallo parou, e um rumor de passos pesados na escada annunciou que o cavalleiro se apeára á porta da casa do fronteiro de Lisboa. Nuno Alvares voltou-se a tempo de ver entrar um escudeiro de seu irmão, que este mandára tempos antes com uns despachos a el-rei D. Fernando.

—Por aqui, Gil Vasques? disse Nuno. Que novas temos?

—Batalha, senhor, batalha! respondeu o escudeiro, que era moço e ardente.

—Travou-se já? perguntou Nuno com desespero. Fomos vencedores ou vencidos?

—Senhor, as hostes estão em presença. Espera-se peleja de um instante para o outro, mas ainda se não trocaram os primeiros tiros de bésta; e agora permitti-me que leve as novas de el-rei e da hoste a vosso senhor irmão.

—Ide, ide, que eu já vos sigo.

Emquanto o escudeiro entrava nos aposentos de D. Pedro Alvares, Nuno passeava agitado entre a janella e a porta.

—Não póde ser, dizia elle, não posso estar aqui em vergonhoso lazer, emquanto os meus irmãos de armas praticam altas façanhas de cavallaria. Meu irmão não ha de querer que me deshonre.

Ainda algum tempo hesitou, mas a final decidiu-se e entrou na sala, onde seu irmão, sentado n'uma cadeira de espaldar lavrado, decifrava com algum custo um pergaminho que recebêra.

—Novas da hoste, senhor? perguntou Nuno Alvares.

—Sim, parece que a final sempre haverá batalha.

—E esse pergaminho naturalmente chama-nos para o lado de sua real senhoria? perguntou D. Nuno, sentindo o coração bater-lhe com mais força.

D. Pedro olhou espantado para seu irmão.

—A nós! e quem havia de defender contra as galés castelhanas esta boa cidade de Lisboa?

—Senhor, bem sabeis vós que bastam os bésteiros do conto para manter a boa distancia esses reféces dos navios, e, se elles desembarcassem, os mesteiraes da cidade, sem mais armas que as ferramentas de seus officios, os fariam voltar ao Tejo.

—Não póde ser, tornou seccamente D. Pedro, e deixa-me, que tenho de vêr pausadamente as ordens que de el-rei recebi.

Nuno Alvares Pereira sentiu passar-lhe pelas faces a chamma fugitiva da indignação.

—Senhor, disse elle com voz, em que, através do respeito devido a seu irmão primogenito, se sentia já transparecer a colera, senhor, por determinado haveis vós todavia não partir d'aqui para ser com el-rei em batalha? Por mercê—e nos olhos fuzilavam-lhe relampagos—por mercê, declarae-me sobre isto a vossa vontade.

D. Pedro desatou a rir.

—Irmão, disse elle, bem vêdes que eu não posso ahi al fazer, senão cumprir o que el-rei meu senhor me ordena, e, fazendo o contrario, não m'o contariam por serviço, mas espero em Deus, continuou D. Pedro Alvares, que elle será o vencedor da batalha, e a nós nos encaminhará com as gentes d'essa frota que o serviremos de tão bom serviço como lhe podiamos lá fazer.

E, vendo que Nuno, com os olhos baixos, o modo torvo e sombrio, com o labio desdenhoso, o escutava sem convicção, continuou, com voz em que transluzia o affecto fraternal, e o jubilo de vêr tão levantados brios no joven Nuno.

E porém, meu irmão, a vós não seja isto empacho, e por isso não vos amargureis.

As frazes de seu irmão não consolaram todavia o altivo mancebo, e apenas conseguiram impedir a explosão da sua colera. Fazendo um esforço sobre si mesmo para responder com moderação, Nuno tornou:

—Senhor irmão, a mim me parecia que todas as coisas vós havieis de deixar esquecer para todavia ser na batalha com vosso senhor el-rei, de que vosso pai e vós, e toda a vossa linhagem, tantas mercês haveis recebido d'elle e de seus avoengos. Mas emfim vós al cuidaes, e eu por vezes tenho ouvido dizer a alguns que melhor é a obediencia que o sacrificio. Parece-me pois que é bom o sêrdes-lhe obediente e cumprirdes o seu mandado; mas, senhor irmão, eu entendo que n'esta frontaria, onde ha tantos bons como os que aqui estão, eu hei de fazer pequena mingua. E demais, porque me parece tambem que eu faria a maior maldade do mundo se n'essa batalha não fosse, vos peço por mercê que me deis logar para ser n'ella, e eu deixarei aqui todos os meus, que não quero levar senão cinco ou seis companheiros com as nossas armas.

A insistencia de Nuno principiava a irritar seu irmão. O sangue dos Alvares Pereiras começou-lhe tambem a referver nas veias, e, levantando-se, bradou assomado:

—Basta! não vos darei logar para tal, e como vosso chefe e vosso irmão primogenito vos requeiro e vos mando que em tal cousa não trabalheis.

Um repellão de colera inflammou o rosto de Nuno. Quiz fallar; as palavras embargaram-se-lhe na garganta, e a sua mão apertou convulsa o punho da espada. Mas tornou em si, e, sem dizer palavra, saíu do aposento.

Horas depois, quando já ía alta a noite, Nuno Alvares, á luz de um archote mettido uma argola de ferro chumbada na parede da sua camara, vestia a toda a pressa as armas, e parecia preparar-se para longa jornada.

N'isto entrou o seu escudeiro, e nosso já conhecido Fernão Pelote, que ficou estupefacto de vêr os preparativos de seu amo.

—O que é isso, senhor? Pois ides sempre partir?!

—Como vês, Lançarote.

—Apesar das ordens de vosso senhor irmão? tornou o pobre escudeiro, por tal fórma atrapalhado, que nem se lembrou de protestar contra o cognome cavalheiresco.

—Apesar das ordens de meu senhor irmão, respondeu Nuno tranquillamente.

—É uma loucura, senhor meu; olhae que ouvi ainda agora o senhor D. Pedro Alvares ordenar que se reforçassem as guardas das portas, e que se recusasse absolutamente a saida da cidade a toda e qualquer pessoa.

—Bem! passaremos por cima das guardas das portas!

—Mas, senhor...

Nuno Alvares acabava de cingir a espada.

—Boas noites, Lançarote, disse elle.

—O que! pois ides sem mim? exclamou o fiel escudeiro.

Nuno olhou para elle, enternecido.

—Não quero cumplices na desobediencia, Fernão Pelote.

E, abraçando-o estreitamente, saíu da camara.

O escudeiro esteve alguns momentos indeciso.

—Que leve o diabo as ordens! exclamou emfim; lá o filho querido do meu senhor D. Alvaro é que eu não desamparo por caso algum.

Desceu as escadas; quando porém pôde chegar á rua e montar a cavallo, já só ouviu ao longe nas ruas desertas o tropear do ginete de Nuno.

Esporeou o corcel, e partiu a galope.

Entretanto Nuno chegava á porta de S. Vicente. Os guardas, estremunhados, bradaram:

—Quem vem ahi?

—Nuno Alvares Pereira, que vae militar na hoste do senhor rei D. Fernando.

—Perdoae, senhor! acudiu o homem de armas que commandava a guarda, vosso irmão deu ordens positivas para que vos não deixassemos saír.

—Mas eu trago aqui ordens contrarias.

—Quaes, senhor? tornou o homem de armas desconfiado.

—Estas, respondeu o bravo adolescente, e, assentando-lhe uma formidavel pranchada, partiu a galope.

—Sus! sus! a elle! exclamou o commandante, ao caír atordoado.

Os seus companheiros enristaram os piques, mas um redemoinho da rija espada do futuro condestavel abriu facilmente um claro em torno de si.

Ao longe Fernão Pelote fazia gestos desesperados e bradava:

—Tende-vos, senhor! tende-vos! Respeitae as ordens do fronteiro de el-rei.

Qual historia! Nuno galopava a bom galopar.

—Não se passa! exclamaram os homens de armas furiosos, quando Fernão Pelote chegou á porta da cidade.

—Tende paciencia, meus bons amigos... é uma desgraça, mas hei de passar!

—Com mil Belzebuths! Nós veremos!

Enristaram de novo os piques.

Mas Fernão Pelote não se intimidava assim. A sua espada tambem era de rija tempera. Bote aqui, bote alem, abriu caminho, bradando sempre, emquanto amolgava capacetes e ía sovando os guardas:

—Meus bons amigos, tendes carradas de razão! Que

desgraça! Desobedecer assim ás ordens do fronteiro de el-rei! de seu irmão! de meu senhor, D. Pedro Alvares.

E o mais comico era que o bom do escudeiro não dizia estas phrazes ironicamente, proferia-as com uma convicção profunda e uns ares lamentaveis, que tornavam mais curioso o contraste entre a theoria e a pratica.

Passou emfim, e, dizendo mal á sua vida, lá foi ter com seu amo, que o esperava, rindo a bom rir da sua singular aventura.

Foi inutil a resolução intrepida de Nuno Alvares, e a forçada bravura do seu escudeiro. Não houve a batalha annunciada. D. Fernando não era da tempera de Nuno.

Era assim porém que se manifestavam na adolescencia os brios do futuro vencedor de Atoleiros, de Valverde e de Aljubarrota.

PINHEIRO CHAGAS.

A JOGATINA

COMO elles estão attentos e solicitos na consulta do livro das quarenta folhas! O caso é intrincado, e a parceira julga-o de difficil solução; medita e calcula; tem o espirito preso n'aquellas delgadas folhas de cartão que segura entre os dedos. Vae decidir-se o lance culminante; o adversario fulmina-a com a serenidade imperturbavel, com que mostra a carta que vae jogar. Aquella carta é a affirmativa de uma superioridade, que debalde tentam disputar-lhe. Elle é cauteloso e frio, não se apaixona; conchega o jogo ao peito para que lh'o não devassem olhos curiosos, e concerta de tal modo a physionomia que ninguem lhe descobrira nas linhas do rosto indicio revelador dos lances que leva calculados, nem do valor das cartas que tem na mão. Ella é impressionavel, como o costuma ser o bello sexo; a puxada do parceiro conturbou-lhe o espirito; chamou em seu auxilio todos os esforços da attenção e do calculo; a sua intelligencia não elabora outra idéa que não seja passar em rapida revista todas as probabilidades que d'aquelle lance podem derivar. A sorte da partida está pendente da agudeza do seu animo n'aquelle ponto difficil. A carta que puxar decidirá porventura do ganho ou da perda da mão; será a victoria ou a derrota, a alegria ou o desespero, o prazer de humilhar o parceiro ou o desgosto de o soffrer insolente no seu triumpho. Entre os seus olhos e as cartas ha uma corrente electrica, que se transmitte ao cerebro; tremem-lhe os dedos, sente-se mal á vontade na cadeira, está em posição contrafeita, procura ponto de apoio ao corpo, fincando o cotovello na mesa, e tem as cartas em desalinho. O confronto d'esta figura com a do seu parceiro offerece um contraste admiravel, e não é difficil inferir d'elle para que lado pende a victoria.

Outra figura completa o grupo, e que não é menos significativa do que a dos dois jogadores. Declara-se alliado do partido feminino contra o masculino; até suspendeu as variações de violeta, com que talvez estava arripiando os nervos acusticos dos dois, para se interessar exclusivamente pela solução do lance do modo mais proveitoso á parceira! Mas o *mirone* chama em auxilio da causa que esposa, não tanto a sua perspicacia ou a sua pericia no jogo, como uma certa audacia perscrutadora, maliciosa e nem sempre leal, com que procura conhecer o jogo do adversario. O seu olhar parece um anzol lançado a pescar o pensamento do contrario atravez da mascara imperturbavel em que elle se lhe esconde.

Diante d'este escudo de serenidade glacial, caem inertes todos os esforços d'aquelle olhar, penetrante como uma seta. O officioso conselheiro aponta ao acaso para uma carta, não perdendo até ao derradeiro momento a esperança de traduzir nas linhas do rosto do parceiro o segredo que pretende desvendar.

A luz de uma véla illumina a scena, e projecta o seu pallido clarão sobre o rosto dos tres personagens do grupo. Ao fundo do aposento reina a penumbra; a luz concentra-se toda n'este grupo, que em eloquente mudez exprime variadissimos sentimentos.

Ha vida e animação n'esta scena; vida no olhar, vida no coração, vida no cerebro dos tres actores d'ella. É esse o infernal condão do jogo; pensamentos e affectos tudo se concentra inexoravelmente no limite estreito da mesa, sobre que as cartas, frias e fataes como o acaso que as impelle, vem dizer a cada um a sua sentença.

Que importam deveres? que importam obrigações? que importam cuidados?

O livro das quarenta folhas chama a attenção, prende-a com um magnetismo irresistivel; fóra do ambito limitado, onde se estende o raio da sua esphera de attracção, ha para o jogador o vacuo, o nada. No mundo não existe senão elle e o seu adversario ligados por um traço, não sabemos bem se de união se de desunião, chamado baralho. Esta concentração é a monomania preparada por meios artificiaes; por isso os jogadores perdem a alegria, a expansão de alma, o estimulo dos affectos, o doce prazer da convivencia, da communicabilidade, do caprichoso adejar do pensamento sobre mil assumptos differentes, são taciturnos e merencorios como verdadeiros monomaniacos; têem a alma fechada aos sentimentos nobres, ás affeições elevadas; para elle ha só uma idéa fixa — o jogo! Que importa que a honra periclite, se vae decidir-se um lance importante? Que importa que a esposa tranzida de frio os aguarde, por alta noite, em tugurio humilde e sem conforto, se elles aguardam tambem a dama sempre requestada e tantas vezes esquiva, chamada fortuna? Que importa que os filhos gemam nas angustias da fome, quando o lar está apagado e sob o tecto domestico não existe uma fatia de pão sequer? Não lhes devora a elles tambem as entranhas, com a sua garra cruel, a fome insaciavel da ambição? Abre-se-lhes a porta do crime, da infamia, da devassidão, do inferno? Embora! o inferno tem elles na alma, onde só moram as negras ou vermelhas imagens dos naipes, das figuras, das pintas de todas aquellas quarenta cartas do baralho, que tantas vezes lhes tem passado por debaixo dos olhos como phantasmas inexoraveis! Oh! se nas profundezas do inferno ha tambem o costume de erguer monumentos aos benemeritos de lá, que rica e sumptuosa estatua se não terá levantado no *boulevard* mais elegante dos que banham as margens do Cocyto ao inventor das cartas.

Mas Gerard Dow, o celebre discipulo de Rembrandt, creando o seu primoroso quadro, que hoje reproduz a nossa estampa, não cogitou de certo nos abysmos que o jogo cava aos pés d'aquelles que lhe entregam a alma e o coração, e só pensou em produzir uma scena cheia de verdade e de primor, em que, para desviar idéas de ambição desmedida, nem sequer figura dinheiro.

Não diremos que os dois parceiros estejam jogando a *padre nossos*, como é de uso dizer, porque não podemos afiançar muito a sua orthodoxia religiosa, se é que o *padre nosso* mesmo se não torna criminoso, quando é fructo



G. DOW p.t W. FRENCH sc.

A JOGATINA.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

do vicio abominavel do jogo. Deixamos a solução d'este ponto aos casuistas; que nós estamos agora attentos tambem, como os tres personagens do nosso quadro, á solução da partida, que ao cabo de contas não decide nada, senão a gloria vã de ganhar ou perder, sem que cousa alguma se ganhe ou se perca. É que a jogatina tem encantos ainda mesmo a brincar; e os caturras, meditando profundamente n'uma partida de bisca ou de tres setes,—que não é muito averiguado se em Leyde, patria do auctor, e a que provavelmente elle referiu o seu quadro, eram acaso usados estes profundos e difficilimos jogos,—não estão menos enthusiasmados, menos encarniçados na luta de vasas do que se se discutisse entre elles, no mais tolo dos contratos, a posse dos haveres de Cresso!

O celebre pintor, que tinha a extravagancia de fazer pagar os seus quadros por preço proporcional ás horas que na sua execução dispendia, computando cada hora de trabalho, muito conscienciosamente, em 20 soldos, o que não era de certo exagerado, não quiz que o dinheiro interviesse a dar o tom ferino da ambição aos seus personagens, que são apenas uns caturras, parecendo até que aquelle que não joga é um *calixto,* que com os pés frios está sendo a causa do mau jogo que a dama tem na mão! Antes elle fôsse tocar violoncello e deixasse jogar quem joga!

Basta contemplar este quadro para formar idéa da indole artistica de Dow, o pintor minucioso e escrupuloso, que não esquecia um ponto n'um tapete, ainda que fôsse destinado a estar na sombra, e cujo trabalho era tão fino que muitas vezes se torna necessario o auxilio de uma lente para apreciar as minuciosidades dos seus quadros, onde, apezar d'isto, se encontra notavel expressão nas figuras, facilidade de toques no colorido, effeitos de luz admiraveis, rigorosa verdade, e emfim vigor alliado á frescura.

Dos quadros, que nos restam d'este notavel allemão, os principaes são: *A mulher hydropica,* vendido ao rei da Sardenha por 30:000 escudos; *Uma velha lendo a biblia e o marido ouvindo-a respeitosamente; Um velho aparando uma penna,* que no primeiro numero d'este jornal foi reproduzido sob o titulo do *Mestre de escripta; O dentista,* que brevemente terá aqui o seu logar; e *Uma velha a brincar com o seu gato...* É uma velhada incrivel! Pois não é que o auctor fôsse velho, porquanto, se não mentem as informações que temos por fidedignas nasceu em 1618 e morreu... quando Deus foi servido chamal-o á sua presença, que uns dizem ter sido em 1680, outros em 1666, e nós não vamos decidir tão grave assumpto, que importa, nada mais nem nada menos do que dar-lhe ou tirar-lhe dezoito annos de vida. Mas o caso é que, morresse lá quando morresse, ficou immortal nas suas obras, deixando ainda o seu nome ligado ao celebre invento de reduzir os quadros a proporções menores, por meio de uma rede de fios de seda cruzando em quadrados, a qual posta a distancia conveniente em frente do original, facilitava o transporte de cada uma das partes comprehendida em cada quadrado para um outro quadrado feito a traço no papel ou téla onde se fazia a reproducção!

Gerard Dow, que os leitores das *Artes e Letras* conhecem pessoalmente pelo retrato publicado no numero de setembro e que é reproducção de um primoroso quadro d'elle mesmo, Gerard Dow, que era extravagante nas extraordinarias precauções que tomava para que a poeira lhe não estragasse as tintas, teve tambem a extravagancia de deixar a parceira do seu quadro indecisa, atravez seculos, sobre a carta que devia jogar.

Não temos tempo para esperar que ella tome uma solução; a véla vae-se gastando... e a paciencia tambem, por isso vamos deixar em paz a jogatina.

CHRISTOVAM DE SÁ.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)

O que é certo porém é que aos treze annos encontrâmos Sequeira matriculado na aula regia de desenho fundada por D. Maria I em 23 de agosto de 1781. Era esta aula um dos primeiros ensaios tentados em Portugal para organisar o ensino publico e gratuito do desenho. Fôra precedida em 1780 por uma academia do nú que Cyrillo V. Machado, Joaquim M. da Rocha, Carneiro da Silva e o illustre Machado de Castro crearam com o fim principal de poderem facilmente continuar em Lisboa os seus estudos pelo modelo vivo[1].

No anno seguinte o intendente de policia Pina Manique «cujos demeritos de togado ficaram em parte compensados pelo muito que se empenhou em promover a beneficencia, a industria, a educação[2]», poderiamos ainda dizer a arte, fundou na Casa Pia, que então estava no Castello, uma aula de desenho e restaurou em sua casa a academia do nú que não passára de uma tentativa, mallograda por motivos que não vem a proposito aqui referir, mas que são extensamente narrados por Cyrillo no logar indicado na nota.

Na aula regia foi Sequeira discipulo de J. M. da Rocha, primeiro professor da cadeira[3]. Existe na academia real de bellas artes o livro da matricula, onde a folhas 3 se lê o assento de Domingos Antonio do Espirito Santo, matriculado a 2 de dezembro de 1781.

Rocha, primeiro professor de Sequeira, foi pintor mediocre. Era enthusiasta admirador de Vieira Lusitano; existem ainda em muitas collecções grande numero de desenhos, copiados por elle dos originaes do grande artista, cujo estylo e technica imita por vezes de fórma tal que não é facil differençar as reproducções dos modelos. Nos seus proprios quadros revela-se compositor mediocre, mas correcto desenhador, e seguindo em tudo a escola então dominante. Executou obras em quasi todos os generos, desde quadros sacros e de grandes dimensões para igrejas, até pinturas de buzios e conchas. Desenhava bem o nú, diz Taborda[4]. É natural que devesse a nomeação de professor da nova aula, mais á sua idade, e á seriedade do seu caracter de artista que á excellencia das suas obras, apezar do muito apreço em que eram tidas pelos seus contemporaneos. Era extremamente zeloso no cumprimento dos seus deveres de professor, muito dedicado a seus discipulos, que todos o respeitavam e estimavam. Se por um lado o seu methodo de ensino estava eivado

[1] Silvestre Ribeiro.—*Historia dos estabelecimentos scientificos, etc.,* vol. II, pag. 24.
Cyrillo V. Machado.—*Collecção de Memorias,* parte 1.ª, pag. 22 e 31.

[2] Latino Coelho.—*Historia politica e militar de Portugal desde os fins do seculo* XVIII, vol. I, pag. 340.

[3] Cyrillo.—*Ob. cit.,* pag. 117, 149 e 284.
Taborda.—*Regras, etc.,* pag. 236.

[4] Taborda.—*Ob. cit.,* pag. 236.

de vicios a que se não furtavam n'aquella época artistas de plana mui superior, é certo que por outro lado recommendando e inculcando o estudo do natural, não arrastava cégamente para o seu estylo os estudantes cujos primeiros passos fôra chamado a encaminhar. Basta para sua gloria haver sido mestre de Vieira Portuense[1] e de Sequeira, e é innegavel que este lhe deveu sobretudo o respeito e amor que toda a vida professou pelo natural, o mestre dos mestres no dizer de Toppfer.

Sequeira estudou cinco annos desenho n'aquella aula, sendo varias vezes premiado, como affirma Cyrillo. Desejei examinar os papeis do archivo da aula para descobrir alguma informação ácerca d'estes annos da vida do nosso artista, mas não os encontrando na academia de bellas artes de Lisboa nem no archivo da mesa da consciencia, existente na Torre do Tombo, nem no do ministerio do reino, faltou-me tempo para mais largas investigações.

Terminado o curso de desenho passou a estudar pintura com Francisco José da Rocha, vulgarmente conhecido pelo nome de Francisco de Setubal, e que não deve confundir-se com seu contemporaneo o morgado de Setubal, José Antonio Benedicto de Barros. Não é de crer que Sequeira lucrasse muito com as lições de Francisco José, artista de genio extravagante, como diz Cyrillo, e cujo extraordinario orgulho e rematadas originalidades só pódem explicar-se, por um desarranjo nas faculdades mentaes. Como pintor era mais que mediocre e como professor de certo incompetente. Algumas obras que d'elle subsistem não o deixam classificar d'outro modo. Não pude encontrar razão plausivel para a escolha que d'elle fez Sequeira ou quem o guiava. Nem o talento nem o caracter de F. José o tornávam recommendavel. Talvez fosse n'aquella época pintor da moda, como Cyrillo inculca. Tinha muito que fazer, e para aviar todas as encommendas carecia de empregar seus discipulos que assim iam costumando-se a imital-o servilmente. Parece que Sequeira o auxiliou em alguns trabalhos, entre outros na pintura de uns pannos que, segundo o costume então usado, o rico negociante de sola, João Ferreira, encommendára para adorno de um gabinete no seu palacio[2], situado no Chiado. Este predio é hoje propriedade de uma sobrinha do abastado e esclarecido mercador, casada com o sr. D. Francisco d'Assis d'Almeida, e está ali estabelecido o grande hotel do Matta. Os tectos de algumas salas subsistem ainda, e affirma-se que o da principal foi todo pintado pelo Sequeira, no estylo porém do mestre.

Felizmente foi curto o tempo durante o qual Sequeira esteve sob a direcção do tresloucado artista, porque o encontramos residindo em Roma no anno de 1788. O marquez de Marialva, que morava no seu palacio da quinta da Praia, em Belem, e que, visinho do artista, tinha frequentes occasiões de presenciar a sua tão singular vocação e seus rapidos progressos, alcançou-lhe do real bolsinho uma pensão annual de 300$000 réis para ir aperfeiçoar-se em Roma, onde já estavam outros jovens artistas, seus antigos condiscipulos na aula regia de desenho e que haviam sido enviados para Italia por diligencias do zeloso intendente Diogo de Pina Manique. Eram estes os pintores A. Foschini, Bartholomeu Antonio Calixto, cujos nomes tornaremos a encontrar pouco honrosamente no decurso d'esta biographia, e José da Cunha Taborda, e o esculptor João José de Aguiar, auctor do monumento a D. Maria I, cujas figuras se acham ao presente depositadas no museu archeologico do Carmo, por se não haver ainda encontrado em Lisboa local proprio para as erigir sobre um pedestal conveniente. Havia tambem dois pensionarios de architectura, um gravador a talho doce e um gravador de cunhos e camapheus[1].

Não era desusada em Portugal a pratica de enviar artistas a aperfeiçoar-se em Italia. Não fallando em varios pintores que ali residiram no seculo XVI, e entre os quaes um dos mais conhecidos Francisco de Hollanda, que deixou curiosas e interessantes memorias, utilissimas para a historia da arte e sem as quaes ficariam ignoradas bastantes particularidades da vida de Miguel Angelo[2], não fallando n'estes, sabemos que em tempo de D. João V, um dos soberanos a quem mais devedora é a arte portugueza, foram mandados a Roma alguns jovens artistas, entre os quaes podemos citar Domingos Nunes, pintor pouco conhecido, mestre que foi de J. M. da Rocha, Ignacio de Oliveira Bernardes tambem pintor, e José de Almeida esculptor[3].

Estes mancebos constituiam o que se chamava academia portugueza em Roma, instituição evidentemente copiada da academia franceza na villa Medicis e que poderia ter produzido sazonados fructos e levantado as artes em Portugal do longo abatimento em que jazeram, e de que tanto a custo hoje se vão erguendo, se a idéa do benemerito fundador d'aquella escola houvesse sido devidamente continuada. Mas o mau fado que persegue as artes no nosso paiz, não permittiu que a época da creação de similhante instituto désse azo a que elle lançasse raizes tão fundas que sobrevivesse ás causas que motivaram a sua interrupção.

Só duas gerações de artistas se aproveitaram d'aquelle beneficio. Se o systema de enviar pensionarios para Roma e outros paizes extrangeiros houvesse continuado, se a nossa arte não tivesse permanecido como que isolada n'este canto da Europa durante os primeiros trinta annos do seculo actual, é provavel que outro fôra o estado em que a tivesse encontrado a creação das academias em 1836. Interrompida porém a corrente vivificadora, a pintura portugueza foi-se deixando viver de imitações e tradições. A escola que se tentára levantar na Ajuda, e que houvera sido alguma cousa se os seus primitivos directores Vieira Portuense e Sequeira a tivessem podido acompanhar, entregue ás mãos de Taborda, Foschini, Maximo e outros, não foi instrumento de progresso senão de decadencia. Quando o illustre Passos Manuel, o grande reformador da instrucção publica, lançou os alicerces do ensino artistico, e fundando as academias, as dotou tão liberalmente quanto permittia a escassez do nosso orçamento, cuja receita era proximamente a metade da actual, a maior parte dos primeiros professores que, á mingua d'outros, teve de nomear, eram os derradeiros representantes dessa escola da Ajuda, cujos vestigios no ensino vão felizmente desapparecendo todos os dias.

Hoje, do excellente instituto da academia portugueza em Roma, é pallido reflexo, depois de uma interrupção de quasi um seculo, a creação de cinco pensões, com que vão aperfeiçoar-se no estudo de bellas artes outros tantos mancebos escolhidos a largos espaços, pelas academias de Lisboa e Porto. Apezar da avarenta parcimonia com que estas pensões foram reguladas, são já bem patentes as vantagens que d'ellas se hão de tirar, tão patentes que espero vêr em breve augmentada a verba para ellas votada, e em vez de cinco alumnos enviados todos os cinco

[1] Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 244.
[2] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 126 e 149 — seguido por todos os biographos de Sequeira.

[1] Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 231, nota.
[2] Clément: *Michel Ange, Léonard de Vinci, Raphael*, pag. 141.
[3] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 93 e 116. Taborda. — *Ob. cit.*, *etc.*, pag. 235.

annos, elevado o seu numero e amiudados os concursos para a sua escolha.

Além dos seus condiscipulos, Sequeira encontrou ainda em Roma outro compatriota, destinado tambem a colher abundantes louros na arte da pintura, se a morte não viesse ceifal-o aos 40 annos, quando, amadurecido o seu talento pelo estudo e reflexão, mais brilhantes manifestações começava a produzir. Fallo de Francisco Vieira Portuense, que, nascido em 1765, foi para Roma em 1789 subvencionado pela companhia geral de agricultura do Alto Douro. Afortunada época em que até as companhias mercantes não julgavam estranho aos seus estatutos acceitar o encargo de proteger e animar a arte, eloquente lição para o nosso tempo em que apenas o Estado se julga obrigado a lançar no seu orçamento uma verba mesquinha e insufficiente para protecção das suas escolas artisticas; em que nem uma só camara municipal vota o mais pequeno subsidio para as artes, nem um só instituto publico ou particular se dedica a fomentar-lhe a cultura; em que esta geral indifferença pelo futuro artistico do nosso paiz, tem por unicas excepções a sociedade promotora com as suas exposições e premios, e a protecção concedida a alguns estudantes por duas ou tres pessoas que não se limitam a affirmar com palavras o seu enthusiasmo, mas o provam por actos de incontestavel vantagem.

Os pensionarios estavam em Roma sob a protecção immediata do representante de Portugal e tinham por mestre commum um certo Labruzzi [1] que não deixou vestigio algum na historia da arte. D. João d'Almeida que exerceu o cargo de embaixador de Portugal junto da santa sé, pelo anno de 1788, modificou este systema auctorisando cada pensionario a escolher artista que houvesse de o dirigir. O seu successor melhorou esta organisação, mantendo a liberdade de escolha, mas formando uma aula commum para estudo do desenho, a que andavam annexas collecções de gessos, livros, quadros, etc. Foi director d'esta academia o illustre João Gherardo de Rossi, e chamava-se o embaixador portuguez, que ligou seu nome a tão util innovação D. Alexandre de Souza e Holstein [2], cujo neto tem a honra de ser o auctor d'este estudo.

Sequeira, ao chegar a Roma, foi hospedado em casa do embaixador, no palacio Cimarra, mas havendo travado intimas relações com um rico proprietario chamado Cometti, foi, passado alguns mezes, habitar em casa d'este na via di Pane i Perna.

Frequentou em Roma as aulas da academia de S. Lucas, com a mesma distincção com que seguira o curso de desenho em Lisboa. Em 1789 encontramol-o alcançando o segundo premio n'esta academia, n'um concurso cujo assumpto era o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. O trabalho de Sequeira existe ainda exposto na galeria em que se conservam todas as obras premiadas n'aquelle instituto, onde mais de uma vez o vi junto ao quadro que obteve o primeiro premio. É só justiça e não cegueira de compatriota dizer que Sequeira foi inferior ao seu competidor apenas em se mostrar menos destro no manejo do pincel, mais timidez no desenho. Transparecem já n'este quadro as suas qualidades e os seus defeitos. Seja porém como fôr, a obra de Sequeira é notavel para um artista de 21 annos, saído havia apenas alguns mezes da escola de Francisco José.

Pouco tempo frequentou as aulas officiaes da academia de S. Lucas, e aproveitando-se da faculdade de escolher professor, tornou-se discipulo enthusiasta de Cavallucci.

[1] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 146.
[2] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 147. Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 242. Taborda. — *Ob. cit.*, pag. 232, nota.

Não comportam os limites a que tenho de sujeitar este estudo, largas considerações sobre o estado das artes em Italia na época em que Sequeira chegou a Roma. Fôra comtudo proveitoso fazel-as para bem conhecer a historia do talento de Sequeira, e poder seguir as diversas phases do seu desenvolvimento. O fim do seculo XVIII é data importante na historia das artes. Embatem-se em renhido mas incruento combate duas escolas, dois systemas, dois principios. O futuro da arte depende do exito da contenda. Por um lado os ultimos discipulos de Berettini, de Maratta, de Battoni, os derradeiros representantes da escola dos *macchinisti*, em que tinha descambado a grande escola de Bolonha; pelo outro os primeiros imitadores e seguidores de Mengs e de David que reagiam com toda a energia da convicção, não só contra este convencionalismo mas tambem contra os estylos maneirados e elegantemente falsos de Boucher e de Vanloo. Roma era o centro do combate. Imperára até ali sem rivaes na capital do mundo christão e das artes, a escola que apóz tantas vicissitudes de varia fortuna, caíra de imitação em imitação no affectado e pretencioso estylo em que a natureza é esquecida, porque estudada só atravéz dos trabalhos de outros artistas venerados, reputados inexcediveis e que era dever seguir e imitar. Este estylo academico e official dominava exclusivo e absoluto, e foi o que Sequeira veio encontrar praticado e ensinado na escola de S. Lucas.

Com a intuição do genio percebêra-lhe a falsidade e a caducidade. Ao lado porém d'este barrochismo moribundo, mas que ainda tentava um ultimo esforço para senhorear o mundo artistico, erguia-se a escola dos reformadores, que, fugindo de um excesso caíra n'outro não menos perigoso. Cançado do convencionalismo, pensára Mengs e depois d'elle David, regenerar a arte retemperando-a no estudo dos grandes modelos que nos ligára a antiguidade pagã. Das grandes machinas do Battoni e do Maratta em que as qualidades estheticas são sacrificadas á technica [1], em que a falta de severidade no estudo da fórma, as pomposas falsidades do desenho, o exagero do colorido eram apenas compensados por uma grandiosidade como que scenographica da composição, passou a moderna escola a uma quasi dureza de linhas e rigidez de debuxo que por contrastar com as demasias da anterior lhe grangeou desde logo muitos imitadores e discipulos. Como o doente, a quem o facultativo prescreveu por longo tempo o uso de xaropes e remedios extremamente adoçados, toma com indizivel prazer medicamento que em outra occasião o desgostára por demasiado amargo, assim os artistas querendo sanar-se dos defeitos da escola amaneirada e convencional dos ultimos descendentes dos Carrachis, deixaram-se arrastar a uma fria e não menos convencional imitação do antigo. Se os primeiros só viam a natureza atravéz das obras que se reputavam modelos unicos a seguir, assim estes só a contemplavam e estudavam nos reflexos que ella deixára nas obras da estatuaria antiga. David é o typo d'este genero. No seu desenho correcto e secco, nas suas composições bem balançadas e severamente estudadas, na sua côr tão fria, transparece o exclusivo estudo dos baixos relevos antigos e dos monumentos estatuarios que povoam os museus de Roma. O atrazo dos conhecimentos archeologicos, levando a confundir obras da época imperial romana, pela maior parte copias mais ou menos secundarias, com os grandes originaes gregos, discriminação melin-

[1] Wornum. — *Epochs of painting*, pag. 562.

drosa e difficil que só apóz longos e aturados estudos a sciencia poude estabelecer, não favorecia por certo a moderna escola. Differente era com effeito reproduzir a fórma humana pelas admiraveis estatuas gregas, ou ir desenhal-a pelas copias muito menos delicadas dos estatuarios romanos que, sendo já imitadores, não haviam ido buscar ao natural, unica e verdadeira fonte da inspiração artistica, os lineamentos e as fórmas das suas figuras.

D'aqui provém que, se as producções da escola de David têem um certo sabor de classicismo que parece nascido do estudo dos bons modelos, do respeito pelas tradições e regras que nos legou a arte grega, têem ao mesmo tempo uma seccura e frieza que regela, afasta o enthusiasmo e não desperta a emoção.

Entre os artistas então existentes era Antonio Cavallucci um dos mais distinctos. Percebendo que o demasiado apêgo aos principios fundamentaes de David o faria cair de um erro em outro não menos perigoso, fugiu das exagerações do grande pintor francez aproveitando porém o que na sua escola havia de recommendavel.

Poucas informações cabem aqui ácerca de Cavallucci. Conheci ainda em Roma alguns contemporaneos dos seus discipulos e vi algumas das suas obras. Como artista alcançou bastante nomeada. Estudára muito o Correggio[1] cuja suavidade de côr e de claro escuro procurava imitar, exforçando-se ao mesmo tempo em corrigir com os severos preceitos de David a nimia affectação do grande pintor de Parma. Era tido em conta de excellente professor, não incutindo cégamente aos estudantes o seu methodo e estylo, mas espreitando-lhe as vocações e tendencias e esmerando-se em as cultivar e desenvolver. Consta que em suas lições, ao examinar os trabalhos dos estudantes que dirigia, tinha por invariavel costume obrigal-os a dar a razão do que faziam, a explicar o *por que* das suas obras, em uma palavra a fazel-os raciocinar, cultivando-lhes a intelligencia ao passo que lhes adestrava a mão.

Este foi o mestre que Sequeira escolheu e sob cuja direcção recebeu o impulso definitivo que determinou toda a sua carreira artistica, sem exceptuar mesmo os seus ultimos e pasmosos quadros. Com tal mestre aprendeu a *ver*, o resto tirou-o do riquissimo thesouro com que Deus o favorecêra.

Parece certo que os primeiros mezes que Sequeira passou sob a direcção de Cavallucci lhe foram penosos a ponto de mais de uma vez, desanimado, abandonar o estudo. Nem custa a crêr que assim houvesse acontecido. O ensino de Francisco de Setubal, extravagante e falso, estragára-lhe o gosto. Costumára-o a produzir rapida e descuidosamente, sem preoccupação do natural nem do antigo. Tinha agora, em Roma, de sujeitar-se a uma disciplina severa, de esquecer o que houvera aprendido e de começar para assim dizer nova vida artistica.

Vencidas porém as primeiras difficuldades, não tardaram as suas pasmosas disposições artisticas a desenvolver-se. Com effeito, se nos trabalhos de Sequeira, executados n'aquella época, existem tendencias para a severidade na fórma, firmeza no contorno, e sobriedade de composição, bastante attenção prestada ao claro-escuro, vida e naturalidade nos personagens; por outro lado ha tambem nos seus quadros sentimento e expressão verdadeira e não convencional. Revela assim que se ha de distancear tanto da affectação dos *barrocos,* como da severidade dos *davidistas*. Alguns d'estes trabalhos estão em Roma, mas todos poderão em breve estudar na nossa galeria de Lisboa (na academia real das bellas artes) o quadro allegorico á fundação da Casa Pia, outr'ora propriedade da illustre familia Manique, para cujo chefe Sequeira o executou em Roma em 1794, e comparal-o por um lado com o quadro de Battoni na capella mór da Estrella, e pelo outro com a bem conhecida gravura do juramento dos Horacios, uma das obras capitaes de David, e sem estabelecer parallelos impossiveis entre obras tão diversas em todos os sentidos, reconhecer que o joven portuguez procurava evitar as demasias de systema que tinham prejudicado aquelles dois grandes artistas.

Dos trabalhos de Sequeira fallarei mais de espaço na segunda parte d'este estudo, mas não pude acabar comigo de citar desde já este, para bem exemplificar o que deixo dito ácerca das escolas dominantes em Italia, na mocidade de Sequeira, e mostrar como elle soube, auxiliado pelo mestre de sua escolha, furtar-se aos perigos a que ambas o podiam expôr.

(Continua.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

[1] Migliarini, art. no *Art-journal*. Janeiro de 1863, pag. 4.

PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA EM GUIMARÃES

I

No tempo em que os monarchas da dynastia de Aviz empunhavam o sceptro de Portugal, havia no reino um vassallo, que hombreava com o rei nas riquezas que possuia, no poder de que dispunha, e no lustre e fausto do seu viver. Esse vassallo era o duque de Bragança. A sua casa, pelos grandes privilegios, que disfructava, pelas grossas rendas que percebia, pelas muitas igrejas que apresentava, pelas numerosas villas e aldeias, que o reconheciam por senhor e lhe pagavam tributos, habilitando-o a levantar á sua voz e obediencia 10:000 infantes; esta casa tão poderosa constituia um verdadeiro estado dentro do estado portuguez.

Entre os numerosos titulos honorificos d'esta casa, usados pelo chefe, pelo herdeiro presumptivo e pelos filhos segundos, contavam-se os de duques de Bragança, de Barcellos, e de Guimarães; os de marquezes de Valença, de Villa Viçosa e de Montemór; e os de condes de Barcellos, de Ourem, d'Arrayolos, de Faro, de Penafiel, de Neiva e Faria.

D'entre os muitos privilegios e prerogativas concedidas aos duques de Bragança avultam duas verdadeiramente regias; a de conferirem, como o rei, todos os graus de nobreza ás pessoas do seu serviço; e a de dispôrem, como quizessem, de quarenta e uma commendas da ordem de Christo, todas muito rendosas, sem dependencia dos mestres d'esta ordem. Proviam com total independencia da corôa e dos prelados, mais de quinhentos officios de fazenda e de justiça, e cento e sessenta e tantos beneficios ecclesiasticos. Possuiam dezoito castellos, cujos alcaides eram de sua nomeação. As villas e aldeias, de que eram senhores, encerravam, nos fins do seculo XV, oitenta mil almas. N'esta época empregavam em seu serviço uns quinhentos familiares.

D. Fernando I do nome, e segundo duque de Bragança, quando acompanhou a Africa el-rei D. Affonso V, levou 2:000 infantes e 700 homens de cavallo, todos vassallos seus, armados e sustentados á sua custa; e D. Jayme, unico do nome, e IV duque de Bragança, enviado por el-rei D. Manuel á conquista da praça africana de Azamor, commetteu esta empreza á frente de 4:000 infantes e 500 soldados de cavallaria, tirados tambem das

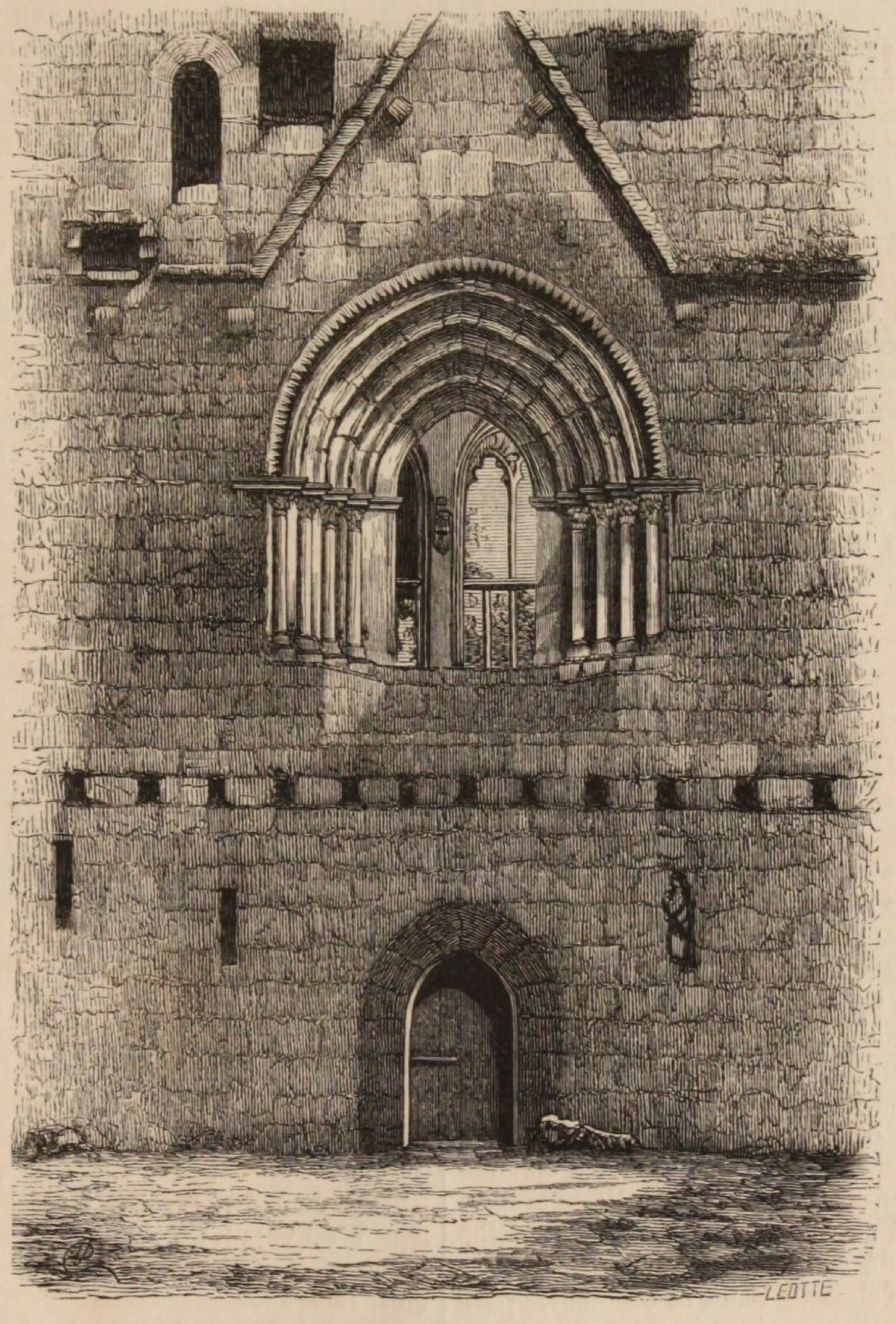
terras de que era senhor, e igualmente armados e sustentados á sua custa. Não bastavam todas estas despezas para absorverem os seus rendimentos. Do muito que ainda sobrava d'elles dão testemunho muitas fundações religiosas, magnificos palacios, e outras obras que demandaram enormes gastos. Em fim eram immensas as suas riquezas em joias, em baixellas de oiro, prata, cristal e porcellana da China e Japão, em tapeçarias da Persia, da India e de Arras.

Possuiam os duques de Bragança muitos palacios. Os mais vastos e mais notaveis por sua magnificencia e recordações historicas, eram os de Villa Viçosa, onde tinham a sua côrte, o de Lisboa e o de Guimarães. D'este ultimo trataremos agora, por que a isso nos convida a gravura junta.

II

Erguem-se estes paços em lugar um tanto elevado, quasi na extremidade occidental da cidade de Guimarães. Perto d'elles estão dois monumentos venerandos, coevos com a fundação da monarchia, e ricos de memorias do nosso primeiro rei: o castello da condessa Mumadona, onde nasceu D. Affonso Henriques, e a igreja de S. Miguel, onde este soberano foi baptisado.

O palacio dos duques de Bragança compõe-se de quatro corpos, formando um grande quadrado, com uma vasta praça ou pateo no centro. Da fachada principal, voltada ao sul, apenas restam a parte inferior das paredes, e o portal da entrada resguardado com um alpendre, sustentado por duas columnas. Do corpo do palacio, que lhe fica opposto, acha-se de pé em toda a sua altura a fachada, que olha para o norte, e que assenta sobre um lanço da cêrca de muros da villa, hoje cidade de Guimarães. No centro d'esta fachada avultam, junto uma da outra, duas mui grandes e formosas janellas, de mais de sete metros de altura, ostentando as galas do estylo gothico puro. Pertenciam á capella do paço, que tinha dimensões de uma grande igreja, cujo portal está em frente das referidas janellas, e abria-se em uma grande sala interior. A gravura junta representa este portal, formado por differentes arcos ogivaes, sustentados por delgadas columnas, o qual parece estar como que suspenso, por lhe faltar o pavimento da sala, que o precedia. A fachada d'este corpo do edificio, que deita para o pateo, acha-se pela maior parte derrubada. O corpo do palacio do lado de oeste está desmoronado até meia altura, mas as casas do pavimento terreo conservam-se em bom estado. Pela parte de fóra corre, em todo o seu comprimento, encostada á parede, uma alpendrada.



Portal da capella do paço dos duques de Bragança, em Guimarães

Está intacto de ruina todo o corpo do lado de leste. Nas extremidades tem dois pavilhões mais elevados do que a parte central. A frontaria, que deita para rua publica, tem mais de trinta janellas de differentes tamanhos com grandes vãos de parede entre si, e dispostas em tres e quatro andares. Este corpo do palacio serve de quartel militar, e póde accommodar um regimento. Encerra extensas salas, sem vestigio algum de decorações. Tem nas extremidades duas bem construidas escadas de caracol, que conduzem aos telhados, e que outr'ora davam saída para espaçosos terrados. No lado do norte tinha este paço uma pequena cêrca.

III

Foi fundado este paço nos principios do seculo XV por D. Affonso, conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, filho legitimado d'el-rei D. João I, e herdeiro, por sua primeira mulher, D. Beatriz, dos immensos bens que lhe coube, de seu sogro, o condestavel D. Nuno Alvares Pereira; fallecendo, porém, antes da obra acabada, foi esta concluida por seu filho, o duque D. Fernando I, durante o reinado d'el-rei D. Affonso V.

Segundo os antigos usos do nosso paiz, não apresentava este palacio, exceptuando a capella, bellezas de architectura, nem decorações algumas esculpturaes, quer no exterior, quer interiormente, pois que todas as suas galas deveriam consistir na magnificencia e variedade das tapeçarias, que lhe vestiriam as paredes das salas, que lhe occultariam as portas e cobririam os pavimentos de lage ou de tijolo; e na riqueza e abundancia dos vasos e outras peças de oiro, prata, cristal e porcellana da China e Japão, que adornariam os bufetes, e pejariam as copas ou aparadores.

Quando se contratou o casamento do infante D. Duarte, filho d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Maria, com

D. Izabel, filha de D. Jayme, unico do nome, IV duque de Bragança, aquelles paços, juntamente com o ducado de Guimarães, fizeram parte do dote da noiva, por doação de seu irmão, o duque de Bragança D. Theodosio I, e confirmada por el-rei D. João III. Ao infante D. Duarte e sua esposa succedeu no ducado de Guimarães seu filho D. Duarte. Por morte d'este principe, que falleceu na flôr da idade, e no estado de solteiro, reverteram o ducado e os paços para a casa de Bragança, por succeder n'elles sua irmã, D. Catharina, então casada com o duque de Bragança D. João I.

Habitaram n'estes paços muitos principes d'esta augusta familia, desde o fundador d'elles, o duque D. Affonso. A duqueza D. Constança de Noronha, sua segunda mulher, neta, pela parte paterna, d'el-rei de Castella D. Henrique II, e pela parte materna de D. Fernando I, rei de Portugal, ficando viuva, estabeleceu a sua residencia no palacio ducal de Guimarães, onde viveu bastantes annos e ahi falleceu em 26 de janeiro de 1480.

Depois da morte do filho e successor do infante D. Duarte, não tornaram estes paços a servir de habitação aos seus proprietarios.

Começaram então para estes paços os dias de completa solidão e de tristeza. O abandono e a incuria fizeram com que, apezar da solidez da construcção, percorressem aceleradamente os degraus da decadencia dos monumentos, até chegarem ao misero estado de ruina em que os vemos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Do sr. A. Soromenho recebi a carta que em seguida se lê, relativa ao que o sr. I. de Vilhena Barbosa escreveu em o n.º 3 das *Artes e Letras* ácerca do *Thesouro da sé de Braga*. A essa carta, que immediatamente communiquei ao sr. Vilhena Barbosa, responde este senhor com outra, que tambem vae publicada, ficando por este modo satisfeitos os desejos dos dois illustres academicos.

Emquanto ao que o sr. Vilhena Barbosa declara sobre a minha insistencia na publicação immediata das gravuras, obrigando-o assim a escrever o seu artigo sem ainda ter os dados necessarios para elle, direi que a minha insistencia proveio d'este periodico se publicar em um paiz onde faltam, por emquanto, muitos dos elementos necessarios e indispensaveis a emprezas d'esta ordem, o que dá origem não só ao atrazo em que a nossa folha ainda está, mas a ter de se passar muitas vezes, como no caso em questão, por cima de todos os obstaculos para que o periodico se não atraze mais.

RANGEL DE LIMA.

O THESOURO DA SÉ DE BRAGA

Sr. redactor das *Artes e Letras*. — Acabo de lêr na sua excellente revista um artigo do meu consocio e amigo o sr. Vilhena Barbosa, ácerca do thesouro da sé de Braga; e tomo a liberdade de rectificar uma ou duas inexactidões, que ahi se encontram, devidas, necessariamente, á demasiada fé que s. ex.ª prestou ás tradições locaes, ou ás informações havidas de pessoas pouco competentes. Succede isso a todos os que não têem outro meio de averiguação.

Quem não tem ouvido dizer que o altar de prata, guardado no thesouro da collegiada de Guimarães, foi tomado por D. João I de Portugal ao rei de Castella na batalha de Aljubarrota, e dado, em memoria e offerenda, a Nossa Senhora da Oliveira? que o retabulo da Virgem, conservado na sacristia da mesma igreja, é obra de S. Lucas, mandada de Roma? Todavia o presepio de prata é obra muito posterior, feita na Italia, por ordem de um prior da collegiada, cujo nome não me occorre n'este momento; e o painel foi legado em 1295 pelo prior D. Paio Domingues, que nada diz da origem evangelica da pintura, pois se limita a dizer *coram imagine beate Virginis quam ego duxi de urbe Romana*. Bastava isto para dar ao quadro, talvez o mais antigo existente em Portugal, um grandissimo valor artistico; mas pareceu aos ciceroni prebendados, incapazes de conhecer o merito do retabulo, que o maravilhoso de per si lhe dava fóros de preciosidade. Enganaram-se: o merito da pintura, que é real, fica; o maravilhoso, que é phantastico, passa: aquelle apreciam-n'o todos os competentes; este admittem-n'o só os ignorantes.

Mas o amor á lenda não é privativo da collegiada de Guimarães. Ha-o em toda a parte; e o sr. Vilhena Barbosa deve tel-o encontrado muitas vezes nas suas peregrinações archeologicas a atravessar-lhe o caminho e a envencilhar-lhe o fio das averiguações.

Em Braga, por exemplo, não pôde s. ex.ª tirar a meada a limpo. Aquelle cofre de marfim, que em 1851 se dava como trabalhado na China e «offerecido a S. Giraldo que o usava, para metter n'elle o calix, nas visitas diocesanas», suppõe o meu douto amigo ser «producto da arte asiatica, pois que n'aquellas eras só na Asia estava tão adiantada a esculptura em marfim e metaes.» Enganou-se. O exame um pouco mais preciso, e o espirito desembaraçado da lenda, teria feito vêr claramente a s. ex.ª, pela natureza do lavor e do desenho, que tinha diante de si um trabalho cordovez.

A inscripção em caracteres cuficos, que se lê em torno da tampa, não diz «Só Deus é Deus, e Mahomet o seu propheta.» Segundo a memoria que conservo d'ella, diz o seguinte:

«Em nome de Deus, a benção, a prosperidade e a fortuna para o Hadjeb Seifo'-d-daula por esta obra que mandou fazer por mãos de ... seu ennuco alamerita.» Está lascada a tampa no sitio onde estava o nome do artista.

O cofre foi, pois, mandado lavrar por Abd-el-Melik, ministro de Hischem II, khalifa de Cordova, e filho de Almançor (Mohammed ibn Abi-Amer); e concluido entre o anno de Christo 1004, em que, depois da tomada e destruição de Leon, recebeu o epitheto de Seifo'-d-daula (defensor do estado) e Al-modhofer (o victorioso), e o anno 1008, em que, voltando de uma expedição contra os christãos, morreu.

O vaso de marfim era destinado a usos profanos; e só a circumstancia de ter alguem mettido n'elle o calix, que se diz de S. Giraldo, fez que se originasse a lenda repetida pelo sr. Vilhena Barbosa.

Permitta-me por ultimo uma observação. S. Giraldo não foi o 68.º arcebispo de Braga; mas o 21.º; e ainda para isto é preciso admittir alguns prelados titulares e um bocadinho da lenda.

Esperando que o meu amigo e consocio me não tome a mal estas reflexões, sou, sr. redactor,

De v.

A. SOROMENHO.

Amigo e collega. — Quintã, junto ao Douro, 24 de setembro de 1874. — Agradeço muito a v. a copia, que me enviou da carta que lhe dirigiu o sr. A. Soromenho, meu amigo e consocio, relativamente ao que escrevi em o nu-

mero 3 das *Artes e Letras,* sobre algumas peças do thesouro da sé de Braga.

Como ha de estar lembrado, quando me pediu para eu fazer o artigo, que devia acompanhar as quatro gravuras, representando dois calices, um baculo e um cofre, pertencentes áquelle thesouro, escusei-me de o escrever, por me faltarem os esclarecimentos precisos; pois que me eram inteiramente desconhecidas as duas ultimas peças, e das outras apenas tinha uma leve recordação de as ter visto, ha muitos annos, mas sem exame, nem estudo. Insistindo, porém, v. no seu pedido, e expondo-me as conveniencias do jornal, que exigiam a publicação d'aquellas quatro gravuras em o numero que se estava a compôr, annuí, promptificando-me a escrever um artigo, em resumido quadro, ácerca da ourivesaria em geral, e em particular da que respeita ao nosso paiz; com o fim de que a primeira parte do artigo acompanhasse as ditas gravuras, e a segunda parte, em que se devia tratar d'ellas, ficasse para o seguinte numero, dando assim tempo a que fossem pedidos e viessem de Braga os esclarecimentos indispensaveis. Esses esclarecimentos não vieram com a presteza e antecipação que era para desejar. Chegaram quando já era urgente a entrega do original da segunda parte do artigo; quando já estava quasi a entrar no prelo o numero do jornal, em que devia ser publicada; e não era possivel, conforme as considerações que v. me apresentou, fazer passar o artigo para o numero immediato, accrescentando-lhe uma terceira parte.

Por conseguinte, desconhecendo o cofre a que se refere o sr. Soromenho, e não tendo meios, nem tempo, para fazer estudo algum sobre os esclarecimentos enviados de Braga, nada mais posso dizer em relação a esse assumpto, senão que muito estimo que s. ex.ª tenha conhecimento d'esse objecto de arte, e fizesse investigações bem succedidas ácerca d'elle, e que sinceramente applaudo a sua resolução de fazer conhecido do publico, e com especialidade dos assignantes das *Artes e Letras,* esse resultado dos seus trabalhos. Se a noticia historica do cofre de marfim, e a interpretação da inscripção, que fazem parte do meu artigo, fossem devidas a estudos meus, não me regosijaria menos com a carta do sr. Soromenho; pois que o alvo, a que sempre miro, nas minhas investigações historicas e archeologicas, é o descobrimento da verdade. D'isto que digo dão testemunho os meus escriptos sobre essas materias, principalmente no *Archivo Pittoresco* e no *Commercio do Porto,* nos quaes, por differentes vezes, tenho declarado erroneas asserções ou opiniões minhas, anteriormente publicadas. E assim praticarei sempre, todas as vezes que alcançar conhecimentos mais fundamentados, quer seja por esforço meu, quer por diligencia de outrem. N'aquelle genero de estudos, sobretudo em o nosso paiz, as investigações de um dia feliz destroem muitas vezes os castellos de argumentos ou de conjecturas, que levaram mezes a construir.

O que disse no mencionado artigo com relação a julgar o cofre obra de arte asiatica, foi conjectura minha. Attendendo á presumida antiguidade do cofre, mais do que ao exame que se póde fazer á vista de uma simples gravura, pareceu-me possivel, e talvez provavel, que tivesse sido feito, não na India, nem na China, mas sim na Syria, onde as cruzadas levaram artistas do Occidente, que, pelo contacto com os do Oriente, mais adiantados, principalmente na esculptura, se aperfeiçoaram, creando um estylo original, em que se estampavam feições da arte gothica, bysantina e arabe. Os relicarios e outras obras artisticas, vindas da Palestina n'essa época, e que não são raras em o nosso paiz, abonam o que deixo dito. Isto, porém, não passa de uma simples explicação do pensamento, que dictou aquella minha conjectura. A interpretação da inscripção do cofre pelo sr. Soromenho revela a verdadeira origem d'esta obra de arte. E não se póde duvidar da competencia do interprete.

Quanto ao arcebispo primaz S. Giraldo, regulei-me pelos catalogos dos prelados bracharenses, que vem na *Corographia Portugueza,* do padre Carvalho, e no *Diccionario Geographico* do padre Cardozo. Segui essa chronologia sem acreditar na sua exactidão, antes pelo contrario, crendo que contém muitos nomes apocryphos. Porém, sendo essas duas obras muito vulgares, sobre tudo a primeira, e além disso auctorisadas, entre as mãos dos ecclesiasticos d'este reino, preferi regular-me por ellas, repugnando-me indicar outra numeração, que as contradissesse, sem adduzir razões para fundamento de tal discordancia. E não podia adduzil-as, porque a economia do jornal não me permittia alongar mais o artigo.

No logar em que presentemente estou, não tenho meio algum de averiguar, se me enganei na conta dos arcebispos, segundo aquelles catalogos; ou se haveria erro de imprensa, que me escapasse na revisão das provas.

Sou com toda a consideração e estima,

De v.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

O CONDE DE S. LUIZ.—Assim se intitula o 12.º volume publicado pela *Bibliotheca universal* de que são editores os srs. Lucas & Filho. A boa escolha das obras distribuidas por esta empreza aos seus assignantes, deve ella a prosperidade e augmento que, em pouco tempo, adquiriu. Nove são os romances que até agora tem dado á luz da publicidade, e apenas um d'estes é traduzido; os restantes são originaes. Prova isto que os editores têem cumprido fielmente o seu programma e auxiliado com dedicação os escriptores portuguezes, incumbindo-os de trabalhos mais importantes do que simples traducções. Honra lhes seja.

O conde de S. Luiz, romance escripto pelo sr. D. Thomaz de Mello, é uma narrativa de acontecimentos pela maior parte verosimeis, feita em linguagem correntia e abundante de interresse dramatico. Não obstante certas exagerações que a critica possa por ventura apontar-lhe, sobretudo no desenho de alguns caracteres, como o da gastronoma Olympia, por exemplo, que *representa o estomago* um pouco, talvez, hyperbolicamente, a obra do sr. D. Thomaz de Mello é muito apropriada á indole da empreza em que figura, e ha de, certamente, ser lida com interesse.

ALJUBARROTA.—Os mesmos editores publicaram o n.º 8.º da encyclopedia *Educação popular,* de que é director o sr. Pinheiro Chagas. O novo livrinho é uma pagina da historia de Portugal em que se acham resumidos os grandes acontecimentos que tornaram tão brilhante a luta famosa sustentada pelos portuguezes contra os castelhanos, e que teve por successo principal a batalha de Aljubarrota. Este, como os demais volumes que fazem parte da encyclopedia publicada pelos srs. Lucas & Filho, tem a utilidade de instruir os que o compulsam, e a propriedade de attrahir e prender a attenção do leitor, o que succede a todos os escriptos do sr. Pinheiro Chagas.

RELATORIO APRESENTADO Á JUNTA GERAL DO DISTRICTO DE FARO NA SESSÃO ORDINARIA DE 1874.—Este relatorio publicado em volume de mais de 200 paginas, saído dos prelos da imprensa da Universidade de Coimbra, é assignado pelo sr. conselheiro José de Beires, governador civil do districto de Faro, e contém larga copia de documentos e mappas illustrativos, bem como resoluções e consultas da junta geral.

A exposição que o acompanha, escripta pelo sr. dr. Francisco Lazaro Côrtes, director das Caldas de Monchique, é muito digna de ser detidamente apreciada, porque n'ella se consigna, com a maior lucidez e proficiencia — como muito bem diz o sr. governador civil quando trata d'este trabalho no seu relatorio — tudo quanto interessa saber sobre aquelle importantissimo estabelecimento.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1875.—Está publicado este curioso livrinho, um dos melhores da collecção de almanachs que de ha muito gosa excellentes creditos tanto em Portugal como no Brazil, graças á boa vontade e perseverança de uma senhora de reconhecido talento, a sr.ª D. Guiomar Torrezão. É este o quinto anno que o precioso volume, collaborado por muitas senhoras illustradas e pelos principaes escriptores portuguezes e brazileiros, vem desenfadar as horas do serão das familias, offerecendo-lhes poesias graciosas ou sentimentaes, narrativas humoristicas ou serias, anecdotas, sentenças e scenas de comedias, tudo moral e agradavel, quando não é tambem instructivo. O volume d'este anno fecha com o nome do sr. Alexandre Herculano. O illustre escriptor, a proposito do soldado, do cabo de policia e do guarda rural, escreve quatro capitulos resplandecentes de fina satyra e estylo vernaculo.

ESTATISTICA MEDICA DOS HOSPITAES E RELATORIOS SOBRE O SERVIÇO DE SAUDE NAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS, COM REFERENCIA AO ANNO DE 1872.—Como se vê do titulo, este volume de perto de 300 paginas, dado á estampa na imprensa nacional, versa sobre assumpto que só interessa ás pessoas que se dedicam á especialidade. Entretanto figura entre os relatorios, um assignado pelo sr. Custodio José Duarte, facultativo de primeira classe e delegado de saude na ilha de S. Vicente, que, pela amenidade do estylo em que está escripto e pela copia de curiosissimas noticias que encerra ácerca d'aquella importante ilha do archipelago de Cabo Verde, é digno de ser lido até pelos mais estranhos a assumptos medicos.

UM HOMEM POLITICO.—Foi já distribuida aos assignantes da *Bibliotheca theatral,* a comedia em tres actos que tem o titulo da epigraphe acima, imitada do hespanhol pelo sr. Aristides Abranches, a qual mereceu geraes applausos das platéas do theatro da Trindade, onde foi á scena ha dois annos.

O *Homem politico* é peça muito chistosa e que póde ser facilmente representada em theatros particulares; não admira por isso que tenha boa venda.

ELEMENTOS DE DESENHO GEOMETRICO.—A acreditada livraria dos srs. Magalhães & Moniz, estabelecida na cidade do Porto, acaba de publicar um folheto de mais de 50 paginas, assim intitulado, e que deve servir de auxilio aos alumnos que têem de fazer nos lyceus do paiz, exame de desenho linear. O compendio foi elaborado pelo sr. J. G. Moreira, e é conforme ao programma official para os candidatos ao magisterio primario.

A doutrina pareceu-me estar exposta com a clareza indispensavel em obras d'esta natureza, o que me leva a crer que este novo opusculo de instrucção obterá do publico lisongeiro acolhimento.

A HARPA.—Assim se denomina uma revista litteraria publicada no Porto, sob a direcção do sr. Joaquim de Araujo. Contém artigos e poesias de escriptores conhecidos, tanto d'aquella cidade, como de Lisboa, e é publicação merecedora, por mais de uma razão, do favoravel acolhimento que tem encontrado, pois muitos dos seus numeros estão esgotados.

Que a sua prosperidade augmente cada vez mais, é o que sinceramente lhe desejo.

O TERREMOTO DE LISBOA.—Figura no mercado, com este titulo, mais um romance historico devido á penna do infatigavel escriptor o sr. Pinheiro Chagas, cujo talento e fertilidade surprehendem todos.

O enredo do novo livro do sr. Pinheiro Chagas é pretexto, aliás interessante e bem urdido, para o auctor escrever largamente a respeito do terremoto de 1755, que destruiu a cidade de Lisboa, e do grande estadista, o marquez de Pombal, que fez surgir do montão de ruinas produzido pelo forte abalo e pelo fogo, a regular cidade em que hoje vivemos.

O assumpto já de si interessante, mais attrahente se torna abrilhantado pelas galas de estylo do illustre escriptor que o tratou em romance. É natural, portanto, que a obra tenha grande extracção, pelo que bem andaram os editores os srs. Mattos Moreira & C.ª em a darem á estampa.

O INCENTIVO, PERIODICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, SCIENCIAS E LETRAS.—Tenho presente o primeiro numero d'esta importante publicação mensal, de que são redactores e proprietarios os srs. Romualdo A. de Seixas Filho e Climerio C. de Oliveira. A julgar pela brilhante maneira por que o novo periodico se apresenta no seu começo, póde-se afoutamente augurar-lhe longa vida e crescente prosperidade. Este numero de vinte paginas, impresso em bom papel, contém artigos de generos variadissimos. A instrucção, a medicina e a critica theatral acham-se ali tratadas com bastante conhecimento das especialidades e amenidade de estylo; as poesias e os folhetins com que o fasciculo termina, são agradaveis e lêem-se com interesse.

A nova publicação brazileira é, pois, por todas as razões, merecedora da protecção publica.

A HISTORIA ANTIGA PARA USO DA MOCIDADE.—O livro assim denominado, escripto por M. Lamé Fleury e traduzido em vulgar pelo sr. Arnaldo A. P. de Faria, foi publicado no Porto pelo conhecido livreiro-editor o sr. Ernesto Chardron.

São muitos os livros do escriptor francez que assigna a obra de que ora me occupo, o qual é conhecido por um dos mais habeis auctores de compendios para uso das escolas.

Este da *Historia antiga* é escripto em linguagem clara como o exigem os livros de estudo, contém unicamente os assumptos essenciaes á instrucção dos que começam a illustrar o espirito, e encerra conceituosos commentarios aos factos narrados, commentarios que têem por objecto dar certa educação moral ao estudante, exaltando a seus olhos os grandes rasgos de heroismo ou de virtude dos heroes, e castigando sem clemencias os delictos e crimes d'aquelles que occupam na historia logar menos lisonjeiro.

METHODO FACIL DE ESCRIPTURAR OS LIVROS — TRATADO COMPLETO DE ARITHMETICA PURA E APPLICADA AO COMMERCIO, AOS BANCOS, ÁS FINANÇAS E Á INDUSTRIA.—O referido editor o sr. E. Chardron vae encetar a publicação d'estas duas obras, cuja importancia para os que se applicam ao commercio, facilmente se deprehende dos titulos.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Os parisienses têem gosado, ultimamente, de um espectaculo muito curioso, exposto na sala das Conferencias, no boulevard dos Capuchinhos. Consiste n'um systema de vistas photo-esculpturaes, representando a interessante cidade de Pompeia — encontrada ao cabo de dezoito seculos de esquecimento — com os seus foruns, as suas ruas, os seus templos, os seus theatros e as suas habitações. Ninguem imagina como é commovedor e sublime o espectaculo que apresentam aquellas correctissimas vistas, de aspecto admiravel, e de tal relevo, que o espectador julga-se a passear por entre os celebres e imponentes monumentos, que, de mais a mais, se erguem a seus olhos do tamanho natural. D'este modo está-se no *Forum* civico, donde, seguindo pela rua dos Tumulos, o passeante se dirige para os templos de Jupiter e de Venus. Saindo do immenso amphitheatro que póde conter 20:000 expectadores, vê-se, á direita, o Pantheon de Augusto e os templos de Mercurio e de Isis, e, á esquerda, a Casa do Fauno, o Theatro comico e a *villa* de Diomedes. Encontram-se tambem varias casas particulares, as de Marcus Sucretius e de Cornelius Rufus; as Thermas, ou banhos publicos; a basilica e o Templo da Fortuna, etc. Estas vistas, devidas ao trabalho de um artista italiano, Giacomo Luzzatti, são excessivamente curiosas, sobretudo porque apresentam tal relevo, que ninguem duvida de que está em Pompeia, visitando as ruinas da grande cidade, que esteve enterrada durante mil e oitocentos annos debaixo das cinzas do Vesuvio.

Falleceram ultimamente os seguintes artistas:—Hippolito Boulanger, famoso paizagista belga, tendo de idade apenas 36 annos; Lanerenon, pintor de historia, francez; Luiz Devedeux, tambem pintor de historia, francez; João Henrique Foley, o mais habil esculptor inglez; e o popular desenhador inglez Kenny Meadows, de 87 annos de idade, o qual produziu grande numero de desenhos para gravar em madeira. Foi amigo intimo de Carlos Dickens, Leigh Hunt e Douglas Jerrold.



1553 — IMPRENSA NACIONAL — 1874



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

A NOTICIA QUE VEM DE LONGE

Quadro de Amberg

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



NUMERO 7—LISBOA—3.ª SERIE

A NOTICIA QUE VEM DE LONGE



Que formosa e dulcissima idéa a d'este quadro! Largo pensamento onde os mais contrarios elementos se alliançam na mais suave harmonia que o espirito de um artista póde modular pelos concertos divinos!

O que Deus creou de maior: o mundo; e de mais debil: o coração. Sobre a esphera terrestre cinco dedos finos, rosados, nervosos, unicamente habituados ao delicado contacto do bordado e da luva. O ninho da humanidade dentro do gabinete da mulher. A enormidade dos mares diante da pequenez da lagrima. A distancia a luctar com o amor; a fraqueza a digladiar-se com a immensidade. O movimento da terra a oppôr-se á triste quietação d'aquelle quarto. O silencio da noite procurando vencer a harmonia das espheras para que não perturbem, com a melopea que Pythagoras phantasiou, o doloroso atravessar do pensamento por entre os meandros da saudade... A vontade a porfiar com o impossivel. A creatura a revoltar-se tacitamente contra Deus... Sublime quadro em que tudo isto se adivinha sem que o artista tivesse necessidade de o sobrecarregar de grupos, de accidentes, de tintas!

Ao contrario. Tudo singelo, simples, casto e bom.

Uma só mulher, a mais adoravel figura de mulher que se tem visto, encantadora na simplicidade do vestir, formosissima na simplesa do pensar. Tem um só pensamento. É a saudade que enche o quadro. Mas essa mulher não é apenas, na sua angelica naturalidade, um coração que chora pensando. É mais. É propriamente a encarnação da saudade. O *delicioso pungir* de Garrett está-lhe nos olhos, na physionomia, no trage.

Tudo é terreno e ao mesmo passo tudo é ethereo no quadro. O que ha de terreno está no globo que ella estuda: na distancia. O que ha de ethereo está na candida expressão d'essa mulher: na saudade.

A noite é a solidão, o silencio, a tristeza. Pois bem. A saudade, mixto de solidão, de silencio e de tristeza, redivive a essa hora. Está á sua vontade. O ponto procurado na vastidão da esphera apparece com o vago que linimenta a imaginação quando sonha doloridamente. O sol, com os seus jorros de luz, seria duramente verdadeiro. Consentiria que se avaliassem melhor as distancias, e que se lessem com maior clareza os nomes das terras. Assim, póde esquecer uma ilha, um canal, um estreito. E o pensamento é um viajante egoista: não quer obstaculos. Pensamento, a caminho! Partes d'este ninho perfumado e solitario. Vaes de vaga em vaga. Fluctuas como aquellas flôres errantes que navegam. Passas atravez dos emporios sem que o ruido da civilisação te preoccupe. Levas o teu fito: andas sempre. Atravessas o mar, zombas dos perigos, vaes com a tua véla invisivel e com o teu leme imponderavel em demanda de porto certo. Chegaste. Estás aqui onde o dedo poisou. Aqui fica, exactamente aqui, o archipelago ou a peninsula que sonhavas. Fizeste-te sentir. Fallaste. Volveste-te som, tinta, palavra. Não perdeste atravez da distancia a menor parcella do teu ser. Chegaste intacto e inviolado. Disseste o que tinhas a dizer: o teu poema. Entregaste o que te confiaram: as tuas lagrimas. Voltas com a resposta: as tuas lagrimas e o teu poema. Bemvindo! Seguiste fielmente a direcção que te ensinou essa mão recortada em gelo dos polos. Ó pensamento, ó prodigio, quem soube a essa hora, em que tudo dorme, e alguns sonham, que tu foste tão longe, mensageiro de segredos, e tornaste sem te perderes no caminho?!

Só quem te mandou, e quem te recebeu...

E, todavia, podia sabel-o mais gente, mas esses dormem felizes o somno tranquillo de quem tem ao pé de si quanto deseja ter.

Se não dormissem, lograriam acompanhar-te, porque o teu romance, ó amor, adivinha-se, folheia-se, percebe-se.

Eram duas creanças. Crearam-se juntas, brincaram como irmãos. As borboletas do campo tinham de ambas as mesmas queixas, porque de mãos dadas as perseguiam. As rosas, que desfolhavam, diziam d'ella: É má! E d'elle: É mau! Os pastores da serra chamavam *anjo* a ambos, quando as duas creanças lhes davam da merenda, e impensadamente significavam no singular d'essa palavra que as duas almas estavam fundidas n'uma só pureza. O espelho cristalino dos rios era quadro para o retrato de ambos, quando se miravam nas aguas, e as mães lhes gritavam, de longe, que se acautelassem, porque as levaria a corrente.

Até nos perigos a que se expunham havia inteira communidade!

Podia leval-os a mesma onda, a mesma...

Cresceram. Separaram-se então. Foi cada um para seu collegio. Mas, n'essa grande tristeza do collegio, n'essa grande desgraça moral do nosso seculo, tinham um pensamento commum. Encontrarem-se no dia em que as duas familias as fossem buscar, e não se separarem senão quando de novo voltassem para o collegio. Assim era. Que festivas risadas, que matinaes chilidos quando ella se enganava n'um ponto de geographia, e elle sorrindo a emendava! Assim se foram os primeiros annos em intermittencias de felicidade e soffrimento. Mas de uma vez, nas ultimas ferias do collegio, elle teve de se despedir para mais largo tempo. Ía cursar uma aula superior, e seguidamente encetaria a vida do mar, porque na sua familia havia a tradição de honrar indefinidamente a memoria de um almirante illustre.

Então começou ella a recordar com fervor os seus conhecimentos geographicos. Queria podel-o acompanhar, quando elle embarcasse para dilatadas viagens.

Na sua familia não havia o culto poetico do mar. Sua avó contava ainda ao serão a velha legenda do *mar tenebroso* com o sinistro appenso do naufragio de um parente remoto, que morreu sobre a ultima prancha do navio amaldiçoando, como o velho da praia do Rastello, o primeiro que ensinou a navegar:

> Oh! maldito o primeiro, que no mundo
> Nas ondas velas poz em secco lenho!
> Digno da eterna pena do Profundo,
> Se é justa a justa lei, que sigo e tenho:
> Nunca juizo algum alto e profundo,
> Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
> Te dê por isso fama, nem memoria:
> Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

Ainda nos primeiros tempos do collegio, e durante as primeiras lições de geographia, sentiu a divinal creança pairar sobre a sua cabeça o terrivel Nikker, o genio maligno das aguas, com o horrendo aspecto que elle tem na crença escandinava.

Pouco e pouco, porém, conseguiu dominar os terrores que derivaram de uma educação supersticiosa. Era preciso familiariar-se com o oceano para seguir atravez dos escarceos o navio, que teria cordeame de seda se a deixassem cortar as longas tranças do seu cabello. Lentamente, a creação mythologica de Nikker se converteu, como na tradição escandinava, na entidade protectora do santo bispo de Myra. A *noite do abysmo* transmudou-se hora a hora na ilha dos pomos de oiro, de que fallam as narrativas bretãs, ou na ilha dos amores, que Luiz de Camões idealisou.

Quando o seu companheiro de infancia embarcou pela primeira vez, já ella não compartiu dos terrores com que na sua familia o despediram. Chorou de saudade, não de medo, que já o não tinha. Ah! não! O amor fizera o milagre. Debruçou-se sobre os mappas, e disse ao pensamento, indicando os zig-zags de uma linha colorida:

«É por aqui que tens de seguil-o.»

Pouco depois veio uma carta: a primeira. O navio arribára. Estavam muito longe, talvez em plagas inhospitas e doentias. A familia apavorou-se. Chegou a suppôr que não voltasse. Ella fechou-se no seu gabinete com a sua saudade, e procurou na esphera terrestre a paragem aonde tinha de mandar o pensamento.

«É aqui!» E o pensamento foi, e voltou. Depois ella descerrou as cortinas alvejantes do seu leito de pureza, e começou murmurando as doces orações da noite. E o anjo da guarda, desdobrando as azas, cobriu-a e abençoou-a.

ALBERTO PIMENTEL.

A GALERIA DE QUADROS DO SR. P. DAUPIAS

Em terra onde os amadores de bellas artes são rarissimos; onde, alem da Academia, el-rei D. Luiz e el-rei D. Fernando, apenas um ou dois particulares possuem alguns quadros de valor, e estes mesmos collocados em casas sem luz apropriada, quando não estão em monte, cobertos de poeira, voltados para as paredes, é acontecimento digno de especial menção, principalmente para um periodico da indole d'este, apparecer um amador que manda construir uma galeria elegante e em boas condições artisticas, despendendo ao mesmo tempo alguns contos de réis na compra de quadros para a guarnecer.

É o sr. Daupias o amador a quem me refiro. Teve este cavalheiro a condescendencia de me receber na sua excellente galeria, prestando-me os devidos esclarecimentos ácerca dos seus quadros e proporcionando-me, bem como a um amigo meu muito entendido em assumptos de arte, algumas horas de verdadeiro aprazimento.

Mede a galeria do sr. Daupias, levantada na sua casa ao Calvario, 16 metros de comprido por 5^{m},75 de largura. O tecto é envidraçado e as paredes estão cautelosamente dispostas para não deteriorarem as télas, sendo pintadas de uma côr que não prejudica o effeito dos quadros. Ao cimo das paredes corre um simples ornato fingindo como que uma cimalha de pedra, muito bem pintado a fresco pelo distincto artista decorador o sr. Bordes.

Os quadros que preenchem a galeria são todos antigos, e muitos d'elles, talvez a maior parte, pertenciam a casas bastante conhecidas, de Lisboa, das quaes o sr. Daupias directamente os obteve.

Entre as télas que mais notaveis me pareceram, mencionarei as seguintes de que me recordo:

Uma cabeça attribuida a Rubens, de colorido vigoroso e agradavel.

Dois quadros de Teniers.

Uma bonita e excellente composição, assignada, de Theobaldo Michau, representando um *Mercado de gado.* Este quadro pertenceu á galeria Hankock.

Dois quadros de flôres, assignados, de Philipp Van Thielen, e que tambem pertenceram á referida galeria.

Quatro quadros representando a *Creação do mundo,* assignados por Breughel.

Um painel d'este mesmo artista, representando a *Tentação de Santo Antão.*

Dois quadros da escola veneziana, representando assumptos biblicos. São de Jacques Bassano, chamado Giacomo da Ponte, e estão ambos assignados.

Um quadro da escola hespanhola attribuido a Juan Valdés Leal. É uma grande e notavel composição, figurando um assumpto sacro.

Um quadro representando um *Rapaz vendendo gallinhas,* pintado com largueza, e muito similhante em estylo aos trabalhos de Velasquez.

Uma bambochata de Simão de Vos.

Um flamengo, attribuido a Lundens, representando uma *Festa campestre.* É primoroso este quadro. De variada composição e colorido apropriado, tem excellente desenho e admiravel acabamento. As figuras são muito expressivas e contrastam bem umas com as outras. A castidade do principal grupo em manifesta contraposição com a immodestia do grupo secundario, é de magnifico effeito. Tenho este quadro por um dos mais agradaveis da galeria do sr. Daupias.

Um quadro de Panini, figurando *Ruinas.*

Um grande painel da escola hollandeza, attribuido a Gerard Honthorst (Gherardo della notte). Representa um episodio da vida de S. Roque, e foi comprado no leilão que houve, ha pouco tempo, na Escola polytechnica. Pertencêra ao antigo Collegio dos nobres.

Um pequeno mas formoso quadro representando a *Ceia do Senhor.* É primorosa a figura que está assentada no primeiro plano.

Um *S. João Baptista,* attribuido a Carduci.

Um painel figurando o *Salvador adolescente,* attribuido a Julio Romano.

Dois quadros de batalhas, composições microscopicas em que ha uns longes muito bem tocados.

Alguns quadros gothicos de bastante merecimento, avultando entre elles dois de grandes dimensões.

Consta-me que o sr. Daupias fez acquisição, depois da minha visita á sua galeria, de um famoso quadro original de Ribera, figurando *Santa Maria Magdalena.* Affiançam-me que este quadro é superior ao de igual assumpto, mas de composição differente, pintado pelo mesmo mestre, que existe na vasta galeria de Madrid, com o n.º 80. Parece que tanto ao de Madrid como a este, serviu de modelo a filha do pintor.

Alem dos quadros referidos, muitos dos quaes estão encaixi-

lhados em ricas molduras, possue o sr. Daupias algumas composições modernas de incontestavel merecimento, e uma collecção de aguarellas de artistas hespanhoes, muito importante.

Em contravenção ao uso seguido na maior parte das galerias, encontram-se na do sr. Daupias, alem dos quadros que guarnecem as paredes, alguns objectos de subido valor.

Dois bufetes magnificos estão ao meio da casa, e sobre elles algumas louças preciosas, sobresaíndo tres chavenas de Sèvres, em uma das quaes se vêem primorosamente pintados, os retratos de Henrique IV e de duas princezas. É lindissima esta amostra dos famosos productos da celebre fabrica franceza.

Algumas talhas da India de muito preço, adornam os cantos da galeria, e um prato magnifico de prata doirada, com figuras cinzeladas, representando uma batalha do tempo dos romanos, assenta sobre um plintho feito de proposito para o expôr. Finalmente alguns passarinhos alegres e de côres variegadas, saltitam e cantam dentro de uma vasta e elegante gaiola de arame, animando aquella mansão da arte, onde os personagens que a habitam só vivem pela expressão e movimento que lhes imprimiu o pincel inspirado do artista que os produziu.

N'um dos extremos da galeria está a concluir-se um *salon carré,* que o sr. Daupias destina para quadros modernos. Terminado elle, seguir-se-lhe-ha outra galeria igual á primeira, e no enfiamento d'esta, destinada aos quadros que o sr. Daupias tem dispersos pelas suas salas, que são muitos, e aos que este intelligente amador fôr d'aqui em diante comprando.

O sr. Daupias teve a fortuna de poder conciliar as condições artisticas da galeria já feita e da que vae edificar, com as suas commodidades. S. ex.ª não precisa saír de casa, nem sequer atravessar uma sala ou um corredor para vêr os quadros que possue; basta-lhe abrir a porta de um dos seus quartos para estar no *salon carré,* e d'ali se dirigir á direita ou á esquerda, conforme a galeria que primeiro quizer visitar.

Não abunda em Portugal quem allie os bens da fortuna ao bom gosto e ao sentimento artistico; quando, portanto, se depara com alguem n'estas circumstancias, são sempre poucos os encomios que se lhe dirigem.

N'este caso está o sr. Daupias a quem vae, de certo, caber a gloria, superior a todos os elogios, de vêr seguido o exemplo de elevado gosto que deu, pois é natural que alguns amadores abastados, seduzidos pelos quadros de s. ex.ª, se disponham a crear galerias particulares, com o que prestarão relevantes serviços ás artes.

RANGEL DE LIMA.

ARTES

RECORDAÇÃO HISTORICO-ARTISTICA

COMPLETARAM-SE, aos 29 de junho ultimo, 274 annos que Rubens partiu para a Italia.

Decidíra-se esta viagem por conselho de seu primeiro mestre Octavius Van Veen, mais conhecido pelo nome latinisado de Ottovœnius.

Logoque veio a saber-se esta resolução, a mãe de Rubens reuniu os parentes mais dignos de confiança, e n'um accôrdo legalisado, escripto em flamengo, e do qual ainda existe o texto, declararam: «Que os parentes e tutores de Pedro Paulo Rubens, convencidos da honradez, habilidade e bom procedimento d'elle, não achavam difficuldade em conceder-lhe da melhor vontade licença para ir á Italia acostumar-se na boa sociedade e aperfeiçoar-se na sua arte, seguindo assim o exemplo de seu pae e do seu digno e honrado mestre Octavius Van Veen.»

Depois de ser apresentado por seu mestre, em audiencia de despedida, ao archiduque Alberto, que o brindou com uma riquissima cadeia de oiro, Rubens, entre os seus parentes e condiscipulos, e alguns personagens da côrte, montou a cavallo e partiu para a terra classica das artes, aos 29 de junho de 1600.

Contava então 23 annos.

Seu mestre Ottovœnius entregou-lhe, na occasião da partida, letras sobre as principaes casas bancarias da Italia na importancia representativa das suas economias.

Rubens chegou a Veneza e ahi se demorou pouco. Em seguida partiu para Mantua, onde estava o duque, e tambem este o accumulou de favores; a final, o que havia de ser famigerado pintor, seguiu para a cidade de Roma.

E.

MARTYR CHRISTÃ

(Quadro de P. Delaroche)

Tu foste o branco lirio;
O vento, ao perpassar,
Levou-te o aroma ao empyreo,
E as petalas ao mar.

A candida existencia
Em nuvens a embalou;
E o sopro da innocencia
Aos astros a levou!

Na vaga, aonde a lua
Raios entorna a flux,
Morta a virgem fluctua,
Como em rede de luz.

A Roma dissoluta,
Alem, brame em furor.
Na terra não se escuta
Um ai da sua dôr!

Ninguem a haver chorado?!...
Que importa? vem banhar
Seu corpo desmaiado
As lagrimas do mar.

Na terra, em ermo escuro,
Nem lousa opprimirá
Seu peito alvo e puro.
Anjo, e martyr, terá

Por campa o céo da Italia,
O immenso manto azul;
E o dôce canto, oh dhalia,
Das virações do sul.

No firmamento os astros,
Cedendo á attração,
Em luminosos rastros
Seu nome inscreverão.

—A crença ao céo radiosa!—
Tu, corpo, habitar vaes
A estancia luminosa,
As grutas de coraes.

Então, reflexo vago
Das nuvens do luar,
Dôce ondina do lago,
Serás a alma do mar!...

Coimbra, 1874.

COELHO DE CARVALHO.

CATHEDRAL DE ANTUERPIA

Antuerpia, a antiga cidade dos Paizes Baixos, está situada a alguma distancia da embocadura do Scheldt. As margens d'este rio offerecem o espectaculo de abundantes pascigos e o matiz dos trigaes opulentos, bastando isto, e a variedade caprichosa dos edificios, para que o animo do viajante se sinta deliciosamente impressionado.

Antes de se abordar a cidade, descobre-se a grimpa da elevada torre da cathedral, emergindo de um centro viçoso; e ao chegar-se a Lillo e Liefkenshock, postados lateralmente como duas sentinellas, em defensão de Antuerpia, o contorno do monumento apresenta-se mais distincto, mais limpido, até que, fundeando o navio, a attenção se embebe tanto n'elle como na paizagem.

A cathedral de Antuerpia occupa um logar proeminente no grupo da architectura continental, reputando-a, muitos, como o mais esplendido edificio gothico da Europa.

Em periodo remoto, erguia-se uma modesta igreja n'aquelle mesmo sitio, e conforme a lenda, Godfredo de Bulhão transformava-a depois em templo de uma collegiada. Apoz varias alterações, de que a historia não legou capitulo authentico, a igreja, convertida em cathedral, foi inteiramente reedificada, dizendo-se que oitenta e quatro annos se consumiram n'este lavor prodigioso.



Cathedral de Antuerpia

Em 1533 o fogo destruiu o edificio, poupando a torre e o côro. Este havia sido reconstruido dez ou doze annos antes, sendo o imperador Carlos V quem lançou a primeira pedra. A torre, começada em 1422, sob a direcção do architecto João Amelins, concluira-se, na opinião de um escriptor francez, em 1518 sob as indicações de J. Appelmans, de Colonia. O que a torna geralmente admiravel são os requintes da sua construção, e a harmoniosa elegancia de suas partes. Composta de diversos lanços, cada um d'elles aporfia em extremos de ornamentação, não sabendo a vista em qual se demorará de preferencia.

De principio tentou-se erigir no outro angulo uma torre similhante, mas, como o denuncia a gravura, nunca passou do primeiro compartimento ou galeria.

Em 1540 addicionaram-lhe um carrilhão com sessenta sinos, o qual dá quartos e horas, — por fórma, ao que é de suppôr, tão ruidosa, que os experientes aconselham a que ninguem se vá hospedar no *hotel* de Santo Antonio ou no do Parque, — se acaso pertender dormir com socego.

Internamente, ainda a cathedral se mostra mais grandiosa. A nave, que é de uma extensão immensa, estadêa ao centro uma cupula ou lanterna, afestoada de laçarias gothicas, e por ella se côa uma luz tibia que vem projectar-se nos paredões guarnecidos pelas assombrosas télas de Rubens.

Antuerpia é uma das cidades continentaes para onde o artista deverá encaminhar os passos de melhor grado; e a cathedral, o primeiro objecto a nortear-lhe o espirito. Sentir-se-ha captivado pela sumptuosidade dos adornos, pela riqueza dos paramentos, pelo deslumbrante conjuncto das alfaias. Centenares de candelabros de prata, baixelas de oiro, trinta e dois altares de marmore branco, profusão de quadros, — uma prolixidade magestosa. A onda da revolução, como sempre, desempenhou a sua tarefa destruidora; mas, felizmente, salvaram-se as tres grandes composições de Rubens: *O descimento da Cruz*, *A elevação da Cruz* e *A assumpção da Virgem*.

A esculptura em madeira conserva a sua primazia na Belgica. Não ha igreja que não patenteie algum primor no genero, — o pulpito, sobretudo. O da cathedral revela um trabalho paciente, comquanto o gosto do desenho se não coadune com o pensamento que a elle se associa. Sustem-n'o quatro figuras colossaes, a Europa, Asia, Africa e America, com os seus attributos symbolicos, — servindo-lhe de remate ou corôa um ennastrado de ramos e troncos, por entre cujas folhas se descobrem innumeras aves, — concepção esta de Verbruggen. Não se esqueçam os modernos entalhes, planeados pelo professor Geets, de Louvain, e executados, sob suas vistas, por Durlet. N'estes se admiram grupos de estatuas e baixos relevos, simulando varios successos da vida de Christo, adornados com todas as exuberancias gothicas.

Taes esculpturas frisam em valia com as das melhores épocas da arte christã.

O PASTORSITO ROMANO

DIZ Rousseau que não tinha mão das lagrimas, quando ouvia as seguintes palavras: *voilá de la pervenche en*



O pastorsito romano

fleurs! Que o amante de M.me de Warens não explicasse o phenomeno, e sempre queriamos vêr quem lograria explicar-nos tamanha singularidade.

A alma do poeta é profunda e mysteriosa como o mar: não ha sonda que lhe rasteje no fundo, nem mergulhador por mais ousado que lhe devasse os segredos.

Ao leitor, que ha de ser mais ou menos poeta, como peninsular que é, que de vezes não terá succedido quedar-se suspenso, distrahido, de olhar absorto no vago, ou porque acertou de ouvir as palavras de uma cantiga com que o embalaram na meninice, ou porque aspirou o perfume de uma dada flôr, ou porque viu na rua, de passagem, um determinado perfil!...

É sabido de todos o quanto o passado influe no presente, e quanto d'esta influencia procede as mais das vezes a causa das nossas alegrias, das nossas tristezas e das nossas scismas.

Se isto succede com quem levou na terra vida remanchada, e pouco de accidentes e aventuras, imagine-se como não será opulento de recordações e de lembranças o passado de quem andou de peregrinação em peregrinação, vendo terras, analysando costumes, e conversando povos, até que a fadiga e o cançasso lhe dissessem: basta!

Ora para esses, cujo thesouro de reminiscencias deve ser abundante, chega um dia, em que a intelligencia se obscurece, em que a memoria emperra, e a sensibilidade se embota.

Conhecemos um d'estes teimosos viajantes, que envelheceu, e que por unicos amores tem uns netos, que lhe rodeiam a poltrona e que em tardes de verão a arrastam para ao pé da varanda, de sorte que o avô possa vêr quem anda na rua e as andorinhas que recortam caprichosamente o azul.

Á noite quando se accende o candieiro, bastas vezes cáe de chofre no peito do octogenario o gravame de uma tristeza incomportavel; nada o distrahe, nada o consola: nem a conversa do genro, nem o tagarelar das visitas, nem a voz argentina das creanças.

Quereis porém vêr como aquelles olhos quasi apagados se illuminam, e aquellas rugas se distendem, e aquelles beiços descorados se desatam em risos, e como aquella memoria acorda n'um sobresalto alegre?

Ide buscar-lhe a pasta dos desenhos, abri-a em cima do tapete da mesa, chamae a pequenada, que toda se delicia com este episodio, e observae-me agora como o velhinho se está narcisando n'aquelles desenhos, que elle em melhores tempos fez, já alcandorado nos pincaros agrestes dos Alpes, já debruçado nos brancos terraços de Malta, já em alguma *pozada* tentando fixar no papel as *mañolas* trêfegas e lascivas, que levantam nos requebros do fandango as saias curtas, fôfas e pintalgadas!

Então é que é o recordar, o rir e o chorar do pobre velho, emquanto as creanças apertam mais estreitamente o circulo das cabecinhas louras, e se acotovelam silenciosas, ouvindo os commentarios do avô.

Chora, velhinho! Cada um d'esses desenhos representa uma parte da tua vida de outr'ora, da tua vida tão cheia de enthusiasmos, de illusões e de mocidade. N'aquelle tempo tinhas tu o cabello negro e lustroso, o olhar vivo e penetrante, o passo seguro e firme, o corpo tão rijo como o aço; tanto te montava a ti o calor ardente dos tropicos, como o frio intenso das *steepes*.

Amaste e foste amado, e muita vez quando a madrugada rompia, e a passarada regorgeiava pelas sebes em flôr, se te mettias á estrada, sósinho, com o teu bordão, e se olhavas para traz, verias em certas janellas, por entre as cortinas ondeadas levemente pela brisa matutina, uns dedos que te diziam adeus, uns labios que te beijavam de longe...

Mas ao que vem tudo isto com o pastorito da estampa?

Vem, que nos estivemos lembrando que as recordações devem pungir mais vivamente ao viajante de que ao resto da gente, sobretudo quando este viajante seja artista, pintor ou poeta, e que nunca deixe de registrar, quer com a penna, quer com o *crayon*, a impressão que o commoveu, o enthusiasmo que o electrisou, a paisagem melancolica ou risonha que lhe choveu sombras no espirito, ou lhe inundou de risos o coração.

E senão indaguem do artista, que desenhou este pastor, se diante d'esta gravura, hoje ou ámanhã, não sentirá rebates de saudades ao lembrar-se do momento, em que viu o mocito, conversou com elle, e, tirando do lapis, esboçou no papel as linhas e os contornos, que mais em socego corrigidas e avivadas nos deram esta figura tão simples, tão pittoresca e tão verdadeira!

E depois não será tão sómente o pastor a causa das reminiscencias do artista, acudir-lhe-hão as miudas circumstancias d'aquella hora, e assim desdobrar-se-lhe-ha á vista a manada de egoas que elle viu passar correndo debaixo das arcarias de um dos muitos aqueductos, que atravessam aquelles plainos dos arredores de Roma, descobrirá o Tibre deslisando em torcicollos ora apparecendo, ora desapparecendo, verá os bufalos escuros arrastando rio acima as pesadas embarcações, e logo a festiva e branca locanda onde o turista comêra uns vermelhos cachos de uvas da montanha, e mais tarde a Storta, e ao longe o mar, e lá em baixo ensanguentada pelos raios do occaso a enorme, a colossal, a prodigiosa cupula de S. Pedro, e depois... Roma...

Que saudades!

Pinteus. GONÇALVES CRESPO.

DANDO cabimento nas columnas d'este jornal á carta que vae lêr-se, deixo de satisfazer ao desejo que — de certo, por imperdoavel modestia — o auctor d'ella manifesta no periodo em que me pede a reserve só para mim.

Prefiro porém não acceder, n'este ponto, ao dictame de Ernesto Marécos, a privar os leitores das *Artes e Letras* de uma pagina interessante escripta pelo desterrado poeta no ermo para onde ha tantos annos se ausentou, e donde tão rarissimas vezes dá noticias suas aos amigos e admiradores do seu explendido talento.

Ahi vae, pois, a carta do poeta, á qual não omitti uma unica palavra, nem mesmo quando elle se dirige a mim com mais amisade do que justiça. Se n'esta publicação ha abuso de confiança, elle que m'o perdôe; mas — para me servir da sua expressão — não achei outro meio de *fazer* mais *fidalgamente as honras da casa, ao novo hospede que me visita.*

RANGEL DE LIMA.

Meu caro Rangel de Lima

Ibo, 20 de dezembro de 1873.

A esta villa do Ibo, ponto entre todos o mais desconhecido, e o mais digno de o ser, do mundo civilisado; a este ermo inhabitavel onde não apparece o livro, nem o jornal, nem o boato, nem o ecco enfraquecido, ao menos, dos rumores que lá fóra denunciam a vida intellectual; a esta ilha, que em hora aziaga descobriram os nossos maiores, onde a ignorancia realisa o *nec plus ultra* das columnas da fabula; a esta obscura extremidade, emfim, da provincia de Moçambique, chegou-me n'um bello dia, depois de quatro annos, quatro seculos, de não ler e não ouvir, a noticia da existencia do teu jornal *Artes e Letras*.

D'ahi se prova que não ha deserto, por desamparado que seja, a que a Providencia não destine um raiosinho de luz.

Vaes presumir talvez, meu amigo, que um numero desgarrado da tua folha, depois de inauditas peripecias maritimas, terá vindo, por uma feliz combinação de coincidencias, aportar a estas praias. Vangloria do amor paternal! As muralhas da China são um positivo brinco de creanças se as comparamos ás barreiras de escuridade que me cercam aqui por todos os lados, e está ainda por

crear o jornal litterario que haja de atravessal-as. A noticia veio-me simplesmente n'uma carta de Moçambique. O signatario d'essa carta era o auctor da poesia que te remetto.

Singular excepção na sua terra, o sr. Campos Oliveira, que é natural de Moçambique, alliando a uma vocação accentuada a leitura dos bons mestres, consagra ás musas um culto que tem tanto de auspicioso para elle como para as letras. A poesia *Dois anjos* é um ligeiro specimen do que elle póde e sabe fazer. Corre-lhe agora o primeiro verdor dos annos e eu não duvido asseverar que, dentro em pouco, succederão magnificos fructos ás flôres delicadas em que o seu bello talento se desata já. Creio que para ti ficará de sobra confirmada a minha asserção pelas estrophes que te envio, mas se tens por ahi leitor meticuloso que não prescinda de prova testemunhal, requeiro desde já se tome depoimento ao Augusto de Castilho, juiz de toda a competencia, que ha mezes partiu para Lisboa, que, em Moçambique, privou com o poeta de quem tratamos, e que d'elle obteve mais de uma producção mimosa para esse livrinho, tão popular e tão festejado, que se chama *Almanach de lembranças*.

Um poeta de Moçambique, sobredomando as concepções com o escrevel-as em portuguez correcto, é, para quem conhece o paiz, mais do que um phenomeno espantoso, é a *rara avis* que tem incontestavel direito a receber, por parte dos amigos das letras, e especialmente dos jornalistas, um acolhimento cheio de affeição e benevolencia.

Julgo, portanto, que me agradecerás o proporcionar-te o ensejo de apresentares aos teus leitores o moço poeta africano. Para mim foi tambem uma felicidade o deparar-se-me este meio de saudar dignamente o teu jornal. De cousa da propria lavra não fallemos. O estylo e a atmosphera do Ibo não pódem coexistir. Do pouco e mal que por algum tempo lidei nas letras resta-me hoje apenas a saudade. A idéa acode-me agora tarda e descórada, a penna pesa-me positivamente na mão, e principio a acreditar que a mais admiravel de todas as audacias é a audacia de escrever para o publico.

Sei que farás fidalgamente as honras da casa ao novo hospede que te visita, e presumo que do que levo dito facilmente extrahirás o *quantum satis* para que, em algumas linhas tuas de introducção, se orientem os leitores sobre a procedencia da poesia que lhes offereço. O tomares tu a ti essa agradavel tarefa terá a dupla vantagem de dar realce á obra e de permittir que reserves para ti só esta carta, que, confiada á imprensa, pouco aproveitaria ao poeta que recommendo, e muito menos ainda aos creditos litterarios da minha humilde pessoa.

Lembranças a teu pae. Recebe um fervoroso abraço do

Teu amigo sinceramente affeiçoado

ERNESTO MARÉCOS.

DOIS ANJOS

Dormia a creança! belleza que tinha
não podem meus versos ao vivo pintar;
encanto que a ornava, meiguice mais pura,
nem Rubens soubera talvez imitar.

Dormia a creança! que doce innocencia
transluz na candura do rosto infantil!
—Que grato remanso concentra o repouso
da tímida infancia no berço gentil!—

Dormia a creança! do berço bem junto
um anjo velava de forma ideal;
singela grinalda cingia-lhe a fronte,
luziam-lhe as vestes de claro cristal.

Ficou largo espaço mirando a innocente,
nos olhos mostrando ternura sem fim,
depois, enlevado, soltou em caricias
a voz argentina fallando-lhe assim:

«Que fazes na terra, florinha tão debil,
estrella propicia de mago esplendor?
que esperas n'um mundo de eternas maldades,
cercado de espinhos n'um antro d'horror?

«Aqui ha enganos, profunda impiedade,
algozes sedentos e sem coração;
aqui ha pezares, martyrios que ulceram,
impuros desejos e vil corrupção.

«Não queiras, ó pomba, perder a candura
que doira teus dias, mandada dos céos,
não queiras na terra viver entre prantos
que pódes comigo voar para Deus!

«Vem vêr as bellezas que o céo reconcentra!
o throno do Eterno que encantos que tem!
que doce harmonia nas harpas dos anjos!
que estrellas! que flôres! que aromas tambem!

«O céo é risonho—tem magos primores,
é todo innocencia, todo elle é de luz!
ali não se escutam gemidos de angustia,
ali ha só festa que as almas seduz.

«Não deves na terra, florinha tão linda,
seccar teu perfume, teu brilho perder...
oh! vem! não demores, que os anjos te esperam!
oh! vamos depressa bem juntos viver!»

E o nuncio divino fallando taes fallas
do infante nos labios um beijo depôz;
e em ledo sorriso subiu ao Empyreo
as candidas azas batendo veloz.

Passados instantes... a mãe da creança
envolta gemia da mágoa nos véos:
—chorava a filhinha que o mundo deixára
e em côro de archanjos sorria nos céos!

J. P. DA SILVA CAMPOS OLIVEIRA.

FESTA CAMPESTRE



O artista pintou este quadro e chamou-lhe *festa campestre*. Denominação falsa, digo eu, tão falsa como aquelles cordeiros que estão pacificamente pastando quasi debaixo dos pés do grupo alegre e juvenil, tão falsa como aquellas pastorinhas de bordão enfeitado de laçarias e flôres, e aquelle galã que se requebra n'uns tregeitos de comedia, e aquella garrida senhora, que mostra debaixo da saia curta e enfeitada a primôr, uns buliçosos pésinhos que a meu vêr hão de calçar sapatos de setim de tacão alto e vermelho.

Verdadeiro ahi só ha o canzarrão, que não é para graças e que acompanha os sons do instrumento com uns uivos e ganidos de vir tudo abaixo.

Ou eu me engano muito ou nós estâmos na casa de campo de algum fidalgo da côrte de Luiz XV ou de algum opulento conselheiro do seu parlamento.

Aquellas pastoras são marquezas, que deixaram os seus *boudoirs* de setim, e os seus trajos de côrte para respirarem um pouco de ar que não seja impregnado de almiscar ou de *poudre d'Iris*. Tentam esquecer por instantes o carmim que lhes costuma colorir as faces, as moscas que lhes realçam a alvura da tez, os folhos dos seus longos vestidos de cauda, decotados até o meio das costas, e quem sabe mesmo se os finos ditos galantes dos seus amorosos vassallos.

Jantaram n'aquella casa que se vê lá ao fundo n'uma sala adornada de cupidos engrinaldados de flôres que atiram flechas, de nymphas que se perdem como a Galathéa antiga por entre a sombra dos cinceiraes, e de pastorinhas gentis que se deixam beijar por uns Melibeus postiços que nada tem de bucolicos.

O jantar foi abundante de viandas e de anecdotas, de licôres e de galanteios.

Fallou-se de Rousseau, que n'aquelle tempo apaixonava o espirito curioso e avido de sensações d'aquellas mulheres a quem já não bastava o leviano amor dos Richelieu e dos Lauzun, e para quem á voz do sombrio amador de Mme de Houdetot a palavra *capricho* ia ser substituida pela palavra *paixão*. Cantou-se uma anacreontica do abbade de Bernis, e um cavalleiro de Malta narrou com muitissimo sal o dito de Piron que saia cambaleando de um café, e que reprehendido por se haver entregado a taes excessos no dia de sexta feira de Paixão, respondêra—quando a Divindade morre não é muito que a humanidade cambaleie.— Um outro pede silencio e recita a novidade do dia, uma quadra feita a Mme de Pompadour por Voltaire, ao entrar no gabinete em que a amante de Luiz XV retocava uma miniatura

Pompadour ton crayon divin
Devrait dessiner ton visage
Jamais une plus belle main
Naurait fait un plus bel ouvrage.

Fallou-se muito do caustico poeta; estivera um com elle no ultimo sarau de Mme de Deffant, sabia-lhe outro de cór um chistoso epigramma, e um mais feliz ouvíra um acto da sua ultima tragedia.

Depois, quando o espirito dos convivas começava a esmorecer, uma d'ellas, das graciosas mulheres que rodeavam a mesa, e alimentavam aquella conversação, verdadeiro fogo de artificio iriado de cambiantes magicos, sentou-se a um cravo e rompeu com a musica da *gavote*.

Ao campo! ao campo! bradou em côro a turba dos mais moços, e quando abertas as portas de par em par os convivas saíram de roldão, os faunos do jardim sorriram-se maliciosamente para as nymphas que lhe estavam ao pé.

Afina-se o instrumento, a dança principia, mas os pares não podem de todo esquecer que ainda ha pouco se saracoteavam donairosos nos engommados salões de Versailles.

Ai! as festas da minha aldeia!...

Quem dera a essas doidas cabeças empoadas que a guilhotina espera, um raio do sol festivo e puro que illumina a humilde solemnidade a que se póde chamar sem mentira uma *festa campestre*.

Pinteus.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)

ENCAMINHADO por Cavallucci e vencidos os primeiros obstaculos, dedicava Sequeira ao estudo todo o seu tempo, toda a sua energia, todas as suas forças. De manhã desenhava o natural ou o antigo; corria nos dias e horas de exposição a visitar os museus publicos e particulares, onde não cessava de copiar o antigo; as noites consumia-as no estudo da anatomia e em adquirir os conhecimentos que mais importavam á sua carreira. Depois de alguns mezes d'este incessante e durissimo trabalho, enfermou a tal ponto que se viu forçado a saír de Roma em busca do descanço e da saude. Visitou successivamente Parma, Bolonha, Milão e Veneza, e esta viagem emprehendida com o fim principal de lhe restaurar as forças, deu-lhe ensejo a continuar os seus estudos, offerecendo á sua esclarecida admiração os thesouros de arte conservados n'aquellas cidades. É natural que o grande pintor de Parma, cujo magico pincel só póde bem apreciar quem ali tiver visto suas obras, que os deslumbrantes coloristas de Veneza houvessem produzido em Sequeira funda impressão. Aparelhado pelo ensino do mestre a resistir ás seducções perigosas dos bolonhezes, viu e admirou as producções d'esta escola, mas não se alistou em suas fileiras.

Voltou a Roma passados alguns mezes e ali não tardou o seu talento em ser apreciado como devia sel-o. Foi incumbido de executar em igrejas e palacios varios trabalhos importantes, alguns dos quaes subsistem ainda, e tive occasião de estudar, como ao diante referirei. Aquelles annos foram de abençoado e fructifero resultado. Sequeira vivia no meio de uma familia abastada e respeitavel, a familia Cometti, a quem dedicára carinhosa amisade e que lhe queria como se n'ella houvesse nascido. A um dos filhos, mancebo então e que muitos annos depois conheci bispo e octogenario, ouvi referir que mais de uma vez seu pae, saíndo de Roma, entregára a Sequeira o governo e direcção dos filhos, tal confiança tinha na prudencia e gravidade do joven artista portuguez.

A familia Cometti era muito querida de todos os pensionarios portuguezes. Tenho presentes affectuosas cartas dirigidas a algumas pessoas d'essa familia por José da Cunha Taborda e pelo gravador de cunhos e medalhas José Antonio do Valle. Parece que eram considerados ali mais como parentes do que como amigos, mitigando n'aquelle trato de carinhosa intimidade as saudades dos seus e da patria. Folgo de memorar estes factos e de prestar tardia mas sincera homenagem áquelles que souberam dar, tão longe da terra portugueza, gazalhado e amisade aos nossos compatriotas. O nome da familia Cometti não póde separar-se do de Sequeira e de seus condiscipulos.

A permanencia de Sequeira em Roma foi cortada de outras viagens, além da que deixo mencionada, emprehendidas com o fim de visitar museus e obras de arte. Em uma d'ellas visitou Napoles e, como particularidade curiosa, referirei que d'esta cidade escreveu uma engraçada carta em verso italiano, que tenho diante dos olhos, na qual descreve á sua «comare la signora Giuditta Cometti» os pormenores da viagem e as saudades que sente pela casa que para elle era quasi «o ninho seu paterno».

Achava-se Sequeira em Roma, quando travada a lucta



NICOLAS LANCRED pinx^t   A.H. PAYNE sc.

FESTA CAMPESTRE.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

entre os diversos estados italianos e a republica franceza, não tardava que o vencedor d'Arcole e de Lodi transformasse a antiquissima monarchia pontificia na rejuvenescida republica romana. Andavam accesos os animos contra os francezes, e a plebe romana mais de uma vez se deixava arrastar a commetter actos sanguinarios que finalmente acarretaram as terriveis represalias que nos refere a historia. Não era prudente para os francezes, mesmo artistas e inteiramente alheios á politica, passarem desacompanhados pelas ruas de Roma principalmente pelas que avisinhavam os bairros populares.

Uma tarde estivera Sequeira passeando no Colyseu, desenhando talvez uma porção d'aquellas admiraveis ruinas, que mais grandiosas parecem ainda ao descaír da tarde, quando as alumiam os ultimos raios do sol no occaso, e voltava de album debaixo do braço e trazendo na mão o banquinho de tesoura, util companheiro dos pintores em suas digressões no campo. Saíra do Colyseu e entrára no que foi outr'ora o *fôro* romano, quando turba furiosa e infrene o accommette de subito soltando gritos de *morra* ao francez; chegaram mesmo alguns a ameaçal-o de perto com punhaes, e sem duvida n'esse dia teria perecido o grande artista ás mãos d'aquelles furiosos, se o não salvasse o sangue frio que felizmente o não abandonou. Conhecendo bem não só o italiano senão o dialecto fallado na região dos *monti* e no Transtevere, disse-lhes, empregando este idioma, que se enganavam, que elle não era francez, senão um artista que recolhia dos seus estudos, portuguez de nação, mas filho de Roma pelo affecto que lhe consagrava e o muito que lhe devia. Serenaram os populares e o nosso grande pintor poude seguir seu caminho sem mais molestia. Comtudo d'ahi em diante foi habitar de novo para o palacio da embaixada, não se julgando talvez seguro na casa do seu amigo Cometti, a quem não resguardavam as immunidades e o respeito devidos aos palacios dos representantes extrangeiros.

Os gravissimos acontecimentos politicos que ameaçavam desencadear-se em furiosa tempestade levaram o governo portuguez a fechar a academia portugueza em Roma e a ordenar o regresso dos pensionarios. Nunca mais se restaurou aquelle instituto, cujas collecções, trazidas para Lisboa por José Viale[1] pelo anno de 1803, nem assim escaparam aos francezes que as destruiram enchendo com os fragmentos dos gessos alguns caboucos de fortificação, no castello de S. Jorge onde estavam[2]. Obedecendo á ordem do governo, Sequeira deixou Roma para regressar a Portugal. Antes porém foi recebido em audiencia pelo papa Pio VI, que lhe testemunhava muito affecto e que, em prova de sua estima, lhe mandou em grande ceremonial, segundo o uso d'aquelle tempo, uma reliquia de Santo Antonio, engastada em custoso relicario. Usavam os pontifices dar por esta fórma um publico testemunho de consideração ás pessoas a quem queriam honrar, enviando em grande pompa um dos seus camareiros em coche de gala, levar a reliquia ao agraciado. Esta demonstração que lhe conferiu o venerando Pio VI foi em extremo agradavel para Sequeira, que assim recebia como que a consagração do seu talento com a benção do futuro martyr de Valença. Para o animo piedoso de Sequeira misturava-se o respeitoso acatamento que sentia pelo dom pontificio, com o jubilo de receber, em tão verdes annos e em posição relativamente humilde, a mercê do soberano, pois outra cousa não era a distincção que o papa lhe outorgára. Quando velho comprazia-se em recordar a fineza que n'aquelle dia lhe fôra feita e da qual sempre conservára grata memoria.

Não lhe faltaram tambem distincções d'outra ordem, que para elle não eram menos apreciaveis. Em 1794 recebia o diploma de academico de merito da insigne e pontificia academia de S. Lucas, onde pouco antes fôra discipulo e laureado concorrente. Caminho de Portugal, aproveitando um curto resfolgar da tormenta que então rugia, tornou a visitar as principaes cidades do norte de Italia, Bolonha, Parma, Milão, Veneza e veio finalmente embarcar em Genova, em outubro de 1795. No decurso d'esta viagem recebeu novas distincções academicas, sendo nomeado membro das academias de Bolonha e Florença, como elle mesmo conta á sua comadre Cometti em carta datada de Bolonha aos 20 de junho de 1795, accrescentando «vado a Lisbona e tornerò a Roma pieno de accademicato».

Saíndo de Roma deixára ali o coração. Extremamente severo em seus costumes, e dado desde tenros annos ás praticas religiosas, tivera Sequeira uma mocidade serena e pura. Costumava dizer que não deviam os artistas ter outra amante que não fosse a arte. Passára pois incolume pelos perigos que cercam os artistas jovens, enthusiastas e talentosos, e em que tantos deixam pelo menos as bellas e preciosas illusões da poesia dos primeiros annos. Sequeira porém não fôra insensivel aos encantos de uma menina, filha ou sobrinha de Cometti, e amava-a com verdadeira paixão. Não tinha por emquanto fortuna, nem gloria, nem posição a offerecer-lhe. Persuadido de que seria aceito o seu affecto, esperançado de haver conseguido o amor d'aquella a quem tanto queria, mas a quem parece se não atrevera a confessar o segredo do seu coração, certo porém da annuencia da familia, partiu Sequeira para a sua patria em busca de quanto lhe faltava para voltar depois a Roma depôr aos pés da sua *Nannina* um nome honroso e seguros meios de subsistencia.

Este incidente da vida de Sequeira foi inteiramente desconhecido dos biographos que me antecederam. Eu mesmo só delle tive conhecimento lendo em Roma umas cartas escriptas por Sequeira á familia Cometti, durante a sua viagem e depois da chegada a Lisboa. D'ellas se deprehende o que deixo dito, mas não tive agora occasião nem tempo para aprofundar este episodio da vida do nosso grande pintor. Assim não posso ainda saber por que motivo se não realisou o seu casamento. É natural que no resto da correspondencia, que ainda se conserva em poder dos descendentes do seu velho amigo, mas que não tive ensejo de examinar, esteja a explicação d'este facto. Das cartas que li e de que tenho copia, vê-se claramente que a senhora Cometti conhecia e approvava as intenções de Sequeira. As cartas que ella lhe dirigia em resposta já não existem, e a correspondencia fragmentada que tenho á vista e na qual o nosso pintor mui discretamente falla do seu amor, das suas esperanças e das promessas que havia enthesourado n'alma, não lança bastante luz sobre este episodio da vida de Sequeira, tão ignorado até agora, mas que se me afigura haver em parte sido a causa de uma das mais graves resoluções da sua vida.

II

Sequeira desembarcou em Lisboa nos ultimos mezes de 1795. Foi acolhido por todos, desde o soberano até á gente do povo, com singular cortezia e manifesto apreço. Tenho diante dos olhos algumas cartas suas nas quaes, em linguagem tão ingenua que se não póde chamar vaidosa, narra á sr.ª Cometti o modo como o receberam na patria.

[1] Pae do illustre philologo o sr. conselheiro Antonio José Viale.

[2] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 147.

«Vão progredindo a cada passo, diz elle, o meu credito e o meu nome; recebo finezas de todos, *adora*-me *(sic)* o povo. O Principe elle mesmo elogiou-me, o outro dia, fallando diante de mim com o embaixador de Hespanha.» E não se limitava a elogiar, mas expressava mais substancialmente o seu agrado concedendo-lhe em 17 de dezembro de 1795 uma pensão vitalicia de 60 moedas annuaes e casas pagas, sem prejuizo de remuneração especial por cada trabalho que executasse, «isto, accrescenta Sequeira, tão sómente como premio do muito que aproveitei em meus estudos»; e assim era porque o diploma regio diz: «em attenção ao distincto merecimento que adquiriu em Roma na arte da pintura de que tem dado distinctas provas.»

As commissões para quadros affluiam. Refere elle mesmo em sua carta de 1 de março de 1796 que terminára um quadro historico, os retratos dos dois principes, e que tivera encommenda de um quadro de Santo Antonio, feita por Beckford, o abastado inglez, fundador da magnifica vivenda de Monserrate, propriedade hoje de outro inglez não menos opulento nem menos amador da arte, o sr. visconde de Monserrate, F. Cook. Além d'estes trabalhos fôra-lhe pedido que pintasse a cupula de uma igreja que se estava terminando. Ignoro se fez o quadro para Beckford e faltou-me o tempo para averiguar qual a igreja cuja cupula Sequeira devia pintar. Não creio que chegasse a realisar este trabalho. Pelo menos não encontro vestigio algum escripto ou tradicional a este respeito. Não sei tambem o destino que teve o quadro historico a que alludo atraz, e nem sequer qual era o seu assumpto. Os retratos dos principes devem conservar-se nas arrecadações da Ajuda, onde está grande numero de quadros, obras pela maior parte de artistas portuguezes d'esta época, e quasi todas destituidas de merecimento.

Vinha de molde, n'este logar, uma digressão ácerca da arte portugueza, no periodo de que estou tratando. Mas por muito que eu apertasse os limites do trabalho, não poderia talhal-o por fórma que me coubesse n'este estudo, que tem de ser publicado n'um jornal, cujas columnas não devo, sem desproveito dos leitores, encher eu só. E permitta-se-me que lance mão do ensejo para pedir desculpa da extensão que, sem eu querer, tem ido tomando esta biographia, primitivamente concebida em proporções muito mais breves. O assumpto pela sua importancia e posso tambem accrescentar, pela sua novidade, foi-me levando muito além da primeira traça, mas devo refrear-me de o alongar ainda mais com digressões que não sejam absolutamente indispensaveis para o fim que tenho em vista. Não posso porém dispensar-me de, rapidamente e em levissimo esboço, dizer o que eram então a arte e os artistas em Portugal, afim de podermos conhecer o ambiente em que Sequeira vinha viver, as influencias que o rodeavam, as causas que determinavam o seu proceder. A biographia do nosso pintor enlaça-se forçosamente com a historia da arte portugueza.

Sequeira, chegando a Lisboa, vinha encontrar grande actividade artistica, iniciada depois da paz de Utrecht, em 1715. As grandes obras dos reinados de D. João V e D. José, as fabricas que a piedosa D. Maria I proseguia erguendo e entre as quaes avultava o convento da Estrella, a necessidade de acudir ás immensas ruinas do terremoto que lançára por terra grande numero de igrejas e palacios, as fortunas relativamente consideraveis que se accumularam, a opulencia territorial ainda grande da nobreza, tudo isto concorrêra para augmentar em larga escala o numero dos artistas a que não faltavam obras e com estas fortuna e honras. Os poderes publicos favoreciam ainda por outro lado este movimento, creando escolas, decretando pensões e concedendo tenças. O grande numero de artistas, a fama de que muitos gosavam, a consideração em que eram tidos reflectiam-se por seu turno no publico. Certos actos e necessidades sociaes, o luxo a que era, de algum modo, obrigada a classe nobre, o natural desejo que de a imitar sentiam os negociantes de grosso trato que tão protegidos haviam sido pelo marquez de Pombal, e que tinham adquirido avultados cabedaes nas industrias e emprezas patrocinadas pelo grande estadista, eram outras tantas causas que favoreciam a exuberancia de vida que então havia no mundo artistico. Trabalhos que a mudança dos costumes deixou de exigir ou que os progressos modernos incitados pela necessidade de os trazer ao alcance de todas as bolsas, tornaram hoje obra de simples industriaes, eram n'aquella época executados por homens que se prezavam do nome de artistas, e que não temiam rebaixar o pincel, exercitado em quadros historicos ou sacros, empregando-o tambem em mais modestas obras que hoje diriamos *decorativas*.

N'este ponto, mas verdade é que só n'este, se pareciam elles com o divino Raphael, debuxando ornatos de sua invenção já na Farnesina, já nas galerias que Leão X accrescentou ao Vaticano, e que tomaram nome não do Pontifice que levantára a fabrica mas do pintor que a vestíra. Os nossos artistas pois, além das varias classes de pintura propriamente dita, empregavam-se com frequencia e proveito na execução de pannos pintados para salas, de ornatos para casas de recreio, e até de pinturas em coches. Póde vêr-se em Cyrillo o numero, na verdade avultado, que a estes misteres consagrava o tempo que lhe sobrava d'outros de certo mais importantes, mas porventura menos lucrativos.

Era tal a abundancia de trabalho que ficava ainda campo para não poucos artistas extrangeiros que por aquelles annos ou vieram estancear em Portugal, ou aqui se achavam de passo.

Era ao mesmo tempo symptoma e consequencia d'esta vida artistica a existencia de muitas collecções, não direi galerias, de quadros. É certo que anteriormente as tinhamos, numerosas e ricas. Attestam-no Guarienti e outros. Com o terremoto muitas, entre as quaes primava a do soberano, tão accrescentada por D. João V, ficaram anniquiladas. Na época porém de que tratâmos ainda avultavam as collecções dos marquezes de Borba, de Angeja, de Penalva, de Louriçal, de Tancos, do duque de Lafões e muitas outras que é impossivel referir. Algumas subsistiram até os nossos dias, e foram ha poucos annos dispersas em leilões publicos, ou vendidas successiva e particularmente.

Não era pratica desusada proteger os artistas por outra fórma que não fosse comprar-lhes as obras, dando-lhes pensões, já para irem fóra aperfeiçoar-se, já para lhes assegurar na patria vida desprendida das necessidades materiaes da existencia.

Iria muito longe se tentasse apresentar, mesmo em breve compendio, todos os factos que comprovam a actividade artistica do paiz n'aquella época, e o amor e verdadeiro zêlo com que os poderosos e abastados se dedicavam a proteger a arte, sem querer comtudo dizer que este amor fosse sempre bem empregado, ou este zêlo bem consoante ao seu fim. No que já referi, porém, póde deprehender-se que a nossa época fica, a tal respeito, muito áquem d'essa, e que algumas lições poderiamos ir ali buscar por ventura muito aproveitaveis.

A par d'esta actividade no trabalho não póde comtudo esconder-se a decadencia na qual íam gradualmente caindo os artistas portuguezes, requintando ainda sobre seus collegas do centro da Europa, onde havia algumas escoras,

que não existiam aqui, para espicar o alluido templo da arte. Estes tinham museus e galerias que faltavam aos nossos; tinham uma atmosphera mais saturada de elementos artisticos, mais frequentemente renovada; entre nós vinham, verdade é, a miudo aportar artistas, mas poucos eram os de ordem, não direi superior, mas mediana; os nossos viviam quasi a sós comsigo mesmos, sem verdadeira critica, sem repetidas e frequentes communicações com outras escolas, com outros paizes. Por isso o estylo trazido de Roma pelos pensionarios de D. João V, puros *macchiantes*, foi-se exagerando cada vez mais; avolumavam-se os defeitos, e minguavam as qualidades do genero. Copiava-se de copias, de estampas até. Veja-se em Cyrillo noticia dos muitos quadros copiados de estampas [1]; veja-se sobretudo na sua biographia de A. J. Padrão a curiosa historia de um quadro da Annunciação, executado em competencia por este pintor com J. M. da Rocha, *copiado de uma estampa* de Baroccio. Que se diria hoje de um concurso, mesmo que fosse entre discipulos do primeiro anno de pintura, cuja prova consistisse em copiar com o pincel uma gravura?

E comtudo tal era a decadencia, tal era o inveteramento do falso methodo, que Cyrillo não só não reprova o facto, senão accrescenta ingenuamente que Padrão «conseguiu talvez igualar o modelo *no colorido*». Triste symptoma de decadencia, mais triste ainda quando se lê no historiador da arte portugueza, no Vasari portuguez, ía eu a dizer, pintor elle mesmo como o escriptor florentino discipulo de Miguel Angelo, que «servir-se o pintor de estampas era costume no nosso paiz [2]».

Em todos os quadros pintados n'esta época se descobre a negligencia no desenho, a pomposidade na composição, a affectação na côr, o desprezo pelas verdadeiras regras de claro escuro, feições principaes da escola de que procedia a nossa, afinadas ainda e como que requintadas.

Os mais notaveis artistas do periodo anterior tinham desapparecido. Vieira Lusitano fallecêra em 1783 antes da partida de Sequeira para Roma; Oliveira Bernardes, distincto entre as mediocridades que o cercavam, passára a melhor vida dez annos antes. Guisti estava velho e cego. Verdadeiramente notavel havia então só um artista e não era pintor. Fallo de Joaquim Machado de Castro. Não encontrava tambem Sequeira a seu mestre Joaquim Manuel da Rocha que se finára em 1786. Campeava como pintor da moda Pedro Alexandrino de Carvalho, cujo pincel facil e destro passava de uma vista de theatro a um quadro de igreja, de um painel de carruagem a um tecto, sempre prompto, sempre rapido, cuidando só de produzir muito e depressa sem tratar de produzir correctamente. E já que fallo em Pedro Alexandrino não posso furtar-me ao desejo de notar como o amor do ganho e a deploravel mania de querer agradar a todos, fazendo *bonito* e rapido, desgraçaram este artista que tinha em seu natural talento e manifesta vocação, elementos para vir a ser pintor distincto e grangear entre os vindouros uma reputação que valeria mais para sua memoria do que os lucros que adquiriu entre os contemporaneos.

(Continua.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

[1] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 92, 114, 123, 125, etc.
[2] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 93.

MACAU

Se coube á Hespanha abrir por mãos de Christovão Colombo os doirados portaes da nova idade, patenteando um mundo novo ao velho mundo, não foi menos gloriosamente que Portugal, emulo da Hespanha nos descobrimentos e conquistas, encerrou o XV seculo.

Se fôra explendido o ante-amanhecer do seculo XVI, ainda mais explendorosa havia de ser para nós a alvorada d'aquelle seculo.

Colhiamos os opimos fructos semeados abundantemente pelos audazes e aventurosos discipulos da escola de Sagres.

Ante as prôas das nossas naus e galeões desappareciam todas as barreiras levantadas pela ignorancia e pelo temor de milhares de gerações.

Se o immortal infante D. Henrique jazia no seu leito de marmore, entre o batalhador D. João I — a quem o povo conceituosamente chamou *de boa memoria* — e o grande rei D. João II, florescia ainda Affonso de Albuquerque. Affonso de Albuquerque, terceiro capitão do mundo, aquelle que depois de Alexandre e de Cesar, encheu a terra com a fama do seu nome, e que foi o segundo viso-rei da India; Affonso de Albuquerque o fundador do vasto imperio portuguez no Oriente, o conquistador de Goa, de Malaca, de Ormuz, que expede embaixadores e armadas para todos os pontos do seu vasto dominio.

Em 1515, em que o grande politico, o indomavel guerreiro e audacissimo navegador, fallece em Goa a bordo da nau que o conduzia de Ormuz, *morrendo mal com o rei por amor dos homens e mal com os homens por amor d'el-rei*, partíra de Lisboa Fernão Peres de Andrade, nomeado capitão da armada, que havia de assentar relações de paz e amisade com a China.

Chegando aquelle capitão a Cochim, é por accordo unanime designado e eleito embaixador de Portugal um homem notavel entre os primeiros pela agudeza de entendimento, sagacidade e finura no trato, alliando a estes dotes a experiencia dos negocios publicos; é elle Thomé Pires, natural de Leiria e boticario, que no anno de 1511 fôra para a India, como feitor das drogarias, com tres homens para o servirem, trinta mil réis por anno, e vinte quintaes de drogas das que elle para si quizesse.

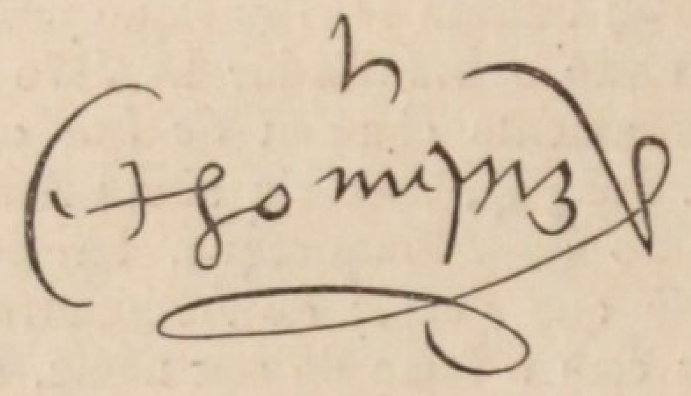
A Thomé Pires foi entregue uma carta e valiosos presentes que el-rei D. Manuel dirigia ao *rei* do Cathayo. De Cochim segue Thomé Pires para Malaca, e por demoras ali, e outros transtornos insuperaveis, só consegue chegar á China por meados de 1517.

Após comprimentos e festas, Fernão Peres de Andrade veleja para a India deixando em Cantão o embaixador Thomé Pires e a sua comitiva. Em agosto de 1518 outra armada commandada por Simão de Andrade, irmão de Fernão Peres, aporta a Cantão onde encontra Thomé Pires, que ainda não lograra, apezar de diligencias e exforços, avistar-se com o *rei*. Em janeiro de 1520, concedida a permissão necessaria, embarcou-se o embaixador com a sua comitiva em tres embarcações de remos á maneira de *fustas*, gastando quatro mezes na viagem até Nankin, onde recebendo o recado do rei que o fosse esperar a Pekin, para ali se dirigiu conseguindo chegar lá em janeiro de 1521.

Parece que não logrou Thomé Pires colher os deseja-

dos resultados do seu entranhado amor á patria e á sciencia; parece que com varia fortuna ali passou vindo com certeza a finar-se em terras da China. Lei fatal é esta que as grandes ousadias, os commettimentos heroicos, os principios de eterna verdade, assim como as sublimes revelações da sciencia exigem para fructificar o sangue de um heroe, ou a ossada de um martyr.

Quem poderá hoje, mais de trezentos e cincoenta annos passados, dilucidar se Thomé Pires deixou descendencia na China, como assevera Fernão Mendes Pinto, ou se elle se finou de maguas logo em 1523, anno em que outra armada, a de Martim Affonso de Mello, foi a Cantão. Póde crêr-se que o illustre Thomé Pires, a quem não faltavam nem letras, nem sciencia, escrevesse ao viso-rei um livro em que lhe dava conta das riquezas e grandezas do *rei* da China, como assevera Gaspar Correia. Mas d'este livro, que devera ser importantissimo, nem vestigio sequer se tem podido encontrar até hoje; existem quatro cartas do proprio punho d'elle, cuidadosamente archivadas na Torre do Tombo e firmadas assim:



Estes quatro documentos foram já publicados na excellente memoria chamada *Elogio historico e noticia completa de Thomé Pires,* escripta pelo sr. Pedro José da Silva, na GAZETA DE PHARMACIA.

Eis o que resta de Thomé Pires, do primeiro europeu que entrou a capital do imperio chinez.

Estes foram os primeiros passos, este o inicio das nossas relações com o celeste imperio.

Se a valente raça dos portuguezes do seculo XV já rareava sobre o solo da patria, tanto mais que as areias da Africa, as vagas do oceano, as tranqueiras e fortalezas da Asia haviam colhido a vida de bastas centenas d'elles, comtudo ainda restava bastante ousadia e exforço para não deixar obliteradas as primeiras tentativas, especialmente quando tinham um incentivo permanente, qual era a amostra dos estranhos e riquissimos productos da industria chineza. Por isso em abril de 1519 velejavam do Tejo com destino á China, na armada do capitão-mór Pero da Silva, que levava treze navios para a India, duas naus—*Belem* e *Santa Maria da Estrella,* capitaneadas aquella por um tal Rafael Castanho, e esta por Jorge d'Albuquerque. Que importa que se mallograsse esta tentativa? O caminho estava aberto e patente a todos; nem as tempestades do mar nem as da terra podiam já ser obstaculo ou barreira, para quem estava costumado a vencer na terra e no mar. Quem tudo prescrutara, quem tudo devassara, umas vezes arrancando da espada, outras arvorando o signal da redempção, não podia parar e deter-se ante as difficuldades oppostas pelos chins á communicação com os portuguezes. Repetiram-se as tentativas, redobraram-se os esforços, e tão porfiados foram, que finalmente conseguiram os nossos estabelecer-se em Liampó ou Nimpó, na provincia de Che-qui-ang, de onde sendo perseguidos passaram para Chincheu, provincia de Fo-quiem; d'aqui tiveram ainda de fugir obrigados mais pela fome do que pela perseguição dos naturaes. Mas animos perseverantes, espiritos aventurosos, não desistem da porfia. Transportam-se á ilha de San-choan, onde procuram com fortuna incerta reunir familia e sociedade; porém em 2 de dezembro de 1552 têem elles de abrir ali sepultura ao mais venerando de todos os missionarios portuguezes, a essa gloria da igreja lusitana, que christãos e gentios reverenciam hoje ainda.

Sepultado o apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, tornam-se os chins receiosos de que o involucro humano d'aquelle anjo de caridade, valesse como fortaleza inexpugnavel onde arvorando o pendão das quinas, nos senhoreassemos da sua terra; tratam elles de attrahir os portuguezes e o seu commercio para a ilha de Lam-passau, mas parece que a alma do justo ascendendo para o seio do Creador, alcançára protecção divina para os portuguezes n'aquellas regiões. Era tempo de acabar tão obstinada perseguição e de alcançarem os nossos um palmo de terra e uma hora de descanso na China.

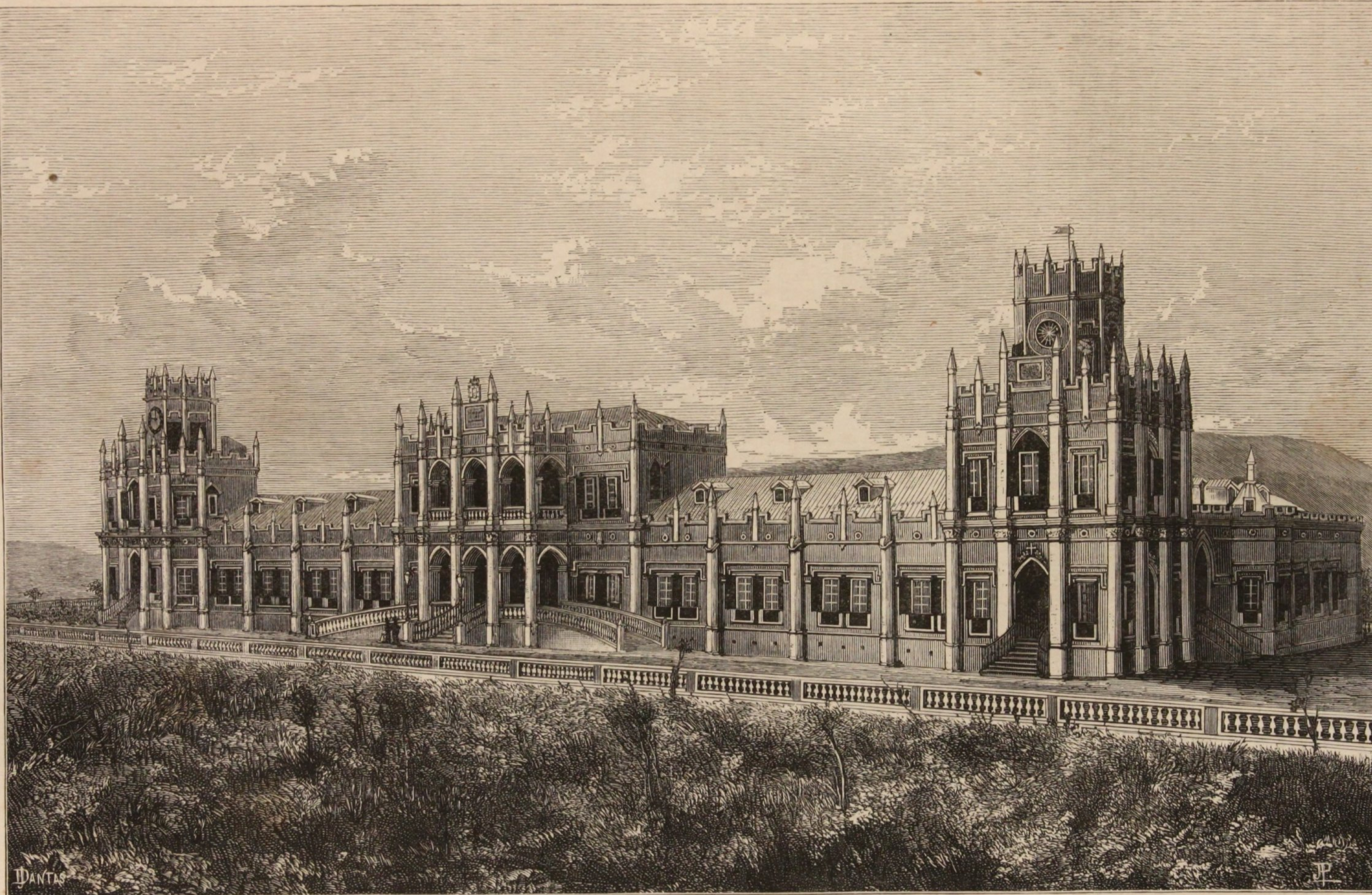
Somos chegados ao anno de 1557 em que apparece ali o celebre pirata Chang-silau, que em breve se torna o flagello e o terror dos chins; vêem-se estes em tão duro aperto que recorrem aos nossos pedindo auxilio e protecção. Trava-se a luta, e quer Deus que as armas portuguezas ganhem uma assignalada victoria; em troca de tão opportuno quão valioso serviço, concede o imperador Chin-Tousong condigna recompensa, cedendo prepetuamente a Portugal a pequena peninsula de Macau, mediante o fôro annual de 500 taeis de prata, ou cêrca de 675$000 réis.

Affanosos se transportam os nossos com suas familias e haveres da ilha de Lam-passau para Macau. Sobre a origem d'este nome, que os macaenses escrevem sempre—*Macao,* resa a tradicção ou antes a lenda, que provém de que os primeiros portuguezes ali desembarcados, levavam um cão por que chamavam, o que ouvido dos chins ali existentes e que pretendiam imital-os, fazia que estes bradassem *Ma cáo;* o nome chinez de Macau é *Gau-Mun,* que se escreve em linguagem sinica com dois caracteres sómente e que significam porta do cêrco ou porta da entrada.

Macau sendo uma pequena peninsula ligada á ilha de Hiang-chon ou Hiamsan por um estreito isthmo, poude n'elle facilmente estabelecer-se um muro de separação a que chamaram cêrco, e n'este uma porta que ficou sendo denominada *porta do cêrco.*

E assim, e como na Africa, como na America, como em toda a parte do mundo ficou Portugal tendo na China, antes do que nenhuma outra nação, onde levantar uma fortaleza em que se desdobrasse o pendão de Aljubarrota.

Em 1575 o senhor D. Sebastião instituiu o bispado de Macau que abrangia a China e o Japão. Os religiosos portuguezes da companhia de Jesus alcançam licença para se estabelecer em Pekin, e criam o seminario de Nossa Senhora do Amparo; caso foi este que ainda hoje deve merecer admiração por se ter sempre conservado a China impenetravel a todo o estrangeiro. Fomos nós a primeira e unica excepção. D'aqui vem que em 1844 indo o viso-rei de Cantão Ki-im ou Ki-yng a Macau, entrando pela porta do cêrco, visitar o governador José Gregorio Pegado, e tratando de varios assumptos, escreveu as notaveis palavras, que já uma vez transcrevemos, e que ora julgâmos dever tornar a trasladar aqui: «As relações amigaveis do seu nobre reino (Portugal) com o imperio da China são de mais de tres seculos. Desde o principio da actual dynastia até agora, em todas as gerações, não tem faltado individuos (portuguezes) que entraram em Pekin e foram empregados do governo; além d'isto varios tem chegado ao grau de magistrado e de conselheiro de estado, o que na verdade as outras nações da Europa nunca ca tiveram. Depois que Cáo-con-hien (o bispo Serra) Li-chum-chnn (o padre Ribeiro) obtiveram o decreto im-



Hospital de S. Januario, em Macau

perial para regressarem ao seu paiz, desde então não tem havido mais individuos portuguezes empregados em Pekin.

O motivo d'isto é porque os chins podem já perceber completamente a astronomia, e o grande imperador não quer tambem incommodar as pessoas de paizes distantes e reinos estrangeiros, e tel-as muito tempo demoradas em serviço.»

Ainda agora deve o viajante curioso, que conseguir visitar a capital do celeste imperio, procurar o cemiterio dos christãos e dobrar os joelhos sobre as campas que guardam os restos venerandos d'aquelles missionarios, que trocando os commodos e deleites da patria e da familia, foram inflammados em verdadeiro zêlo, evangelisar com a palavra e com o exemplo a religião do crucificado, afrontando as vaias e os insultos da gentilidade, entregando os ossos a terra estranha, quando os não deixavam na fogueira do martyrio, ou na arma do sicario. Honra áquelles missionarios—que o eram.

Tambem ainda existe em Pekin, e, assim como o cemiterio, foi visitado em 1862 pelo sr. Izidoro Francisco Guimarães, hoje visconde da Praia Grande, o resto de um observatorio astronomico construido junto á muralha, e que fôra dirigido pelos missionarios portuguezes, que ali tambem leccionaram.

Durante os sessenta annos em que Portugal agonisou algemado, subpesando as garras dos leões de Castella, conservou-se Macau portugueza, e como portuguezes repelliram os macaenses e baldaram os esforços que em renhido combate empenharam os hollandezes para se apossarem da cidade.

Póde dizer-se que em Macau nunca chegou a sentir-se o detestado jugo castelhano; não alcançavam imperar tão longe as determinações dos Filippes, mas nem por isso os macaenses saudaram menos festivamente a bandeira das quinas, arvorada nas fortalezas e bastiões de Macau, quando em 1641 eccoou ali o brado solemnissimo annunciando que raiara explendido o sol da libertação.

Desde então até o anno de 1846, nenhum acontecimento tão notavel que mereça registar-se occorreu em Macau, gosando a cidade de mais ou menos independencia do imperio chinez n'este lapso de tempo.

Em abril de 1846, João Maria Ferreira do Amaral, capitão tenente da armada, tomou posse do governo de Macau, e para logo começaram a sentir-se os beneficos resultados da sua vigorosa e illustrada administração.

Com effeito, uma serie de providencias que se completam por mandar fechar o posto da alfandega chineza que até então havia na cidade, e que era conhecido pelo nome de Vampú, testemunham o intuito tão audaz quanto patriotico, de, por uma vez, isentar completamente Macau de todo o predominio extranho.

Irritam-se os subditos do filho do sol com taes innovações, que ferem os seus costumes e principalmente os seus interesses; conspiram, planeiam e põem a preço a cabeça do governador. Contra tudo isto arrosta impavido aquelle valente official de marinha, e zombando de prevenções e ameaças prosegue na execução do seu systema sem consultar mais do que a sua consciencia e o seu valor. Esquecêra porém a traição e á vil traição é morto junto á porta do cêrco, no dia 22 de agosto de 1849, quando a cavallo recolhia do seu passeio quotidiano acompanhado apenas por um ajudante de ordens; deceparam-lhe a cabeça e o unico braço que elle possuia quando ainda tentava lançar mão de uma pistola. Construiu-se então uma fortaleza junto á porta do cêrco que até ali era guardada por um posto chinez, e cessou de se pagar o fôro annual de 500 taeis.

Tambem desde essa época, que a jurisdicção do governo de Macau se estende ás ilhas da Taipa, Ribeira da Prata, Colowan e Lai-chivan. Alem de outras satisfações que deram os chins, entregaram elles a cabeça e o braço do governador Amaral.

De então até hoje tem sido varia, mas quasi sempre prospera, a vida d'aquella nossa importantissima possessão, que já em 1583 era denominada *Cidade do nome de Deus do porto de Macau.*

Esta formosa cidade está assente na pequena peninsula, que fórma a parte meridional da grande ilha de Hiang-chon ou Hian-son. Tem oito milhas de circumferencia, tres na direcção NE-SE, e uma na sua maior largura; jaz em 22° 10′ 30″ de latitude Norte e 113° 32′ 0″ de longitude Este de Greenwich, ficando a mil e quatrocentas leguas de Lisboa, e a tres mil e dozentas leguas de navegação pelo cabo da Boa Esperança.

O solo de Macau é de formação granitica; a cidade edificada sobre as sinuosidades e encostas dos montes apresenta, vista do porto, um espectaculo deslumbrante aos olhos do europeu que contempla as suas elegantes casarias, igrejas e fortalezas, onde muitas vezes tem de admirar a elegante e phantasiosa architectura chineza.

Em 1860 contavam-se 85:470 habitantes n'aquella possessão, incluindo chinas, parses, mouros e christãos novos, sendo apenas 5:239 da cidade propriamente dita, isto é, das tres freguezias Sé, Santo Antonio e S. Lourenço, de que ella se compõe. É claro que só por calculos aproximados se póde dizer qual a população chineza, que é impossivel trazer a um recenseamento, mas parece não dever andar muito longe da verdade o numero de 80:000, em que foram computados na referida época.

Como facilmente se póde julgar, estes numeros estão sujeitos a grandes alterações, no respeitante á população chineza. O clima de Macau é ameno e agradavel aos europeus.

As receitas publicas, não contando já com as verbas que produzia o negocio dos *coolies,* cuja exportação foi ultimamente prohibida, cobrem largamente todas as despezas da colonia e ainda podem supprir dos meios necessarios a administração de Timor, que actualmente depende do governo de Macau.

As obras publicas têem tido grande desenvolvimento.

No dia 1 de dezembro de 1872 lançou-se a primeira pedra para a construcção do grandioso edificio que representa a estampa—o Hospital de S. Januario—copia fiel de uma photographia existente no ministerio da marinha. Em 6 de janeiro de 1874 inaugurava o governador de Macau, o sr. visconde de S. Januario, fazia benzer pelo governador do bispado, o sr. Antonio Luiz de Carvalho, e entregava ao sr. dr. Lucio Augusto da Silva, chefe do serviço de saude, aquelle hospital destinado ao tratamento dos doentes militares.

Assenta elle no monte de S. Jeronymo, ao SO do reducto de S. Jeronymo, um dos sitios mais ventilados da cidade, e por isso o mais apropriado para uma construcção hospitalar.

Foi delineado pelo sr. barão do Cercal, vice-presidente da camara municipal e natural de Macau.

Compõe-se o formoso edificio da fachada principal na direcção NNE-SSO, de dois corpos lateraes perpendiculares a esta, e de mais tres corpos, destinados exclusivamente a enfermarias, e que como aquelles são tambem perpendiculares á fachada.

Mede esta 63 metros, e no centro e nos extremos tem corpos salientes avançados 6 metros. Ao centro tem um andar superior para sala de sessões, gabinete do director e secretaria. O torreão do NE tem inferiormente a ca-

pella, e por cima o observatorio astronomico; o torreão do SO tem inferiormente o alojamento dos officiaes facultativos de serviço; por cima o relogio, que foi da torre de Santo Agostinho. Exceptuada esta parte do edificio, tudo o mais é abarracado e elevado do terreno $2^{m},64$.

No corpo da frente, á direita da entrada, ha a casa da guarda, quarto para enfermeiros, enfermarias para officiaes, casa para banho, etc.; á esquerda são os quartos do porteiro e do enfermeiro mór, a pharmacia, arrecadações e a casa mortuaria.

Contigua e parallelamente corre uma galeria de $5^{m},94$ de largura, a qual communica com os cinco corpos, que são perpendiculares, de $41^{m},5$ de comprimento e que completam o hospital. D'estes cinco corpos, os tres centraes são grandes enfermarias de 15 metros de largura, onde cada doente tem 40 metros cubicos de ar e fica entre duas janellas; as enfermarias são separadas umas das outras por pateos largos de $11^{m},2$ uns, outros de 8 metros. N'estes pateos ha cisternas e poços, e nos extremos posteriores das enfermarias casas de banhos, etc.

Os dois corpos lateraes tem, um enfermarias para sargentos, quartos para enfermeiros, arrecadações para officiaes e para sargentos, casa para banho, etc.; o outro tem sala para operações, enfermaria para presos, quarto para enfermeiros, arrecadação, cozinha, quarto para cozinheiro, outro para serventes, etc. As paredes são caiadas, os tectos de estuque e os sobrados de excellente madeira. Attendeu-se n'esta edificação a todas as regras e preceitos da hygiene, dotando-a com ar e luz na maxima abundancia. Foi calculado para o tratamento de 120 doentes, mas em casos extraordinarios pódem ali recolher-se 200 enfermos. A construcção foi arrematada por 38:500 patacas; juntando porém as quantias despendidas com o preparo do terreno e com outros accessorios importantes, deverá montar toda a despeza a 50:000$000 réis.

Á luz d'este seculo não sabemos de estabelecimentos que mais possam nobilitar qualquer cidade do que a escola, o hospital e o asylo: estes são os nossos conventos. Cada época tem as suas glorias representadas em symbolos ou padrões diversos; os marcos do seculo XIX mostram com o carril de ferro, com a chaminé do vapor, e com o cabo telegraphico, a divisa da caridade bemdita que abre a escola, constroe o hospital e edifica o asylo.

Macau, que tantos titulos tem de gloria, póde justamente ufanar-se quando mostrar ao estrangeiro as suas velhas fortalezas, a gruta de Camões e o hospital militar de S. Januario.

MARX DE SORI.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

LISBOA NA RUA.—Depois que o periodico *Artes e Letras* viu a luz da publicidade, a gravura em madeira começou de ter em Lisboa mais procura e desenvolvimento. Ou fosse porque a nossa revista viesse despertar o gosto por este formoso ramo das bellas artes, ou porque o acaso houvesse por bem fazer coincidir o começo da prosperidade para os gravadores portuguezes com a apparição d'esta folha, o que me parece menos provavel, certo é que desde que ella se tornou conhecida, muitas obras com gravuras em madeira têem saído dos prelos das imprensas da capital, e até alguns gravadores vieram estabelecer-se n'esta cidade, sendo para notar, que, ha tres ou quatro annos, os poucos que tinhamos, pouquissimo achavam que fazer.

O livro de que ora trato faz parte das muitas obras illustradas que têem sido publicadas ultimamente em portuguez. Os desenhos d'elle foram feitos sem idéa de serem dados á estampa em volume. Lembrou-se, porém, uma vez o artista de os aproveitar por este modo, e logo tratou de procurar quem escrevesse a respeito d'elles a fim de os apresentar e explicar ao leitor, como se usa nas *Artes e Letras*. Não podia ser mais feliz no seu empenho. Depressa encontrou um escriptor de provada competencia para o fim desejado, competencia que os leitores d'esta folha pódem com segurança testemunhar.

O sr. Julio Cesar Machado—permitta-se-me a phrase trivial—conhece Lisboa como os seus dedos. Observa todos os dias, com olhar intelligente, o exterior doirado e fascinador da soberana do Tejo, não ignorando nem esquecendo as miserias e as pustulas que se occultam nos logares mais reconditos. Dispondo de estylo folgasão e ligeiro, ninguem melhor do que o chistoso folhetinista poderia illustrar com a palavra, aquellas reproducções feitas a lapis, das scenas que repetidas vezes se nos deparam nas ruas de Lisboa. Por isso vemol-o descrever o quadro pomposo do Passeio publico e a scena repugnante da desordem dos *janotas* á porta da taberna, com o mesmo vigor e colorido apropriado, com a mesma ironia e graça exquisita. São formosas as divagações feitas pelo escriptor a proposito de qualquer peripecia, chistosas as amiudadas anecdotas que narra com delicada simplicidade, e naturalissima a linguagem que fallam os seus personagens, como se póde avaliar, por exemplo, pelas phrases mais polidas, porém menos sãs, das senhoras que trajam sedas e tiveram boa educação, e pelo dizer rude, mas verdadeiramente portuguez, da colonia que habita o bairro denominado pelo povo—das varinas. A parte litteraria do livro é, portanto, aprazivel e interessante, como não podia deixar de ser procedendo de escriptor tão predilecto e imaginoso.

A parte artistica merece tambem elogio. O sr. Manuel Macedo desenha com facilidade e *chic*, como se usa dizer de um certo modo agradavel de tocar os desenhos. Desejaria eu, porém, que o habil artista se compenetrasse mais da expressão portugueza dos seus assumptos, a fim de reproduzir com maior fidelidade os typos nacionaes. Ha o que quer que seja nos desenhos do sr. Manuel Macedo que lhes dá um tom afrancezado, em vez do cunho portuguez que mereciam. Sirva de prova o policia que vem a paginas 105 da obra a que me refiro, o qual poderá ser um militar francez ou italiano, mas nunca um policia portuguez. Para muita gente, comtudo, não perde o livro com a causa d'este reparo; pelo contrario, ganha e bastante.

ELEMENTOS DA ARTE MILITAR, 2.ª EDIÇÃO.—É o sr. D. Luiz da Camara Leme o auctor do livro assim denominado. Este militar esclarecido tem prestado bons serviços ao paiz com as suas publicações sobre a infelizmente necessaria arte da guerra, e muito a proposito apparece a 2.ª edição d'este seu livro, agora que um lamentoso succedimento veio chamar a attenção sobre o nosso exercito e sua disciplina. Da illustração das classes resulta a sua prosperidade, e o exercito não póde ser exceptuado d'esta regra. Tudo, pois, quanto contribuir para a sua illustração, desde o soldado até o general, será um principio salutar de ordem, disciplina e mutuo respeito, sem o que não póde prosperar, nem sequer subsistir, a instituição militar.

Á falta de conhecimentos especiaes, soccorrer-me-hei a dois paragraphos de um juizo critico da obra, escripto pelo sr. Latino Coelho, nos quaes se acham resumidas as principaes qualidades que recommendam o livro do sr. D. Luiz da Camara Leme.

Eil-os:

> Das mais modernas doutrinas se compõe o livro do nosso camarada e amigo. Da leitura assidua dos mais illustres escriptores, e da propria meditação, nasceram os *Elementos da arte militar*.
>
> É a sua ordem methodica e natural. A sua linguagem simples, qual deve ser a do homem de guerra, mas correcta, como é de necessidade que seja a do homem illustrado. O estylo geralmente singelo, como o pedem objectos scientificos, levanta-se e anima-se ás vezes quando o assumpto o reclama. Respira em todo o livro o amor da patria e o desejo fervoroso de que pela instrucção, pela disciplina e pela reforma e progressivo aperfeiçoamento das nossas instituições militares, mantenhamos na Europa de hoje a posição brilhante e gloriosa que nos illustrou nos seculos passados, e a que já n'este accrescentou um novo e gloriosissimo capitulo á historia nacional.

A obra é dedicada ao marechal Saldanha.

DICCIONARIO DE INVENÇÕES, ORIGENS E DESCOBERTAS ANTIGAS E MODERNAS.—Temos á vista as primeiras cadernetas d'esta importantissima publicação emprehendida pela casa editora Mattos Moreira & C.ª Foi o sr. Alberto Pimentel, escriptor consciencioso e de muitos conhecimentos, quem se encarregou de reunir os elementos necessarios para obra de tanta importancia e valia, indo procural-os ao *Dictionnaire classique des origines, inventions et découvertes* de W. Maigne; ao *Nouveau dictionnaire des origines, inventions et découvertes* de Noel e Carpentier; ao *Panorama des inventions et découvertes tant anciennes que modernes;* ás *Maravilhas do genio do homem* por Amédée de Bast, já traduzidas pelo sr. Matheus de Magalhães; á *Histoire de l'industrie* por Maigne; ás obras de Luiz Figuier, etc. O sr. Alberto Pimentel ampliou por vezes as noticias extrahidas d'estes acreditados livros, corrigindo-as sempre que ellas, com offensa á verdade historica, nos espoliam das nossas glorias. Por esta fórma o novo Diccionario compilado pelo talentoso escriptor, será uma encyclopedia curiosa e proficua, em que portuguezes e brazileiros poderão encontrar larga copia de

subsidios para tudo quanto diz respeito ás artes, á litteratura e á sciencia. Nada mais se torna mister referir, para se conhecer o alcance da obra.

O FIDALGUINHO.—Está publicada pela *Bibliotheca theatral*, de que são directores os srs. Aristides Abranches e Castilho e Mello, a comedia em tres actos — *O Fidalguinho*, original do sr. Ferreira de Mesquita. Os frequentadores do Gymnasio ainda se recordam do grande exito que esta formosa composição dramatica obteve na scena, ha quatro annos. Tudo contribuiu para que o publico affluisse a vêr e applaudir o *Fidalguinho*—o engenho com que a acção da peça está desenvolvida, a graça e naturalidade da linguagem, a idéa moralisadora que discute e a boa interpretação que obteve. É natural, portanto, que a comedia do sr. Ferreira de Mesquita, depois de impressa, seja tão procurada para se lêr, como o foi, quando esteve em scena, para se applaudir.

O sr. Ferreira de Mesquita se não abandonou completamente a vida de escriptor dramatico, tem-se afastado muito d'ella. É pena, porque de tal resolução só elle tira proveito. Livra-se, é verdade, dos successivos dissabores que perseguem os que se entregam a tão ingrata profissão, mas á custa do publico e dos seus amigos, a quem priva dos saborosos fructos do seu primoroso talento. Eu, que já uma vez tive o prazer de collaborar com elle n'uma obra dramatica—a qual se não nos produziu notaveis resultados, trouxe-nos um que ainda hoje apreciamos, qual o de apertar mais vigorosamente os laços da nossa boa amisade—tenho o direito de aqui lhe dizer francamente, que a sua abstenção de escrever para o theatro vae-se tornando em egoismo; e lembre-se o meu sympathico amigo de que ninguem tem menos direito a ser egoista, do que o escriptor que ajudou já com a sua penna a castigar tão reprehensivel defeito.

ESPAÑA Y PORTUGAL Y SUS BANDERAS.—Com este titulo publicou em Madrid o sr. D. Frutos Martinez y Lumbreras, filho do conhecido escriptor o sr. D. Benigno Martinez, um opusculo de 23 paginas, em que fallando discretamente de Portugal e de Hespanha, sem referencia alguma a assumptos politicos, explica a origem das bandeiras, descreve as que tem sido hasteadas pelas duas nações visinhas e dá noticia das batalhas em que os pavilhões portuguezes e hespanhoes tremularam juntos. O opusculo é dedicado á imprensa portugueza.

O CEDRO VERMELHO.—Está publicado o notavel drama, que, sob este titulo, se representou ha dezoito annos no theatro de D. Maria II, valendo ao sr. F. Gomes de Amorim os maiores triumphos que um auctor dramatico póde ambicionar.

O interesse que o espectador toma durante o desenvolvimento d'esta composição dramatica, origina-se, principalmente, no contraste estabelecido pela aproximação de duas figuras diametralmente oppostas—o europeu educado e o indio selvagem, isto é, a civilisação e a barbarie. De tal contraste nasce o enredo, bem conduzido durante os cinco actos da peça, o qual dá ensejo ao auctor para apresentar na téla que tem por fundo a opulentissima vegetação das famosas regiões da America, a pintura dos originaes costumes das tribus selvagens que as habitam, pintura em que o sr. Amorim soube imprimir o toque firme da verdade com que os artistas habeis fazem valer os seus estudos do natural.

Ao interesse da composição reuniu o sr. Gomes de Amorim mais um attractivo para o leitor, qual é o esclarecimento de varios pontos do seu drama por meio de uteis e curiosissimas notas, sendo verdadeiramente apreciaveis as que se referem á flora americana, bem como as que descrevem a soberba paizagem onde a acção do drama se desenvolve.

Os leitores das *Artes e Letras* pódem fazer idéa da curiosidade e instrucção que encerram essas notas, pelos formosos capitulos, que, sob o titulo de *Viagens pelo interior do Brasil*, o sr. Gomes de Amorim publicou em varios numeros d'este periodico.

É para suppôr e muito para desejar, pois, que o drama do sr. Amorim tenha facil venda não só em Portugal, mas tambem no Brasil. Uns porque desejarão ter mais uma pintura fiel d'esse extraordinario paiz, que só conhecem pelas descripções dos livros, ou pelos desenhos das illustrações; outros porque hão de estimar vêr reproduzidos, mais uma vez, em obra de grande valia, as scenas dramaticas e pittorescas passadas no interior da patria que tanto adoram, todos procurarão com avidez adquirir o livro do desditoso escriptor, a quem uma pertinaz doença tem impossibilitado de produzir tanto quanto o seu primoroso e esclarecido talento promettia, quando, ha annos, era victoriado em o nosso primeiro theatro de declamação como auctor do *Cedro vermelho*, do *Odio de raça* e de outros dramas notaveis.

A obra publicada em dois volumes—o drama no primeiro e as notas e esclarecimentos no segundo—é dedicada a sua magestade o imperador do Brasil.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOVA MOLESTIA DAS VINHAS.—Trata do assumpto que se lê n'este titulo, um folheto de 75 paginas publicado no Porto pelo sr. Duarte de Oliveira Junior. Para devidamente se julgar da doutrina exposta no interessante livrinho, precisa-se estar habilitado com estudos especiaes. Quem assigna estas linhas, carece d'esses estudos, mas conhecendo o auctor pela constancia e dedicação com que tem procurado adquirir noções sobre tudo que diz respeito á agricultura e seus progressos—o que já lhe mereceu ser nomeado pelo governo para uma importante commissão, que tratou practicamente do assumpto de que se occupa o folheto—não hesita em recommendar a obra aos interessados, crendo que ella é digna de ser lida e apreciada pelos que têem os seus interesses arriscados por effeito do terrivel flagello que ameaça de morte um dos mais importantes productos, se não o principal, das nossas terras.

A obra é dedicada ao sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares.

NOITES DE INSOMNIA.—Estão publicados mais dois numeros (9 e 10) d'estes interessantes livrinhos, escriptos pelo sr. Camillo Castello Branco e editados pelo sr. E. Chardron, do Porto. Contêem artigos primorosos e de grande curiosidade, que têem por fim deleitar e instruir o leitor. O sr. visconde de Ouguella collaborou em ambos estes numeros.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Annunciaram ultimamente os periodicos estrangeiros, e tambem os portuguezes, que se descobrira nas proximidades de Amboise, o tumulo de Leonardo de Vinci. A novidade é velha, e não completamente verdadeira. Ha muitos annos, foram encontrados no parque de Amboise alguns ossos e fragmentos de um tumulo com letras gravadas. Do minucioso exame a que então se procedeu, resultou julgar-se que entre os ossos descobertos, alguns deviam ter pertencido aos restos mortaes de Leonardo de Vinci. O governo mandou erigir logo, n'aquelle sitio, um pequeno monumento dedicado ao grande artista. Os ossos encontrados, porém, não foram depositados no monumento. Nos primeiros dias de setembro d'este anno, ordenou o conde de París que elles fossem encerrados n'um caixão de chumbo e collocados sob as lages da capella de Santo Huberto, no palacio de Amboise, com a seguinte inscripção:

Sob esta pedra repousam os ossos encontrados nas escavações da antiga capella real de Amboise, entre os quaes se suppõe estarem os restos mortaes de Leonardo de Vinci, nascido em 1452 e fallecido em 1519.–1874.

Eis o que deu corpo ao boato.

Deparámos n'um periodico francez com a seguinte importante noticia:—Entre as collecções provenientes do palacio da Ajuda, foram encontradas na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, trinta e sete gravuras em madeira de Alberto Durer, datadas de 1511. Representam *as figuras da paixão de Nosso Senhor Jesu Christo*, que não existem completas em nenhuma bibliotheca. Na mesma collecção foi achado o *Adão e Eva*, de 1504, do mesmo auctor.

O professor Antonio Bachmaier offereceu ao Museu britannico, os moldes da parte superior de uma estatua encontrada em Chypre, que se julga ser a de Sapho.



1553—IMPRENSA NACIONAL—1874



A CARTA

QUADRO DE BECKER

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



NUMERO 8—LISBOA—3.ª SERIE

A CARTA

PARECE-ME que é Dumas filho na *Dame aux perles* que declara que um dos maiores prazeres do amor é o de cortejar ceremoniosamente n'uma sala uma senhora, que nos corresponde com a gelida frieza da etiqueta, e á qual nos ligam comtudo secretamente os mais intimos laços. É que na verdade o mysterio é metade da poesia do amor. Olhares ardentissimos trocados a furto, entrevistas longe de profanos, cartas passadas rapidamente n'um aperto de mão convulso, peripecias encantadoras d'esse gentil idyllio que se desenrola na sombra, e que perfuma comtudo com a suavissima fragrancia das suas flôres a nossa mocidade, como nos acariciaes ainda o pensamento quando o crepusculo da vida começa a invadir-nos com as suas tristezas!

No tempo que a gravura representa, o amor e o mysterio tinham dupla poesia, porque eram encantadores os accessorios e o scenario d'este adoravel drama dos vinte annos. Vivia então D. Juan e a sua guitarra apaixonada acordava os eccos da ridente Andaluzia. Era o tempo dos mantos *couleur de muraille,* das lavradas varandas dos solares, dos chapéos derrubados sobre os olhos, das serenatas e dos duellos de amor. Era o tempo da ousadia e das aventuras, o tempo em que Julieta cantava, pela voz de Shakespeare, o seu hymno immortal de apaixonada ardencia.

Vejam! Saíram a passeio o pae e a filha: o pae, verdadeiro fidalgo de Ticiano, com a alva *collerette* sobre o veludo negro do gibão, alto, forte, cheio, severo, encostado á pesada bengala, e respirando por todos os poros aquella saude pagã da Renascença; a filha, elegante, nova, ingenua, mas ingenua do seculo XVI, ingenua como o seria aos quinze annos Margarida de Navarra. Quem vir a expressão do olhar da donzella escusa de procurar mais, já sabe que o galã não está longe. E effectivamente lá o temos na sombra, envolto no manto escuro, com o chapéo sobre os olhos, seguindo a furto os passos da deidade. Esta, que já folheou as primeiras paginas do romance do amor, aproveita habilmente a distracção do pae, e com mão, que nem já treme, passa-lhe sorrateiramente a amorosa missiva.

Vejam! o corpo nem se move, o braço esquerdo nem palpita no braço do velho, apenas os olhos denunciam n'um relance o que se está passando. Tem já aquella ingenuidade uma larga dose de experiencia.

Ah! mas como tudo aquillo é poetico, se o compararmos com a prosa triste a que são condemnados os amorosos da actualidade. Se aquelles dois namorados vivessem em Lisboa no seculo XIX, iria elle por acaso, envolto na capa, com a espada cingida ao lado, seguir o vulto estremecido da donzella nos passeios com o papá? esperaria que este se distrahisse com o comprimento de um desconhecido para obter de uma alva e gentil mão a perfumada missiva? Não, iria simplesmente á rua dos Calafates, e n'um annuncio sem grammatica nem orthographia pediria á sua bella com a epigraphe «Flôr no cabello» uma resposta á sua declaração, resposta que figuraria no *Diario de Noticias* do dia immediato com o n.º 352, entre um annuncio de manteiga e um aviso do monte pio official.

Para seres em tudo n'este seculo fatal genero de mercearia, até o teu dôce mysterio, ó amor, se confunde com os annuncios de bacalhau!

PINHEIRO CHAGAS.

A MULHER ANTIGA E A MULHER CHRISTÃ

A historia da mulher através todos os seculos, seria de certo um bello e fecundo estudo se alguem ousasse emprehendel-o com a imparcialidade de um espirito justo, temperada pela suave compaixão de um Michelet.

Sentiriam todos profundo interesse em seguir as transformações progressivas d'essa casta soffredôra e sublime que tem provado como a Israel antiga, os triumphos rapidos e as longas, as interminaveis perseguições.

Rainha ou escrava, companheira do homem, ou instrumento dos seus prazeres, a mulher conserva sempre aos olhos do pensador moderno, aquella aureola suave que illumina os fracos e os torna quasi sagrados.

E no entanto que de humilhações tragarão ellas ainda antes de chegar a hora tardia da sua completa redempção moral.

Quando o olhar se nos espraia pelas regiões azues do velho oriente, vêmos passar nas paginas idyllicas que a biblia lhe consagra, uma ou outra figura de mulher de uma idealidade seductora e casta.

São as brancas filhas dos patriarchas, as que davam a beber a agua pura e fresca das suas grandes urnas de argila, aos viajantes do deserto e aos seus cançados dromedarios; são as candidas escravas que dormiam submissas aos pés do velho senhor; é a formosa Esther, é a muito amada esposa de Jacob, e a destacarem-se d'esse grupo sereno, humilde e tranquillo, a triumphante concubina dos lascivos Cantares, Dalila a astucia vencendo a força, Judith a fraqueza revoltada, derrubando a tyrannia.

O poetico esplendor d'estes quadros coloridos por aquelle sol, emmoldurados por aquellas paizagens, não póde porém disfarçar por muito tempo ao nosso espirito, a in-

ferioridade humilhante, a ignobil servidão a que a mulher do oriente era condemnada.

Nos tempos heroicos do paganismo apparece-nos ella nas paginas candidas e sublimes do velho cantor grego, influente dominadora e prestigiosa.

Os olhos de Helena accendem a guerra troyana; os encantos de Briseis recolhem ao acampamento despeitado e sombrio, o guerreiro invulneravel; Penelope a esposa pura e fiel acalma com um aceno da sua branca mão, a orgia selvagem dos seus quarenta pretendentes barbaros, e mesmo o crime feminil, personalisado em Clymtemnestra tem não sei que sinistra magestade que impõe, que aterra e não repugna.

Era o bello tempo heroico das grandes batalhas, e dos titanicos triumphos; o tempo em que as deusas desciam do Olympo a protegerem com o escudo invisivel os seus dilectos heroes.

Tinha então a esposa, a sagração do seu alto sacerdocio, e aos costumes da Grecia repugnava como uma abjecção a polygamia asiatica que tanto rebaixava a mulher d'aquelles climas.

Mais tarde as transformações politicas e sociaes operaram no destino da mulher a sua funesta influencia.

Á mulher livre que o povo via passar envolta na sua castidade como n'uma armadura invencivel, tendo o seu logar no conselho dos chefes, e na mesa dos festins, possuindo e usando a sensatez que persuade, e a formosura que subjuga, segue-se a mulher das democracias hellenicas, a escrava obediente, cheia de pequenos vicios servis e victima resignada dos desprezos do homem.

O Agora abríra as suas portas ás paixões populares, o egoismo viril, absorvia todos os interesses, sacudira-se o jugo dos reis, e todo o poder das intelligencias cultas era votado agora á dominação de um povo inconstante, curioso e frivolo, de um povo mais tyranno ainda que os tyrannos que desthronára, ebrio do seu poder e vendendo o seu voto de cada dia a quem mais caro lh'o pagasse.

Os homens entregues todos ás tempestades e ás luctas da praça publica, separavam-se da que lhes fôra até ali companheira, dando-lhe por carcere o gyneceu.

Um illustre escriptor grego, de quem não cito o nome com medo que algum praguento me dê a mesma sorte que Molière e Castilho deram ás *Sabichonas*, expôz d'este modo todos os deveres da mulher perfeita.

—«Deve ser similhante á abelha mestra; não sair de casa, exercer sobre os escravos activa vigilancia, distribuir-lhes as tarefas diversas, tratar dos que estão enfermos qualquer que seja o seu numero e idade, receber e guardar cuidadosamente as provisões, zelar o fabrico do pão, das teias e dos vestidos, arranjar os utensilios da cozinha conservando-os sempre muito limpos e dando-lhes nomes que os distingam uns dos outros; amamentar e educar os filhos; e vestir-se com decencia e asseio.»—

A isto deviam limitar-se as aspirações de um coração que ama e deseja, de um espirito que se levanta pelo pensamento, de um corpo a quem Deus concedeu a graça indefinivel das suas mais bellas e escolhidas creações.

Um olhar para fóra d'este circulo asphyxiante, uma vacillação no arido caminho d'este calvario, era-lhes castigada pelas penas mais crueis.

D'este despotismo masculino nasceu como era de crer a revolta.

A mulher sequestrada da sociedade pela virtude enthronisou-se n'ella pelo vicio.

Dividiram-se e extremaram-se os campos.

Umas escolheram a tarefa ingrata, a escravidão pezada, a obscuridade monotona e sombria, as dôres sem premio de uma maternidade puramente material; quizeram outras os loucos triumphos electrisantes, as conquistas celebres, os longos festins onde o vinho e o amor circulavam em ondas, a adoração dos artistas, a musica, as flôres, os oleos preciosos da poesia, as tunicas de purpura e oiro, todos os requintes sensuaes da esplendida civilisação que era a decadencia de um povo heroico.

Emquanto a esposa esquecida e só fiava na roca, pensando por ventura no marido, que orava na praça publica sob as marmoreas arcadas do Portico, ou se embriagava longe d'ella de vinho de Chypre e de lubricos sorrisos, a hetaira esplendida ensinava como Aspasia a arte de reinar a Pericles, a philosophia a Socrates, o amor á doida mocidade enthusiasta que frequentava a sua extranha academia; tinha como Lamia um templo em Thebas e outro em Athenas; arrancava como Phrinêa ás mãos dos juizes vencidos pela admiração da sua formusura fulminadôra, a sentença de morte que elles acabavam de lavrar; inspirava Phidias e Apelles; apparecia deslumbrante de luxo e de esplendor nos jogos olympicos d'onde a esposa honesta era ignominiosamente expulsa; era acclamada nos templos e nas praças, temida como as mythicas sereias, adorada como as divindades do Olympo.

A belleza physica, a graça, a elegancia eram então divinisadas pela Arte e pela philosophia, pelos poetas enthusiastas, e pelos tranquillos sabios, e a hetaira reinava sobre elles, sacerdotisa magna d'esse culto sensual.

Roma, envolvendo em prestigio as suas severas matronas, deu-nos a mãe dos Grachos e a filha de Catão.

Era um passo giganteo na emancipação moral d'essa escrava que o mundo antigo agrilhôa ao poste dos grandes martyrios, das servidões ignobeis, dos deleites infamantes.

Não tarda para ella o alvorecer de uma purpurea madrugada toda alegrias ineffaveis e suavissimos perfumes.

Ao longe, das bandas do mysterioso Oriente, d'essa patria de todas as civilisações e de todos os prodigios, levanta-se outro sol, o sol das almas, o que vem purifical-as de todas as maculas nas bemditas claridades da redempção.

Surge o dôce Nazareno, a ideal figura melancolica do Christo e uma Virgem que é sua mãe, segue-lhe os passos orgulhosa e embebida no extasis, e as filhas de Jerusalem redimidas por elle choram todas as lagrimas do seu coração junto á Cruz do Justo, e a lascivia pagã, a grande sacerdotisa impudica vem na figura de Magdalena abjurar as criminosas pompas aos seus pés, ungindo-lh'os do balsamo que a perfumava na embriaguez das passadas volupias, enxugando-lh'os na doirada toalha dos seus cabellos que varrem o pó em signal de humilde arrependimento.

Desde essa hora que data o renascimento da mulher, cada seculo lhe tem trazido uma conquista nova.

Maria, a suave madona inspiradora e casta, é o ideal onde poetas e pintores fixam d'ali ávante o olhar, outr'ora enamorado de todos os esplendores carnaes.

A idade média consagra pela mandora dos seus trovadores, pela espada dos seus cavalleiros, o culto immaterial da mulher; Dante, o poeta dos symbolos immortaes, resume tudo que póde haver de mais bello na candida imagem de Beatriz; os prodigios da Renascença nascem e florejam sob o delicado e harmonioso impulso feminil; e em todas as evoluções sociaes se encontra o vestigio indelevel d'este poder caprichoso e irresistivel.

Não está porém completa ainda a obra da sua regeneração.

A mulher de hoje, por muito que n'essa empreza se tenham empenhado as mais robustas intelligencias do seculo, está longe de comprehender a missão altissima que nas sociedades modernas lhe está reservada.

Não cabe nas acanhadas dimensões d'este rapido artigo, explicar-lhe tudo que d'ella espera a humanidade, oxalá se realisem os nossos sonhos, e a possamos vêr um dia tal como a nossa phantasia a entrevê nas claridades radiosas de um futuro que não vem muito longe.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A TAÇA

Vi uma velha taça cinzelada,
enorme, de phantastico lavôr
nos espaços azues dependurada;

continha o pranto, as lagrimas de dôr,
choradas entre as longas agonias
pelos tristes, que vivem sem amor;

ouvi, depois, nas dôces melodias
que me trazia o turbilhão que passa
as palavras d'amor que me dizias...

«Era a ventura então... hoje a Desgraça!
«ó meu perdido amor, tão puro e santo...
E vi ao longe trasbordar a taça
com a ultima baga do meu pranto!

M.

UM MOTIM NO APRISCO

NA ausencia do rebanho, um casal gallinaceo apossára-se do aprisco e aninhara-se na fôfa cama de fêno, cacarejando os seus amores. Era de inverno, os nevoeiros tinham repassado a terra, a brisa do norte enregelava, e os dois intrusos, que tiritavam na vagabundagem dos campos desabrigados, agradeceram áquella providencia que enroupa os que não fiam nem tecem, o agasalho do pardieiro, amornado pelo bafo das ovelhas. Sacudiram das pennas as gotas de humidade, enxugaram-se espojando-se nas palhoças tepidas, e ficaram-se conchegados e na posse pacifica da beatitude, contando talvez com a hospedagem para toda a noite agreste, e promettendo pagal-a deixando ao hospedeiro incognito para uma gemmada. Mas o calculo saíu-lhes errado. Emquanto luziu o dia ninguem lhes perguntou pelo bilhete de residencia; ao caír da tarde, porém, guincharam: álerta! os gonzos da porta desconjunctada, e entraram em torpel os moradores legitimos da quieta mansão.

Cuidaes que os usurpadores lhes cederam resignados o abrigo, o leito, o calor? Qual! Fizeram escandalo e desataram em alaridos, parecendo chamar a visinhança para os ajudar a defender a casa. A gallinha, mais assustadiça, deitou-se abaixo do thalamo, arripiou-se e começou em pulos e correrias, defendendo-se com o barafustar do seu mêdo. O gallo tomou posição de athleta no circo, eriçou a colleira, alteiou a crista, e ameaçou o rebanho com os rasgões do bico, como heroe que não conta os inimigos. E, o que é a audacia! as ovelhas, que tinham por si o direito e a força, detiveram-se entre assustadas e curiosas, e com os balidos chamaram o pegureiro, para que viesse expulsar os discolos, que lhes amotinavam o lar.

Eis o quadro de Gebler: uma especie de sedição de communistas irasciveis, que defendem a sua usurpação contra os proprietarios legitimos, supprindo a força com o arrojo e a razão com a gritaria. Aquelle gallo façanhudo é um Felix Pyat da sua raça, que como o da nossa ha de bater as azas quando se vir em apuros. Perdôe-me, porém, o pintor germanico attribuir-lhe intenção epigrammatica, quando a que realmente teve é bem mais consoante os sãos principios da philosophia artistica. Eu escrevi ainda ha pouco n'este mesmo album, que o animalista materialisava a arte quando se reduzia a retratar a fórma, em vez de conceber ou reproduzir os episodios da vida dos irracionaes, em que se patenteiam a sua *alma,* o *genio* das suas especies, os instinctos maravilhosos que são a sua intelligencia intuitiva. De que este preceito não é deduzido de uma theoria abstracta e inexequivel, dá testemunho o quadro de Gebler. O seu principal objecto será a fórma? a composição será n'elle meramente um scenario disposto para a sua apresentação e para lhe dar realce, como se dispõem os enredos dos bailados só para darem pretexto ás piruetas da dançarina?

Oh! que não! O buril primoroso de Gustav Raw não nos deixa duvidosos da pericia magistral de Gebler, e todavia o artista não se apoucou retratando ovelhas, encantado com a perfeição e o acabamento dos retratos. Pelo molde das scenas da vida rustica, muitas vezes observadas no theatro da natureza, concebeu uma, em que os figurantes puzessem em acção os instinctos e em relevo as indoles de um modo caracteristico. Eu disse concebeu e não *copiou,* muito intencionalmente. Estou certo de que a não viu como a traçou na téla, e ainda mais de que a não representou no *atelier* com um rebanho domesticado e gallos sabios, que mandasse *poser* em attitudes escolhidas: copiou tão sómente do seu espirito onde o estudo aturado gravára os elementos da composição que delineara, pois que para isso serve o estudo e não unicamente para, á vista de um modelo, se acertar com a melhor maneira de o reproduzir. Determinada a acção, a entrada do rebanho no aprisco espavorindo um gallo e sua femea, o pintor attribuiu aos personagens, deixem-me exprimir assim, movimentos e expressões consoantes a situação e o *caracter* de cada qual. Este foi o seu supremo intuito, e para se desempenhar d'esta parte da sua tarefa precisou recorrer ao que se poderá chamar a psychologia dos animaes, que só se aprende nos campos e na convivencia diaria com elles, e que é preciso *saber de cór* para se poder compôr, para se admittirem as faculdades imaginativas a intervir na elaboração artistica, pois que não ha modelos permanentes para as manifestações da alma dos animaes.

Gebler acertou precisamente na reproducção plastica d'essas manifestações, escolhidas para assumpto do seu quadro. Da indole altiva e bellicosa do gallo é proprio, ao vêr-se perturbado no seu repouso e aceommettido por um perigo, arrostar com elle. Mais timida, porque a feminilidade nunca perde os seus direitos, a gallinha foge e corre á doida pelo aprisco, cacarejando de susto e agitando as azas. As ovelhas, symbolo da mansidão, hostilisadas pelos invasores do seu lar, apertam-se umas contra as outras, a que mais se avisinhara do gallo brigão assusta-se e atira para traz o corpo, e só o carneiro, o fórte, olha para um dos bulhentos com certo mau humor que póde ser annuncio de medidas severas. Cada attitude, cada expressão, é, pois, rigorosamente adaptada ao caracter de



UM MOT AP



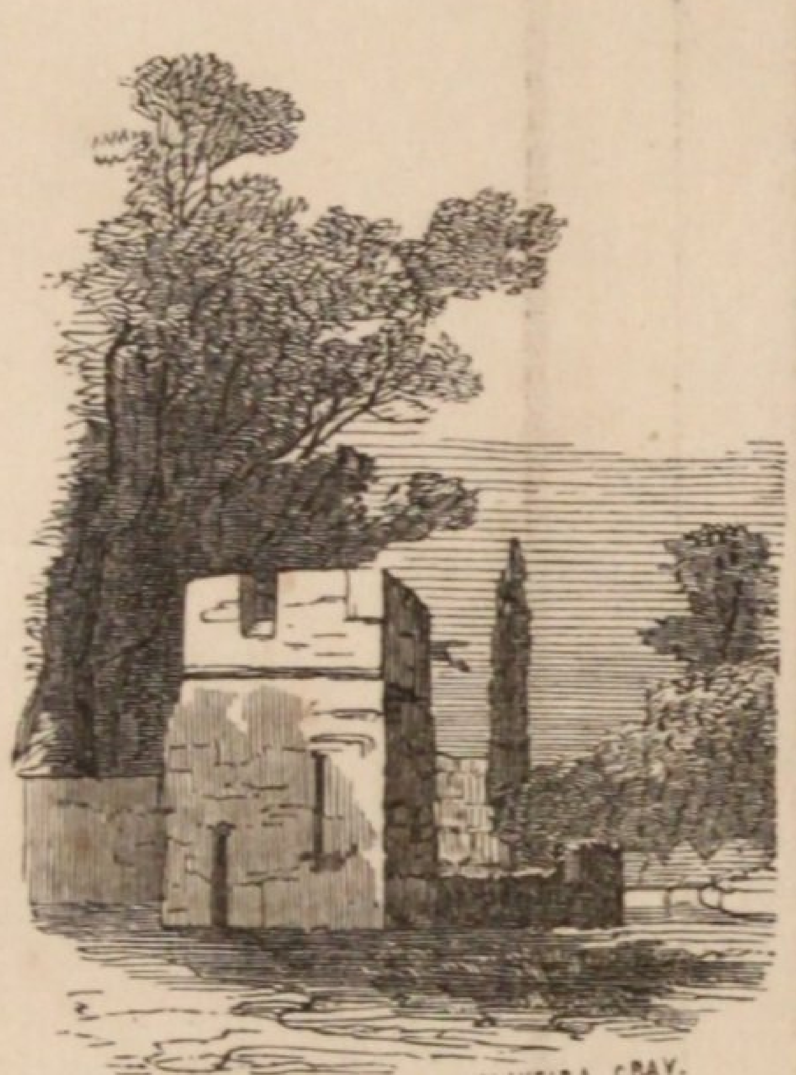
APRISCO

cada actor do interessante episodio, em que tambem a vivacidade irascivel de uns dá realce á paciencia e á timidez dos outros. Ha por isso vida no quadro, alma nos animaes, realismo, ou para que a palavra não produza confusão, verdade na sua composição e execução. A natureza não tem que queixar-se de um desacato, a arte não se privou do seu elemento subjectivo, o pintor não descaíu em copista, e a animalidade não perdeu, na téla, um só dos attributos da vida sensivel e relativamente intelligente, que a pintura lhe póde e lhe deve conservar, como conserva aos deuses o seu resplendor olympico e aos heroes o clarão das suas almas sublimes.

Nem sempre se póde dizer o mesmo á vista dos quadros dos animalistas nacionaes, que tão vulgarmente se resentem do influxo do *bodegone*. Fallecer-lhes-ha talento? Não. Falta-lhes escola, em que se estimulem, acanha-os o amor excessivo do *processo*, e peia-os o jugo de certos methodos do trabalho, que esterilisam a intelligencia para adestrar os sentidos!

A. ENNES.

DE COMO VELASQUEZ TINHA UMA COSTELLA PORTUENSE E NÃO ERA PINTOR



LONGE do torrão natal, qualquer cousa que nos falle d'elle tem a nossa sympathia immediata e irresistivel. Pelo menos tem a minha. Não quero envergonhar a prosapia alheia. Confesso sem rebuço esta fraqueza do meu singelo patriotismo, que se não é tão forte que não me deixe desejar uma e muitas viagens, não é tão fraco que não me deixe considerar como a melhor cousa de todas as viagens possiveis: o regresso.

Discutiremos isto mais tarde. O que por agora affirmo aos meus illustres compatriotas que não tenham viajado, é que me fatiguei em Sevres para atinar com uns barros das Caldas e com uma talha de vinho, do Alemtejo, que ostentavam a sua fealdade verdadeiramente notavel no meio do soberbo museu ceramico da fabrica; — é que tive uma deliciosa surpreza ouvindo em Roma fallar portuguez o velho porteiro de Santo Antonio; — e que, democrata dos quatro costados, me orgulhei em Munich, corrigindo a leitura de uma estrophe dos Lusiadas a um principe real de trinta avós pelo menos: o filho do principe Adalberto da Baviera, por signal, um bom rapazinho.

Ha em Madrid uma praça — *Plaza de Oriente,* — entre o palacio que era do rei quando o havia e a Opera, — onde entre outras ostentações da velha monarchia se vê um baixo relevo representando Filippe IV, — o que nós chamâmos Filippe III, — condecorando Velasquez com o habito de S. Tiago. Nem todos têem visto o relevo, mas conhecem muitos de certo o conto. Pelo menos terão ouvido fallar em Velasquez o grande pintor, um dos maiores não só da Hespanha, o que é já alguma cousa, mas do mundo que n'este caso é nada menos do que a Europa. É bom fazer esta restricção porque em Hespanha têem havido e continuam a haver muitos «primeiros homens *del mundo*» e o mundo ali póde ser indifferentemente a Hespanha, Madrid, a Puerta del Sol, o Café Forbes, uma Tertulia, a cabeça de um sujeito, ou o Globo Terraqueo.

O conto da condecoração tem variantes.

Uma é a d'esta condecoração pura e simples, como está no relevo, — á maneira das que fazem os reis constitucionaes em certos casos, sem preambulos, dispensando-se certas formalidades de secretaria.

Ora, no tempo de Filippe IV, o habito de S. Tiago não era apenas uma cruzinha galante e aquellas formalidades não eram exactamente umas formalidades quaesquer. Ignoro se havia direitos de mercê a pagar, mas é certo que se exigiam muitos requisitos raros como ao diante se verá.

Outra variante, é que uma vez, em 1658, estando Filippe IV no *Real Sitio* do Escurial, dera a escolher a Velasquez um habito de Calatrava de Alcantara ou de S. Tiago. O que é incontestavel é que o pintor teve o habito d'esta ultima ordem. Se foi elle proprio, ou o seu creado, ou o rei, como indica o relevo, que lh'o poz, é ponto grave que fica para discutir com a precisa circumspecção. O que por agora importa é que o facto que o relevo commemora ou exagera deu occasião a descobrir-se que Velasquez tinha uma costella genuinamente portuense e era descendente proximo de uma familia portugueza, o que não é indifferente para o patriota d'estas partes de aquem-Guadiana, quando se acha na *Plaza de Oriente.* Eis como se descobriu o caso.

Foi Velasquez que requereu pelas vias competentes e nos termos devidos, o habito de S. Tiago ou na phrase de uma ordem regia de 17 de setembro de 1658, para *entrar en la dicha orden y viuir en la obseruancia, Regla y diziplina della por deuocion que tiene al bienuenturado apostol Señor Santiago...*

Por aquella ordem pois *Don Phelipe por gracia de Dios Rey de Castilla, de Leon, de Aragon, de las dos Sicilias de Gerusalen, de Portugal* (de Portugal tanto como ... de Jerusalem) *de Nauarra, de Granada, de Toledo, de Valencia, de Galicia, de Mallorcas, de Seuilla, &c.,* ordenou que se procedesse escrupulosa e minuciosamente ao respectivo inquerito.

Como era natural começava este pela genealogia do candidato, como hoje diriamos, e não dispensava o indagar-se se *el padre y la madre, abuelos y abuelas, del dicho... nombrandolos a cada uno de por si, ayan limpios, Christianos viejos, libres de raza alguma y que no les toca mezcla de Indio, Moro, ó converso en ningun grado por remoto y apartado que sea.*

Outro requisito essencial era ser *hijo dalgo,* o que era muito differente, está claro, do que ser filho de alguem como toda a gente, e não só isto, mas *hijo dalgo segun costumbre y fuero de España y no de priuilegio,* o que era então uma cousa por ahi alem que os simples plebeus mal podem comprehender sequer. Mas não bastavam ainda estas qualidades rigorosas. Era preciso que os juizes dos processos indagassem zelosamente se o *padre y abuelos paterno y materno han sido mercadores ó cambiadores ó ayan tenido algun oficio vil ó mecánico y que oficio e de que suerte y calidad &c.,* porque em caso affirmativo por muito contente se devera dar o ousado requerente com um singelo e secco indeferido. Ó meus illustres compatriotas que sois barões!... Mas suspendamos.

Um enthusiasta de Velasquez, o sr. Cruzada Villaamil,

pôde descobrir e teve a excellente idéa de publicar recentemente as «*Informaciones de las calidades de Diego de Silva Velasquez, aposentador de palacio y ayuda de cámara de S. M. para el hábito que pretende de la Orden de Señor Santiago.*»

É por conseguinte com os documentos na mão que eu vou dar á cidade da Virgem, a prova de que abrigou no seu seio e de que comeram provavelmente costelletas n'alguma das suas viellas, os ascendentes do illustre fundador da escola de Madrid, que foi uma grande escola como provavelmente terá ouvido dizer.

Foram cinco os juizes do volumoso processo, e dois os informadores nomeados. Dizia Velasquez que era neto paterno de Diogo Rodrigues da Silva (ou Diego Rodriguez de Silva) e de sua mulher D. Maria Rodrigues, *naturaes da cidade do Porto,* no reino de Portugal. Deu-se por causa d'isto uma peripecia curiosa.

Eram passados dezeseis annos depois da restauração, ou como dizem alguns hespanhoes, da *rebelion* de Portugal, mas a ordem de S. Tiago não queria ainda cousa alguma comnosco; Portugal era uma especie de paiz excommungado, para aquelles santos varões, e por isso não só se ordenou que os informadores fossem indagar da ascendencia de Velasquez em Monterrey e Tuy e não no Porto, mas os reverendos syndicantes tiveram o cuidado de dizer no auto respectivo que tinham andado 96 legoas e gasto 12 dias *por deviarnos de la Raya de Portugal.* Vinte e oito depoimentos foram colhidos em Berni e Monterrey, sete em Pazos, trinta e tres em Tuy, e sete em Vigo: total setenta e cinco! O melhor é o de um alferes hespanhol que *desde el año de Veinte hasta el de quarenta y tres que estuvo en la Ciudad de Braga y en la de Oporto sirviendo a Su Magestad y cuando se levantó Portugal estuvo detenido tres años en dicha ciudad de Oporto y entonces como antes oyo nombrar a Diego de Silua Velasquez y decian que estaua en seruicio de Su Magestad y que sus abuelos habian sido de dicha Ciudad de Oporto y que se llamauan Diego Rodriguez de Silua y Doña Maria Rodriguez y que eran nobles e hijo dalgo al usso costumbre y fuero de España.* Passaram os informadores ao sul tendo sempre o cuidado de ir levantando auto da sua chegada e de dizerem n'elle as legoas percorridas e a razão por que não *fue posible andar ningun dia las ocho leguas que se manda.* Não são menos numerosos nem menos favoraveis os novos depoimentos, entre os quaes apparecem alguns dos fidalgos portuguezes que tinham ficado na côrte de Madrid por acharem cousa muito feia que a sua patria se fizesse independente da corôa hespanhola: um é o conde de Castanheira e marquez de Collares D. Jeronymo de Athaide (*Atrude* diz o texto hespanhol), outro é um Felix Machado da Silva e Castro, que é nada menos do que *señor de las casas de Castro y Vasconcellos y Sierra de entre home e cana, marquez de Montevelo commendador de San Juan en la orden de Cristo en el Reyno de Portugal* e sobre tudo isto *natural de sus mismas sierras,* outro é D. Pedro de Mascarenhas Marques de Montalvan, que é apenas natural de Lisboa, vem logo um quarto, que é D. Francisco de Menezes, cavalleiro de Christo, commendador e alcaide maior de Proença a Velha. Este alcaide *in partibus* observa com muita circumspecção que ainda que a Velasquez *llaman pintor del Rey es porque pinta para el gusto de su Magestad y su real palacio, sin aver tenido tienda ni aver vendido en esta villa ni en otra parte ningunas pinturas...*

Não se esquece d'esta grave attenuante um quinto portuguez Gaspar Gomedo de Abreu, que se intitula desembargador da casa de fiscalisação e fiscal do conselho de fazenda e mais juiz dos cavalleiros das ordens militares de Portugal. E cousa curiosa, não são apenas os fidalgos é Alonso Cano, um pintor; é Zurbaran, outro pintor; é Carreño Milano, que foi discipulo de Velasquez; é Angelo Nardy, pintor *de su Magestad, natural de Florencia;* são Herrera Barrionueno e Pedro de la Torre, pintores, esculptores e architectos, e Juan de Villegas, dourador e estofador, que confessa que procurou vêr Velasquez quando elle foi a Roma *porque deseaua mucho conocerle por hombre isigne y de los mayores que a tenido la pintura;* são os artistas, os que trabalham, os que vivem e se elevam pelo talento e pelo trabalho proprio e não com os pergaminhos que só attestam os merecimentos ou a fortuna alheia, são elles que ali vão, concordes, unanimes, humildes, — não sabemos se convictos, se forçados pela esmagadora força da opinião do seu tempo ou antes da sua sociedade, defender Velasquez da sua grande gloria, dizer que elle só é pintor porque é cortezão, que só empunha a palheta para agradar ao rei, — attenuar, esconder quasi, o genio e o trabalho do grande artista no encomio da sua grandeza domestica, do apparato da sua creadagem, da honraria dos seus cargos palacianos, do fastigio do seu valimento.

É verdade que elle pinta, mas é só, — diz Alonso Cano *por gusto suyo y obdiencia de su Magestad para adorno de su Real palacio,* e, quando isto não baste para desculpal-o *tiene oficios onrosos como son el de aposentador mayor y ayuda de Camara!* Elle trata-se *com mucho lustre y estimacion,* dizem Carreño e Zurbaran. Elle não vive do seu genio e do seu trabalho artistico, não tem o officio de pintor, mas vive sim dos honrosos officios de aposentador do palacio e de ayuda da camara real, diz Nardy.

Francisco Gutierrez Cavello *siempre le a conocido com mucho lucimiento de criados, casa y coche.* Comtudo ha no depoimento d'este homem desconhecido uma phrase curiosa. Dizendo que não faltavam a Velasquez os invejosos *por hauer llegado a la altura y valimiento en que se halla,* accrescenta cheio de enthusiasmo que *la tiene por merecida porque es de los mas primorosos hombres que a tenido el arte y justamente merecido que tiene e aun le parece poco... &c.*

Finalmente do longo inquerito, apurou-se que os avós paternos de Velasquez eram portuguezes, naturaes e residentes no Porto d'onde foram residir em Sevilha. Aqui lhes nasceu o filho Juan Rodrigues da Silva que casou com D. Geronyma Velasquez, d'aquella cidade.

Estes foram os paes do grande artista, que nasceu em junho de 1599.

E mais se deprehende do interessante processo, que se Filippe IV era dado a sentir impulsos generosos como o que parece registar o relevo da *Plaza de Oriente,* e tinha pelas artes a protectora affeição que muitos lhe attribuem talvez por não saberem distinguil-a do desfastio ostentoso que ás vezes toma a apparencia d'ella: não foi a um d'esses impulsos nem áquella affeição que Velasquez deveu o misero habito, mas sim ao tel-o requerido e a ter provado que era *hijo dalgo, limpio, christiano viego, libre de raza,* que tinha cavallo e podia cavalgar, que podia apresentar folha corrida como diriamos hoje, que não exercia *oficio vil ó mecánico* e que rigorosamente não era pintor.

Ha no *Museu del Prado* um quadro de Velasquez representando o velho Esopo, andrajoso, com um pergaminho na mão direita e a outra no peito. É uma das melhores creações de Velasquez e pertencia á collecção de Filippe IV.

Mendigas tambem alguma honraria, entre os fidalgos vadios da côrte de Iadmon, meu velho philosopho?

Trazes no pergaminho a lista dos nomes e qualidades de teus avós, e abafas com a sinistra os desdens, as coleras, as indignadas ironias do teu grande coração, meu velho artista da satyra?

O que tu me pareces, assim avocado por Velasquez, do seio da tua pobreza, das sombras impenetraveis da tua geneologia;—tu, que sabias talvez tanto de quem eras filho como nós que nada sabemos a tal respeito,—o que tu me pareces n'essa téla é uma expiação ou uma ironia.

A tua melhor satyra fel-a Velasquez, pintando-te. Realmente, tu fazias falta na côrte de Filippe IV!...

Afinal de contas é provavel que Velasquez preferisse ser cavalleiro de S. Tiago a ser Esopo, mas o seu Esopo vale para nós muito mais do que a sua fidalguia.

LUCIANO CORDEIRO.

O ENTERRO DE JESUS

Ah! já cançada se me affrouxa a lyra:
Rouca, e sem voz mal associa ás cordas
Difficeis nomes de estremados mestres.
Um por todos direi: e o nome illustre
Te baste, ó Flandria, a coroar-te gloria:
O bello, simples, verdadeiro, grande
Do mestre a obra maior, Van Dick insigne.

GARRETT, RETRATO DE VENUS, CANTO III.

I

UM abysmo separa a arte antiga da arte moderna. Esse enorme valladar, que nos dominios da grande arte, quebrou os elos da cadeia progressiva que liga a humanidade através do tempo e das idades; esse antemural, que partiu a tradição, é a figura a um tempo grandiosa e humilde, severa e dôce, epica e familiar, divina e humana, vencedora e vencida, de Jesus Christo, que firmando a philosophia no sentimento, exercitou por isso um influxo muito mais poderoso nas manifestações affectivas e estheticas do pensamento.

Da arte antiga, ou antes da arte hellenica e romana quasi nos restariam apenas descripções e analyses rapidas dos escriptores de mais nota, ou alguns raros vestigios nas substrucções dos templos, se acaso a erupção do Vesuvio, que no anno 79 da era christã sepultou cinco cidades dos Oscos não tivesse preservado da acção do tempo os monumentos de toda a especie que fazem do museu de Napoles uma verdadeira maravilha.

Ainda assim só conhecemos a arte antiga na decadencia.

Das grandes obras e dos grandes mestres nada resta, senão a memoria.

Mas se compararmos os frescos de Herculano e Pompeia com os do Vaticano, que differença immensa achamos logo!

Entre os afamados mestres da antiguidade, cuja memoria immarcessivel fluctua na voragem dos tempos; entre Apelles, Zeuxis, Polygnota, Panænos, Timantho e Parrhasios, e os mestres da renascença e dos periodos seguintes, o Sanzio, o Guido, Julio Romano, Leonardo da Vinci, Andrea del Sarto, o Ticiano, o Veronez, Fra Angelico, o Poussin, Murillo, Alberto Durer, Holbein, Rubens e Rembrandt; entre uns e outros debalde buscaremos as relações de commum parentesco e affinidade.

Se Miguel Angelo imita por tal arte o satyro antigo, que consegue enganar os mais peritos; se Rafael, contemplando com os seus olhares profundos o formoso grupo das Tres Graças, que o cinzel da antiguidade legou aos tempos modernos, compõe o celebre quadro que é o nosso pasmo e admiração e traduz por tal guisa o pensamento hellenico, que a sua obra parece copia de um fresco, que seculos depois foi descoberto em Pompeia; se os mestres da renascença como que adivinham a esthetica da arte grega; a verdade é que não ha comparação possivel entre a palheta christã e o pincel gentilico.

Assim como a arte greco-romana se inspirara em Homero; assim tambem a arte moderna se inspirou no Dante. Á *Illiada* corresponde a *Divina comedia*.

Conta-se que um dos motivos dos odios e rancores, que levaram Savonarola ao supplicio, foi o elle ter clamado, do alto do pulpito, com a sua grande voz trovejante, contra o paganismo que invadia os dominios da propria religião.

O tribuno tremendo de Florença, que, como Giordanno Bruno e Arnaldo di Brescia symbolisava a reacção contra a idolatria catholica, que em Luthero, em Calvino, em Melanchton, em todos os reformadores achou poderosos adversarios e luctadores indefessos; Savonarola, o frade tribuno, enganou-se tódavia com relação á arte.

O vencido dos papas não tinha rasão contra Julio II, que se foi um pessimo claviculario celeste, soube adivinhar a arte dos Angelos e dos Rafaeis, muito diversa da dos frisos de Egino ou dos frescos muraes de Pompeia.

Assim como os *Lusiadas* de Luiz de Camões, apezar da heteroclita structura e da combinação dos velhos mythos com a fé nativa e a crendice meticulosa e estreita do heroe, são um poema essencialmente christão; assim tambem todas as obras da arte, durante a renascença brotaram de um pensamento incompativel com o que gerou a esthetica antiga.

Galileu é o filho de Archimedes, assim como Copernico de Ptolomeu, assim como o tratado *De stella martis* de Kepler descende das magnificas disquisições sobre as conicas de Apollonio, assim como Machiavel, o auctor do Principe, tem por avoengo a Aristoteles, o auctor da Politica.

Qual é porém a relação entre o Dante e Homero?

Que parentesco ha entre o *Juizo final* de Miguel Angelo e o *Julgamento de Minos?* Que similhanças existem entre o *Sacrificio de Ephigenia,* na presença de Agamemnon e o quadro do *Descendimento da cruz?*

Qual a ligação entre a Virgem de Murillo e a Niobe plangente da antiguidade?

II

Grande e fecundo seculo foi esse, que tão justa e apropriadamente recebeu o nome da renascença.

Voltaire e os encyclopedistas diziam que foi no seculo XV que o espirito humano acordou de repente do immenso lethargo e do somno comatoso, que durou desde que o ferreo calcanhar do barbaro pisou a terra sagrada do Lacio e transmontou as muralhas do capitolio.

Segundo a philosophia do seculo passado a renascença foi um phenomeno extraordinario e unico, um effeito sem causa, uma scentelha luminosa que dissipou a treva funda



VAN DYCK pinxt. WAGNER sc.

O ENTERRO DE JESUS.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

que ennoitava a humanidade, especie de Epimenides que dormia o somno secular nos seios da barbarie.

A philosophia da historia, que é honra e brazão da analyse moderna, mostra que a renascença continha-se implicitamente nos seculos anteriores, assim como nos cotyledones humildes da semente se encerra o roble que com a ramada forte ha de ensombrar o recosto.

E todavia é impossivel assistir áquelle despertar subito, áquella fluxão repentina de todos os succos seivosos, sem que o espirito pasme absorto.

Parece que uma febre irrequieta e devoradora se apossou do mundo. Ha um quê de vertiginoso n'aquelle espectaculo, de desordenado n'aquella florescencia, de impetuoso n'aquella energia!

A humanidade entrou em plena juventude. Sorri-lhe a primavera pujante, jocunda e alegre. As severidades claustraes da idade media, as cathedraes gothicas, os castellos rouqueiros, a melancolica poesia dos trovadores, as longas encyclopedias, a auctoridade aristotelica, a propria escolastica, tudo cede o passo á onda invasora, ao tropel enorme da nova idéa, da nova arte, da nova sciencia.

Se Holbein, o scismador de Basilea, contempla no lago de Constança, á luz frouxa da lua, reflectida pelas neves alpinas, a sua *dança macabra;* se Alberto Durer, de Nuremberg, traça a scena phantastica que tem nome *o cavallo da morte;* a bella Italia rompe a tradição da idade media, e em Roma, em Florença, em Veneza, em Milão, em Genova, em Sienna, em Verona, em Piza, em cada cidade funda-se uma escola de pintura. E em toda a Europa é igualmente fervido o culto das bellas artes. Em Hespanha e em França surgiram os primeiros fundadores, e na verdejante Flandres, é Antuerpia o berço da gloriosa escola que mais estudou a sciencia do colorido e aprofundou os mysterios da luz e da sombra.

O realismo na pintura nasceu em Antuerpia, cuja academia, para logo celebre, foi fundada nos meiados do seculo XV.

O caracter positivo e observador dos batavos traduziu-se nos primeiros tentames da arte. Do primitivo periodo da escola flamenga restam, na galeria nacional de Antuerpia, riquissimos specimens, nos quaes prima o celebre Van Eyck, cujo ensinamento, estreme do idealismo italiano, dos Giottos e Cimabues, se manteve até que o influxo omnipotente de Rafael e dos seus contemporaneos se derramou por toda a Europa.

A escola flamenga chegou então ao apogeu e como se synthetisa e adquire os seus caracteristicos sublimes de colorista sob a dominação de Pedro Paulo Rubens.

Se houve jámais homem para sacrificar o sentimento, o ideal, a propria forma aos jogos esplendidos de luz, ás carnações maravilhosas e opulentas, aos arrojos mais absurdos e ao mesmo tempo mais geniaes, é de certo Rubens, que até no nome estava já promettendo prodigios de colorista, assim como Rafael havia de ser o creador typico e predestinado da *madona*, da Virgem celestial, scismadora, carinhosa e melancolica, escrava do Senhor e arca de alliança.

Rubens era profundamente humano e por isso vulgar.

A sua actividade prodigiosa nunca desfalleceu e a mão corria-lhe febril pela téla ao tempo que a inspiração inexhaurivel lhe estava descerrando continuamente novos horisontes.

Rubens é quasi o symbolo de um seculo. Protegido e protector de Maria de Medicis, esposa do celebre Henrique IV de França, embaixador do duque de Modena junto de Philippe III de Hespanha, representante d'este na côrte de Inglaterra, cujo parlamento o nomeou cavalleiro, Rubens, como Miguel Angelo, como Leonardo da Vinci, é um d'esses homens extraordinarios, que só apparecem nos grandes seculos e assombram a humanidade.

Na sua escola despontou uma pleiade de afamados artistas, que continuaram as tradições do mestre, como são Jordaens, David Teniers, Vanthulden, Breughel, Cornelius, Crayer e outros.

III

De todos os discipulos do glorioso pintor foi Antonio Van Dyck o que, obedecendo á influencia do mestre, mais soube conquistar uma individualidade propria, como se diz agora, e combinar com verdadeira magia o colorido flamengo com o veneziano, a furia por vezes selvagem de Rubens, com o sentimento suave da fórma do Ticiano e do Veronez.

Van Dyck é por isso e só de per si uma escola.

Como Rubens, posto que menos fecundo, foi encyclopedico e os seus quadros historicos assignalam um estadio glorioso no progredir da arte. Os retratos, que pintou, são verdadeiros monumentos, são télas preciosas e sem rival.

Já dissemos que Rubens foi um personagem politico, que versou altos negocios e tratou potentados e reis.

Van Dyck é um heroe de legenda. A vida breve que viveu foi um como sonho phantastico, uma successão de aventuras de capa e espada.

Moço, gentil, esbelto, no rosto umas leves tintas da melancolia do norte, natureza singularmente affectiva, vêmol-o na Italia caír *innamorato* aos pés de uma d'essas princezas de carnação poderosa e olhos faiscentos, cujos labios calidos, poisando na frente do artista, incendiam o fogo sagrado e geravam essas obras primas que são a eterna maravilha da Italia.

Vêmol-o depois em Inglaterra, na côrte de Carlos I, que em pleno florir da primavera, mal entrevia o patibulo de White-Hall e o vulto severo e sombrio de Cromwell, o terrivel executor da monarchia.

Com a longa capa, cuja fimbria se voltava ao tocar na mais longa espada e o chapéo de largas abas com a pluma ondeante, Van Dick, o homem mais bello do seu seculo, coração sempre ardente, ou melancolico e pensativo, ou folgasão e alegre, personificava bem a côrte de Carlos Stuart, o neto da desgraçada Maria, o rei predestinado que havia de descer do throno para subir ao cadafalso.

Por isso não admira que o grande pintor flamengo fosse acolhido de braços abertos pela velha fidalguia ingleza, pelos *cavaliers,* a ponto que um dos seus representantes mais distinctos, um descendente dos heroes de Bruce e Wallace lhe desse a filha em casamento, uma formosissima virgem da Escossia.

Não é agora a occasião nem o logar de relatar as aventuras romanescas de Van Dyck nem tão pouco rastrear, de leve que fosse, as obras primas que legou á posteridade. Do que fica exposto, em brevissimo e mui incompleto transumpto, já os leitores podem inferir quão poderoso foi o engenho de Van Dyck, que tendo vivido apenas 42 annos e succedendo aos famosos mestres da Italia, da Hespanha e ao proprio Rubens, soube ainda conquistar um logar proeminente e inscrever o seu nome no aureo livro da arte.

A gravura, de que é simples annotação elucidativa este artigo, representa um dos mais conhecidos e apreciados quadros historicos do mestre, que logrou harmonisar admiravelmente os explendores coloristas de Rubens com uma delicadeza adoravel de tintas, uma sabia gradação

de sombras, aureolando aquella scena da tremenda tragedia com uns lampejos de poesia, que rebrilham nas feições dos diversos personagens.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)

TAL era o estado, a um tempo animador e triste, em que Sequeira vinha encontrar a arte portugueza, quando regressava á patria, d'onde estivera dez annos ausente. Havia elementos para tentar uma reforma, esperanças de conseguir bom resultado, mas necessidade de prompto e efficaz remedio. Era de esperar que a Sequeira lembrasse desde logo metter mãos á obra.

Sobejavam ao nosso artista certas qualidades de reformador, mas escasseavam-lhe outras. Voltava de Roma cheio de vida e esperanças; estudára ali sob a disciplina severa e conscienciosa de um grande artista que era ao mesmo tempo um grande professor [1]; recebêra bons e solidos principios; visitára o melhor dos thesouros da arte antiga e moderna que a Italia encerra em seus museus; era moço, talentoso, enthusiasta; queria deveras empenhar-se na reforma da arte portugueza, e assim o mostrava e publicava, por actos mais sinceros e lealmente concebidos do que pausadamente meditados e cautelosamente executados.

Estas partes attrahiam desde logo sobre elle a attenção de todos, mas tambem, forçoso é dizel-o, não podiam deixar de crear despeitos e ciumes que cedo ou tarde haviam de manifestar-se, quando o acaso ou a imprudencia do proprio Sequeira, lhes deparasse occasião propicia.

O resultado d'estas paixões tão ruins mas infelizmente tão vulgares no homem, era tanto mais facil de prevêr quanto é certo que Sequeira, apezar do seu grande talento e dos seus laboriosos estudos, não era por emquanto um artista consummado. Tinha um estylo ainda hesitante; mostrava mais tendencias do que resultados. Não se affirmára por ora energicamente nas suas obras. Promettia muito, procurava muito, mas não déra quanto promettia, nem achára quanto procurava. Se pelo genio era incontestavelmente superior aos collegas, se tinha em si, muito mais do que elles, elementos de progresso e de renovação, carecia ainda da auctoridade que dão os annos, os longos serviços, as obras acclamadas, as relações adquiridas, os numerosos discipulos. As suas primeiras pinturas, tão differentes dos trabalhos a que Portugal estava costumado, agradaram pela novidade, ou talvez pelo naturalismo que n'ellas transparecia, e que não podia deixar de impressionar um publico cançado já da affectação e do *barroquismo*.

[1] Sequeira, pouco tempo depois da sua chegada, teve noticia do fallecimento de Cavallucci. Em sua carta de 25 de dezembro de 1795 á sr.ª Cometti, diz que vae fazer o retrato do seu mestre, cuja morte deplora; este retrato pertence ao sr. conselheiro Figanière, digno director geral da secretaria dos negocios estrangeiros.

Sequeira esteve algum tempo a moda; eram desejadas as producções do seu pincel; foi applaudido e conheceu os inebriantes deleites da popularidade. Com as illusões do seu enthusiasmo juvenil, com a sua boa fé e sinceridade de crenças, com a sua ignorancia do mundo para onde entrára, com a sua alma de artista na qual se casava o amor da arte com a ambição da gloria, julgou-se chamado a desempenhar desde logo na sua patria o papel de reformador, de restaurador dos bons principios, de chefe e mestre de uma nova escola, e, sem hesitar, metteu mãos á obra. Esperavam-no porém não poucos desgostos, e bem depressa conheceu quanto se enganára em suas generosas aspirações.

É fóra de duvida que nos primeiros tempos da sua estada em Portugal todos o applaudiram, todos o festejaram, todos o quizeram empregar. Dil-o o proprio Cyrillo [1], que por certo não é suspeito; «todos pretendiam ter uma obra do novo artista»; dil-o Sequeira elle mesmo, referindo em suas cartas, o acolhimento que tivera em Lisboa. Não tardaram, porém, a manifestar-se palpaveis as consequencias da posição em que elle forçosamente se havia de encontrar, passado aquelle enthusiasmo.

Teve o seu primeiro dissabor na questão de preços. Ou fosse pelo grande numero de artistas que então havia em Lisboa, ou pela geral barateza da vida, é certo que os preços das obras de arte eram, n'aquella época, bastante modicos. Sequeira costumado ás elevadas remunerações que em Italia eram de uso, parecendo-lhe talvez que era desconsideração para o artista limitar-se ao que poderia suppôr-se modico salario, prezando em todo o caso as proprias obras, e avaliando-as pelo genio que em si mesmo sentia, Sequeira quiz, para assim dizer, apalpar terreno, começando pela reforma dos preços e pedindo pelos seus quadros muito mais que geralmente se dava.

Ao que parece não foi bem succedido. Os amadores, ou pelo menos alguns, quizeram antes não possuir quadros do nosso artista do que pagal-os pela sua craveira; e os collegas negaram-se a acompanhal-o.

Não desanimou ainda, mas fantasiando realisar por outra fórma mais efficaz e perduravel a reforma que intentava de regenerar a arte, procurou pouco depois da sua chegada organisar uma colligação de artistas, uma como academia, cujas bases e fórma não conheço bem porque nada encontrei a este respeito, mas cujo fim, como Cyrillo diz, era «exaltar a arte, e dar mais estimação e valor ás obras». É natural que propuzesse a creação de um corpo que viesse por um lado supprir a falta de uma academia propriamente dita, e pelo outro substituir a antiga irmandade de S. Lucas que vegetava debilmente apezar dos exforços tentados em 1794 por Pedro Alexandrino e Cyrillo, para lhe dar novo alento e mais larga acção. A estes mesmos se abriu Sequeira, e apezar da sua proposta versar sobre assumpto identico ao que elles tinham feito discutir poucos annos antes, quando buscavam a reforma do compromisso da irmandade, d'esta vez, ou cançados dos anteriores desenganos, ou tocados de ciumes indesculpaveis, recusaram o seu apoio.

Mallogravam-se pois, logo no começo e por culpa de quem mais efficazmente as devia patrocinar, as tentativas tão patrioticas como intelligentes do joven artista. Iam-se patenteando os fructos da inveja. O proprio favor do principe, as mercês que lhe concedêra levantavam incendio de novos ciumes, e lhe embargavam o passo em suas generosas diligencias.

[1] Cyrillo. — *Col. de Mem.*, pag. 150.

Obriga-me tambem a verdade historica a confessar, em que me peze, de que a modestia não era a qualidade predominante do nosso biographado. Tinha-se em muita conta, como merecia, mas não dissimulava este sentimento, como era dever seu. Póde suppôr-se que não evitava as occasiões de adquirir faceis glorias á custa dos seus collegas, que lhes não poupava humilhações, que fallava de si e das suas obras como bem convencido da sua superioridade.

Note-se ainda que o estylo de Sequeira, n'essa época, era, como eu já disse, uma transição; era um estylo indeciso, pouco accentuado, que não se impunha, com a energia de uma convicção enraizada e segura de si mesma. Em Portugal era novidade este estylo. Agradou por ventura no começo, mas não faltaria entre os artistas que então tinham o passo, quem lhe puzesse defeitos, quem lhes notasse as hesitações e o alcunhasse de perigosa e inconveniente innovação, de presumpçosa tentativa para derrubar os idolos venerados perante os quaes o mundo, por uso diuturno, se inclinava reverente, como os unicos a quem devia render culto.

A inveja e a malquerença dos seus collegas transparecem nos escriptos de Cyrillo e manifestam-se palpaveis, e despidas de todo o resguardo na miseravel denuncia, cujos promenores terão cabimento no decurso d'este estudo. Quanto a Cyrillo basta notar que lhe escreveu a biographia em *duas paginas e oito linhas,* que forçado a reconhecer o seu grande engenho, esconde com phrases apparentemente inoffensivas algumas allusões desagradaveis; que na propria auto-biographia impressa no fim do volume claramente se refere a Sequeira, quando diz «... fui pintando (em Mafra) alguns tectos, cuja descripção não cabe na brevidade d'estas memorias; só direi que quando fiz o Phaetonte tive em vistas o precipicio que parecia destinado a um *mancebo menos illustre que o filho do Sol, mas tão audaz como elle até áquelle tempo*[1]» e logo na pagina seguinte volve ao systema de acobertar insidias apparentando narrar os factos mas não poupando as allusões.

Todas estas causas reunidas vieram a produzir effeito. Sequeira bem cedo na vida poude dizer com o immortal poeta ghibellino:

> Non é il mondan rumor altro che un fiato
> Di vento, ch'or vien quinci ed or vien quindi,
> E muta nome, perché muta lato.[2]

Não sei se falseio ou exagero a verdade. Desejo acertar; faltando-me porém bases seguras, sou muitas vezes obrigado a deduzir de factos geraes, conhecidos e certos, a explicação de actos da vida de Sequeira que seus biographos se limitam a apresentar sem commentario, mas quero ao menos que o leitor me acompanhe na serie das minhas inducções e conheça bem o caminho que vou levando. Assim, é sabido de todos que pouco tempo depois da sua chegada a Portugal, o nosso artista foi clausurar-se na Cartuxa de Laveiras. Cyrillo narra o caso simples e naturalmente, e duas linhas depois de dizer que todos queriam obras de Sequeira. É verdade que estas duas linhas encerram a *caritativa* insinuação que Sequeira afugentou todos os amadores com a exageração de seus preços. O conde de Val de Reis, diz o auctor da collecção de memorias, recusou dar mil moedas por dez batalhas que pedíra a Sequeira para as suas ante-camaras. Todos se admiravam, accrescenta, dos preços que elle pedia pelas suas obras. Nada mais. Mas será plausivel suppôr que só porque um fidalgo não chegou a concluir um ajuste de preço, só porque havia quem se admirasse do alto valor de suas obras, só por estas causas desacompanhadas de outras, Sequeira corresse a encerrar-se em mosteiro de tão estreita observancia? Pois não é de presumir, não é logico que todas as causas ha pouco mencionadas, e que se deduzem rigorosamente de factos sabidos e evidentes, influissem n'aquella resolução; não é possivel tambem explical-a em parte pelo genio naturalmente religioso de Sequeira, que não se contentando com a pratica da religião como a póde seguir no mundo um homem do seculo, quizesse ainda afinal-a? Tenho para mim que o poder da sua imaginação tão rica e exaltada lhe pintou com vivas côres o lado poetico d'aquelle acto, lhe representou, pelo lado do ideal, a vida de artista cenobita que n'aquelle retiro ía levar, consagrando os seus pinceis á religião, fugindo do mundo e de seus perigos, dedicando exclusivamente ao serviço de Deus os subidos dotes que d'Elle recebêra. Quem sabe ainda se o exemplo de Lesueur o não tentou? E finalmente não póde ainda suppôr-se que o amor que deixára seu coração vinculado em Roma, como da sua correspondencia parece evidente, não tivesse passado por uma d'essas duras provações que dilaceram o intimo d'alma quando de todo a não arrancam do corpo?

Quizera ser rigoroso e não affirmar senão o que é certo e posso provar.

Que este amor existiu, que Sequeira resolvera dar a mão de esposo á joven romana a quem se affeiçoára, é indubitavel. Provam-o varios trechos de suas cartas que por brevidade omitti, quando atraz toquei n'este assumpto, mas que são clarissimas. Não tendo em meu poder o resto da correspondencia, ignoro como já disse, o desenlace d'este episodio, mas a resolução de entrar para a Cartuxa, o subito desapego pelas cousas do mundo é tão vulgar desfeixo de amores infelizes, que não ha de admirar-me vêr ainda confirmado por provas irrefragaveis, a supposição que aventuro e que ahi deixo consignada até melhores averiguações, de que a noiva de Sequeira ou morreu ou deu a outro a mão que elle ambicionava.

Outro argumento a favor d'esta hypothese se póde ainda invocar. Nas cartas de Sequeira, que tenho á vista, se deduz a intenção em que elle estava de regressar a Roma. Considerava a sua viagem a Portugal como uma interrupção da sua permanencia na cidade eterna, causada apenas pela necessidade de obedecer ás ordens do governo, mas parecia dar por certo que terminada a guerra volveria. Intentava aproveitar o ensejo para melhorar a posição social e pecuniaria, a fim de poder realisar o consorcio que havia de ligal-o com indissoluveis laços á familia Cometti.

A entrada para a Cartuxa indica uma completa mudança nas suas intenções. É evidente que n'esse retiro não encontraria fortuna, ou posição; nem a pratica da regra de S. Bruno se póde considerar como iniciação matrimonial. Separava-se do mundo, encerrava-se no claustro, e esta resolução não fôra largamente amadurecida desde a juventude, não era o resultado de profundas meditações e de uma vocação provada, senão um acto executado, ao que parece, logo depois de concebido, filho de uma impressão produzida em sua alma por algum ou alguns acontecimentos imprevistos, mas graves, que o levaram, quasi de improviso, a mudar a norma de vida que pretendia seguir.

É pois indubitavel que não faltam causas que nos expliquem a entrada de Sequeira para a Cartuxa. Apresento-as como as encontrei, e sem pretender affirmar qual foi a determinante, julgo poder dizer, sem perigo de er-

[1] Cyrillo.— *Ob. cit.*, pag. 309.
[2] Dante. Purgat. XI. 100.

rar, que todas, mais ou menos, influiram n'aquella imprevista vocação.

Fossem porém quaes fossem, é certo que elle se foi encerrar no *Valle de Misericordia* em Laveiras pelos fins do seculo passado.

Na Torre do Tombo existe o cartorio d'este mosteiro. Devi ao sr. official maior Bastos o favor de me deixar examinar os livros e documentos que elle encerra. Corri-os com a maxima attenção, mas nada encontrei ácerca do nosso pintor, nem sequer a data da sua entrada, nem até a mais leve e fugitiva noticia dos quadros que, durante o seu enclausuramento, pintou para o convento. Creio porém que deveria entrar para Laveiras antes do fim do seculo passado, porque voltando para o mundo em meados de 1802, tivera tempo de pintar, emquanto se conservou no mosteiro, cinco quadros de grandes dimensões.

Para supprir até certo ponto a absoluta falta de documentos escriptos, tenho apenas a informação que obsequiosamente se dignou dar-me o sr. Meira, guarda livros do banco de Portugal e diligente investigador de noticias curiosas e pouco sabidas, amigo que foi do nosso grande artista com quem muito conviveu pelos annos de 1820 a 1823. O sr. Meira conhecia com bastante intimidade o frade cartuxo D. Ricardo e o leigo frei Antonio, tambem d'aquelle convento, e por elles foi informado de que Sequeira, emquanto esteve em Laveiras se adstringiu sempre a todos os rigores da ordem de S. Bruno, vivendo ali mais como recluso monge do que como homem do mundo temporariamente recolhido n'aquelle abrigo de paz. Frequentava todos os exercicios monasticos, acompanhava os frades em todas as suas praticas e austeridades, considerando-se como noviço e não como hospede.

Esta informação derrama luz sobre as intenções que Sequeira teve ao entrar no convento. Julgava-se chamado á vida contemplativa, e por uma illusão natural e explicavel, dado o seu caracter mixto de exaltação religiosa, de enthusiasmo artistico, e diga-se ainda, de amor proprio um pouco exagerado, illudiu-se a si mesmo, e reputou vocação sincera e inabalavel o que era apenas desapêgo e aborrecimento momentaneo do mundo e da vida social.

As praticas da vida monastica não lhe arrancaram da mão os pinceis. Intentou memorar por fórma perduravel a sua reclusão voluntaria, e durante o periodo que denominarei da sua vida monastica, executou cinco grandes composições sobre téla e a oleo, que eram talvez a maior riqueza d'aquelle pobre mosteiro a cuja sombra fôra procurar abrigo e conforto. Estes quadros, de grandes dimensões, ornavam as paredes de uma sala que immediatamente precede o claustro e o communica com a galeria onde abrem as cellas. Hoje quatro estão na galeria nacional de Lisboa, e o outro na da Academia portuense de bellas artes. Este representa S. Bruno meditando diante de um crucifixo; aquelles têem por assumpto: os officios funebres por alma de Raymundo Diocrès durante os quaes S. Bruno resolve fundar a ordem a que deu o nome; Santo Onofre no deserto; Santo Antão e S. Paulo; S. Bruno prostrado em oração. Menciono estes quadros pela ordem em que me parece haverem sido executados.

Em geral são fracos, ainda que por differentes razões cada um. Na technica, Sequeira revela alguns progressos em relação sobretudo ao estudo do natural e á verdade do colorido que é menos convencional do que no quadro Manique. Comtudo manifesta-se ainda muito balbuciante e indeciso, a tal ponto que não parecem do mesmo auctor aquellas producções. A mais importante de todas pela vastidão da composição e pelo tamanho é a que representa as exequias de Diocrès; porém de todas é tambem a mais fraca e a unica que realmente é desagradavel. É bem conhecida a lenda do conego da sé de Paris Raymundo Diocrès, cujo discipulo e amigo fôra S. Bruno, e que sempre em vida gosára da fama de varão exemplar por suas virtudes e austeridades; morrêra em conta de santo. A realidade porém não correspondia ás apparencias; era hypocrisia a virtude, fingidas as austeridades, por tal fórma que sua alma se despenhára no fogo eterno, d'onde momentaneamente volvêra a unir-se ao corpo, durante as exequias, para confessar a sua iniquidade e revelar a sua condemnação. Sequeira representa a scena na igreja, quando o corpo do defunto conego se ergue do athaude para dar a tremenda noticia que apavora os espectadores. S. Bruno, amedrontado pela terrivel vista, foge aterrado.

Lesueur tratou o mesmo assumpto e tratou-o muito melhor. O quadro de Sequeira é mal composto e mal executado em geral. O local da scena é indistincto, mal individualisado; a composição confrange-se acanhada entre as linhas architecturaes do fundo. Os grupos estão mal compostos, as expressões falsas ou exageradas. O todo é theatral e inexacto; os anachronismos em vestuarios e architectura grosseiros, pois que estão vestidos á moda de D. João IV os contemporaneos de S. Bruno que viveu no seculo XII, e as linhas do sarcophago que se vê no fundo accuzam um monumento do seculo XVIII. O quadro mais parece obra do inexperiente discipulo de Rocha, do que do academico de S. Lucas. Não posso analysar agora por miudo este trabalho, em que apenas noto mais estudo do natural nas cabeças e menos convencionalismo na côr, comparado com o grande quadro allegorico á Casa Pia. Se devesse em poucas palavras expressar o meu sentimento diria, que, no enterro de Diocrès, Sequeira se afasta mais dos macchiantes sem comtudo alcançar um naturalismo de bom quilate.

No S. Bruno prostrado ha bastante preoccupação no claro escuro, e diligencias para attingir a um grande effeito de luz; a côr porém é fraca, mas o desenho é correcto e o sentimento profundo e verdadeiro. Transluzem no quadro recordações do Dominichino, cujo estylo talvez lembrasse a Sequeira quando o executou. Os outros dois quadros da galeria de Lisboa são fracos na côr e no claro escuro, posto que bastante correctos no desenho. Ha n'elles tendencias evidentes para o naturalismo, como se evidenceia no estudo das mãos e cabeças. Começam a apparecer figuras demasiadamente longas, defeito de que Sequeira nunca se curou inteiramente. O anjo que no Santo Onofre apresenta ao monge a hostia com que vae commungal-o, é adelgaçado e alto em demasia. Descubro n'esta figura vagas reminiscencias dos preceitos de David no tocante ao desenho, com a preoccupação evidente de reproduzir, pelo menos em certas feições mais salientes, as figuras de anjos taes como as concebeu a arte italiana até Rafael.

Em resumo, ha n'estes quadros hesitação e incerteza. Vê-se que Sequeira procurava, se recordava, hesitava, que não havia ainda vasado em molde definitivo e permanente o seu estylo, a sua *maneira*.

Creio que estas incertezas e hesitações se podem até certo ponto explicar pela gravissima perturbação que devia sentir o nosso artista n'aquella atribulada época da sua existencia. Em vez de reagir contra o infortunio e de luctar animosamente, procurou um abrigo no claustro. Não achou ali a paz que buscava para a alma, e que esperava encontrar nas praticas da vida religiosa para a qual não fôra talhado. D'este engano de vocação nascem, quanto a mim, os defeitos, por outra fórma inexplicaveis, que tão patentes se notam nos trabalhos da Cartuxa.

(Continua.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

A FACA DE MATO

Cinzelada pelo sr. Rafael Zacharias da Costa

ENTRE os objectos de arte industrial mais notaveis produzidos ultimamente em Portugal, figura, sem duvida alguma, a faca de mato cinzelada em prata pelo sr. Rafael Zacharias da Costa, a qual esteve exposta, por alguns dias, na ourivesaria do sr. Estevão de Sousa, em Lisboa, e as *Artes e Letras* dão n'este numero em gravura primorosamente executada pelo sr. Pedrozo.

Veio a faca de mato alludida, augmentar a universa fama que já tinha a ourivesaria nacional, fama justificada pelos productos saídos das mãos habilissimas de muitos artistas portuguezes, á frente dos quaes sobresaem os nomes tantas vezes celebrados, de Gil Vicente, ourives de Lisboa, e Pedro Alvares, ourives de Guimarães.

Da perfeição que attingiu em Portugal a sublime arte de Cellini, mormente no tempo de D. Manuel, e mais tarde no de D. João V, até o começo d'este seculo, já esta folha tem mais de uma vez tratado, não só quando publicou em gravura a celebre custodia de Belem, que actualmente existe no paço da Ajuda, mas tambem quando, a proposito de alguns objectos do famozo thesouro de Braga, inseriu em os n.os 2 e 3, da sua 3.ª serie, os artigos, que, ácerca do assumpto, escreveu o erudito academico o sr. I. de Vilhena Barbosa.

Com a faca de mato de que ora se trata, gastou o auctor, desde que a modelou em cêra até que a concluiu na prata, onze annos. O valor intrinseco d'ella é de 80$000 réis, e o estimativo, dado pelo seu actual possuidor o sr. Estevão de Sousa, de alguns contos de réis. Não é este o primeiro objecto notavel que sae dos cinzeis apurados do sr. Rafael Zacharias; el-rei D. Fernando possue dois copos para *champagne,* cinzelados em prata por este eximio artista, e varios outros objectos não menos dignos de serem admirados por amadores e entendidos. O sr. Rafael Zacharias é natural de Lisboa, estudou na Academia de bellas artes desenho de ornato e de figura, e trabalha pela sua arte ha mais de quarenta annos.

A composição da faca de mato representada pela gravura que o leitor tem á vista, foi subordinada á de um trabalho do mesmo genero, feito em marfim, que pertenceu a el-rei o sr. D. Pedro V, e está hoje na interessante galeria de objectos de arte, que possue o sr. D. Fernando.



A esta subordinação obrigada se deve talvez o principal defeito d'aquelle primoroso trabalho, não obstante o habil cinzelador ter feito n'elle certas modificações vantajosas. E não se estranhe que em lavor tão excellente, a critica ache defeitos. Não é isenta d'elles nenhuma producção humana; e esta, de que ora me occupo, merece bem, pelo muito que vale, que desassombradamente n'ella se descrimine o que é verdadeiramente bom do que podia ser melhor. Só ás producções insignificantes a louvaminha vulgar póde caber sem grande desaire para ellas, nem para quem a dispensa.

Quanto a mim, a falta de composição que se nota n'aquella amalgama de animaes, sem nenhuma intenção, e não revelando, por conseguinte, uma idéa que determine qualquer assumpto, constitue o grave defeito a que me refiro, o qual prejudica um pouco a magnifica execução da obra do sr. Rafael Zacharias.

Se o artista houvesse podido trabalhar livremente, sem se sujeitar a seguir ou imitar o trabalho que lhe apresentaram, de certo escolheria para o lavor a que tão corajosamente se entregou, um ou mais episodios de caçadas, em que os diversos grupos de animaes se entrelaçassem com uma ornamentação apropriada, conforme a sua phantasia lhe suggerisse, offerecendo o todo um agradavel conjuncto de boas linhas de composição, sem as quaes não ha harmonia em qualquer trabalho de arte. Alem d'isso, talvez se lembrasse de empregar na sua obra diversos metaes, ou de procurar o effeito no contraste produzido pela prata oxidada sobre a prata brunida, quebrando por qualquer d'estes systemas a monotonia que apresenta, á primeira vista, o seu precioso trabalho.

Acceitando, porém, o facto do artista se haver submettido a um determinado modelo, devo confessar que o seu talento singular conseguiu vencer grandes difficuldades, tendo em vista, principalmente, que o sr. Rafael Zacharias é mais cinzelador do que esculptor.

Alguns dos animaes que se vêem no punho e bainha da faca, não têem, é certo, aquella correcção de fórmas que se observa, por exemplo, nas pequenas esculpturas do celebre artista francez Maine; mas não se póde negar que muitas d'aquellas cabecinhas são de grande expressão, alguns dos animaes têem flexibilidade e movimento, e em nenhum d'elles ha aleijões que dêem nas vistas aos menos entendidos.

Mas o que n'aquella famosa obra de arte ha de verdadeiramente extraordinario, é o admiravel trabalho

de cinzel, é o maravilhoso acabamento de tudo. Póde alguem, ainda assim, accusar o artista de ter sido demasiado minucioso na execução, procurando dar conta dos mais insignificantes *detalhes,* em vez de apresentar planos e massas grandiosas para fugir ao que na arte se denomina — mesquinho. Quem, todavia, attender ás dimensões da faca, e mormente ás dos animaes, verá que esta observação da critica é de todo o ponto improcedente, estando, de mais a mais, o supposto defeito compensado com larga generosidade, pela rara firmeza do toque, manejo acertado do cinzel e esmero inexcedivel com que tudo está perfeitamente acabado.

Os trabalhos artisticos, como todos os trabalhos em geral, devem ser tratados conforme o fim a que se destinam. Se aquelles animaes, que, pelo tamanho em que estão figurados, são para vêr ao pé, fossem executados por planos, de modo que saltasse á vista a linha principal de cada um, e as suas mossas mais salientes, nenhum artista deixaria de affirmar, é certo, que tal obra tinha sido satisfatoriamente concebida, mas todos haviam de confessar tambem, que a falta de acabamento indispensavel em trabalhos d'aquella natureza, a prejudicava bastante.

E. Beulé, nas suas *Causeries sur l'art,* conta que Alcamene e Phidias concluiram, cada um, uma estatua de Minerva, de proporções colossaes, destinadas a serem collocadas no centro dos frontões do Parthenon. Expozeram os dois artistas as suas estatuas, antes de as fazerem subir á altura em que ellas deviam figurar. A Minerva de Alcamene, realçada pelo aspecto agradavel de uma execução aprimorada, foi, vista de perto, a que mais agradou; e tanto sobresaíu á sua competidora, que a de Phidias tornou-se o alvo da indignação geral. Esta desagradava porque tinha os olhos ampliados, as narinas dilatadas, a bôca enorme, o que era de pessimo effeito ao pé; mas que, segundo as leis da perspectiva, devia produzir o exigido resultado, quando vista no logar para que fôra modelada. Assim succedeu. A opinião publica mudou prompta e completamente logo que as estatuas foram assentes nos frontões onde haviam de ficar. A Minerva de Phidias ostentava no seu verdadeiro logar, todas as suas bellezas esculpturaes, apresentando um effeito grandioso, ao passo que a estatua executada por Alcamene parecia mesquinha, e como tal foi julgada.

Com este exemplo póde, *mutatis mutandis,* defender-se o notavel cinzelador de qualquer accusação, que, por ventura, lhe façam no sentido do seu trabalho ser demasiado minucioso, o que, no caso em questão, é não só uma belleza, mas tambem uma necessidade.

Resumindo, pois, vê-se que a faca de mato cinzelada pelo sr. Rafael Zacharias tem dois pontos de vista por onde póde ser analysada e apreciada; ou como trabalho artistico, em que as regras de composição e de desenho precisam ser estrictamente observadas, ou exclusivamente como trabalho de cinzelador. Como obra de bellas artes, não é de todo irreprehensivel, diga-se a verdade; como execução de cinzel, é o objecto mais perfeito que tenho visto, e não creio que haja muitos, que, n'este ponto, o excedam.

A faca não tendo achado, até agora, comprador em Lisboa, onde o gosto pelas artes está pouco desenvolvido, vae ser mandada, segundo me informam, para París ou para Londres.

Pena é que tão primoroso trabalho não fique em Portugal. Merecia estar exposto n'um museu, para admiração dos estrangeiros e incitamento de nacionaes. Infelizmente, porém, tudo nos falta para isso; até o museu. Esta falta reflecte-se no atrazo que entre nós se observa das industrias que prendem de perto com as bellas artes. Em Portugal cuida-se um pouco do aperfeiçoamento do fabrico, ou, por assim dizer, da sciencia da industria; mas no bello, no aperfeiçoamento artistico das manufacturas industriaes, quasi ninguem pensa.

A creação de um museu central de artes applicadas á industria, e de museus provinciaes dedicados ás especialidades manufacturadas de cada localidade, auxiliados por associações destinadas ao aperfeiçoamento das artes do desenho nas suas variadas applicações aos diversos artefactos, devia, com certeza, de influir beneficamente no bom gosto dos productos saídos dos *ateliers* dos nossos industriaes.

Contentemo-nos, ao menos, leitor, com o que poderia succeder, já que não podemos folgar com o que realmente acontece.

RANGEL DE LIMA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

VIAGENS. HESPANHA E FRANÇA. — Eu tenho especial predilecção pelos livros de viagens. Leio-os com interesse, concluo-os com pena e muitas vezes releio-os com satisfação. Considerando as viagens um dos melhores e mais proveitosos passatempos que o homem pode gosar, phantasio na minha imaginação ambiciosa de vêr novas terras e desconhecidos costumes, que acompanho o escriptor viajante nas suas observações, nos seus extasis, nas suas aventuras e até nos seus desenganos. Por isso, e porque alem das narrações pintorescas do caminheiro, o livro encerra critica artistica de entendedor e esclarecimentos historicos muito apreciaveis, li de um folego a ultima obra do sr. Luciano Cordeiro, escripta depois da sua visita a Hespanha, França, Allemanha e Italia, na qual o auctor deixou registadas as impressões que recebeu nos dois primeiros paizes estrangeiros onde esteve. Sem hesitar, recommendo este livro aos que, como eu, se deleitam com as narrações de viagens e se interessam pelos assumptos artisticos e historicos. Não me são totalmente desconhecidos os paizes, os costumes e os objectos de arte de que o sr. Luciano Cordeiro falla; mas nem por isso deixei de percorrer com menos avidez as conceituosas paginas do seu excellente livro, antes pelo contrario, apreciei-as bastante, porque pude julgar da verdade com que o esclarecido viajante falla do que viu e do que estudou.

N'outro logar d'esta folha transcrevo, com a devida venia, um dos capitulos da obra, o qual por ser de assumpto demasiado interessante para nós, julgo que merece figurar no unico periodico de bellas artes, que actualmente existe em Portugal.

MORAL PARA TODOS. — Pelos tempos que vão correndo, é raro topar com um livro de origem franceza, traduzido em vulgar, que possa francamente ser lido em voz alta deante de senhoras. Este da *Moral para todos,* devido á illustrada penna de Ad. Franche, e muito bem vertido para portuguez pelo sr. Candido de Figueiredo, é um dos raros a que me refiro, porque moralisa, instrue e não enfastia, qualidade esta que é das mais essenciaes para uma obra se popularisar. É editor da *Moral para todos,* o sr. A. M. Pereira, que encetou, sob o titulo de *Bibliotheca de livros uteis,* uma publicação com o fim de doutrinar os leitores, ministrando-lhe o antidoto do veneno que por ventura elles tenham absorvido dos perniciosos livros da moda. Bem andou, pois, o sr. Pereira em dar á estampa esta obra, que é das melhor escolhidas para cumprir fielmente o seu programma.

O ULTIMO DIA DE UM CONDEMNADO Á MORTE. — A casa editora Rolland & Semiond publicou uma traducção do celebre folheto de Victor Hugo assim denominado, o qual é propaganda sublime em favor da abolição da pena capital. Eu não sei de obra que mais poder tenha no animo do leitor, para o converter aos santos principios que ella nas suas poucas paginas advoga. Difficil será de encontrar alguem, que, emquanto se lembrar d'aquellas descripções terrificas das torturas moraes porque passa o condemnado á morte, desde que lhe lêem a sentença fatal até que a vida se lhe exhala no patibulo, defenda essa desaffronta social, que felizmente o progresso riscou para sempre do nosso codigo civil. Leiam o livro os que são contra a pena ultima, para com aquellas doutrinas civilisadoras robustecerem as suas humanitarias crenças, e leiam-o tam-

bem os que são a favor d'ella, que a meio da narrativa talvez mudem de opinião.

Abençoado progresso! — as campainhas. — joão, o britador. — A *Bibliotheca theatral*, dirigida pelos srs. Aristides Abranches e Castilho e Mello, publicou estas tres peças, a primeira das quaes, original em um acto, escripta por quem assigna estas linhas, foi primorosamente representada em D. Maria II, pela actriz Virginia e pelo actor Antonio Pedro; a segunda, tambem n'um acto, traduzida pelo sr. Pinheiro Chagas, teve outrosim excellente desempenho na Trindade, por parte da actriz Rosa Damasceno e do actor Leone; a terceira, drama em cinco actos, traduzido pelo sr. A. E. de Castilho e Mello, ainda não foi representada. A empreza editora presta uteis serviços com esta publicação.

O papado. — Assim se intitula um folheto de 47 paginas, no qual o leitor poderá encontrar o texto da conferencia, que, em 12 de julho do corrente anno, fez o sr. T. A. Araripe Junior na escola popular do Ceará. O thema da conferencia deprehende-se facilmente do titulo do folheto. O orador brazileiro tratou bem o assumpto e manifestou idéas que receberão, de certo, o applauso unanime dos que militam á dôce sombra da bandeira da liberdade, mas que hão de ser duramente impugnadas pelos que batalham no campo contrario. Não se póde agradar a todos, mórmente quando se toma por thema de qualquer trabalho, assumpto que prende com a organisação social ou politica dos povos.

O ninho de beija-flôr. — Com este titulo publicou o referido escriptor brazileiro o sr. T. A. Araripe, um romance que merece, por todos os respeitos, ser lido. O enredo não é dos mais complicados; conhece-se que o auctor se contentou com escrever um idyllio, certamente dedicado á leitora melancolica e phantasiosa, que sonha a deshoras com as delicias de uns amores irrealisaveis, amores que são mais do mundo ideal em que ella existe, do que da misera terra em que nós vivemos.

A essas leitoras principalmente recommendo o livro.

Archivo illustrado. — Recebi os primeiros numeros da folha quinzenal, que tem o titulo acima e se publica na Bahia. Cada numero é de oito paginas, quatro das quaes contêem artigos curiosos, e as outras quatro estampas lithographadas.

Depois dos progressos que tem feito ultimamente a gravura em madeira, rarissimos são os periodicos illustrados que se servem da lithographia para a execução das estampas que publicam. A lithographia caíu em desuso; nem podia deixar de assim succeder, havendo para a substituir outro processo que tanto se lhe avantaja. O buril do gravador consegue sobre a madeira mais finura, mais suavidade, do que o lapis do desenhador sobre o granido da pedra lithographica. Por isso, se me fosse permittido dar um conselho ao collega brazileiro, dir-lhe-hia que adoptasse a gravura de preferencia á lithographia, confiando os desenhos na madeira a artistas habeis e intelligentes. Estou que o *Archivo illustrado* muito ganharia com esta modificação.

America illustrada. — Assim se intitula um jornal de caricaturas, publicado aos domingos na cidade do Recife (Brazil), o qual já entrou no quarto anno da sua existencia. As pessoas estranhas á localidade não podem, em consequencia da indole especial da folha, apreciar a graça da parte litteraria d'ella. Sobre a parte artistica, applica-se perfeitamente o que digo ácerca do periodico acima referido.

Historia do corpo humano. — É este o titulo do numero 9 da interessante encyclopedia *Educação popular*, de que são editores os srs. Lucas & Filho, e director litterario o sr. Pinheiro Chagas. Este volume é assignado pelo sr. A. M. da Cunha Belem, escriptor muito competente para tratar o assumpto, não só pelos seus conhecimentos da especialidade, mas pelo seu bom nome litterario, e tem, como os anteriores, a excellente qualidade de instruir o leitor sem o fatigar. Promette a *Educação popular*, pelas proporções que vae attingindo, reunir em collecção obras quasi tão importantes como as que formam a celebre *Encyclopedia Roret*, onde quem sabe francez encontra vastos esclarecimentos sobre os diversos ramos do saber humano.

Noites de insomnia. — Foram distribuidos os n.os 11 e 12 d'esta interessante publicação, dirigida pelo eminente escriptor o sr. Camillo Castello Branco. Segundo se lê no 12.º volume, a publicação acaba n'este numero, porque *o favor publico esquivou-se a proteger esta empreza*. Parece impossivel que tal succedesse, visto o primor de linguagem dos artigos e o ensinamento historico que muitos d'elles continham. É natural, porém, que as *Noites de insomnia* reappareçam mais tarde, com o mesmo ou outro titulo, porque fôra realmente para sentir que publicação tão curiosa e util, se retirasse para sempre da arena litteraria.

Mosaico. — Sob este titulo, começou a publicar-se em Coimbra um periodico litterario e critico, que promette ser dos mais interessantes, a julgar pelo primeiro numero, onde se lêem artigos curiosos assignados por escriptores conhecidos. É folha quinzenal, e tem a forma do excellente periodico publicado em Lisboa — *A tribuna*. Que o novo collega visite por muitos annos esta redacção, é o que mais sinceramente lhe desejo.

Emilia das Neves. documentos para a sua biographia. — No frontespicio de um volume de mais de 500 paginas, muito bem impresso em excellente papel assetinado, e contendo o retrato photographico da eximia actriz, e seu *fac-simile*, se lê o titulo acima. Vinte ou trinta paginas, apenas, occupa o esboço da vida artistica e, por vezes, particular da celebre tragica portugueza, feito, segundo se lê tambem no rosto da obra, por um dos seus admiradores. Os documentos de toda a especie — diplomas honrosos, artigos criticos dos periodicos, apreciações assignadas pelos principaes homens de letras, poesias recitadas no palco, outras espalhadas no theatro em noites de festa de Emilia das Neves, cartas de escriptores notaveis e algumas da propria actriz — preenchem o restante das paginas. Vê-se, pois, que o livro é compilado em ordem a despertar o maior interesse e curiosidade, não só nos que desejarem ter perfeita informação das diversas peripecias, que ora têem illuminado, ora assombrado a gloriosa carreira de tão notavel talento artistico, como é Emilia das Neves, mas tambem n'aquelles, que, pretendendo reanimar apagadas recordações, se dispuzerem a lêr os gabos e panegiricos que a famosa actriz tem conseguido merecer desde que pela primeira vez, tão auspiciosamente, pisou as taboas do palco. Escusado é, pois, fallar mais detidamente de uma publicação, que tem no seu proprio titulo a melhor das recommendações.

Educação physica. — A falta que havia de um livro escripto em portuguez, destinado a servir de guia ás pessoas que têem a seu cargo a educação physica da infancia, está agora preenchida pela valiosissima obra do doutor Augusto Filippe Simões, intitulada — *Educação physica*, a qual é segunda edição da que já foi mencionada n'este periodico, sob o titulo de — *Erros e preconceitos da educação physica*. O auctor do livro que ora fica registado n'estas paginas, não póde ser mais competente para tratar de tão importante assumpto; possue os conhecimentos scientificos indispensaveis para se levar a effeito obra de tanto proveito, e é escriptor ameno e correcto, como o provam muitos trabalhos seus, entre os quaes não são, de certo, os menos valiosos alguns que as *Artes e Letras* têem publicado. Em se sabendo que o novo livro do sr. doutor Filippe Simões trata com sufficiente clareza e bastante minuciosidade, dos preceitos essenciaes da hygiene e de tudo quanto contribue para tornar validas e robustas as gerações tantas vezes atrophiadas pelos erros e preconceitos do vulgo, conhecer-se-ha do valor intrinseco da obra do illustrado lente da universidade, obra dada á luz para ser compulsada pelos que prezam os escriptos serios, e tambem, senão principalmente, pelas mães de familia, a quem muitissimo interessa. Contém ella, outrosim, considerações bastante acertadas e judiciosas sobre a creação da infancia desvalida, ou preceitos a seguir nas rodas e hospicios; concluindo o volume por algumas e interessantes notas explicativas. Quanto a mim, o livro da *Educação physica* merece a analyse detida e imparcial dos entendidos n'este ramo tão importante da sciencia, bem como a attenção conscienciosa dos que precisam de um guia acertado para bem cumprir o difficil mister de educar convenientemente as creanças.

A familia albergaria. — Tem este titulo o 13.º romance publicado pela *Bibliotheca universal*, de que são editores e proprietarios os srs. Lucas & Filho. A obra é assignada pela ex.ma sr.a D. Guiomar Torrezão, senhora muito conhecida pelas suas variadas e interessantes producções litterarias, sempre festejadas pela imprensa e pelo publico. A *Familia Albergaria* é um romance historico passado nos dez annos que decorrem de 1824 a 1834, época assignalada na historia politica do nosso paiz, pela commoção terrivel por que este passou ao substituir o regimen absoluto que então o governava, pelo systema constitucional que ainda o rege. A nova obra da sr.a D. Guiomar Torrezão, analysada exclusivamente, como romance, parece-me satisfazer ás exigencias do leitor, que pretende, acima de tudo, recrear a imaginação com uma narrativa que o interesse e captive, sem o cansar; considerada como novella historica, julgo-a tambem relativamente boa, pois que encerra dentro dos limites acanhados que a parte romantica lhe determina, o mais que se póde exigir de uma época por emquanto presente na memoria de quasi todos, e na qual a historia imparcial ainda não ousou fixar attentamente o seu olhar frio e investigador. O romance da sr.a D. Guiomar Torrezão tem, pois, incontestaveis direitos a ser lido, que é, segundo creio, o sufficiente para ser lisonjeiramente apreciado.

A libertação das raças de côr por uma revolução na applicação das machinas a vapor. — Servem estas palavras do titulo a um folheto impresso no Rio de Janeiro, o qual trata de estudos feitos pelo engenheiro civil e militar o sr. Roberto Armenio, para o invento de uma nova locomoção apta a percorrer rapidamente os desertos e as savanas. Na primeira parte do folheto encontram-se algumas apreciações da imprensa franceza ácerca dos estudos do sr. Armenio, e na outra uma extensa memoria, que julgo dever ser lida e meditada com placidez pelos interessados no assumpto.

Sempre livres! — Assim se intitula a poesia expressamente escripta pelo sr. Annes Baganha, para ser por elle proprio recitada

em a noite de 1 de dezembro d'este anno, por occasião de se inaugurar na cidade de Faro, o theatro que tomou por nome o dia anniversario da nossa gloriosa independencia. A poesia tem rasgos de verdadeiro patriotismo, e encerra alguns versos energicos e excellentes; é dedicada ao sr. Francisco Pedro da Silva Soares, o abastado cavalheiro que teve a sympathica idéa de dotar a principal cidade da provincia do Algarve, com mais um theatro.

CARTA AO MEU AMIGO BORGES, NA QUAL LHE DEMONSTRO QUE AS LETRAS E AS SCIENCIAS VARIAM COMO AS MODAS, E QUE SEGUNDO O ULTIMO FIGURINO, ELLE, EU E TU LEITOR DESCENDEMOS DOS MACACOS, TERMINANDO TUDO POR UM SONETO DE MANUEL MATHIAS, TENTATIVA HUMORISTICA POR JOÃO GORILHA, NATURAL DO PORTO. — O titulo diz tudo. Percorra o leitor as bem escriptas paginas da carta do folgasão auctor, para vêr se se convence da sua descendencia de macaco. A mim convenceu-me elle de que é muito versado nas sciencias e escreve primorosamente em linguagem vernacula e elegante. Estas circumstancias bastarão, creio, para o folheto ser lido com interesse e curiosidade.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

—— Realisou-se a 11.ª exposição triennal da Academia portuense de bellas artes, na qual figuraram alguns trabalhos de valor, segundo se deprehende das analyses feitas pelos periodicos da cidade da Virgem. Entre esses trabalhos, notaram-se um quadro do sr. João Antonio Correia, denominado — *A communhão*, e um esboceto do mesmo artista, representando — *A adoração dos pastores;* quatro quadros de natureza morta, uma *Camponeza de Vianna do Minho* e a *Camponeza da Mortosa*, do sr. Francisco José Resende; a *Orphã de mãe*, do sr. Arthur Loureiro; *Isaac abençoando Jacob*, do sr. Teixeira da Silva; *Um dia santo em Campanhã*, do sr. F. Pellereau, discipulo da escola franceza, residente ha annos no Porto; e varios retratos, os melhores dos quaes são assignados pelos srs. Alberto Nunes, Antonio de Moura e Pinto Ribeiro. Entre os amadores sobresaíram os srs. José Marçal Brandão e José Antonio Castanheira, bem como as ex.mas sr.as D. Maria Amalia Vieira Ramos, D. Thereza de Lima Vieira Fernandes e D. Leonor Augusta Gonçalves Pinto. Pelo que lêmos nos referidos periodicos, julgamos, comtudo, que a perola da exposição foi a estatua em marmore de Carrara do sr. Soares dos Reis, representando um — *Desterrado*, da qual já fizemos rapida menção nas *Artes e Letras*. No Porto, como em Lisboa, não abundam os amadores de bellas artes; entretanto parece que a exposição foi muito concorrida.

—— Á iniciativa e generosidade do sr. Delfim Guedes se deve uma escola de aguarelistas estabelecida, ha pouco, em Lisboa. O sr. Delfim Guedes, esclarecido amador de pintura, prestou o seu *atelier*, sito na calçada nova da Patriarchal Queimada, aos artistas que desejem exercitar-se, á noite, em desenhar do natural e aguarellar. Offerece tambem o modelo. O *atelier* é espaçoso, está convenientemente illuminado, e tem todas as condições para n'elle se estudar agradavel e commodamente. As sessões duram duas horas e effectuam-se tres vezes por semana. Concorrem a ellas, afóra alguns professores da Academia, que, do melhor grado, auxiliam com os seus judiciosos conselhos os menos praticos, muitos artistas e alguns discipulos. São poucos todos os encomios dirigidos ao cavalheiro que tão bizarra protecção offereceu aos nossos artistas; oxalá estes a aproveitem, como lhes cumpre, contribuindo com o seu assiduo e valioso trabalho, para se formar em Portugal uma pleiade de aguarelistas tão distincta, como ha actualmente em Hespanha, Inglaterra, França, Allemanha e Italia.

—— Estiveram expostos no banco ultramarino os bustos em marmore, de Sua Magestade o imperador do Brazil, do duque de Caxias, visconde do Amazonas e barão do Triumpho, executados em Italia pelo habil esculptor Seghinolfi. Estes bustos e os do marquez do Herval, dos condes de Eu e de Portalegre, dos viscondes de Itaparica, de Santa Thereza, de Pelotas, de Tamandaré e de Inahúma, e do barão de Angra, os quaes foram incumbidos aos esculptores Calmels, Victor Bastos, Simões de Almeida e Soares dos Reis, são offerecidos á casa fundada no Rio de Janeiro para os invalidos da guerra, offerecimento feito pela commissão encarregada dos festejos ao imperador, por occasião da visita d'este soberano a Lisboa. Do merecimento artistico dos bustos expostos, não podemos fazer juizo seguro, porque os vimos dentro de caixotes, em más condições de luz e no chão. Entretanto pareceram-nos bem modelados e executados, não obstante certas durezas que provavelmente desapparecerão quando elles estiverem em conveniente altura e tiverem boa luz.

—— No dia 21 de novembro, pelas cinco horas da tarde, falleceu em Roma de uma gastrite que degenerou em febre perniciosa, o celebre pintor hespanhol Marianno Fortuny, ao cabo de oito dias de padecimento. Contava 36 annos de idade. Acompanharam-o até os ultimos momentos, os seus amigos e discipulos Simonetti, Capobianchi, Moragas e Agranot. Fortuny deixou viuva e dois filhos menores. Passára o verão em Napoles, á beira-mar, e regressára a Roma perfeitamente bom de saude. Á imprudencia de trabalhar ao ar livre, depois das chuvas do outomno, se attribue a enfermidade que o roubou, tão inesperadamente, a sua familia que o estremecia, e ás artes cujas era brilhante ornamento. Discipulo da Academia de Barcelona, partiu para Roma em 1858. Era trabalhador infatigavel. Em desenhos, aguarelas, aguas fortes e pinturas a oleo empregava todo o seu tempo. Quando comia em casas de pasto, desenhava os typos mais originaes que via por aquelles estabelecimentos. A sua grande reputação data verdadeiramente de 1866, época em que foi a Paris. Relacionou-se n'aquella cidade com o celebre editor de estampas Goupil, que o tornou conhecido dos amadores mais notaveis que existem na grande capital. Em 1868 casou com a filha do celebre pintor Madrazo, a qual o acompanhava em todas as viagens, sujeitando-se aos incommodos da vida de artista que o marido vivia, e regozijando-se com os triumphos que elle obtinha. Em quasi todos os quadros que produziu depois de casado, se vê alguma physionomia que lembra as feições da esposa. Os seus quadros mais celebres são: o *Casamento hespanhol*, vendido por 12:600$000 réis; o *Modelo*, por 9:000$000 réis; o *Jardim dos poetas*, por 3:600$000 réis; o *Amador de estampas; Uma phantasia em Marrocos; O domador de serpentes; O espadeiro* e *O toureiro*. Deixou centenares de esboços feitos em Marrocos, em Granada, em Sevilha, em Italia e nos arrabaldes de Paris. No cavalete ficaram-lhe por acabar dois quadros — *Uma praia em Portici* e o *Interior de um açougue da aldeia*. A Hespanha perdeu em Fortuny um dos seus maiores pintores.

—— Tem produzido grande sensação em Hespanha o desapparecimento do celebre quadro de Murillo, representando — *Santo Antonio de Padua*. O furto foi commettido cortando o ladrão a téla, exactamente como, um mez antes, o mesmo, ou outro vandalo, praticára com um quadro importante do museu de Marselha. A municipalidade de Sevilha offerece 9:000$000 réis a quem lhe apresentar o painel. Todos se perdem em conjecturas sobre a maneira por que se effectuou este singularissimo roubo. A téla media cinco metros de comprido por quatro de largo e estava preservada de qualquer imprudencia dos visitantes da cathedral, por uma grade de ferro que obrigava os curiosos á deterem-se a certa distancia. Parece que no museu provincial de Sevilha, sob o n.º 92, existe um quadro do mesmo assumpto, tratado por modo differente, com o qual, diz um periodico de artes que temos á vista, os hespanhoes se pódem consolar da perda do primeiro.



1553 — IMPRENSA NACIONAL — 1874



PICCOLO

QUADRO DE RICHTER

EDITORES ROLLAND & SEMIOND LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 9 — LISBOA — 3.ª SERIE

PICCOLO-PICCOLA

I



O titulo do quadro e o nome do pintor estão-nos dizendo, que o que n'elle se reproduz é o typo de um rapaz italiano — criado ao sol da formosa patria das artes — pintado por um artista nascido na pensadora região, que foi o berço de Luthero, de Kant e de Goethe.

A circumstancia de ser um artista germanico quem trata um assumpto italiano, não suscitaria de certo a curiosidade de examinar, embora n'um quadro de breve perspectiva, até que ponto derivam independentes, e onde começam a confluir n'um alveo commum as correntes da pintura allemã e italiana?

Este quadro porém mesmo imperfeito, como não poderia deixar de saír de nossas mãos incompetentes, ainda assim haveria forçosamente de abarcar uma grande parte da historia da arte na Italia e na Allemanha, desde os prenuncios da renascença até os nossos dias. Que compridas paginas, para — alem da enumeração dos factos geraes e da historia dos grandes mestres — poder determinar devidamente algumas questões complexas e difficeis com que nos achariamos desde logo, face a face! Uma d'essas, e das mais graves, seria o inquirir e marcar sobre a indole peculiar da arte italiana e allemã as datas do nascimento da independencia e da originalidade da pintura em cada uma das escolas numerosas dos dois povos. Só na Italia, por exemplo, no seio das irradiações da arte, nada menos de cinco escolas — a florentina, a romana, a lombarda, a veneziana e a bolonheza! Como compendiar, n'um só artigo, as origens e o caracter de cada uma? Como historiar a evolução pela qual em cada uma d'ellas se animaram de repente os germens creadores, que pareciam adormecidos, e que n'um momento da historia raiam em creações admiraveis, assumindo feições proprias e originaes, que atravez dos seculos lhe têem conservado o viço de uma mocidade perenne?

Pelo que respeita só á Italia, em que demorada digressão pelos tempos passados haveriamos de deter-nos com o leitor, recuando até o seculo XIII, em cujo limiar nos apparecem os vultos de Andrea Pisano, de Cimabúe, de Perugino e de Gioto, á entrada da extensa galeria dos seus artistas eminentes que immortalisaram os proprios nomes e a terra que lhes foi berço com tantas creações sublimes, como os frescos da capella Sixtina, as *Sibyllas*, o *Isaias* e a *Transfiguração* de Rafael, o *Adão e Eva*, o *Juizo final* de Miguel Angelo!

Renunciando pois, — com a convicção da nossa incompetencia, — a tentar tão largas excursões historicas, limitar-nos-hemos a procurar qual será a idéa permanente e culminante da pintura italiana, e, achada ella, determinar a differença, que a separa das escolas principaes em que se divide a pintura allemã contemporanea.

A nudez do corpo humano é o assumpto capital que buscam os artistas mais eminentes da Italia, quer a pretexto das tranquillas scenas biblicas, quer a proposito das tragedias mais tremendas do dogma christão.

Rafael, o casto pintor das virgens, esse mesmo faz palpitar em muitas de suas télas e nos seus *frescos* admiraveis o corpo e a musculatura humana com toda a sua vida e a sua energia caracteristicas. Sobre as concepções do seu genio religioso, da sua inspiração christã sopra uma forte aragem pagã. Seu pincel folga e triumpha, quando reproduz as curvas e as ondulações das virgens, dos bellos adolescentes, ou a voluptuosa desnudez da sua *Galathea* a sorrir, com indisivel deleite para Tritão hirsuto, que a aperta convulsivamente e com furor lubrico entre seus braços nervosos.

Miguel Angelo é por excellencia o poeta e o colorista da anatomia humana. Sente-se, vendo os seus personagens, que ninguem até hoje estudou com mais affinco do que elle as contorsões e attitudes, nem reproduziu mais athleticamente a vasta ramificação dos nervos e dos musculos, de que se forra e reveste o nosso corpo.

Debaixo do seu pincel vigoroso, nas linhas magestosas do seu Jeremias ou do seu Ezequiel, nos escorços do seu Juizo final, a mais tremenda e solemne tragedia, que tem saído da cabeça e das mãos de um artista, tragedia que lucta em horror com os episodios e os poemas sombrios de Dante e de Shakspeare, tumultua o nú da natureza com a inteira liberdade dos modelos pagãos.

Para Miguel Angelo o corpo humano não tem mysterios. Todos patenteia e faz resaltar com o maximo relevo e energia da vida nervosa seu pincel herculeo. Com elle a arte transporta-se aos tempos afastados da Grecia de Pericles, em que o alvo dos grandes artistas era contornar e insculpir no marmore, por entre roupagens fluctuantes, a formosura ideal das venus, das nymphas, das canephoras, a serenidade olympica do Apollo de Belveder, o vigor viril dos gladiadores e dos athletas adquirido e augmentado nos gymnasios, e reproduzir com o mais franco *realismo* a lascivia indomavel dos satyros.

A plastica humana preoccupa a Miguel Angelo por tal modo, que ás vezes a expressão moral dos personagens, (o vertice difficil e eminente da arte), desfallece e contrahe-se até as proporções secundarias de mero accessorio. Seu genio epico alteia por tal fórma o tamanho dos vultos, e avoluma-lhes tão consideravelmente os musculos (os quaes batem e palpitam com assombrosa vida animal) que involuntariamente os aparentamos com os semideuses da mythologia, ou com os heroes colossaes de Homero.

O sentimento, o lyrismo da nudez — alliados com a observação da anatomia — nunca tiveram mais audacioso e inspirado interprete do que o foi Miguel Angelo em cada um dos vastos e dramaticos paineis da capella Sixtina. Ali, o seu genio devéras prodigioso attinge á sublimidade tragica de Dante e á grandeza hebraica dos Prophetas.

A *Danae* de Ticiano, do suave pintor da Magdalena (pois que todos estes artistas religiosos da Italia são essencialmente pagãos pela indole e pelos assumptos), resume em si as qualidades da escola veneziana: graça, elegancia, molleza, sensualidade, luz e colorido.

Ao passo que Miguel Angelo sobe, vencendo-as como um Titão, as mais altas escabrosidades da arte, Ticiano engolpha-se em reproduzir as fórmas da irreprehensivel formosura feminil. As imagens, as fórmas plasticas predominam n'elle sobre as idéas, ou sobre os conceitos profundos e metaphysicos. A sua phantasia banha-se voluptuosamente nas tintas vivas, nas pompas pittorescas e no colorido cálido das suas *Bacchanaes* e do seu *Triumpho do Amor*.

A que distancia immensa não nos achâmos já das obras da primeira renascença, em que reinou a pintura mystica sob o pincel de frei Angelico, e illuminada pelos personagens graves, pelas allegorias mysticas de Gioto!

O mesmo Dominiquino, nas graves tragedias religiosas que reproduz (tal é o seu quadro de Nossa Senhora do Rosario e o seu Martyrio de Santa Ignez), presta as côres da sua palheta á observação e ao culto das bellezas plasticas, se bem que a expressão moral da piedade e do terror se pinte admiravelmente em muitas das physionomias por elle agrupadas com a arte mais acertada e feliz.

Igual poder dramatico anima alguns quadros do Guercino e principalmente os de Guido, cuja *Nossa Senhora da Piedade,* envôlta em roupagens azues, pairando sobranceira ao Christo, que jaz morto com a sua adoravel pallidéz impressa no rosto maçerado, se afervora e exalta na compaixão das miserias humanas ante o espectaculo da sua propria dôr. Aqui a pintura italiana esquece os deleites e os ardores sensuaes do paganismo, para se embeber toda nos puros e immateriaes sentimentos de dôr e de piedade, que respiram tão eloquentemente n'aquella scena, e transparecem, idealisando-a, na suave e divina physionomia de Nossa Senhora.

Em Veneza, debaixo d'aquelle céo refulgente, cujo sol semeia de palhetas de oiro a agua preguiçosa e dormente das lagôas e dos canaes onde se reflectem os grupos de jaspe e as estatuas de marmore dos seus palacios, ahi é que o genio pagão da arte italiana se affirma, a cada passo, por entre a floresta espessa dos seus zimborios, das suas arcarias, das suas columnatas. O profano e o sagrado dão-se as mãos, e misturam-se, tanto nos lavores da esculptura, como na phantasia e no colorido ardente dos pintores venezianos. Os triumphos guerreiros, os prazeres da orgia, as sensualidades alegres têem ali o seu culto gravado nas obras de Tintoreto, do Veronez, de Ticiano, e de Sanzovino. Por toda a parte os olhos se deleitam com os hombros nús e os seios palpitantes das deusas allegoricas, e das mulheres perdidas que foram o encanto, o poder e as verdadeiras rainhas da soberba Senhoria do Adriatico.

Entre tantas e tão lascivas nudezas campeia um ou outro assumpto casto, por exemplo o *Paraiso,* de Tintoreto! Em redor porém, nas télas do Veronez, não ha senão venezianas degotadas, com os corpos dos vestidos excessivamente apertados acima da cintura, umas rindo descuidosas, respirando a alegria e o estouvamento, outras com os olhos aveludados e languidos, os beiços vermelhos e humidos, a tez fina e transparente como as folhas de uma rosa de chá, a deixarem adivinhar n'uma ondulação indiscreta o arfar dos seios por baixo das suas camisinhas diaphanas de rendas.

Herdeira directa da renascença, a Italia que, ao expirar a idade media, mantem por algum tempo na arte a severidade religiosa, a austeridade sombria e mystica, emancipa-se d'ellas mais tarde, para nunca mais deixar de imprimir nas artes plasticas — com as mais grandiosas manifestações do engenho humano — o sentimento das fórmas corporeas vivas, que é a feição caracteristica do seu genio.

(Continua.) V. DE BENALCANFÔR.

TENTAÇÃO

Ninguem, ninguem, nem ella mesmo pensa
Quanto morro por ella, e quanto a adoro,
Porque nunca lh'o disse, nem lhe imploro
Que tenha fé n'esta paixão immensa!

No meio d'apparencia d'indifferença,
Em que m'envolvo e sempre me demoro,
Quantas vezes vacillo e quasi exoro...
E sinto est'alma em duvida suspensa!

E quantas, apertando a mão mimosa
Na minha tão serena e regelada,
Indifferente, ao acaso, descuidosa,

Não tenho a tentação desesperada
De lhe sorver a mão branca e formosa
Em beijos de minh'alma apaixonada!

ALFREDO CAMPOS.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA EM 1876

O governo dos Estados Unidos communicou ás legações estrangeiras em Washington: 1.º a proclamação do presidente, declarando que se effectuará na cidade de Philadelphia uma exposição internacional de artes e productos manufacturados do solo e de minas; 2.º as prescripções geraes, relativas á exposição.

As prescripções são as seguintes:

1.ª A exposição internacional de 1876 effectuar-se-ha no parque Fairamount, na cidade de Philadelphia, no anno de 1876;

2.ª A abertura da exposição será a 19 de abril de 1876, e o encerramento em 19 de outubro de 1876;

3.ª Faz-se um cordeal convite a todas as nações do mundo, a fim de que ellas sejam ali representadas pelas suas artes e industrias, seus progressos e desenvolvimentos;

4.º Pede-se a acceitação formal d'este convite até 4 de março de 1876;

5.º As nações que acceitarem o convite, devem nomear uma commissão encarregada de tudo que disser respeito aos seus interesses. A fim de facilitar as communicações e obter uma superintendencia satisfatoria, deseja-se especialmente que um membro de cada uma d'estas commissões seja incumbido de residir em Philadelphia até o encerramento da exposição. As prerogativas de expositor são unicamente conferidas aos cidadãos dos paizes, cujos governos tenham formalmente acceitado o convite de se fazerem representar, e nomeado a commissão acima mencionada. Todas as communicações devem effectuar-se por intervenção das commissões governamentaes;

7.º As requisições do espaço nos edificios e terrenos a cargo da commissão centenaria, devem ser feitas até 4 de março de 1875;

8.º Os desenhos completos dos edificios e terrenos serão fornecidos aos commissarios das diversas nações que acceitarem o convite para tomarem parte na exposição;

9.º Todos os artigos preparados para a exposição devem chegar a Philadelphia até 1 de janeiro de 1876, a fim de que se possa affiançar a classificação e regular distribuição;

10.º As leis do congresso respectivas aos regulamentos da alfandega, barreira, etc., bem como todas as prescripções especiaes que serão adoptadas pela commissão centenaria relativamente ao transporte, á escolha dos planos, á classificação, á força motriz, á segurança, ás regras de policia e outras materias, serão promptamente communicadas aos representantes acreditados dos governos que cooperarem para a exposição.

PIA MONUMENTAL



O rude esculptor, que tirou da massa informe de granito a pia baptismal, que se vê representada em a gravura junta, mal presumiria, que essa sua obra, assim nua de arte, quasi tão tosca e grosseira como a propria rocha de que procedeu, havia de ter, a par de tão altos fins religiosos, tão subido destino na existencia politica de uma nação; mal pensaria, que esse humilde producto do seu mesquinho trabalho havia de vêr passar diante de si tantas gerações, no longo curso de oito seculos, e sempre incolume e venerado!

Não será facil, senão impossivel, adivinhar o anno em que esta pia, saída das mãos do canteiro, foi collocada na pequena igreja de S. Miguel, matriz do antigo burgo, depois villa, e hoje cidade de Guimarães. É fóra, porém, de toda a duvida, que já ali existia, quando D. Henrique de Borgonha, e sua mulher, a rainha D. Thereza vieram, como condes soberanos de Portugal, assentar a sua côrte no visinho castello da condessa Mumadona, nos fins do seculo XI. E tanta é a antiguidade d'esta igreja parochial, que alguns nossos escriptores lhe dão o titulo de primaz das parochias do arcebispado de Braga. Todavia, ainda que se provasse pertencer-lhe esse titulo e por maior consideração, que se lhe dê, não representa o brazão de que mais se ufana esta parochia. Encerra-se este na honra de ter dado a graça do baptismo ao filho, e successor d'aquelles principes, ao infante D. Affonso Henriques, o estrenuo campeão da cruz, o glorioso fundador da monarchia portugueza.

Foi, portanto, n'aquella pia mesquinha que o primeiro rei de Portugal recebeu as aguas do baptismo das mãos de S. Giraldo, arcebispo de Braga. É ponto controverso o anno em que se celebrou esta ceremonia, sendo posto por alguns escriptores no de 1094, e por outros, com melhor fundamento, em agosto de 1109.

Conservou-se esta pia na igreja de S. Miguel até ao anno de 1664, em que foi transportada para a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, por ordem de D. Diogo Lobo da Silveira, dom prior da mesma collegiada. Ali está collocada em um nicho, aberto no grosso da parede, proximo do portal da igreja, do lado esquerdo de quem n'ella entra, e resguardado com grade de ferro, pintada e doirada.

Não contentes de a terem arrancado do logar, onde perseverára durante seis seculos, e onde adquirira a sua celebridade historica; não satisfeitos de manifestarem por aquelle modo pouco respeito ao monumento commemorativo de um successo auspiciosissimo para a nação portugueza, ousaram revestir com pinturas e doiraduras differentes partes da pia, julgando que aformoseavam, com tão ridiculos arrebiques, o padrão que tira toda a sua formosura, e a veneração, que inspira, do acontecimento que recorda, da sua propria rude singeleza, e da negra côr do granito, attestados indeleveis da consagração dos seculos.

A par da gravura da pia baptismal de D. Affonso Henriques publica este numero duas pequenas gravuras, representando duas lapidas romanas com inscripções, existentes na cidade de Braga, cuja descripção e decifração, como abaixo segue, devemos á benevolencia do sr. Pereira Caldas, digno professor do lyceu d'aquella cidade e distincto archeologo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

As copias das duas lapidas romanas estão exactas no seu aspecto geral, conforme ellas o revelam no muro onde estão collocadas — muro outr'ora da extincta cangosta da Palmatoria, e hoje de quintal particular na travessa do Hospital de S. Marcos.

Examinadas com miudeza, e mais com auxilio do tacto que por meio da vista, não é difficil ao epigraphista o poder lêr as lacunas dos desenhos — e bastantes que são.

Eis a inscripção da lapida dos libertos, Agathópodo e Zetho:

A G A T H O P O D *(o)*
T *(iti)*. S A T R I *(liberto?)*
Z E T H V S
C o N S E R V V S

Ambos os libertos são gregos de origem, como os seus nomes patenteiam. — Não são unicos aqui.

No cimo da lapida está figurada em relevo, ainda que um pouco apagada, uma *pátera* de pequenissimo cabo, se não é porventura um *píleo* de pequenissima acuminação. — As *fasces*, a *segúre*, e o *málleo*, figurados por baixo da inscripção, não deixam de confirmar a supposição da *pátera* — φιάλη dos gregos.

No fundo da lapida lê-se a custo:

Foi achada
a 14 palmos
neste sitio
anno 1751

A leitura de *Titi Satri Liberto,* attenta a palavra *Conservus,* parece-me preferivel á de *Titi Satri Filio,* usual

aliás n'outras inscripções frequentes entre nós aqui em Braga.



Eis a inscripção da lapida do soldado romano bejense, achada ao pé da anterior:

M (*arcus*). ANTONIVS MF (*Marci filius*)
GAL (*eria*). AVGVSTINVS
PACE. MILES. LEG
VII. GEM. FEL.
Ɔ. MAMILI
LVCANI. AN
XLV. AER. XIIX
H. S. E
SEMPRONIVS
GRAECINVS
HERES. F (*ieri*). C (*uravit*).



Ha uma cousa a notar n'esta inscripção de Marco Antonio Agostinho, da tribu Galéria, oriundo de Beja *(Pax Julia)*, e soldado da legião septima «gémina feliz». — É que a palavra AER não diz respeito a *era* alguma; dizendo-o designadamente ao «estipendio militar» *aes.* — Com esta observação, óbvia para o epigraphista, mas extranha talvez ao amador curioso, não ha difficuldades de leitura n'esta inscripção.



Escrevi em letras minusculas, como é de uso epigraphico, o complemento das palavras da inscripção abreviadas, em que o amador curioso poderia achar difficuldades de leitura. — Para os epigraphistas era isso desnecessario.

Braga, 1874. PEREIRA CALDAS.

PERDIDA!

O casal onde ella habita não póde ficar muito longe.

Avistava-se de certo se o não encobrisse a rama folhuda das arvores que sacodem sobre a cabeça da chorosa creaturinha a sua chuva de flôres.

A mãe é uma trefega e laboriosa dona de casa, o pae é um honesto lavrador; sentem-se ambos na simplicidade tranquilla da consciencia abençoados por Deus, por esse Deus provido e bom que veste os lyrios e dá de comer aos passaros.

N'aquelle pequeno mundosinho humilde, não ha ninguem que não trabalhe.

As mais velhas lavam no rio a roupa de casa, o morgadito do rancho, pastoreia por montes e charnecas o rebanho das cabras inquieto, caprichoso e bravio, e até



Perdida!

aquelle cherubim rechonchudo que se avista na estampa leva aos campos, onde lida o pae, o jantar que lhe prepararam as mãos desveladas da mulher.

De pequeninos costumam-se á grande lei do trabalho, e todos sabem já quanto custa a ganhar o pão, que enche em festiva abundancia as prateleiras do velho armario de pau santo.

Era um formoso dia dos principios do estio.

Havia no espaço aquella grande serenidade azul onde se libra a aza dos passaros e a alma das creanças. Os trigaes deixavam ondular ao sol as suas ondas doiradas, exhalava-se das arvores a suave musica indistincta que é feita das palpitações inquietas da aragem e dos fremitos mysteriosos da seiva, a margem do rio estrellava-se de flôres azues que espreitavam d'entre a herva avelludada e lustrosa, e a immensa natureza tranquilla parecia expandir de todas as cousas não sei que fluidos voluptuosos.

A pequena partíra de casa, ao meio dia, com o cesto da comida no braço. Ia depressa com esperança de alcançar em recompensa da interesseira celeridade os melhores bocados da magra refeição que por inodora não attrahiria de certo as attenções de Brillat Savarin.

Dizem-nos que a humanidade nasce boa; eu tenho para mim que ella nasce pessima, e senão vejam-me os profundos calculos das creanças, aquellas *gracinhas* que as mães contam sorrindo e que não passam de outras tantas provas de promettedora malvadez.

E comtudo é tão divina a infancia, brincam n'aquella sombra tantos raios de sol, ha tão persuasivo encanto n'aquellas cabecinhas que nos trazem preso o coração nos tenues fios de oiro dos seus cabellos, que a gente ri-se ao vêr a avareza, a mentira, a gulosina, o egoismo, mostrarem o venenoso germen no seio da meiga flôr.

É por isso que tanta vez exclamâmos, ao descobrir por milagre uma creança isenta de taes defeitos, — não póde viver muito, é do céo!

Deixemos porém philosophicas digressões, e de mais a mais digressões pessimistas.

Ha pessoas que têem a pecha de vêr as cousas d'este mundo pelo seu lado mais escuro.

São as que pensam nas manchas que tem o sol, nas podridões que alimentam o colorido esplendor das rosas, e nos abysmos occultos no coração da pobre humanidade.

A nossa pequena da gravura assistiu ao jantar do pae, acceitando d'elle avantajada partilha, esteve um bocado sentada na terra absorta, feliz, seguindo com a vista espertinha e curiosa a andadura lenta dos bois que ao passarem junto d'ella não deixavam nunca de acaricial-a com um olhar dos seus dôces olhos redondos e melancolicos. Depois, como se aquella demorada contemplação começasse a enfastial-a, atirou a trochemoche com as tigelas de barro e a grossa toalha de linho alva de neve para dentro do cabaz, enfiou-o no braço e abalou.

D'aquella vez não havia as mesmas razões para ir depressa.

De mais a mais tinham os silvedos da azinhaga tantas amoras, e tão maduras e provocantes que não havia resistir-lhe! Havia no meio das plantas cheirosas tantos insectos pequeninos, escoavam-se tão surrateiras as lagartixas pelos comoros esburacados e musgosos, o ar estava tão fresco, respirava-se tamanha alegria por terra e céo, que a travessa pequenita besuntada de fructa, doida de contentamento sem causa, — o unico contentamento possivel n'este mundo — corria atraz das borboletas de côres, espreitava os ninhos dependurados muito alto, atirava pedras ao rio que mugia lá em baixo a sua cantilena monotona, e ria com aquelle bom rir da infancia que tanta saudade nos faz, a nós que para sempre o perdemos.

Quando deu por si estava no meio da floresta, o sol ía esmorecendo no occaso, e ao longe avistava-se através dos recortes miudinhos da ramada, aquelle véo de poeira luminosa e vermelha com que pouco a pouco se nos vão toldando os longinquos horisontes.

A infantil vagabunda perdêra o caminho de casa.

Parou aterrada e surpreza, deitou em volta de si um olhar desconfiado e atirou-se ao meio da seara, abrindo uma enorme bôca pela qual jorrava em torrentes o mais impetuoso berreiro que ainda atroou ouvidos maternaes.

Ali porém não havia mãe que a consolasse, ouviam-na só, empoleirados nos ramos, os passaros maliciosos, que deante d'aquella agonia turbulenta chilreavam sem vergonha nenhuma, as mais desafinadas cantigas.

Decididamente se as creanças são más, os passaros não são melhores.

Eu creio que elles romeiros audaciosos do infinito escarneciam a timida creatura que tinha medo de tão animada solidão.

Ella, no entanto, sem grande respeito pelas regras da plastica, chorava n'aquella desalentada postura quasi grotesca, de sincera que é, e pela sua pequenina imaginação consternada passaram sem ella atinar d'onde lhe vinham umas visões que mais a consternavam ainda. Era áquella hora que ao festivo casal que fica longe, tão longe que nem ella sabe já onde é, íam chegando os bois, que param a cada passo e que parecem meditar graves assumptos tão serio e magestoso é o seu caminhar; as cabras que o irmão conduz a muito custo e que saltam barrancos e penhascos sem nunca sentirem o medo que ella sentia ali sentada; e o rancho dos patos que durante o dia se banham no rio e que recolhem á tarde em tão desordenado grasnar que é o desespero da mãe, e a alegria da pequenada!

Depois vinha a ceia, e n'este ponto culminante das suas saudades cerrava ella a bôca para lamber os beiços na mais comica das melancolias.

Esperemos que emquanto a roliça creaturinha, perdida toda a esperança, se alaga n'um diluvio de lagrimas, a mãe guiada pelo instincto se encaminha para o recanto escuso da floresta onde se perdeu o seu dôce Benjamim.

E possas tu creança não perder-te nunca, mais tarde, n'outra enorme floresta sombria, onde os reptis nos mordem os pés, as lianas nos envolvem nos traiçoeiros laços, as flôres nos envenenam com a morbida voluptuosidade dos seus perfumes.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

SOMBRAS

(No album de Candido de Figueiredo)

Em casa do opulento, ao vir da aurora,
Entre o brilho das grandes serpentinas,
No delirio da walsa encantadora
Cortada a instantes por canções divinas,

Ninguem ouve o lamento da Desgraça
Esfarrapada, e fria, e vagabunda
A farejar de longe a velha taça
Que de vinho exquisito o chão innunda...

Porto.

JOAQUIM D'ARAUJO.

SANTA MARIA DO GUIDO

À ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria da Conceição Osorio Cabral

Um dia, conta um poema, cem virgens deliciosamente vestidas, cheias de mocidade e belleza, descem ao jardim, e vivas como relampagos, põem-se a brincar.

Cantavam, dançavam, tocavam ou dedilhavam diversos instrumentos de musica, e envolvendo o ar no perfume das suas grinaldas deixavam-se ir aos movimentos de uma alegria suprema.

O vento — que se anda mettendo por toda a parte — viu-as e disse-lhes: Encantadoras, eu amo-vos a todas, sêde minhas esposas e sereis immortaes. Em resposta ao deus, as donzellas soltam uma gargalhada; o vento enfurece-se, e quebra-as pela cintura [1].

É dulcissima, como um beijo de noiva, esta região em que o vento ama, e em que as jovens são tanto de kaolin que se deixam quebrar das suas violencias como qualquer haste de uma açucena.

Por um contraste singularissimo, n'esta zona suave, em que a humanidade e o sol tem o seu berço, e em que se figura o eden primevo, a vida parece a todos uma illusão; o nada, ou, pelo menos, a absorpção da individualidade, uma bemaventurança.

As cidades são comparadas com ramilhetes de flôres; mas os reis descem do throno para fazer penitencia; as mortificações são uma riqueza e o eremita é o primeiro entre todos os homens.

Mas este ascetismo da India, ascetismo colossal, que se encontra em tudo e por toda a parte, é ainda risonho; não assusta, nem inspira temor e respeito, como o ascetismo christão; as cem princezas não se tinham esquecido d'elle quando brincavam no jardim, doidejando com a exhuberancia da vida, e atirando risadas aos respiros da atmosphera que lhes murmuravam amores.

Passando ao solo da Judéa, e espalhando-se d'ali pelo mundo, o ascetismo da India perde as flôres em que se envolvia, torna-se severo e triste como o deserto; não raro terrivel como o Horeb ou o Sinai em fogo. Se se dulcifica ás vezes, é quando se enrola ao coração suavissimo de uma mulher, e lhe vem subindo até ao rosto, ameigando-lhe as curvas dos labios, e inclinando-lhe para o céo os olhos, como flôres que buscam o sol, e que pretendem abrir na atmosphera de oiro dos seus raios.

A virgem Indiana brinca e sorri, harmoniosa como a harpa eolia, elegante como a antilope; tem olhares para a terra e para tudo o que a rodeia. A virgem da Judéa, a virgem christã não brincam, não sorriem; o sólo nem o vêem, é o escabello em que poisam a ponta ultima dos pés; o seu desejo mais intimo seria que a terra ascendesse com ellas ainda para além das nuvens.

E é facil de explicar esta differença. A religião da India é pantheista; Deus está em tudo, por isso o asceta póde olhar para tudo. A religião da Judéa e a religião christã são dualistas, Deus está no céo, por isso o asceta só póde olhar para o céo.

D'esta feição séria, mas sublime, e ás vezes dôce, da religião de Moysés e de Jesus, derivam os caracteristicos da arte christã. A arte é a filha mais velha da religião, a filha traz no rosto as feições da mãe; e a architectura, a esculptura, a pintura, a musica e a poesia têem, como irmãs, um ar de familia.

[1] Râmâyana.

Contemplae a Santa Maria do Guido! Este rosto que se debruça para o céo, como para o seu centro, não será na pintura o que são na architectura as frechas das cathedraes, subtilisando-se, e como que fugindo da terra? Sómente aqui a expressão é mais definida, as saudades de Deus transparecem com mais força. Sabe-se que a cruz das cathedraes enleia os seus braços com os braços dos anjos, porque os olhos a perdem de vista; aqui, o céo não se suspeita, vê-se n'um rosto illuminado pela luz que vem da atmosphera e pelo amor que vem do coração; dois soes que se confundem. Só o corpo se envolve em sombra, sombra que é a penumbra da terra; o rosto banha-se em luz, luz que enlaça o brilho da aurora com a suavidade do crepusculo, e que é o reflexo da visão de Deus.

O Guido nasceu em 1575, morreu em 1642. N'este tempo havia já muito que a risonha Grecia e a aspera Roma tinham vindo travar a indole do seu espirito com a indole do espirito christão. Sob diversas influencias, o catholicismo tinha começado a perder terreno; o norte da Europa desapertava-se um pouco das cadeias da fé; o sul sentia a necessidade de alliar o espirito e a materia, em vez de dominar uma pelo outro. Na propria Roma, Rafael tinha sido um grego; a *Virgem na cadeira* fôra um equilibrio da idéa e da fórma: todavia o Guido é ainda christão, christão como os dos primeiros seculos, christão como Gerson, como Santa Thereza de Jesus, como o auctor da *Luz e Calor*. É que é na alma dos artistas que o futuro amanhece mais cedo, e que o passado morre mais tarde. São na humanidade como os pincaros das montanhas, os primeiros beijados do sol quando nasce, os ultimos que elle abraça quando se despede.

Que amores os d'esta mulher! De muito olhar para cima prolongou-se-lhe o collo; fez-se a solidão em torno d'ella, descansaram-lhe um sobre o outro os labios; mas deprimindo a fronte, para fallar com o céo, a barba, as faces e os olhos elevam-se para elle, e na luz que resplende d'estas feições anda, e vê-se Deus.

Com que te hei de comparar, a que te hei de assemelhar, virgem, filha de Sião?

A tua fronte lembra-me os jardins do paraizo emmoldurados na vastidão da terra ainda inculta e deserta. Do mesmo modo que as mãos dos anjos tinham concentrado n'aquelle recinto a agua, as aves, as flôres; assim a tua alma fugiu para o teu rosto.

O genio da pintura tem muitas vezes exercido a sua palheta lançando na extensão do mar a mole de um navio, e pondo na praia de olhos prolongados para elle até se desfazer o ultimo recochete da sua esteira o vulto triste e sympathico de uma mãe, de uma filha, de uma esposa. A terra é para ti uma praia, tu tambem olhas para o mar, esse outro mar, o céo.

Durante trinta e tres annos houve na terra uma vida divina que começou no teu seio; o mundo affogava-se n'um diluvio de vicios, um novo *fiat lux* creou o mundo moral em que vivemos; o deus que o pronunciou era teu filho.

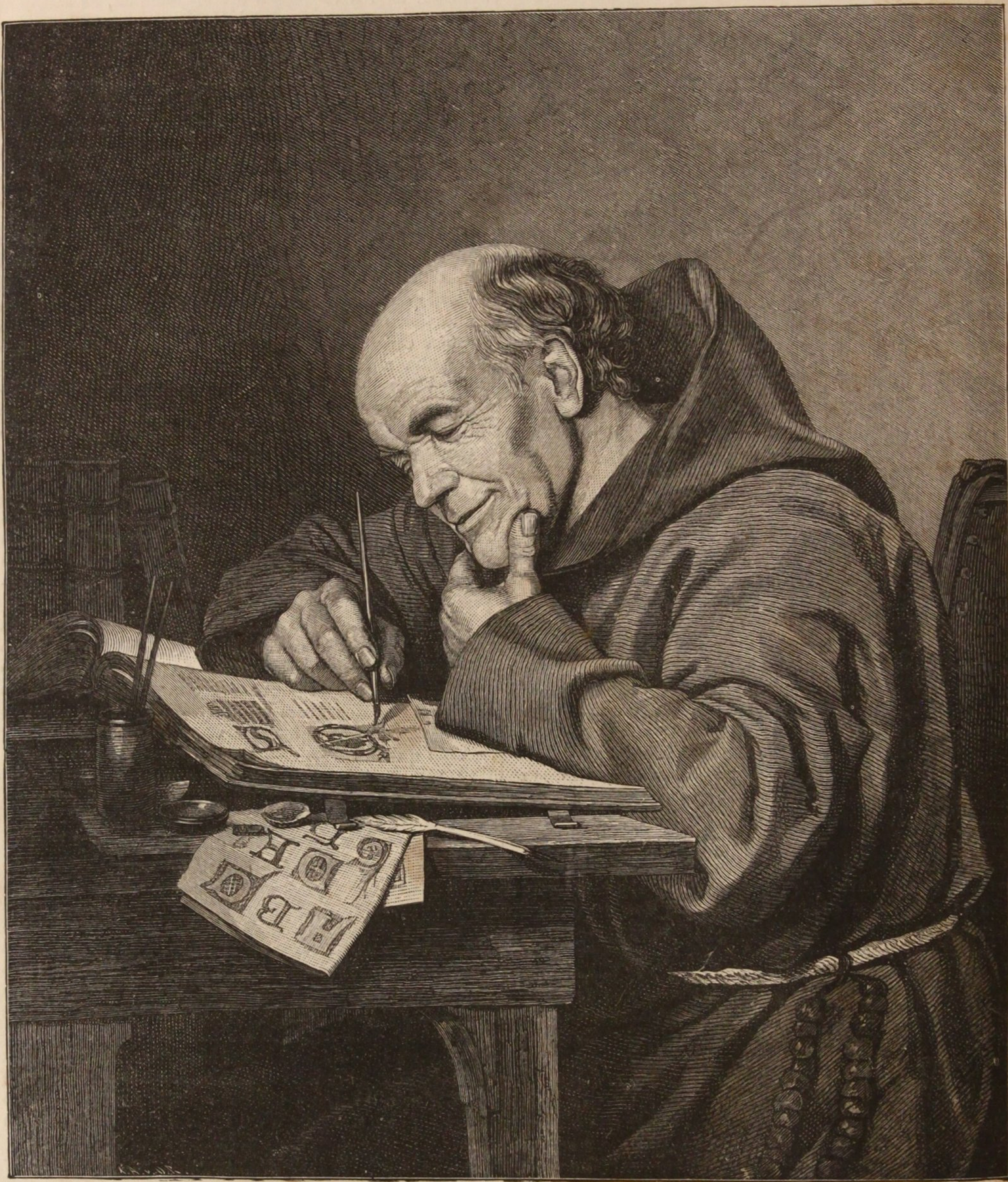
Um dia transfigurou-se e ascendeu para seu pae; o ar que elle perpassava desfazia-se em rosas que te caíam sobre os hombros; então, no meio da chuva das flôres, e sempre depois, tu dizes a Jesus: — Eu quero estar comtigo, constroe-me um barco com as azas dos teus anjos, acurva-m'as ao corpo, e leva-me para ti.

O Guido ouviu-te n'estes colloquios, e as tuas palavras traduziu-as em luz sobre o teu rosto.

J. FREDERICO LARANJO.

O MINIATURISTA

Entrou na flôr dos annos para o mosteiro, e é de crer



que n'esse tempo muitas visões feiticeiras lhe manteassem o espirito juvenil, tão prompto sempre em se rebellar contra tudo que seja estorvo e obstaculo, quanto mais contra a apertada e severa disciplina conventual.

Alta noite quando o silencio, no estranho dizer de um peregrino espirito, nos vem segredar muita cousa saudosa, estamos vendo o nosso pobre noviço a scismar em cima do catre, dando largas ás lembranças queridas, tentando abafar os soluços, e rompendo emfim no chôro convulso dos que se sentem para sempre exilados d'aquellas duas ineffaveis e sacratissimas cousas: o aconchego do ninho onde nos emplumamos, e os dôces carinhos unctuosos da mãe que nos amamentou aos peitos.

As dôres porém por mais agudas e lancinantes que sejam, adormecem e cançam: outro tanto succedeu ás do noviço; foi-se pouco e pouco acostumando á reclusão, e só de longe em longe lhe acudiam saudades de outros tempos, e de tanta cousa, que lhe ficava para alem d'aquellas paredes.

Ora por aquelles annos succedeu chegar ao convento

um notavel copista, e mais do que isso miniaturista primoroso, que fôra festivamente recebido e gasalhado pelo abbade e pela parte estudiosa da fradaria.

Entrou o curioso mancebo a deleitar-se com os trabalhos do recemchegado, via, imitava e aprendia do mestre, e tão amoravel foi o ensino, e tão aproveitado o estudo, que ao cabo de algum tempo não se estremavam bem as copias do mestre d'aquellas que eram feitas pelo discipulo.

Partiu a final o laureado copista para outro convento, que a toda a hora o reclamava: quando porém se despedia do abbade, disse o mestre, designando o seu dilecto companheiro.

—Já não tenho que fazer aqui. Deixo-lhe, dom abbade, quem já hoje, se o quizer, poderá competir em lustre e perfeição de trabalho com os miniaturistas melhormente conceituados em Allemanha e Italia.

Disse, e abraçou estreitamente ao peito o commovido e confuso rapaz, a quem já queria tão de entranhas como a um proprio filho.

Desde aquelle dia ficou o estudioso noviço encarregado do honroso mister de copiar e de ornamentar os in-folios, que deveriam ser para o diante uma das glorias d'aquelle convento.

Em ninguem acertára melhor a escolha, e o velho abbade não cabia em si de contente todas as vezes que entrava na cella do artista, e o via, como o leitor o está vendo, todo embevecido n'aquelles pacientissimos e delicados lavores.

O abbade porém retirava-se sempre com tanta deferencia, e com tamanha cautela, que o artista nem sequer dava pela visita: nós demorar-nos-hemos todavia levando a curiosidade ao ponto de nos debruçarmos no espaldar da cadeira, e de observarmos a imaginosa e floreada miniatura, com que o frade está grinaldando a primeira letra de um capitulo.

Aquelle trabalho, pelo que se vê, satisfez-lhe as vaidades de artista, consumiu-lhe, é certo, muitas horas de minucioso esmero, mas no fim de contas saíu-lhe á medida dos desejos.

Vejam-me os extremos do namorado, com que elle está retocando e avivando os derradeiros traços, a maneira como aquelle pincel deslisa voluptuosamente, como aquelles labios se distendem n'um sorriso de infinita beatitude, e como os olhos do tonsurado artista estão seguindo e como que beijando as linhas do caprichoso arabesco!

Enlevos de artista!

Acabado que seja esse livro, virão todos os irmãos admiral-o pausada, e miudamente, letra por letra, pagina por pagina, depois o abbade com religiosa veneração encerral-o-ha em um cofre precioso, e a minguada bibliotheca do convento opulentar-se-ha com aquella joia de inextimavel preço.

Se porém, meu frade, depois de haveres dispendido a luz dos olhos, a energia e a saude com esses lavores, em que por ventura assentavas a tua immortalidade, alguem te dissesse que em uma cidade da Allemanha andava por aquelles tempos um visionario luctando, e soffrendo privações obscuras para erguer com as suas poderosas mãos de semi-deus o maior e mais luminoso monumento da humanidade, se alguem te explicasse o processo milagroso de se conseguir em rapidos momentos uma parte do trabalho, em que tu desbarataste os melhores dias da tua vida, que condensada e illimitada nuvem de tristeza enluctaria n'esse instante a tua alma, meu pobre e sympathico artista!

Ainda bem que não terás de vêr cortada pela raiz a radiosa florescencia dos teus sonhos.

Descerás ao tumulo cercado da veneração, do amor, e das saudades de teus companheiros e irmãos, e o teu querido missal ao passo que fôr considerado por muitos como um objecto inutil e de somenos importancia, será para o bibliophilo, para o poeta, e para as almas delicadas, sonhadôras e meigas, uma como que dôce evocação de uns tempos, que vão longe, de umas idéas que se extinguiram, e de uns homens, que á tua similhança punham ainda fé em alguma cousa.

Com que delicias estivemos nós, ha mezes, folheando o formosissimo missal de um outro trabalhador convencido, ao qual, ha cousa de pouco tempo, em París, na gloriosa Athenas da arte, dos prodigios titanicos, dos generosos sacrificios, e da civilisação, está fazendo bizarramente salas um grupo de homens decididos, que se prezam de ter gosto, e de adorar as cousas que incontestavelmente são grandes, bellas, e geniaes!

O leitor adivinha que lhe fallamos do precioso missal de Estevam Gonçalves, e da empreza editora que tomou sobre os hombros a difficil e dispendiosa tarefa de publicar essa obra monumental, espanto e inveja de estrangeiros, e de reproduzir pelo moderno processo da chromolithographia as finas, delicadas, e scintillantes miniaturas, que exornam cada pagina do livro, apregoando d'esta fórma e tornando vantajosamente conhecido lá fóra, e ainda entre nós, um nome, que com bastante magoa não viamos incorporado e citado entre os demais miniaturistas allemães, francezes, e italianos.

Já agora não ha motivos para que fique no escuro este varão de tão notavel engenho, cabendo aqui os maiores louvores não só á Academia real das sciencias, que de tão bom grado acquiesceu ás propostas da empreza, como a esta que tentou o levantado e supremo exforço de levar a cabo um commettimento, que cobrindo-a de honra, alumiará de gloria ao mesmo tempo o nome de um portuguez, que tão credor se nos afigura d'ella.

Coimbra. G. CRESPO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação) [1]

III

Ao dizer do grande poeta inglez a intenção é escrava da memoria.

«Purpose is but the slave to memory,
«Of violent birth but poor validity [2].

Não durou muitos annos o proposito de Sequeira, e, ou porque o tempo abrandára a violencia dos soffrimentos que o haviam atirado para a Cartuxa, ou porque lhe sorria fagueira a vida nos campos mais largos que íam abrir-se á sua actividade e energia, ou ainda porque se considerava desaggravado das malquerenças de seus inimigos com as novas honras que lhe accrescentavam, o certo é que pôz termo á suavida cenobitica o decreto de 28 de julho de 1802 [3].

[1] Vide os n.os 5, 6, 7 e 8.
[2] Shakespeare.—Hamlet. a. III. sc. 2.
[3] Cyrillo.—*Ob. cit.*, pag. 150, diz erradamente *junho* e assim o repetem todos os outros biographos do artista.

Este diploma nomeava-o primeiro pintor da camara e côrte, conjunctamente com Francisco Vieira Portuense, e a ambos encarregava da direcção das obras de pintura do Paço da Ajuda. Era referendado este decreto pelo presidente do Real Erario, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, nomeado depois conde de Linhares, e que durante cerca de vinte annos, desde 1776 até 1796 fôra ministro de Sua Magestade em Turim onde travára com o nosso artista relações de amisade que o tempo havia robustecido. A sr.ª D. Gabriella de Souza Coutinho, irmã do actual conde de Linhares, neta d'aquelle estadista e digna herdeira de tão illustre nome, possue bastantes desenhos de Sequeira que, por estarem datados, juntam ao merecimento artistico o não pequeno valor de serem ao mesmo tempo documentos historicos. Alguns ha que são cartas dirigidas a D. Rodrigo, cartas em que Sequeira *illustrando* a palavra com o desenho, revela a familiaridade e affecto com que n'aquella casa era acolhido. Não admira pois que tratando-se de dar novo e vigoroso impulso ás obras da Ajuda, nas quaes superintendia o Real Erario, pela Contadoria Geral da cidade, acudisse desde logo ao presidente d'aquelle tribunal, incumbir a direcção da pintura a quem já déra mostras do muito que n'essa arte valia.

O palacio da Ajuda, levantado á pressa depois do terremoto de 1755, não chegára a durar quarenta annos, sendo totalmente destruido por um incendio em 1795 [1]. Tratando-se da sua reedificação, foram os architectos incumbidos da obra José da Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri. Se eu buscasse novas provas das malquerenças e ciumes que infelizmente n'essa época traziam divididos os artistas, voltando-lhes as attenções do trabalho a que deviam consagrar o tempo todo, para as discussões e intrigas que sem cessar e a proposito de tudo se levantavam, achal-as-hia abundantes e claras na historia da reedificação da Ajuda. Leiam-se na obra de Cyrillo as biographias dos dois architectos acima referidos e a de Manuel Caetano de Sousa e vêr-se-hão os enredos que precederam a escolha dos architectos. Quem mais soffria a final era a arte. Era a menos lembrada n'estes conflictos aos quaes servia de pretexto, não de verdadeiro motivo. Não levava a palma o auctor do melhor projecto, mas o artista mais favorecido. Era um concurso entre os protectores, não entre os artistas. Succedia ás vezes que sendo as forças iguaes, era mister usar de meios conciliatorios e assim podemos explicar o dualismo, aliás inexplicavel, nas direcções da architectura e da pintura do palacio da Ajuda. Dois architectos para delinearem um edificio, dois pintores para imaginarem a sua decoração, são symptoma tristissimo e sufficiente prova da enfermidade de que padecia o corpo artistico. A unidade de pensamento sacrificava-se porque assim era conveniente para vencer attritos, poupar vaidades, contentar a todos. Da arte não se curava. Saía-se a pobre como podia d'estes conflictos, quando n'elles não perecia qual victima unica, offerecida para aplacar as iras dos contendores.

Os logares de primeiros pintores da camara e côrte não eram, como o nome parece dizer, cargos palacianos. Por isso debalde procurei o registo d'esta mercê feita a Sequeira nos livros da chancellaria na torre do tombo, nos de decretos e mercês no archivo do ministerio do reino, e nos de filhamentos da casa real no archivo da mordomia mór. Este titulo, inventado quando se tratára das obras da Ajuda para designar os artistas encarregados da direcção da pintura, foi conferido a Sequeira e a Vieira pelo proprio decreto que approvou o «Plano para regulação dos trabalhos de pintura no real palacio de Nossa Senhora da Ajuda.» No archivo da antiga intendencia, hoje direcção das obras publicas, do districto de Lisboa estão muitos livros e pastas com documentos, pertencentes ás obras d'aquelle paço; no archivo do tribunal de contas está vivo o do antigo Erario, por uma repartição do qual, a Contadoria Geral da cidade, eram processadas todas as despezas d'essa obra e fiscalisada a sua execução. D'estes dois archivos extrahi o que n'elles se contém ácerca de Sequeira. Pouco é, mas ainda assim foi o unico subsidio que pude alcançar para esclarecer este periodo da vida do nosso artista.

O plano para a regulação dos trabalhos de pintura determinava em seu artigo 1.º que houvesse: «dois primeiros pintores da camara e côrte, aos quaes pertenceria regular de accordo o methodo com que haviam de ser executadas as obras de pintura.» No caso de discordia tinham de representar ao presidente do Real Erario, que tomaria as ordens do principe regente. Competia a estes primeiros pintores propôr os secundarios e o da escola «que se haja de instituir». Havia pelo artigo 3.º um pintor para a compra *em primeira mão*, de todas as drogas, etc. [1] O artigo 4.º estatuia que ficassem gosando vitaliciamente das duas terças partes das suas pensões os pintores «logo que houvessem finalisado totalmente e com distincção os seus trabalhos, com o encargo de serem obrigados a trabalhar em todas as obras reaes que lhes fôr determinado». O artigo 6.º ordenava que os pintores de historia acabassem com perfeição os seus esbocetos e os fizessem da grandeza que lhes fosse determinada, servindo os mesmos esbocetos para ornato d'aquellas salas do palacio que fossem indicadas pelos referidos pintores da camara e côrte, o que era ao mesmo tempo um meio economico de ornar elegantemente o palacio. Finalmente, o artigo 7.º concedia aos primeiros pintores sege para o serviço ou um equivalente [2].

Sequeira desempenhou effectivamente as funcções de director das obras de pintura do paço. Em 14 de setembro de 1802 foi admittido, sob proposta d'elle, o pintor Manuel Antonio Preto com o ordenado annual de 80$000 réis que pela portaria de 25 de outubro de 1802 foi elevado a 100$000 réis, em logar de 140$000 réis que Sequeira propunha em seu officio de 1 do mesmo mez [3]. A portaria de 21 de abril de 1803 manda admittir como pintores a Archangelo Foschini com o ordenado de réis 1:000$000, a J. da Cunha Taborda com o de 800$000 réis e a Bartholomeu Calixto com o de 600$000 réis [4], conforme a proposta de Sequeira, datada de 16 de março do mesmo anno [5], na qual refere a D. Rodrigo que devendo informar sobre a petição de Fosquini *(sic)* e não tendo este «obras em que elle pudesse fazer juizo sobre o seu merecimento» deu a este requerente e aos outros dois «assumpto para elles fazerem em concurso cada um o seu quadro, por terem sido os tres condiscipulos em Roma e merecerem contemplação para a grande obra do real palacio». Accrescenta que «os ditos artistas acabaram o seu concurso e que elle com o seu collega (Vieira Portuense) examinaram os tres quadros e vendo o merecimento de cada um, entenderam em suas consciencias, deverem todos tres ser empregados» com os ordenados que já mencionei. Deprehende-se d'este officio que só Foschini reque-

[1] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 237.

[1] Para este logar foi nomeado José Viale, no mesmo decreto de 28 de julho.

[2] Archivo da Contadoria Geral da cidade (no do tribunal de contas) liv. 2 de decretos, fl. 272. — Archivo das obras da Ajuda (no da direcção de obras publicas do districto de Lisboa) pasta n.º 91.

[3] Archivo das obras da Ajuda, liv. 34.

[4] Ibidem, ibidem.

[5] Ibidem, pasta n.º 21.

reu o logar, mas que Sequeira expontaneamente se lembrou dos outros dois e juntamente os propôz com o primeiro. Ao diante se verá por que modo se manifestou a gratidão d'estes artistas para com o seu protector e amigo e a fórma por que lhe pagaram o serviço que lhes prestava, dando-lhes consideração e ordenados.

(Continua.)

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

ANTONIO JOSÉ PATRICIO



DOIS sentimentos diversos se apoderam de mim no momento em que pego na penna para traçar estas linhas dedicadas á memoria de Antonio José Patricio, o desditoso pintor que em tão verdes annos se finou, e ao qual me ligavam os deveres da amisade e da gratidão.

Foi elle meu mestre e meu amigo.

Se o discipulo nunca pôde honrar o nome do mestre, exhibindo provas das valiosissimas lições que recebeu, ao menos que o amigo pague a divida de affecto contrahida tantas vezes com tão excellente coração.

Por isso, ao mesmo tempo que a magoa me enche a alma ao recordar-me da vida attribulada que levou na terra aquelle rapaz de talento, sinto verdadeiro jubilo por ter ensejo de perpetuar a sua memoria, deixando impressos n'esta folha, não só os traços principaes da sua vida, mas tambem os da sua physionomia.

Por tal motivo, pois, é esta umas das occasiões em que eu mais tenho estimado achar-me dirigindo uma publicação em que tão de molde cabem o retrato e a biographia do mallogrado artista. Para esta prestaram alguns subsidios, que muito agradeço, os srs. José Rodrigues, Thomaz José da Annunciação, Leonel Marques Pereira e Joaquim Pedro de Sousa, todos collegas e amigos do biographado; o retrato é tirado de uma photographia executada no começo da enfermidade do artista. Desenhou-o José Ferreira Chaves, o intelligente pintor colorista, a quem as *Artes e Letras* devem mais de um apreciavel trabalho artistico.

Antonio José Patricio nasceu em Lisboa aos 28 de agosto de 1827, sendo baptisado na freguezia de Nossa Senhora do Soccorro. Era filho de pessoas modestas, mas honradas. Seu pae fazia parte do pessoal operario empregado na fabrica de tabacos em Xabregas, e elle proprio, na sua juventude, ganhou por algum tempo o sustento quotidiano, trabalhando na mesma fabrica.

Quiz a providencia, porém, que um homem singular pelos seus talentos e virtudes, descobrindo em Patricio vocação para a arte do desenho, transformasse, pelos seus esforços, o rude operario em laborioso artista.

Patricio empregava os poucos momentos que lhe sobravam do seu consecutivo trabalho na fabrica, em fazer recados ás freiras do convento do Salvador, e tinha por costume andar sempre munido de um lapis ou de um pedaço de carvão, para encher de bonecos as paredes caiadas da velha portaria do convento.

Ao capellão das freiras não passaram despercebidos os contornos menos correctos, mas não completamente informes, dos taes bonecos.

Era o capellão frei José do Coração de Jesus, presbytero egresso do extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos, ancião respeitavel, sympathico e de bondade inexcedivel. O venerando sacerdote habitava uma pequena casa ou hospicio, á entrada da portaria. Por uma vetusta janella rodeada de espessa folhagem, não era raro vêl-o a trabalhar, assentado a uma banca cheia de livros e de papeis espalhados com a maior desordem. Era muito lido em classicos, de intelligencia esclarecida e sobretudo de fina prespicacia para conhecer a indole e vocação das pessoas com quem tratava.

Reparando, pois, com attenção nas figuras que Patricio traçava pelas paredes, indagou quem era o auctor d'ellas, e, travando conhecimento com o humilde rapaz, logo lhe descortinou intelligencia e habilidade. Data d'ahi a protecção que sempre lhe dispensou até Patricio ser homem, e homem prestadio.

Tratou frei José de lhe ensinar instrucção primaria, unico preparatorio que ainda hoje se exige para a entrada na Academia de bellas artes. Em compensação dos prejuizos pecuniarios que Patricio soffria pelas horas que furtava aos trabalhos da fabrica, para as empregar nos do estudo, dava-lhe o bom do padre algum dinheiro, com o qual o que mais tarde havia de ser habil pintor, se suppriu até estar habilitado para se matricular na Academia. Foi ainda o seu patrono quem se entendeu com o professor Joaquim Rafael para a sua admissão n'aquelle estabelecimento de educação artistica, começando Patricio de o frequentar no anno lectivo de 1844-1845 [1].

Aproximadamente por este tempo era tambem frei José desvelado protector de Agostinho Ribeiro de Carvalho, irmão de José Rodrigues — o estimado pintor tão co-

[1] O attestado de instrucção primaria que frei José passou ao seu discipulo e protegido, resa assim:

José do Coração de Jesus, presbytero egresso do extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos d'esta cidade, e na mesma capellão gratuíto das religiosas do convento do Salvador.

Attesto, e sendo necessario juro *in verbo sacerdotis*, que o sr. Antonio José Patricio, natural de Lisboa, filho unico de viuvo, pobre, do mesmo nome e appellidos, comigo se instruiu, pois outro mestre não teve, nas materias de ensino primario, — comprehendida grammatica portugueza, — nas quaes se acha sufficientemente prompto e desembaraçado. Em costumes: é naturalmente circumspecto, comedido nas suas palavras, e em todas suas acções, inteiramente alheio ás leviandades dos mancebos da sua mesma idade. Tendo sete para oito annos me fez antever, pelos seus desenhos e recortes de tesoura, quanto melhoraria de fortuna se se dedicasse ás bellas artes! para este fim o persuadi, e me convidei para lhe ensinar as primeiras letras: e desde então até agora cada vez mais me confirmo de que tem igual aptidão para as artes e para as sciencias; porque tem tanta promptidão em aprender o que se lhe ensina, quanta memoria para conservar o que aprende. Mas obsta-lhe o ser pobre, a não mais! e só com auxilio estranho poderá vir a ser, sobre bem aproveitado, mui util cidadão, com gloria de seus eximios lentes. E por este me ser pedido, e devido á verdade o passei por mim feito e assignado. Lisboa, no hospicio das religiosas do convento do Salvador, 1 de outubro de 1844. = O padre, *José do Coração de Jesus*.

nhecido hoje por alguns quadros e pelos seus magnificos retratos — e de outro rapaz pobre, como aquelle, aos quaes fornecia livros e guiava com bons conselhos, conseguindo que o primeiro fosse approvado nas disciplinas necessarias para tomar ordens — o que não se effectuou, ignoro por quê — e que o outro obtivesse as cartas de cirurgião-medico pela escola de Lisboa.

Estes factos demonstram que era justificadissima a fama de que frei José gosava de padre modelo e extremamente philantropo. Deus premiou-lhe, ainda na terra, o patrocinio excepcional que dispensára áquelles tres rejeitados da fortuna; frei José conheceu á hora da morte que não valera a ingratos, porque exhalou o ultimo suspiro nos braços dos seus protegidos, unicas pessoas que por amisade e reconhecimento lhe cercaram nos ultimos momentos o leito de dôr.

Nos primeiros tempos em que Patricio frequentou a Academia, acertou de conhecer por intermedio de um piloto seu amigo, que mais tarde naufragou na barra do Tejo, onde perdeu a vida, a familia de D. José Serrate, o popular funambulo que deu nome por muitos annos á praça do Salitre.

Serrate era escrupulosissimo na escolha das pessoas que frequentavam sua casa; a familia do arlequim, não obstante exercer profissão pouco decorosa, sobretudo para mulheres, gosava de boa fama e era considerada e respeitada pelas pessoas que de perto a conheciam.

O piloto fazia a côrte a uma sobrinha de Serrate, e Patricio agradara-se da outra. O amor sincero e honrado levou-o, mais tarde, a offerecer a mão de esposo á sobrinha do funambulo. A protecção que Serrate lhe dispensou durante os primeiros dois annos do casamento, foi á custa de sacrificios bem crueis para o desventurado estudante, sacrificios de que elle se libertou logo que pôde viver independente. Succedeu, pois, que n'aquella época, quando justamente Patricio mais carecia de tranquillidade de espirito para robustecer o seu talento, maiores soffrimentos moraes o perseguiram. E foi, comtudo, durante essas luctas titanicas contra a infelicidade, que elle viu o seu talento desenvolver-se, a sua mão adestrar-se, que surgiu artista!

Patricio conseguiu, sendo sempre alumno distincto, vencer o curso da Academia. Foi premiado no concurso do 1.º anno (copia de estampa), e notado por ter muita habilidade e exemplar comportamento. Obteve tambem premio no 2.º anno (copia de estatua), e no 4.º anno (copia do modelo vivo) recebeu o diploma de *accessit*. Admittido á frequencia da aula de pintura historica no anno lectivo de 1848–1849, terminou o curso tendo tido algumas interrupções, mas alcançando sempre elogios e excellentes informações dos professores.

Munido dos seus honrosos diplomas de pintor, mas, como sempre, falto de meios para viver, lançou mão do unico expediente que se depara aos artistas em Portugal emquanto não conseguem tornar-se conhecidos: — começou de dar lições. Empregando o melhor de suas forças n'este aborrecido lidar, mais aborrecido ainda para os que se sentem com pujança para subir a posição mais elevada, conseguiu adquirir o sufficiente para viver com decencia e gosar das principaes commodidades que desfructam os remediados da fortuna. Tinha muitos discipulos e entre elles os srs. Veigas, cavalheiros abastados, e já n'esse tempo muito amigos dos artistas, os quaes o estimavam e protegiam com louvavel bizarria.

A desventura, porém, não o perdia de vista, e aproveitando-se do excesso de trabalho a que o estudioso artista se dedicava, feriu-o de morte. O soffrimento physico veio, pois, substituir no engeitado da sorte, o soffrimento moral. Padeceu muito por espaço de tres annos, sendo obrigado a abandonar a maior parte das lições e a dar descanço aos pinceis e á palheta, seus enlevos e consolação durante as horas de amargura e dôr. Como tudo n'este mundo tem fim, os seus males encontraram termo, mas só na morte. Sendo levado quasi moribundo para uma quinta na estrada da Charneca, pertencente ao pae do piloto que fôra seu amigo, ali succumbiu, victima de um tumor na cabeça, em julho de 1858. Jaz no cemiterio dos Santos Reis, no Campo Grande.

É notavel a coincidencia dos titulos dos seus ultimos quadros. Chamam-se a *Tempestade* e a *Despedida!* O nome de um é o symbolo da vida do desventurado pintor; o do outro lembra a derradeira agonia do homem que deixou uma familia a quem tanto amava, do artista que abandonou para sempre a arte a que tanto queria!

Patricio morreu tão pobre, que nos ultimos dias de vida o afamado pintor de paizagem o sr. Thomaz José da Annunciação, condoído do estado miseravel em que o viu, levou os quadros da *Tempestade* e da *Despedida* ao sr. D. Fernando, solicitando de sua magestade a graça de os comprar. O rei artista deu por elles trinta libras. O sr. Annunciação veio radiante de alegria trazer aquelle lenitivo ao seu amigo e collega, mas quando chegou ao quarto de Patricio, encontrou um cadaver.

Mal sabia o misero quando pintava com tamanho enthusiasmo n'aquellas duas télas, que estava ganhando não para o seu enterro, que lhe foi feito pela dona da casa em que falleceu, mas para o luto de sua viuva e de suas filhas!

Como fica dito, o excesso do trabalho contribuiu principalmente para a morte do artista. Effectivamente Patricio trabalhava muito. Nas horas de dia que lhe sobravam, pintava; de noite desenhava e lia até deshoras.

Um dos livros mais seus predilectos era o *Retrato de Venus*, o famoso poema do visconde de Almeida Garrett. Patricio lia e relia aquella excellente obra, e amiudadas vezes conversava comigo a respeito d'ella e das demais producções litterarias do grande escriptor portuguez. Havia, porém, um trecho do livro que o fazia meditar e discutir largamente. Era a nota ao canto I, onde se lê:

> «Nem só aquillo, que tem *bellas*, e lindas fórmas, *é bello*; e nem tudo aquillo, que as tem, o é. Boileau o declara manifestamente, e o prova:
>
> Il n'est point de serpent, ni de monstre odieux,
> Qui, par l'art imitée, ne puisse plaire aux yeux.
> D'un pinceau délicat l'artifice agréable
> Du plus affreux object fait un object aimable.»

Patricio impressionava-se tanto com as palavras e citação de Garrett, porque a parte da esthetica que mais o fazia reflectir, era a significação do *bello*. Por esta razão seguia com o maior interesse os importantes artigos que F. Sequeira Barreto publicou sobre o assumpto, em o *Jornal de bellas artes*, artigos cuja doutrina Patricio approvava n'uns pontos e impugnava n'outros, apresentando, porém, sempre as suas opiniões a medo, porque a modestia o fazia duvidar a cada momento da sua clara intelligencia.

Patricio tinha como regra que ninguem podia ser pintor sem estudar cuidadosa e aturadamente o natural. Era o instincto, esta cega força que tanto póde em nós, que o levava a adivinhar o fundamental principio da moderna escola, n'aquelle tempo quasi desconhecida em Portugal. Tinha grande tendencia para o colorido, o que provam os quadros e até os estudos que deixou.

Os melhores quadros que Patricio produziu, são:

Rapazes jogando na roda das castanhas, hoje pertencente aos herdeiros de mr. Walsh, téla que foi muito

apreciada na primeira exposição universal de París, pelas excellentes qualidades de colorido que a exornam.

A interrupção da leitura ($1^m,21$ de alto por $0^m,99$ de largo), que figurou na exposição triennal da Academia real de bellas artes em 1856, e foi comprado por el-rei D. Fernando. O *Jornal de bellas artes,* que já citei, publicado em 1857, deu uma gravura a agua forte d'este bellissimo quadro, feita pelo auctor. Para duas das creanças que se vêem na composição, serviram de modelo as filhas do artista, que morreram depois do fallecimento do pae, uma com sete annos e a outra com onze.

Patricio tambem pintou os tectos das igrejas de S. João da Praça e das Mercês. Em sete annos de trabalho, que tantos são os que distam desde que elle terminou o curso até que falleceu, difficil seria produzir mais, tendo principalmente a maior parte do tempo empregada no inglorio mister das lições particulares.

A Academia, os srs. Joaquim Prieto, José Ferreira Chaves, F. Gomes de Amorim, Joaquim Ventura Pereira e outros artistas e amadores possuem varios estudos e esbocetos do talentoso artista. Eu tenho apenas um desenho assignado por elle.



Antonio José Patricio

Paizagem tomada de dentro da tapada da Ajuda ($0^m,72$ de alto por $0^m,91$ de largo) exhibido na referida exposição da Academia e tambem gravado a agua forte, pelo auctor, para o *Jornal de bellas artes*. É um excellente quadro refulgente de luz, ostentando as mais finas galas de colorido e primando pela notavel transparencia dos escuros. Pertenceu ao sr. visconde do Arneiro, e está actualmente em poder do sr. José Gregorio da Silva Barboza, intelligente amador, que o comprou no leilão d'aquelle cavalheiro, juntamente com outro do mesmo artista, intitulado *A conversação junto á fonte,* do qual dá uma pequena idéa a letra por que começa esta modesta biographia.

A *Tempestade* e a *Despedida,* já citados, os quaes denotam alguns progressos do artista, e que foram, como fica dito, os ultimos trabalhos de Patricio. O primeiro d'estes quadros é muito preferivel ao segundo.

O producto d'estes estudos, cuja venda foi promovida pelo benemerito artista o sr. Joaquim Prieto, e as trinta libras dos ultimos quadros comprados por el-rei D. Fernando, foram o unico patrimonio que legou um martyr do trabalho, um homem de talento, a sua angustiada familia!

Cabiam aqui algumas considerações philosophicas consoantes a este triste e tão repetido facto, mas a necessidade de terminar quanto antes o artigo, dispensa-me d'ellas.

É estylo n'estes trabalhos referir algumas anecdotas dos biographados. Para não me esquivar ao uso, contarei uma de que fui testemunha.

Nos ultimos dias da doença de Patricio, inculcaram-lhe certo charlatão, que se dizia especialista da molestia que os medicos lhe suppunham. Patricio consentiu com repugnancia em recebel-o. Eu estava ao lado do artista

quando o curandeiro chegou. O pseudo-esculapio examinou-o pausadamente, e acabou por lhe dizer que não o achava tão mal como elle presumia. Patricio animou-se, indicando na physionomia a satisfação que experimentava em se entregar aos cuidados do mezinheiro. O nosso homem depois de receitar não sei o que, ergueu-se da cadeira e deu com o quadro da *Tempestade:*

—Bonito quadro! exclamou, e que bello pensamento! Aquillo é mãe e filhos que vão para o mercado. Tudo respira n'aquella formosa téla, serenidade e quietação. Bem tratado assumpto! Parabens.

N'isto despediu-se e saiu.

Patricio havia mudado mais de uma vez de côr, durante aquelles nescios elogios. A composição fôra concebida em ordem a exprimir o contrario do que o charlatão dissera. A saia da mulher, que se vê no quadro, vôa com a furia do vento; um rapazito volta rapidamente a olhar, assombrado pelo relampago que illumina a paizagem; uma rapariguinha tapa os ouvidos para não ouvir o estrondear do trovão.

Patricio quando se viu a sós comigo e com a esposa, bradou, indignado, a esta:

—Não tornes a abrir a porta a esse homem!

E voltando-se para mim, accrescentou com voz quasi desfallecida:

—Não, meu amigo, não é nas mãos d'aquelle animal que eu entrego a minha vida.

RANGEL DE LIMA.

PAULO VERONEZ E A INQUISIÇÃO

I

Se o seculo XV preparou na Italia uma época de florescencia para as bellas artes, o seculo XVI formou, a este respeito, como que as cupulas do maximo esplendor para os grandiosos monumentos que legaram indestructiveis ás gerações vindouras os mestres que se chamaram Miguel Angelo, Leonardo de Vinci e Raphael de Urbino. A verdadeira importancia d'estes artistas eminentes todos a conhecem. As suas obras ficaram immortaes e insubstituiveis. Ninguem póde por então imital-as.

Nasceram no mesmo seculo Ticiano e Tintoreto. Davalhes realce e força o meio em que viviam; animava-os e engrandecia-os os esplendores artisticos que os cercavam. Tinha a Italia uma nova luz para as artes e essa luz fulgurante aquecia todos. D'ahi vinham raios que exaltavam a imaginação dos pintores, que se iam succedendo, sem se copiarem, posto que alguns, muito depois, tentassem com bom exito imitar, a ponto de se confundirem, os trabalhos que davam nome e lustre aos antigos mestres.

Paulo Veronez veio d'elles. Succedeu a Ticiano, cujo vigor de colorido herdou, mas não póde affirmar-se que o imitasse. Se Ticiano tinha a sua maneira, ou o seu estylo, como litterariamente se diz; e se os demais, até ali, se distinguiam pela originalidade e pela formosura da concepção e da execução, Paulo Veronez em breve se afastava de todos para deixar sobresair a sua individualidade, o seu caracter e á sua imaginação. Elle dava aos seus quadros uma feição propria e ao seu colorido uma expressão que havia de ser causa de inveja para os artistas contemporaneos e de justa anciedade para os pintores futuros.

Era tão extraordinario o seu talento, e tão viva a sua imaginação, que Paulo Veronez excedia os limites do razoavel, e, na exuberancia do engenho e dos recursos artisticos, repetidas vezes o accusavam, não de faltar ao desenho, nem ao colorido, que foram sempre admiraveis, mas de faltar á verdade historica no que elle considerava como excesso de ornamentação. Assim, não era raro vêr-se, n'uma composição, aliás assombrosa de effeitos e primores, uma ou muitas figuras, que destoavam do assumpto principal e que nem podiam acceitar-se como accessorio por anachronicas e extravagantes.

Quando deixou a sua patria, Verona, para se estabelecer em Veneza, onde não lhe foi difficil conquistar as sympathias geraes, revelou Paulo que, ás suas inestimaveis qualidades de artista, juntava os mais subidos dotes do coração, porque elle era bom, amoravel, desambicioso e nobre. Leio em um de seus biographos que, assim como era dos que na sua época pintavam melhor em Veneza, e por isso o chamavam de muitas partes para que elle enriquecesse com os thesouros do seu engenho e com a pericia da sua palheta salas, capellas e refeitorios; assim tambem era dos que pediam e recebiam menos pelos seus maravilhosos trabalhos e por isso não pôde nunca enriquecer, como succedia com outros pintores contemporaneos, rivaes e emulos.

Referirei um episodio da vida do afamado pintor, para justificar a epigraphe que inscrevi no alto d'estas linhas. A relação do caso foi desentranhada por esforços de um auctor moderno, e é extrahida de documento authentico. Testemunha a originalidade do caracter de Paulo Veronez [1].

II

Já disse que Paulo Veronez era mui estimado em Veneza. Todos desejavam, porque as apreciavam, as obras de tão afamado artista. Um dia, os monges do convento de S. João e S. Paulo mandaram-lhe pedir que fosse pintar uma ceia de Christo no refeitorio. O pintor acceitou a encommenda e executou-a com promptidão e brilhantismo; porém, sem idéa reservada e dando só ampla liberdade á sua fecunda imaginação, Paulo, segundo elle proprio declarou e o saberemos em seguida, viu-se obrigado por causa das dimensões da téla a pintar mais figuras do que as que devia pôr no quadro conformando-se com o rigor exigido nos assumptos religiosos e historicos; e algumas d'essas figuras, embora formosas e de effeito, consideradas artisticamente, podiam comtudo tomar-se como ridiculas e irreverentes n'uma composição d'aquella ordem. Viram e analysaram a téla. A critica transformou-se em arma envenenada contra o pintor. Os invejosos, de certo, aproveitaram-se logo do caso, intrigaram Paulo junto do tribunal da inquisição e conseguiram o fim. Instaurou-se-lhe o processo.

No sabbado 18 de julho de 1573 [2] o estimado e já celebrado pintor recebeu a intimação para se apresentar no tribunal da inquisição, que funccionava em Veneza. Paulo, desde todo o principio, estranhou o acto inquisitorial; porém não se atemorisou, porque o seu animo estava sereno e a consciencia não o accusava de cousa alguma. Ergueu a cabeça e correu ao tribunal.

[1] Vide Yriarte na sua *Hist. d'un patricien de Venise.*

[2] Tinna então Paulo 43 ou 45 annos de idade, porque uns marcam-lhe o nascimento em 1528 e outros em 1530. Falleceu em 1588.

Darei conta do interrogatorio, segundo a acta, ou o documento, a que já alludi. Na presença de juizes tão severos, o artista não titubeou. Expressou-se com clareza, como quem patenteia a todos um nobre coração.

Depois das perguntas do costume, nome, idade, naturalidade, etc., o interrogatorio seguiu d'este modo:

—Qual é a sua profissão?

—Pinto e faço figuras.

—Conhece a rasão por que foi chamado a este tribunal?

—Não conheço.

—Mas não póde suppôr alguma cousa a este respeito?

—Não me vem á idéa.

—Diga-nos comtudo o que pensa.

—Penso que fui citado por causa do que me disseram os reverendos padres, ou antes o que me declarou o prior do convento de S. João e S. Paulo, prior de quem não sei o nome; porque foi elle quem primeiro veio aqui e vossas senhorias lhe ordenaram que mandasse pôr no quadro a Magdalena em vez do cão; e eu respondi-lhe que faria o que quizessem para minha honra e honra do quadro; porém eu não comprehendia o realce que lhe daria a figura da Magdalena por muitas rasões que direi, se me derem licença para as dizer.

—Qual é o quadro de que falla?

—E' o que representa a ultima ceia de Jesu Christo com os apostolos na casa de Simão.

—Onde está o quadro?

—No refeitorio dos frades de S. João e S. Paulo.

—É a fresco, em madeira ou em téla?

—É em téla.

—Que altura tem?

—Mede uns dezesete pés.

—E largura?

—Trinta e nove, pouco mais ou menos.

—N'essa ceia de Nosso Senhor pintou mais algumas pessoas estranhas.

—Sim, senhores.

—Então quantas representou e que profissão deu a cada uma?

—Representei, em primeiro logar, o mestre Simão; depois, abaixo d'elle, um criado, que suppuz que poderia vir ali para observar o arranjo da mesa. Ha outras figuras, das quaes não me lembro já, porque ha muito tempo que fiz esse quadro.

—Já pintou outras ceias?

—Sim, senhores.

—Quantas pintou e onde se acham?

—Pintei uma em Verona para os reverendos monges de S. Lazaro e está no seu refeitorio. Vê-se outra no refeitorio dos reverendos padres de S. Jorge, n'esta cidade de Veneza.

—Mas essa não é uma ceia e não se chama a ceia de Nosso Senhor.

—Foi outra para o refeitorio de S. Sebastião, em Veneza; outra em Padua, para os padres da Magdalena. Não me occorre agora se pintei mais alguma.

—Na ceia que fez para S. João e S. Paulo que significação deu á figura a quem se vê saír o sangue pelo nariz?

—A de outro criado, que, por qualquer circumstancia, teve aquelle accidente.

—Que significam aquelles homens armados e trajando á moda da Allemanha, com alabarda na mão?

—Se me dão licença direi umas vinte palavras sobre isso.

—Falle.

—Os pintores têem d'essas liberdades de que sempre usam e abusam os poetas e os loucos; e portanto representei, sem pensamento reservado, os alabardeiros, um bebendo, e outro comendo, promptos a desempenharem qualquer commissão; porque se me figurou conveniente e possivel que o dono da casa, pessoa de haveres e generosa, segundo o que me disseram, tivesse em seu serviço taes homens.

—E com que fim pôz no quadro o que está vestido de bôbo, com um papagaio na mão?

—Foi um simples ornamento. Isso é de uso entre nós.

—Quantas pessoas se acham á mesa de Nosso Senhor?

—Os doze apostolos.

—Que faz S. Pedro, que é o primeiro?

—Corta o cordeiro para o mandar para o outro lado da mesa.

—Que faz o apostolo que se lhe segue?

—Apresenta um prato a S. Pedro para receber o que elle lhe der.

—E o que faz o terceiro?

—Esgaravata os dentes com o garfo.

—Quaes são, com verdade, as figuras a que o sr. Paulo deu logar n'aquella ceia?

—Parece-me que á ceia só foram Christo e os seus apostolos; porém, quando me sobeja espaço na téla, orno-a com figuras de invenção.

—Foi por inspiração ou ordem de alguem que o sr. Paulo pintou allemães, bôbos, e que taes figuras no seu quadro?

—Não, senhores. Disseram-me que ornasse a sala como julgasse conveniente; ora, como a sala é grande, podia conter muitas figuras.

—Então as ornamentações que o sr. Paulo, como pintor, costuma fazer nos quadros, não devem estar em relação directa com o assumpto, ou são da sua phantasia, sem discrição e sem senso?

—Eu pinto conforme a minha imaginação e como entendo que devo pintar.

—Pareceu-lhe pois conveniente, na ultima ceia de Nosso Senhor, representar bôbos, allemães ebrios, anões e outras frioleiras?

—Não, de certo.

—Então porque pintou assim?

—Suppuz que essas figuras estavam fóra do logar em que se dava a ceia.

—Não sabe que na Allemanha e em outros logares infestados de heresia, os pintores frivolos e nescios costumam envilecer e ridiculisar as cousas da santa igreja catholica para demonstrar assim a falsa doutrina ás pessoas ignorantes ou destituidas de bom senso?

—Convenho em que isso é mau, porém eu repito-lhes o que já disse, e é que é dever para mim seguir os exemplos dos meus mestres.

—Que fizeram os seus mestres? Procederam assim?

—Sem duvida. Miguel Angelo, em Roma, na capella do papa, representou Nosso Senhor, sua Mãe, S. João, S. Pedro e a côrte celeste, e representou nús estes personagens, e até a Virgem Maria, e em posições diversas que a religião certamente não inspirou.

—Não sabe que representando o juizo final, era desnecessario inventar e pintar vestidos? Mas n'aquellas figuras, que estaria que não fosse inspirado pelo Espirito Santo? Não havia portanto logar para bôbos, nem para cães, armas e outras facecias. Diga-nos, sr. Paulo, depois do que lhe observámos, se acha bom e decoroso ter pintado o seu quadro do modo como o fez?

—Não, illustrissimos senhores, não defenderei o meu trabalho; mas torno a confessar-lhes que pensei que não

fazia mal. Nunca me occorreram tantas considerações como as que se dignaram apresentar-me. Estava tão longe de mim tal desordem, que as figuras estranhas, que me indicam, estão muito fóra do plano em que se vê Nosso Senhor.

III

Findo o interrogatorio, pouco mais ou menos como o deixo posto, os juizes lavraram a sentença, em que intimavam Paulo Veronez a emendar o quadro, de que se tratára, no espaço de tres mezes a contar do dia da sentença, pagando elle á sua custa a despeza que fizesse. O artista executou a sentença e não se queixou. Mas ninguem podia empanar o brilho do seu extraordinario talento, nem cortar os audaciosos vôos da sua fecunda imaginação.

BRITO ARANHA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

Recreio infantil. — Emprehendeu a casa editora Rolland & Semiond uma nova publicação que recebeu o titulo acima, dedicada exclusivamente ao entretenimento e educação moral das creanças. Não havia em Portugal livro ou periodico d'esta indole, falta que se não sente, ha muito, em nenhum paiz culto, onde abundam publicações baratissimas, illustradas e bem escriptas, da natureza da que os srs. Rolland & Semiond começaram de vulgarisar. O *Recreio infantil* é imitação primorosa d'essas publicações estrangeiras; contém excellentes gravuras, contos historicos, narrações divertidas e um capitulo de curiosidades de artes, sciencias e industrias, que muito deve interessar os pequeninos leitores. O novo periodico das creanças publica-se quinzenalmente, em fasciculos de 16 paginas impressas em bom papel, com a nitidez e esmero que se nota nas obras saídas da acreditada typographia do sr. Christovão Rodrigues. Por todas estas razões, e principalmente porque o *Recreio infantil* veio preencher uma lacuna que não devia existir, o novo periodico illustrado dos srs. Rolland & Semiond merece a protecção do publico, protecção que não lhe será difficil de alcançar, logo que se reconheça o alcance d'elle e se divulgue o luxo com que é publicado, bem como a barateza por que é vendido.

Bibliotheca theatral. — Concluiu o segundo volume d'esta util publicação, dirigida por dois escriptores conhecidos, com a magica em tres actos e dezesete quadros, do sr. Aristides Abranches — *As tres rocas de cristal*. Todos se recordam, certamente, do enthusiasmo que esta peça causou no theatro da Trindade, pela graça do poema, excellente musica do maestro Frondoni, muito bom desempenho dos principaes actores que a interpretaram e excellente scenario dos habeis scenographos os srs. Procopio e Lambertini. Oxalá que, em livro, as *Tres rocas de cristal* obtenham o lisongeiro acolhimento que alcançaram na scena, durante uma infinidade de recitas — o que é muito de suppôr.

O contemporaneo. livros, palcos, quadros, salas. — A indole d'este novo periodico denuncia-a o titulo. A redacção é composta dos srs. Gervasio Lobato, Pedro Vidoeira, Salvador Marques e Sousa Bastos. Todos estes escriptores são principalmente conhecidos pelos seus trabalhos para o theatro, o que os torna competentes para exercerem a critica de um dos quatro assumptos a que o periodico se dedica. Da critica dos demais assumptos — livros, quadros e salas — estou que os redactores do *Contemporaneo* se hão de saír, outrosim, como entendidos; do que resultará, principalmente para as bellas artes, a grande vantagem de haver mais um jornal adequado a analysar os quadros dos nossos artistas, com rectidão e saber. Rarissimos são os escriptores portuguezes que têem sufficientes habilitações para fallar da composição, do colorido, da distribuição de luz e do desenho de um quadro; bom é portanto que aos raros que ha, se juntem mais alguns, com o que muito folga este periodico. O *Contemporaneo* publica, á maneira do *Paris-théatre*, photographias primorosas dos principaes artistas nacionaes e estrangeiros.

O chá de d. bichana. — A casa editora Rolland & Semiond, encetou uma nova publicação de contos populares e infantis, illustrados com engraçadas chromo-lithographias, que muito deve agradar ás creanças. O primeiro d'esta serie de livrinhos, intitula-se o *Chá de D. Bichana*. Contém uma especie de historia da carochinha, traduzida do inglez, e cinco estampas figurando varios episodios da vida das salas, mas onde os personagens que tomam chá, cantam, passeiam, etc., são gatos e gatas vestidos com o luxo e explendor das pessoas da melhor sociedade. Os numeros que vão seguir-se a este, são no mesmo genero. É natural que o favor publico anime a casa editora a continuar a serie d'estes folhetos dedicados ás creanças, os quaes são entretenimento economico e proveitoso para ellas.

El gran mundo. — Tem este bem escolhido titulo um periodico elegante publicado em Sevilha, expressamente dedicado ao bello sexo. Trata de litteratura, modas, salas, passeios e theatros; sae tres vezes por mez e contém artigos bem escriptos assim como noticias bastante curiosas. Fôra para louvar que em favor das senhoras portuguezas, alguma empreza de Lisboa se lembrasse de crear um periodico identico ao *Gran mundo*. Estou que as nossas elegantes haviam de agradecer a lembrança, auxiliando a empreza com os necessarios meios para ella viver e até prosperar.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

═══ O projecto do monumento que vae ser erigido no Père-Lachaise á memoria de Theophilo Gautier, é do esculptor Godebski, francez de nascença, e actualmente professor da Academia de S. Petersburgo. Este celebre artista é o auctor dos tumulos elevados em Varsovia, a Chopin e a Kosciusko. O architecto Drevet, a quem erradamente se tem attribuido o projecto em questão, deu apenas parecer ácerca da parte architectonica do sarcophago, sobre o qual será collocada a figura da Poesia. A estatua está assentada, empunha com uma das mãos uma palma, e com a outra apoia-se a um medalhão com o retrato do grande escriptor. Para o medalhão inspirou-se o esculptor na agua-fórte de Jacquemart, que orna o livro de Gautier *Esmaltes e camapheus*. O pedestal e o sarcophago, talhados na Belgica em excellente pedra azul de Brabante, já estão collocados; o esculptor trata de acabar a estatua, sendo provavel que a inauguração se effectue nos primeiros mezes do anno de 1875. O artista não quiz acceitar remuneração alguma do seu trabalho. As subscripções abertas são para acudir ás despezas do material, transporte e assentamento, que já são consideraveis. Como se sabe, Gautier era muito estimado dos russos. A grã-duqueza Maria da Russia concorreu com uma quantia importante. Os artistas francezes dos diversos theatros de S. Petersburgo, fizeram tambem, entre si, uma subscripção, da qual se encarregou m.elle Delaporte. Finalmente, alguns pintores russos encarregaram o celebre pintor Zichy, que ultimamente se estabeleceu em Paris, de organisar uma venda de obras que elles tencionam enviar-lhe para augmentar a subscripção. Parece não ser necessario abrir-se subscripção publica.

═══ A seguinte anecdota diz respeito á ultima exposição effectuada em Berlim. Certo pintor allemão querendo fazer um quadro historico, representou a entrevista do rei Guilherme com o imperador Napoleão, depois da batalha de Sedan. O quadro foi collocado na primeira sala da exposição. Dias antes da abertura, quando o imperador visitou as salas, não poude conter-se e soltou uma estrepitosa gargalhada ao parar defronte do painel, e vêr como o artista o havia figurado e ao imperador vencido. A gargalhada imperial obrigou a commissão a collocar o quadro, que aliás é bom, na ultima sala. Mas esta circumstancia, que por um lado prejudicou o artista, pela outra foi-lhe o mais favoravel possivel. Um amador americano pretendendo que o riso do imperador tornára o quadro verdadeiramente historico, tratou logo de o comprar ao artista, pagando-o, sem hesitar, pela somma pedida.



1553 — Imprensa Nacional — 1874



PICCOLA

QUADRO DE RICHTER

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 10 — LISBOA — 3.ª SERIE

PICCOLO-PICCOLA

(Conclusão)

II

TRACTANDO-SE das escolas de pintura europeas, entre as quaes a italiana se avantaja com indisputavel superioridade, é impossivel na ordem historica recusar a prioridade primitiva á escola byzantina. É sob o reinado e a protecção de Constantino, que a arte christã solta os seus primeiros vagidos sob a fórma da allegoria. Ao culto espiritualista do Deus verdadeiro repugnavam naturalmente as fórmas consagradas pela arte pagã.

Foi d'esta preoccupação, que nasceu o esforço tentado para oppôr a escola da idéa á escola da fórma. Foram encarados com suspeita e desamor os magnificos vestigios do passado, e taxadas de abominaveis as obras dos grandes mestres da antiguidade, em que predominavam as divindades, os heroes, e os fastos da mythologia e dos ritos do paganismo. A arte byzantina aspirou a crear-se por si mesma, independente das velhas tradições.

Cedendo á idéa poderosa que a dominava, a arte byzantina viu na allegoria a linguagem verdadeira e expressiva da pintura christã. Exprimiu o dogma evangelico por emblemas, diz o sr. Michiels, e até as pessoas divinas se metamorphoseavam em symbolos. Umas vezes, por exemplo, Jesus mostrava-se sob a physionomia de um joven pastor levando aos hombros, para a metter no redil, a ovelha perdida; outras vezes, representavam-n'o como o Orpheo da lei nova, enfeitiçando e amansando ao som da cithara os animaes ferozes. Ora o apresentavam sob o aspecto do cordeiro immaculado, ora como a phenix abrindo as azas, vencedora da morte e dos espiritos das trevas. D'este modo se preparava a transição, e se fugia aos motejos dos pagãos que zombariam dos soffrimentos heroicos e das humilhações gloriosas do Filho do Homem. Mas esta timidez não podia prolongar-se. O concilio celebrado em Constantinopola, em 692, ordenou que a allegoria fosse proscripta e patenteados sem o menor véo aos fieis os assumptos e os santos da sua devoção. Foi um espectaculo novo para os homens vêr um Deus coroado de espinhos, arrostando os martyrios do vil populacho, ou pregado na cruz, traspassado de uma lançada, olhando tristemente para o céo e luctando contra a dôr. Os gregos, os latinos, só lentamente e a custo adoptaram este modo de representação. Mas a idéa da elevação moral devia eclypsar a pompa vã da grandeza gentilica; era mister que as angustias generosas do sacrificio se tornassem a principal entre todas as glorias. Chegada a este ponto, a pintura christã, nas margens do Bosphoro, immobilisou-se. As fórmas, as attitudes, os grupos, as roupagens, tudo foi pautado por prescripções sacerdotaes. Reinou, para assim dizer, uma pragmatica inflexivel, a que houveram de submetter-se os artistas. A finura do colorido, a nobreza das posições, foram as unicas reminiscencias da bella arte dos antigos. Ainda hoje, os pintores gregos e russos empregam os mesmos meios, traçam e dispõem as suas figuras do mesmo modo que os seus antecessores dos tempos de Honorio ou dos Paleologos.

Esta mesma phase, este mesmo *momento* na historia e na evolução da pintura reproduziu-se, póde dizer-se, em quasi todo o Occidente, emquanto o exercicio d'ella foi o patrimonio consideravel, senão o morgado indiviso, dos artistas saídos de Constantinopola. Dez seculos decorreram, durante os quaes pareceu haverem fallecido de todo ás familias occidentaes a scentelha creadora, a iniciativa artistica, o conjuncto de todos os dotes que constituem e affirmam a individualidade propria na esphera da imaginação e do gôsto. A rotina propaga-se como um flagello. A inventiva some-se n'um prolongado eclypse. Por toda a parte, aonde vão, os pintores gregos impõem o seu estylo debil e ensinam a sua arte acanhada. Sente-se o enfraquecimento e a impotencia das aptidões creadoras do antigo Oriente, que animara com o seu ardor o sangue generoso e rico dos Zeuxis, dos Protogenes, dos Apelles. Durante a idade media, a missão do Oriente, bem longe de renovar, como outr'ora, os germens creadores, limita-se tão sómente a conserval-os, para mais tarde os fecundar o Occidente.

No fim do seculo XIII e principios do seculo XIV, a aurora do renascimento raia para a Italia inteira, particularmente para a Toscana, depois de alguns distinctos artistas italianos haverem gloriosamente tentado modificar a immutavel *maneira* grega, — tentativa de certo pequena, se a medirmos pelos largos progressos realisados posteriormente, mas que ainda assim revela uma audacia immensa, porque é o primeiro passo adiantado fóra das trilhas rotineiras e das veredas seculares.

Começam então a desfilar diante de nós os nomes d'esses grandes artistas, que são a gloria eterna da Italia e das artes, e cuja influencia sobre os destinos da pintura se perpetua atravez dos seculos.

Cimabúe, que em Florença estuda com affincada attenção o modo de pintar dos artistas gregos, procura emancipar a arte da immobilidade tradicional a que a haviam condemnado. Giotto prosegue com fortuna o grande emprehendimento de Cimabúe, seu glorioso mestre. É elle quem primeiro entre os artistas modernos se abalança a fazer retratos em que é insigne, tal é por exemplo o do Dante, seu amigo e seu intimo. A Giotto

seguem-se como depositarios das suas tradições e continuadores de suas obras Taddeo Gaddi, Giottino, Stefano, André Orcagna e Simão Memmi.

Trava-se ainda um resto de lucta não só entre os artistas gregos, despojados da sua supremacia pelos ousados innovadores italianos, mas tambem entre estes e os seus compatriotas petrificados na immobilidade das tradições byzantinas, a que se haviam tenazmente afferrado.

Nos principios do seculo xv desponta o genio admiravel de frei Angelico, cujas pinturas respiram o extasis, o fervor e o lyrismo christão, illuminando com as suas chammas vivas a gloria immortal da escola florentina. Apoz este, surge o vulto grandioso de Masaccio, de quem póde escrever-se com verdade «que as obras dos seus antecessores eram pintadas, ao passo que as suas eram vivas» Depois Lippi, o artista que n'aquelle tempo estudou mais a fundo a natureza, tanto na physionomia humana, como nos accessorios das suas obras, nas quaes se imprime já a virilidade da arte. Aproxima-se a época precursora dos prodigios; nasceram os mestres dos grandes mestres, taes como Andréa Verrochio, de quem foi discipulo Leonardo da Vinci; Domenico Ghirlandago, professor de Buonarotti; frei Bartholomeu, o amigo de Savonarola, Baccio della Porta, e outros.

Se a propaganda revolucionaria (seja-nos permittida esta phrase moderna) começou a arder nas margens do Rheno, lavrou comtudo com pasmosa rapidez por Verona, Padua, e Roma, onde o facho de Giotto deixou traçado um immenso sulco de luz, e o pincel de frei Angelico, no Vaticano, assignalou para sempre a gloriosa passagem do grande artista.

Na capital do mundo christão, que de nomes prestigiosos para a arte surdem de todos os lados! Pedro Cavallini, educado por Giotto, Gentile de Fabriano, Pedro della Francesca, creador da perspectiva, Perugino em fim, o afamado mestre, astro cujo curso brilhante teve o mais feliz occaso, qual foi o dar as primeiras noções da arte a Rafael, o principe da pintura.

Em Veneza, Gentile e João Bellini são os esperançosos prenuncios d'essa futura pleiada de artistas que se hão de chamar Ticiano, Tintureto, e Veronez.

Em Parma, floresce uma escola particularista, local, chamemos-lhe assim, a qual se personifica no Corregio e no Parmezão.

Quatro escolas principaes defrontam umas com as outras: a florentina, a romana, a veneziana, a parmezan. A primeira é capitaneada por Leonardo da Vinci e Miguel Angelo, dois genios raros e assombrosos. Leonardo da Vinci, caso pouco frequente nos grandes mestres, mostra-nos duas épocas distinctissimas na sua *maneira* de pintar. Na primeira procura o vigor pelo contraste das sombras, a espiritualidade, o vago scismar pelos jorros de luz sobrenatural, imprimindo um cunho estranho, original no todo das suas composições. Foi d'este seu caracter que lhe proveio, no parecer de um critico competentissimo, a qualificação do «mais septentrional de todos os pintores italianos». A sua segunda *maneira* «clara, serena, exacta» transporta-nos ás regiões e ao ambiente do meio dia; mas tal era a poderosa influencia do seu estylo primitivo, que já velho, o grande pintor voltou a adoptal-o no seu afamado e bello retrato da Mona Lisa (a Joconde) que tantos de nós temos admirado no Louvre. Em Miguel Angelo a arte italiana attinge a uma grandeza epica. Ora com as côres da palheta, ora com o scopro do estatuario, Miguel Angelo reproduz na téla e no marmore os heroes que elle sente tumultuarem-lhe vivos lá dentro. Que typos, que personagens magestosos os seus! Que sublimidade de ideal aquella, que faz com que os seus vultos não pareçam da raça mortal e acanhada dos homens, e que fiquemos esmagados diante das suas creações colossaes!

Em seguida a Miguel Angelo, o divino Rafael, o poetico scismador das Madonas quando adolescente, mas que mais tarde em plena florescencia de imaginação e de genio, faz palpitar na téla as fórmas mais bellas, e as nudezas mais seductoras, engalanando a pureza mystica das suas pinturas com as mais adoraveis pompas carnaes. Interprete inspirado da natureza em todas as suas relações e affinidades mysteriosas, o seu genio portentoso reveste-lhe todas as creações com o mais esplendido e sumptuoso ideal. As regiões divinas são lhe tão familiares como os segredos da natureza, do universo e da alma humana; é em tintas celestes que parece molhar-se o seu pincel, para nos legar essas pinturas, que são ao mesmo tempo o diadema da sua gloria, os melhores brazões artisticos da Italia, e a honra imperecivel do engenho humano. Quantos nomes ainda para glorificar n'este deficientissimo resumo da historia da arte italiana! Nas obras de Ticiano, por exemplo, como diz Alexandre Lenoir, não ha senão proporções grandes e verdadeira nobreza. As suas carnações são mais bellas e frescas do que as de nenhum outro pintor; o colorido das suas carnes é tão difficil de imitar como o dos proprios modelos. E Robusti, chamado o Tintureto, appellido derivado da profissão paterna, o discipulo de Ticiano, colorista vigorosissimo e admiravel, cuja febre de composição immoderada gastou a final as forças e a seiva d'aquella fantasia exuberante? E o Veronez com a sua pasmosa facilidade, com as admiraveis distribuições de luz dos seus quadros festivos, em que respiram ao mesmo tempo a verdade e a naturalidade alliadas com as pompas mais magnificentes e deslumbrantes? E o Corregio com a sua graça unica e a sua molleza deliciosa? E o Parmezão, cujo talento aquecido ao lume do Corregio, mas sazonado pelos soes de Miguel Angelo e de Rafael, o sobe a um logar perfeitamente reservado entre estes dois mestres?

Para não sairmos nem da Italia artistica, nem dos assumptos que ella inspira, e que são inteiramente seus, do seu sol, do seu céo, dos seus montes, das suas aldeias e cidades, e das classes differentes de povo que as habitam, diremos duas palavras do «*Piccolo* e da *Piccola*» epigraphe e gravuras d'este artigo. No rapazito, cujos cabellos abundantes e olhos negros e vivos denunciam a procedencia d'aquelles robustos e vivazes *popolani*, que tão energicamente tumultuavam nas republicas italianas descriptas por Sismondi, adivinha-se o generoso e rico sangue meridional. Que fórmas tão desempenadas e sadias! Como a saude e a vida se affirmam cheias de alegre petulancia n'aquella bem travada estructura e como ha de atear-se e lavrar rapido atravez d'aquella carnação opulenta o fogo contagioso e electrico ora das commoções alegres, ora dos lances agitados da vida! Qual será o seu futuro, se lhe lêrmos attentamente as feições infantis! Resignar-se-ha ás lidas pacificas da agricultura na Lombardia? Irá no futuro engrossar as sombrias phalanges do carbonarismo e das sociedades secretas? Irá sentar praça de vadio, ou deleitando-se em Napoles com o dormir ao relento, ou contentando-se em tomar por alimento algumas colheres de *macarroni?* A colher, que sustem nas mãos, será já o emblema antecipado dos seus destinos de adolescente e de homem feito?

A *Piccola* é uma bella rapparigota, cujas faces aveludadas attrahem o beijo, como as alturas attrahem o raio. E que olhos immensos aquelles, em que se presentem atravez do véo humido das lagrimas as tormentas futuras do amor!

Casta, descuidosa de tudo quanto não fôr alegria e folguedos, brincando entre as arvores e as flôres, ora correndo atraz das borboletas não mais ligeiras do que ella, ora colhendo as rosas que minutos depois desfolha com indifferença igual á leviandade com que as cortou da hastea, a *Piccola* é por ora o que são todas as raparigas da sua idade: uma aurora e um enygma. D'aqui a annos o que será? A virtude, ou o vicio? A esposa submissa no lar, ou a guerra civil no matrimonio? Aquelles olhos negros de azeviche serão tão sómente o olhar meigo e doce do amor puro, ou incendiar-se-hão com o tempo como os luzeiros das paixões criminosas e infernaes? Adivinhe-o quem puder. Por ora, a *Piccola* balbucia apenas o idyllio da vida, e perfuma-se com o aroma opulento da rosa aberta em manhã de primavera, que sustem na mão com adoravel naturalidade.

Permitta Deus, que o perfume da sua innocencia, — mais constante do que o da flôr, a qual nasce coitada! para morrer horas depois, — a acompanhe na vida, e lhe embalsame a existencia inteira, para que da duração da sua virtude não possa dizer-se o mesmo que o poeta francez dizia da vida ephemera das rosas.

V. DE BENALCANFÔR.

ARCHEOLOGIA

Objectos curiosos encontrados em Roma

NAS excavações, que se fazem ao presente em Roma para a construcção de novos bairros, têem-se encontrado muitos objectos dos tempos passados. Daremos a relação de alguns:

Estatua de Baccho maior que o natural. Faltam-lhe um braço, um joelho e o manto. A esculptura d'este ultimo era feita em materia diversa do marmore. — Duas estatuas de Tritões, sem a parte inferior e sem os braços. — Preciosa collecção de prendas votivas de barro, representando mãos, pés, pernas, cabeças, visceras, etc. — Busto de Commodo, com os attributos de Hercules, maior que o natural, tendo uma chave na mão direita e os pomos do Jardim das Hesperides na esquerda. A base do busto vê-se ornada com trophéo de armas, esphera celeste com os signaes do Zodiaco e duas pequenas Victorias. — Estatua de rapariga preparando-se para tomar banho, grandeza natural. — Diversos cofres mortuarios da maior antiguidade, que pertenciam ao cemiterio de Esquilino e os quaes continham restos de utensilios italo-gregos da mais bella época. — Collecção de utensilios de cozinha em bronze, entre os quaes figuram caldeiras, caçarolas, etc. — Duas estatuas de mulher, maiores que o natural, revestidas de tunicas. — Cabeça perfeitamente conservada, que parece o retrato de um moço imberbe. — Outra cabeça de divindade feminina. — Dois capiteis elegantes em *opus sectile*.

Emfim, nas excavações do Esquilino, os operarios, ao entrarem no compartimento de uma antiga casa romana soterrada a 15 metros, acharam, espalhados no solo, 2:498 moedas romanas do IV e V seculos. Julga-se que estas moedas estavam em um vaso, cujos fragmentos por causa talvez de um tremor de terra foram em parte destruidos e com elles a casa. As moedas são, em geral, de cobre, á excepção de duas de prata, e tem pouco valor archeologico.

Em outro ponto, encontraram um enorme peso de marmore preto antigo, que devia servir porventura de padrão para os outros pesos do commercio. N'elle se lê: *Quintus Junius Rusticus*. Este Quinto Junio Rustico era o prefeito de Roma no tempo de Adriano.

Não é o primeiro padrão que têem achado nas excavações, porém é o maior. Sabe-se que os antigos empregavam diversas materias nos seus pesos, porque empregavam ora o bronze, ora o marmore, ora a pedra. A fórma era tambem diversa. Nas collecções dos objectos recentemente encontrados, vê-se uma serie de pesos, cuja fórma é parecida com a que acompanha algumas balanças de pesar cartas. São pesos chatos, que se amoldam uns aos outros e se vão agrupando como uma especie de pyramide. Ha tambem uns pesos da fórma da pera, outros como certas moedas de prata, e outros como queijos. Estes ultimos são de pedra ou marmore.

Outro descobrimento curioso é o de um espelho, á similhança dos espelhos de barba com punho.

Acharam igualmente uma formosa lampada de bronze sobre pedestal do mesmo metal, com 1m,20 de altura; 54 objectos de vidro, 73 estyletes e alfinetes; 25 lampadas de barro, 1 de bronze e 1 de chumbo; amethista com gravura representando um bonzo, e cornalina com gravura representando uma cabeça de cavallo.

Finalmente, outro descobrimento interessante para a archeologia é a de um fragmento de vaso de barro da celebre fabrica de Aretium (Arezzo), em que se vê a cruz no fundo. É o primeiro achado que se faz n'este genero e dá logar a que se julgue que a fabricação da ceramica em Aretium durou por largos annos.

A NATUREZA

UM gravador, George Doo, ao perpetuar pelo buril o quadro de Lawrence, inscreveu por baixo o seguinte distico — *a Natureza*.

Que palavra immensa não é esta! que de cousas que ella traduz, que de phenomenos não comprehende, que de cambiantes que a matisam! — a Natureza!

Quem seria o primeiro homem que soltou de seus labios inflammados este verbo assombroso, que resume em si todo o labor intimo, tudo o que o pensamento abrange?

E todavia nada ha mais vago, mais indefinivel e indefinido que estas quatro syllabas assim agrupadas.

Que se quer representar por esta idéa? Onde estão os limites da sua significação?

O infinitamente grande e o infinitamente pequeno, o real e o ideal, o tangivel e o invisivel, o positivo e o mysterioso, tudo cabe no pequeno ambito d'esta palavra. É um abysmo como o coração humano, onde se aninham e crescem e tomam a mais gigantea estatura as paixões e os sentimentos.

Para uns a Natureza é o Cosmos, o conjuncto admiravel de todos os seres; a harmonia das espheras; a linha azul do firmamento, curva como as linhas do coração; a terra no meio dos astros como um diamante no meio de um annel; o homem no centro dos mundos, como o élo dominador, a chave de segredo de toda a cadeia da existencia.

Para outros, a Natureza é o poder subtil, ethereo, que não é propriamente a luz do sol, nem a attracção dos astros, que não tem por habitação especial nenhum planeta, como os deuses da mythologia; uma vontade suprema, uma intelligencia sem limites, uma entidade superior a tudo,

superior ás leis do universo, para quem o tempo é momento, para quem o infinito é uma idéa inteiramente absoluta.

Para aquelles a Natureza é a luz, a electricidade, o movimento emfim, esta fórma suprema da materia, na qual todas as outras se vem traduzir, como se elle fôra o fecho da abobada, da qual todas as outras não são senão representações secundarias.

engrandece pela justiça. É isto que em si proprio é um problema e que, não obstante, procura resolver todos os problemas, decifrar todos os mysterios.

Ah! e que Natureza é esta que o gravador imaginou existir no quadro de Lawrence?

É o mimo das fórmas, é a bondade dos sorrisos, é a intelligencia do olhar, é a despreoccupação das creanças,



A Natureza

Para estes a Natureza é uma cousa que, apezar de existir dentro em nós, ainda se não póde avaliar como o calor pelo thermometro ou como as metamorphoses do inseto pelo microscopio; poder maravilhoso que se vae desenvolvendo e accumulando de seculo para seculo e cujas faculdades sublimes se chamam Aristoteles, Homero, Eschylo, Phidias, Euclides, Copernico, Newton, Colombo, Galvani, Rafael, Cuvier, Lavoisier, Leibnitz, Shakspeare e Victor Hugo. É o espirito humano emfim, que se eleva pela invenção, que se expande pelo amor, que se aperfeiçoa pelo bello, que se fortalece pelo trabalho, que se

é a flôr humana, a flôr da infancia, a mais bella de todas, porque tem em si um perfume immorredouro — a alma.

Foi esta a Natureza, que o gravador descobriu no quadro de Lawrence, e esta descoberta e esta comprehensão são a mais brilhante apotheose do grande pintor inglez.

E todavia sir Lawrence não quiz mais que pintar dois corposinhos delicados, não quiz mais que fazer o retrato de duas creanças, os filhos de George Calmady.

Abençoado quadro, abençoado retrato que, ao vêl-o, nos faz gritar com o artista — a Natureza!

SOUSA VITERBO.



O barbeiro turco

O BARBEIRO TURCO



O quadro de Bonnat, de que este periodico dá hoje a gravura, é, em nossa humilde opinião, uma verdadeira obra prima. Póde-se citar esta composição extremamente simples como tendo attingido os fins que se propõe a grande arte moderna.

É um quadro *realista* na accepção philosophica, no puro sentido proudhoniano d'esta palavra tão calumniada infelizmente pela critica, tão erradamente comprehendida pelo vulgo.

É lastimoso que, depois de tão profundos estudos como os que n'este seculo se têem feito ácerca do principio, da missão e do ideal na arte, o publico se ache tão pouco esclarecido, principalmente em Portugal, que muitos supponham ainda que o realismo na pintura, filho do naturalismo flamengo, tomado por Courbet como divisa de escola, é a baixa e grosseira idolatria da fórma na sua expressão mais plebeia, mais trivial e mais impudica!

Perdoem-me os legitimos artistas, perdoem-me os verdadeiros criticos, perdoem-me os estudiosos, se eu tomo a liberdade de me dirigir aos que não pertencem á arte, nem á critica, nem ao estudo, para lhes dizer: Não, meus senhores, o realismo não é o que vós julgaes. E todavia é de vós outros que procedem frequentemente os juizos que condemnam ou que glorificam perante a opinião as obras da arte! O vosso erro, a vossa ignorancia são estorvos funestissimos aos progressos do espirito. É certo que vós não podeis fazer com que succumba a verdade, que é immortal, mas fazeis muita vez com que temporariamente ella se suspenda ou retrograde no seu caminho para a consciencia. D'este modo perturbaes e comprometteis o principio da collectividade das idéas, que constitue a condição essencial do meio artistico. Julgar mal um quadro bom é tão triste como não ter senão um quadro pessimo. Um critico illustre dizia que um povo lucra menos para a arte em ter um pintor de genio do que em possuir mil individuos que saibam desenhar mal.

O realismo é o resultado na arte das leis achadas na philosophia moderna para o regimen de todos os factos sociaes.

Assim como não ha ideal sem idéas, assim tambem não ha esthetica sem philosophia. Ao positivismo philosophico corresponde a arte realista.

A obra do realismo tende principalmente a exprimir-nos a subordinação do talento á intelligencia e á razão, o dominio das forças mentaes sobre a inspiração e sobre o sentimento.

O realismo é a mais poderosa e violenta negação do velho principio tonto da arte pela arte. Pintar por pintar — já o dizia Chenavart — presume no pintor exactamente a mesma dóse de merito que se requer no dançarino.

O rei Luiz Filippe referia que o sr. de Villemain começava por fazer uma phrase e ia depois procurar uma idéa para lhe metter dentro. O realismo suppõe a preexistencia da idéa, anterior á escolha do signal graphico que tenha de represental-a. Ao inverso do sr. de Villemain, um realista tem sempre, antes da preoccupação da fórma, o pensamento de um fim. Todavia o realismo não destroe por esse modo a idealidade. Pelo contrario.

Nas artes plasticas e nas do desenho chamam-se idealistas os que idealisam. — O quê? — Unicamente uma coisa: a fórma. Realistas são aquelles que por meio da realidade formulam. — O quê? — A idéa.

Eis a differença.

O quadro de Bonnat apresenta-nos duas simples e singelas figuras, primorosamente pousadas, surprehendidas na plena sinceridade da sua natureza, no acto mais trivial da vida.

Aos meus olhos o quadro não me dá senão o barbeiro turco, no exercicio das suas funcções, defronte do seu cliente, de mãos á obra, sob um esplendido raio de luz scintillante e quente. Ao meu pensamento porém essas duas figuras representam-me o Oriente em todo o rigor da sua historia; representam-m'o mais expressivamente, n'uma synthese mais viva e mais palpitante do que a immensa paizagem fulva e arenosa com as pyramides ao fundo, com as mesquitas rendilhadas, com a recua dos dromedarios, com os minaretes tartaros, com os esbeltos e nervosos cavallos empinados, clina ao vento, penacho pendente das barbellas, meias luas de oiro suspensas dos peitoraes: — espectaculo rico de lithographia barata, pompa de circo olympico, perspectiva de panno de fundo.

O meu Oriente é n'esta pequena loja de barbeiro que eu o sinto. O meu Oriente é aquelle musulmano que ali está encruzado, de pés descalços, abraçado ás pernas, com a face entre os joelhos, de cabeça pendente, deixando-se rapar. É o verdadeiro indigena do paiz entre cuja mobilia se desconhece a existencia das mesas e das cadeiras, em que se ignora o sentido europeu da palavra conforto: por unica ornamentação n'aquelles muros, uma bacia e uma navalha pendurada n'um prégo. É n'aquella mesma posição que elle come, que fuma, que medita, que lê, que escreve, que copia o alcorão, collocando o papel sobre o joelho esquerdo e tendo ao lado a taça com o algodão embebido em tinta onde molha a sua grossa penna de um só bico, feita de cana das margens do Euphrates; é assim que elle ama a circassiana que trouxe de Stambul para lhe tocar castanholas; é ainda assim que elle viaja no dorso do camello branco, guiando entre Jerusalem e Babylonia a caravana que traz ao commercio os tapetes da Persia e as joias de Damasco. Alguns dos seus avós vieram para o Occidente, pelo caminho das cruzadas, e, ou seguiram, ou promoveram o movimento geral da civilisação europea. Elle ficou na patria guardando a primitiva simplicidade patriarchal, grave, simples, imperturbavel. Não sabe talvez quem foi Pedro Eremita ou Godofredo de Bulhões. A civilisação europea já lhe deu mais do que elle precisava para as exigencias do seu espirito menos curioso que contemplativo; deu-lhe a philosophia aristotelica, a imprensa, a geometria de Euclides. De resto contenta-o o que tem de casa: na philosophia Averrhoes; na medicina Avicena; na historia, na jurisprudencia, na poesia, no romance, milhares de cultores que têem illustrado a litteratura ottomana. Para a instrucção tem as mesquitas, em que se aprende a lingua, os dogmas e as leis. Para as suas relações com a natureza e com a divindade, tem o seu astrologo imperial e tem o alcorão. Para o amor tem o serralho.

Bonnat achou n'este quadro a expressão typica, ethnographica, physiologica do seu personagem. Aquelle homem não é um turco, é a Turquia. Essa modesta loja de barbeiro é pagina pittoresca da vida de um povo, é a historia de uma raça aninhada em uma das mais bellas regiões do globo, debaixo do enorme peso de dez seculos de fanatismo e de escravidão.

RAMALHO ORTIGÃO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação) [1]

Em 1 de abril de 1803 informa o desembargador corregedor de Belem que ultimou a questão ácerca das casas do francez Luiz Chanbert, a fim de serem entregues as chaves ao primeiro pintor da côrte D. A. de Sequeira; sendo as condições de Chanbert que se lhe deviam pagar em cada anno vinte e cinco moedas de oiro, sem obrigação para elle de abonar despeza alguma com o concerto e arranjo das casas, e a renda adiantada de dois annos, «por elle Chanbert ter feito o mesmo ao senhorio Antonio Xavier da Serra, a quem as havia arrendado por seis annos[2]». Estas condições foram approvadas por aviso do Real Erario em data de 22 de abril[3], no qual se vê que eram as casas destinadas para *academia de pintura*. Pouco depois arrendaram-se ao mesmo Chanbert outras casas e umas lojas contiguas pela renda annual de 100$000 réis para deposito das drogas da academia[4]. Estes predios eram ambos situados no pateo de D. João.

Funccionou esta academia. Tinha até empregados menores, era seu porteiro Vicente José de Araujo[5]. Apesar, porém, das minhas diligencias não pude alcançar informações algumas sobre os trabalhos que n'ella foram executados. As collecções de desenhos e esbocetos ou se perderam, ou existem nas arrecadações da Ajuda, onde se conserva grande numero de quadros, a maior parte sem valor e quasi todos pertencentes a esta época. Examinando estas arrecadações, encontrei ali muitos trabalhos de Foschini e da sua gente, mas nenhum que apparentasse ser do tempo em que Sequeira dirigia a pintura. É fóra de duvida que esta academia não produziu os resultados que d'ella se deviam esperar. Além dos tres artistas já indicados, não me consta que ali trabalhassem outros, debaixo da direcção de Sequeira, a não ser Joaquim Gregorio Rato e Antonio Faustino[6]. No archivo das obras da Ajuda não encontro referencia alguma a esta academia fóra as que deixei indicadas. Presumo pois com bons fundamentos que a sua vida foi debil e ephemera. Os testemunhos dos poucos contemporaneos que ainda pude consultar, são concordes em affirmar que Sequeira prestou sempre pouca attenção a esta aula creada sob seus auspicios. Ou fosse pelas commissões e encargos que logo em seguida teve a desempenhar, ou fosse por não sentir junto a si verdadeiras vocações artisticas que o incitassem a consagrar-se mais á direcção d'aquelle instituto, ou fosse ainda porque se não coadunavam com o seu genio trabalhos que requeressem perseverança e firmeza de proposito, é certo que não achâmos nas producções da escola da Ajuda impresso o cunho que deveria caracterisar uma obra a que mettesse mãos o nosso illustre artista.

Um dos grandes defeitos da indole de Sequeira, defeito que até certo ponto procede apenas do abuso de uma grande qualidade, era a promptidão no enthusiasmo, o arrebatamento na concepção da idéa, seguido quasi desde logo de um grande desanimo na realisação da mesma. Inflammava-se facilmente, arrebatava-se com uma promptidão que indicava grande vigor nas faculdades imaginativas, mas não sabia depois entregar-se ao trabalho lento, perseverante e por vezes custoso, que deveria assegurar-lhe a realisação do que primeiro delineara. Já tive occasião de referir mais de um exemplo d'esta feição do seu caracter. Quando, voltando de Roma, intentára desempenhar o papel de reformador da arte portugueza, desanimou perante os obstaculos que lhe embargavam o passo; não soube então vencel-os e refugiou-se na Cartuxa. Ali permaneceu apenas o tempo necessario para se lhe apagarem de todo as impressões que o haviam atirado ao ermo. Quando, saíndo de lá, achára finalmente ensejo para realisar o sonho, que, poucos annos havia, tão carinhosamente affagára, não soube ou não pôde aproveitar o ensejo para de um modo perduravel encaminhar devidamente a arte portugueza.

A sua influencia nas obras da Ajuda foi portanto de mui pequena monta. Creio mesmo que pouco tempo consagrou á direcção d'aquelles trabalhos durante os annos em que d'elles foi incumbido. Fez, ao que parece, alguns desenhos, um dos quaes, pelo menos, foi executado n'um tecto do pavimento inferior onde são hoje os aposentos reaes. Racksynski[1] ainda viu este tecto que já hoje não existe, por ter sido transformada a ornamentação da sala em que elle estava. Na opinião do illustre historiador allemão era trabalho de pouca importancia. Entre os innumeros desenhos de Sequeira que tenho examinado nenhum encontrei com referencia ás obras da Ajuda, cuja decoração foi principalmente executada quando Foschini e Taborda vieram substituir o nosso pintor na direcção da pintura d'aquelle paço. Além d'aquelle tecto completou tambem a decoração de uma das salas do paço representando a historia de Affonso Henriques. Estes quadros, executados sobre téla, foram transportados para o Rio de Janeiro, por occasião da viagem d'el-rei D. João VI, e ahi se conservam conjunctamente com a rica bibliotheca que o mesmo soberano comsigo levou.

Não vi estes quadros; mas com isso nada perderá o leitor, porque a descripção que lhe vou dar é da penna do illustre brasileiro o sr. Porto Alegre, hoje barão de S. Angelo, e consul geral do Brasil em Portugal, que se dignou obsequiar-me com a seguinte informação: «A visão no campo de Ourique é obra de grande machina, de vasta composição, de luz quente, e de grande effeito. No alto, entre nuvens doiradas, está Christo cruxificado, rodeado de anjos; no centro, sobre terreno elevado, está o rei vestido de aço, a pé, olhando extasiado para o céo. Os guerreiros e os cavallos são de bom desenho, colorido, e toque. Apezar de ter sempre ouvido dizer aos pintores portuguezes que aquelle painel era de Sequeira, nunca me convenci. O desenho, colorido, e toque da gloria em nada se assemelham ás obras que vi d'elle depois que veio de Roma. O pincel é robusto, o toque largo, o empaste franco, e o colorido vigoroso e pendendo para o vermelho. Para mais me convencer, estão na sala immediata dois paineis que em tudo mostram ser obra de Sequeira. Na consulta do conde D. Henrique sobre a gravidez da infanta sua esposa, tudo é assetinado, tudo é claro e transparente. A cabeça do monge é obra divina como pincel, apesar de que a sua physionomia seja bem humana. O burel parece de setim porque todas as roupagens são setim. As tintas são claras e transparentes e as attitudes

[1] Vide os n.os 5, 6, 7, 8 e 9.
[2] Archivo das obras da Ajuda, pasta n.º 91.
[3] Arch. cit., liv. 34.
[4] Ibidem, pasta n.º 78.
[5] Ibidem, liv. 34.
[6] Cyrillo.— *Ob. cit.*, pag. 151.

[1] Lettres, pag. 267.

nobres e simples. O outro, o do baptismo do infante, é do mesmo genero em tudo, mas não tem fundo, porque Sequeira evitou o trabalho da perspectiva com alfaias e côres claras esfumadas. Na galeria de S. Christovão ha uma allegoria que representa D. João VI sobre nuvens, circulado de figuras diversas. Este painel é do penultimo estylo de Sequeira e contemporaneo das figuras mythologicas pintadas por elle na sala chamada da audiencia em Mafra; tem o mesmo brilho e viveza de colorido, apezar de que o desenho não tenha estylo. Os primeiros paineis foram reparados pelo professor Mafra, na terceira restauração do paço da cidade [1].»

O collega que fôra conjunctamente nomeado com Sequeira primeiro pintor da camara pouco tempo exerceu este logar. Todos sabem que Vieira Portuense, atacado de molestia que não costuma perdoar, morreu, na ilha da Madeira em 1805, quando apenas tinha 40 annos; deixando portanto a Sequeira todo o encargo de uma direcção que primeiro fôra dividida pelos dois. Tenho por vezes ouvido referir e é mesmo tradição que aos olhos de muitos tem fôro de verdadeira, que se haviam dado entre estes dois artistas deploraveis rivalidades, que no dizer de alguns apressaram a morte do infeliz Vieira. Eu por mim confesso que não pude tirar a limpo a verdade d'este caso; comtudo não me parece que seja exacto quanto a similhante respeito se ouve narrar. É possivel que entre os dois houvesse mais de uma discussão ácerca das obras que lhes estavam commettidas: é de crer cada um ter querido impôr ao outro a sua opinião; nem póde estranhar-se que assim acontecesse, pois era o resultado infallivel do dualismo que na direcção suprema das pinturas da Ajuda se havia estabelecido. Não esqueça porém que ambos os artistas se achavam collocados a par no mais elevado grau official da arte portugueza. Poderiam portanto competir em questões de arte, disputar entre si primazias para fazer acceitar cada qual o seu parecer, mas não podiam nunca renhir para conquistar uma posição que ambos já tinham segura. Não esqueça tambem, como já disse, que o regulamento para as obras de pintura, providenciando até um certo ponto para o caso de completo desaccordo entre os artistas, havia determinado que a pendencia, quando a houvesse, fosse levada ao conhecimento do principe, para elle a resolver como lhe parecesse. Nos livros e documentos do archivo das obras da Ajuda, deveria por certo constar alguma dissensão séria, que por ventura tivesse havido entre Vieira e Sequeira; nada porém encontro a este respeito, antes, nos poucos officios de Sequeira que n'aquelles livros estão registados, vejo que procedia de accordo com o seu collega. Creio pois que é menos bem fundada a tradição que referi, e que se acaso houve entre os dois desencontro de opinião, que não podiam evitar-se, nunca porém chegou a haver occorrencias desagradaveis, que apressassem a morte de Vieira.

Na galeria dos condes de Anadia existem dois quadros que, segundo uma tradição, foram feitos em competencia por Vieira e Sequeira. O do primeiro representa Filippa de Vilhena armando seus filhos cavalleiros; não tenho que tratar d'elle n'este logar porque é bem conhecido pela lithographia que o sr. Novaes fez ha annos, para a Sociedade promotora das bellas artes. O de Sequeira representa Martim de Freitas entregando as chaves do castello de Coimbra a D. Affonso III. É uma vasta composição que se desenrola n'uma téla de mais de tres metros de comprido por cerca de dois em altura. Contém grande numero de figuras na pouco feliz dimensão de dois terços do natural; a composição é fria; o desenho por vezes incorrecto e a côr em geral desharmonica; o claro escuro porém está bem entendido e algumas cabeças, que sem duvida foram estudadas do natural, distinguem-se pela correcção do desenho e verdade da expressão. Não posso demorar-me em descrever miudamente este trabalho, que, no seu todo, não revela grandes progressos em relação aos quadros da Cartuxa, a não ser talvez na technica. É evidentemente mais naturalista; a composição, apesar de affectada e um pouco confusa, procura ser verdadeira; não ha vestigios alguns do estylo dos macchiantes, mas tambem, forçoso é dizel-o, está longe da severidade e da sobriedade que o assumpto requeria. Tenho para mim que o quadro de Martim de Freitas foi executado pouco tempo depois da saida da Cartuxa. Vejo n'elle as mesmas hesitações que indiquei quando descrevi estes trabalhos, e que se resumem, como eu então disse, n'um certo acanhamento, que bem mostram que Sequeira não conseguira ainda ter um estylo definitivo e proprio.

A posição eminente que Sequeira tinha na Ajuda, dava-lhe não só consideração e importancia senão tambem uma remuneração que, mesmo em nossos dias, se poderia considerar avultada. Tinha de ordenado 2:000$000 réis annuaes, o qual accumulava com a pensão que recebêra á sua volta de Italia, e com outras gratificações pertencentes aos cargos que successivamente lhe foram conferindo. Poucos mezes depois da sua nomeação de primeiro pintor, foi escolhido pelo principe regente para mestre de desenho dos infantes; este logar não tinha ordenado, mas dava a quem o exercia o privilegio de ter a seu serviço uma sege montada da casa real. Por decreto de 12 de janeiro de 1805 foi nomeado cavalleiro da ordem de Christo, e por alvará de 28 do mesmo mez e anno lhe foi conferida a tença de 12$000 réis annuaes, na fórma costumada [1], «sendo dispensado nas provanças e habilitações de sua pessoa, e de apresentar quaesquer certidões e folhas corridas [2].» Pouco depois, havendo sido reformada a Academia de marinha e commercio do Porto, por alvará de 29 de julho de 1803, foi Sequeira nomeado, pela carta regia de 8 de maio de 1806, director da aula de desenho e pintura d'esta academia. Tornamos aqui a encontrar uma fundação devida ao zêlo e incansavel diligencia da junta da administração da companhia geral de agricultura do Alto Douro. É de lêr-se no sr. Silvestre Ribeiro [3] a historia da fundação e progressos d'aquelle utilissimo instituto, que hoje se acha transformado na Academia polytechnica do Porto, devendo notar-se que uma das tres aulas creadas por decreto de 27 de novembro de 1779, a instancias da já mencionada junta foi a de desenho e debuxo, sendo seu primeiro lente Antonio Fernandes Jacomo. D'esta aula dá miuda e interessante conta a junta de administração em 19 de junho de 1785 ao presidente do Real Erario, que então era o marquez d'Angeja. Em 1803 foi esta aula encorporada na Academia real de marinha e commercio, determinando-se que n'ella se deveria ensinar o desenho de marinha, a tirar plantas de costas, vistas de ilhas, cabos, etc., e de navios com todos os seus pertences e a desenhar cartas geographicas. O sr. Silvestre Ribeiro, no seu trabalho já citado, e em que tão miudamente vae narrando todos os factos que dizem respeito aos estabelecimentos de que trata, não

[1] Informação manuscripta do sr. barão de S. Angelo, em meu poder.

[1] Archivo da torre do tombo. Chancellaria da ordem de Christo. D. Maria I. Liv. 42, fl. 106 e 157, e liv. 36, fl. 173.

[2] Archivo citado. Habilitações da ordem de Christo; letra D, maço 10, n.º 20.

[3] Historia dos estabelecimentos scientificos etc., vol. II, pag. 67, e 387 e seguintes.

DRESDENER GALERIE



GERARD DOW pinxt W. FRENCH sc

DER ZAHNARZT. THE DENTIST.

refere a nomeação de Sequeira para director d'aquella aula. Não posso porém duvidar que elle exerceu esse logar, porque no requerimento dirigido pelo nosso artista aos governadores do reino em 25 de outubro de 1808, requerimento cuja minuta original tenho á vista e a que mais ao diante terei de referir-me, elle proprio o declara, accrescentando que o ordenado d'este logar era de réis 600$000 annuaes, pagos pela companhia geral de agricultura das vinhas, e que deveria ir cada anno passar tres mezes no Porto para superintender a aula de que era director.

Permitta-se-me que abra aqui um parenthesis, curto para não estender leitura, porque demasiadamente longo vae já este trabalho, e que note uma vez ainda a differença dos tempos. Qual é hoje o artista que em Portugal, por mais elevado que seja o seu valor, por mais subido que seja o merito, possa nem sequer esperar uma remuneração que ao longe se pareça com os ordenados e lucros que Sequeira reunia? Posições officiaes não as ha hoje para os artistas no nosso paiz, a não ser os poucos logares de professores nas academias de Lisboa e Porto; e estes mesmos teem ordenado inferior ao que Sequeira percebia como director da aula de desenho. Note-se ainda que, além das gratificações officiaes que recebia, era remunerado especialmente por todos os trabalhos que executava e que podia acceitar commissões de particulares, como o prova o quadro da galeria Anadia. Calo as muitas reflexões que me acodem ao meditar n'esta differença de tempos. Menciono o facto, cito algarismos; e por ser laconico não creio ser menos expressivo.

N'esta época da sua vida, Sequeira executou bastantes trabalhos. Afóra os que porventura fez para o palacio da Ajuda, delineou e dirigiu alguns no de Mafra. Na collecção do sr. José da Costa Sequeira, sobrinho do grande pintor, collecção que hoje existe na Academia real das bellas artes, ha os desenhos originaes de uns baixos relevos pintados a claro-escuro n'uma das salas de Mafra. Os desenhos são de Sequeira, a execução dos quadros de um dos seus discipulos, ignoro qual. Representam episodios da historia de Portugal; a composição é grandiosa, e desenvolve-se larga e francamente n'um estylo severo que pela primeira vez encontro no nosso artista. Não fallarei da execução porque não vem ao caso, por ser de mão estranha. D'outros trabalhos farei menção quando chegar a occasião opportuna, por não querer interromper a biographia do artista com amiudadas descripções das obras do seu pincel.

Uma excepção farei comtudo. N'uma das salas da Ajuda ha um retrato de D. João VI, que tenho na conta de um dos melhores trabalhos de Sequeira. É assignado e datado de 1803. O quadro é de breves proporções, pois não terá mais de um metro em altura e proximamente cincoenta centimetros de largo. O principe regente, montado em um cavallo branco, dirige-se a passar revista ás tropas que muito ao longe se enxergam debaixo de fórma. O principe está de perfil, levantando o cavallo n'um passo largo e magestoso. Não sei qual deva louvar mais, se a excellencia do desenho, se a harmonia do colorido. A composição está muito bem entendida; destaca-se a figura do principe regente em plena luz, largamente modelada e muito cuidadosamente desenhada; por fórma que, quando se olha para o quadro, parece estar-se vendo uma obra do genero historico e do tamanho natural, e não um trabalho que por suas dimensões deveria chamar-se miniatura. Tal é o effeito que produz a largueza do estylo e a franqueza do toque. Quanto á côr, basta-me dizer que o principe veste farda encarnada, calção amarello e bota preta, e monta um cavallo branco, e que no meio d'esta diversidade tão grande de tons, ha no quadro uma harmonia geral que a todos funde n'um complexo eminentemente agradavel e transparente. Duas figurinhas a cavallo que se vêem no segundo plano, estão tocadas, bem como o fundo do quadro onde se perfilam as tropas, com uma delicadeza e transparencia, que lembram as ultimas producções do pincel de Sequeira. Em resumo, este retrato, exceptuando tão sómente alguma dureza nos contornos da cabeça, é uma obra de todo o ponto perfeita e que em nada se parece com os outros trabalhos de Sequeira executados anterior ou contemporaneamente. Na segunda parte d'este estudo, quando chegar a occasião de apreciar em si mesmo o talento de Sequeira, buscarei explicar a rasão por que tanto se distanceia dos outros trabalhos do nosso pintor, este cuja resumida descripção ahi deixo escripta. Para terminar este assumpto resta-me accrescentar que o sr. José Ricca, acreditado negociante da praça de Lisboa, possue uma excellente copia, ou talvez repetição d'este retrato, do qual apenas se distingue por ser um pouco mais dura e ter menos perspectiva aerea.

As occupações artisticas de Sequeira não lhe tomavam o tempo todo. Apesar da direcção das pinturas do palacio da Ajuda, das lições de desenho aos filhos do principe, da inspecção que tinha de exercer sobre a aula de desenho na Academia do Porto, e da execução dos differentes trabalhos que lhe eram commettidos, a sua indole vivissima e irrequieta permittia que tratasse tambem de assumptos de todo o ponto alheios ao seu habitual modo de vida. Assim é que encontrâmos o seu nome vinculado a uns estabelecimentos bem conhecidos de todos os lisbonenses, que usando d'elles quotidianamente nos mezes de estio e outomno, ignoravam como toda a gente até agora, que os deviam ao immortal auctor do «descimento da cruz». Fallo nas *Barcas de banhos* que foram inventadas por Sequeira no anno de 1804, como prova o alvará de privilegio, que por ser curioso vae transcripto na sua integra na nota abaixo[1]. Esta noticia é interessante, e até aqui inteiramente desconhecida. Mostra a grande actividade de espirito de Sequeira, que em meio de seus importantes trabalhos artisticos, se applicou em introduzir um melhoramento que, na verdade, era de grande conveniencia publica, como se deprehende das queixas que algumas relações de viagens feitas em Portugal, por aquella época, contém contra a fórma, realmente primitiva, com que homens e mulheres se banhavam promiscuamente e a todas as horas do dia, offerecendo o mais indecoroso espectaculo a quem passava pelas margens do

[1] D. João, etc. Faço saber que Domingos Antonio de Sequeira Me representou em sua petição, que sendo publicos os incomodos e inconvenientes que soffria todo o povo em tomar os banhos do mar, a indecencia a que se expunhão particularmente as mulheres, como igualmente as desgraças que todos os annos succedião de mortes, por não terem os comodos proprios para os ditos banhos; todos estes motivos o fizerão pensar seriamente sobre o modo mais polido e seguro para se tomarem os banhos do mar; tivera a honra de apresentar-Me o modo para as embarcaçoens de banhos construidas com quartos, de maneira que com toda a comodidade, decencia e sem perigo, podesse cada pessoa privadamente aproveitar-se de hum comodo que por todos os principios vinhão a ser muito uteis e muito mais por haverem embarcaçoens separadas, humas só para os homens e outras para as mulheres, Me pedia fosse servido conceder-lhe o Privilegio por vinte annos para que pessoa alguma podesse construir neste Reino embarcaçoens de banhos; e attendendo ao que o supplicante representou, Hey por bem conceder-lhe o privilegio exclusivo por tempo de vinte annos para que elle possa sómente durante este tempo fazer construir e ter as embarcaçoens que inventou para o uzo dos banhos; e esta Provisão se cumprirá como n'ella se contem etc., etc., 3 de Novembro de 1804.

(Archivo da Torre do Tombo. Chanc. de D. Maria 1.ª Liv. 72. f. 250 v.º)

Tejo. Ignoro o uso que Sequeira fez d'este privilegio, se porventura o vendeu, se por sua conta o explorou, ou se pelo contrario permittiu que a concessão que obtivera caisse no dominio publico. O que é certo é que por esta invenção não logrou augmentar muito sua fazenda, poisque do requerimento que já citei e que em 25 de outubro de 1808 dirigiu á regencia, se torna evidente que eram seu cabedal unico os ordenados que percebia.

(Continua.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

MATER DOLOROSA

Ao seu amigo Rangel de Lima

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céos a curva era tranquilla e pura,
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe em circulos voando
Do oceano sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantis das fragas.

E aquella pobre mãe não dando conta,
Que o sol morrera, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

Pinteus. GONÇALVES CRESPO.

THEATROS

Durante a presente época theatral, é esta a primeira vez que as—*Artes e Letras* fallam dos espectaculos publicos de Lisboa. Não deve causar estranheza o silencio guardado pela nossa folha sobre materia de que tão amiudadas vezes se tem occupado; justifica-o a mingua de novas composições originaes estreiadas no começo da época, a pouca importancia dramatica das traducções, e o mediano acolhimento que umas e outras merecidamente receberam das platéas mais cultas.

Todavia, apezar da insufficiencia dos espectaculos, a concorrencia de espectadores aos theatros nunca afrouxou; pelo contrario, notava-se com aprazimento que era maior do que em alguns annos anteriores, o que denuncia que a boa disposição do publico para as peças declamadas, vae augmentando consideravelmente. Symptoma de adiantamento é este com que muito devem folgar, de certo, os que vêem no theatro — no theatro bem dirigido, entende-se — antes uma instituição destinada a educar e moralisar agradavelmente o povo, do que simples passatempo sem alcance nem séria utilidade.

O theatro de D. Maria II foi, ao principio, o mais concorrido, não obstante lhe haverem caído quasi todas as peças novas. Ao repertorio antigo, exclusivamente a elle, deveu, portanto, a boa fortuna que nos primeiros tempos o acompanhou.

A empreza teve a louvavel idéa de reproduzir algumas peças originaes já vistas, taes como o — *Pedro*, do sr. Mendes Leal; o — *Camões do Rocio*, de Feijó; o — *Frei Luiz de Sousa* e as — *Prophecias do Bandarra*, de Garrett; o — *Jogo*, do sr. E. Biester. Não se deu mal com a lembrança; a critica teceu-lhe devidos louvores por tirar do esquecimento composições nacionaes que deviam andar sempre na memoria do publico, e este correu pressuroso a vêl-as e a applaudil-as.

D'estas cinco peças a que despertou, principalmente, geral curiosidade, foi o — *Frei Luiz de Sousa*, a obra prima do cantor de — *D. Branca*, a joia mais valiosa do theatro portuguez, dada em primeira representação no beneficio da actriz Virginia, formoso talento de tal modo robustecido pelo estudo, que não ha já em o nosso theatro quem no seu genero o iguale.

A critica foi talvez demasiadamente severa com o desempenho da celebrada peça de Garrett, accusando os principaes actores de a não haverem interpretado tão primorosamente quanto ella merecia. Effectivamente, o desempenho do — *Frei Luiz de Sousa*, drama filiado n'uma escola ha muito proscripta do nosso theatro, resentiu-se um tanto da carencia de educação artistica dos nossos modernos actores, para composições d'aquella ordem. Habituados a peças trajadas á actualidade, nas quaes o dialogo familiar e espirituoso consideravelmente diversifica da classica e tragica linguagem das antigas obras dramaticas de cunho, os modernos actores portuguezes acham-se offegados por aquelles fatos que lhes são estranhos, perplexos na reproducção de costumes que não são os seus, titubeantes no dizer de phrases a que o emphase e o tom declamatorio que o publico não lhes supporta nas peças da actualidade, cabe mais de molde do que a pronunciação vulgar e *conversada* que elles têem procurado aprender.

Mas nem por isto o desempenho do — *Frei Luiz de Sousa*, foi, na minha opinião, desdouro para a peça, nem para os actores que a interpretaram. Santos no papel de Manuel de Sousa Coutinho, e Emilia Adelaide no de D. Magdalena de Vilhena tiveram scenas inteiras em que sustentaram os creditos do seu grande talento; Virginia foi sempre a encantadora Maria, aquella sublime creação, mais celesteal do que terrestre, meiga e suave nas intimas conversações dos primeiros actos, vehemente e sentimental no difficil lance do ultimo; finalmente, Theodorico e Antonio Pedro representaram com dignidade os papeis de D. João de Portugal e de Telmo Paes.

Foi esta, pelo menos, a impressão que me ficou da primeira noite em que o drama subiu á scena, noite de festa e de gloria para a actriz a quem coube a subida honra de apresentar na occasião unica em que lhe é licito escolher o espectaculo, a composição mais extraordinaria do theatro portuguez.

José Carlos dos Santos, o nosso primeiro actor dramatico, realisou o seu beneficio com uma nova peça original do fecundo escriptor o sr. Pinheiro Chagas. A peça intitula se — *O drama do povo*. Tem quatro actos, prologo e epilogo. *O drama do povo* não é, de certo, a melhor composição dramatica do illustre escriptor; tem, comtudo, qualidades litterarias muito apreciaveis, e no terceiro acto revela os seguros conhecimentos que o auctor possue dos effeitos theatraes. A acção do drama passa-se no tempo da invasão franceza, alcançando o epilogo ao dia da entrada das tropas liberaes em Lisboa.

A peça termina por uma vista do Terreiro do Paço e de parte da cidade de Lisboa, tomada da esplanada do castello de S. Jorge. Esta vista produz optimo effeito, e é pintada com muito acerto pelos srs. Procopio e Lambertini.

Santos obteve, em a noite da sua festa, a mais brilhante ovação, não só pelo talento com que desempenhou o difficil papel que lhe pertenceu, mas porque os seus admiradores, que eram todos os que enchiam a casa, quizeram demonstrar-lhe o lisonjeiro conceito em que teem o seu explendido talento. Virginia representou com muita arte o seu papel de camponeza, por ventura o mais trabalhoso do drama, fazendo a scena da morte, no quarto acto, com inexcedivel primor. Antonio Pedro foi completo na parte que lhe coube. Carolina Falco desempenhou muito bem o papel da condessa que tão facilmente se rendeu ao poder de Junot. Correcta na dicção, conservando sempre o porte nobre e gentil de verdadeira fidalga, soube tirar o melhor partido do seu interessante papel. Amelia Vieira, Cesar de Lima, Theodorico, Alvaro e os demais actores interpretaram acertadamente os diversos papeis de que foram encarregados. A peça tem algum apparato, e deve chamar concorrencia ao theatro.

Do sr. Maximiliano de Azevedo representou-se no mesmo theatro a comedia original em um acto — *A vida airada*, quadro de costumes bastante acanhado para o desenho dos personagens que formam o enredo. A comedia tem, comtudo, algumas scenas bem imaginadas, que o publico applaudiu sem favor.

Entre as versões que se têem dado em D. Maria II, figura, de preferencia, a comedia em cinco actos — *As sabichonas*, traduzida em primorosos versos, pelo sr. visconde de Castilho, da afamada comedia de Molière — *Les femmes savantes*.

A comedia das — *Sabichonas* perdeu, como as demais obras dramaticas accommodadas á scena portugueza pelo venerando poeta, em não ser traduzida litteralmente do original. Tem, pois, as mesmas qualidades excellentes e menos boas que se admiram, e, em geral, se desapprovam no — *Medico á força*, no — *Doente de scisma*, no — *Avarento* e no — *Misanthropo*, podendo por conseguinte a critica escrever d'ella quasi que as mesmas palavras que tem escripto d'estas.

As — *Sabichonas* foram representadas pela primeira vez em beneficio da actriz Carolina Falco, interprete conscienciosa de todos

os papeis que lhe distribuem. No da protagonista da celebre composição do grande poeta francez, não foi a intelligente comediante menos feliz do que nos melhores papeis que tem desempenhado, conseguindo por isso ganhar os applausos espontaneos e sinceros do publico. Tambem as actrizes Emilia Candida e Beatriz se distinguiram na graciosa interpretação de dois dos principaes papeis da famosa comedia de Molière.

As outras peças traduzidas que chamaram a attenção para o nosso primeiro theatro, foram—*Mr. Alphonse*, de A. Dumas, versão do sr. Alberto Pimentel; a *Esphinge*, de Octavio Feuillet, versão do sr. Ramalho Ortigão; *Claudia*, drama italiano traduzido por quem assigna estas linhas.

A nomeada que as duas primeiras peças obtiveram em Paris, incitou grande numero de espectadores a ir ouvil-as; infelizmente, porém, nenhuma d'ellas conseguiu agradar tanto quanto se esperava.

Mr. Alphonse foi á scena pela primeira vez no beneficio do estudioso actor Brazão, e a *Esphinge* no beneficio de Emilia Adelaide, notavel actriz a cuja intelligencia menos vulgar o publico faz a devida justiça, prestando-lhe as homenagens que realmente merece. Emilia Adelaide empregou no desempenho do principal papel da ultima composição de Feuillet, todos os apreciaveis recursos dramaticos de que dispõe, conseguindo dar grande relevo ao caracter indefinido e problematico da singular figura de mulher, que o titulo da comedia symbolisa. Obteve, por isso, dos espectadores as provas mais salientes de estima que uma comediante de primeira ordem póde invejar. A actriz Virginia coadjuvou-a brilhantemente n'esta peça, desempenhando com toda a verdade, singeleza e perfeição a que o personagem se prestava, o importante papel que lhe coube.

O drama—*Claudia* deu-se em primeira representação na festa artistica de Gertrudes, actriz de fina intelligencia, que tem sabido grangear, durante a sua longa carreira artistica, as maiores sympathias do publico. A peça obteve geraes applausos, tornando-se notavel não só pela sua contextura, mas pela interpretação acertada, e por vezes excellente, que todos os artistas conseguiram dar-lhe.

A nova empreza do Gymnasio, composta dos principaes artistas que ora representam n'aquelle theatro, reproduziu o drama original—*Os campinos*, e tem dado em primeira representação quatro composições originaes—*Santos de casa*, em um acto, pelo sr. Maximiliano de Azevedo; a—*Vida alheia*, em tres actos, pelo sr. M. Pereira Lobato;—*Francez e inglez*, em um acto, pelo sr. Sousa e Vasconcellos;—*Os Lazaristas*, drama em tres actos, pelo sr. Antonio Ennes.

Santos de casa é um gracioso *lever de rideau* em que figuram apenas dois personagens, uma menina saída ha pouco do convento e outra com alguma experiencia do mundo. Ao cabo de poucas scenas, coloridas com delicados chistes, resulta que a mais experiente reconhece, com pasmo seu, que a educada sob o aspero regimen conventual, é tanto se não mais fina e sagaz, do que ella. Esta comedia teve muito boa interpretação por parte das actrizes Maria das Dores e Emilia dos Anjos.

Na—*Vida alheia* vêem-se traçadas com bastante verdade e acerto curiosas scenas do viver da provincia, conduzidas em ordem a produzir algumas situações de seguro effeito. A comedia tem o fim moral de condemnar a maledicencia, fazendo recair n'um mexeriqueiro incorrigivel, todos os ridiculos que elle julga descobrir nas pessoas com quem trata. Se o primeiro e o terceiro acto se resentem da inexperiencia natural de um escriptor que principia, o segundo mostra que no sr. Pereira Lobato ha disposição bastante para a carreira que tão lisonjeiramente acaba de encetar. No desempenho distinguiram-se os actores Joaquim de Almeida e Polla, conseguindo o primeiro crear um typo de barbeiro de aldeia com incontestavel perfeição.

Inglez e francez é um acto rapido e gracioso, architectado sobre pequenissima base, mas escripto em dialogo portuguezissimo, e dando logar a um desempenho bastante comico por parte dos tres actores que o interpretaram. O sr. Sousa e Vasconcellos que tem produzido mais de uma composição dramatica de fino quilate, não desmereceu do seu reconhecido talento n'esta ultima, justamente sanccionada pelos calorosos applausos do publico, e pela favoravel opinião das pessoas mais entendidas em assumptos de theatro.

O drama—*Os Lazaristas*, que tão extraordinario acolhimento está obtendo do publico, é uma peça feita pelos modernos processos. Mira a um fim util: combater a propaganda feita pela igreja reaccionaria. Ás perniciosas doutrinas de uma religião mal entendida, oppõe o auctor os mais sãos principios da liberdade. A composição dramatica do sr. Antonio Ennes pertence á escola realista, mas á escola realista que estuda bem o natural e o reproduz com todos os preceitos que a arte requer. Se não abunda em lances verdadeiramente theatraes, tem, comtudo, muitas e variadas situações produzidas pela palavra, situações que o publico applaude com o maior enthusiasmo. Os caracteres dos diversos personagens são correctamente desenhados; a scena final do primeiro acto e principalmente a do terceiro entre Carlos de Magalhães e a filha, são o mais dramaticas possivel. A todas as boas qualidades do drama, porém, dá realce a correcta e elegante linguagem em que elle está escripto. O drama dos—*Lazaristas* é, pois, uma peça de combate, mas aprestada de modo que póde medir-se vantajosamente com os seus inimigos, que são muitos e poderosos.

A interpretação da peça foi condigna ao valor d'ella. As actrizes Maria das Dores e Emilia dos Anjos, e os actores Joaquim de Almeida, Polla, Simões e Leopoldo desempenharam-se bem dos seus difficeis papeis, sendo coadjuvados acertadamente pelos seus collegas a quem menor encargo coube.

Das traducções representadas no Gymnasio, a que mais agradou foi o drama em cinco actos—*Luiza*, cujas condições para se insinuar no animo das platéas menos illustradas, são muito superiores aos dotes litterarios da obra. O desempenho de Maria das Dores n'este drama, principalmente durante o quarto acto, o mais difficil de todos, contribuiu, acima de tudo, para a popularidade que a peça obteve.

Esta intelligentissima actriz realisou o seu beneficio de escriptura, obtendo evidentes manifestações do apreço e estima em que todos têem o seu mimoso talento dramatico. Foi muito bem na comedia—*Romance de uma mulher honesta*, que escolheu para a noite de sua festa, arrostando corajosamente com todas as difficuldades do trabalhoso papel que lhe coube, papel creado em Paris pela celebre Delaporte. O publico indemnisou-a dos seus louvaveis esforços, dispensando-lhe espontaneas palmas.

A actriz Emilia dos Anjos tambem realisou o seu beneficio com duas comedias, uma das quaes intitulada—*Quem muito falla*..., esmeradamente vertida do hespanhol pelo sr. Alfredo de Mello, agradou mais do que a outra. A beneficiada representou com muito acerto em ambas as peças, tendo occasião de avaliar nos finaes de cada uma d'ellas, o bom conceito em que é tido pelo publico o seu amor ao estudo.

Durante um ou dois mezes, uma companhia de *zarzuela*, na qual havia alguns actores de merecimento, chamou a concorrencia ao Gymnasio, representando as melhores peças do vasto reportorio hespanhol. Por conta d'esta companhia e da empreza d'aquelle theatro, foi exhibido na capital e no Porto, o magnifico—*Panorama da guerra civil do norte da Hespanha*, que tão calorosos applausos obtivera em Madrid. O panorama alludido é um dos melhores exemplares de boa scenographia, que se tem visto em Lisboa. Não o applaudiu o publico tanto quanto elle merecia, porque, diga-se a verdade, aquella serie de vistas de theatro não constituia, só por si, espectaculo bastante para quem não quizesse ou pudesse analysal-as artisticamente. É innegavel, porém, que taes vistas representam um bello trabalho, no qual se revela o subido talento do scenographo hespanhol Plá, que o executou, coadjuvado por desenhos e esboços do pintor Pellicer. A paizagem, principalmente, é pintada com a maior perfeição. Os longes são formosissimos e o céo de uma transparencia notavel. Ha effeitos de luz nas nuvens que parecem alcançados por qualquer artificio além da acertada combinação dos tons. Os primeiros planos são variados e cheios de sol; as arvores feitas com arte, imitando, quanto possivel, o natural, e destacando-se perfeitamente do fundo. As figuras são, pela maior parte boas. Um soldado que vae a entrar para o hospital de sangue, coxeando de uma perna em que foi ferido, é primorosamente desenhado, e completo na expressão da dôr que o afflige. Ha outras figuras menos correctas, e os animaes são descuidadamente desenhados. Os accessorios estão feitos com muita arte e perfeitamente dispostos para aformosearem as linhas da composição. O quadro do comboio, o do hospital, o da barraca de campanha e o da noite são excellentes, e, por ventura, os melhores do panorama. Oxalá os nossos scenographos tirem proveito da exposição d'aquelle excellente trabalho, que é dos melhores que no seu genero tem sido apresentados no paiz.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

O DENTISTA

CONHECEM alguma cousa mais tragica do que uma dôr de dentes? E comtudo, é notavel que ainda nenhum dramaturgo se lembrou de aproveitar o assumpto. A musa grega legou ao theatro classico moderno os mais extravagantes enredos. Agamemnon, para ter vento norte, mata a sua propria filha. Edipo, ao atravessar um monte, tem os seus dares e tomares com um velho; jogam a bordoada, o velho morre. De subito sabe que este velho é seu pae. Entra em

Thebas, casa com uma rainha já durazia, e depois vem a saber que a sua quarentona esposa é sua mãe, o que prova em primeiro logar a inconveniencia das rodas dos engeitados, ainda que essas rodas fiquem situadas no monte Cythéron. Uma madrasta apaixona-se pelo enteado, o marido da madrasta queixa-se aos deuses, e os deuses, que representam n'este caso um papel desgraçadissimo, deixam-se embaçar pela sobredita madrasta, e mandam um monstro de fórmas absolutamente excentricas dar cabo do innocente enteado. Uma especie de processo Lesurques no Olympo.

E Sophocles, e Euripedes, e Racine e quantos auctores tragicos por esse mundo nasceram, obstinaram-se a fazer-nos chorar com estes assumptos, que não nos causam a mais leve commoção, quando tinham para nos commover, para nos apertar o coração, a dôr de dentes! Mudam com os tempos as paixões, os affectos e os costumes. Só a dôr de dentes não muda. Parece-nos Medéa infame e tão fóra da natureza humana quanto é possivel imaginar-se, banana o rei Priamo que sustenta uma guerra de dez annos para conservar dentro de Troia a amasia do filho, aquella Helena, verdadeira *cocotte* classica, mas appareça-nos com uma grande dôr de dentes Jasão ou Paris, Menelau ou Polynice, Polycletes ou Orestes, e verão como nós o comprehendemos, como nós o lamentâmos!

Da dôr de dentes ao suicidio vae um passo apenas. Catão matando-se porque morreu a liberdade romana, que a final de contas era uma fresca liberdade, parece-nos simplesmente um fanatico; mas, se Catão se tivesse suicidado por causa de uma dôr de dentes, ah! então perceberiamos devéras a sua tragica resolução.

Uma dôr de dentes inspira-nos o delirio e a loucura. Queremos bater com a cabeça nas paredes, acordâmos alta noite e passeiamos gementes no quarto, invocâmos o auxilio do céo, perdemos completamente o senhorio da nossa razão, tornamo-nos uns seres sem vontade propria, e entregamo-nos cegamente nas mãos d'aquelles que desejam alliviar-nos. Uma dôr de dentes a proposito podia salvar um estado ou uma constituição. Se o general Martinez Campos, no momento de bradar *Viva Affonso XII*, fosse atacado de subito por uma dôr de dentes, ainda hoje a republica floresceria em Hespanha.

É por isso tambem que o dentista, o salvador, póde ser charlatão á vontade que ninguem lhe pede contas por isso. Um homem com dôr de dentes não discute, entrega-se nas mãos de quem lhe disser que vae pôl-o bom. Nos salões dos dentistas passa, lugubre e desfigurada, uma procissão de gente em delirio. Todas as realezas perdem o seu prestigio, só a do dentista é immortal. Hoje estamos bons, rimo-nos d'elles, rimo-nos do cartaz, do réclame, do programma estrepitoso, das denominações pomposas, da agua dentrificia, da torquez que tira dentes sem dôr, do sr. Luiz Ernest, dentista das cabeças coroadas; ámanhã, se uma dôr de dentes nos assalta, vamos cair-lhes aos pés, e elles, os dentistas omnipotentes, arrancam-nos os dentes, os queixos e o dinheiro, e sorriem-se triumphantes, mostrando com ar soberano aos que passam a torquez ensanguentada, o seu sceptro glorioso.

Perante os dentistas somos todos iguaes. Cáem os thronos dos Bourbons, e o dentista ambulante, percorrendo os campos no seu carro triumphal, continúa a exercer por toda a parte a sua realeza sem opposição. Os seus subditos agglomeram-se a seus pés, entregam-lhe, pallidos e de lagrima no olho, a bôca dolorida, e elles, sublimes e desdenhosos, brandem nos ares o dente arruinado, como os indios a cabelleira de um inimigo vencido, e bradam: «Meus senhores, sem dôr! sem dôr!» E o desgraçado solta gemidos dolorosos, mas cobre-lh'os a voz solemne do dentista que brada, com a segurança do triumpho: Sem dôr! sem dôr!

Vem de longe essa realeza, e a pompa que a cerca tem existido sempre. Outr'ora, como se vê no quadro que a nossa gravura representa, rodeiava-se o dentista de lagartos empalhados, de retortas mysteriosas, que lhe davam um ar de alchimista que impressionava o vulgo, hoje o dentista rodeia-se de diplomas, de frascos, e de annuncios. Então a sua residencia tinha um certo aspecto de antro de magico, hoje nas cidades o dentista sedentario mora n'um primeiro andar com taboleta, e annuncia nos jornaes; o dentista ambulante percorre a cidade n'um cabriolet, com realejo ao lado. Mas tenha ou não realejo, não ha industrial que rufe com mais energia na *grosse caisse* do réclame.

E, então como hoje, a scena é sempre a mesma. Sempre vem o desgraçado, o que padece, a victima d'essa horrivel dôr, ajoelhar gemebundo aos pés do algoz; e este, arrancando o dente com um ar triumphal e magnanimo, brande-o com jubilo, deixando o infeliz a verter sangue, e a soltar gemidos convulsos. Nada d'isso o perturba, a sua gloria será sempre a mesma. É mais um dente para a collecção dos seus triumphos. Se lh'o permittissem os usos sociaes, com elles formaria uma corôa para ornar a sua cabeça augusta! Uma torrente de sangue protesta contra o grito de triumpho. Embora! quando é que os triumphadores se importaram com os protestos de sangue? O seu carro ovante caminha, calcando aquelles que contribuem para as honras da realeza, e elle passa, rei de direito divino, monarcha eleito pelo suffragio universal dos dentes cariados, embocando a trombeta epica, e bradando sempre, sem que ninguem ouse desmentil-o: «Sem dôr! meus senhores! sem dôr!»

PINHEIRO CHAGAS.

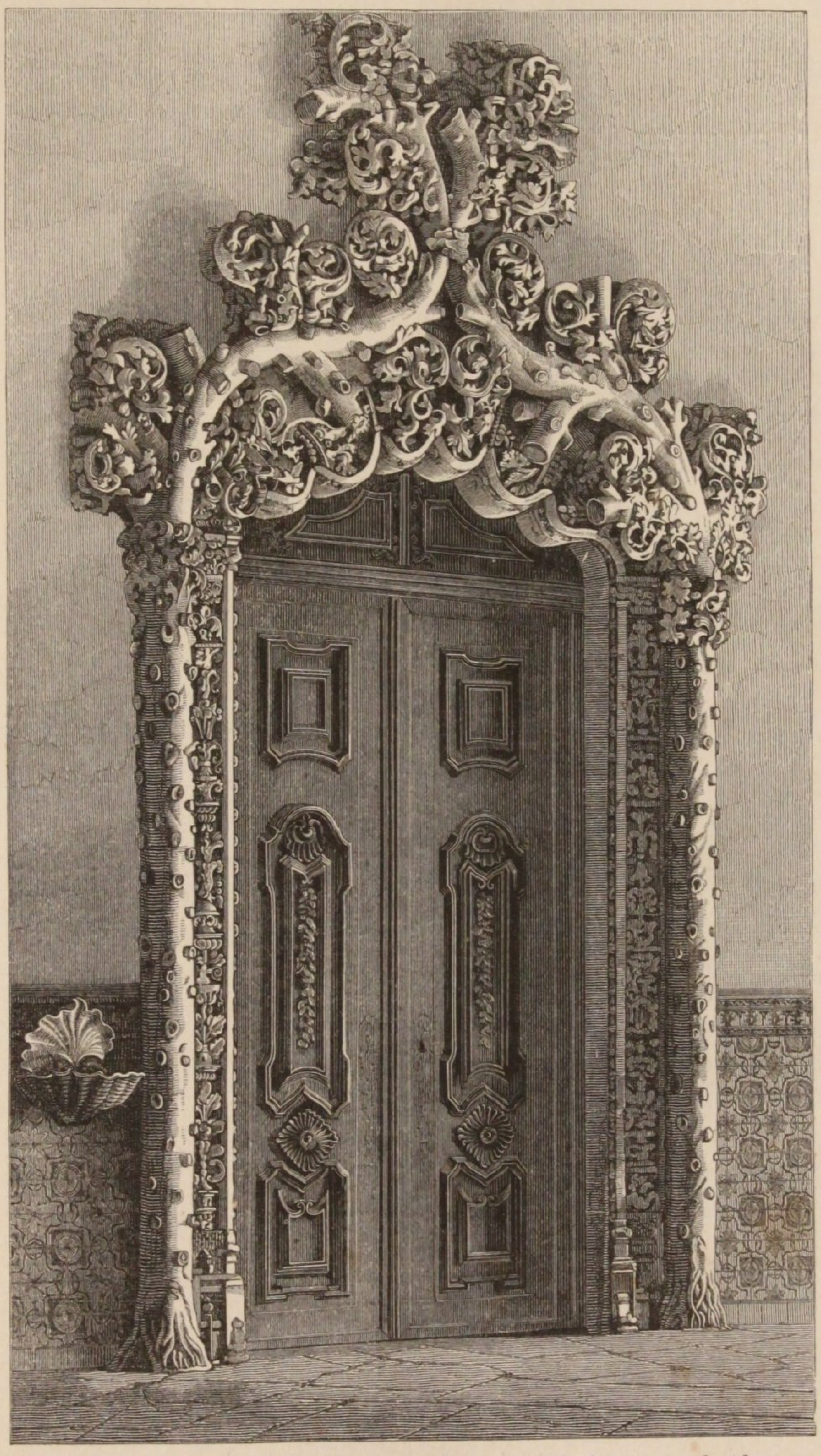
MOSTEIRO DE ALCOBAÇA—A PORTA DA SACRISTIA

I

ESTE immenso edificio, de tamanha celebridade entre nós com o nome de mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, é uma verdadeira chronica de pedra, onde estão escriptos, a par dos annaes da ordem monastica de S. Bernardo, muitos capitulos dos fastos de Portugal, e um resumo interessantissimo da historia das artes n'este reino, sobretudo da architectura e da esculptura. Cada pedra d'este monumento é como uma pagina, que nos falla eloquentemente ao espirito e ao coração dos triumphos da fé christã sob o estandarte das quinas; das victorias que constituiram os portuguezes em nação independente; de honrosos commettimentos litterarios, que nos fizeram entrar mais desassombradamente, primeiro do que outras potencias mais poderosas, no caminho das letras e da sciencia. Falla-nos de muitos compatriotas que illustraram o seu nome e o da patria, combatendo e morrendo pela liberdade e engrandecimento da terra que lhes serviu de berço, ou honrando-a com as suas luzes e escriptos, ou guiando-a e fortalecendo-a com o exemplo de todas as virtudes christãs, que, desprezando as grandezas do mundo, se acolheram á solidão do claustro, vestindo a cogula de S. Bernardo, ou que ali foram dormir o somno derradeiro na paz dos tumulos, sob a protecção da cruz. Falla-nos emfim de muitos reis, rainhas, principes e outros homens illustres

por sangue, ou por feitos de armas, ou por seu saber, nacionaes e estrangeiros, que visitaram e se hospedaram n'esse mosteiro.

A gloria das armas portuguezas conta-o em o numero dos seus monumentos, pois que o fundou o nosso primeiro rei em commemoração da tomada de Santarem aos mouros, a mais forte praça de guerra que o islamismo então possuia em Portugal. Contam-n'o as letras patrias pelo seu mais glorioso padrão, pois que os primeiros estudos publicos e regulares que houve no reino foram creados pelos monges de S. Bernardo no seu mosteiro de Alcobaça [1], e d'ali saíram o pensamento inicial e grande impulso e poderosos auxilios pecuniarios para a fundação da universidade de Lisboa, depois transferida para Coimbra, uma das mais antigas da Europa.



Mosteiro de Alcobaça—A porta da sacristia

Quasi todos os nossos soberanos, desde D. Affonso I até D. Affonso VI, no longo espaço de cinco seculos, deixaram commemorados os seus reinados n'aquelle mosteiro por alguma obra importante, que o aformoseou ou augmentou, a ponto de fazerem d'elle o mais vasto mosteiro do reino, assim como o tinham feito o mais rico e auctorisado de todos, pelos bens e privilegios com que o dotára a liberalidade de tantos monarchas.

Por este modo se reuniram em um só edificio specimens de todos os estylos architectonicos que têem sido introduzidos n'este paiz desde o principio da monarchia até aos fins do seculo XVII. Portanto, no seu vastissimo templo, nas differentes capellas exteriores, nos numerosos mausoleus que encerra, nos seus cinco claustros, na casa do capitulo, na da livraria e na sachristia estão representados todos os passos que temos dado n'aquelle longo periodo, nas difficeis sendas da arte de construir e de esculpir em pedra e em madeira.

Dos variadissimos specimens de architectura e de esculptura que ali se apresentam aos olhos do observador estudioso, ou simplesmente curioso, offerece hoje este jornal aos seus leitores um dos mais singulares e mais formosos que se vêem n'aquelle monumento: é o esbelto e brincado portal da sachristia. Não ha n'elle data alguma que recorde o anno da sua construcção, nem divisa ou emblema que revele o nome do fundador. Mas ainda que não constasse a sua origem por outro modo não menos incontroverso, aquellas indicações seriam desnecessarias á vista d'essa invenção phantasiosa e d'essa ornamentação opulenta e caprichosa em que se estão espelhando, como nas limpidas aguas de um rio os arbustos floridos das margens, a gloria, as felicidades, os jubilos e poesia que entreteceram a corôa de el-rei D. Manuel, engrandecendo e abrilhantando o nome portuguez.

II

Resolveu-se pois el-rei D. Manuel, quasi no fim do seu reinado, a reedificar ou fazer de novo a casa da livraria e a sacristia do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Encarregado da obra o architecto João de Castilho, começaram logo os trabalhos. Corria então o anno de 1519.

É a sacristia uma grande e bem construida casa, tendo uns 28 metros de comprimento e 8 de largura. A abobada é de laçaria de pedra com os florões dourados. Tem no fundo uma capella de fórma oitavada, na qual se veneravam muitas reliquias santas.

Fica a sacristia por detraz da capella mór, que, sendo construida ao modo das antigas basilicas, tem o altar no centro e em torno d'ella a *charola*. É para esta que deita a porta da sacristia. Delineou-a o architecto com

[1] Foram abertos estes estudos no dia 11 de janeiro de 1269, reinando D. Affonso III.

tanta graça e belleza, e sobretudo com tão notavel originalidade, que não sabemos que exista outra igual em todo o reino. Adornou-a o artista, entre outros lavores, com duas columnas, figurando arvores. Os fustes representam os troncos principaes, não inteiramente nús, mas guarnecidos a espaços com seus lavores, fingindo rebentões. Nas bases vêem-se as raizes saíndo d'elles para o solo. Logo acima dos capiteis, formados de folhas das mesmas arvores, dividem-se os troncos em muitas ramificações, com graciosa e recortada folhagem, entrelaçando-se e coroando a porta com a mais formosa e exquisita ornamentação, que temos visto usada em portas pelo estylo chamado entre nós *manuelino*.

A gravura, que acompanha este artigo, copia exacta de uma excellente photographia, torna superflua a descripção, que por mais minuciosa e bem urdida que fosse, ficaria sempre imperfeita e escura, comparada com a estampa. Bastará pois acrescentar ao que deixâmos dito, que toda a ornamentação da porta está cinzelada com delicadeza e primor, dando irrecusavel testemunho da perfeição que attingiu em o nosso paiz, n'essa época memoravel, a esculptura ornamental em pedra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

Cantos matutinos.—De um livro que vae na sua terceira edição, e do qual já fallaram com louvor os principaes criticos portuguezes e brazileiros, nada mais ha a dizer. Por isso me limitarei a registar n'estas paginas o apparecimento da nova edição dos *Cantos matutinos*, primeiros versos de Gomes de Amorim, dos quaes o sr. visconde de Castilho disse que podiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias*. Ainda me recordo do effeito que produziu no publico o prefacio da primeira edição d'esta obra, no qual o sr. Gomes de Amorim conta, com a mais sincera e commovente simplicidade, os trabalhos da sua vida aventurosa começados aos nove annos em uma aldeia do Minho, que lhe serviu de berço, e continuados em terras de Santa Cruz. N'aquelle curioso escripto descreve o auctor as suas diabruras de rapaz travesso e os castigos corporaes que padeceu, até o dia em que tomou a providencial resolução de internar-se nas grandes florestas, para aspirar o aroma embalsamado da luxuriante vegetação americana capaz de tornar poeta a qualquer mortal por mais simples que seja, quanto mais a Gomes de Amorim, que já tinha em si o germen da inspiração e encontrara o—*Camões* de Garrett para lh'a annunciar e desenvolver. O prefacio a que me refiro acompanha tambem a nova edição. Nitidamente impresso em bom papel e com typos elzevires, é este livro um dos mais luxuosos que o sr. Ernesto Chardron, seu editor, tem ultimamente publicado. Por isto, e porque a obra é de si bastante valiosa e merecedora de figurar entre os melhores livros portuguezes, a protecção publica não ha de certamente abandonal-a, o que deverá ser agradavel e consolador para o desditoso poeta que está privado, ha tantos annos, de trabalhar com assiduidade, em consequencia da enfermidade terrivel que o prostra e afflige.

Thesouros de arte. relances de um viajante.—Com este titulo publicou o sr. Luciano Cordeiro um pequeno volume contendo curiosas noticias e descripções dos principaes museus da Europa.

Em algumas paginas que antecedem o principal assumpto, lavra o sr. Luciano Cordeiro vigoroso protesto contra o deploravel estado de abandono a que chegou a arte em Portugal, protesto a que devem adherir todos os que votam ainda algum culto a essa famosa deusa tão reverenciada e acatada pelas nações mais esclarecidas.

Effectivamente, o desprezo dos portuguezes de hoje por tudo que diz respeito a bellas artes, é manifesto e reconhecido. Ao desleixo que tem havido na educação do povo, se deve tão incontestavel prova de crassa ignorancia. A falta de museus, a falta de amiudadas exposições, a falta, inclusivamente, de quem escreva com assiduidade e saber ácerca de assumpto de tão alta importancia, tem-nos conduzido a este lastimoso estado de decadencia.

É por este motivo que vemos quasi sempre o pae de familia mandar ensinar bellas artes aos filhos, unica e simplesmente para elles terem uma prenda. Escolhe para isso o pessoal menos habilitado e mais barateiro, e se algum dos filhos mostra tendencia para seguir com seriedade qualquer arte, prefere mandal-o para a costa de Africa vender algodões e missanga, a tel-o na capital a pintar monos ou a aturdir os ouvidos da familia com o som rouquento de qualquer instrumento, segundo a sua phrase pittoresca.

É tambem a esta fatal ignorancia transmittida de geração para geração, que se deve acharem-se as salas dos mais abastados ornadas com lithographias coloridas de Julien, ou com algumas insignificantes copias dos mais ridiculos paineis; os mestres de obras serem preferidos aos architectos para as edificações mais custosas; a multidão embasbacar, por occasião das raras exposições que fazemos, defronte dos quadros chamados de natureza morta, assignados por qualquer discipulo da Academia, e passar despercebida por deante de alguma pintura de verdadeiro merecimento; presenciarem-se, finalmente, milhares de desacatos artisticos todos os dias repetidos e nunca emendados.

E desgraçadamente áquelles a quem de direito cabe pôr cobro ao mal que lavra por todo o paiz, pouco se lhes dá que elle exista e se propague; a politica está primeiro que as artes, e a politica absorve-os completamente. Não é creando o gosto dos povos pelo bello e pelo grandioso, que se fazem eleições; é talvez perdendo-o. Sirva-lhes isto de desculpa, e fiquem-se com Deus.

O sr. Luciano Cordeiro queixa se na sua protestação, do exagerado encerramento em que se acham as preciosidades artisticas existentes no convento da Madre de Deus, e da menos rasoavel prohibição de que essas preciosidades sejam reproduzidas pela photographia ou pela gravura. Em abono do seu asserto, cita-me o sr. Luciano como testemunha.

Alguma cousa posso, infelizmente, dizer sobre o assumpto. Pensei uma vez em divulgar por meio de gravuras em madeira publicadas nas—*Artes e Letras*, acompanhadas de artigos escriptos por pessoa competente, alguns dos inestimaveis objectos de arte que enriquecem o pequeno museu que possuimos na Madre de Deus. Sem procurar empenhos—arrojo que nem todos os pretendentes commettem—dirigi-me ao sr. conselheiro Torres Pereira, dignissimo provedor d'aquella casa e do asylo de Maria Pia, a fim de solicitar de s. ex.ª a devida venia para mandar photographar os objectos que me parecessem mais dignos e proprios de serem reproduzidos pela gravura. Suppunha eu que prestava com isto um pequeno serviço não só aos assignantes d'este periodico, mas tambem ao paiz, tornando conhecida uma parte das poucas riquezas artisticas de que podemos ufanar-nos, e das quaes rarissimas pessoas têem noticia. Enganei-me, porém; a licença que eu solicitava foi-me denegada: logo não era serviço o que eu julgava sêl-o, porque a serviços voluntarios não se recusa licença.

O sr. conselheiro Torres Pereira declarou-me que não podia consentir no que eu desejava, porque tivera igual idéa e tencionava reunir em folheto, para vender aos visitantes do asylo Maria Pia, a preço de 200 réis, salvo o erro, os desenhos dos objectos de arte em questão, acompanhados de monographias escriptas por pessoa que anda ha muitos annos a estudal-os. Por este modo esperava s. ex.ª crear uma fonte de receita para o asylo.

Atrevi-me a observar a s. ex.ª que para as gravuras serem de tamanho e perfeição condignos ás preciosidades que tinham de reproduzir, custariam avultado preço, sobrecarregando assim o custo do folheto—que talvez deitasse a livro—o que, a meu vêr, longe de ser receita, se tornaria em onus para o asylo, visto que a venda da obra por modico preço aos raros visitantes d'aquelle estabelecimento de caridade, só muitissimo tarde cobriria as avultadas despezas com ella feitas. Disse, alem d'isto, que me parecia obvio não causar prejuizo algum á venda do folheto, se elle viesse a apparecer, a publicação que eu desejava levar a effeito nas—*Artes e Letras*, não se servindo, principalmente, o folheto das gravuras e dos artigos estampados no periodico. O sr. Torres Pereira disse-me, por ultima resposta, que insistia na sua recusa.

Em o n.º 4 da 3.ª serie das—*Artes e Letras*, o sr. J. Ribeiro Guimarães, escrevendo ácerca do mosteiro da Madre de Deus, estranhou o exagerado zêlo do sr. provedor em negar a publicidade dos objectos, que, segundo a phrase do sr. Luciano Cordeiro, tem fechados a sete sêllos; eu, respondendo á intimação do auctor dos—*Thesouros de arte*, limitar-me-hei a deixar aqui registado, sem mais commentarios, este facto muito para se admirar n'um paiz em que as cousas de arte estivessem commettidas a pessoas competentes; naturalissimo, porém, n'uma terra onde as habilitações para o bom desempenho de certos cargos, valem, por via de regra, muito menos que a provada inhabilidade e a manifesta insciencia.

Lição ao mestre.—Os srs. Lucas & Filho, editores conhecidos, enriqueceram a sua—*Bibliotheca universal*, dedicada ao sr. visconde de Castilho, com o notavel romance, em dois volumes, assim intitulado, composto pelo primoroso escriptor e eximio jornalista o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Da vernaculidade, conceito e amenidade com que este notavel homem de letras

escreve as suas obras, têem larga noticia portuguezes e estrangeiros, porque as publicações litterarias do sr. Teixeira de Vasconcellos são bem conhecidas e devidamente apreciadas não só em Portugal, mas tambem no Brazil, e algumas até, por serem escriptas em francez ou estarem vertidas para esta lingua, em terras onde se não falla o idioma de Camões. O livro de que ora trato, reune todas as qualidades excellentes que se admiram nas antecedentes obras romanticas do mesmo auctor; engenho na urdidura, descripções coloridas, caracteres bem definidos, dialogo animado, interesse, moralidade, tudo, emfim, quanto é agradavel a quem lê, e póde servir de ensinamento aos que põem mãos como obreiros, em lavores d'esta natureza; e tão perfeitamente o livro do sr. Teixeira de Vasconcellos se desempenha d'esta ultima parte da sua proficua missão, que melhor se lhe poderia chamar, em vez de *lição ao mestre* — *lição de mestre*.

Almanach burocratico, geral, districtal e concelhio para 1875. — O livro, que tem este titulo, muito acertadamente coordenado pelo sr. Aristides Abranches, é um dos mais importantes e notaveis que se têem publicado ultimamente. Não o folheiem os que desejarem entreter o espirito com agradaveis leituras, porque não encontrarão n'elle uma unica pagina que devidamente corresponda á sua espectativa. O — *Almanach burocratico* é unica e simplesmente um livro de utilidade, absolutamente indispensavel nas repartições publicas, nos escriptorios commerciaes, no gabinete de trabalho, na officina e até no *boudoir* da mais elegante senhora, porque rara será a pessoa que não precise, mais de uma vez, durante o anno, saber o nome e a morada de qualquer dos individuos que — servindo-me das palavras que se lêem no preambulo assignado pelo sr. A. Abranches — exercem nos varios districtos administrativos do continente do reino e ilhas, funcções publicas, quer de ordem elevada, quer de humilde cathegoria, ou profissões particulares de reconhecida importancia. O interesse do publico em adquirir este excellente livro de 600 paginas, deve ser tal que recompense largamente o enfadonho trabalho que elle deu ao seu coordenador, e a avultada despeza que os editores fizeram para a sua publicação.

Nas vantagens que o novo almanach do sr. Abranches apresenta como auxiliador valioso de todas as classes da sociedade, está a recommendação d'elle, e n'essas proprias vantagens, de certo incontestaveis, assenta a probabilidade, se não a certeza, de que o livro terá extraordinaria venda e virá a ser em todos os annos que apparecer, um dos mais procurados e bemquistos. A edição pertence á empreza Carvalho & C.ª, que encetou, ha pouco, as suas publicações com a excellente — *Bibliotheca theatral*, e vae continual-as emprehendendo a vulgarisação de romances originaes e traduzidos, dos melhores auctores.

Magdalena e helena. — Em volume publicado pela acreditada livraria Moré, do Porto, se encontram impressos os dois notaveis dramas assim intitulados, devidos á brilhante penna do fecundo escriptor o sr. Pinheiro Chagas. O primeiro ainda hoje se repete no theatro de D. Maria II com geraes applausos; o segundo está retirado de scena ha tempos, mas foi sempre lisonjeiramente recebido pelas platéas d'aquelle theatro. Agora que estas duas famosas composições dramaticas estão impressas, têem occasião de as conhecer os que não lograram assistir á representação d'ellas, e de melhor apreciar as galas de estylo com que o dialogo de ambas está enriquecido, aquelles que, não obstante haverem-lhes dispensado os seus applausos no theatro, não puderam avalial-as com a pausa e o vagar de que unicamente se póde dispôr na tranquillidade do gabinete. A uns e a outros o reconhecido talento do auctor recommenda o volume.

Guia homœopathica para o tratamento das doenças sem dependencia de medico. — Esta conhecida obra de J. Prost-Lacuzon achou traductor competente para a divulgar em Portugal e no Brazil. Logo que a medicina de Hahneman começou de generalisar-se, a necessidade de formular manuaes praticos, que, sem omittirem nenhuma particularidade, fossem completos em indicações uteis, tornou-se reconhecida. De entre os que até hoje têem visto a luz da publicidade, considera-se mais notavel o de Lacuzon, pelo methodo como está organisado, e pelo acerto com que, no dizer dos entendidos, satisfaz plenamente ás exigencias de quem o consulta, e aos principios da sciencia de que trata. O reconhecido merito d'esta obra deu-lhe tal voga, que em França conta varias edições, e nos demais paizes tem sido traduzida e rapidamente vulgarisada. Em Portugal, e muito mais no Brazil, onde a homœopathia já conta muitos proselytos, deve, pois, a — *Guia* de Lacuzon, posta em portuguez, ter prompta venda, porque é auxilio economico para os que tendo fé nas theorias de Hahneman, pretenderem tratar-se, pelo menos quando forem acommettidos de enfermidades ligeiras, sem ter de recorrer ao serviço dos medicos.

Revista occidental. — Assim se intitula um novo periodico bimensal de que são redactores principaes os srs. Anthero do Quental e J. Batalha Reis, e collaboradores varios homens de letras portuguezes e hespanhoes. Custa semanalmente 8$000 réis em Portugal e 18$000 réis no Brazil.

Meteoros. — Mais um livro da ex.^ma sr.ª D. Guiomar Torrezão vem firmar o bom conceito em que é tido, geralmente, o mimoso talento d'esta senhora. *Meteoros* se denomina. Incumbe-se a auctora em algumas palavras que dirige a outra senhora, a quem dedica a obra, de provar a justeza do titulo. *O meteoro irrompe, brilha, deslumbra, atravessa o céo e expira sem deixar um rasto!* Assim será em relação ao livro da sr.ª D. Guiomar, com uma pequenina excepção, porém, e vem a ser, que estes — *Meteoros* deixam um rasto, que é a recordação agradavel que nos fica das amenas paginas em que os vemos fulgir. O livro da sr.ª D. Guiomar Torrezão é como certos paizes fadados pela natureza, nos quaes o viajante descobre a cada passo, quadros variados e formosos. Nos — *Meteoros* encontra o leitor biographias, critica de livros, descripções interessantes, contos ligeiros, tudo, emfim, quanto recreia, sem fatigar, a imaginação dos que procuram na leitura amena, entretenimento para as horas em que repousam de suas fadigas. Não faltarão, pois, leitores á nova obra da illustre senhora.

Historia da civilisação na europa. — É do grande historiador e notavel politico francez Guizot, a obra em dois volumes assim intitulada. Foi traductor d'ella o sr. marquez de Souza Holstein, a quem as letras, e principalmente as artes portuguezas, devem proficuos desvelos, e editor o sr. A. M. Pereira, que enriqueceu com tão celebrado escripto a sua interessante — *Bibliotheca de livros uteis*. A obra é conhecida das pessoas doutas e principalmente versadas em assumptos tratados por publicistas; áquellas a quem não tenha chegado a noticia e a fama d'ella, basta-lhes, de certo, o nome do auctor, universalmente estimado e applaudido como um dos engenhos mais notaveis da França moderna. A edição portugueza é apurada. Cada volume contém uma gravura em madeira, executada pelo habil professor da Academia o sr. Pedrozo. A primeira é o retrato de Guizot, a segunda representa a modesta casa de campo em Val-Richer, onde o famoso historiador exhalou o ultimo suspiro.

Brinde aos senhores assignantes do diario de noticias em 1874. — N'este folheto de 148 paginas destinado ao fim que o seu titulo indica, acham os leitores quatro pequenas obras litterarias, que muito os devem interessar. — *O degredado*, pela ex.^ma sr.ª D. Anna Maria Ribeiro de Sá, é um conto popular escripto em linguagem amena e elegante. — *Rosinha*, pelo sr. João Cesario de Lacerda, facultativo da armada muito dado á cultura das letras, serve de titulo a uma rapida novella baseada sobre factos da historia contemporanea, escripta em estylo fluente e mirando ao fim de symbolisar a conciliação dos partidos, que, não ha muito, se guerrearam com as armas na mão. — *Nos casebres do Loreto* é um conto moral, bem escripto e cheio de sentimento, no qual o sr. Brito Aranha phantasiou um enredo baseado em factos verdadeiros e que por ventura presenceou. Finalmente, a — *Lenda das ruinas*, pelo sr. Eduardo Coelho, narrativa historica extrahida das chronicas do condestavel, contém curiosos e interessantes apontamentos sobre a vida de um dos maiores vultos da historia patria, o grande D. Nuno Alvares Pereira. Vê-se, pois, que este livrinho é mimo precioso e digno da folha popular, que tamanha acceitação tem conseguido adquirir durante os seus dez annos de não interrompida publicação.

O cenaculo, revista contemporanea da litteratura portugueza. — O periodico mensal assim intitulado, promette ser interessantissimo e ter longa duração. É dirigido por um escriptor de talento, o sr. Candido de Figueiredo, e tem por collaboradores muitos dos principaes homens de letras do nosso paiz. Trata de assumptos de litteratura amena, e encerra no seu programma um dos principios que se tem procurado seguir na direcção litteraria das — *Artes e Letras*, e que me parece o melhor para publicações exclusivamente litterarias e alheias ao combate em que têem andado empenhados ultimamente alguns dos nossos escriptores mais apreciaveis. Este principio está consignado nas seguintes palavras, que se lêem na introducção do periodico do sr. Candido de Figueiredo: — *todos os obreiros da boa litteratura podem sentar-se á mesa do* cenaculo. Estou certo de que o director da nova revista contemporanea da litteratura portugueza ha de respeitar este ponto essencial do seu programma, no qual mostra a sua tolerancia litteraria, e o respeito que professa por todos os homens de talento do nosso paiz, seja qual fôr o campo em que elles militem.

Os dramas celebres do amor. — Assim se intitula o fasciculo n.º 10 da bibliotheca — *Educação popular*, de que são editores os srs. Lucas & Filho e director litterario o sr. Pinheiro Chagas. Este numero é escripto pelo director da publicação, e, como o titulo diz, contém interessantes narrativas, ás quaes servem de base os amores de personagens popularisados, uns pela historia, outros por livros romanticos de bastante voga. Os primeiros amores de que o livrinho trata, são os de D. Ignez de Castro com D. Pedro; seguem-se-lhes os de Heloisa e Abeillard; após estes veem os de la Vallière e Luiz XIV, terminando com os de Marianna Alcoforado, freira franciscana do convento da Conceição de Beja, com M. de Chamilly, official francez ao serviço de Portugal, em 1668. Esta ultima narrativa que tem no livro o titulo de — *A religiosa portu-*

gueza, é por ventura a mais interessante das quatro de que trata o volume, que não é dos menos curiosos e aprazíveis da collecção até hoje publicada.

O marquez de pombal.—Deu o sr. Pinheiro Chagas esta denominação ao n.º 11 da referida—*Bibliotheca*, dos srs. Lucas & Filho. É facil de perceber que o volume trata resumidamente da administração famosa do grande vulto politico portuguez, a quem a posteridade chegou a fazer inteira justiça. A interessante narração é acompanhada de sensatas e elucidativas reflexões do sr. Chagas, correspondendo perfeitamente ao fim a que a publicação se propõe, que é derramar amenamente o ensino pelas classes populares.

(Continua.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

═══ A celebre faca de mato cinzelada pelo sr. Rafael Zacharias da Costa, afundou-se no alto mar por occasião do naufragio do vapor *Cadiz*. O sr. Estevão de Sousa, proprietario d'ella, tinha-a segura em 31:500$000 réis, e remettia-a para Inglaterra a fim de ser ali vendida. Do primoroso trabalho que tanta honra fazia ao sr. Zacharias da Costa, resta apenas a gravura que esta folha publicou em o n.º 8 da presente serie, e algumas photographias executadas pelo distincto amador o sr. Carlos Relvas e pelo sr. Rocchini. Magoa-nos sobremaneira ter de registar este successo.

═══ A Academia real de bellas artes fez acquisição de uma notavel custodia que pertencia á ordem terceira do Carmo. É um interessante exemplar de ourivesaria dos principios do seculo xvi, talvez de 1520, bem conservado, apenas com algumas pequenas adulterações faceis de reparar, mas sem acrescentamento algum moderno. Não se póde affirmar que seja obra portugueza por lhe faltarem indicios bastante caracteristicos para isso. A fórma da custodia é gothica, do segundo periodo, chamado *florido*, com ornatos que já se resentem da influencia do renascimento. Compõe-se essencialmente de uma base ornamentada com figuras em alto relevo representando Nossa Senhora, S. João Baptista, S. Jeronymo e Santo Antonio, muito bem executadas e separadas umas das outras por ornatos feitos com delicadeza e perfeição. O pé que nasce da base, é ornado com coruchéus e arcarias de puro gothico. Pertence ao mesmo estylo a cupula que assenta sobre duas pilastras, tambem gothicas, que muito elegantemente terminam o ediculo, cuja fórma é sobre modo airoza. Parece que este objecto pertenceu primitivamente ao convento da Pena em Cintra.

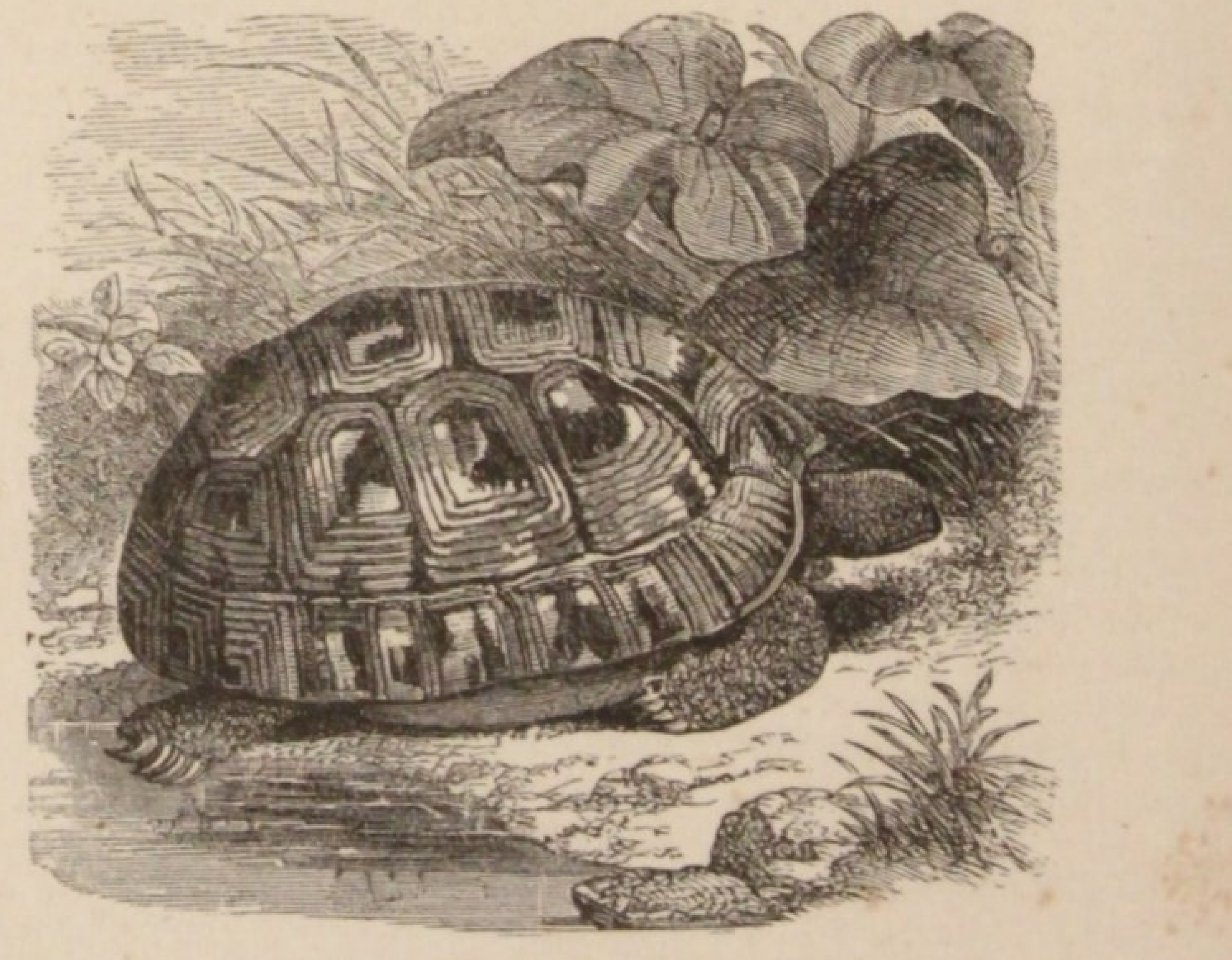
═══ Tivemos occasião de vêr a curiosa collecção de aguarellas executadas pelo sr. Carlos Van Zeller, fallecido ha annos, as quaes são hoje propriedade do sr. Eduardo Van Zeller, seu primo. Muitos d'aquelles trabalhos são correctamente desenhados e graciosamente compostos, revelando todos o espirito e a singular vocação para as artes com que era dotado quem os effeituou. A collecção do sr. Van Zeller é, por assim dizer, um album de apontamentos de viagem feitos a pincel, e tem importancia não só como obra de esclarecido curioso, senão como subsidio apreciavel para quem quizer fazer a historia dos costumes da peninsula, durante a primeira metade d'este seculo. O sr. Eduardo Van Zeller possue, alem d'estas aguarellas, alguns quadros a oleo, figurando entre elles duas cabeças esboçadas do natural pelo nosso insigne Domingos Antonio de Sequeira. Na sua sala tambem se encontram loiças antigas de Sèvres, de Saxe, da India, do Japão, de Derby e de Wedgwood, bem como alguns objectos de verdadeira curiosidade.

A extrema amabilidade de outro cavalheiro devemos tambem a satisfação de conhecer um dos melhores quadros de Michaud, que temos visto. É possuidor d'esta famosa obra o sr. Duarte Sergio de Oliveira Duarte, intelligente amador e colleccionador de objectos de arte. O quadro de Michaud é dos maiores d'aquelle artista e representa um mercado. Tem grande numero de figuras perfeitamente desenhadas e tocadas com tanta finura e ao mesmo tempo tão largamente, que é um encanto analysar com attenção aquelle formosissimo lavor artistico. O grupo do plano principal, onde ha um velho assentado a vender peixe, tendo á esquerda um cavallo branco; um barco cheio de gente navegando em plano secundario; outro do lado opposto, aguentado por uma vara que um maritimo esforçadamente segura, são de inexcedivel perfeição como desenho, como colorido e como toque firme e acertado. Temos este quadro pelo melhor do mesmo auctor, que existe no paiz. O sr. Oliveira Duarte tambem possue outros quadros antigos dignos de serem vistos, não devendo deixar de mencionar-se dois esbocetos do fallecido professor da nossa Academia, Joaquim Rafael, representando assumptos sacros.

═══ Tiveram grande baixa em Inglaterra os quadros antigos. O principal motivo d'esta inesperada depreciação é, de certo, o haver-se descoberto em Londres uma fabrica de copias das composições dos mestres inglezes. Os quadros de Linnell eram os de preferencia copiados, sendo as contrafações vendidas por originaes, aos amadores menos esclarecidos. Dava-se uma circumstancia curiosa. Os falsificadores compravam um quadro original do mestre, pedindo recibo, carta ou qualquer documento relativo á obra, e mandavam tirar as copias que queriam para as vender depois authenticadas pelo recibo, carta ou documento, que havia acompanhado o original. Este meio, sagazmente imaginado para enganar os incautos, não falhava nunca. As copias eram compradas, sem que o individuo que fazia a acquisição, ficasse com a minima duvida ácerca da authenticidade da pintura. Por este modo a fabrica chegou a ganhar sommas avultadissimas. Entre as télas de Linnell copiadas, figuram o—*Pastor montanhez*, um—*Bonito dia para a pesca*, o—*Pastor tocando flauta* e muitas outras. Parece que de alguns quadros foram vendidas dez e doze copias, sempre como originaes, graças aos certificados, e sem que os compradores tomassem precaução alguma para adquirirem qualquer outra prova de authenticidade da obra, que pagavam por bom dinheiro.

═══ A França acaba de perder um grande artista. O celebre pintor Corot falleceu em a noite de 22 para 23 de fevereiro. João Baptista Camillo Corot nascera em Paris a 29 de julho de 1796; ía completar, pois, a avançadissima idade de 79 annos. Seu pae foi empregado publico, sua mãe era modista. Depois de haver feito rapidos estudos no lyceu de Rouen, Corot dedicou-se ao commercio de pannos. Tinha 25 annos, quando, seguindo os conselhos do pintor Michallon, conseguiu ser admittido no *atelier* de V. Bertin. No seguinte anno dirigia-se a Roma, e pouco tempo depois enviava dois quadros, que foram recebidos no *Salão de 1827*. Desde esta época até 1875, Corot figurou em todas as exposições officiaes, sem excepção alguma. Foi feito cavalleiro da Legião de Honra em 1846, e promovido a official em 1867. No dia 1.º d'este anno, os seus collegas offereceram-lhe no *Grand-Hôtel*, uma medalha de honra, que o famoso artista acceitou com a mais indescriptivel commoção. Corot legou ao Louvre dois notaveis quadros, dos quaes não quiz nunca separar-se—*Hagar no deserto* e—*Dante*. No *Salão* d'este anno devem figurar duas grandes télas do fallecido mestre, intituladas—*Uma dansa antiga* e o—*Rachador de lenha*. A escola franceza ha de sentir por muito tempo a irreparavel perda de tão famoso paizagista. Falleceram mais os seguintes artistas: João Francisco Millet, notavel paizagista; Guilherme Régamey, joven pintor de batalhas; Laugier, gravador de historia; m.elle Victorina de Tréverret, que pintava notavelmente em porcelana, e da qual o museu de Sèvres conserva uma copia da—*Familia de Gerard Dow*, muito apreciada na exposição universal de 1855. Todos estes artistas eram francezes.

═══ Parece que os roubadores de objectos de arte em Hespanha, não deram ainda por concluidos os seus trabalhos. Depois dos cartões de Goya, roubados em Madrid; depois do—*Santo Antonio*, de Murillo, e da corôa da Virgem da capella de S. Fernando, roubados em Sevilha; depois da—*Mater Dolorosa*, de Alonzo Cano, roubada em Granada, um audacioso espertalhão apoderou-se ultimamente de uma imagem valiosa, em ponto pequeno, que existia n'uma igreja de Hespanha, enviando-a immediatamente para França. A imagem, de madeira pintada e doirada, representa a Virgem e é considerada trabalho precioso do fim do seculo xvii. M. Haro, remetteu-a, como deposito, para casa dos conhecidos banqueiros francezes André & Marcuards.



1553 – Imprensa Nacional – 1874



TIRO CERTEIRO

QUADRO DE MAFFEI

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



Numero 11—Lisboa—3.ª Serie

TIRO CERTEIRO



VAROU-TE o peito uma bala! pobre veado! Atravessavas descuidoso a cerrada mata, em busca da pastagem virente, ou em demanda do regato crystalino em que pudesses saciar a sêde abrasadora, e encontraste no caminho a morte! Esperava-te de atalaia, e á traição, por detraz de emmaranhada moita, caçador experimentado e dextro. Ao avistar-te, ao longe, por entre os pinheiros e os carvalhos, reverberou-lhe nos olhos a alegria do tigre que aguarda a sua victima como se já devéras fôra sua presa, examinou ainda uma vez a escorva, sofreou os impetos do sabujo, encurtando-lhe a tréla, e quedou-se immovel e attento até que lhe entraste no alcance.

Então, mettendo a espingarda á cara, e firmando a pontaria, desfechou; a detonação acordando os écos tristes da mata, deteve-te subitamente na carreira; de repente, porém, sentiste-te ferido, e viste o proprio sangue tingir o terreno que pisavas; tomado de medo, quizeste fugir, e partiste com a rapidez do raio, mas a este vigoroso impulso succedeu dentro em pouco o cansaço e o torpôr que em vão tentaste dominar.

As forças abandonavam-te, a luz dos olhos ía-se-te amortecendo pouco a pouco, e conhecias que com ella se te apagaria de todo a vida; já nem a pastagem virente, nem o regato crystalino te lembrava; só na companheira e nos filhos pensavas; era para elles que corrias, era entre elles que querias morrer. O caçador, porém, receiando perder-te, largou a tréla ao sabujo, e o sabujo voou em tua perseguição; redobraste então em esforço para lhe escapares, mas as forças falleceram-te de todo, e foste caír extenuado na clareira proxima. Procuraste ainda erguer-te, porque já sentias proximo o teu perseguidor, mas não pudeste; pendeu-te inerte a cabeça, deixaste de ouvir os latidos do sabujo, e cerraram-se-te para sempre os olhos: estavas morto. O tiro fôra certeiro.

O veado que figura junto de Diana n'alguns monumentos e moedas antigas, que na infancia do christianismo, nas eras das crendices e superstições, era o symbolo da verdade e da justiça, da eterna lucta do bem contra o mal, porque era o maior inimigo da serpente, imagem de Satanaz; já não tem hoje a importancia symbolica d'esses tempos remotos, mas para os caçadores é ainda este animal, não só na Russia, Allemanha e França, mas tambem na Hespanha e em Portugal, o mais estimado e mais nobre de todos que a arte de montear comprehende.

Eram afamados, pela sua belleza e corpulencia, os que se creavam n'algumas das nossas antigas tapadas e coutadas reaes, e magestoso o esplendor com que os nossos reis, usavam entregar-se a este divertimento, por muito dados a elle. O direito de caçar foi por muito tempo restricto, ás pessoas reaes e á nobreza, assim em Portugal como no resto da Europa. A arte de montear era então considerada não só como aprazivel divertimento e prenda indispensavel ao primor de cavalleiro, mas como escola em que os fidalgos se adextravam no uso e manejo das armas, como quem se apercebia e aprestava para a guerra.

Dos episodios de algumas d'essas festas — porque o eram, e de muito luzimento, quando se não volviam em verdadeiras e arriscadas luctas — nos deixaram preciosos monumentos os pinceis dos mais celebres e famosos pintores, taes como Rubens, Teniers, Velasquez, etc.

Como íamos dizendo, porém, não só o direito de caçar foi por muito tempo restricto, mas rigorosas as leis que o regulavam em o nosso paiz, e extremamente severas as penas inflingidas aos infractores.

O feudalismo outhorgara exclusivamente á nobreza a prerogativa d'aquelle direito, com grave prejuizo da agricultura, por isso que a propriedade particular estava em muitos casos subjeita ao direito de caça, e era considerada para todos os effeitos como coutada ou montaria.

Era tão grande a extensão que essas coutadas occupavam ainda nos reinados de D. Affonso V e D. João II, que os povos pediram nas côrtes de Montemor-o-Novo que se descoutasse parte d'ellas, para que os campos se pudessem aproveitar, e se evitassem os damnos que as caças silvestres faziam nas sementeiras. «El-rei, como principe tão amante de seus vassallos, o consentiu e descoutou muitas terras[1].» O mesmo fez el-rei D. Manuel nas côrtes de Lisboa de 1498 e Filippe II em 1594, ordenando que desde então não houvesse mais coutadas alem das de Lisboa, Cintra, Collares, Almeirim e Salvaterra, e das tapadas de Villa Viçosa e Mafra.

Não obstante, porém, as leis que regulavam o direito de caça continuaram a ser rigorosas e severas, do que ainda dão testemunho o *Regimento do monteiro-mór do reino de 20 de março de 1605*, e o *Regimento das coutadas de 18 de outubro de 1650*, cujas disposições e penas merecem a attenção do leitor curioso e amante de velharias.

A revolução de 1793 aboliu em França estas leis e privilegios similhantes aos nossos, e pouco depois caducavam tambem em Portugal. Hoje, felizmente, todos podem caçar, quando munidos da licença necessaria, e nas épocas que a lei designa.

Antes de terminarmos esta rapida e deficiente noticia,

[1] Mappa de Portugal antigo e moderno, pelo padre João Baptista de Castro, tomo I, parte 2.ª, capitulo XII. Ed. de 1762.

a que poderiamos dar maior desenvolvimento se não carecessemos por agora dos elementos necessarios, e para que o leitor que porventura o ignore, possa fazer uma idéa do fausto e magnificencia com que antigamente se realisavam as caçadas reaes, daremos aqui breve relação da que se effectuou n'uma época já recente, na tapada de Villaboim, em 25 de janeiro de 1729, por occasião dos desposorios de D. José I com a rainha D. Maria Anna Victoria de Bourbon, segundo a refere frei José da Natividade, prégador geral da ordem dos prégadores.

Era então monteiro-mór do reino, Fernão Telles da Silva, que a este cargo reunia os de caçador mór e falcoeiro-mór, e a quem, como tal, incumbia presidir ás caçadas, e dar as ordens necessarias aos monteiros de cavallo e de pé, e aos moços do monte.

A comitiva entrou na mata na ordem seguinte:

4 Couteiros adeante, a cavallo, com suas espingardas;

8 Trombetas de caça, cada um segundo a sua graduação, vestidos de verde e tão agaloados de prata, que apenas se lhes divisava a côr das librés;

2 Partidas na frente, cada uma de 6 couteiros, commandadas por um monteiro-mór da comarca;

8 Partidas de 8 couteiros a cavallo, com suas espingardas, cada uma similhantemente commandada;

54 Batedores do mato, a pé, cada um com seu sabujo atrelado, e com suas armas e choupas ao modo de moços do monte;

3 Emprazadores [1];

47 Moços do monte a cavallo;

1 China bem montado com seis cavallos de mão para o monteiro-mór, conduzidos por seis palafreneiros tambem a cavallo;

6 Monteiros móres das montarias;

14 Officiaes ou couteiros das coutadas;

37 Monteiros pequenos;

O ministro geral das coutadas para expedir as ordens;

O monteiro-mór em uma berlinda a seis;

2 Carros para a caça pintados de prata e verde, e tirado cada um por seis mulas;

2 Azemolas para o mesmo ministerio.

«Quando as pessoas reaes entraram na mata, diz frei José da Natividade, acharam já o monteiro-mór formado com a sua comitiva. Apearam-se e foram penetrando n'aquella mata: ao mesmo tempo se espalharam os monteiros, e vieram batendo o mato por todas as partes para aquella em que estavam suas magestades e altezas. Foram muitos os tiros que se fizeram, e a senhora princeza do Brasil, que, assim como se distingue nas relevantes prendas da erudição, musica, dança e bordadura, não é menos singularmente insigne na da caça, empregou tres com summa dextreza, matando á espingarda dois coelhos na carreira, o que foi de summo gosto para suas magestades, e para todos de grande admiração. Houveram-se á mão alguns coelhos vivos, e soltando-se todos á sua vista, atirou ella a um d'elles, e, matando-o, o duque de Cadaval e estribeiro-mór o fez embalsamar. Quando suas magestades, concluido este divertimento, se recolheram a Elvas, era já quasi noite; e foi ella tão igualmente festiva, como as antecedentes.»

A grandeza e lustre d'estas festas foram-se perdendo pouco a pouco até se reduzirem ás modestas condições das que se têem verificado na tapada real de Villa Viçosa durante o reinado de el-rei D. Luiz.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

[1] Monteiros pequenos, ou moços do monte que observam o sitio da caça para se fazer a batida.

DO HYTOPADESA

(Versão)

N'um valle fundo e escuso havia uma mangueira
frondosa, onde de inverno as aves multicôres
vinham armar seu ninho, á sombra hospitaleira,
cantando alegremente os placidos amores.

Um dia, — era de inverno — occultas na ramagem
velavam sobre o berço as azas maternaes;
rugia a natureza um cantico selvagem
e o céo mandava á terra as chuvas torrenciaes.

N'isto apparece lá um bando immenso e esguio
de monos bestiaes, fugindo em debandada;
alagados da chuva e tremulos de frio
á rama secular vinham pedir poisada.

Tiveram compaixão as aves, e bondosas
fallaram d'esta sorte aos rudes estrangeiros: —
Emquanto o céo derrama as aguas caudalosas
onde vos abrigaes, errantes forasteiros?

«Deus apenas nos deu um fragil bico e as azas,
mas, quando chega o inverno, as chuvas e os terraes,
das hervas da montanha armâmos nossas casas,
emquanto vós sem lar nas serras divagaes.

«Vós a quem Deus formou tão fortes, tão completos
que até vos concedeu as perfeições humanas
podieis habitar os sitios mais selectos
e construir ali palacios ou choupanas.

«Não tereis que andar á chuva e aos temporaes.» —
— N'isto os monos raivando ás aves retorquiram: —
«Por terdes um abrigo é que de nós zombaes?...»
— e mal cessou a chuva, os ninhos destruiram.

Esmagaram no berço os pobres passarinhos,
torcendo-os entre as mãos, rojando-os pelo chão,
e fugiram, crueis! deixando aos pobresinhos
os temporaes do inverno, a dôr e a solidão.

É perigoso dar conselhos á ignorancia; —
quem a quizer tirar da triste obscuridade
terá de lhe soffrer o odio, a petulancia,
tragando em recompensa o fel da iniquidade.

Lisboa. CHRISTOVAM AYRES.

THEATROS

(Conclusão)

No theatro da Trindade tem-se repetido amiudadas vezes uma graciosissima comedia n'um acto, original do sr. Pinheiro Chagas, denominada — *Quem desdenha* ... É composição bem urdida, cheia de vida e animação; tem dialogo fluente e algumas scenas de seguro effeito para as platéas. Foi muito bem interpretada pelos artistas a quem couberam os principaes papeis.

Zé Fura-vidas é o titulo de outra comedia original, representada tambem na Trindade, e da qual é auctor o sr. Cunha Moniz. Esta comedia repetiu-se poucas vezes, não obstante ser alegre e haver tido bom desempenho. Prejudicou-a, de certo, haver o auctor, á força de querer escrever portuguez, abusado um pouco do emprego de plebeismos no dialogo.

Foram muito applaudidos nos seus beneficios os actores Augusto Rosa, Isidoro, João Rosa, Leone, a actriz Florinda e o tenor Silva. Em a noite de festa dos quatro primeiros, estreiaram-se as comedias em tres actos (traducções) — *As proezas de D. Quixote* — *Quatro mulheres n'uma casa* — *Mãos de fidalgo* e a comedia

em quatro actos a — *Botija;* na de Florinda, foi á scena a opera-comica em tres actos, correctamente vertida do hespanhol pelo sr. Francisco Serra — *O atrevido na côrte,* e na de Silva a opera italiana — *As educandas de Sorrento.*

Actualmente a peça que mais chama a attenção para aquelle theatro, é a — *Filha da sr.ª Angot,* a celebre opera-comica de Lecocq, tão conhecida e victoriada nas principaes côrtes da Europa. Em Lisboa foi esta peça levada á scena com grande explendor de vestuario e scenario, sobresaindo a tudo a vista do primeiro acto, primorosamente pintada pelos srs. Procopio e Lambertini.

Quanto a mim, porém, o que durante a presente época theatral tem havido de mais notavel na Trindade, é o desempenho do actor Ribeiro na comedia em dois actos, traduzida do hespanhol — *Uma creança de 90 annos.* Se o publico houvesse por habito ir áquelle theatro vêr representar comedias, e não operas-comicas, a — *Creança de 90 annos* teria dado successivas enchentes, não pelo que a peça vale, que pouco é, mas pelo brilhante desempenho do primeiro papel d'ella, um velho de noventa annos, curvado até o chão, meio idiota, com a voz quasi extincta e fazendo maldades como qualquer creancinha. Ribeiro foi realmente inexcedivel n'este papel. Como os actores que se tornam odiosos do publico porque fazem com energia e verdade uma carregada parte de tyranno, assim Ribeiro infundia sincera e profunda compaixão pela naturalidade com que figurava aquella senilidade extrema, aquelle idiotismo affligidor. As gargalhadas quasi sumidas, o susto quando ouve fallar em tropa, o deliquio com que termina a comedia, tudo é de uma perfeição e acabamento fóra do vulgar.

Nos demais theatros as peças que maior concorrencia obtiveram, foram o — *Cofre dos encantos,* magica em tres actos e innumeros quadros, pelo sr. Parisini, e — *Lisboa no palco,* revista do anno de 1874, pelo sr. Sousa Bastos, a primeira dada nas Variedades e a segunda na Rua dos Condes. A revista apresentada este anno pelo sr. Sousa Bastos foi considerada uma das melhores que têem apparecido em os nossos theatros, porque registava engraçada e conceituosamente os factos, e estava ornada com o espectaculo indispensavel em peças d'aquelle genero.

Para fallar de todos os theatros de declamação que ha em Lisboa, resta-me citar o do Principe Real. De proposito o deixei para o fim, porque preciso occupar-me d'elle com algum vagar, não para fazer analyse detida da opera-burlesca — *O filho de m.me Angot,* letra do sr. Baptista Machado e musica do sr. Angelo Frondoni, peça que pelos chistes do poema, excellente partitura e luxo com que está posta em scena, attrae actualmente a curiosidade publica; mas porque mais uma vez coube áquelle theatro a gloria de ser o alvo das attenções das pessoas que frequentam os espectaculos de primeira plana.

Celestina de Paladini, celebre actriz italiana, veio ao palco do Principe Real colher com o seu explendido talento dramatico, tantas ou mais palmas, tantas ou mais ovações, quantas, ha annos, na mesma scena, havia colhido o afamado tragico Rossi.

Descrever o enthusiasmo que a eximia actriz causou em Lisboa, a sensação que produziu nos que a viram, o delirio com que foi victoriada, é tarefa quasi impossivel de realisar. Durante as duas ou tres primeiras representações que deu, emquanto o seu nome não se tornou conhecido, os logares do theatro estiveram quasi abandonados; mas apenas constou o muito que Paladini valia, logo que se divulgou que a actriz italiana era um dos melhores talentos que têem visitado a capital, e que o numero de recitas que podia realisar seria limitadissimo, as enchentes foram immensas e successivas, chegando-se a pagar camarotes e logares de platéa por avultados preços.

Todas as demonstrações de estima que Lisboa tem dado por vezes aos grandes artistas, dispensou então prodigamente a Paladini. Alem das palmas e dos bravos enthusiasticos do publico, recebeu a notavel actriz prendas de grande valor offerecidas pelas pessoas reaes; formosos *bouquets* e corôas vistosas, uma das quaes dada pela imprensa da capital; poesias laudatorias; acclamações na rua quando recolhia do theatro; todas as homenagens, emfim, que se pódem prestar á realeza do talento, e que o publico portuguez não regateia aos artistas que sabem captival-o.

Celestina de Paladini é effectivamente uma actriz de subido talento e de preciosos dotes de observação e estudo. Depois da Ristori, do Salvini e do Rossi, Lisboa ainda não havia admirado comediante de mais extraordinario merecimento. Incompleta na tragedia em consequencia da sua estatura mediana e da carencia de certos attributos indispensaveis para a perfeita execução dos grandes lances, representa o drama intimo com singular correcção e mestria. Apresentou-se-nos em peças da escola antiga e da escola moderna. Durante as scenas mais familiares d'estas, sustentou sempre admiravel naturalidade, mostrando que seguia com louvavel rigor os preceitos adoptados pelos melhores modelos do theatro de hoje; nas composições antigas, procurava aproveitar as scenas mais reaes d'ellas para as reproduzir com a verdade possivel, reservando os seus vigorosos recursos dramaticos para as situações violentas, cujo effeito theatral obtinha com arrojo, energia e sentimento.

A dôr profunda, a loucura e as agonias da morte são imitadas pela famosa actriz com tal conformidade e similhança, que o publico chega a commover-se e a horrorisar-se durante as representações de algumas peças, como se tivesse na sua presença a realidade e não a ficção. Succedeu assim no quarto acto das — *Causas e effeitos,* quando, vendo expirar o filho, a actriz desatava em copioso e afflictivo choro; no quarto acto da — *Linda de Chamounix* e no segundo da — *Louca de Toulon,* quando perdia a razão, e no prologo da — *Estatua de carne* e no ultimo acto da — *Dama das Camelias,* quando simulava os derradeiros paroxismos da tisica.

Se n'uma ou n'outra scena de alguns dramas, a grande actriz não satisfez plenamente os entendidos, que, de certo pelo muito elevado conceito em que a tinham, lhe exigiam que fosse sempre completa, os prodigios que ella exhibiu em tantos e tão variados papeis, em tantas e tão oppostas situações, foram-lhe levados em conta para o unanime applauso com que todos saudaram o seu brilhantissimo talento. Nem podia deixar de ser assim; os lances patheticos das peças que já citei, o quarto acto da — *Mãe e filha* e o quinto da — *Adelaide,* resgataram perfeitamente a ingenuidade por ventura exagerada com que a celebrada actriz fez o primeiro acto das — *Causas e effeitos,* a individualidade talvez pouco verdadeira com que figurou de Margarida Gautier, e o trabalho de certo menos brilhante com que desempenhou o terceiro e quinto actos da — *Estatua de carne.*

Os artistas que vinham na companhia de Paladini representaram sempre muito regularmente, distinguindo-se alguns em difficeis papeis, e primando todos pelo dizer correcto e natural, e pela harmonia que sabiam conservar no conjuncto de todas as peças. Bianchi, o primeiro actor dramatico da companhia, Chioldi, engraçada *soubrette,* e Cavara, comico alegre e muito variado nas suas creações, foram os que melhor souberam ganhar as sympathias dos espectadores.

Registado o grande acontecimento theatral produzido pela vinda de Paladini a Lisboa, e citadas as principaes peças dadas nos theatros de Lisboa, nada mais ha a dizer sobre o assumpto, visto que dos artistas do circo e dos Davenports, seus similhantes em agilidade, me julgo dispensado de tratar. Verdade seja que ainda me falta fallar do theatro de S. Carlos; d'este, porém, narra-se a historia da presente época em quatro palavras: — na sala, amiudadas enchentes e parcimonia de applausos; no palco, nenhuma celebridade artistica á excepção da sr.ª Sass, nenhum tenor acceitavel á excepção do sr. Corsi, e nenhuma opera nova sem excepção alguma.

Depois de escripto este artigo, mais duas producções originaes foram representadas nos theatros de Lisboa. A primeira — *As apparencias,* drama em quatro actos pelo sr. L. Lucotte, deu-se no Gymnasio, em beneficio do actor Simões; a segunda — *Os viscondes de Algirão,* pelo sr. Cesar de Lacerda, subiu á scena do theatro de D. Maria II, em beneficio d'este applaudido auctor-actor.

As apparencias é um drama convencional, mas bem combinado, com situações dramaticas de seguro effeito e alguns ditos comicos que alegram os espectadores. O seu auctor tem revelado em mais de uma obra para o theatro, a muita disposição que possue para este genero de litteratura. Oxalá continue a escrever peças, se não melhores, tão boas como a ultima que fez, que é, sem duvida, de todas as que lhe tem sido representadas, a mais bem urdida e dialogada.

No desempenho, houveram-se perfeitamente os principaes artistas, distinguindo-se o actor Simões, que interpretou com o maior acerto o seu trabalhoso papel, merecendo do publico justissimos applausos.

Os viscondes de Algirão é uma comedia fina, de bom dialogo, mas com algumas scenas longas e pouco animadas. O seu entrecho corre naturalmente. Passa-se em duas épocas. Os dois primeiros actos succedem em 1834; estão perfeitamente traçados e têem algumas scenas de verdadeiro interesse. Os tres ultimos alcançam o anno de 1855, e são feitos com menos felicidade que os dois primeiros. O terceiro, um acto excellente de exposição, ouve-se com frieza porque vem depois do primeiro e segundo, que preparam o publico para assistir ao desenvolvimento da acção, desenvolvimento que não existe, porque o enredo da segunda época differe completamente do da primeira, que é como que um longo prologo em dois actos.

O desempenho da comedia foi muito bom por parte de todos os interpretes, cabendo, porém, as honras d'elle, á actriz Carolina Falco, que representou primorosamente o seu papel, mormente no terceiro acto; e ao actor Antonio Pedro, que de uma parte insignificante fez uma creação magnifica.

É com o mais vivo prazer que á lista dos originaes representados este anno em os nossos theatros, accrescento estes dois, que se não obtiveram extraordinario acolhimento do publico, fazem, todavia, honra á litteratura dramatica portugueza.

RANGEL DE LIMA.

A AGUADEIRA DE VENEZA — O PASTORSINHO ROMANO

Tenho uma idéa vaga de que os vi.

Ella, a Therezina, a aguadeira, enchia com a sua gentileza selvagem, com o seu olhar humido e ardente, com a tempestade dos seus cabellos negros, com a sua vózinha tro de ferro e fogo que engolia furiosamente o espaço, e voltava de novo ás tentativas melodicas, emquanto o molosso, o fiel companheiro, dominava com o seu olhar intelligente e triste, a alvoroçado rebanho.

Lá o rapazinho, tenho eu a certeza de que o vi, n'uma deveza, á beira de um barrocal, n'alguma rechan solitaria d'aquella vasta e assoalhada *campanha,* que eu atraves-



A aguadeira de Veneza

enrouquecida, com o requebro forçado do seu corpinho, uma *rughetta* qualquer, suja e deserta.

Convem dizer que uma *rughetta* se enche com qualquer cousa: é a *ruga,* a hypothese veneziana de uma rua, reduzida ás mais modestas proporções; ás proporções de um saguão.

Elle, o pastorinho, o nomada descuidoso e alegre das ardencias e das pestilencias da *campanha,* interrompia os ensaios da avena para saudar ruidosamente o comboio, seguia por momentos, com a vista espantada, aquelle mons- sava, cheio de um sentimento inexpremivel e profundo, esperando a cada instante ver desenhar-se nas purpuras do horisonte, a cidade eterna.

Por signal que me lembrei de Giotto, aquelle outro pastorinho que Cimabue encontrou a ensaiar entre as estevas e as ovelhas, o *dono di Dio* com que havia de rasgar um dia os fundos aureos do Bysantino, fazendo jorrar sobre a Arte a aurora explendente da renascença italiana.

Quem sabe se n'aquella creança, que experimentava na avena grosseira a traducção das vagas harmonias lá de

dentro, não se formava, em face da severa e opulenta magestade d'aquella natureza, a alma de um Pergoleso, que a *malaria* primeiro do que um Cimabue da musica, encontraria talvez?

Ah! Quantos Giottos se perdem á mingua de um Giovanni Gualtieri!

E quantos poderia registrar a Arte nos bronzes da sua contemporanea sómente e deficientemente pela da arte franceza: as suas decadencias e as suas glorias, as suas feições dominantes e os protestos isolados que do seio d'ella se elevam, não sómente nos preoccupam nas nossas criticas, mas dirigem-nos nas nossas sympathias e aspirações. É o que acontece, por exemplo, na velha e confusa questão do *realismo* artistico.



O pastorsinho romano

historia, se os seus cultores, como o pastorinho de Vespignano, embebessem, por um lado, aquelle *dono di Dio* de que falla Vassari, no seio jocundo da Natureza, e por outro, o vasassem no estudo sincero e paciente, em vez de o desperdiçar em phantasias fatuas, em convenções esterilisadoras, em gloriolas inanes!

Vinha aqui á mão de semear um dissertar mais ou menos lamentoso sobre os eternos motivos da decadencia da arte e... da perdição do mundo.

Nós estamos costumados a julgar da situação da arte

Graças principalmente ao bello livro de Proudhon, infelizmente mais citado do que conhecido, nunca se falla aqui em realismo pictorico, que não se ouça o nome de Courbet, elevado, entre applausos ou entre chascos apaixonados, á cathegoria de uma verdadeira revolução, de uma solução definitiva, de uma escola completa e novissima, — e que não rebentem os enthusiasmos ou as coleras de um sectarismo exclusivista, falso porque é exclusivo, e falso ainda porque sendo exclusivo, pretende amarrotar o facto e a evolução natural da Arte, a propria Natureza

até, no cadinho de um systema preestabelecido, em vez de deduzir este d'aquella.

Para mim a Arte é simplesmente uma resultante social começando por ser um resultado da propria natureza humana; — é o «homem junto ás cousas», como disse um grande philosopho que reuniu n'esta phrase caracteristica a affirmação de outro de que a Arte era o resplendor da Verdade, com a d'aquelle profundo arabe que definiu a Verdade, «a equação entre o homem e as cousas».

Formula exclusiva de um systema, é que elle não é com certeza, e parece-me extravagante que a queiram estreitar n'uma concepção escolastica qualquer, exactamente n'uma época em que o principio supremo da critica scientifica é deduzir a concepção dos phenomenos, do estudo positivo das suas leis.

Que Luiz XIV dissesse dos admiraveis labregos de van Ostade ou de Tenier: *Otez-moi ces magots*, ou que Paulo IV se assustasse com as magestosas nudezas do *fresco* do Buonarroti e encontrasse um Volterra que se prestasse a cobril-as, é natural.

É porém deploravel que a critica pareça ás vezes amesquinhar-se até á nulla valia artistica d'aquelles dois sujeitos, e que no fanatismo das producções deslumbrantes da Arte chamada classica, volte, desdenhosa, as costas aos Ostade ou aos Teniers de qualquer tempo ou de qualquer paiz.

E não é menos deploravel que na sympathia por estes, ou n'uma preoccupação social, que para ser justa precisa ser positiva, se faça fanaticamente iconoclasta dos monumentos ou dos productos artisticos que parecem contrariar essa preoccupação ou representar uma preoccupação opposta.

Tudo isto quer dizer, que n'estas questões de escolas me parece que a Verdade e a Natureza são a miude sacrificadas á intolerancia e aos preconceitos doutrinarios, e que eu, exactamente porque amo a verdade e a natureza, sympathiso com as duas figurinhas italianas que suggeriram este escripto, e não estou disposto a tortural-as, — pobres creanças surprehendidas pelo lapis de um artista viajante, na sua triste obscuridade d'ellas! — nos embates das transcendencias de escola.

Devem ou não devem encaixar-se os dois galantes quadrosinhos no compartimento respectivo á escola *realista*, em archivo muito methodico de critica artistica?

Que me importa?

Ponham-n'os onde quizerem.

Se fossem meus, creiam que não os archivava n'um armario. Pendurava-os no meu gabinetesinho, defronte da minha banca, entre os meus livros, ao lado dos meus Leon Monceaux, dos meus pobres *magots* flamengos e francezes; dos meus Landseer... em gravura, e dos meus Rafael, Durer, Ruysdael... em photographia.

Affianço-lhes que gostava muito de os ter, sem me dar o menor cuidado que fossem *realistas* ou não.

Naturaes é que elles são, ou, *naturalistas*, se querem, e a proposito d'isto sempre direi que o *naturalismo* me parece feição criticamente mais ampla do que a fixada pelas theorias, um pouco vagas e que já G. Planche achava um pouco... transitorias, do realismo artistico, e tanto mais ampla que abrange o realismo verdadeiro.

Ora, mas poderá observar alguem que a rapariguinha da agua está um pouco *idealisada*, como se costuma dizer, no contorno corporeo; que apresenta uns braços bem feitos, um rosto correctamente modelado, uns olhos rasgados e scismadores, e varios predicados plasticos que podem parecer menos vulgares n'uma pobre labrega.

Em primeiro logar convem que concordemos n'uma cousa muito clara e simples, e é que a photographia póde ser um ramo da Arte, mas que de certo a Arte não se reduz á photographia.

Depois, os contornos vigorosos não são exactamente um producto especial dos espartilhos; uns olhos bonitos estão longe de ser um privilegio do *high-life;* e emfim uma plastica sadia e correcta tanto não é exclusivo do mulherio galante, que este é o principal consumidor de certas pomadas e apparelhos suppostamente correctivos.

Junte-se a isto que não se é impunemente filha de Veneza, da gentilissima e melancolica Veneza. A este respeito havia um milhão de cousas interessantes que dizer.

Uma ultima observação.

Conhecem Leopold Robert?

É costume affirmar que elle se lembrava demais dos Apollos e dos Adonis, quando pintava os rusticos da Italia, e que envolvia geralmente estes n'uns certos esplendores olympicos.

Eu tinha tambem esta prevenção, antes de fazer a viagem da Italia.

Na volta porém tive de corrigir consideravelmente a prevenção [1].

«Quem não conhece o sitio não conhece a planta», dizem os persas.

E Stendhal observa que «o verdadeiro talento, toma como o vismara, borboleta das Indias, a côr da planta em que vive».

LUCIANO CORDEIRO.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação) [2]

IV

ACHAVA-SE Sequeira desempenhando o seu logar de primeiro pintor da Camara e dirigindo as obras de pintura da Ajuda, quando em 1807 sobreveio a invasão franceza. Era sabido que n'essa época, tão calamitosa para Portugal, havia sido perseguido por jacobino o nosso grande pintor, de envolta com muitas outras pessoas respeitaveis [3]; mas este episodio, referido por Cyrillo com a sua costumada brevidade, nunca fôra conhecido em seus pormenores até que, em 1866, o sr. J. Ribeiro Guimarães [4] publicou extractos de alguns interessantes documentos que lançavam muita luz sobre o jacobinismo de Sequeira. Estes documentos, que pertenciam ao sr. José da Costa Sequeira, sobrinho do grande pintor, foram adquiridos ha pouco pela Academia real de bellas artes em cuja bibliotheca estão depositados. São os seguintes manuscriptos: memoria justificativa de Sequeira, original da sua letra, dirigida, ao que parece, ao juiz relator do seu processo [5]; allegação juridica a favor

[1] *Viagens: Hespanha e França.*

[2] Vide os n.os 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

[3] «Restaurado... o Reino, o povo miudo de Belem se levantou contra o Sequeira, porque o suspeitava de inconfidencia; elle conseguio poder-se justificar...» Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 310.

[4] *Jornal do Commercio* de 22, 24 e 30 de novembro de 1866. Estes artigos sairam reimpressos no 4.º volume do *Summario de varia historia*. Lisboa, 1874. Rolland & Semiond.

[5] Esta memoria foi enviada pelo secretario d'estado Salter de Mendonça ao juiz da inconfidencia Antonio Gomes Ribeiro. Archivo do ministerio do reino, liv. 39. Avisos, liv. 35, fl. 202.

de Sequeira pelo seu advogado Henriques Ferreira — parece original e tem no fim a assignatura do advogado; e finalmente, copias dos depoimentos de tres testemunhas. Estes papeis, encontrados entre os que Sequeira deixou em Lisboa quando d'aqui emigrou em 1823, e conservados cuidadosamente pela familia, são os unicos documentos com os quaes posso reconstituir este periodo da sua vida, pois que das investigações a que procedi em varios archivos apenas pude respigar algumas noticias, valiosas sim, mas muito incompletas e deficientes.

A narração d'este episodio é curiosa e instructiva. Veremos que d'aquelles de quem se devia fiar, como devedores que lhe eram de grandes finezas e obsequios, recebeu Sequeira, em vez de premio, castigo; em vez de justiça, calumnias; e como paga da sua nimia condescendencia, accusações gravissimas de que muito a custo poude livrar-se. «É um dos grandes males da vida, diz o mavioso frei Thomé de Jesus, a falsa amisade, principalmente quando chega a affrontas e deshonras publicas, e a infamar o amigo[1].» Bem o experimentou Sequeira atraiçoado por aquelles que deveria ter na conta de amigos, por aquelles que havia associado a seus trabalhos e com elle viviam em diuturna communidade de relações.

Entre outros artistas eram empregados debaixo das suas ordens na decoração da Ajuda, os pintores Archangelo Fuschini e Bartholomeu Calisto, ambos mais do que mediocres cultores da arte, e que só ao favor de Sequeira, deviam, como atraz eu disse, aquella collocação. Não satisfeitos com a posição secundaria que n'essas obras tinham, aspirando em seu louco amor proprio ao logar eminente d'aquelle que sobre ser seu mestre fôra seu protector e amigo, não duvidaram buscar por meio dos mais tortuosos caminhos, o que nunca poderiam alcançar se fossem levados em conta os seus talentos e prestimo. Aproveitaram-se das circumstancias, e como aquelles de quem diz D. Joanna da Gama «que andam desinquietos e desapoderados de repouso e o que fazem não é a horas senão a deshoras[2]», vieram roubar a Sequeira mais do que a existencia e a fazenda n'aquellas deshoras da vida de Portugal a que se chama o *tempo dos francezes*. E digo a deshoras, porque a época na verdade era de trevas, de confusão e de geral desordem.

Nos sonhos titanicos do seu insaciavel orgulho, o primeiro Napoleão havia devaneado restaurar o imperio do occidente, e submetter ao seu gladio vencedor os paizes mais desaffectos á França por sua indole e tradições. Na phrase de Victor Hugo era seu intento:

«............. prendre ....
L'Europe à Charlemagne, à Mahomet l'Asie[3];»

O encargo de trazer Portugal para o gremio d'este collossal imperio fôra commettido a Junot, que, avançando em marchas forçadas, conseguira entrar em Lisboa na manhã de 30 de novembro de 1807, a tempo ainda para ver sair pela barra o Principe Regente, que, tendo embarcado a 27, mas ficando demorado por causa dos ventos contrarios «a cada instante julgava escutar, da sua camara a bordo, os brados de victoria dos soldados de Junot[4]». Um dos primeiros cuidados d'este general ao chegar a Lisboa, fôra de alterar o governo a quem o Principe Regente deixára confiado Portugal, introduzindo-lhe tanto quanto possivel o elemento francez. Assim é que nomeou, em 1 de dezembro, adjunto ao conselho da regencia e, em 3, administrador geral das finanças, a M. Herman que havia sido consul de França em Lisboa[1]. Foi pois a este que vinha substituir em suas funcções o presidente do Real Erario, que pertenceu desde logo a direcção suprema das obras do paço da Ajuda. Em 9 de dezembro de 1807 baixara ordem para que fossem suspensos os trabalhos e despedidos os operarios; porém, poucos dias depois, em 23 do mesmo mez, foi esta ordem revogada por outra que determinava que as obras continuassem[2]. Sequeira portanto ficou como até ali incumbido da direcção da pintura, quando voltando do Porto em janeiro seguinte, se recolheu a Lisboa[3]. O seu grande talento tornou-o mui depressa considerado e respeitado por quantos no exercito invasor amavam ou cultivavam as artes. Entre outras pessoas travou relações de amisade com o conde de Forbin, que no tempo da restauração foi director geral das bellas artes em França. Acompanhou-o em uma digressão á Batalha e Alcobaça, durante a qual o conde executou os estudos para um quadro em que reproduziu o tumulo de Ignez de Castro, quadro que depois offereceu ao principe Eugenio, em cuja galeria se achava. Era o conde n'aquella época um dos ajudantes de campo do general Junot, e facilmente deu ao nosso artista relações com os seus companheiros de armas[4], para alguns dos quaes executou trabalhos. O proprio general em chefe, informado dos seus merecimentos, desejou que pintasse um quadro allusivo ao estado actual de Lisboa, dando-lhe elle mesmo o thema da allegoria. Junot havia-lhe tambem promettido o pagamento de alguns mezes de ordenado que estavam em divida, e tinha-o incitado a que continuasse na direcção dos trabalhos do paço[5]. O sr. Ribeiro Guimarães nos artigos já citados, descreve com muita individuação e clareza o quadro que Sequeira executou para o duque de Abrantes, seguindo as proprias indicações do artista no memorial que já indiquei. Queria Junot que Lisboa se mostrasse segura, sob a protecção do heroe, cujo governo sabio e prudente preparava premios para quem os merecesse; Neptuno devia apresentar-se tremulo ao aspecto do fulminante Marte. Este quadro, diz Sequeira, foi executado, e achava-se na casa das drogas quando o governo legitimo foi restaurado. Não sei o que d'elle foi feito; nas arrecadações da Ajuda onde devia conservar-se, se porventura existisse, não o encontrei; e nem sequer invocando as recordações dos mais antigos creados do paço, alcancei noticia d'elle. Comtudo, é innegavel que o quadro foi executado, pois que assim o confessa o proprio Sequeira.

Era tradição muito acceita, que havia sido preparada com acidos corrosivos a téla d'este painel, de fórma que pouco deveria durar. Esta tradição porém parece ser menos exacta. Se o fôra, Sequeira, em sua memoria justificativa, não teria deixado de referir o facto como argumento fortissimo em seu favor. Se o quadro hoje não existe, é mais natural que o destruissem n'aquella época de reacção violenta contra os francezes, que se seguiu á sua expulsão de Portugal.

[1] Trabalhos de Jesus., ed. 1865, vol. II, pag. 8.
[2] Ditos da Freyra, ed. de Tito de Noronha, pag. 15.
[3] Les Chants du Crépuscule. *Napoléon II.*
[4] Pinheiro Chagas. — *A guerra peninsular*, pag. 24.

[1] Ratton. — *Recordações da minha vida*, pag. 354.
Este Herman estivera em Lisboa depois da primeira embaixada de Lannes, incumbido pelo primeiro consul de pedir explicações ao governo de Portugal. — Vid. Accursio das Neves. — *Historia geral da invasão dos francezes*, vol I, pag. 87.
[2] Archivo citado das obras do paço da Ajuda, liv. 34.
[3] Memoria justificativa de Sequeira; mss. da bibliotheca da academia real de bellas artes.
[4] Devo o conhecimento do facto que deixo referido ao favor do sr. marquez de Fronteira, que se recorda de o haver ouvido contar ao proprio Sequeira.
[5] Vid. memoria justificativa de Sequeira e allegação do seu advogado Henriques Ferreira, nos mss. da bibliotheca da Academia real das bellas artes.

O auctor d'este estudo possue um pequeno esboço que lhe deu o fallecido conde de Farrobo, em cuja galeria estava e que tambem é allusivo ao marechal Junot. A sua descripção completa encontra-se nos apontados artigos do sr. Guimarães. Um Genio pairando nos ares segura com a mão esquerda um ramo bastante avolumado de saudades, e levanta com a mão direita um pequenissimo medalhão, no qual se lê em letras microscopicas *Duque de Abrantes;* ao lado vê-se uma aguia branca com as azas fechadas, e poisando em cima de nuvens; toda a parte superior do quadro está brilhantemente illuminada; na parte inferior, assombrada pelas nuvens, está uma paizagem em cujo ultimo plano se descobre a torre de Belem, sobre a qual fluctua, em ponto tão pequeno que mal se póde enxergar, a bandeira tricolor franceza. É evidente que n'este quadro allegorico, executado certamente durante a invasão franceza, o nosso artista quiz encobrir e dissimular quanto possivel, as allusões que se viu obrigado a fazer em honra dos nossos temporarios vencedores. Se glorificou Junot, não pôde esquecer-se das *saudades* que tinha da independencia da patria, e, ao passo que o genio proclama a gloria do general francez, quiz o artista mostrar que não era d'este que fiava o futuro da patria, senão do principe que tão ao longe, nas terras de além mar, conservava vinculado a si o amor dos portuguezes, apezar de não ter sabido ou não ter podido protegel-os. Este pensamento de Sequeira é, a meu vêr, perfeitamente indicado pela facha de luz brilhantissima que no horisonte da parte inferior do seu quadro, todo mergulhado em densissimas trevas, chama a vista do espectador para aquelle ponto do occidente, onde, em relação a Portugal, está situado o Brasil. O conde de Farrobo não conhecia a historia d'esse quadro; eu tambem nada pude descobrir a tal respeito, mas creio que a simples descripção d'elle basta para provar a época em que foi pintado, e explicar o seu assumpto. Além d'estes trabalhos, fez alguns retratos de officiaes francezes, como o seu advogado confessa na já referida allegação. Parece comtudo que durante a época da invasão, se quiz excusar de continuar a trabalhar no palacio da Ajuda, receiando, como elle diz na sua memoria, que lhe destinassem algumas obras que pelos seus assumptos compromettessem os leaes sentimentos do seu coração; não foi porém attendido e permaneceu pintando no paço.

Rastreando com attenção todos os documentos que pude descobrir ácerca d'esta época da vida do nosso pintor, nada mais encontrei, que tivesse sabor de francezismo. Comtudo, para as paixões do tempo era bastante, era de sobejo o que elle praticara. A seus inimigos sobravam os pretextos para o criminarem, e não se furtaram a aproveitar todas as circumstancias que podiam aggravar-lhe a sorte, tornando-o mais suspeito ainda do que por suas imprudencias merecia. No abençoado tempo em que vivemos de liberdade e de tolerancia para todos e para todas as opiniões, tempo em que publicamente qualquer póde allardear até de iberico, sem que esta manifestação lhe custe outra cousa mais do que a geral desconsideração e o universal desagrado, n'esta época em que as demasias da policia, quando as ha, levantam unisono clamor, em que a lei é igual para todos, a casa do cidadão inviolavel, a liberdade de opiniões illimitada, as formas do processo rigorosamente determinadas por lei, as delações justamente proscriptas e condemnadas, mal podemos comprehender o estado de anarchia moral dos calamitosos annos de 1808 e 1809. Quem d'elles quizer ter cabal noticia leia Accursio das Neves, historia da invasão dos francezes [1]; o sr. Simão José da Luz, historia da guerra civil [1]; o sr. Barros e Cunha, historia da liberdade em Portugal [2], e os interessantes trabalhos do sr. Alberto Telles de Ultra Machado [3]; leia sobretudo nos livros de registo e maços de documentos pertencentes á antiga intendencia geral da policia, que se conservam na torre do tombo, as contas diarias do intendente aos governadores do reino, e as denuncias anonymas ou assignadas que eram lançadas na caixa da intendencia, que, como outr'ora a bôca do leão de bronze na escada dos gigantes em Veneza, estava aberta de dia e noite ás delações de toda a sorte.

Não posso, nem mesmo a largos traços, esboçar aqui esta terrivel época. Uma descripção, por muito succinta que fosse, do estado de Lisboa, durante os ultimos mezes de 1808 e quasi todo o anno de 1809, seria ainda assim demasiado extensa para as columnas d'este jornal. E seja-me licito dizer aqui de passo, que vão por tal fórma accumulando-se entre as minhas mãos documentos e elementos para a biographia do nosso grande artista, que este trabalho emprehendido em proporções muito acanhadas e primitivamente delineado para o espaço limitado de que n'esta publicação posso dispôr, cresceu por fórma tal que me vejo obrigado a encurtar aqui muito do que poderia dizer, reservando-me para tratar mais amplamente a materia em livro que brevemente espero imprimir.

Expulsos os francezes em agosto de 1808 não só pelo valor do exercito anglo-luso, senão ainda pela patriotica unanimidade com que se sublevaram os povos todos, «ensinando á Europa civilisada a resistir ao oppressor» [4], e restaurado o governo nacional, era forçoso acudir sem perda de tempo ás urgentissimas necessidades do paiz, entre as quaes avultava então o miseravel estado do thesouro publico. Acabaram-se os tempos felizes de D. João V, em que os galeões carregados de oiro e diamantes vinham trazer á rainha do Tejo os tributos da sua riquissima capitania brasileira. Estancára esta fonte de receita publica. Os rendimentos da que fôra colonia, e agora estava sendo metropole temporaria, ficavam-se ali e não sobravam para as despezas ordinarias da côrte accrescentadas com as da sua installação na capital da provincia ultramarina. Os francezes além das enormes contribuições de guerra [5] e das depredações de toda a sorte que praticaram, deixaram o paiz por tal modo arruinado que faltava a materia collectavel. A iniciativa individual suppriu a falta de recursos governativos, e n'um sublime lance de patriotismo acudiu com subscripções a preencher as deficiencias do thesouro. Os numeros da *Gazeta de Lisboa* de 1 de outubro de 1808 em diante, até quasi ao fim de 1809, contêem extensas listas de donativos e offerecimentos de toda a sorte, dinheiro, cavallos, generos, equipamentos, armamentos, etc. Todas as classes se associaram a esta imponente manifestação: conventos cedendo das suas rendas, fidalgos dos rendimentos das suas commendas e dos seus bens da corôa, negociantes do pagamento de generos vendidos, artistas do preço do seu trabalho, de tudo sobram exemplos. Nas listas dos nomes dos donatarios estão, confundidas em fraternal amplexo, todas as ordens sociaes, todas as gerarchias.

[1] Lisboa, 1810-1811, 5 volumes.

[1] Segunda época, tomos I, II e III. Lisboa, 1870 a 1874.

[2] Lisboa, 1869, vol. I (unico publicado).

[3] *Instituto de Coimbra*, vol. XV, pag. 205 e 276, vol. XVI, pag. 138 e 185.

[4] Barros e Cunha. — *Ob. cit.*, pag. 211.

[5] Só o decreto de Milão tributou Portugal em *cem* milhões de francos *pelo resgate* das propriedades particulares. Esta contribuição foi reduzida a metade por instancias da deputação enviada a Napoleão, diz o sr. Rebello da Silva em uma nota da *Casa dos Fantasmas*, vol. II, pag. 253.



ADR. v. d. WERFF pinxt. W. FRENCH sc.

ABRAHÃO E AGAR.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

Sequeira foi um dos primeiros a manifestar por este modo o seu aquilatado patriotismo, porque em 25 de outubro de 1808 entregou elle mesmo, como consta de uma nota do seu punho na margem da minuta original[1], um requerimento á *Regencia* no qual diz «... tudo o que percebo pelo bolcinho cedo desde o 1.º de janeiro de 1808 por todo o tempo que durar a guerra com a França, dos ordenados de 2 contos de réis como Primeiro Pintor da camera e corte cedo hum conto cada hum anno começando desde o primeiro dia que a Regencia felizmente governa e continuando por todo o tempo que durar a guerra com a França, e em tudo venho a ceder 1:685$000. Restando-me para a minha subsistencia e da minha familia 1:600$000: hum conto que devo receber pelo Real Erario e 600$000 pela junta da companhia do Porto[2]. Digne-se V. A. R. acceitar esta gratificação que faço em virtude do meu dever, desejando que ella se não manifeste ao Publico, porque não ambiciono outra gloria mais que a de ser grato a V. A. e util á minha Nação, &, &.» Os governadores do reino aceitaram a cedencia e cumpriram com os desejos de Sequeira, não publicando o seu nome nas listas dos offerentes, que passei com todo o cuidado nas gazetas sem mesmo anonymamente vêr mencionada aquella offerta. É certo porém que ella foi aceita porque assim o prova um documento official datado de 30 de abril de 1814, em que o administrador geral do Real Erario ordena ao contador geral da cidade, que do mez de março em diante fique sem effeito o desconto de metade da pensão de 2:000$000 réis que Sequeira tinha na folha das pensões lavrada n'esta contadoria e *que havia cedido durante a guerra*[3]. Este documento prova não só que foi aceito o offerecimento do nosso artista, senão que foram cumpridos os seus desejos quanto á duração da cedencia.

(Continúa.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

Abraham e Hagar

SARA, era infecunda e sendo já provecta em sua edade, fugira-lhe a esperança de que por ella pudesse o esposo responder ao nome de Abraham, em que Deus lhe haveria de trocar o nome primitivo. Ora Abraham em hebraico significa o *pae da multidão*, o patriarcha de numerosa descendencia.

Um dia (reconta o Genesis no capitulo XVI), Sara disse a Abraham: «O Senhor inhibiu-me de ter filhos. Celebra nupcias com a minha escrava, por se acaso alcanças d'ella a prole, que eu te nego.»

A ancilla havia nome Hagar, e procedia da terra de Mizraim, ou do Egypto.

Quadrou o conselho ou rogativa da mulher ao patriarcha dos hebreus. E diz o texto que Sara, tomando comsigo a escrava egypcia, a levou a Abraham, deixando-lh'a por consorte. E passava este successo dez annos depois que o velho patriarcha assentára sua morada na terra de Chanaan.

[1] Bibliotheca da academia real de bellas artes. Mss. de Sequeira já por vezes citados.

[2] Companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro, de cuja aula de desenho na academia de marinha era director, como atraz se disse.

[3] Archivo do tribunal de contas. Archivo do real erario. Contadoria geral da cidade. Thesouraria mór. Liv. I do registro de ordens de 1813 a 1816, fl. 126.

Aconteceu porém que a pobre serva certificou a Abraham, que lhe daria em breve um descendente. E ao vêr-se mais feliz do que a senhora, com a inestimavel preeminencia de ser mãe, tomou-se de natural desvanecimento, e accrescentando por ventura aos jubilos da maternidade uma certa malicia e emulação, que da costella do primeiro homem se transfundiu ás mulheres mais innocentes, começou de remoquear a infecundidade e talvez tambem os annos d'aquella, que por senhora e já edosa, lhe cabia reverenciar. Diria acaso a pegureira que n'aquella casa, onde os rebanhos eram innumeraveis e copiosas as riquezas, para que houvesse herdeiro, fôra necessario que deixada a antiga esposa buscasse Abraham a propria escrava. E ainda porventura a mais haveria de passar a jactancia da egypcia, depois de exalçada ao tóro nupcial, porque o texto diz expressamente *despexit dominam*.

Levou Sara suas queixas a Abraham e disse-lhe: «Dei-te a minha escrava, a qual em se vendo mãe de um filho, me desacatou e offendeu. Que Deus entre mim e ti seja nosso julgador». E Abraham respondeu: «Eis ahi que ponho nas tuas mãos a tua ancilla. Faze d'ella o que te approuver».

Ora a mulher de Abraham ao offerecer Hagar ao seu consorte, quizera remediar—se era possivel—a propria esterilidade. Não contara com o ciume, que nem os cabellos brancos, a tez rugosa e as faces amortecidas, conseguem inteiramente sepultar nos gelos da indifferença feminil.

O texto cala o como a senhora castigou a vaidade offensiva da sua escrava. Refere apenas que Sara affligia ou vexava a propria, que elegêra, para assegurar a prole a Abraham. *Affligente igitur eam Sarai*. E accrescenta brevemente que a ancilla fugiu para o deserto. Não haveriam de ser doces os tratos, nem amenas as palavras, para que a pobre mãe se determinasse em divagar pelos ermos desabridos, sem pão, sem conforto, sem esperança. Palavras e tratos de mulher anneja e offendida no mais delicado melindre do seu sexo.

Poisou Hagar (provavelmente para se carpir e desfechar em lagrimas a sua desventura) ao pé de uma fonte, que no deserto brotava solitaria no caminho aspero de Suz.

E o anjo do Senhor appareceu a Hagar, e disse-lhe: «Hagar, escrava de Sarai, d'onde vens? Aonde vaes?» E ella respondeu: «Fujo da casa de Sarai, minha senhora».

E disse-lhe o anjo do Senhor «Torna para a tua senhora, e humilha-te debaixo da sua mão».

E o anjo em nome de Deus afiançou a Hagar que a sua descendencia seria innumeravel na sua multidão. E ordenou-lhe que ao filho, que lhe havia de nascer, puzesse nome Ismael, em memoria de que o Senhor ouvira os seus lamentos e se amerceara de sua miseria e soledade. E mais lhe prometteu que Ismael viria a ser um temivel batalhador, e que as suas mãos pelejariam contra todos e as mãos de todos contra elle, apontando d'este modo aos costumes bellicosos da raça arabiga, ou ismaelita, que d'elle se haveria de multiplicar, guerreira e dominadora, até os ultimos confins da terra.

Hagar volveu sobre seus passos e entrou de novo na casa de Abraham. E deu á luz um filho e impôz-lhe o nome, que o Senhor designára.

E a este tempo o santo patriarcha era de oitenta e seis annos já cumpridos.

Ora o Senhor havia promettido a Abraham fazel-o pae de um povo numeroso, e estirpe de regios descendentes. E a Sara, apesar da sua velhice e incredulidade, mandou annunciar pelos tres anjos do valle de Membre, que havia de ser mãe. No fim do termo assignalado Sara deu á

luz um filho, e Abraham poz-lhe o nome de Isaac. Raiava o patriarcha nos cem annos.

Um dia Sara disse a Abraham: «Lança fóra d'esta casa a Hagar e a Ismael; porque não quero que o filho da escrava participe da herança de seu pae com meu proprio filho Isaac».

E refere a sagrada pagina que o velho patriarcha houve grande amargura com tão peremptoria intimação. Isaac era filho seu, mas filho seu e primogenito era tambem o indomito Ismael.

E como obrigado dos vinculos paternos hesitasse Abraham em cumprir a dura sentença da consorte, disse-lhe Deus: «Não te pareça aspereza e immanidade o expulsares de tua casa á egypcia e a seu filho. Obedece ao que Sara te mandou». E o Senhor lhe confirmou as promessas de que por Isaac seria Abraham o patriarcha da nação israelita, e por Ismael o tronco, d'onde brotasse a innumeravel multidão de outra gente oriental.

No dia seguinte, levantou-se Abraham mui de manhã, e trazendo pão e um odre de agua, apercebeu a Hagar de seu viatico para as largas e trabalhosas jornadas, a que ía aventurar-se no deserto. E pondo aquella resumida matalotagem ao hombro da escrava lachrymosa, a despediu e encommendou á sua ventura.

Esta é a scena final, este o epilogo e desenlace d'este drama biblico, em que já na mais escura antiguidade se põe de manifesto que não podem duas mulheres caber, sob o mesmo tecto, com o homem, que tem um só coração para dois amores. Este é o momento, que o pintor elegeu para debuxar n'um quadro admiravel a lastimada historia de Hagar e Ismael. É n'este ponto que, segundo as tradições mosaicas e as lendas arabes, se está repartindo a progenie de Abraham, para que se funde por uma parte o povo eleito de Israel, e pela outra se propague a raça indomestica dos filhos do deserto.

É n'esta sasão que se estão delineando os portentosos acontecimentos, que hão de encher a historia da humanidade, porque de Isaac mimoso e afortunado terá com o decorrer dos tempos seu principio e fundamento a civilisação christã, e de Ismael, expulso e foragido, nascerá a cultura musulmana. E assim como os dois irmãos já na casa paterna andavam mal avindos, haverá por largos seculos inexoravel e cruenta contenção entre os que hão de professar o Evangelho ou o Islam.

O assumpto pois ao mesmo passo é dramatico, emquanto scena de familia, e historico, emquanto origem de profundo antagonismo entre os dois ramos principaes da familia dos Semitas.

No painel, cujo transumpto se vê na nossa estampa, representou o pintor Adriano Van der Werf o instante, em que a escrava, levando pela mão a Ismael, deixa pela derradeira vez a casa de Abraham para divagar nas solidões de Bersabée. Ao limiar da mansão patriarchal adianta-se o velho centenario, parecendo abençoar o filho desgraçado e exprimindo no gesto e compostura a necessidade e o pezar, a suprema resignação ao divino mandamento e a entranhavel compuncção de impellir para o deserto a mulher, que participara do seu thalamo e o filho, com que Deus abençoara a sua ephemera união.

É grave e austera a figura do patriarcha. Meio escondido nos pannejamentos da capa de Abraham, o pequenino Isaac, entre malicioso e infantil, se está contemplando aquella scena e justificando com o seu riso o proprio nome, que em hebraico tanto vale como o *ridente* ou o *irrisor*. Encostada no cunhal da porta apparece a velha Sara, com quem não quer participar nas despedidas, mas deseja verificar no rosto da rival o effeito da expulsão. A figura da escrava é formosa e ideal. É a florescente juventude a separar-se da ancianidade implacavel. Pende-lhe a tiracollo o fardel de sua escassa provisão e o vaso, em que leva a agua para as primeiras horas do caminho. Com discreta invenção e artificio, não quiz o pintor que n'aquella extrema desolação da mãe afflicta apparecesse de frente o semblante da mulher expulsa e desherdada. Como o grego Timanthes no *Sacrificio de Iphigenia*, assentou que o pincel e a palheta não podem rastrear sequer a natureza nos lances, em que a dôr contráe e desfigura o rosto dos que penam sem consolação e sem esperança. É radiante de belleza a cabeça de Ismael. Talvez a arte idealisou de mais o rosto do *ferus homo*, segundo o appellidou a Escriptura. Na doçura e resignação, que reluzem suavemente em suas feições, na saudosa tristeza e mansidão, com que vae apartar-se do tecto paternal, não é facil adivinhar o intratavel e féro campeador, que submetterá ao seu dominio as terras, que demoram desde Chevila até Suz.

J. M. LATINO COELHO.

QUATRO HORAS NA GOLLEGÃ

I

Rasão da viagem

O annuncio de uma festa na Gollegã e o desejo de vêr uma villa, que ainda não tinha visto, levaram-me a saír mais uma vez de Lisboa.

Não ha nada tão agradavel como viajar, e viajar na propria terra antes de visitar a alheia. Alem de outras vantagens, tem a de apurar o espirito de observação e obrigar um homem a estudar, entre o povo das aldeias e villas portuguezas, seus usos e costumes, de que não se forma idéa clara e perfeita nos livros, por mais bem escriptos que elles se nos deparem.

Resolvi-me a ír só. Mas, para uma diversão que chama sempre numerosa concorrencia a toda a parte, era quasi um impossivel. Havia de, necessariamente, encontrar companheiros e amigos; e, encontrando-os, não me era licito, nem delicado, separar-me d'elles.

Á saída da primeira estação, depois da de Lisboa, já eu tinha tres companheiros e já estava ajustado com elles não os deixar senão quando, no regresso á capital, cada um tivesse que ír para as suas casas. Não me arrependi da companhia.

Eram tres bons moços, vivos e intelligentes — dois jornalistas e um official do exercito. A morte separou-nos já de um d'aquelles, Morato Roma, que por então escrevia no *Jornal da Noite*, e cujo nome inscrevo aqui com o profundo sentimento que me causa a recordação da prematura perda de um nobre caracter e de um talento provado e auspicioso.

Quando entrámos na Gollegã, antes de ír para a festa, que era uma tourada esplendida por curiosos na praça fundada pelo sr. Carlos Relvas, a primeira cousa que fizemos foi vêr a villa.

Uma povoação em dia santificado, por consequencia de descanso, de arrebiques e de trajos domingueiros; e de mais a mais em occasião de grande festa e da maior concorrencia de hospedes e visitas de innumeros concelhos das circumvisinhanças — é muito diversa de uma povoação em dia de semana, de trabalho no lar e no cam-

po, e de desenfeites. No entretanto, ha villas que, n'uma ou n'outra circumstancia, não perdem o seu caracter, nem deixam de mostrar a sua feição predominante.

Na Gollegã predominam o asseio e o trabalho, condições essenciaes para a vida campesina e urbana. Um povo laborioso é para mim digno de respeito e de affecto, e póde sempre dar-se como exemplo para os que nem tratam da sua limpeza nem da sua industria.

As opulentas propriedades que rodeiam a villa, e as afamadas campinas que formam o concelho, dão brilhante idéa da sua riqueza e da valia da sua lavoura, onde não é raro saber-se que os modernos processos da sciencia agricola são adoptados por lavradores intelligentes, ensaiados e seguidos com bom exito.

Verificada a nossa primeira e rapida visita, bom é confessar que a impressão foi agradavel para todos; e até, se não me falha a memoria, promettemos uns aos outros, voltar mais descansadamente á Gollegã para a conhecermos melhor e nos regosijarmos ante a uberrima fertilidade de seus campos e a assombrosa actividade das suas industrias agricola e pecuaria.

Não cumprimos a promessa. E já agora não era possivel cumprir-se, infelizmente, porque não podiamos chamar á vida um dos nossos companheiros, e outro andava mui afastado de nós pelas exigencias do serviço militar activo.

Acrescentarei ainda que, tendo tomado alguns apontamentos a respeito d'esta digressão e solicitando depois outros, que se apressaram em mandar-me, não tive occasião de servir-me d'elles por diversas circumstancias; e se o faço hoje, discorridos bons dois annos, é em satisfação despretenciosa — digo-o com franqueza — da minha consciencia, que não podia com o peso de ter eu dito a alguem que escreveria, sem que nunca vissem em tempo algum letras minhas. Pouco valor têem ellas, sem duvida; mas a palavra empenhada vale, e, sem me reforçar com exemplos de outros tempos em que havia homens que cumpriam o que diziam, julgo que sempre é bom para uma pessoa desempenhar-se das cousas em que se empenha. Chegou a occasião.

II

A villa

Está situada a Gollegã a 20 kilometros NE. de Santarem, a 5 SSE. de Torres Novas e a 108 NE. de Lisboa. A villa antiga era descripta pelo venerando padre Antonio Carvalho da Costa, na sua *Chorographia portugueza*[1], d'este modo:

«Consta de 630 visinhos com uma igreja parochial, orago Nossa Senhora da Conceição, que fundou el-rei D. Manuel, a qual tem um vigario que o apresenta sua magestade, com cura e thesoureiro. A casa da misericordia, que tem sete capellas; as ermidas do Salvador, Santo Antonio, S. Miguel e um convento de frades franciscanos, da invocação de Santo Onofre. O seu governo civil compõe-se de juiz de fóra, camara com tres vereadores, escrivão e procurador do concelho; juiz dos orphãos com seu escrivão, dois escrivães do judicial, outro da portagem, outro das sizas, outro das notas, inquiridor e alcaide. Tem vigario da vara com seu escrivão e dois meirinhos. No militar, tem duas companhias de ordenanças, subordinadas ao sargento-mór que reside em Santarem. O termo da villa tem duas leguas de comprido e legua e meia de largo, com duas ermidas, S. Caetano e S. Sebastião. Ha n'este termo as quintas da Labruja, pertencente aos padres jesuitas; a da Cardiga com doze torres, que é dos freires de Christo de Thomar; e dos Alemos, que é do conde de S. Tiago, e do Paul.»

Hoje não é assim. Na ordem ecclesiastica, judicial, militar e administrativa, a villa passou pelas transformações que os annos e os diversos systemas de governo, principalmente nos já quasi decorridos tres quarteis do presente seculo, têem ali levado pela acção do progresso e pela força da civilisação.

A Gollegã pertenceu á corôa, como muitas outras terras do reino, que se foram desaggregando do que em épocas passadas chamavam os bens do monarcha, para a transformação do que depois constituiram os bens nacionaes, divididos ainda assim em successivas desamortisações pela riqueza particular.

A quinta do Paul, uma das maiores propriedades do concelho, pertenceu á casa dos marquezes de Niza, depois foi vendida ao abastado lavrador e capitalista, o par do reino José Maria Eugenio de Almeida, e hoje pertence aos seus herdeiros. A da Cardiga, que tambem era propriedade de grande valor, por occasião da venda dos bens dos conventos em 1834, veio ter á familia Lima, que ainda a possue. O intelligente lavrador o sr. Vaz Monteiro tem emprehendido, nas suas terras da Gollegã, muitos melhoramentos notaveis; e, amando a sciencia e o progresso, não tem descurado todos os meios de aperfeiçoar o amanho e fabrico da sua vasta lavoura, dotando-a com os instrumentos modernos aconselhados e usados pelos mais esclarecidos agronomos e proprios para isentar a terra dos estorvos da ignorancia e da rotina.

Nas propriedades do sr. Relvas observa-se igual preito pela sciencia agricola; mas, o que é ali mais digno de vêr-se, é a sua casa na villa e á qual eu chamarei o Paraizo d'aquelle cavalheiro. Tudo quanto a arte, o bom senso, o gosto e a elegancia, podem reunir e alliar em uma vivenda e nas suas proximas dependencias, para as tornarem commodas e appeteciveis, se encontram juntas, e com a maximo esplendor, na casa do sr. Relvas. Disse a arte, em primeiro logar e mui de proposito, porque todos sabem que o sr. Carlos Relvas é o primeiro photographo amador em Portugal e um dos primeiros no estrangeiro, e que a sua galeria e o seu laboratorio photographicos excedem o que possa imaginar-se em luxo de ornamentações, em abundancia de especimens resplendentes e em profusão de machinas e utensilios dos melhores auctores. Ao par d'isto, veremos ali testemunhos de que aquelle illustre cavalheiro e prestante cidadão é floricultor cuidadoso, agricultor eximio e creador ousado. Superabundam estas provas.

No começo do seculo passado constava a Gollegã aproximadamente de 700 fogos com 3:000 habitantes; 150 annos depois vejo, segundo as estatisticas officiaes, que tinha 793 fogos com 3:300 moradores. Em 1864-1865 o mappa das congruas dá-me 830 fogos com 3:320 habitantes; e no excellente livro *Alguns elementos para o estudo da questão de fazenda*[1], vem indicada a Gollegã com a população de 3:538 almas e com a contribuição predial de 8:928$562 réis, sendo o rendimento collectavel de 67:953$363 réis. Tem, presentemente, mais de 1:000 fogos e 4:000 almas. A superficie da Gollegã é de 4:088 hectares.

A 11 de novembro faz-se na villa uma grande feira, á qual concorrem moradores de muitos concelhos visinhos e distantes, e é de importancia e fama pela affluencia de

[1] Vidè tomo III, pag. 254, ed. de 1712; e *Portugal antigo e moderno*, do sr. Pinho Leal, ed. dos srs. Mattos Moreira & C.ª, 1874.

[1] Pelo sr. Fradesso da Silveira, 2.ª ed., 1870, pag. 14.

excellente gado, entre o qual a commissão de remonta do exercito costuma effectuar valiosas compras.

As armas da villa são escudo verde, tendo no centro uma mulher com infusa na mão. Refere a tradição que, vindo da Galliza áquelle sitio certa mulher, ali se estabelecêra com estalagem á qual concorriam pessoas de todas as partes de Portugal. A numerosa freguezia deu portanto á estalagem o nome da *Gallega,* que foi passando dos freguezes para a villa e n'ella ficou até hoje, com pequena alteração, ao que parece. É o que diz a tradição.

El-rei D. Manuel, de certo pelos campos magnificos que rodeiam a villa, ou por outra causa que não apparece descripta nas chronicas, tinha especial predilecção á Gollegã, como parece demonstral-o a fundação da igreja, de que nos fallou o investigador padre Antonio Carvalho. O templo é digno de vêr-se e a sua porta principal póde considerar-se formoso especimen da elegante architectura manuelina, tão notavel pelos arrojos de bellissimo estylo[1].

Tem havido na Gollegã algumas mudanças, em resultado de melhoramentos effectuados com acerto. Deve ella a diversas municipalidades beneficios sem duvida de valia, e taes são as novas ruas, que lhe deram mais salubridade e a arborisação da praça e em volta da igreja, que a tornaram mais vistosa. E attenda-se a que, se as vereações não têem feito mais e melhor, é porque os recursos do cofre municipal são muito insignificantes. Mas, como quer que seja, a villa vae melhorando pouco a pouco, e não tem rasão de queixa dos seus principaes proprietarios, que, aformoseando as proprias vivendas, contribuem tambem d'este modo e com outros contingentes para embellecer a terra natal.

Que o diga o sr. Carlos Relvas; e que o attestem os fastos da villa, onde os serviços prestados pelo finado pae d'aquelle cavalheiro benemerito deixaram n'elles lembrança immorredoura!

(Continúa.) BRITO ARANHA.

A UMA FRANCEZA

Se vivesses outr'ora, em tempo afortunado,
Não cairias assim, tão cedo na indigencia:
Teu corpo alabastrino, em ondas cinzelado,
Iria aformosear os bailes da regencia.

Teus olhos, essa luz, que me entristece a mim,
Como em noites de hynverno o pallido luar,
Talvez brilhassem mais, em meio de um festim
Do que, aos raios do sol, a folha do kandjar.

Teus labios de coral, talvez que voluptuosos
Beijassem com ardor os labios do regente...
Vê que desgraça a tua!... Em tempos tão formosos
Serias mais feliz do que ora no presente.

Depois no turbilhão de moços tão gentis
Olvidavas em breve essa paixão fatal,
Que assim te arrebatou dos seios de Paris
A' triste morbidez do velho Portugal.

Porto. JOAQUIM D'ARAUJO.

[1] O *Archivo Pittoresco* publicou já, no tomo x, uma gravura da igreja e outra da vivenda do sr. Relvas, copiadas de photographias d'elle, com artigos do illustre academico e meu excellente amigo o sr. Vilhena Barbosa.

A PRAÇA DO COMMERCIO E O ARCO DA RUA AUGUSTA

Foi el-rei D. Affonso III o primeiro monarcha que fixou a côrte em Lisboa, embora, tanto elle, como os seus successores até el-rei D. Manuel, residissem por vezes, e mesmo com frequencia, em outras cidades ou logares onde tinham paços. D. Affonso III, pois, mandou edificar o primeiro palacio real, em Lisboa, proximo do castello da cidade, e quasi em seguida á igreja parochial de S. Bartholomeu, para a qual communicava por um passadiço. Era chamado o paço d'apar S. Bartholomeu. Nem do paço, nem da igreja existem vestigios alguns.

Ali morreu o fundador, e ali morreu el-rei D. Diniz. Este monarcha doou o paço a seu neto D. João Affonso, filho do seu filho bastardo Affonso Sanches, e assim saiu da corôa.

El-rei D. Diniz, depois de habitar por alguns annos no paço d'apar S. Bartholomeu, construiu dentro do proprio castello, um novo palacio, que se ficou denominando os paços da Alcaçova, e ahi fixou a sua residencia.

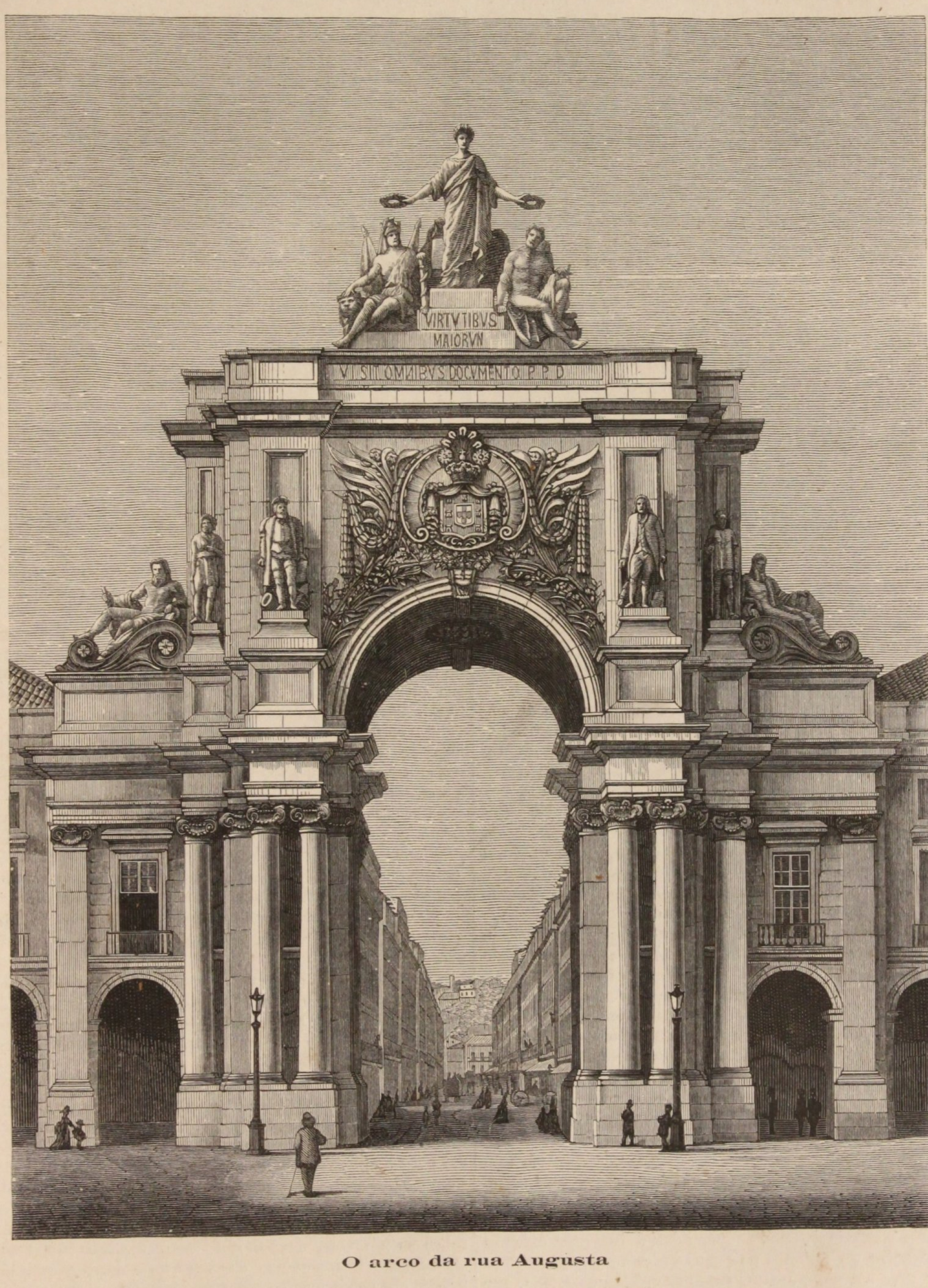
É desde Affonso III, que, se póde dizer, Lisboa principiou a ser considerada capital d'este reino, ainda que os monarchas uma parte do anno habitassem em Coimbra, Evora, Santarem, Almeirim, Torres Vedras, etc.

Dos paços da Alcaçova desfructava o rei o panorama de toda a cidade, e estendia a vista pelos arrabaldes, pelo Tejo e pelo mar fóra. Era um sitio bem accommodado para residencia real, que, alem disso, para assim dizer, ficava no centro da cidade, e dominando-a. Ainda então não se tinha feito a cêrca da cidade, que se estendia até S. Roque, e portas de Santa Catharina. A casaria agrupava-se em redor do castello, e pelas suas encostas, estendendo-se pouco pelos valles adjacentes.

O terremoto de 1755 arrasou os paços da Alcaçova.

No reinado de D. Manuel as condições da cidade eram já outras; crescia e dilatava-se. Já os lisbonenses não careciam de se encostar ás muralhas do castello, como abrigo e defeza contra inimigos que assaltassem a cidade. Os espiritos, agitados pelas descobertas iniciadas pelo glorioso infante D. Henrique, tornaram-se menos guerreiros e mais mercantis. A população acercava-se do Tejo, donde saíam poderosas naus em busca de novas regiões, e das maravilhosas riquezas do oriente. O castello deixava de ser o centro da cidade, já commercial em larga escala.

É n'esta situação que el-rei D. Manuel resolve fundar um novo paço, mesmo á beira do Tejo, a fim de transferir a sua residencia do castello para o centro da vida activa e commercial da cidade. Funda, pois, os paços da Ribeira em terreno, que arranca ao Tejo, e em frente do paço manda fazer uma espaçosa praça. Tudo isto no sitio, onde hoje vemos a magestosa praça do Commercio, ainda vulgarmente chamada Terreiro do Paço, porque assim se denominara antes do terremoto, por causa do paço de D. Manuel. Primitivamente o paço occupava parte do lado do norte da praça, onde esteve a camara municipal, e hoje a secretaria do reino, e a secretaria da justiça e corria pelo lado occidental até mui cêrca da praia, como se vê, em antigas plantas da cidade. Filippe II ampliou o paço com um torreão, mais sobre a praia. Depois D. Pedro II, e particularmente D. João V o augmentaram com accommodações para o lado do sul, hoje



O arco da rua Augusta

arsenal, havendo differentes postigos, por onde se communicava do lado do Corpo Santo com o Terreiro do Paço. O torreão tinha uma ponte, que dava passagem directa do paço para o rio. Era o torreão, no sitio d'aquelle onde hoje está a secretaria da guerra, e serviu de modelo para os dois, que se delinearam, no novo risco da praça do Commercio, apoz o terremoto.

Era mui espaçoso o Terreiro do Paço. Temos as medidas exactas d'elle, ao tempo do terremoto. Media: comprimento 1:120 palmos (247 metros) e largura 543 palmos (120 metros). Como se vê, era irregular, mas vasta, a praça em frente do paço. Não era, como hoje, só povoada de edificios publicos: do lado do norte e do oeste havia casas particulares com frente para a praça, e até entestando com o paço. No tombo da cidade, feito depois do terremoto, mencionam-se dezoito propriedades, cujas frentes olhavam para o Terreiro do Paço. Aqui estavam, a vedoria, a alfandega do Jardim do Tabaco, a alfandega grande com as casas dos despachos do consulado, o paço da madeira, dos portos seccos e do sal; tribunal dos contos do reino e terreiro do trigo.

O terremoto de 1 de novembro de 1755 tudo arruinou n'aquella praça: o que não se desmoronou ao impulso dos abalos da terra, foi destruido pelo incendio subsequente. E n'essas lastimosas ruinas ficou sepultado o palacio real com todas as innumeraveis riquezas n'elle accumuladas desde o tempo d'el-rei D. Manuel.

Arrazada Lisboa era mister levantar uma nova cidade: difficilima e grandiosa empreza. Felizmente estava então no governo do estado um homem de forte vontade, e de elevadissimo talento, um estadista na altura das circumstancias em que Lisboa se achava. O marquez de Pombal, impassivel no meio da geral consternação, sereno no meio do terror universal, a tudo proveu, a tudo acudiu com uma previdencia, com uma sollicitude, que serão eterno padrão de gloria para o seu nome.

Era mister sobre os destroços, sobre as ruinas de uma grande cidade, riscar o plano da que devia substituil-a; e esse plano devia de ser conforme as exigencias do progresso e do desenvolvimento de uma populosa capital. As antigas ruas estreitas e tortuosas, deviam ser substituidas por outras espaçosas; os antigos e apertados becos deviam dar logar a travessas de regular largueza. Tudo se fez. E a cidade, que ahi vemos hoje, cujas ruas nos parecem acanhadas, á vista das que se têem aberto, e vão abrindo nas grandes cidades modernas, era então uma das mais aperfeiçoadas n'este ponto.

O marquez de Pombal, depois do terremoto, instituiu a casa do risco, destinada aos trabalhos da restauração da cidade, cujo architecto foi Eugenio dos Santos de Carvalho. Não era para tanto o talento d'esse artista, diz Cyrillo Volkmar Machado, nas suas *Memorias;* é certo, comtudo, que, a nosso vêr, fez muito. Na restauração da cidade notam-se defeitos, que eram os da época; certo acanhamento nas linhas geraes das construcções; o agrupamento da casaria, no valle, desde o rio até á praça da Alegria, rua de S. José, Anjos, etc.; uns saguões estreitos, e outros defeitos, mostram que Eugenio dos Santos não possuia o talento e os conhecimentos necessarios para levantar uma cidade, para a qual tudo se fazia de novo, e que, portanto, deixava ao architecto ampla liberdade de acção.

Foi Eugenio dos Santos quem deu o risco para todas as edificações do Terreiro do Paço, e n'esta parte parece-nos que teve um pensamento, senão completamente feliz, por certo grandioso. Se essa vasta praça, que hoje ahi vemos, não é um primor architectonico, é, sem duvida, uma das maiores grandezas de Lisboa; e porventura nenhuma cidade possuirá outra de tão magestoso aspecto, particularmente por ficar á beira da amplissima bacia do Tejo, pelo qual entram as rampas dos seus caes.

Não era possivel que o architecto da nova cidade deixasse de conservar a praça, que no mesmo local havia; e era natural que procurasse tornal-a mais regular, e engrandecel-a com magnificos edificios. Assim se fez. O plano de Eugenio dos Santos, sem embargo, de não ter sido levado á sua completa execução, ainda produz agradavel impressão em quem entra n'essa vasta praça e a observa attento.

Todos os edificios, que hoje circumdam a praça do Commercio, foram levantados á custa do donativo dos 4 por cento, offerecido a el-rei D. José, pelos principaes negociantes de Lisboa, e imposto nos direitos de todas as mercadorias e manufacturas que entrassem no reino. Por decreto de 2 de janeiro de 1756 acceitou el-rei D. José o donativo. O producto d'este voluntario imposto devia ser especialmente applicado á reedificação das alfandegas, e a uma praça de commercio, com as commodidades necessarias a fim dos homens de negocio não estarem sujeitos ás injurias do tempo. Foi assim que, do producto do alludido donativo, se dispenderam 3.250:520$187 réis em todos os edificios da praça, alem de 24:640$443 réis no pedestal da estatua equestre, e 224:593$582 réis na alfandega provisoria. E cumpre notar que do producto do mesmo donativo saíram importantes subsidios para as fabricas do reino. Já se vê, pois, que com razão o marquez de Pombal deu á nova praça a denominação de praça do Commercio. Destinada ao commercio, e feita pelo seu voluntario donativo, era justo perpetuar-lhe no nome a memoria do seu patriotismo.

Não permittem as dimensões, que este artigo deve ter, alargarmo-nos com mais noticias, aliás curiosas, ácerca da reedificação da cidade; devemos pois circumscrevermo-nos ao mais importante relativo ao arco da rua Augusta, que a gravura representa.

A praça do Commercio mede 191 metros (870 palmos) de oriente a occidente, que diremos ser a sua largura, e 183 metros (830 palmos) de norte a sul, que será o seu comprimento. Esta medição não comprehende o espaço occupado pelas arcadas, nem pelo caes. Um curioso achou que a area total da praça, que póde ser occupada pelo povo, é de 780:668 palmos quadrados, e dando a cada homem nove palmos quadrados, podem accommodar-se na praça 86:740 homens em columna cerrada.

Existe uma gravura que representa o desenho de toda a praça, como o delineou o architecto Eugenio dos Santos.

Desconhecemos os motivos que fizeram com que não fosse seguido, á risca, o plano do architecto. Conhece-se evidentemente que ali falta alguma cousa, e que a decoração da praça não está completa. Vejamos como a delineou Eugenio dos Santos.

Os torreões tinham seus zimborios bem elevados, rematando em lanternins, com grimpas mui altas: nos quatro angulos de cada torreão havia, como uma especie de guaritas quadrangulares com quatro janellas rematando em cupulas ponteagudas. A altura dos torreões, conforme uma descripção que temos á vista, devia ser de 292 palmos (46 metros).

Ao longo de toda a platibanda, que circumda a praça, sobre as pilaretes, deviam collocar-se trophéos militares. Os remates nas esquinas das ruas, que desembocam na praça, são conformes com o primitivo risco.

O arco da rua Augusta, parou, durante muitos annos, na architrave, se bem nos lembra: tudo o mais não tem conformidade alguma com o primeiro risco. O arco devia

ter 100 palmos (22 metros) de alto; assentava, como lá se vê, sobre seis columnas inteiriças, compositas, de 42 palmos (9 metros). O tympano elevava-se sobre as duas columnas primeiras, de cada lado; e sobre o tympano levantava-se uma esbelta torre, quadrangular, onde havia um relogio, com mostradores, em todos os quatro lados. A altura do arco e torre até á grimpa era de 260 palmos (58 metros). Seis estatuas decoravam o arco; duas ficavam sobre as duas columnas de cada lado; duas, sobre cada columna mais recolhida, e duas sobre as pilastras para alem das primeiras janellas; as ultimas quatro estatuas destacavam-se, produzindo bello effeito. O corpo do arco era em frontão, bem proporcionado, com dois altos fogareos nas empenas. Como se vê, era uma decoração muito mais magestosa. Por que se não seguiu este risco? Dizem que os alicerces não podiam com o pezo dos torreões e do arco. Não póde ser assim. A verdade é que a economia e o mau gosto apossaram-se da obra, e deixaram-n'a incompleta em parte, e n'outra parte desfiguraram-na, estragaram-na.

São de magnifico effeito as tres ruas que desembocam pelo lado do norte da praça. A rua Augusta tem 80 palmos (17m,60) de largo, e as duas, dos Ourives do Oiro e da Prata, 60 palmos (13m,20); e a sua extensão é de 2:530 palmos (560 metros: estas medidas são aproximadas).

A obra moderna é caracteristica do mau gosto, que ha muito se arreigou em Portugal. Onde devia erguer-se um arco de boas fórmas, puzeram uma immensa mole de pedra: tendo em uma das faces, olhando para a praça, o brazão nacional, entre silvados e grinaldas; e na outra, para a rua Augusta o mostrador do relogio igualmente entre silvados e grinaldas. Encostadas a esse monte informe de pedra, collocaram-se seis estatuas; quatro correspondem ás columnas, e representam, a primeira (lado direito) Viriato; segunda, Vasco da Gama; terceira, marquez de Pombal; e quarta, D. Nuno Alvares Pereira. Aos lados estão assentadas duas estatuas, que representam, a do lado direito o Tejo, e a do lado esquerdo, o Douro. Sobre o tympano vê-se um grupo que representa a Gloria coroando o Genio e o Valor, e mede 9 metros de altura.

O grupo foi executado pelo estatuario francez, Anatole Calmels, que se obrigou a fazel-o pela quantia de 11:200$000 réis.

As seis estatuas são do esculptor portuguez, Victor Bastos, que por ellas recebeu a somma de 9:000$000 réis.

O grupo é uma obra de esculptura de relevante merito; as estatuas tambem merecem louvor. O fornecimento das pedras, o assentamento e collocação de todas as esculpturas, foi por conta da direcção das obras publicas.

A conclusão d'esta obra, que será padrão eterno do mau gosto artistico d'esta época, demorou-se, talvez, quasi um seculo. Só todo o corpo do arco levou mais de cincoenta annos a concluir, porque as columnas já em 1815 estavam collocadas!

Não admira nada d'isto, porque todas as obras mais ou menos grandiosas que, no principio d'este seculo, estavam por concluir, nunca se levaram ao fim, ou, se as concluiram, foi por modo mais mesquinho e sem conformidade com os riscos primitivos.

Sem embargo, a praça do Commercio será sempre considerada entre as mais notaveis das primeiras cidades do mundo.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

Viagens. França, Baviera, Austria e Italia.—Está publicado o segundo livro de viagens, do sr. Luciano Cordeiro. Como se vê do titulo, refere-se este volume a quatro principaes nações da Europa, tres das quaes disputam preferencias em tudo que diz respeito a bellas artes, assumpto predilecto do sr. Luciano, e do qual mais de um capitulo da obra se occupa largamente. Todos sabem a consideração que a França tem adquirido pela universal fama dos seus modernos artistas; é notoria a brilhante figura que a Baviera fez com os seus quadros na ultima exposição de Paris, onde foram admirados como os primeiros d'aquelle civilisador certame; ninguem ignora as tradições famosas da Italia artistica, e a boa acceitação que obtiveram as obras dos seus modernos esculptores na exposição referida. Tinha, pois, o sr. Luciano Cordeiro campo vastissimo para fazer os seus estudos criticos, reconhecendo-se pelo seu livro que muito aproveitou d'esses estudos. Afóra a parte instructiva, contem a obra a parte amena e interessante peculiar aos escriptos d'este genero. Os que adquiriram o primeiro tomo, não podem eximir-se a comprar o segundo, que não é inferior em merecimento e curiosidade ao que o antecedeu.

A republica das letras. Periodico mensal de litteratura.—É redactor d'esta nova publicação, que saiu á luz na cidade do Porto, o talentoso escriptor, o sr. João Penha, e administrador o sr. Alfredo Campos, nome tambem lisongeiramente conhecido na pacifica republica que dá o titulo ao periodico. Collaboram no primeiro numero escriptores distinctos, muitos dos quaes o leitor d'esta folha conhece, porque tambem têem honrado as columnas das—*Artes e Letras* com os seus escriptos. A *Republica das letras* é por todos os respeitos um periodico interessantissimo, e dos de mais valia que até hoje se tem publicado no paiz. Que a fortuna lhe seja prospera é o que sinceramente lhe desejo.

O crime.—Com este titulo publicou o sr. Guerra Junqueiro um folheto de poucas paginas, no qual expõe a sua opinião ácerca dos debates ultimamente suscitados por motivo do assassinio do alferes Brito. A opinião do sr. Guerra Junqueiro é apresentada em versos alexandrinos, e, não obstante o assumpto prestar-se mais ao phraseado convencional dos artigos de polemica dos jornaes politicos, encontram se em o novo poemeto do illustre escriptor, algumas estrophes que mais uma vez confirmam o talento de quem as assigna. A obra é dedicada ao sr. Barjona de Freitas, ministro da justiça.

Prado permanente. Bromus schraderi.—O sr. Duarte de Oliveira Junior, redactor principal do *Jornal de horticultura pratica*, e um dos cavalheiros que muito têem trabalhado em Portugal para a prosperidade da nossa agricultura, publicou mais uma obra da sua especialidade. Denomina-se ella, como acima se vê, *Prado permanente*, e trata das vantagens da cultura do Bromus Schraderi, planta originaria da America septentrional. O folheto deve ser procurado com interesse pelos amadores de plantas, porque o o sr. Oliveira Junior, que o traduziu e annotou, dá-lhe auctoridade com o seu nome, e o assumpto disperta a curiosidade dos entendidos. A edição, feita no Porto, é primorosa. Na primeira pagina encontra-se uma gravura representando o Bromus Schraderi.

A queda de um gigante.—Assim se intitula o volume n.º 16 da *Bibliotheca universal* de que são proprietarios os srs. Lucas & Filho. O novo livro publicado por estes diligentes editores, é assignado pelo sr. Manuel Pereira Lobato, auctor do romance—*Os fidalgos do coração de oiro. A queda de um gigante*, não obstante formar por si só um romance que se póde lêr sem dependencia de qualquer outro, serve, todavia, de continuação ao dos—*Fidalgos*. O sr. Pereira Lobato tem estudado com muito proveito a nossa historia relativa ao seculo XVI, e é em resultado d'esses estudos que deu á publicidade os dois alludidos livros, os quaes hão de ter, de certo, continuação. É innegavel que este escriptor presta relevante serviço ás letras, publicando romances historicos de interesse, e com a leitura dos quaes se trava intimo conhecimento com uma pagina curiosa da historia portugueza.

As maravilhas da photographia.—Trata d'esta famosa descoberta, fructo precioso da civilisação do seculo em que vivemos, o n.º 12 da bibliotheca—*Educação popular* de que tambem são editores os srs. Lucas & Filho. Este folheto, resumo do que Tissandier escreveu sobre o assumpto, é devido á penna esclarecida do sr. Osorio de Vasconcellos, escriptor versado no estudo das sciencias, e por isso dos mais competentes para se occupar de tão importante materia. Deve merecer a attenção do publico a instructiva narração de tudo que diz respeito a photographia, porque das vantagens de tão maravilhoso processo todos tiram proveito, vistas as variadas applicações que se tem conseguido dar-lhe. E como não é permittido fallar-se de photographia sem se mencio-

nar o nome do sr. Carlos Relvas, direi, que, em nosso favor, trouxe-nos a photographia, alem de outros beneficios, a gloria de possuirmos um compatriota, que pela sua perseverante applicação a tão interessante estudo, tem honrado o paiz nas exposições estrangeiras, merecendo em todas as primeiras distincções. O sr. Osorio de Vasconcellos refere-se no seu folheto ao sr. Relvas, bem como ao sr. José Julio Rodrigues, que tambem está prestando valiosos serviços com os seus trabalhos photographicos.

A lanterna magica.—Publica-se uma vez por semana o periodico humoristico assim intitulado. Contém caricaturas executadas por artistas competentes, e artigos devidos a pennas illustradas e folgasãs. A politica e as letras têem sido o alvo da critica dos primeiros numeros. Que prosiga como até agora, jovial e inoffensivo, é o que sinceramente hão de desejar todos os que, como eu, saudam com verdadeiro jubilo as novas publicações, dignas, pelo seu merecimento, da attenção publica.

Rosto e coração.—Assim intitulou o sr. J. B. Mattos Moreira um romance original, que ultimamente publicou em volume de mais de 200 paginas. *Rosto e coração* é uma despretenciosa narrativa escripta em linguagem clara e desaffectada, com enredo attrahente e variadas peripecias, que ora commovem, ora alegram o leitor. Tem a seu favor, alem do merecimento real que recommenda a obra, uma qualidade rarissima nos romances modernos; é poder entrar nas mais honestas casas, sem que os paes de familia se assustem com a visita. Esta circumstancia, junta á de ser o livro interessante e feito em edição nitida e bonita, deve contribuir para a sua rapida venda, o que muito lisonjeará o auctor-editor.

Do amazonas ao sena, nilo, bosphoro e danubio.—Está publicado o segundo volume do curioso livro de viagens do sr. J. C. da Gama e Abreu. Não é menos interessante do que a primeira, a parte dada agora á estampa. O leitor percorre ao lado do auctor, em agradavel convivencia com as suas acertadas observações, varias terras de França, onde se demora algum tempo nas principaes, e menos nas de secundario interesse, seguindo depois viagem até paizes que lhe são mais estranhos, porque a respeito d'elles não ha tantos livros escriptos, como ácerca d'aquelle famoso emporio. De Alexandria, do Cairo e de Jerusalem, encontra o leitor curioso boa copia de noticias no livro do sr. Gama e Abreu, o que facilitará a prompta divulgação da obra não só em Portugal, patria adoptiva do auctor, mas tambem no Brazil, sua terra natal.

Juizo critico da imprensa sobre o grande diccionario portuguez de frei Domingos Vieira e o diccionario de educação e ensino, traduzido por Camillo Castello Branco.—O titulo indica o assumpto de que trata este folheto. N'elle se encontram os principaes artigos que a imprensa periodica tem dedicado ás duas importantes obras de que é editor o sr. Ernesto Chardron, estabelecido no Porto, as quaes são de grande valia para as pessoas estudiosas. A extraordinaria procura que os dois notaveis diccionarios têem tido em Portugal e no Brasil, justifica os encomios que a imprensa lhes dispensa todas as vezes que d'elles falla.

Summario de varia historia.—Sahiu á luz o volume quarto d'esta curiosa e importante obra, devida á penna esclarecida do sr. J. Ribeiro Guimarães. Como os antecedentes, contem este volume artigos interessantes sobre antiguidades portuguezas, nos quaes se encontra larga copia de esclarecimentos de que podem tirar grande proveito os estudiosos e dedicados ás coisas patrias. Entre os artigos mais dignos de menção, figura o intitulado—*Episodio da vida do insigne pintor Domingos Antonio de Sequeira.* N'elle se queixa, com rasão, o sr. J. Ribeiro Guimarães da deficiencia de todas as biographias do insigne pintor portuguez até áquella data publicadas. As—*Artes e Letras* estão inserindo nas suas columnas um dos trabalhos mais completos que a respeito do famoso artista, se tem escripto e dado a publico. E o referido trabalho devido a assiduas investigações feitas pelo sr. marquez de Souza Holstein, que, revelando a maior competencia, tem empregado todos os desvelos para preencher a lacuna até agora existente. Parece-me, pois, que a publicação da extensa e interessante biographia do nosso grande Sequeira, é dos melhores serviços que as—*Artes e Letras* têem prestado, porque pouco se conhecia com respeito áquella gloria nacional, e muito se ficará sabendo depois de concluido o proveitoso estudo do sr. marquez. A edição do—*Summario de varia historia* é da casa Rolland & Semiond.

Bibliotheca theatral.—Publicou a empreza d'esta *Bibliotheca,* dirigida pelos srs. Aristides Abranches e Castilho e Mello, mais tres peças: o drama em cinco actos, original do sr. Ricardo Cordeiro—*A familia;* e as comedias em um acto—*Quem desdenha...* original do sr. Pinheiro Chagas—*O caso de consciencia,* vertida do francez por este escriptor, e—*Luiz XI e o poeta,* traduzida tambem do francez, pelo sr. Ferreira de Mesquita. Conhecido, como é, o valor litterario d'estas producções dramaticas, natural será que ellas tenham venda proporcional á boa acceitação que obtiveram, quando foram representadas nos theatros de Lisboa.

Archivo latino-americano.—Assim se intitula uma collecção de manuscriptos ácerca do descobrimento, conquista, colonisação, independencia, costumes e instituições dos paizes da America-latina, extraidos dos melhores archivos e bibliothecas publicas e particulares da America e da Europa. Esta curiosa collecção é publicada em Londres pelo sr. Luiz Ricardo Fors, advogado hespanhol, e offerecida ao grande caudilho italiano J. Garibaldi.

(Continúa.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

— As folhas francezas, que se occupam de assumptos de arte, registaram a morte do barão Anselmo de Rothschild, membro da camara dos senhores de Austria, classificando o rico banqueiro como um dos colleccionadores de objectos artisticos, de gosto mais apurado. O seu palacio em Vienna estava mobilado com a maior simplicidade. Afóra as soberbas decorações de Prud'hon que ornaram em Paris a magnifica morada do barão Salomão, pae do fallecido, (palacio onde está actualmente a embaixada ottomana, rua Laffitte, 17) todo o luxo de Anselmo Rothschild se concentrava nas suas collecções de quadros, e de objectos de arte e de grande curiosidade. Deixou grande numero de madeiras e marfins incomparavelmente esculpidos, armaduras da mais rara belleza, admiraveis manuscriptos, uma collecção importantissima de caixas de rapé enriquecidas de esmaltes e de miniaturas, quadros notaveis—hollandezes principalmente—e *gouachas* de Van Blarenberghe, excepcionaes no seu genero pelas dimensões e merecimento artistico que têem.

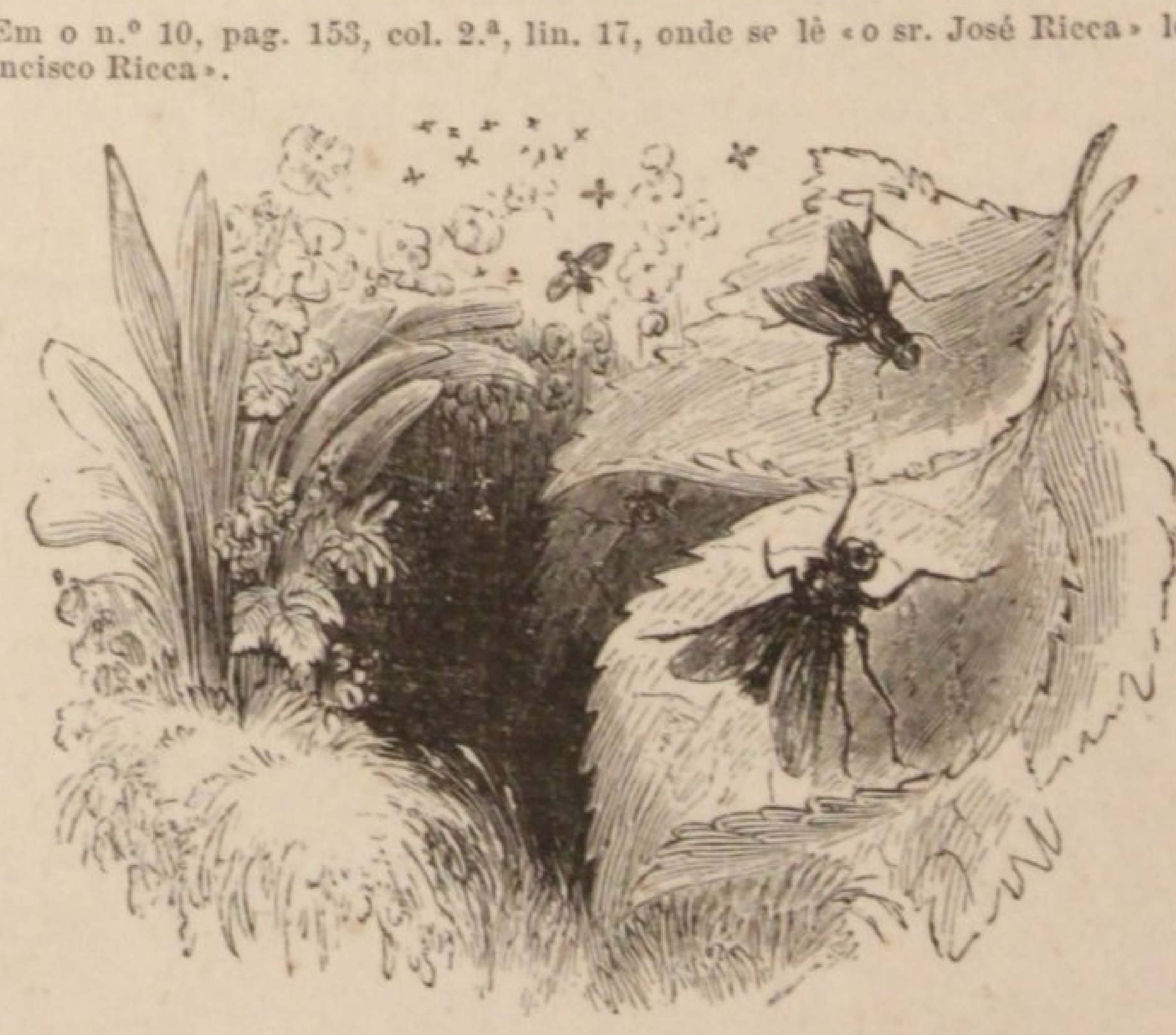
— Segundo refere um periodico americano, os hollandezes conseguiram descobrir o segredo de fazer charão. Compõe-se este de gomma copal de Zanzibar, tornada preta com tinta da China. Os objectos cobrem-se com muitas camadas do charão assim preparado, adornando-se com madreperola ou com qualquer outra substancia decorativa, emquanto a massa negra não endurece. O charão sécca expondo-se ao calor de um forno; depois applica-se-lhe nova camada, e quando esta se acha tambem completamente secca, pulem-se os objectos com pedra pomes até a superficie d'elles ficar perfeitamente lisa e igual.

— Miss Leech, irmã do fallecido John Leech, o celebre caricaturista que tanto contribuiu para a extraordinaria fama do *Punch,* pôz á disposição da auctoridade civil de Brighton, mais de quinhentos desenhos de seu irmão, para serem expostos, durante tres mezes, no palacio do Pavilhão. Comprehende esta riquissima collecção a historia comica da Inglaterra e a historia de Roma. Cada desenho é acompanhado de uma descripção feita por Miss Leech.

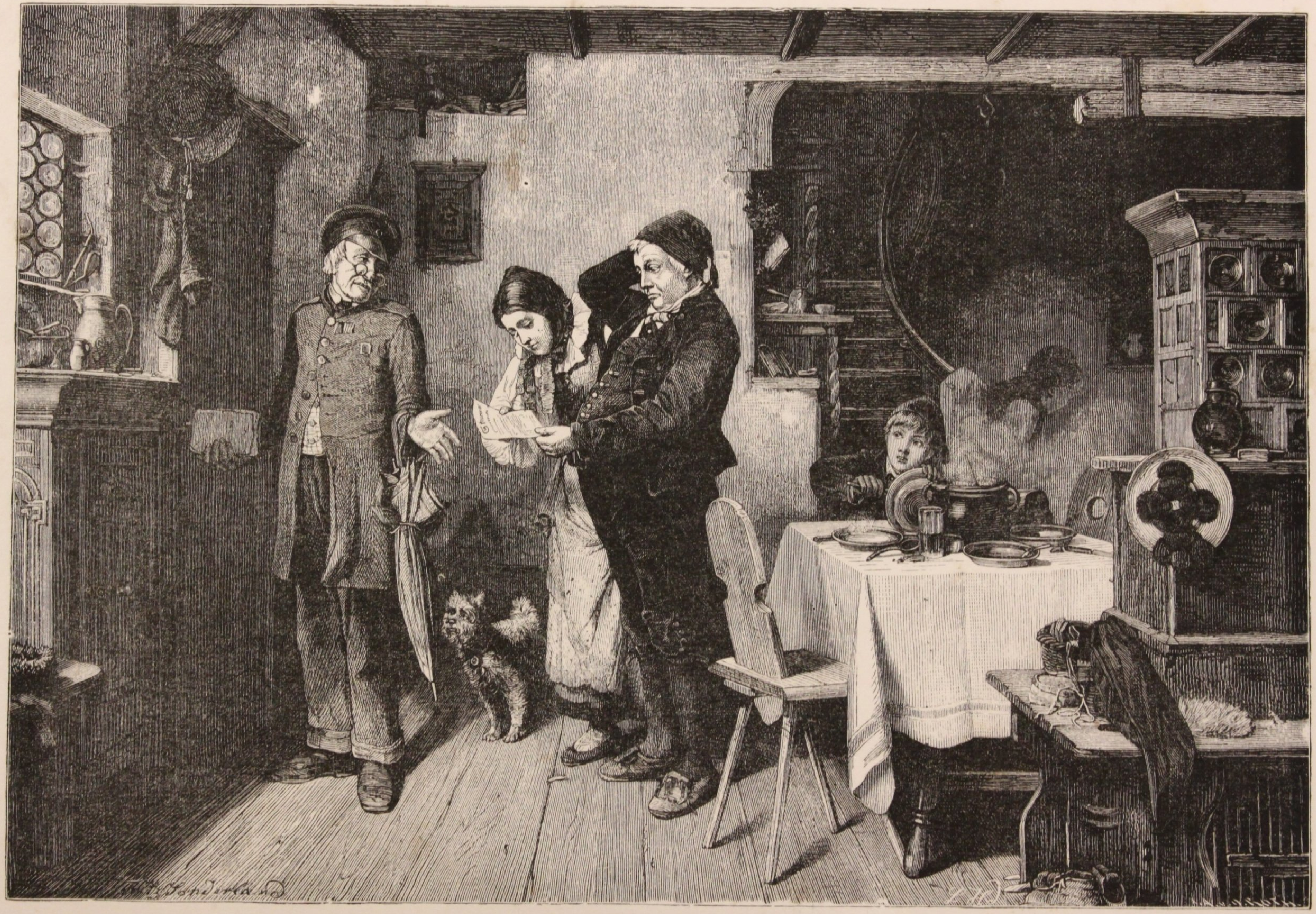
— Na sala dos guardas do palacio, em Compiègne, inaugurou-se, ha pouco, um museu indo-chinez, contendo uma formosa collecção de monumentos de esculptura e de architectura trazidos da Indo-China pelo capitão de navios Delaporte. No palacio de Compiègne ha, além d'esta collecção, algumas antiguidades gaulo-romanas e uma interessante galeria de quadros. A Inglaterra, porém, está melhor servida n'este ponto, do que a França. Na galeria real de *Albert-Hall,* no museu de *South Kensington,* existe uma preciosissima collecção trazida da India pelo doutor Leitner, que não tem comparação em riqueza com a de Compiègne. Contém, afóra outros objectos de subido valor, 1:000 medalhas e moedas, e 184 esculpturas.

ERRATA

Em o n.º 10, pag. 153, col. 2.ª, lin. 17, onde se lê «o sr. José Ricca» leia-se «Francisco Ricca».



1553—Imprensa Nacional—1874



TENHAM PACIENCIA!

QUADRO DE SONDERLAND

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



Numero 12 — Lisboa — 3.ª Serie

TENHAM PACIENCIA!...

Pois então assim se interrompe o jantar áquella boa gente?

Estavam muito descansados a comer, — e por signal que as sopas ainda fumegam, — senão quando apparece um figurão de umbella na sinistra e cartapacio na dextra, como se dizia d'antes na rua dos Condes, e puxa de um papel que só a vista d'elle faz cocegas.

— Então isto ha de ser por força?...

— Manda quem póde...

— Decimas sobre decimas, tambem é o que sabem estes senhores do governo. E para que?... chuz, bôca.

— Amigo, isso é como a agua, quando cae molha todos.

— Sim, mas não é esse seu dizer que me enxuga.

A Eva do casal, que é uma creatura nedea, de faces roliças e duras, de cabellos espessos, fortes, e toda ella a ressumbrar vida opulenta, debruça-se para averiguar do assumpto.

— E logo isto, hein?...

— O que quer, flôr?... Tenham paciencia!...

A scena é esta, nem mais nem menos.

No entrementes, o rapazete, que ainda não está em idade de pensar nas contribuições directas, mette a colher na malga, — e os progenitores que se afflijam. Até o cão, espivitado e felpudo, até esse parece comprehender que se está ali tratando de alguma legalidade rapinante.

O agente publico tem cara de quem se condoe do acto; mas o estado exige, o estado precisa, o estado, — essa unidade organica do grande corpo social.

Mas para que?

Eis ahi um ponto em que o velho pensa a momentos, mal destrinçando a rede e os torcicollos das exacções.

Se elle tivesse lido Bastiat, Mac-Culloch, ou pelo menos o abundante diccionario de Coquelin e Guillaumin, — é possivel que soubesse dobar a meada, e até que abrisse na sua circumscripção um cursosinho de economia politica. Mas o hómem não é da *idéa nova,* não senhores; é da antiga, da muito antiga, e então o que querem?... já não tem pernas para acompanhar a juventude esperançosa, a adolescencia andarilha, a mocidade que leva o pendão no cirio dos principios modernos.

A velhice é trôpega, já lá o dizia antes de haver taes idéas aquella atalaia nocturna da formidavel *Orestide.*

Proseguindo:

— Pois não ha que fugir ao laço, não é verdade?...

— Vamos, que os graneis abarrotaram-se este anno.

— E visto isso, ando eu a mourejar, por baixo das calmas de agosto, — aqui lhe limpo a cevada, alem lhe rego os pomares, acolá lhe apanho o rabisco, para me levarem logo o melhor, que nem com um gerifalte na palma?...

— E quem é que lhe pôz a estrada á beira do muro?...

— Olhe, por minha causa não foram elles que a fizeram.

— E quem lhe vela pelo que o senhor tem!...

— Lá isso sim; do que eu tenho é que se não esquecem.

— Ó amigo, o mundo foi sempre o mesmo, e já agora não ha de haver ninguem que o emende. Isto, mal comparado, é como os alcatruzes: passa de uns para outros. Deixe girar a nora e encher a almacega, que com isso é que hão de folgar os campos. Lá gemer ha de ella, como vossemecê o está fazendo; pois é condão que todos mais ou menos se aqueixam.

Pelo que se vê, o agente sabe escarduçar por musica. Tem estudado esta solfa, e com ella diminue os inchaços do mau humor contribuinte.

— Bem, pague-se, — e leva a mão ao carapuço, com aquelle gesto solemne do aborrecimento insoffrido.

— Ora Deus queira que eu ainda lhe bata ao ferrolho por longos annos e bons.

— Metade d'isso era para eu fazer uma saia nova, — adjunta a mulher, que sabe que as saias novas dão na vista, e que a vista deslisa tambem por ellas, a devassar a fórma esbelta do pé.

Vaidosa!...

— E então eu, ficava sem um barrete para o dia da feira?... — accrescenta o individuo das sopas, ainda com os beiços a denunciarem a golodice.

Visto que todos deram testemunho da voz, o mesmo cão ladra ás pernas do velho. Este embolça a colheita, guarda os oculos na caixa, e despede-se da familia com o dito sacramental e intermittente:

— Isto é navalha que barbeia a todos. O que lhe havemos de fazer?... Tenham paciencia!

E. A. VIDAL.



NEGRO

O negro das tuas tranças
e o negro do teu olhar
são meu constante martyrio,
são meu continuo scismar.

Não sei qual d'elles mais brilha,
qual dos dois tem mais encantos,
que se um é noite sem lua,
no outro estrellam-se os prantos.

As tranças caem no seio,
negrejam por sobre a neve;
que nunca a noite dos polos
gelo e trevas assim teve.

Os olhos mergulham sombras
nas linhas meigas do rosto,
como as densas ramarias
por noites calmas de agosto.

Mas esse negro das tranças,
o negro do teu olhar,
corôa do meu martyrio,
origem do meu scismar,

não são a causa mais viva
de penas que eu não revelo:
assim tua alma não fosse,
como teu seio, de gelo!...

ASSIS DE CARVALHO.

A PECUREIRA

Ao doutor Luiz Jardim

I

A nossa gravura representa uma pastora da aldeia. Todos se recordam ainda no bulicio das cidades do caír das folhas do outono nas longas devezas, quando na clareira da floresta se descobre um panno de purpura e oiro, a côr mais nitida do principio do crepusculo, que precede o mavioso anoitecer. Então lembramo-nos tambem de umas pobres raparigas, magras, franzinas, de saia curta de burel, cabello solto, pés nús e collo nú, ás vezes formosas como as dryades, quasi sempre tristes como a tarde do outono, que vão conduzindo ao redil do meio das devezas e da ourela das montanhas o rebanho, que adormece ao caír das sombras humidas e ao despontar das estrellas.

A que me deixou uma impressão indelevel nas memorias da infancia, chamava-se Maria. Dulcissimo nome, que é uma suave melodia do amor.

Tambem foi essa eterna paixão dos anjos, que lhe murchou as roxas perpetuas das suas alvoradas de alegria.

II

Cantava muitas vezes aquellas baladas agrestes, que têem uma significação vaga como as neblinas brancas dos rios em manhã limpida de inverno, e sôam no ouvido pelas quebradas dos montes como a toada religiosa de uma prece de finados, ou como o tanger das Ave Marias no sino do presbyterio.

Chovem do céo as estrellas
Sobre as florestas cerradas,
E as penas são, como ellas,
Tristes lagrimas caladas!

As queixas leva-as o vento,
E ninguem ouve o luar,
Mortalha do meu tormento
Nas maguas do meu penar.

A avesinha, que esmorece
Ao fugir da luz do céo,
Ao raiar do sol esquece
A noite, que a adormeceu.

E eu sou a aza da rôla
Ferida no pinheiral,
Nem a alvorada consola
Minha tristeza mortal.

E era assim a sua tristeza prophetica.

Scismava a innocente ao pôr do sol, nas quebradas da serra, com umas longinquas esperanças, que são o ideal de todas as almas, predestinadas para o martyrio.

As estrellas, que despontavam no céo, eram como as suas lagrimas, caladas e mysteriosas.

Na virgindade do coração já presentia as labaredas do amor.

Tinha uma sensibilidade de creança amimada com os requintes do luxo e do affecto, na atmosphera perfumada da riqueza. Era alva como um lirio, delicada como a essencia da madresilva, meiga como a pomba, e suave como a tarde do outono.

III

A historia d'este anjo, que passou nas sombras da minha mocidade, como a estrella cadente, é simples e breve.

O dono do casal, cujo rebanho pastoreava a gentil Maria, tinha dois filhos quasi gemeos na idade e na formosura varonil. Maria enamorou-se do mais velho; todavia calava o sentimento da sua alma no intimo da sua humildade.

Via a sua imagem d'elle a desenhar-se vagamente na projecção das arvores da deveza, ao radiar obliquo do sol poente; no lago moldurado de salgueiraes; nas cristas nevoentas da serrania longinqua; no despenhar sonoro das aguas da montanha; no sussurro das folhas sêccas, que caem nas tardes tristes do preludio suavissimo do inverno; no canto magoado da tutinegra; no deslisar monotono e placido do rio da sua aldeia natal; nas grandes constellações luminosas, como na luz perdida ao longe, á noite, na cabana do valle; no céo e na terra; nos sonhos e nas lagrimas.

Pobre Maria! Escondia-se no silencio da sua paixão um drama lugubre.

Os dois irmãos, ambos, perceberam o amor de Maria.
O mais velho sorriu-se, o mais novo entristeceu-se.

E começou, como ella, a definhar, a definhar, na longa amargura da sua affeição ignorada.

Um dia, os paes perguntaram-lhe a causa da sua tristeza.

—Não posso viver na aldeia, respondeu elle.

—E por quê, José? disse a mãe, commovida.

—Porque morro, mais tarde ou mais cedo, se continuar a viver aqui.

Os pobres velhos calaram-se indecisos e angustiados.

—Queres então deixar-nos, e ir... para onde? perguntaram ambos.

—Vou para o Brazil.

—Sim, disse o pae; vaes para onde se finou na desgraça teu primo, o Antonio Duarte, de quem eras tão amigo; e preferes isso ao amparo, que deves á nossa velhice, e a morte em terra estranha ao calor do nosso lar. Pois vae, e que Deus te abençôe.

A mãe chorava, calada; Maria abraçava-a, debulhada em lagrimas: tinha pelo filho mais novo do casal uma amisade de irmã.

O rapaz partiu, pouco depois; e escreveu, nos primeiros tempos da sua chegada ao Rio de Janeiro, dando as mais auspiciosas noticias.

Quando Maria voltava do correio da villa proxima com uma carta do Brazil, era uma alegria immensa para toda a familia.

IV

Decorreram alguns annos, sem se receber uma letra de José. A pegureira cresceu em idade e tornou-se a mulher mais formosa d'aquelles sitios. Muitos a requestavam, e ella de todos se esquivava pertinazmente.

O filho mais velho do lavrador deixou-se dominar pela seducção da sua formosura, e amou-a. A innocente, que acreditava desde a infancia na pureza e na felicidade do amor, deu toda a sua vida aos encantos de uma união mysteriosa e funesta.

Não passaram muitos mezes, que a infeliz visse, que já não podia guardar o rebanho na encosta da collina, porque era mãe.

O caso espalhou-se na aldeia, e o filho do lavrador não teve a coragem de levantar do abysmo da deshonra aquella desgraçada. Maria abandonou o casal, onde refloriram e murcharam as rosas da sua mocidade.

E foi esconder na grande solidão do mundo o fructo dos seus amores, orvalhado de eternas lagrimas.

V

Falleceram os velhos na paz ignorada e triste do seu lar quasi deserto.

Succedeu-lhes o filho na lavoura do casal.

E nunca mais se lembrou da infeliz pegureira.

Até ajustou casamento com uma lavradeira visinha, mulher que levava em dote o que perdia em formosura.

Na vespera da confirmação dos esponsaes, recebeu uma carta de Lisboa, cuja letra o fez empallidecer.

Resava assim aquella carta:

Meu irmão.—Voltei a Portugal, porque uma desgraçada mulher, que tu seduziste e abandonaste, me obrigou a isso, pedindo-me que viesse salval-a. Encontrei-a aqui na extrema pobreza, na mais afflictiva miseria, arrancando ao somno e ao sustento, á propria vida definhada pelo trabalho, a vida de teu filho. Amava eu esta mulher, ainda a amo, e foi por causa d'ella que me expatriei. Levo-a comigo, para que lhe dês com o teu nome a honra e a dignidade, que ella nunca perdeu.=*José.*

O lavrador apertou a carta nas mãos crispadas. Tal occorrencia imprevista arruinava todos os seus projectos de riqueza.

Não respondeu, e appressou a celebração das nupcias.

No dia do casamento, quando caminhavam para a igreja, sentiu-se o trote largo de dois cavallos, na mesma direcção.

Todos voltaram o rosto.

Era o irmão do lavrador e Maria, que corriam, lado a lado, ao longo da estrada, que conduzia ao presbyterio da aldeia.

Parou a comitiva. José apeou-se, e dirigindo-se aos noivos, exclamou:

—Aquella senhora, que me acompanha, protesta contra este casamento, que rouba a seu filho a herança e o nome de meus paes. Todos se lembram ainda de Maria, a pegureira. Meu irmão perdeu-a e abandonou-a: qual de vós poderá assistir ás nupcias de meu irmão?

Houve um grito unanime de assombro.

A noiva caíu desmaiada, e o lavrador arremetteu, livido de colera, com os punhos cerrados, contra José.

—Hei de afogar essa infamia com o teu sangue, rugiu elle.

—Infame és tu, que renegas a tua mulher e o teu filho.

E os dois irmãos atiraram-se um ao outro, braço a braço, n'uma luta feroz.

Ninguem pôde separal-os, quebrar as cadeias de bronze d'aquelle odio fratricida.

Sentiu-se depois o baque de dois corpos no chão. Ambos tinham no rosto a roxa agonia da morte. Por mais soccorros que se lhes prestassem, não foi possivel evocal-os á vida.

Maria fugiu, desvairada, louca, arquejante, para longe, para longe d'aquella tragedia fatal.

Andou todo o dia e toda a noite, por montes e descampados, rasgando os vestidos e os pés sangrentos, caindo de rojo nas pedras do caminho, erguendo-se hirta de desespero, gritando que a matassem, pedindo á terra que a engulisse no mais profundo abysmo.

Depois desmaiou pallida e amortecida, como a flôr que pende ás horas da tarde, sorrindo tristemente para as suas lagrimas, frios os labios aos beijos suspirados das auras dos arvoredos, ai! branca e formosa como a mortalha de lirios, a neblina dos valles, que a escondeu para sempre!

Pousou a face defecada nas rosas da sua infancia, mirou ainda com os olhos da alma, ao escurecer da vida, os pomos de amor, que lhe brotaram dos seios nús.

O lago dormente ao raiar da aurora mostrava-lhe o rosto emmagrecido, assombrado das azas do anjo do Senhor, que a vinha roubar com o primeiro raio do sol.

Ella inclinava o rosto sobre o espelho das aguas, e os salgueiros inclinavam a ramagem suspirante aos ventos da manhã, para lhe segredarem os derradeiros gemidos.

Os gorgeios das aves eram mais timidos e doloridos, ao esvoaçar d'aquella sombra para o céo; magoados os requebros do rouxinol nas franças do arvoredo; tristes os murmurios das ribas solitarias; desbotadas, em fim, todas as flôres, que ella tanto amara, nos fugitivos sonhos da sua felicidade.

Ao abraçar-se o mundo com Deus, ao primeiro desabrochar da rosa do oriente, ao alegre sorrir do astro da vida, ai! que saudades ella tinha das auroras embalsamadas pelos perfumes da sua alma, e pelos perfumes das rosas da mocidade, que ella ia deixar para sempre!

Que lagrimas, as ultimas, as mais dolorosas, as mais angustiadas, lhe vinham amargar nos labios desmaiados a essa luz suave, que vela, como em sudario piedoso, todas as alegrias e todas as amarguras da terra!

Foram assim os seus ultimos gemidos. Illuminou-os o astro do céo, levou-os o vento da montanha, amimou-os o gorgeio triste da ave do crepusculo, suspirou-os o sussurro das aguas e o amarellecer das flôres, e sumiu-os o pallido raio da sua estrella.

Morreu ao desmaiar da estrella d'alva.

Os esplendores do sol não lhe abriram mais os labios para o seu cantico divino; doiraram os cabellos formosissimos, onde se prendiam os sonhos da felicidade, mas não irradiaram na luz dos seus olhos, onde se revia a sua alma e se retratava o seu coração: beijaram-lhe a fronte pallida, como um celeste diadema, reflexo do eterno dia; e a rosa branca do seu amor, alva como a sua mortalha de lirios, a neblina dos valles, levou-a no seio inanimado, o ultimo beijo da primavera.

Levou-a Deus para si.

F. GUIMARÃES FONSECA.



A pegureira

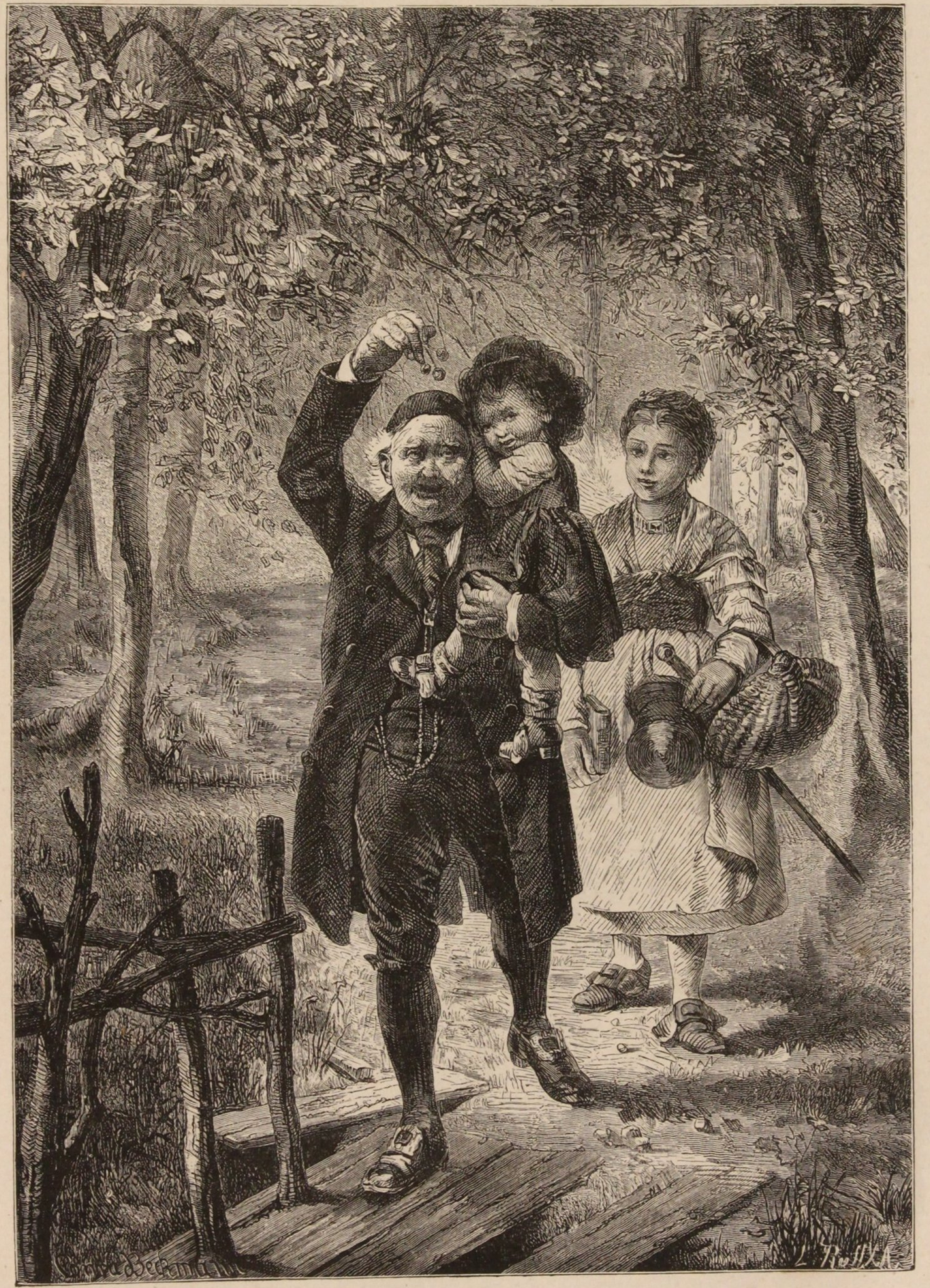
DEIXAI QUE OS PEQUENINOS VENHAM A MIM

Vos estis sal terræ...

Agora me está lembrando o que escreveu a este respeito o nosso padre Vieira: «Vós, diz Christo Senhor Nosso, fallando com os prégadores, sois o sal da terra: e chama-lhe sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal.» Aquelle insigne orador, uma das maiores glórias portuguezas, o gigante do pulpito, o trovão da eloquencia, desenvolve brilhantemente, como elle dizia e escrevia tudo, a comparação biblica. Não era preciso, porém,

ser tamanho como Vieira para tirar do *sal terræ* a doce

Que outra cousa deve ser o padre senão o preservativo



Deixai que os pequeninos venham a mim

e profunda philosophia que essa phrase contém; para o fazer como elle, isso sim.

do desespero? A sua palavra deve temperar as paixões como o sal tempera os alimentos. De modo que o padre

foi talhado para consolação e remedio, como o sal que, tornando mais agradaveis as viandas, as defende da corrupção. D'onde sae o sal? Do mar, que tudo lava, e que dá saude. D'onde sae o padre? Da igreja, que tudo purifica, e tudo melhora. A tunica vestida pelo padre, é branca como o sal. Até n'isso se parecem! A missão do padre é acompanhar a humanidade desde o berço ao tumulo, abrangendo portanto todas as idades. A missão do sal é acompanhar todas as refeições sejam faustosas ou modestas, abundantes ou mesquinhas. Mas, restituindo o sal ao mar, pois que lhe pertence, fallemos unicamente do sal da terra, *sal terræ*, que é o nosso assumpto. Vamos, ó filho dilecto de Christo, acompanhar-te na tua missão, já que tantas vezes nos tens acompanhado em a nossa. É preciso ir levar a luz e a fé ao mais agreste das montanhas? Faze-te Bartholomeu dos Martyres, e vae. É preciso ir converter o gentio a remotas e arriscadas paragens? Volve-te Francisco Xavier, e parte. É preciso visitar os mil enfermos que a epidemia arrojou para o hospital, e d'ahi arrojará para o cemiterio? Torna-te monsenhor Belzunce, o santo bispo de Marselha, e acode impavido e meigo aos moribundos desamparados. Encontras no caminho o mendigo quasi reduzido a completa nudez? Sê Martinho; retalha a tua capa, e cobre-o. Ah! meu bom padre, qualquer que seja a tua idade e a tua hierarchia, ampara a velhice que topares no caminho, tremula, faminta, solitaria, e a infancia que te sair ao encontro, alegre, ruidosa e festiva. Salga a insôssa fraqueza dos velhos; tempera os alegres impetos das creanças. *Sal terræ*. Sal do mundo, cumpre a tua missão. Chovam sobre ti as bençãos de Deus e dos povos, dos ricos e dos indigentes. Entra no seio da familia, e aconselha-a. Sobe ao pulpito e esclarece. Senta-te á beira do catre e converte. Aproxima-te da sociedade e regenera-a. E se a tua patria, ó abençoado mensageiro de Deus, geme oppressa sob o jugo da escravidão, ou fumega com os incendios da guerra civil, ou fluctua em rios de sangue e oceanos de lagrimas, ó padre, ó luz, ó consolação, ó providencia terrena, ergue-te sobre as ruinas e hasteia a cruz, solta do alto da tua cadeira evangelica o verbo divino, e as ondas do sangue refluirão, e os soldados cairão vencidos á tua voz, e o espirito do Senhor fluctuará ao de cima das aguas revoltas para serenal-as na dôce calmaria da paz. Padre, o teu logar é no presbyterio, d'onde com a vista e o coração abranges o teu rebanho disseminado no pendor da serra. Se ouvires chorar, desce a montanha. Mas se retumbar a teus ouvidos o estrondo da fuzilaria, não pegues na escopeta, não desças ancioso de carnificina, porque, no momento em que te volvas Santa Cruz, Deus estremecerá de horror no altissimo pedestal da sua infinita bondade, a casta Maria chorará de novo a dôr de ter visto morrer seu filho, e a cruz, esses dois bocados de pau que governam o mundo e que ninguem logrou ainda lançar por terra, ficará solitaria e triste no ermo da serra, como o sol na vastidão do céo, quando illumina um dia de horrores e de luto. O teu exercito não traz armas; não precisa de ferir nem de defender-se. Tu não proteges um só homem; tu proteges a humanidade. Tu não és cidadão de um paiz, porque a tua patria é o mundo. Tu não és mensageiro de um rei; tu és emissario de Deus. Tens de lutar? Pois luta. Ahi tens o pulpito, o altar, as escolas, as praças, os livros, os jornaes. Mas nem com a palavra nem com a penna venhas acobertar as paixões partidarias, nem defender os interesses pessoaes. Não enganes o povo, padre. Não lhe dês politica quando elle quer religião. Para ti o melhor rei é o que fôr melhor para os outros. Não te assentes á mesa do banquete conspirador. Em toda a parte ha pobreza, e doença, e miseria. Vae jantar com todos esses infelizes; os principes têem consolações abundantes e promptos soccorros. Não precisam de ti. Que lhes faz a elles um grão de sal, o que tu és, ó padre?

Dá alegria vêr-te, ó venerando pastor de algum rebanho aldeão, velho, prasenteiro, tranquillo, sem paixões, sem odios, erguer ao collo as creancinhas que vaes encontrando pelas alamedas para que ellas cheguem aos pomos que pendem das grandes arvores seculares.

Nem os pequeninos fogem d'elle, porque é alegre como o sol; suave como a luz da manhã; carinhoso como o octogenario avô, que lá está em casa, e por quem as creanças se morrem.

—Anda cá, Luizinha, anda cá. Olha a gingeira como está carregada! Ora dize-me, se eu te fizer um presente, és capaz de me dar noticia de teu avô? Como vae elle, o pobre velho doente?

—O avôsinho... vae bem! Gagueja a pequerrucha olhando de revez para a gingeira.

—Ainda bem, filha! Ora dize-lhe que fallaste com o prior e que me espere lá um d'estes dias que, se me Deus der vida, lhe hei de ir fazer uma visita. Sim, senhora. Ganhaste o presente. Vaes ter as ginjas, rapariga, ladina, meu zig-zig...

Não se vê arrancar os pomos, mas adivinha se.

O artista quiz tambem que os seus admiradores collaborassem no quadro com pequeno dispendio de imaginação. Chegado a este ponto, disse á gente: Que faria agora o abbade e que fariam as creanças? E a gente responde facilmente: O abbade cortava as ginjas, e as pequerruchas comiam n'as.

ALBERTO PIMENTEL.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)[1]

De envolta porém com estes e outros actos do mais acrisolado patriotismo, misturaram-se acções bem vis que é triste encontrar a par d'aquelles. Foi infelizmente certo que alguns portuguezes houvera traidores á patria e ao rei: que por temor, demasiada prudencia, ou até por motivos torpes consentiram não só em servir com os francezes, mas até em auxilial-os em seus damnados intentos de avassallar Portugal. A saída dos francezes estipulada na convenção que tomou o nome de Cintra, e que foi celebrada em 30 de agosto de 1808 produzio uma recrudescencia de patriotismo. Eram por toda a parte denunciados e perseguidos os jacobinos, termo então inventado para designar os que eram suspeitos de affeição aos francezes[2]. As denuncias tomaram proporções assustadoras; verdade é que o proprio governo não só as favorecia, senão as ordenava e recommendava como serviço importante[3]. As denuncias seguiam-se as prisões, e as cadeias foram atulhadas de jacobinos. O povo a quem haviam mandado tomar armas[4] servia-se d'estas para promover desordens,

[1] Vid. os n.os 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11.

[2] Officio do intendente geral da policia em 4 de fevereiro de 1809.—Torre do tombo, archivo da intendencia da policia, contas para as secretarias, L. X., fl. 56, v.

[3] Edital de 5 de dezembro de 1808, citado pelo sr. S. J. da Luz: *Ob. cit.*, vol. I, pag. 660; e decreto de 20 de março de 1807. (Gazeta de Lisboa, n.º 12, de 21 do mesmo mez, suppl. extraord.)

[4] Proclamação dos governadores do reino de 9 de dezembro de 1808 e decreto de 11 do mesmo mez. Vid. sr. S. J. da Luz: *Ob. cit.*, pag. 662 a 665.

não para manter a ordem. São de ver-se nos livros de registo da intendencia as repetidas informações que sobre o estado anarchico da capital elevava o intendente aos governadores do reino. Estes não sabiam ou não podiam acalmar as paixões populares e só curavam de instituir tribunaes para o julgamento dos réus politicos. Restauraram o antigo juizo da inconfidencia por decreto de 26 de setembro de 1808; nomearam uma junta camararia, composta, diziam elles[1], dos melhores magistrados para julgar os processos de insultos sacrilegos contra a real pessoa de sua alteza; crearam por decretos de 7 de dezembro de 1808 e 26 de janeiro de 1809, duas commissões de desembargadores incumbidos de julgar os réus accusados de serem affeiçoados aos francezes; por aviso de 8 de maio accrescentaram a estas commissões mais desembargadores, porque os juizes de que ellas se compunham não bastavam para a multidão de processos pendentes[2]. Estes eram rapidos, secretos[3], despidos de todas as garantias de defeza. Aos advogados dos réus concediam-se apenas 24 horas improrogaveis para responderem[4].

É facil de perceber que, em similhantes condições anarchicas, fosse muito facil dar pasto a vinganças pessoaes, e explorar as paixões populares em menoscabo d'aquelles a quem havia desejo de perder. Foi sem duvida o que succedeu a Sequeira. O seu processo está infelizmente perdido. Pelo menos não me foi dado encontral-o apezar das buscas muito minuciosas que dei á torre do tombo, aos archivos do ministerio do reino e da justiça, ao archivo geral dos cartorios findos na relação de Lisboa. Em nenhum d'estes repositorios de documentos ha vestigios sequer d'este processo e dos outros d'aquella época. Não sei se por bem guardados se acham perdidos, o que sei é que nem buscas nem informações sollicitadas de pessoas versadas nos segredos dos nossos archivos, conseguiram que se me deparasse o que em vão busquei[5]. Á falta pois do processo direi com os poucos subsidios que tenho, a historia d'estes annos de Sequeira.

É incontestavel que foi preso em consequencia das exigencias do povo. Não só o diz Cyrillo no logar já citado, mas os governadores do reino, em sua conta ao principe regente de 24 de dezembro de 1808, escrevem no § 10.º «... e o povo fez prender em Belem o pintor D. A. de Sequeira[6].» Este em sua memoria justificativa já por vezes mencionada, não refere o facto d'esta fórma mas diz que fôra violentamente assaltado por tres soldados de cavallaria n.º 4. O advogado Henriques Ferreira na allegação tambem citada, expressa-se por modo que parece indicar ter havido alguma manifestação do povo contra Sequeira: «os crimes que se imputam ao réu... e pelos quaes *o considera o vulgo* não merecedor de vassallo fiel, etc.» Nem admira que assim se houvessem passado os factos pois é certo que n'essa época de jacobinismo era vulgarissimo, e assim o provam as contas diarias do intendente, que o povo clamasse aos soldados que prendessem individuos suspeitos. Não faça peso em contrario o silencio de Sequeira a este respeito. Para a sua defeza, unico fim da sua memoria justificativa, era inutil esta circumstancia, e para o seu natural amor proprio era pouco agradavel reconhecer e confessar a sua impopularidade. Creio pois que podemos dar por assente que a prisão de Sequeira, effectuada por tres soldados do regimento de cavallaria n.º 4, havia sido pedida pelo povo

Segundo a sua memoria, foi a prisão na noite de 15 de dezembro de 1808 quando elle recolhia de casa do marquez de Marialva onde havia jantado com Pedro José da Silva, um dos grandes negociantes de Lisboa e o conde da Louzã, D. Diogo de Menezes. Passou a primeira noite da sua prisão no corpo de guarda do regimento. No dia seguinte o commandante do regimento leu a parte, que fundamentava a prisão no pretexto falso, diz Sequeira, de o haverem encontrado n'um café fallando mal do principe regente, e apesar de mandar prender o soldado que fôra cabeça do procedimento, pelo achar em contradição nas suas respostas e em desacordo com a affirmação dos outros, ordena que Sequeira seja remettido para o quartel da Luz, e o facto participado ao juiz da inconfidencia. N'este quartel ficou retido até 18 de janeiro de 1809 sendo então enviado para o Limoeiro[1]. Quanto tempo ao certo ahi se conservasse preso não pude eu com exactidão saber; apenas posso dizer que na interessante collecção de sentenças feitas pelo fallecido Antonio Joaquim Moreira, official maior que foi da Academia real das sciencias, collecção que hoje está na bibliotheca publica[2], encontrei a folhas 349 do vol. v, a seguinte indicação manuscripta na letra do proprio Moreira, «Lista dos jacobinos mandados saír de Lisboa como incorrigiveis e teimosos[3].» N'esta lista entre muitos nomes importantes como o de Vandelli, Ratton, Manuel Alves do Rio, o Senhor de Pancas, etc., vem o de Sequeira com esta nota «Esteve preso no Limoeiro *oito* mezes, onde saiu por favor.» Data portanto a sua soltura de setembro. Procurei na cadeia civil da cidade os registos de presos pertencentes a essa época, mas infelizmente foi-me declarado que não existiam, e que provavelmente haviam sido destruidos, com alguns outros livros de não menos valor e interesse, n'uma das muitas revoluções que durante tantos annos foram a doença chronica do nosso paiz.

É indubitavel que durante a prisão de Sequeira lhe formaram processo e o pronunciaram. Bastaria para proval-o a allegação juridica do seu advogado e os traslados dos tres depoimentos a que já alludi, ainda quando não constasse officialmente como consta, entre outros documentos, do aviso de 21 de fevereiro de 1809[4] que manda remetter ao chanceller[5] da casa da supplicação as culpas dos cinco réus, Domingos Antonio de Sequeira, Antonio, denominado o *Navalhada*, Joaquim José Fragoso, Manuel Vicente Rodrigues e Manuel dos Santos pintor, e ordena que elle os faça sentencear na commissão de que era juiz relator o desembargador Antonio Xavier de Moraes Teixeira Homem.

Conforme se deprehende da allegação de H. Ferreira, tres eram as culpas imputadas a Sequeira: o ter executado o quadro encommendado por Junot, no qual havia allusões e allegorias offensivas da nação e do principe regente; fazer da sala do docel do paço da Ajuda, casa de pintura; e metter um cavallo dentro de uma sala do paço. Quanto á primeira culpa attenua-a facilmente o advogado

[1] Archivo do ministerio do reino. Min. do Rio de Janeiro. Differentes objectos. maço 1, n.º 12.

[2] Archivo da relação de Lisboa. Casa da supplicação. Decretos e avisos. Liv. 23, fl. 163 v.º

[3] Archivo do ministerio do reino, loc. cit., maço 8, n.º 1.

[4] Archivo da relação, loc. cit., fl. 154.

[5] Talvez ardesse no incendio das casas do juiz da inconfidencia. N'este sinistro foram destruidos todos os papeis da devassa, dizem os governadores do reino em sua conta de 10 de setembro de 1814. Archivo do ministerio do reino. Contas cit., liv. 316, fl. 70 v.º

[6] Archivo do ministerio do reino. Contas dos governadores do reino 1808-1811. L. 314. 1.

[1] Allegação de H. Ferreira, cit.

[2] Sala dos mss. B. 16.

[3] Foram os chamados *setembrigados*.

[4] Archivo da relação de Lisboa. Casa da supplicação. Decretos e avisos. L. 23, fl. 153 v.º, e Archivo do ministerio do reino, div. 39. Avisos liv. 35, fl. 227.

[5] Este funccionario era o proprio intendente geral da policia, Lucas de Seabra da Silva.

declarando não só que o quadro fôra executado por ordem superior, a qual se não fosse cumprida podia expôr o artista a um severo castigo, mas tambem que n'essa obra nada havia que tivesse vislumbre de offensa contra a patria e o regente. A descripção feita pelo proprio Sequeira e na qual copía o thema que lhe foi dado por Junot, cujo original declara ter em seu poder, prova que se por um lado aquella obra era evidentemente destinada a glorificar e exaltar o general francez, nada encerrava que pudesse considerar-se insultuoso ou offensivo para o paiz. O orgulhoso francez queria memorar por fórma perduravel a sua entrada triumphal em Lisboa e os planos grandiosos cuja execução lhe fôra commettida. Aprazia-lhe associar a este padrão que intentava erguer a si proprio, o artista a quem todos tinham em conta do melhor que em Portugal havia. Chamou-o, lisonjeou-o; não esqueceu promessas, não foi curto em offerecer premios, sendo servido, nem descuidado em apontar castigos se encontrasse resistencia.

Para melhor convencer deu elle mesmo o thema escripto de sua letra. No dizer de Sequeira resava assim: «Lisboa não temas a tua sorte; hum heroe te protege quando te envia este guerreiro invicto, prudente e justo. Lembra-te suas victorias por toda a parte conseguidas, os perigos e trabalhos que teve para a tua felicidade, e o seu governo sabio e prudente do qual já tens experiencia; cuidadoso da tua ventura, prepara para aquelles que o merecerem premios de que o heroe lhe confiou a distribuição. Já Neptuno treme ao aspecto do fulminante Marte.» Seguindo estas indicações esboçou Sequeira um painel, no qual a figura principal era Lisboa triste, amparada pela Religião e o Genio das Nações, e consolada por Junot. A composição era toda allegorica, não faltando Neptuno fulminado por Marte, allusão transparente á Inglaterra abatida pela França.

Não podia negar-se a existencia do painel; innumeras testemunhas o tinham visto, e mesmo n'aquelle tempo existia ainda; mas Sequeira desculpa-se, deixando bem adivinhar em suas expressões que por coacção obedecêra á ordem do general francez. Não lhe esquece tambem de allegar em sua defeza, e como prova da má vontade com que emprehendia o trabalho, o facto de o não haver terminado, deixando-o em partes menos do que esboçado.

A principal questão versou, ao que parece, sobre a significação das allegorias do quadro. Sustentavam os accusadores de Sequeira que n'ellas se encerravam injurias para a nação e para o principe; diziam mais que depois da saída dos francezes o artista apagára tudo quanto pudesse ser considerado odioso. Esta accusação, já de si bem grave, era accrescentada de outras duas, que a serem provadas, envolviam evidente e acintoso menoscabo da magestade real, sobretudo a ultima. N'ellas não falla Sequeira em sua memoria, o que me leva a crer que só foram apontadas no decurso do summario, como auxiliar e reforço á primeira e principal queixa. H. Ferreira percebe o perigo da situação, invoca força maior, irresistivel; affirma com energia o patriotismo do seu cliente, as suas intenções puras, o amor que tem pelo principe regente, as muitas obrigações de que lhe é devedor, a impossibilidade de ser ingrato.

Não vi, como já disse, o processo. Ignoro por tanto as testemunhas que n'elle depozeram, e as provas reunidas no summario. Tenho apenas diante dos olhos tres depoimentos: os de Manuel da Costa, architecto e pintor, e os de Fuschini e Bartholomeu Calixto ambos pintores, admittidos por Sequeira, como atraz vimos, nas obras do paço da Ajuda. Estes homens parece terem sido os principaes accusadores de Sequeira, não só porque os seus depoimentos foram os unicos de que o nosso artista tirou as copias que se encontraram em seus papeis e agora estou consultando, mas tambem porque a nenhuma outra testemunha se refere o advogado em sua allegação. D'estes falla com profundo desprezo e como que negando por abjecto e vil o seu testemunho. Aponta indignado os motivos que os levaram a jurar contra o accusado, e diz sem rebuço que o primeiro se considerava aggravado por julgar que Sequeira influira na sua inadmissão nas obras da Ajuda, e que os segundo e terceiro se queixavam «do réu por se persuadirem que elle tinha meios de concorrer para que Junot lhes conservasse as pensões.» Não pára aqui o ousado patrono, e não hesita em affirmar que «estes tres homens *eram* movidos do interesse de occuparem os empregos do réu e *para este fim* se mancomunaram.» Era mistér que fossem bem notorios os factos apontados por Ferreira para elle se animar a referil-os com tanta individuação e certeza. Parece-me pois fóra de duvida que d'estes homens se póde e deve dizer que foram os principaes promotores da perseguição movida contra Sequeira, e que a final em nenhuma outra base assenta além das que deixei mencionadas.

N'aquella época de grande effervescencia politica não deixariam de mover-se contra um réu jacobino, todas as accusações que tivessem vislumbre de verdade ou que pudessem servir de pretexto para lhe aggravarem a situação. Comtudo o advogado diz terminantemente que só aquellas tres eram as culpas apontadas. E por mais que eu deseje conservar a maxima imparcialidade, narrar com toda a verdade e julgar com solido fundamento, não posso ainda acabar comigo de notar que não sendo de grande escandalo publico os actos imputados a Sequeira, pois que se haviam passado dentro do recinto do paço e á vista só de pouquissimas testemunhas, como se deprehende dos depoimentos a que me tenho referido, de suppôr é que os mesmos tres que tão acremente depuzeram contra o nosso artista, seriam os proprios que espalharam a noticia d'aquelles actos, avolumando-lhes a importancia, especulando com elles, como hoje diriamos, e logrando afinal despertar contra Sequeira a opinião publica e incitar o povo a requerer sua captura. Se esta é supposição que avento, não o é por certo o azedume com que depoem, a má fé com que juram, a inimisade que resalta das suas respostas. E dois d'estes homens deviam a Sequeira a sua collocação, eram seus ajudantes, conviviam com elle, recebiam-lhe as lições! É tão antiga como o mundo a ingratidão, mas é tão torpe que não podemos afazer-nos a encontral-a sem que nos cause tedio e magoa, como se fôra acção que por sua propria raridade nos désse abalo.

Foi sem duvida imprudencia de Sequeira executar o quadro delineado por Junot, mas não creio que fosse maldade ou crime. Sequeira não era, não podia ser jacobino. Nenhum indicio encontrei que m'o podesse fazer suspeitar. Antes examinando com cautella, e lendo todas as denuncias que foram feitas á policia, conservadas conforme referi, em varios maços do archivo da extincta intendencia, existente hoje na torre do tombo, não acho insinuação alguma a respeito do nosso artista. Comtudo de crer é, como já disse, que se elle houvesse praticado algum acto que podésse ser acoimado de francezismo, não faltariam ou nos espiões ordinarios de Lucas de Seabra ou nos inimigos de Sequeira, apostados em n'o comprometterem, olhos bastante perspicazes para o enxergarem e linguas bastante afiadas para o dizerem, engrossando a seu sabor, até lhe darem proporções de crime, o que podia não ser mais do que imprudencia ou leviandade.



VELASQUEZ p.t W. FRENCH sc.

FILIPPE III DE PORTUGAL.

Editores Rolland & Semiond Lisboa.

Nada porém descubro, e creio que póde afoitamente dizer-se que é porque nada existio.

Da verdade dos sentimentos patrioticos de Sequeira não é licito duvidar. Amava a patria até ao enthusiasmo, e amava o principe em quem ella se incarnava, segundo as idéas d'esse tempo que Sequeira, ainda então, abraçava inteiras; devia a este a sua posição, os seus ordenados, e muitas mercês, que n'aquella época eram mais raras e por isso valiam mais do que as de hoje. A roda em que vivia, e cujo centro era o marquez de Borba, um dos governadores do reino, nada tinha de afrancezada, mas antes representava as idéas do velho Portugal; as amisades illustres que não perdeu depois do seu processo e ás quaes deveu naturalmente o feliz desenlace d'este episodio, são prova evidente que os seus sentimentos patrioticos nunca foram seriamente contestados. Quando a patria lhe pedio sacrificios não hesitou em lh'os fazer, despojando-se voluntariamente, como atraz vimos, de mais de metade dos seus rendimentos. Passados annos, e havendo o grito liberal do Porto em 1820 acordado os brios da nação, Sequeira abraçou com delirio a nova ordem politica; servio-a na medida de suas forças, esquecendo antigas e respeitaveis amisades; e em 1823, ao despontar da reacção, abandonou sem hesitação cargos, parentes e patria. Não podia ser francez e jacobino quem taes actos praticou. Busquemos pois outra origem para a perseguição de que foi victima, e digamos com todas as probabilidades de acertar, que um acto de amor proprio e de leviandade, avolumado pelo rancor dos seus inimigos, é explicação satisfatoria e cabal do enredo em que o envolveram e da meada que hoje podemos desfiar. Foi fraco, faltou-lhe a força para resistir á ordem do general francez; receiou mesmo esquivar-se a cumpril-a, pretextando qualquer impossibilidade temporaria que fosse demorando a execução da obra. E porque não direi todo o meu pensamento? foi vaidoso talvez; deixou-se enlevar da muita consideração que Junot parecia tributar-lhe, lisongeou-se vendo o vencedor render preito ao vencido; afagou-lhe as mais intimas fibras do amor proprio o alto conceito em que o marechal o tinha, escolhendo-o de entre todos os artistas portuguezes, dando-lhe assim fóros de primazia; lembrou-se que este seu quadro iria figurar entre os sublimes trophéos das victorias francezas, a par das télas do Rafael e do Ticiano, n'aquelle admiravel museu roubado a todos os povos da Europa, que o genio de Napoleão, colossal em tudo quanto emprehendia, fundára na capital dos seus estados. Taes seriam, talvez, as idéas de Sequeira, tal a explicação do seu procedimento. Não accuso, nem defendo; digo o que sei, refiro o que sinto. Apresentei os factos, deixo ao leitor a sua apreciação.

Ignoro como terminou o caso e se o nosso artista chegou a ser julgado e absolvido ou condemnado, ou se o processo, a instancias dos protectores de Sequeira, que os tinha sem duvida e poderosos, não chegou á sua natural conclusão. As palavras que atraz citei de A. J. Moreira dão força a esta segunda hypothese, sendo possivel que Sequeira, depois de oito mezes de prisão no Limoeiro, e socegados um pouco os espiritos como estavam no ultimo quartel de 1809, fosse restituido á liberdade por um acto tão arbitrario como havia sido o que d'ella o privára.

Como remate curioso d'este episodio, e lição não menos proveitosa, direi que não perderam de todo o fructo de suas traças os accusadores de Sequeira. Já Cyrillo nos dizia, que, apesar de se haver justificado, não conseguira o nosso artista que o fiscal da obra da Ajuda o admittisse na pintura dos tectos [1]. Fuschini foi pois incumbido da direcção da casa da pintura da real obra, como se vê da portaria de 18 de janeiro de 1809, que manda fazer inventario de quanto se achar na dita casa [1] para ser entregue ao novo director. Conservou o invejoso pintor aquella posição bastantes annos, pois que em 1 de setembro de 1811 [2] baixou uma portaria que lhe mandava pagar 75$900 réis pelas despezas com a factura do painel a *Restauração de Portugal* [3], que por ordem superior estava executando em grande, e em 1818, como adiante veremos, Sequeira sendo convidado a reassumir efficazmente as funcções de que nunca havia sido officialmente demittido, analysa e discute os trabalhos que seus menos dignos successores haviam realisado nas salas d'aquelle paço, que podendo ser padrão de gloria para a arte portugueza, é tão sómente tristissimo attestado da miseravel situação a que a tinham reduzido.

(Continúa.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

[1] Cyrillo.— *Ob. cit.*, pag. 310.

[1] Archivo da direcção das obras publicas do districto de Lisboa; Archivo das obras da Ajuda. L. 34.

[2] Ibidem, ibidem.

[3] Este quadro é o muito conhecido e escarnecido quadro de D. João VI na concha, felizmente hoje coberto com as sedas que revestem as paredes da sala. Se fôra picado e destruido, como por sua inepcia merecia, não se perdêra de todo a memoria de tão extravagante obra, porque o auctor d'este estudo possue o esboceto original do mal avisado Fuschini.

PHILIPPE III

De Portugal

Quem fôr ao museu de Madrid, e não quizer simplesmente deleitar-se com a contemplação das maravilhosas obras primas que nas suas salas resplendem, póde fazer um curioso estudo, lendo nos retratos dos soberanos da casa de Austria a historia da decadencia da Hespanha. Encarando essas imagens, fixadas na téla pelo pincel dos primeiros pintores dos seculos XVI e XVII, vê transluzir n'esses rostos a depauperação do sangue generoso de Carlos V, condemnado pela etiqueta das côrtes a não se retemperar nunca no cruzamento, e a perder successivamente a força vital, até produzir, como ultimo fructo rachitico, esse pobre anemico e enfezado idiota que se chamou Carlos II.

O pincel prestigioso do Ticiano empregou toda a riqueza magica do seu colorido no semblante do grande imperador Carlos V (Carlos I de Hespanha) radioso de saude, de vigor e de intelligencia. Segue-se depois o pallido Philippe II, rosto sombrio e cavo illuminado ainda pelo clarão do talento; depois a decadencia precipita-se. Philippe III é já uma physionomia apagada e melancholica, Philippe IV é um vulto insignificante e frivolo, em Carlos II a depressão é completa. A dynastia de Austria morre como uma arvore velha, como um ancião decrepito. Esvairam-se-lhe o sangue e a seiva.

É de Philippe IV que temos de occupar-nos, Philippe IV, que na lista dos nossos monarchas intrusos é o III Philippe. Pobre rei cujos braços debeis não podiam, nem sequer tentaram sustentar o pesado sceptro de Carlos V e de Philippe II! E comtudo chamaram-lhe Grande

as chronicas cortezãs, e a sua estatua equestre campeia em Madrid, na praça do Oriente, defronte do palacio dos reis! Viam-n'o da sua janella Isabel II e Amadeu, e aprenderam talvez no seu exemplo a saber como se perde um throno.

As lisonjas que cercaram Philippe IV, e que a historia tão cruelmente desmente, têem a sua explicação n'um predicado, que distinguio este soberano, e que lhe valeu de muito aos olhos da posteridade. Soube chamar a si e presar os artistas e os poetas. Teve na sua côrte, honrados e estimados, Velasquez e Calderon: Velasquez — a pintura hespanhola no que ella teve de mais brilhante; Calderon — o drama hespanhol na sua mais esplendida manifestação, e estas duas magnificas figuras enchem de tanta luz o reinado de Philippe IV, illuminam a pallida fronte do soberano com tão vivos reflexos das suas immortaes aureolas, que chegamos por um instante a persuadir-nos que é da corôa que dimana esse fulgor emprestado.

Mas, se não devemos attribuir a Philippe IV as glorias que pertencem exclusivamente aos grandes engenhos que illustraram o seu tempo, tambem é justo que lhe não attribuâmos os erros e as inepcias que são da exclusiva responsabilidade dos seus ministros e dos seus generaes. Se Philippe IV tivesse Turenne e Condé em vez do marquez de Caracena e de D. João de Austria, se tivesse Louvois e Colbert em vez de D. Luiz de Haro e do conde-duque de Olivares, como teve em Velasquez e em Calderon o seu Lebrun e o seu Racine, quem o impediria de se proclamar deveras grande, como Luiz XIV, perante a posteridade e a historia? Porque não se chamaria o seu seculo seculo de Philippe IV, como o do seu sobrinho e genro se chamou seculo de Luiz XIV? Acasos da fortuna, lhe diria algum dos muitos dramaturgos que enxameavam na sua côrte.

Porque realmente Philippe IV o que não tinha era vocação para rei, e n'isso formava a antithese mais perfeita com seu avô Philippe II. Tanto era o prazer com que este se embrenhava nos negocios do estado, enchendo de notas e de commentarios com a sua propria letra os officios e os despachos, querendo vêr tudo, querendo dirigir tudo, febril, preoccupado, insaciavel na sua sêde de mando, tanto era o prazer com que Philippe IV punha de parte a fastidiosa tarefa de assignar decretos para ir vêr pintar Velasquez, ou para compôr algum soneto, porque o bisneto de Carlos V privava tambem com as musas, fazia uns versinhos de *dilletante,* e parece que até mesmo algumas d'essas innumeras peças que figuram no reportorio hespanhol com a nota de terem sido compostas por um *ingenio de esta côrte* foram escriptas pelo soberano hespanhol, na mesma hora talvez em que os quarenta fidalgos do palacio do conde de Almada lhe arrancavam da corôa herdada o precioso florão de Portugal.

Ha curiosos exemplos da frivolidade com que Philippe IV encarava os negocios publicos. Quando rebentou a revolução da Catalunha, todos os fidalgos de Madrid mostraram o maior zelo pela causa do seu rei, e Calderon, como os outros, apressou-se a ir-lhe offerecer a sua espada. Philippe IV disse-lhe que guardasse a espada em casa, que pegasse na penna e que lhe escrevesse immediatamente outro drama. Calderon, que tinha começado uma peça *Certamen de amor y celos* concluiu-a, e o rei assistiu satisfeitissimo á sua representação, emquanto a Catalunha em fogo e Portugal fremente e agitado ameaçavam com um terrivel cataclysmo a monarchia hespanhola.

Ah! se Philippe IV houvesse encontrado um Richelieu, teria sido o homem mais feliz do seu tempo. Diz o nosso velho rifão: Dá Deus nozes... Luiz XIII, que possuia esse grande ministro, nos ocios que elle lhe deixava, não sabia senão bocejar e enfastiar-se; e entretanto Richelieu firmava-lhe a corôa na cabeça, ampliava-lhe os dominios, estabelecia no seu reino a paz e a ordem, semeava no solo da França os germens da sua grandeza. E Philippe IV que sabia aproveitar excellentemente as longas horas vagas, tinha o conde-duque para lhe despedaçar o diadema, para lhe cercear o imperio, para lhe deshonrar o governo. Pobre Philippe IV!

E comtudo Olivares caminhava com a sua época, obedecia ás tendencias geraes da politica do seu tempo, tentava realisar na Hespanha a obra que Richelieu estava riscando em França. Faltava-lhe porém a mão vigorosa, o genio do cardeal. A unificação politica foi em toda a Europa a obra do seculo XVII. No seculo XV Luiz XI, Fernando e Isabel, D. João II tinham começado a empreza, e tinham lançado sobre as ruinas da fidalguia os alicerces do poder absoluto dos reis. Ficaram os monarchas face a face com o povo, que os ajudára a despedaçar os nobres. Tratou-se portanto de derrubar esse gigante, e de lhe pôr em cima do amplo e robusto peito o joelho de ferro da monarchia. Carlos V intentou o emprehendimento, e na sua lucta victoriosa com os *comuneros* levou-o ao cabo. Rasgadas as isenções da nobreza, rotas as liberdades populares, surgiu de subito a revolta das consciencias, e o pensamento acordou a reclamar liberdade. Alliado com a igreja, Philippe II extirpou a ferro e a fogo essa planta damninha do solo das Hespanhas. Seu filho Philippe III, expulsando os mouros, não fez mais do que pôr o remate definitivo á obra de seu pae. Havia porém ainda n'essa vasta monarchia uma liberdade que sobrevivêra a todas as outras, uma isenção que escapára ao nivelamento geral; eram as liberdades e as isenções inscriptas nos fóros provinciaes. Philippe II arcára já com ellas, e decepára no cadafalso de Lanuza os fóros do Aragão. Mas a vara de ferro do Tarquinio do Escurial não conseguira o nivelamento absoluto. Para alcançar Portugal, vira-se obrigado a prometter respeitar-lhe os fóros e os privilegios. A obra que elle deixára em meio quiz Olivares completal-a. Tentou realisar a unidade, mas a sua mão inhabil não fez senão accender em toda a parte as explosões das nacionalidades comprimidas. As sublevações da Catalunha, de Portugal e de Napoles foram os fructos que colheu da sua audaciosa tentativa.

São verdadeiramente providenciaes os grandes homens! A condemnação da Hespanha estava lavrada no livro dos destinos, e a França passava a ser a nação escolhida. Por isso appareceram ao mesmo tempo Olivares na Hespanha e Richelieu em França. E as mesmas medidas que aqui preparam a potente unidade franceza debaixo do sceptro glorioso de Luiz XIV, alem preparam o esphacelamento da vasta monarchia de Carlos V! E Richelieu, que vence no interior da França os protestantes, que lhes arranca a Rochella que é a sua ultima fortaleza, tem comtudo no estrangeiro a alliança d'esses mesmos protestantes, ao passo que Olivares não faz senão concitar sublevações e hostilidades! Tudo é contra elle: a republicana Inglaterra de Cromwell, e a monarchia catholica de Luiz XIII de França, e, quando quer realisar os seus planos unificadores, vê rebentarem-lhe debaixo dos pés as revoltas, a sublevação da Catalunha inflamma o rastilho da polvora, e logo depois surge Portugal armado, e até os indolentes *lazzaroni* de Napoles pretendem por um instante sacudir o jugo, capitaneados por Masaniello.

De todas estas revoltas a que mais pungiu Olivares foi a insurreição portugueza. Foi essa tambem a que o der-

rubou do poder. Por muito indifferente que Philippe IV se mostrasse aos negocios publicos, a perda d'este reino e das suas vastas colonias não podia deixar de lhe causar uma impressão profunda. Olivares, contando com a frivolidade do seu amo, julgou que o seu valimento sobreviveria á tremenda catastrophe, e annunciou-lh'a rindo: «Meu senhor, disse-lhe elle, na noite de 7 de dezembro de 1640, approximando-se da mesa onde Philippe IV jogava com alguns dos seus cortezãos, dou os parabens a Vossa Magestade; acaba de ganhar um ducado e doze milhões.» — Porquê? perguntou o rei surprehendido. — Porque o duque de Bragança acaba de commetter a loucura de se acclamar rei de Portugal, e o confisco dos seus bens vae encher os cofres do thesouro.» Philippe IV empallideceu e franzio o sobr'olho; a noticia magoara-o profundamente, e o modo como o conde-duque entendêra dever communicar-lh'a irritára-o tambem. Poucos annos depois o conde-duque de Olivares caia do poder, e era exilado da côrte.

O seu successor vingou-o. D. Luiz de Haro ainda valia menos do que elle. O tratado dos Pyreneus é obra sua, e esse tratado teve por consequencia o desmembramento da monarchia de Carlos V, e o estabelecimento no throno hespanhol da dynastia dos Bourbons. Mas de todos os desastres politicos do seu reinado o que verdadeiramente magoou Philippe IV foi a consolidação da independencia de Portugal. A ousadia com que este pequeno paiz lhe arrojára a luva e sustentava o combate, as humilhações successivas que infligio ás armas hespanholas, eram golpes que alanceavam profundamente o coração de Philippe IV. No tratado dos Pyreneus, elle e o seu ministro, D. Luiz de Haro, que, tendo sido derrotado pessoalmente na batalha das linhas de Elvas, sentia tambem o mais amargo resentimento, fizeram ao cardeal Mazarino todas as concessões, comtanto que a França abandonasse Portugal ao seu destino. De nada valeram essas precauções. A fortuna continuou a bafejar as armas portuguezas, e a victoria de Montes-Claros poz termo á lucta. N'esse mesmo anno de 1665, e pouco tempo depois de ter recebido a noticia da derrota do seu exercito, morreu Philippe IV, e a dôr d'esse ultimo desengano não foi de certo o golpe menos profundo que o prostrou no leito da morte. Ao menos não teve a vergonha suprema de assignar elle mesmo o tratado que reconheceu a independencia de Portugal. Coube a seu filho Carlos II esse doloroso encargo.

Não era para estas luctas, para estas preoccupações o protector de Calderon e de Velasquez. Nascêra para viver tranquillo e ignorado, entre pintores e poetas, entre galanteios e sonetos, longe do bulicio da politica, longe das guerras e das agitações das côrtes. A historia reconhece a sua nullidade, mas o seu vulto, que não é antipathico, passou para o dominio do romance, que folga de enlear em torno d'elle os seus aventurosos enredos. A sua côrte foi animada e brilhante. Ao longe nas fronteiras as armas hespanholas soffriam derrotas sobre derrotas, mas em Madrid os theatros estavam sempre cheios, applaudiam-se com fervor as deliciosas comedias de Calderon, Quevedo e Gongora versejavam encantadoramente, Velasquez desentranhava maravilhas da téla, e o proprio Philippe IV galanteava, modulava sonetos, e até dizem que, pegando no pincel de Velasquez, ousava dar ás vezes uns ligeiros toques nos seus quadros. Póde-se dizer assim que, se Philippe IV perdia reinos, sabia ao menos perdel-os alegremente.

PINHEIRO CHAGAS.

MAUSOLÉU DE D. IGNEZ DE CASTRO

I

ALEGRIAS da juventude, magos encantos da formosura, doces transportes de amor, dias ledos de inefavel ventura, esperanças fagueiras de um futuro brilhante; todas estas idéas, repassadas de poesia, estão associadas ao nome de Ignez de Castro, a par dos pensamentos lugubres de mocidade mallograda, de belleza cortada em flor, das doçuras de amor convertidas em fel, da paz e felicidade domestica de improviso eivadas de espinhos e dôres cruciantes, das esperanças mais bellas e risonhas, transformadas subitamente no mais triste desengano da vida. Esse nome, que assim recorda uma tristissima lenda de amores e desventuras; que, depois de ser pronunciado com effusões de ternura por seu real amante, foi por este inscripto com letras de sangue em bandeira arvorada em guerra civil; mais tarde por elle proferido, junto de um patibulo, entre os jubilos ferozes da vingança satisfeita; e em seguida acclamado e reverenciado em throno regio, mas ao pé do tumulo, com o titulo de rainha de Portugal, esse nome que deu assumpto para um dos mais bellos e tocantes episodios dos Lusiadas, e para a primeira tragedia portugueza; esse nome em fim diz-nos o que são e de que valem as vaidades e grandezas do mundo; mostra-nos que tudo são illusões, que o sopro do infortunio em um instante dissipa, deixando por unica realidade algumas cinzas recolhidas em uma sepultura.

Eis-ahi a historia, em resumo, commemorada por esse funebre monumento, cuja gravura adorna as paginas d'este numero das *Artes e Letras*.

II

Se o mausoléu de D. Ignez de Castro é tão rico de memorias historicas, não é menos digno de apreço aos olhos da arte. O pensamento do artista, que o delineou, foi elevado, religioso e poetico. O modo por que os esculptores interpretaram esse pensamento, e lhe deram fiel execução, esculpindo no marmore tão variada e significativa ornamentação, é sem duvida merecedor de elogio, embora não ostente primores de trabalho. Porém o que a tudo isto dá maior realce, o que torna o tumulo mais apreciavel com relação á arte, é a época em que foi feito, assim como lhe augmenta a valia historica o nome da pessoa que o mandou fazer.

Quando el-rei D. Pedro I subiu ao throno, em 1357, revolviam-se-lhe no peito dois desejos ardentes, e mal soffreados. Vingar a morte cruel da sua Ignez, e honrar-lhe o nome e as cinzas eram esses dois desejos, que lhe assoberbavam a alma. Portanto o seu primeiro cuidado foi apoderar-se dos assassinos, e faze-los expiar o crime no meio dos tormentos mais atrozes, que a crueldade póde excogitar. Depois tratou de dar ao nome de Ignez de Castro logar entre os das rainhas de Portugal, e aos seus restos mortaes jazigo nobilissimo no pantеão real. Mandou logo fazer um tumulo magnifico, e, assim que foi terminado, ordenou se procedesse á trasladação do cadaver.

A declaração e reconhecimento do seu consorcio com D. Ignez de Castro; a legitimação dos filhos, que houvera d'ella; a pomposa ceremonia da exhumação do corpo no convento de Santa Clara, junto a Coimbra, e do beijamão do cadaver, como rainha, paramentado com as regias insignias e sentado no throno ao lado do rei; o es-

plendido e numeroso prestito funebre, composto do monarcha, de todos os fidalgos da sua côrte, dos prelados do reino, e de todos, por assim dizer, que no paiz representavam grandeza, auctoridade e illustração, caminhando desde Coimbra até Alcobaça (85 kilometros) pelo meio de milhares de homens enfileirados, com brandões accesos nas mãos, o que fez dizer ao nosso distincto escriptor Faria e Sousa: «Duvida-se qual era mais admiravel, se a pompa das luzes que estavam fixas, se o luzimento da pompa que caminhava»: emfim, a repetição da ceremonia do beijamão em Alcobaça; e a solemnidade das exequias no magestoso templo, fundado por D. Affonso Henriques, e do encerramento do feretro no mausoléu; todos estes actos de um apparato extraordinario, constituiram uma verdadeira apotheose.

III

Nasceu a monarchia portugueza em um campo de batalha. Embalaram-na em seu berço, vigorou e cresceu entre o estridor das armas e ao som dos hymnos da victoria. Desde a acclamação do nosso primeiro rei nos plainos de Ourique, até á conquista do Algarve e expulsão dos sarracenos por el-rei D. Affonso III, todas as attenções e braços validos da nação empregavam-se, quasi exclusivamente, na guerra. As letras estavam refugiadas no fundo dos claustros das sés e dos mosteiros. A industria e as artes, apenas na infancia, eram a expressão genuina da ignorancia do povo, da rudeza dos seus costumes, e da pobreza e simplicidade do seu viver.

Em taes circumstancias, quando se pretendia construir algum edificio mais grandioso, templo ou mosteiro, pois que fóra d'isso todas as mais edificações eram mesquinhas, recorria-se a artistas estrangeiros. Como n'esse tempo já floresciam as artes na Hespanha, sob o dominio dos arabes, vinham-nos os architectos e os esculptores de Sevilha, de Cordova e de Granada, umas vezes attrahidos com a promessa de salarios avultados, outras vezes obrigados a servir como prisioneiros de guerra. Depois vieram tambem trabalhar em o nosso paiz alguns artistas leoneses, amestrados sob o poderoso influxo d'aquelle brilhante foco de civilisação, que se irradiava da Andaluzia para os estados catholicos confinantes.

Porém assim que a paz ficou assegurada pela conquista do Algarve, começaram a florir entre nós as artes e a industria. Coube a el-rei D. Diniz a gloria de iniciar essa época de regeneração; partiu do monarcha o impulso dado á industria por differentes leis e providencias, cuja referencia é desnecessaria á questão de que nos occupâmos. O impulso ás artes foi o effeito de diversas causas. Os artistas estrangeiros, a que acima alludimos, creando uma escola pratica de architectura e esculptura, desbravaram o terreno onde havia de germinar a arte portugueza. A paz, assegurada pelo animo pacifico e prudente do soberano, traçou-lhe amplo caminho. As numerosas construcções religiosas, civis e militares a que mandou proceder em todo o reino el-rei D. Diniz, offereceram aos artistas vasto campo em que se exercitassem, e variados estimulos para o seu aperfeiçoamento. Este soberano fundou varios templos e mosteiros, sendo o mais notavel o de Odivellas, que ao presente poucos vestigios mostra das feições primitivas, por effeito das muitas reconstrucções por que tem passado. Edificou os paços reaes da *Alcaçova*, dentro do castello de Lisboa, de *Frielas*, proximo d'esta cidade, de *Leiria* e de *Extremoz*, nos castellos d'estas mesmas povoações. O da *Alcaçova* foi o primeiro palacio que se viu no reino, construido conforme as regras de uma architectura regular e nobre. O de *S. Bartholomeu*, que foi o primeiro palacio real que houve em Lisboa, edificado por el-rei D. Affonso III junto ao castello d'esta cidade, mas da parte de fóra d'elle, entre a muralha e a igreja parochial, de que tirou o nome, não passava de uma casa burgueza, bastante grande, em relação á época, porém destituida de nobreza. Era de mesquinho prospecto.

Fundou el-rei D. Diniz numerosos castellos; muitos dos quaes ainda existem de pé, ou conservam levantado o sufficiente para se poder ajuizar da sua architectura. Se os compararmos com os castellos que ainda nos restam, fundados anteriormente, desde a invasão dos mouros até ao fim do reinado de el-rei D. Affonso III, reconhecer-se-ha que, sob o sceptro de D. Diniz, foram introduzidas innovações na architectura militar, que lhe melhoraram as suas condições defensivas, ao mesmo tempo que a aperfeiçoaram no que respeita a belleza de formas.

A esculptura acompanhou em seus progressos a architectura n'este reinado. Bastará para exemplo o tumulo de el-rei D. Diniz no mosteiro de Odivellas, mandado fazer por este monarcha, logo que acabou de construir o mosteiro. A estatua do soberano e todas as figuras e mais obra de ornamentação, que decoram o mausoléu, estão grosseiramente esculpidas, e o desenho apresenta muita incorrecção. Mas se se compararem com as que adornam os tumulos de Egas Moniz e de seus filhos no mosteiro de Paço de Sousa; dos reis D. Affonso II e D. Affonso III na igreja de Alcobaça; de varios fidalgos na galilé do templo de Santa Maria de Pombeiro, e em outras igrejas, ficará evidente que este ramo da arte fez notaveis progressos sob o governo esclarecido do rei *lavrador*.

Estas e outras rasões, que omittimos por brevidade, e para não darmos a este quadro incidental um desenvolvimento que o assumpto principal não comporta, mostram a importancia que devem ter, para o estudo da historia das artes em Portugal, as obras executadas em tempo de el-rei D. Diniz; pois que foi então que a architectura e a esculptura assumiram um caracter verdadeiramente nacional, sobretudo a primeira.

Servem tambem estas observações para demonstrar quão importante é para aquelle estudo, como obra de arte, o tumulo de D. Ignez de Castro. Feito em vida de el-rei D. Pedro I, e logo no principio do seu reinado, offerece-nos irrecusavel testemunho dos grandes progressos que o nosso paiz fez nas artes no curto periodo que medeou entre a feitura do tumulo de el-rei D. Diniz e a do mausoléu da esposa de seu neto.

Não apontâmos este ultimo como um primor de correcção de desenho, ou de esmero e delicadeza de esculptura. Nas sendas difficeis da arte não é possivel caminhar com tal rapidez. Mas ha em todo esse trabalho elevação de idéas e bom gosto artistico na traça do monumento, e em toda a obra de esculptura bastante perfeição relativamente ao estado d'este ramo da arte em reinados anteriores. Progredindo desde então com successivos aperfeiçoamentos, ostentou-se com esplendor nos fins d'esse mesmo seculo e nos começos do seguinte, nas obras da igreja da Batalha e nas da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, e nos magnificos tumulos de el-rei D. Fernando I, no côro da igreja de S. Francisco, em Santarem, e de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, no templo dos religiosos agostinhos da dita villa, hoje cidade.

El-Rei D. Pedro I apenas reinou dez annos. Poucas construcções importantes se fizeram sob o seu governo. Algumas d'estas perderam inteiramente as feições primitivas nas modificações que tem tido. Restam, porém, tres monumentos d'essa época: a ponte do Lima, em frente da villa d'este nome, e os mausoléus de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro. A ponte, apesar de despojada bar-

baramente, em nossos dias, e em nome do progresso, das duas torres ameiadas, que lhe davam ingresso, levantadas nas extremidades para a sua defensa, ainda nos apresenta um grandioso exemplar da architectura n'aquelle tempo. Os dois mausoléus patenteiam-nos, com exactidão e vantajosamente, o estado da esculptura. Esta circumstancia, pois, ainda os torna mais apreciaveis.

grande copia de figuras de santos mettidas em nichos, e de diversidade de lavores. Assenta cada um sobre seis leões, e tem deitada sobre a tampa a estatua do soberano. O tumulo de D. Ignez de Castro tem na parte superior, em volta da tampa, uma cercadura, em que avultam alternados o escudo das armas reaes e o brasão dos Castros, com seis arruelas.



Mausoléu de D. Ignez de Castro

IV

Estão collocados estes dois mausoléus na segunda nave do cruzeiro da igreja de Santa Maria de Alcobaça, entre os tumulos dos reis D. Affonso II e D. Affonso III, das rainhas D. Urraca e D. Beatriz, e de alguns infantes, sobresaindo, porém, a todos estes em sumptuosidade e belleza. São ambos de marmore branco, e ornamentados por todos os lados de decorações architectonicas de invenção variada e phantasiosa, segundo o estylo gothico, de muitos quadros de meio relevo, de assumpto religioso, de

O grande quadro de meio relevo, que se vê na caixa, do lado dos pés da estatua, representa o *juizo final*. A estatua da rainha, de proporções naturaes, e ataviada com as insignias da realeza, repousa entre seis anjos, que a estão velando, e que, na piedade e ternura que expressam, parecem condoidos e magoados do infortunio que a arremessou no sepulchro na primavera da vida e no esplendor da formosura.

E tão grande foi este infortunio, que ainda exerceu perseguição alem da morte, pesando com a sua mão de ferro sobre as cinzas da desditosa. Dois soberanos, mo-

vidos da curiosidade, tentaram profanar o mausoléu de D. Ignez de Castro. O primeiro foi el-rei D. Sebastião, que, fugindo da peste que assolára Lisboa em 1569, indo passar um mez ao mosteiro de Alcobaça, depois de ter peregrinado por differentes terras, quiz ver os cadaveres dos soberanos que ali jazem. Foram abertos os tumulos dos reis D. Affonso II e D. Affonso III, e das rainhas D. Urraca e D. Beatriz: mas encontrando maior difficuldade na abertura do mausoléu de D. Ignez de Castro, e reconhecendo-se pelos estragos causados pelas primeiras diligencias, que não se conseguiria abrirem-no sem muita deterioração do monumento, desistiu el-rei do seu intento.

A segunda tentativa foi em 1704. Emprehendeu-a o archiduque Carlos de Austria, mais tarde Carlos VI, imperador de Allemanha. Vindo a Lisboa n'aquelle anno, com o titulo de Carlos III, rei de Hespanha, a fim de disputar a corôa d'esse paiz ao duque de Anjou, que fôra acclamado com o nome de Filippe V, visitou o convento de Alcobaça, e desejou ver os restos mortaes de D. Ignez de Castro. Repetiram-se as diligencias, mas com o mesmo resultado. D'estas duas vezes recuaram os profanadores ante o perigo de occasionarem grande destruição no monumento.

Porém, á terceira vez completou-se a obra da profanação. Felizmente não tomaram n'ella parte mãos portuguezas. Foi a soldadesca franceza, do exercito do marechal Massena, na invasão de 1810, que commetteu esse desacato, não por simples curiosidade, mas sim instigada pelo espirito de rapina. D'este feito brutal ficaram no mausoléu indeleveis vestigios.

I. VILHENA BARBOSA.

DOIS MORTOS ILLUSTRES

O visconde de Castilho (Antonio Feliciano de Castilho) e o visconde de Paiva Manso (o dr. Levy Maria Jordão) já não existem. A morte riscou do numero dos vivos aquelles dois vigorosos talentos, aquelles dois infatigaveis trabalhadores, que tanto e tão proficuamente lidaram — um nas letras, o outro nas letras e na sciencia, honrando ambos a terra que lhes foi patria.

O visconde de Castilho, engenho poetico dos mais avantajados que n'este seculo têem vivido em Portugal, legou á posteridade obras importantes, que hão de tornar immorredouro o seu nome illustre.

Habil metrificador e poeta mavioso, prosador insigne e mestre da lingua, os seus escriptos são deleite e ensinamento para quem os lê e medita. Afanosamente lidou por muitos annos em prol da educação das classes populares, e teve a ineffavel satisfação de arrancar aos horrores da mais infamante pena, um miserando velho que deveu a liberdade a uma inspirada epistola em verso, que o aprimorado poeta dirigiu á imperatriz do Brazil solicitando graça para o infeliz.

Interprete de Anacreonte, de Ovidio, de Virgilio, de Goethe e de Molière, quando a sua fama já estava solidamente estabelecida por meio de obras originaes, como as *Cartas de Echo e Narciso*, a *Primavera*, *Amor e melancolia*, a *Chave do enigma*, a *Noite do Castello*, os *Ciumes do Bardo*, o *Outono* e outras, dedicara-se ultimamente a verter para a lingua vernacula uma das primeiras obras de Shakspeare *O sonho de uma noite de verão*, e o *D. Quixote*, de Cervantes, versão que ficou por concluir.

Não foi isento de defeitos, pois que não ha homem que o seja, e a critica algumas vezes o feriu nos seus pontos mais vulneraveis; a luz resplandecente que irradiava do seu entendimento possante dissipava, porém, a maior parte das sombras que porventura se divisavam em algumas das suas producções litterarias, tornando-as sempre notaveis quando não eram verdadeiramente sublimes.

O visconde de Castilho terminou a sua trabalhosa vida aos 75 annos de idade, deixando aos seus amigos e aos seus admiradores a mais pungente saudade.

Era o visconde de Paiva Manso eximio jurisconsulto e muito sabedor das letras patrias e das estrangeiras; o seu prematuro fallecimento, aos 44 annos de idade, não foi menos sentido que o do venerando poeta.

O visconde de Paiva Manso estava, como se vê, na robustez da idade, no periodo em que o seu vastissimo talento cultivado pelo estudo e amadurecido pela experiencia, mais promettia empregar-se em proveito do paiz que o viu nascer; era de presumir, pois, que, aos importantes serviços até agora prestados, viesse a juntar outros não menos dignos de louvor e de galardão.

Filho do afamado jurisconsulto o barão de Paiva Manso, irmão do acreditado medico Abel Maria Jordão, e neto, por descendencia materna, do celebre philologo Francisco Dias Gomes, sustentou sempre honrosamente os bons creditos hereditarios de uma familia de cidadãos talentosos e prestadios.

Deixa obras importantes sobre philosophia de direito, historia e litteratura, sendo as mais notaveis o *Commentario ao codigo penal portuguez*, o *Projecto do codigo penal*, *Portugalliæ inscriptiones romanas* e as duas *Memorias* com que reivindicou para a corôa portugueza, os direitos postos em duvida pela Inglaterra á posse de Lourenço Marques.

N'estas duas ultimas obras, que lhe deram o indizivel jubilo de conhecer, pouco tempo antes de cerrar para sempre os olhos, o favoravel resultado do pleito em que se empenhara, não trata o famoso jurisconsulto exclusivamente da analyse da questão submettida á arbitragem da França, mas sim desenvolve interessante e substancioso estudo sobre administração colonial, assumpto em que era muito sabido.

Tanto o visconde de Castilho como o visconde de Paiva Manso occupavam logares de alta consideração na Academia real das sciencias de Lisboa, e possuiam honrosas provas do bom conceito em que eram tidos não só em Portugal, mas nos paizes estrangeiros.

Eu que era admirador de ambos e me honrava com a amisade do ultimo, aqui lhes deixo estas pobres linhas, unica homenagem que posso render áquelles benemeritos operarios da civilisação, que tanto contribuiram para que eu e os meus conterraneos possamos ainda ennobrecer-nos com o glorioso nome de portuguezes.

RANGEL DE LIMA.

QUATRO HORAS NA GOLLEGÃ

III

Torturas de um viajante

(Continuação)

QUANDO chegámos ao palacio do sr. Relvas perguntei aos meus companheiros se queriam entrar. Teria prazer em apresentar-me e apresenta-los á amabilidade e bisarria do proprietario; mas elles responderam-me que nos dispensassemos d'isso em tal dia, e eu reflexionei que, em uma casa com enchente de hospedes para determinada festa, não era commoda, nem opportuna, a nossa entrada ali. Alem de que, eu e os meus companheiros, sem almoço, queriamos seguir o nosso passeio pela villa em procura de comer.

Tenho agora que declarar, *com justo orgulho*, que fui nomeado para ir na frente d'esta exploração gastronomica.

Nem todas as explorações são faceis, nem ferteis de resultados. Esta, de que me incumbiram os meus companheiros, não foi das mais felizes.

Era provavel que, n'uma terra pequena e com uma agglomeração extraordinaria de visitantes, as casas de venda não tivessem comida, nem mãos para tantos freguezes. E assim succedeu. Se não tivesse testemunhas presenciaes do caso para as apresentar em juizo conforme a lei, quando me obrigassem a esse processo, ninguem me acreditaria. Julgariam todos que estava phantasiando algum romance para dar interesse á narrativa. Pois podem acredita-lo.

Depois de procurar baldadamente em varias lojas com que saciar a fome, porque chegáramos sem almoçar, deparou-se-nos um bom homem em uma loja, a que nós, os lisboetas, costumâmos chamar *tenda*.

— Querem comer?

— Sim, senhor.

— Olhem... isso só em casa do principe cá da terra. Lá é que o encontram com fartura.

— Então o principe tem casa de pasto?

— Ora essa!... Os senhores estão brincando!... Como elle tem talvez hoje cem hospedes, não lhe faz differença mais quatro.

— Então é uma hospedaria em ponto grande?

— Deixem-se de gracejos!... Não é hospedaria: é a casa do sr. Relvas. Os senhores bem sabem que elle é um principe. Em cousas de obsequio ninguem lhe leva a barra adiante.

— Mas nenhum de nós quer incommoda-lo, nem caír em casa d'elle como importuno. Assim veja se nos arranja de comer. Temos fome.

— Ahi estão tres ovos, se lhes servem.

— Tres ovos! Então quatro homens hão de almoçar e jantar tres ovos?

— Não tenho mais, e até me parece difficil arranja-los hoje.

— Pois empregue a sua boa vontade, e apresente-nos, quando menos, uma duzia.

— Uma duzia?

— Uma duzia.

— Nem mais, nem menos.

— Antes mais...

— Em que trabalhos me vão metter!

— Tenha paciencia. Olhe lá, alem dos ovos, chouriço, queijo e fructa.

— Santo nome de Jesus!

E o tendeiro pôz as mãos na cabeça e abriu muito os olhos de atemorisado. Parecia que adivinhava alguma desgraça.

Insistimos, e o homem chegou ao accôrdo de que arranjaria tudo o que pediramos. Effectivamente ali tomámos em seguida uma pequena refeição; e, depois da tourada, encontrámos na casa da familia do tendeiro, uma fritada de chouriço com ovos, vinho, pão, queijo e uvas. Não jantámos; mas saciámos a fome até a hora em que o signal da partida do comboio para Lisboa nos chamou á estação, distante 2 ou 3 kilometros da villa.

Peço licença para não descrever o albergue do tendeiro, porque não tem nada de singular. Era a casa das familias pouco abastadas da provincia. Quatro compartimentos, tres ou quatro cadeiras de pinho, outros tantos bancos; duas arcas, uma commoda mal estimada e cuidada, uma candeia de folha e um candieiro de latão, dando mau cheiro ao ambiente; no fundo uma cosinha enegrecida pelo fumo da lenha e dois quartos com barras ou leitos de ferro dos mais economicos. Em compensação, bom modo para todos e alegria expansiva, como póde gosa-la quem anda por essas villas e aldeias portuguezas.

Jantámos a final; mas — perdoe-nos o bom do tendeiro — como n'uma penitenciaria.

O tendeiro, vendo-nos devorar aquelle menos que frugal jantar, punha as mãos e dizia:

— Se o principe soubesse?

Nós respondiamos:

— Não se afflija. Estamos aqui por nossa vontade. Quando o principe souber ha de ter pena de que tres jornalistas passem assim a tarde na sua terra e ao pé da casa d'elle; mas elle não tem culpa das contrariedades dos que viajam e não querem incommodar ninguem. É o *senão* d'estas digressões.

Com effeito, se não fosse a tourada, este sacrificio seria espantosamente grande.

(Continúa). BRITO ARANHA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

PORTUGAL DE CABELLEIRA. — Deu o sr. Alberto Pimentel, escriptor portuense ha tempos residente em Lisboa, o titulo acima a um volume de prosa, no qual se encontram os seguintes capitulos:

Barba e bigode — A dama da cutilada — O Terreiro do Paço — Os sinos d'Alpendurada — Rehabilitação do queijo por um documento antigo — Ha dois seculos e meio — As feiras — A antiga viação portugueza — Um episodio da conquista de Lisboa — Como as borboletas se queimam — O convento de Jesus — Tradições antigas de S. Thiago de Cacem — Um serão de Bocage.

São realmente curiosos os bem escriptos artigos contidos no livro do sr. Pimentel. Em alguns d'elles dão-se noticias de certos factos que esclarecem assumptos importantes para os que se interessam pelos usos e costumes portuguezes, bem como por alguns homens que têem sido honra para este paiz.

O livro, como se depreende da seguinte dedicatoria que o acompanha, é quasi exclusivamente dedicado ao Brazil.

Aos portuguezes que, residentes no Brazil, amam em Portugal a terra em que nasceram e no Brazil o paiz hospitaleiro que os recebeu; aos brazileiros que, associando-se nas lides do commercio, e muitas vezes no gremio da familia, aos portuguezes seus co-irmãos, honram a sua patria e a nossa, offerece Alberto Pimentel.

É de crer que este livro seja lido com a maior curiosidade no Brazil, podendo affirmar-se que obterá semelhante exito em Portugal, se o auctor o tornar conhecido dos muitos leitores que têem tido sempre as suas obras litterarias.

AS DUAS FLORES DE SANGUE. — Este novo romance historico, original do sr. Pinheiro Chagas, foi editado pela empreza Carvalho & C.ª, que tem dado á luz da publicidade varias obras importantes. *As duas flores de sangue* é um romance que interessa o leitor, instruindo-o. Escripto em estylo brilhante e opulento, como todas as obras litterarias do sr. Pinheiro Chagas, falla-nos o livro de duas mulheres celebres na historia; uma, a princeza de Lamballe, cuja cabeça formosissima rolou sobre as taboas do patibulo em França; a outra D. Leonor da Fonseca Pimentel, que soffreu igualmente a pena ultima, em Italia. D'esta heroina, filha de um diplomatico portuguez, já as *Artes e Letras* deram o retrato acompanhado de um curioso e elucidativo artigo escripto pelo sr. dr. Filippe Simões. O typo mais saliente, e por ventura o mais bem acabado, do romance, é o de D. Jayme, conde de Espozende, portuguez cavalleiroso, que vae colher as duas flores ensanguentadas nos cadaveres das duas mulheres celebres justiçadas pela grande revolução do seculo passado, mulheres que elle adorava e que pretendeu disputar aos algozes com risco da propria vida. As flores são, uma rosa que ficara apertada nos dentes da cabeça decepada da fidalga franceza, e uma branca magnolia caída das tranças da revolucionaria poetisa, enforcada em Napoles.

O interesse historico e dramatico do romance deve attrahir-lhe a curiosidade publica, do que resultará a vulgarisação facil de dois curiosos assumptos historicos relativos á famosa revolução, que deu tão profundo golpe nas instituições politicas e sociaes da Europa.

AS DOZE ESPADAS DO DIABO. — A mesma empreza acaba de publicar o romance em dois volumes assim intitulado, escripto originalmente por Henri Kock e traduzido mui correctamente para vulgar, pelo sr. Guilherme Celestino. É livro que deverá tambem chamar a attenção dos amadores de romances.

HOMENS DE BEM. — É o titulo de um drama em cinco actos, original do sr. Antonio Correia. Esta peça, que, ainda ha pouco, obteve geraes applausos do publico do Porto, onde foi representada pela companhia do theatro Baquet, tem enredo conduzido com bastante naturalidade, e desfecho satisfatorio para os espectadores. A idéa que preside á composição é moralissima, e o dialogo em que ella se desenvolve fluente e escripto em boa linguagem portugueza. O final do terceiro acto é altamente dramatico, e no decurso dos demais actos encontram-se algumas situações que devem produzir bom effeito na scena. A lisonjeira recepção que a peça obteve das illustradas platéas da segunda cidade do reino, é a sua melhor recommendação. Foi editor da obra o sr. J. E. da Cruz Coutinho, acreditado livreiro do Porto.

O TRICENTENARIO DA UNIVERSIDADE DE LEIDEN. — Assim intitulou o sr. dr. Augusto Filippe Simões o relatorio que dirigiu ao sr. visconde de Villa Maior, reitor da universidade de Coimbra, em desempenho da commissão que dignamente exerceu, quando ultimamente foi mandado á Hollanda assistir ao tricentenario da universidade de Leiden. O relatorio está publicado em folheto, e é documento curioso para as pessoas estudiosas. Ninguem ignora os

serviços prestados ás letras e á sciencia pelo esclarecido cathedratico da universidade de Coimbra o sr. dr. Filippe Simões; qualquer publicação devida á sua penna illustrada é digna, portanto, da leitura cuidadosa das que prezam os bons livros.

Os tripeiros. — De um romance historico assim denominado, escripto pelo fallecido A. C. Lousada, extrahiu o sr. Augusto Garraio um drama de grande espectaculo, que se representou com applauso no theatro Baquet do Porto, e do qual o sr. João E. da Cruz Coutinho foi editor. O drama dos *Tripeiros*, cuja acção se baseia nas chronicas do seculo XIV, tem condições theatraes muito apreciaveis, e é interessantissimo como obra historica, mormente para os filhos do Porto, em cuja cidade e seus arrabaldes se passa a acção. Na ultima scena do 5.º acto explica-se a origem da denominação de *tripeiros*, que geralmente se dá aos portuenses.

O sr. Cruz Coutinho está prestando serviços á litteratura portugueza com a publicação de composições theatraes de reconhecido merecimento, bem como de outras obras litterarias dignas da attenção dos leitores mais intelligentes.

Homens e datas. — O referido editor acaba de publicar o excellente livro d'este titulo, escripto pela incansavel penna do sr. Alberto Pimentel. Reune a obra, alem de varios artigos que se referem a homens conhecidos, quer na litteratura, quer na politica, ligeiros contos baseados em factos historicos não só da actualidade, mas succedidos em épocas remotas. Alguns dos escriptos têem fina graça, outros encerram conceituosa critica e em todos se ostenta a boa linguagem portugueza, que distingue as obras litterarias do sr. Pimentel. É de presumir, portanto, que o novo livro do illustrado escriptor portuense tenha a procura que sempre favorece as suas producções, em geral bem acceitas pelos leitores portuguezes e brazileiros. O retrato do auctor acompanha o volume, que é dedicado ao sr. Miguel Queriol.

O livro das familias. — É tambem do sr. J. E. C. Coutinho a segunda edição d'esta obra escripta pelo sr. J. P. de Almeida Brandão, pharmaceutico pela universidade de Coimbra. O livro, que traz no começo o retrato do auctor, contém diversas considerações ácerca do casamento, e varias instrucções para a cura das doenças mais communs. A segunda edição prova a utilidade da obra; é inutil, portanto, recommendal-a.

O bisturi. — É este o titulo de uma folha semanal, publicada no Porto, da qual são redactores os srs. Acacio Antunes, Carneiro Torres e Catão Simões. Contém o novo hebdomadario portuense artigos de critica-litteraria, analyse das peças representadas nos theatros do Porto, poesias e varias noticias curiosas e interessantes. Publica na primeira pagina uma gravura em madeira; os artigos são impressos com typos elzevirius. É natural que a boa fortuna proteja a nova folha, que se torna merecedora d'isso.

Oração escolar na abertura solemne do lyceu nacional bracarense no anno lectivo de 1874-1875. — É um folheto de 27 paginas o assim intitulado, e contém o discurso que o intelligente professor de mathematicas elementares, o sr. Pereira Caldas, proferiu na abertura do lyceu de Braga, substituindo em tal solemnidade, na sua qualidade de decano, o chefe d'aquelle estabelecimento, o sr. dr. Luiz da Costa Pereira. É digna de lêr-se a doutrinal oração do erudito professor, pela qual se podem avaliar devidamente os vastos conhecimentos do sr. Pereira Caldas sobre a especialidade do ensino publico, e bem assim os seus dotes litterarios e idéas patrioticas e liberaes, qualidades estas indispensaveis aos que têem a seu cargo a ardua tarefa da educação da mocidade.

Synopse dos decretos remettidos ao extincto conselho de guerra desde o estabelecimento d'este tribunal em 11 de dezembro de 1640, até á sua extincção decretada em o 1.º de julho de 1834, archivados no archivo geral do ministerio da guerra e mandados recolher no real archivo da torre do tombo, em 22 de junho de 1865. — Está publicado o quarto volume d'esta prestadia obra, colligida pelo distincto militar o sr. Claudio de Chaby. Do muito que vale o importante trabalho ha annos começado pelo sr. Chaby, e até hoje continuado com louvavel persistencia, já as *Artes e Letras* deram conta por occasião do apparecimento dos anteriores volumes. Este que ora se distribue, não é menos curioso do que os demais já conhecidos. Alem das peças officiaes relativas ao assumpto de que trata especialmente, contém um retrato e biographia do fallecido general de brigada Belchior José Garcez, á memoria do qual o sr. Claudio de Chaby dedica o volume.

(Continúa.)

RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

O museu archeologico da cidade de Genova foi ultimamente enriquecido com uma curiosa collecção que deve despertar a curiosidade de todos, desde a mais modesta cozinheira até o sabio mais erudito. Compõe-se a famosa collecção de uma bateria de cozinha completa, do tempo dos romanos, encontrada, segundo se diz, n'um campo dos arrabaldes de Martigny. Quasi todos os objectos se parecem com os seus modernos equivalentes. Os mais notaveis são: uma fôrma de pudins, do feitio de concha; muitos pratos de differentes tamanhos; uma panella, cujo fundo está arruinado pelo tempo; uma grande caldeira; um funil de fórma não vulgar; duas escumadeiras trabalhadas com muito primor e uma cassarola semelhante á que continha ainda a famosa sopa de Pompeia.

Effectuou-se ultimamente em Londres a venda da importante collecção de quadros do sr. Sam Mendel, de Manchester, a qual produziu a enorme quantia de 675:000$000 réis. O *Juramento de Vargas*, por Gallait, vendeu-se por 11:592$000 réis; um Turner, representando o grande canal de Veneza, attingio o fabuloso preço de 33:075$000 réis. É talvez a quantia mais avultada porque se tem pago um quadro moderno.





ARTIGOS

GRAVURAS

